A. SOLJENÍTSIN
ARQUIPÉLAGO
GULAG
DIFEL

Uma simples carta, escrita a um amigo em Janeiro de 1945, provocou a prisão do capitão de artilharia do Exército Vermelho ALEXANDRE SOLJENITSINE.

Naquela carta estavam escritas algumas amargas palavras contra os privilégios existentes no seio do Exército e contra a conduta de Estaline em relação à guerra. Estaline não admitia, no entanto, qualquer espécie de crítica à sua actuação como político e como homem. Por isso, Soljenitsine vê-se condenado, sem qualquer julgamento, a oito anos de prisão e mais quatro de exílio.

Assim começou a dura vida de um jovem físico e matemático de 27 anos que acabou por abandonar as ciências puras, passando a dedicar-se apenas às lides literárias.

Estes anos de prisão e de exílio numa longínqua aldeia soviética, para além de o «levarem» a rever todas as suas posições ideológicas, permitiram-lhe conhecer muitas outras pessoas que se encontravam em idênticas situações. Tais transformações ideológicas e tais contactos viriam a influenciar

profundamente toda a sua obra literária. Em 1962, «Um Dia na Vida de Ivan Denisovitch» foi publicado na Rússia com grande êxito. Krushtchev, que continuava com a sua política de desanuviamento, permitiu que este livro fosse publicado, uma vez que ele iria aprofundar muitas das críticas contra Estaline. No entanto, a estrondosa venda deste livro impressionou vivamente as autoridades soviéticas que, terminado o degelo político de Krushtchev, proibiram a divulgação de todos os seus livros.

Começou então a fase de literatura clandestina. «O Primeiro Círculo», «Pavilhão dos Cancerosos» e «Agosto de 1914» foram já publicados no Ocidente e difundidos na Rússia clandestinamente.

Entretanto, em Setembro de 1973, as forças de segurança «levaram» Elizavieta Voroniánskaia, a amiga de Soljenitsine que lhe tinha dactilografado secretamente o manuscrito do «Arquipélago de Gulag», a confessar onde se encontrava o original. Tal confissão conduziu Elizavieta ao suicídio. Perante tal situação, e em homenagem a tão grande amiga, Soljenitsine dá ordem de imediata publicação.

Se as primeiras edições clandestinas lhe tinham provocado a irradiação do Sindicato dos Escritores, impedindo-o portanto de ganhar a vida como escritor, a difusão do «Gulag», em 1974, culminou com a sua expulsão do país e a consequente retirada do direito de cidadania russa.

Assim viveu na Rússia um cidadão que dá pelo nome de Alexandre Soljenitsine, escritor e Prémio Nobel da Literatura em 1970.

ALEXANDRE SOLJENITSINE

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

VOLUME I

Tradução directa do russo de

FRANCISCO Ai FERREIRA

MARIA M. LLISTÓ

JOSÉ A. SEABRA

LIVRARIA BERTRAND APARTADO 37 - AMADORA

Título original:

APxnnEAAr TYA

Ar

Capa de José Cândido

Composto e impresso por Gris Impressores, S.A.R.L. - Alto da Belavista - Cacém

Acabou de imprimir-se em Setembro de 1975

Foi com o coração oprimido que me abstive, durante anos, de publicar este livro, já então concluído: o dever perante os vivos prevalecia sobre o dever perante os mortos. Agora, porém, que as forças de segurança do Estado dele se apoderaram, nada mais me resta do que a sua publicação imediata.

A. SOLJENITSINE Setembro de /97.S

ALEXANDRE SOLJENITSINE ARQUIPÉLAGO DE GULAG

1918-1956

Ensaio de investigação literária

I e II Partes

No presente livro não há personagens imaginárias, nem acontecimentos imaginários. Pessoas e lugares são mencionados pelos seus próprios nomes. Quando os mencionarmos por iniciais, isso deve-se a considerações de ordem pessoal. Se, de qualquer modo, não forem referidos, isso deve-se simplesmente ao facto de a memória humana não ter retido os seus nomes. Mas tudo se passou exactamente assim.

NO ano de 1949, aconteceu-nos, a mim e a alguns amigos, lermos uma nota, que nos chamou a atenção, na revista Priroda (Natureza), da Academia das Ciências. Impressa em caracteres minúsculos, noticiava que no rio Kolima, durante umas escavações, se tinha deparado, casualmente, sob uma camada glaciar, uma corrente congelada, nela tendo sido descobertos, também congelados, espécimes de fauna fossilizada (velhos de várias dezenas de milénios). Esses peixes, ou tritões, conservavam-se tão frescos — testemunhava o correspondente

científico - que as pessoas presentes quebravam o gelo ali mesmo e comiam-nos COM PRAZER.

Não poucos leitores da revista se devem ter espantado bastante pelo facto de a carne de peixe se poder conservar durante tão longo tempo no gelo. Mas foram menos os que puderam discernir o sentido verdadeiramente heróico dessa nota imprudente.

Nós compreendemos tudo num ápice. Vimos com clareza toda a cena, nos seus mínimos pormenores: como os homens presentes quebravam o gelo, com exacerbada pressa, e como, menosprezando os elevados interesses da ictiologia, se acotovelavam uns aos outros, arrancavam os pedaços da carne milenária, a passavam pelo lume, a descongelavam e saciavam a fome.

Compreendemo-lo, porque nós próprios estávamos em PRESENÇA dessa poderosa legião de zeks, única na Terra, que só ela podia comer os tritões COM PRAZER.

Kolima era a maior e a mais célebre ilha, o pólo da ferocidade desse assombroso Arquipélago de GULAG, desgarrado pela geografia num arquipélago, mas psicologicamente ligado ao continente, a esse quase

invisível, quase intangível país habitado pelo povo zek.

Este arquipélago, cheio de enclaves, recortava-se policromo sobre o

outro país onde estava incorporado, penetrava nas suas cidades, pairava sobre as suas ruas - e no entanto havia quem não se apercebesse de nada, embora muitos tivessem ouvido falar vagamente de algo; só os que lá tinham estado conheciam tudo.

Entretanto, como se tivessem perdido o dom da fala nas ilhas do Arquipélago, eles guardavam silêncio.

Numa inesperada viragem da nossa história, uma parte insignificante desse Arquipélago foi dada a conhecer ao mundo. Mas as mesmas mãos que nos apertaram as algemas abrem agora conciliadoramente as palmas e dizem: «Não se deve... não se deve remexer no passado!... Aquele que recorda o passado perde um olho!» E, no entanto, o provérbio acrescenta: «Aquele que o esquece perde os dois!»

As décadas vão correndo e lambem irrecuperavelmente as cicatrizes e as úlceras do passado. Outras ilhas, durante este tempo, estremeceram, foram-se derretendo, desbordaram, e o mar polar do esquecimento vem embater sobre elas. E um dia, no século futuro, este Arquipélago, o seu ar e os ossos dos seus habitantes, congelados numa camada glaciar, serão apresentados aos descendentes como um inverosímil tritão.

Não ouso escrever a história do Arquipélago: não me foi dado ler os documentos. Mas alguém, algum dia, virá a consegui-lo?... Aqueles que não desejam RECORDAR tiveram já tempo bastante (e terão ainda mais) para destruir os documentos todos, completamente.

Os onze anos que ali passei incorporei-os não como uma desonra, nem como um sono maldito, mas quase amando aquele mundo monstruoso. E agora, tendo-me tornado, por um feliz reverso, a pessoa a quem foram confiadas as inúmeras cartas e relatos tardios, talvez eu saiba transmitir algo dos seus ossos e da sua carne e, para além disso, da carne ainda viva dos tritões ainda hoje vivos.

DEDICO este livro a todos quantos a vida não chegou para o relatar. Que eles me perdoem não ter visto tudo, não ter recordado tudo, não me ter apercebido de tudo.

ESCREVER um livro como este é superior às forças de um só homem. Além de quanto eu próprio trouxe do Arquipélago - na minha própria pele, na minha memória, nos ouvidos e nos olhos -, o material para este livro foi-me fornecido por relatos, recordações e cartas de duzentas e vinte e sete pessoas.

Não lhes exprimo aqui o meu reconhecimento pessoal: este é o nosso monumento comum de amizade a todos os torturados e mortos.

Desta lista desejaria salientar aqueles que mais se esforçaram por me ajudar a incluir neste relato pontos de referência bibliográficos de volumes que estão hoje conservados em bibliotecas ou que há muito foram retirados e destruídos, de tal modo que encontrar um exemplar guardado exigiu uma grande tenacidade; e ainda mais aqueles que me ajudaram a esconder este manuscrito num momento difícil e depois a reproduzi-lo.

Mas não chegou ainda a hora de me atrever a mencioná-los. O velho Dmitri Petrovitch Vitkovski, de Solovki, devia ter sido o redactor do presente livro. Entretanto, a metade da vida LÁ passada (as suas memórias do campo de trabalho intitulam-se Meia Vida) acarretou-lhe uma paralisia prematura. Já depois de ter perdido o dom da fala, ele pode somente ler uns quantos capítulos concluídos, e adquirir a certeza de que tudo SERIA RELATADO.

E se por longo tempo ainda se não divisar a liberdade no nosso país, e a difusão deste livro representar um grande perigo, eu devo por isso mesmo agradecer também reconhecidamente aos futuros leitores, em nome de todos aqueles que morreram.

Quando comecei a escrever este livro, no ano de 1958, não tinha conhecimento de quaisquer memórias ou produções literárias sobre os campos de concentração. Nos anos de trabalho que decorreram até 1967, fui tomando conhecimento, gradualmente, das Narrativas de Kolima, de Variam Chalamov, e das memórias de D. Vitkovski, E. Guinzburg e

O. Adamova-Sliozberg, a cujos trabalhos me refiro no decorrer da exposição como factos literários, conhecidos por todos (assim há-de ser no fim de contas!).

A despeito das suas intenções e em contradição com a sua vontade, forneceram inapreciável material para o presente livro, conservando muitos factos importantes e até números, .bem como o próprio ar que respiraram: M. Y. Sudrab-Latsis, N. V. Krilenko, durante muitos anos o principal procurador do Estado; e o seu sucessor A. Y. Vichinski, com os seus juristas-auxiliares, entre os quais não se pode deixar de destacar I. L. Averbach.

Também proporcionaram documentos para este livro TRINTA E SEIS escritores soviéticos, encabeçados por MÁXIMO GORKI, autores de um vergonhoso livro sobre o canal do mar Branco, os primeiros que na literatura russa enalteceram o trabalho forçado.

Primeira Parte

A INDÚSTRIA CARCERÁRIA

«Na época da ditadura, e cercados por todos os lados de inimigos, temos manifestado por vezes uma

brandura desnecessária, uma bondade desnecessária.»

KRILENKO discurso pronunciado no processo «Promparti».

I

A DETENÇÃO

COMO se chega a esse misterioso Arquipélago? A todas as horas para lá voam aviões, navegam barcos e marcham comboios, sem que neles se veja uma só inscrição que indique o lugar de destino. Os empregados das bilheteiras e os agentes da Sovturista e da In-turista ficarão surpreendidos se você lhes pedir uma passagem para lá. Nem do Arquipélago, no seu conjunto, nem de nenhum dos seus incontáveis ilhéus eles têm conhecimento, ou ouviram sequer falar.

Aqueles que vão dirigir o Arquipélago chegam lá por intermédio da Escola do Ministério do Interior (M. V. D.).

Aqueles que vão ser guardas no Arquipélago são convocados por intermédio de secções militares.

Aqueles que vão lá morrer, como você e eu, leitor, esses devem passar infalível e exclusivamente através da detenção.

Detenção!!! Será necessário dizer que isso representa uma viragem brusca em toda a sua vida? Que é como a queda a pique de um corisco sobre a sua cabeça? Que é uma comoção espiritual insuportável, a que nem todas as pessoas podem adaptar-se, e que frequentemente leva à loucura? O universo tem tantos centros quantos os seres vivos que nele existem. Cada um de nós é o centro do mundo e do universo, e ele desmorona-se quando alguém nos sussurra ao ouvido: «Está preso!»

Se você já está preso, acaso algo resistiu ainda a esse terramoto? Incapazes, com o cérebro ofuscado, de abarcar esses abalos do universo, os mais subtis, bem como os mais simples dentre nós, não conseguem extrair nesse instante, de toda a sua experiência de vida, senão isto a dizer mais ou menos:

- Eu??? Porquê???

Pergunta repetida milhões e milhões de vezes antes de nós, e que nunca obteve resposta.

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

A detenção é uma transição instantânea e evidente, uma ruptura, a passagem de um estado a outro.

Ao longo da sinuosa rua da nossa vida caminhávamos felizes, ou arrastávamo-nos penosamente, encostados a não importa que taipais: taipais e taipais de madeira podre, de barro, de tijolo, de betão, de ferro fundido.

Pensaríamos no que existe para além deles? Nem com a vista, nem com o pensamento tentávamos penetrar no que havia por detrás, quando é ali mesmo, bem perto, a dois metros de nós, que começa o Arquipélago de GULAG. Nem ainda distinguíamos, nesses taipais, a inúmera quantidade de portas estreitas e bem ajustadas, bem camufladas. Todas, todas essas portas foram preparadas para nós! E eis que uma se abre rápida e fatal, e que quatro mãos brancas, masculinas, não habituadas ao trabalho, mas como garras, nos prendem pelas pernas, pelos braços, pelo colarinho, pelo boné ou por uma orelha e nos arrastam como um fardo, enquanto a porta fica para trás de nós; a porta da nossa vida passada, fechada para sempre. E é tudo. Você é um preso!

E nada encontra para responder a isso, a não ser um balido do cordeiro:

- E-u??? Porquê???...

Eis o que é a detenção: uma chama ofuscante e um golpe, a partir dos quais o presente desliza num segundo para o passado, e o impossível passa a ter os plenos direitos do presente.

E é tudo. Nada mais será capaz de assimilar, nem na primeira hora, nem mesmo nos primeiros dias.

Ainda trémula no meio do seu desespero o luar de uma lua de brinquedo, de circo: «É um erro! Tudo será esclarecido!»

O resto, o que agora se formou com base na ideia tradicional a até literária sobre a detenção, acumula-se e estrutura-se já não na sua desconcertada memória, mas na da sua família e dos seus vizinhos.

Isto é, o brusco som nocturno da campainha ou a brutal pancada na porta. Isto é a brava investida dos briosos agentes com as botas sujas. Isto é, a assustada testemunha que os segue. (E para quê essa testemunha? As vítimas não ousam pensá-lo, os agentes não o concebem, mas são assim as

instruções, e é preciso que esteja sentada toda a noite e pela manhã ponha a sua assinatura. Para as testemunhas que levantaram da cama isso é também uma tortura: noite após noite andar a ajudar a prender os vizinhos e conhecidos.)

A detenção tradicional parte ainda dos preparativos do preso, com as mãos trementes estendidas para os objectos, a levar uma muda de roupa, um pedaço de sabão, um pouco de comida; ninguém sabe o que é necessário Num apartamento habitam normalmente várias famílias e ocupam uma parte. A cozinha e o quarto de banho são comuns. (N. dos T.)

rio, o que se pode levar e a melhor maneira de se vestir, mas os agentes impõem pressa e interrompem: «Não é preciso levar nada. Lá dão de comer. Lá faz calor.» (Mentem sempre e se impõem pressa é para atemorizar.)

A detenção tradicional é ainda, depois de terem levado o pobre detido, a ocupação do apartamento durante longas horas por uma força estranha, rígida, esmagadora. É ainda o arrombar, abrir, tirar e

arrancar das paredes, lançar dos armários e das mesas para o solo, sacudir, rasgar, espalhar montes de coisas pelo chão e pisá-las. Nada existe de sagrado na busca do domicílio! Quando prenderam o maquinista ferroviário Inochin, encontrava--se no quarto o corpo de uma criança que acabava de morrer. Os juristas tiraram o corpo da criança e revistaram também lá. Eles dão safanões aos doentes de cama e tiram as ligaduras que lhes cobrem as feridas.2

Durante a busca nada pode ser considerado como um despropósito! Ao amador de antiguidades Tchetverukhin apreenderam «algumas folhas de decretos czaristas» - precisamente dos decretos sobre o termo da guerra contra Napoleão, sobre a formação da Santa Aliança e sobre o serviço religioso contra a cólera de 1830. Ao nosso melhor conhecedor do Tibete, Vostriakov, furtaram-lhe manuscritos antigos tibetanos, valiosíssimos (os alunos do falecido arrancaram-nos com enorme dificuldade ao Comité de Segurança do Estado, trinta anos depois!). Ao orientalista Nevski, no momento de ser preso, levaram-lhe manuscritos de Tagut (e vinte e cinco anos depois, por tê-los decifrado, concederam-lhe o

Prémio Lenine, a título póstumo). Fizeram desaparecer o arquivo dos ostíacos do Jenissei, arquivo pertencente a Karguer, e proibiram a escrita e o abecedário que ele criou, ficando esse pequeno povo sem língua escrita. Em linguagem inteligível, tudo isto leva muito tempo a relatar, mas o povo diz acerca da busca domiciliária: buscam o que lá não puseram.

Levam o que seleccionam e por vezes obrigam o próprio detido a carregá-lo, como fizeram a Nina Aleksandrova Paltchinskaia, que levou às costas um saco com cartas e documentos do seu falecido marido, notável engenheiro da Rússia, perpetuamente em acção nas barbas deles, para sempre, sem retorno.

Para os que ficam depois da detenção restam as longas sequelas de uma vida desfeita, desolada. E as tentativas de fazer chegar encomendas aos presos. Mas em todos os postigos há vozes que ladram: «Esse não está aqui!» Sim, diante de um postigo desses, nos piores dias de Leninegrado, era preciso fazer uma bicha de cinco dias. E bem pode acontecer que no prazo de

2 Em 1937 quando saquearam o Instituto do Dr. Kazakov, os agentes da «comissão» quebraram as provetas com lisati, descoberto por ele, apesar de os doentes restabelecidos e os inválidos que estavam a curar-se pularem em redor e pedirem que conservassem o milagroso remédio. (Segundo a versão oficial, lisati era considerado como um veneno... Porque não conservá-lo como prova de delito?)

meio ano o próprio preso responda ou eles larguem: «Não tem direito a cartas.» E isso significa desde logo que é para sempre. «Não tem direito a cartas» é quase certo querer dizer: foi fuzilado.3

É esta a ideia que fazemos da detenção.

E, na verdade, a detenção nocturna, do tipo descrito, é a preferida, pois apresenta as maiores vantagens. Todos os habitantes do apartamento ficam encolhidos pelo terror, desde a primeira pancada na porta. O preso é arrancado ao calor da cama, todo ele reduzido à impotência do sono, com a mente confusa. Na detenção nocturna, os agentes têm superioridade de forças: vários homens armados contra um que não

chegou sequer a abotoar as calças; durante os preparativos e a revista à casa, por certo que não se junta à entrada da casa nenhum grupo de possíveis partidários da vítima. A chegada gradual e sem pressas a um apartamento, depois a outro, amanhã a um terceiro ou quarto, dá a possibilidade de utilizar judiciosamente os grupos de agentes e de meter no cárcere, com frequência, mais habitantes da cidade do que o número de polícias.

As detenções nocturnas têm ainda a vantagem de que nem os inquilinos do prédio, nem os transeuntes das ruas da cidade vêem quantos levaram durante a noite. Se assusta os vizinhos mais próximos, o acontecimento não existirá para os mais distantes. É como se nada tivesse acontecido. Pela mesma calçada em que transitaram os carros da polícia durante a noite, desfila durante o dia um magote de jovens com bandeiras e flores, entoando alegres canções.

Mas para os arrebanhadores, cujo serviço é apenas o de fazer detenções e para quem os horrores sofridos pelos presos são uma coisa repetida e fastidiosa, a compreensão da detenção é muito mais ampla. Eles possuem toda uma teoria bem elaborada, não se devendo pensar ingenuamente que a não têm. A

ciência da detenção é um capítulo importante do curso geral da Direcção das Prisões, e nele assenta a teoria fundamental da sociedade. As detenções são classificadas de acordo com critérios diversos: nocturnas e diurnas; domiciliárias, no lugar de trabalho ou em trânsito; primeira ou segundas detenções isoladas ou em grupo. Estas detenções diferenciam-se pelo grau de surpresa exigido e pelo grau de resistência esperado (mas em dezenas de milhões de casos não era esperada resistência alguma, como de

3 Numa palavra, «vivemos em condições malditas: um homem desaparece sem notícias e as pessoas mais chegadas, a esposa e a mãe... não sabem durante anos o que lhe sucedeu». É justo? Não? Isto foi escrito por Lenine em 1910, no necrológico de Babuchkine. Só que há que dizê-lo claramente: Babuchkine levava uma carga de armas para a insurreição e foi com essa carga que o fuzilaram. Ele sabia ao que se expunha. Mas o mesmo se não pode dizer de nós, que somos apanhados como coelhos.

facto não houve); as detenções diferenciam-se pela gravidade dada à busca4 pela necessidade de fazer ou não um inventário, a fim de proceder à apreensão e de selar o quarto ou o apartamento; pela necessidade de prender a esposa depois da detenção do marido e de mandar os filhos para uma casa de crianças, ou de enviar todo o resto da família para a deportação ou ainda os velhos para um campo.

Evidentemente, as detenções são muito variadas quanto à forma. Irma Mendel, de nacionalidade húngara, conseguiu certa vez, no Komintern5, em 1926, duas entradas para o Teatro Bolchoi, nas primeiras filas. O juiz de instrução, Kleguel, cortejava-a e ela convidou-o. Passaram em idílio todo o espectáculo, depois do que ele a acompanhou... directamente à Lu-bianka6. E se num dia belo de Junho de 1927, na Rua Kuznietsk Most, a formosa Ana Skripnikova, de louras tranças e rosto redondo, que acabava de comprar tecido azul para um vestido, é convidada por um jovem todo janota a sentar-se ao seu lado, num carro puxado a cavalos (o cocheiro franziu o sobrolho, pois compreendeu logo tudo: os chamados órgãos nada lhe pagarão), saibam que não se trata de um encontro amoroso, mas também de

uma detenção: eles farão um desvio para Lubianka e entrarão pela negra fauce desses portões. E se (vinte e dois anos depois) o segundo--capitão Boris Burkovski, envergando um casaco branco, cheirando a magnífica água-de-colónia, compra um bolo para uma rapariga — é bom não jurar que esse bolo lhe chegará às mãos, em lugar de ser partido às fatias pelas facas dos investigadores e levado pelo capitão para a primeira cela que lhe é destinada. Não, nunca foi descrita, no nosso país, a detenção em pleno dia, nem a detenção em marcha, nem a detenção entre um formigueiro de gente! Entretanto, todas elas são realizadas de forma cuidadosa e - caso surpreendente! - as próprias vítimas, segundo os agentes, comportam-se da maneira mais nobre possível, para que isso, a perdição do condenado, não dê nas vistas aos que permanecem vivos.

4 E há ainda, especialmente, toda uma ciência de busca domiciliária, segundo consegui ler num folheto para juristas, de ensino por correspondência, em Alma-Ata. Nele eram elogiados muitos daqueles juristas que nessas buscas não tiveram preguiça de remexer duas toneladas de esterco, seis metros cúbicos de lenha e dois carros de feno, que

removeram a neve de todo um sector pertencente a uma herdade, que tiraram os tijolos de um forno, que abriram uma cova numa estrebaria, que inspeccionaram as latrinas, que revistaram o canil, as capoeiras, ninhos dos estorninhos, que furaram colchões, que arrancaram ligaduras do corpo e até dentes de metal para neles procurarem microdocumentos. Aos estudantes da Escola da Polícia Política é recomendado com insistência que iniciem a busca pela revista pessoal e terminem por ela (de repente, o revistado pode ter-se apoderado de algo que buscavam), voltando uma vez mais a esse lugar, mas em outra hora do dia, e fazendo novamente outra busca.

5 Abreviatura da III Internacional Comunista, nascida da cisão da II Internacional. (N. dos T.)

6 Sede das polícias soviéticas (Tcheka, G.P.U., N.K.V.D., etc.)

Nem todos podem ser presos em casa com uma pancada prévia na porta (e se acaso alguém bate, apresenta-se como o «gerente da casa», como o «carteiro»), e nem convém que todos sejam detidos no

local de trabalho. Se o que vai ser preso é considerado perigoso é mais cómodo prendê-lo fora do seu meio habitual, longe dos seus familiares, dos seus colegas, dos seus correligionários, dos seus esconderijos: ele não deve ter tempo de destruir, esconder ou transmitir absolutamente nada. Às altas patentes, militares ou do Partido, era-lhes dado, por vezes, antes de mais, um novo cargo, e proporcionada uma carruagem-salão, só sendo presos no caminho. Qualquer mortal desconhecido, gelado de pavor pelas detenções em massa e há já uma semana atormentado pelos olhares de soslaio do seu chefe, é chamado de um momento para o outro ao Comité do Sindicato, onde lhe oferecem, radiantes, uma reserva para um sanatório de Sotchi. O nosso pato fica comovido: isso quer dizer que os seus receios eram infundados. Agradece, delirante de alegria, apressa-se a dirigir-se para casa a fim de preparar a mala. O comboio partirá dentro de duas horas e ele zanga-se com a lentidão da esposa. Ei-lo na estação! Ainda há tempo! Na sala de espera ou no bufete um jovem simpático grita-lhe: «Não me conhece, Piotr Ivanitch?» Piotr Ivanitch atrapalha-se: «Não, mas...» O jovem expande-se numa atitude afectuosa: «Então como, então como, eu vou recordar-lhe» e respeitosamente

faz vénias à esposa de Piotr Ivanitch: «Perdoe-me, o seu marido voltará dentro de um minuto...» A esposa dá licença, o desconhecido leva Piotr Ivanitch confiantemente pelo braço - para sempre ou por dez anos!

Na estação há um vaivém em torno e ninguém repara... Cidadãos que gostam de viajar! Não esqueçam que em cada estação existe uma secção da G.P.U.7 e várias celas de reclusão.

Esta insistência importuna de aparentes conhecidos é tão viva, que um homem sem a preparação de lobo de um campo é incapaz de desembaraçar-se dela. Não pense que se você trabalha na Embaixada norte-americana e se chama, por exemplo, Al-r-D., não pode ser detido em pleno dia na Rua Gorki, perto da Estação de Correios e Telégrafos. O seu amigo desconhecido precipita-se para si através da densa multidão e diz, abrindo os seus braços como tenazes: «Sacha!», (ele não se esconde, mas simplesmente grita), «eh pá! Há quantos anos não te vejo?! Vem aqui, para não estorvarmos». Uma vez de lado, à beira do passeio, chega, precisamente um carro marca Pobieda... (Dias depois, a agência Tass declarará, irritada, em todos os jornais, que os círculos

competentes nada sabem do desaparecimento de Al-r-D.) Que novidade! Os nossos bravos rapazes também efectuaram detenções dessas em Bruxelas (foi assim que foi preso Jora Blednov), e não só em Moscovo.

Polícia política chamada Direcção Política do Estado. (N. dos T.)

Há que dar aos órgãos o que lhes é devido: no século em que os discursos dos oradores, as peças de teatro e as modas femininas parecem feitas em série, as detenções podem ser variadas. A si, levam-no a um lado da entrada da fábrica, depois de lhe verificarem o cartão e você está preso; arrancam-no de um hospital militar com trinta e nove de febre (Hans Bern-stein), e o médico não se opõe à sua detenção (e de que vale tentar opor--se?); tiram-no directamente da mesa de operações durante uma operação de úlcera do estômago (N. M. Vorobiov, inspector do departamento regional de Educação Pública, ano de 1936) e, quase sem vida, cheio de sangue, conduzem-no à cela (recorda Karpunitch); você (Nadia Levitskaia) reclama uma visita à sua mãe, que está condenada, e

concedem-lha! Mas ela transforma-se numa acareação e numa detenção! Numa mercearia convidam-no a passar à secção de encomendas e ali mesmo o detêm; você é preso pelo viajante que passou a noite em sua casa por «amor de Deus»; preso pelo electricista que foi ler o contador; preso pelo ciclista que esbarrou consigo na rua; pelo revisor do comboio, pelo motorista de táxi, pelo funcionário da Caixa Económica e pelo administrador do cinema: todos o podem prender e só depois, mas já tarde, você verá, muito escondida, a chapa vermelha.

Às vezes as detenções quase parecem uma brincadeira — tais são o engenho e o refinamento utilizados, mesmo quando sem isso a vítima não ofereceria resistência. Os agentes querem porventura justificar o seu serviço e o elevado número de detenções? Basta enviar a todos os patos visados uma intimação e todos eles, à hora e minutos marcados, se apresentarão, submissos, com a trouxa,ao portão de ferro negro da Polícia de Segurança do Estado, para ocuparem na cela o espaço que lhes é destinado. (É assim mesmo que os kolkhozianos são detidos; seria lá possível ter de ir de noite buscá-los a casa por lugares sem caminho?! Chamam-nos ao Soviete da

aldeia e ali o prendem. Os simples operários são convocados ao escritório da empresa.)

Naturalmente que cada máquina sofre o seu desgaste depois do qual já não pode funcionar. Nos saturados e esforçados anos de 1945-46, quando chegavam umas atrás das outras, composições ferroviárias da Europa e era necessário absorvê-las e despachá-las para o GULAG, não havia sequer esse jogo supérfluo e a própria teoria tinha perdido muito do seu brilho, a plumagem ritual tinha voado e a detenção de dezenas de milhares de homens adquiriu o mísero aspecto de uma chamada: pegavam nas listas, tiravam-nos de um vagão e metiam-nos noutro, e isso era no fim de contas o método da detenção.

As prisões políticas no nosso país singularizaram-se, durante décadas, precisamente pelo facto de serem detidas pessoas em nada culpadas e, por isso, de modo nenhum preparadas para oferecer resistência.

Criou-se o sentimento geral de fatalidade, a ideia de que à Direcção Política do Estado e ao Comissariado do Povo para o Interior era impossível

fugir (o que, com o nosso sistema de passaporte, tem, aliás, razão de ser). E mesmo no auge das epidemias de detenções, quando as pessoas, ao saírem cada dia para o trabalho, se despediam da família, por não terem a certeza de regressarem à noite, mesmo então quase não fugiam. (E em raros casos se suicidavam.) Exactamente o que era preciso. Uma ovelha pacífica para os dentes do lobo.

Isto sucedia ainda pela incompreensão do mecanismo das epidemias de detenções. Os órgãos não tinham frequentemente motivo profundo para escolha, não sabendo que pessoa deter ou não deter, mas simplesmente quais os números a atingir. O cumprimento destes números podia estar de acordo com as normas, mas podia também ter um carácter completamente casual. Em 1937, apareceu na recepção da N.K.V.D., de Novo Tcherkassk, uma mulher a perguntar que destino devia dar a uma criança de peito, que tinha fome, de uma vizinha detida:

«Sente-se», disseram-lhe, «vamos esclarecer isso». Esperou duas horas e levaram-na da recepção à cela: era preciso completar urgentemente a cifra prevista e faltavam agentes para mandá-los correr a cidade, e

aquela mulher já ali estava! Sucedeu o oposto com o letoniano Andrei Pavlu, perto de Orcha, onde a N.K.V.D. se dirigiu para o prender: ele não abriu a porta, saltou pela janela, teve tempo de fugir e partiu de viagem directamente para a Sibéria. Embora vivesse com o seu nome verdadeiro e pelos documentos fosse claro que era de Orcha, Pavlu NUNCA foi detido, nem chamado aos órgãos, nem considerado suspeito. Há três tipos de buscas: de âmbito federal, republicano e regimental, e quase para metade dos presos, em tais epidemias, a busca não excedia a região. Aquele que era destinado a ser preso por circunstâncias fortuitas, a denúncia de um vizinho, por exemplo, facilmente era substituída por outro vizinho. Tal como Pavlu, outros houve que foram apanhados casualmente numa rusga, ou num apartamento, ou numa emboscada, e tiveram a audácia de fugir nesse preciso momento, antes mesmo do primeiro interrogatório, nunca sendo agarrados, nem levados a julgamento; mas aqueles que ficaram a aguardar justiça, cumpriram a pena sofrida. E quase todos, na sua esmagadora maioria, se comportaram precisamente desse modo: com pusilanimidade, impotência, fatalismo.

E certo também que a N.K.V.D., na ausência da pessoa de que necessitava, obrigava os seus familiares a assinar um aviso, proibindo-os de qualquer deslocação e, naturalmente, não custava nada embarcar os que tinham ficado em lugar do fugitivo.

A inocência geral engendra a inactividade geral. Pode ser que não te levem a ti. Pode ser que escapes. A.I. Ladijenski era professor da escola da aldeia perdida de Kologriva. No ano de 1937 aproximou-se dele, no mercado, um camponês e comunicou-lhe da parte de alguém: «Aleksandr Ivanitch, vai-te embora daqui, estás na lista.» Mas ele ficou: «Eu sou o pilar da escola e os próprios filhos deles estudam comigo - como me podem prender?...» (Dias depois foi preso.) Não é qualquer pessoa que, como

Vânia Levitski, compreende logo aos catorze anos de idade: «Toda a pessoa honrada deve passar pelo cárcere. Agora está o meu papá, e quando eu crescer, meter-me-ão a mim.» (Ele foi preso aos vinte e três anos.) A maioria fica inerte numa miragem de

esperança. Uma vez que és inocente -como te podem prender? É UM ERRO! Já te puxam pela gola e não deixas de exorcismar: «É um erro! Esclarecerão tudo e hão-de libertar-me!» Outros são presos em massa; isto é também absurdo, mas cada caso fica envolto nas trevas: Talvez aquele, quem sabe?... Mas tu! - tu certamente, que estás inocente! Tu ainda encaras os órgãos como uma instituição com lógica humana: hão-de esclarecer e libertar.

Nesse caso, para quê fugir?... E como podes então oferecer resistência? ... Só pioras a tua situação e impedes que esclareçam o erro. Não só não resistes, como até desces a escada na ponta dos pés, como te ordenam, para que os vizinhos não oiçam8.

E depois, resistir precisamente a quê? À apreensão do cinto? Ou à ordem de te mandarem para o canto de castigo? Ou de cruzar a ombreira

8 E depois, nos campos, que tortura! E se cada agente de cada vez que vai fazer detenções, pela noite, não tivesse a certeza de voltar vivo e tivesse de despedir-se da família?! Se durante as detenções em massa, como por exemplo em Leninegrado, quando foi presa a quarta parte da população da cidade,* as

pessoas não tivessem permanecido nas suas tocas, tremendo de medo a cada pancada na porta e a cada passo na escada; se elas tivessem compreendido que nada mais tinham a perder, e nos seus vestíbulos, com ânimo forte, umas quantas pessoas tivessem feito emboscadas com machados, com martelos, com espetos, enfim com o que encontrassem à mão? É sabido de antemão que essas aves nocturnas com bonés não vão com boas intenções - não há risco de errar, descarregando um golpe no homicida. Quanto à carrinha da polícia, com o seu motorista solitário, que ficou na rua, não havia senão que arrastá-la ou furar-lhe os pneus! Os órgãos bem depressa notariam a falta de colaboradores e de meio de transporte, e, a despeito de toda ânsia de Stalin,'teria sido detida a máquina maldita!

Se se tivesse... se se tivesse feito isso... Faltou-nos o suficiente amor à liberdade, e, antes do mais, a plena consciência da verdadeira situação. Gastámo-nos numa incontível explosão no ano de 1917, e depois APRESSÁMO-NOS a submeter-nos, e foi com SATISFAÇÃO que nos submetemos. (Arthur Renson descreve um comício operário em Yaroslav em 1921. De Moscovo, do Comité Central, foram sondar os

operários para se aconselharem sobre a polémica referente aos sindicatos. O representante da oposição, Y. Larin, explicou aos operários que o seu sindicato devia defendê-los da administração, que eles conquistaram direitos contra os quais pessoa alguma tem o direito de atentar. Os operários mantiveram-se absolutamente indiferentes, NÀO COMPREENDENDO sequer de quem é que eles precisavam ainda de defender-se e para que é que ainda necessitavam desses direitos. Mas quando interveio o representante da linha geral e fustigou os operários pelo relaxamento da disciplina e pela sua preguiça, e exigiu deles sacrifícios, horas extraordinárias de graça, limitações quanto à alimentação, submissão militar face à administração da fábrica, isso suscitpu o entusiasmo do comício e os aplausos.) MERECEMOS simplesmente tudo quanto sobreveio depois.

" Em Dezembro de 1934, após o assassínio de Kirov. (N. dos T.)

da porta? A detenção é composta de pequenos preâmbulos, de numerosas insignificâncias, e parece não ter sentido discutir qualquer deles isoladamente (os pensamentos do preso giram em torno da grande pergunta: «Porquê?!»), mas são todos esses preâmbulos que formam, inevitavelmente, a detenção no seu conjunto.

Quanta coisa não há na alma do recém-detido! Só isto mereceria todo um livro. Nela pode haver sentimentos de que nem sequer nós suspeitamos. Em 1921, quando prenderam a jovem Evguénia Doiarenko, de dezanove anos, e três jovens tchequistas revolveram a sua cama e a cómoda da roupa, ela permaneceu tranquila: não há nada, nada encontrarão. E, de repente, eles encontraram o seu diário íntimo, que a moça nem à mãe podia mostrar: a leitura dessas linhas, por rapazes estranhos e hostis, afectou-a mais do que toda a Lubianka com as suas grades e caves. E muitos desses sentimentos íntimos e afectivos, atingidos pela detenção, podem ser bem mais fortes do que o pavor do cárcere ou as ideias políticas. A pessoa interiormente não preparada para a violência é sempre mais débil do que aquela que a exerce.

São raras as pessoas inteligentes e audazes que tudo compreendem instintivamente. O director do Instituto de Geologia da Academia das Ciências, Grigoriev, quando o foram deter, em 1948, barricou-se e queimou documentos durante duas horas.

Por vezes, o sentimento dominante do detido é o alívio e até... a ALEGRIA, mas isso sucedeu só no tempo da epidemia de detenções: quando à tua volta levavam e levavam outros como tu, e não te levavam a ti, tardando; isso é uma consumição interior, um sofrimento pior do que qualquer detenção, e não apenas para um espírito débil. Vassili Vlassov, intrépido comunista, que ainda recordaremos mais de uma vez, tendo-se negado a fugir, o que lhe foi proposto pelos seus colaboradores sem partido, ia-se consumindo, pois já tinham preso toda a direcção do Partido do distrito de Kadi (1937) e só ele não era detido. Não podia receber o golpe senão de frente: recebeu-o e sossegou, sentindo-se perfeitamente nos primeiros dias de detenção.

O sacerdote Irakli fez em 1934 uma viagem a Alma-Ata para visitar os crentes deportados, mas nesse entrementes foram três vezes ao seu apartamento, em Moscovo, para o prender. Quando regressou, os

paroquianos esperavam-no na estação e não o deixaram seguir para casa, e durante oito anos esconderam-no de apartamento em apartamento. O sacerdote ficou tão extenuado por essa vida de perseguido que, quando o prenderam, em 1942, agradeceu a Deus.

Neste capítulo, só falamos sobre a grande massa, sobre os patos detidos não se sabe porquê. Mas, no presente livro, referir-nos-emos ainda àqueles que nos novos tempos se mantiveram como autênticos políticos. Vera Ribakova, estudaqte social-democrata, quando estava em liberdade, sonhava com o isolamento na prisão de Suzdal: só ali esperava encontrar

os seus antigos camaradas (já não os havia em liberdade) e elaborar a sua filosofia política. A socialista revolucionária Ekaterina Olitska, em 1924, até se considerava indigna de estar encerrada na prisão, já que pelos cárceres tinham passado as melhores pessoas da Rússia, e ela era muito jovem e nada tinha feito ainda pela Rússia. Mas a própria

liberdade a rejeitava. Assim, foram as duas para a prisão com alegria e orgulho.

«A resistência! Onde esteve a vossa resistência?», é a recriminação que fazem hoje os que sofrem, àqueles que escaparam à repressão.

Sim, a resistência devia ter começado a partir daqui, do início da detenção.

Mas não teve começo.

E eis que já o levam. Em pleno dia, a detenção é inevitavelmente um momento breve, que não se repete, em que o levam através da multidão, entre centenas de outros homens igualmente inocentes e condenados como você. E a sua boca não foi tapada. E você pode e deveria absolutamente GRITAR! Gritar que vai preso! Que há malfeitores disfarçados que andam à caça das pessoas! Que as apanham com base em denúncias falsas! Que uma surda repressão é desencadeada contra milhões de pessoas! E, ouvindo esses gritos, inúmeras vezes durante o dia, e em todas as partes da cidade, talvez que os nossos concidadãos se rebelassem! E talvez que as detenções se não tivessem tornado tão fáceis!?

No ano de 1927, quando a submissão ainda não tinha amolecido os nossos cérebros a tal ponto, na Praça de Serpukhovskaia dois tchequistas tentaram prender, de dia, uma mulher. Ela agarrou-se ao poste de iluminação pública e começou a gritar, oferecendo resistência. Juntou-se uma multidão. (Era necessária uma mulher assim, mas também era necessária uma multidão assim! Nem todos os transeuntes fecharam os olhos, nem todos se apressaram de largo!) Os nossos ágeis rapazes desçoncertaram-se de repente. Eles não podem trabalhar à vista de toda a sociedade. Subiram para o automóvel e fugiram. (Dali, a mulher devia ter-se dirigido imediatamente para a estação e partir! Mas ela foi pernoitar a casa. E, pela noite, levaram-na para a Lubianka.)

Mas dos seus lábios ressequidos não brota nem um som e a multidão que transita descuidadamente toma-o a você e aos seus carrascos por amigos que passeiam.

Eu próprio tive muitas vezes a possibilidade de gritar. Onze dias após a minha detenção, três parasitas da contra-espionagem (Smerch)9 mais preocupados com quatro pesadas malas, cheias, na sua maior parte, de troféus da guerra, do que comigo (durante o longo

caminho tinham já passado a confiar em mim) conduziram-me à Estação de Bie-

9 Abreviatura de «Morte aos Espiões. (N. dos T.)

lorrkaia, em Moscovo. Eles tinham a denominação de escolta especial; mas, na realidade, as espingardas automáticas causavam-lhes estorvo para arrastar as quatro pesadíssimas malas com objectos de valor, roubados na Alemanha por eles e pelos seus chefes da contra-espionagem da Segunda Frente da Bielorrússia. Sob o pretexto de me servirem de escolta, levaram esses objectos para as famílias que tinham ficado na pátria. Eu transportava, sem vontade nenhuma, a quinta mala, em que iam os meus diários e os meus escritos: as provas contra mim.

Nenhum dos três conhecia a cidade, e era eu que devia escolher o caminho mais curto para o cárcere; era eu mesmo que devia conduzi-los à Lu-bianka, onde eles nunca tinham estado (e eu confundia-a com o Ministério dos Negócios Estrangeiros).

Depois de um dia na prisão da contra-espionagem do exército; depois de três dias na prisão da contra-espionagem da frente, onde os companheiros de cela me tinham instruído (acerca dos embustes dos interrogatórios, das ameaças e dos espancamentos, e sobre o facto de que às vezes o preso nunca é posto em liberdade, podendo-se apanhar facilmente dez anos), eu escapei por milagre. E, de repente, há quatro dias que ando como um homem livre entre homens livres, embora as minhas costelas ainda durmam sobre palha podre perto do balde da latrina, embora os meus olhos já tenham visto companheiros espancados e privados do sono, embora os meus ouvidos tenham escutado a verdade, e a minha boca coma a sopa dos prisioneiros. Porque é que eu me calo então? Porque é que eu não esclareço a multidão enganada, aproveitando o meu último minuto em público?

Eu guardei silêncio na cidade polaca de Brodnitsa (talvez ali não compreendessem o russo). Não proferi palavra nas ruas de Bielostok (podia ser que isso não interessasse aos polacos). Não soltei nem um som na estação de Volkovisk (havia lá pouca gente). Como se nada sucedesse, caminhei acompanhado desses

bandoleiros pela gare da estação de Minsk (mas a estação estava ainda em ruínas). E agora levo atrás de mim esses agentes da contra-espionagem, sob a cúpula branca do vestíbulo superior da estação do metro radial da Bielorusskaia, inundada de luz eléctrica, e subindo de baixo, ao nosso encontro, vêm as duas esteiras paralelas das escadas rolantes, repletas de moscovitas. Parece que todos olham para mim! Numa fila interminável, emergindo da profundidade do desconhecido, deslizam, sob a cúpula resplandecente, na minha direcção, como se solicitassem uma palavra de verdade. Porque é que então eu permaneço calado?!...

Cada pessoa tem sempre uma dúzia de motivos de desculpa, dando-lhe razão para não sacrificar-se.

Alguns têm esperança no desenlace feliz e temem comprometê-lo com o seu grito (a nós não nos chegam notícias do outro lado do mundo, não sabemos que desde o momento da detenção a nossa sorte está quase decidida segundo a pior das hipóteses e não é possível agravá-la). Outros não estão ainda maduros para as ideias que se transmitem em gritos à massa. Na verdade

, só os revolucionários têm sempre as palavras de ordem na ponta da língua prontas a saltar; mas que dizer do pacato e simples homem comum, não implicado em nada? Ele NÃO SABE pura e simplesmente o que é que deve gritar. E, por fim, há ainda um género de pessoas que têm o peito demasiado repleto, cujos olhos viram demasiado, para poder fazer transbordar todo esse mar nuns quantos gritos sem nexo.

Mas eu, eu guardo silêncio ainda por outro motivo: porque esses moscovitas que cobrem as duas escadas rolantes são poucos para mim - poucos] O meu clamor seria ali ouvido por umas duzentas ou quatrocentas pessoas - e os restantes duzentos milhões?... Eu sonho confusamente em que haverei alguma vez de gritar a duzentos milhões...

Por enquanto, não abro a boca e a escada rolante arrasta-me irreprimi-velmente para o inferno.

E na estação de Okhotni-Riad hei-de guardar ainda silêncio.

Não gritarei perto do Metropol.

Não agitarei os braços na praça da Lubianka, no Gólgota...

Eu tive, certamente, a espécie mais fácil de detenção que possa imaginar-se. Ela não me arrancou dos braços dos familiares, não me separou da vida doméstica que nos é tão grata. Num pardacento dia de Fevereiro europeu arrebataram-me do nosso estreito corredor que dá para o mar Báltico, onde cercávamos ou íamos ser cercados pelos alemães, e fui apenas privado da divisão a que estava habituado e do espectáculo dos três últimos meses da guerra.

O chefe da brigada chamou-me ao posto de comando, pediu-me sem eu saber porquê a pistola, entreguei-a sem a mínima suspeita — e de repente do meio dos oficiais imóveis e tensos saltaram dois agentes da contra--espionagem, atravessando o quarto em dois pulos, agarrando-se à uma com as quatro mãos à estrela do boné, aos galões, ao cinturão e à bolsa de campanha, e gritando em tom dramático:

- Está preso!!!

Todo vermelho e varado dos pés à cabeça, nada mais de razoável achei do que perguntar:

- Eu? Porquê?!...

Embora essa pergunta não tenha resposta, por surpreendente que pareça eu obtive-a. E isto merece tanto mais ser recordado quanto está fora dos nossos costumes. Mal os da contra-espionagem tinham acabado de me depenar, arrancando-me juntamente com a bolsa as minhas notas políticas, e amedrontados pelo tremor das vidraças provocado pelas explosões alemãs me empurravam à pressa para a saída, ouviu-se subitamente um enérgico

apelo que me era dirigido: sim!, através dessa seca ruptura que se abriaj entre mim e os que ficavam, provocada pela grave palavra de «preso» atirada à cara, através desse abismo sobre que não devia filtrar-se som algum, passaram as inconcebíveis e fabulosas palavras do chefe da brigada:

— Soljenitsine. Volte cá.

E eu, numa brusca reviravolta, escapuli-me das mãos dos da contra--espionagem e dirigi-me ao chefe da brigada. Conhecia-o pouco: ele nunca condescendera

a conversas simples comigo. Para mim, o seu rosto exprimia ordem, comando, cólera. Mas agora, iluminava-se com ar pensativo - talvez com vergonha da sua participação involuntária num sórdido caso, ou num impulso de se colocar acima da mesquinha subordinação de toda a vida. Dez dias antes, eu retirara quase intacta a bateria de reconhecimento de uma bolsa onde ficara a sua artilharia, formada de doze canhões pesados, e agora ele deveria separar-se de mim em face de um pedaço de papel com um carimbo?

— Você - perguntou ele com voz autoritária —, tem um amigo na Primeira Frente Ucraniana?

— Não é permitido!... Não tem o direito! — gritaram ao coronel o capitão e o major da contra-espionagem. Assustada, a escolta do estado-maiorj comprimiu-se no seu canto como se temesse compartilhar a inaudita refle xão do chefe da brigada (e, pertencendo à secção política, preparava-se já para transmitir material acerca dele). Mas para mim isso era o suficiente:! compreendi logo que fora preso pela correspondência que mantinha com meu velho companheiro de escola, deduzindo de onde vinha o perigo.

E Zakhar Gueorguievitch Travkin teria podido ficar por aí! Mas não Continuando a limpar-se e a endireitar-se aos seus próprios olhos, levantou-se da mesa (anteriormente nunca se tinha erguido para me receber), e1 através da barreira empestada, estendeu-me a mão (quando eu estava em liberdade nunca ma tinha estendido!) e apertou-ma perante o horror mudo da escolta, dizendo com calor no seu rosto sempre severo, sem medo, claramente:

— Desejo-lhe boa sorte, capitão!

Eu não só já não era capitão, como estava desmascarado como inimigo do povo (pois, no nosso país, qualquer pessoa, a partir do momento de detenção, está já completamente desmascarada). Assim, ele desejava boa sorte a um inimigo?...

As vidraças estremeciam. As explosões alemãs martirizavam a terra a duzentos metros dali, recordando que aquilo não poderia suceder lá, na profundidade da nossa terra, por debaixo do globo firme da existência, mas apenas sob o alento de uma morte próxima e igual para todos.10

10 Eis o surpreendente: PODE-SE, apesar de tudo, ser um homem! Travkin nada sofreu! Encontrámo-

nos há pouco cordialmente, conhecendo-nos pela primeira vez. Ele é engenheiro reformado e inspector da Sociedade dos Caçadores.

Este livro não será um livro de memórias pessoais. Por isso não relatarei pormenores anedóticos da minha detenção, que têm a sua originalidade própria. Naquela noite os da contra-espionagem perderam completamente as esperanças de se orientarem pelo mapa (nunca se tinham aliás orientado por ele), entregando-se-me com amabilidade e pedindo-me para eu indicar ao motorista como dirigir-se à contra-espionagem do exército. Eu mesmo os conduzi e me conduzi até essa prisão, e, como agradecimento, fui metido imediatamente, não numa cela simples, mas no calabouço de castigo. Mas é impossível não falar dessa arrecadação de uma casa de campo alemã, que provisoriamente servia de cárcere.

Tinha o comprimento-de um homem e a largura de três homens deitados à vontade ou de quatro apertados. Eu era precisamente o quarto, sendo lá metido depois da meia-noite. Os três que estavam

deitados, entreabriram os olhos estremunhados debaixo da luz de uma lamparina de petróleo e mexeram-se para me dar lugar. Assim, na palha calcada, ficaram oito botas estendidas para a porta e quatro capotes. Eles dormiam e eu espumava de cólera. Quanto mais eu era senhor de mim mesmo, enquanto capitão, meio dia antes, mais doloroso era para mim estar assim comprimido no fundo daquela arrecadação. De vez em quando, os rapazes acordavam ao entorpecerem-se-lhes as costas e voltávamo-nos todos ao mesmo tempo.

Pela manhã acordaram, bocejaram, arfaram, encolheram as pernas, meteram-se em cantos diferentes e começámos a travar conhecimento.

- E tu porque é que estás aqui?

Mas uma vaga brisa de prevenção tinha já soprado até mim, sob o tecto empestado dos da contra-espionagem, e com simpleza pus um ar admirado:

- Não faço ideia. Dizem-no acaso esses canalhas?

No entanto, os meus companheiros de cela, que eram tanquistas, com os seus negros capacetes fofos, não o ocultavam. Eram três honestos, três simples corações de soldados, espécie de pessoas pelos quais eu tinha

ganho afecto durante os anos de guerra, eu que era bem mais complicado e pior. Os três eram oficiais. Os seus galões também tinham sido arrancados com fúria, distinguindo-se ainda nalguns lugares as linhas. Nos seus casacos sujos, viam-se as manchas claras das condecorações arrancadas; as cicatrizes vermelhas e escuras no rosto e nas mãos eram outras tantas recordações de feridas e de queimaduras. A divisão deles tinha vindo, por desgraça, fazer reparações a esta aldeia, onde estava a contra-espionagem do 48.° Exército. Para comemorar o combate travado na noite anterior, embebedaram--se e, nas imediações da aldeia, arrombaram uma casa de banho, ao verem que para lá tinham entrado duas moças. Estas conseguiram escapar, meio nuas, nas suas pernas cambaleantes. Uma delas, porém, não era lá qualquer . rapariga, mas sim a amante do chefe da contra-espionagem do Exército. Sim! Há já três semanas que a guerra se travava na Alemanha e todos sabíamos perfeitamente que, tratando-se de moças alemãs, podiam ser violadas

e fuziladas depois, constituindo isso quase uma distinção militar; se fossem polacas ou das nossas, russas, enviadas para a Alemanha, tolerava--se que se corresse atrás delas pela horta, nuas, dando-lhes palmadas nas nádegas: simples brincadeira e nada mais. Mas, tratando-se de uma «mulher de campanha», do chefe da contra-espionagem, um qualquer sargento da retaguarda arrancou raivosamente ali mesmo os galões aos três oficiais de linha e as condecorações confirmadas por uma ordem da frente e concedidas pelo Praesidium do Soviete Supremo da União Soviética, e agora esses veteranos, que tinham feito toda a guerra e certamente haviam rompido mais de uma linha das trincheiras inimigas, aguardavam uma sentença do tribunal militar, que sem o tanque deles não teria chegado ainda a esta aldeia.

Apagámos a lamparina, pois já tinha consumido todo o ar de que dispúnhamos para respirarmos. Na porta estava aberto um postigo do tamanho de um postal e por ali entrava indirectamente a luz do corredor. Parece que, preocupados com o facto de que ao despontar do dia tivéssemos demasiado espaço na cela, nos meteram lá um quinto homem. Ele entrou

com um capote novo em folha, assim como o boné, e quando chegou em frente do postigo vimos o seu rosto todo fresco, de nariz arrebitado e de faces muito coradas.

- De onde vens, irmão? Quem és tu?

- Do outro lado — respondeu ele, com desenfado. - Sou espião.

- Estás a rir? - respondemos, atónitos (que se tratasse de um espião e que ele mesmo o dissesse, eis o que nunca escreveram nem Chein nem os irmãos Tur!11).

- Que brincadeiras se podem fazer em tempo de guerra! - suspirou com sensatez o rapaz. — Como regressar do cativeiro a casa? Digam, ensinem-me.

Mal teve tempo de iniciar o relato sobre como, um dia antes, os alemães o tinham passado para o outro lado da frente, para que ali fizesse espionagem e dinamitasse pontes, sobre como se apresentara imediatamente ao batalhão mais próximo e se entregara, não tendo o sonolento e cansado chefe do batalhão acreditado e remetendo-o à enfermaria, para lhe dar uns comprimidos, quando subitamente nos assaltaram novas impressões:

- Formar! Mãos atrás das costas! - lançou através da porta, aberta de par em par, um sargento capaz de puxar a cauda de um canhão de cento e vinte e dois milímetros.

Ao longo de todo o pátio rural tinha já formado um cordão de soldados com armas automáticas, guardando o caminho que nos levava à saída do palheiro. Eu fervia de indignação pelo facto de que qualquer sargento

11 Conhecidos autores soviéticos de romances de espionagem. (N. dos T.)

ignorante se atrevesse a dar-nos, a nós, oficiais, a ordem de «mãos atrás das costas», mas os tanquistas puseram as mãos atrás, e eu segui-os.

Do outro lado do palheiro havia um pequeno curral quadrado, com neve amontoada, que não tinha derretido - e todo ele estava coberto de excrementos humanos, tão densos e desordenados que não era fácil encontrar onde pôr os pés. Apesar de tudo, conseguimos arranjar-nos, acocoran-do-nos os cinco

em lugares diferentes. Dois soldados com armas puseram--se em frente de nós, também acocorados, mas o sargento, não tinham decorrido uns minutos, disse bruscamente:

- Depressa! Entre nós as necessidades fazem-se rapidamente!

Perto de mim, estava acocorado um tanquista, de Rostov, primeiro--tenente, de elevada estatura e aspecto sombrio. O seu rosto estava enegrecido de pó metálico ou fumo, mas na face notava-se uma grande cicatriz vermelha.

- Onde é isso, entre nós? - perguntou ele com lentidão, não mostrando intenções de apressar-se de volta ao cárcere, que cheirava a petróleo.

- Na secção de contra-espionagem do Smerch! - exclamou o sargento com voz sonora e altiva, mais do que era necessário. (Os da contra--espionagem adoravam essa abreviatura de tão mau gosto: «Morte aos Espiões», que achavam atemorizante.)

- Entre nós, também! - respondeu lento e pensativo o primeiro--tenente. O seu capacete estava descaído para o lado, deixando a descoberto o cabelo ainda por

cortar. O seu traseiro, endurecido na frente, estava virado para o vento fresco e agradável.

- Onde é isso, entre nós? - ladrou mais alto do que o necessário o sargento.

- No Exército Vermelho — respondeu com muita calma o primeiro--tenente, de cócoras, medindo com o olhar aquele paquiderme frustrado.

Tais, foram os primeiros eflúvios da minha respiração prisional.

II HISTÓRIA DA NOSSA CANALIZAÇÃO

QUANDO se condena agora a arbitrariedade do culto, insiste-se sempre, respectivamente, no que sucedeu rios anos de 1937-38. E assim é como se se começasse a imprimir na memória a ideia de que não teria havido prisões nem ANTES nem DEPOIS, mas apenas nos anos 37 e 38. Não tendo à mão nenhuma estatística, não receio, no entanto, enganar-me ao dizer: a torrente de 37 e de 38 não foi a única, nem sequer a principal, mas só talvez uma das três mais importantes que invadiram os tenebrosos e fedorentos tubos da nossa canalização prisional.

ANTES dela tinha havido a torrente dos anos 29 e 30, semelhante à do bom rio Obi, arrastando para a tundra e a taiga a pequena quantidade de quinze milhões de mujiques (a não terem sido mais). Mas os mujiques são pessoas privadas do dom da palavra e da escrita e não redigiram protestos nem memórias. Em relação a eles, os juízes de instrução não trabalharam afanosamente noites e noites, com eles não gastaram processos verbais: bastaram as resoluções dos Sovietes de aldeia. Essa torrente transbordou, foi absorvida pelos gelos eternos, e mesmo os espíritos mais ardentes quase não se lembram dela. É como se mal tivesse ferido a consciência russa. E, no entanto, Staline não cometeu (nem eu convosco) um crime maior.

E DEPOIS houve a torrente dos anos 1944-46, semelhante à do bom rio Jenissei: pelos seus canos de esgoto foram expulsas nações inteiras, e ainda milhões e milhões de homens que ficaram (por uma culpa!) prisioneiros na Alemanha e que regressaram depois. (Staline cauterizava as feridas para que se formasse rapidamente uma crosta e não fosse necessário ao corpo do povo descansar, respirar e recompor-se.) Mas essa torrente era também formada,

na sua maioria, por gente simples e que não escreveu memórias.

Entretanto, a torrente do ano 37 atingiu e levou ao Arquipélago pessoas

de alta posição, com um passado no Partido, com cultura, e em torno delas houve inúmeros feridos que ficaram nas cidades, muitos deles sabendo manejar uma pena — e todos agora juntos escrevem, falam e recordam o ano trigésimo sétimo! O Volga da amargura popular!

Mas ide falar aos tártaros da Crimeia, aos calmucos ou aos tchetchénios[1] no ano trigésimo sétimo e eles limitar-se-ão a encolher os ombros. E a Leninegrado o que é que lhe diz o ano trigésimo sétimo, quando tinha havido antes o ano 35? Para os reincidentes ou para os habitantes da região do Báltico, não foram mais penosos os anos 48-49? E se os zeladores do estilo e da geografia me censurarem por ter ainda omitido na Rússia alguns rios, assim como algumas torrentes não mencionadas, que eles me dêem papel! Outras torrentes formariam outros tantos rios.

É sabido que qualquer órgão que não se exercite se atrofia.

Assim, pois, se soubermos que os órgãos (é com esta nojenta palavra que eles se denominam a si próprios) celebrados e exaltados, deviam ser mantidos bem vivos, para que não perecesse um só tentáculo, mas, ao contrário, crescesse e se fortalecesse a sua musculatura, é fácil adivinhar que eles se exercitavam PERMANENTEMENTE.

Pelos tubos perpassava como que uma pulsação, com uma pressão ora mais elevada do que a prevista, ora mais baixa, mas sem que nunca os canos prisionais se esvaziassem. O sangue, o suor e a urina em que ficávamos espremidos, esguichavam incessantemente. A história desta canalização é a história de um curso e de uma absorção ininterruptos. Simplesmente, as grandes enchentes alternavam com as baixas, e novamente com outras enchentes; as torrentes transbordavam, ora maiores ora mais pequenas, afluindo ainda de todos os lados regatos, riachos, escoamentos por caleiras e simples gotas isoladas, capturadas uma a uma.

A enumeração cronológica que farei adiante, onde serão mencionadas de igual modo as torrentes formadas por milhões de presos e os riachos formados por algumas imperceptíveis dezenas, é ainda muito incompleta, muito pobre, e limitada às minhas possibilidades de penetrar no passado. Torna-se aqui absolutamente necessário um complemento das pessoas conhecedoras dos factos, que continuam vivas.

* *

Nessa enumeração, o mais difícil de tudo é COMEÇAR. Isso porque quanto mais a gente vai penetrando no tempo, década após década, tanto menos testemunhas restam; o rumor extinguiu-se e eclipsou-se e os anais

Povos deportados em massa, em 1944-45, por pretensa «colaboração» com os alemães. (N. dos T.)

ou não existem ou estão fechados a cadeado. E ainda porque não é completamente justo examinar aqui da mesma maneira os anos de mais grave exacerbação (a

guerra civil) e os primeiros anos de paz, quando se esperava clemência.

Mas antes mesmo de pensar-se em guerra civil, era visível que a Rússia, com a estrutura da sua população, não estava preparada, naturalmente, para qualquer tipo de socialismo, porque ela encontrava-se coberta de lixo. Um dos primeiros golpes da ditadura foi vibrado aos cadetes2 (no tempo do czar eles constituíam a peste extremista da revolução; sob o poder do proletariado a peste extremista da reacção). Em fins de Novembro de 1917, na primeira convocação, não realizada dentro do prazo, da Assembleia Constituinte, o partido dos cadetes foi declarado fora da lei, e iniciou-se a prisão dos seus membros. Quase na mesma altura foram efectuadas as detenções da União da Assembleia Constituinte3 e da rede das «universidades de soldados».4

Dado o sentido e o espírito da revolução, é evidente que, nesses meses, ficaram repletos os cárceres de Krest, de Butirki e de muitas outras prisões provinciais, a abarrotar de grandes ricaços, de conhecidos líders, de generais, de oficiais e ainda de funcionários dos ministérios e de todo o aparelho do Estado, que não cumpriam as decisões do novo

poder. Uma das primeiras operações da Tcheka foi entretanto a detenção do Comité de Greve da União de Funcionários de Toda a Rússia. Uma das primeiras circulares da N.K.V.D., datada de Dezembro de 1917, dizia: «Em razão da sabotagem que é realizada pelos funcionários... há que mostrar a maior iniciativa local, SEM PÔR DE LADO os confiscos, os procedimentos coercivos e as detenções.»5

E embora V. I. Lenine exigisse, em fins de 1917, para o estabelecimento de «uma rigorosa ordem revolucionária», que «se esmagassem sem compaixão as veleidades de anarquia dos ébrios, dos rufias, dos contra--revolucionários e outras personagens»6, o que pareceria indicar que o principal perigo para a Revolução de Outubro advinha, para ele, dos bêbados, enquanto os contra-revolucionários eram relegados lá para a terceira fila, a verdade é que ele visava objectivos bem mais amplos. No artigo «Como Organizar a Emulação» (de 7 e 10 de Janeiro de 1918), V. I. Lenine proclamou como tarefa imediata, única e geral «a limpeza da terra russa de

2 Democratas constitucionais, que faziam parte, como os socialistas revolucionários, do Governo provisório

que sucedeu à Revolução de Fevereiro de 1917. (TV. dos T.)

3 Organismo formado por comités de apoio aos socialistas revolucionários da esquerda. (N. dos T.)

4 Cursos nocturnos para militares. (N. dos T.)

5 Mensageiro da N.K.V.D., 1917, n.° 1, pág. 4.

6 Lenine, Obras Escolhidas, 5a edição, tomo 35, pág. 68.

todos e quaisquer insectos nocivos»7. E por insectos ele entendia não apenas todos os elementos estranhos pela sua classe, mas também «os operários calaceiros no trabalho», por exemplo os da tipografia do Partido em Petrogrado.

(O que faz a distância no tempo! Mesmo agora temos dificuldade em compreender como é que esses operários, logo que se tornaram ditadores, imediatamente mostraram tendência a ser preguiçosos no trabalho, para si mesmos!) Mais ainda: «... em que quarteirão de uma grande cidade,

em que fábrica, em que aldeia .... não há... sabotadores que se denominam intelectuais?»8 É certo que Lenine, nesse artigo, previa diversas formas de limpeza dos insectos: aqui, prendê-los; ali, pô-los a limpar latrinas; mais além, «depois da saída do cárcere, dar-lhes um cartão amarelo»; enfim, fuzilar os parasitas. Havia ainda a escolha entre a prisão «ou o castigo de trabalhos forçados mais duros»9. Embora traçasse e sugerisse as orientações fundamentais do castigo, Vladimir Ilitch propunha uma emulação «das comunas e das comunidades», quanto às melhores formas de limpeza.

Não podemos, neste momento, investigar em pormenor quem era abrangido por essa ampla definição de insectos: a população russa era demasiado heterogénea e nela havia pequenos grupos isolados, completamente negligenciados e hoje esquecidos. Insectos, naturalmente, eram as administrações das autarquias locais e provinciais. Insectos eram os membros das cooperativas. Bem como todos os que possuíam casas. Havia não poucos insectos entre os professores de liceu. Todos os insectos que pertenciam às comissões paroquiais. Insectos também aqueles que cantavam nos coros

religiosos. Insectos ainda todos os padres, quanto mais os frades e as freiras! E mesmo aqueles tolstoistas que, entrando ao serviço dos Sovietes, ou, digamos, nos caminhos de ferro, não prestavam o juramento obrigatório, por escrito, de defender o poder soviético de armas na mão, eram insectos declarados (e teremos ocasião de ver casos de julgamentos contra eles). E, por falar em caminhos de ferro, já que muitos insectos se acobertavam com a farda de ferroviários, era necessário dar-lhes, a uns, safanões; e a outros, açoites. Quanto aos telegrafistas, esses, não se sabe porquê, eram insectos encarniçados, em massa, que não simpatizavam com os Sovietes. Nada se podia dizer de bom quanto ao Comité Executivo da União Sindical dos Ferroviários (Bikjel)10, nem quanto a outros sindicatos, frequentemente repletos de insectos hostis à classe operária.

7 Lenine, Obras Escolhidas, 5o edição, tomo 35, pág. 204.

8 Idem, pág. 204.

9 Idem, pág. 203.

10 Organização sindicalista, com uma direcção menchevique e socialista revolucionária, dissolvida em 1918. (N. dos T.)

E os grupos que enumerámos formam já um enxame colossal, que exige vários anos de trabalho de limpeza.

Mas quantos intelectuais malditos, de todo o género, quantos estudantes revoltados e quantos tipos estranhos de buscadores da verdade, de inocentes, dos quais já Pedro I se ufanava de ter limpo a Rússia e que estorvam sempre um regime severo e harmonioso?

Não teria sido possível realizar essa operação sanitária, e muito menos em condições de guerra, se se tivesse utilizado formas processuais e jurídicas caducas. Adoptou-se uma forma completamente nova: a repressão sem julgamento, e este ingrato trabalho foi assumido abnegadamente pela Vet-cheka (Comissão Extraordinária de toda a União), a Sentinela da Revolução, o único órgão punitivo da história da humanidade que reuniu nas mesmas

mãos a investigação, a detenção, a instrução do processo, a acusação pública, o julgamento e a execução da sentença.

Em 1918, para acelerar de igual modo a vitória cultural da revolução, começou-se a esventrar e a pôr em cacos as relíquias sagradas, a confiscar os objectos do culto religioso. Eclodiram revoltas populares em defesa das igrejas e mosteiros saqueados. Aqui e ali tocaram sinos a rebate e os ortodoxos acorriam, alguns munidos de varapaus. Naturalmente, havia que eliminar alguns in loco e prender outros.

Reflectindo agora sobre os anos 1918-1920, deparam-se-nos certas dificuldades: devemos pôr em relação com as torrentes prisionais aqueles que foram açoitados, sem mesmo serem conduzidos ao cárcere? E em que categoria incluir todos aqueles que os comités de camponeses pobres eliminavam atrás das cancelas, dos Sovietes da aldeia ou nas traseiras dos quintais? Teriam acaso tempo de pôr os pés nas terras do Arquipélago os organizadores de conspirações, que eram descobertas em série?

(Em cada distrito as havia; em Riazan houve duas; em Kostroma, Vich-nievolotsk e Veliki, uma; em Kiev e em Moscovo, várias; outras tiveram lugar em Saratov, Tchernigov, Astracã, Seliguer, Smolensk, Bobruisk, cavalaria de Tambov, Tchembarsk, Beli-Luk, Mstislavl, etc.) Ou não tiveram tempo disso e não estão portanto relacionados com o tema da nossa pesquisa? A excepção do esmagamento das famosas revoltas de Yaroslavl, Muroma, Ribinsk, Arzamass, acerca de alguns acontecimentos só conhecemos o nome; por exemplo, o fuzilamento em Kolpinsk, em Junho de 1918. Que se passou? De quem se tratava? Em que rubrica inscrevê-los?

Não é menor a dificuldade que há em determinar se se deve atribuir às torrentes prisionais ou ao balanço da Guerra Civil, as dezenas de milhares de reféns, esses habitantes pacíficos, que pessoalmente não são acusados de nada, nem sequer os seus nomes estavam escritos a lápis numa lista, e que são votados ao extermínio, ao terror e à vingança do inimigo armado, ou das massas revoltadas. Depois do dia 30 de Agosto de 1918, a N.K.V.D. deu ordens, in loco, de «prender imediatamente todos os socialistas revolucionários

de direita, elementos da burguesia e da oficialidade, agarrando considerável número de reféns»11.

(É como se, depois do atentado do grupo de Alexandre Ulianov, tivesse sido preso não somente esse grupo, mas também todos os estudantes da Rússia e considerável número de funcionários administrativos do distrito.) Por disposição do Conselho da Defesa, de 15 de Fevereiro de 1919 — certamente sob a presidência de Lenine —, foi proposto à Tcheka e à N.K.V.D. que tomassem como reféns os camponeses de todos aqueles lugares em que a limpeza da neve nos caminhos de ferro «se realizava de forma insatisfatória», sob pena de que «se a limpeza da neve não fosse efectuada, eles seriam fuzilados»12. Por disposição do Conselho dos Comissários do Povo, de fins de 1920, foi decidido deter também os sociais-democratas como reféns.

Mas, mesmo restringindo-nos só às detenções habituais, devemos assinalar que já na Primavera de 1918 desbordava a ininterrupta torrente dos traidores socialistas, que devia prolongar-se por muitos anos.

Todos esses partidos - sociais revolucionários, mencheviques,. anarquistas, socialistas--populares ter-se-iam fingido, durante décadas, revolucionários, afivelando apenas uma máscara e sendo deportados unicamente por isso: tudo a fingir. E só no curso impetuoso da revolução se exteriorizou de súbito a essência burguesa desses social-traidores. Era natural proceder à sua detenção! Logo a seguir aos democratas constitucionais, com a dissolução da Assembleia Constituinte, o desarme do regimento de Preobrajenski13 e outros, começou a agarrar aos poucos (de início discretamente), os socialistas revolucionários e os mencheviques. Após o 14 de Junho de 1918, data da sua exclusão de todos os Sovietes, essas detenções tornaram-se mais numerosas e mais frequentes. A partir de 6 de Julho caíram também sob a alçada das perseguições os socialistas revolucionários de esquerda, que mais perfidamente e durante mais tempo tinham fingido ser aliados do único partido consequente do proletariado. E, desde então, bastava que em qualquer fábrica ou bairro operário surgisse a agitação, o descontentamento, as greves (houve muitas, logo no Verão de 1918 e em Março de 1921, abalando Pe-trogrado, Moscovo, em seguida

Kronstadt, e obrigando à N.E.P.14) para que, simultaneamente ao apaziguamento, às concessões, à satisfação das legítimas reivindicações dos operários, a Tcheka apanhasse, sem ruído, pela noite, os mencheviques e os socialistas revolucionários, considerados

11 Mensageiro da N.K.V.D., 1918, N."" 21-22, pág. 1.

12 Decretos do Regime Soviético, vol. IV, Moscovo, 1968, pág. 627.

1:1 Nome de um regimento de guarda, fundado por Pedro, o Grande, que tinha desempenhado um papel importante em Fevereiro e em Outubro de 1917, sendo favorável à revolução. (N. dos T.i

14 Nova Política Económica. (N. dos T.)

como os verdadeiros culpados dessas agitações. No Verão de 1918, em Abril e em Outubro de 1919, foram efectuadas numerosas detenções de anarquistas. No ano de 1919 foi presa a parte acessível do Comité Central dos socialistas revolucionários, e metida no cárcere de Butirki até ao

seu julgamento, em 1922. Em 1919, também, o conhecido tchequista Latsis escreveu sobre os mencheviques: «Esses indivíduos não fazem mais do que estorvar-nos. É por isso que os afastamos do caminho, para não nos enredarem as pernas... Fechamo-los num lugar retirado, em Butirki, e obrigamo--los a permanecer lá, enquanto não terminar a luta entre o trabalho e o capital»15. Ainda em 1919 foram detidos, também, os delegados ao Congresso dos Operários sem Partido (motivo pelo qual este não se efectuou).16

Desde 1919 que ficou patente toda a desconfiança para com os nossos compatriotas que regressavam do estrangeiro (porquê?, com que missão?), prendendo-se assim os oficiais do corpo expedicionário russo (em França). No mesmo ano de 1919, após ter-se lançado uma ampla rede em torno de verdadeiras e falsas conspirações (a do Centro Nacional, a do complot militar) em Moscovo, em Petrogrado e noutras cidades fuzilava-se por listas (isto é, apanhavam-se pessoas em liberdade para um fuzilamento imediato) e varria-se pura e simplesmente para as prisões a intelectualidade, considerada próxima dos cadetes. E que significava «próxima dos cadetes»? Não

monárquica e não socialista, ou seja: todos os círculos científicos, todos os universitários, todos os valores artísticos e literários, todo o corpo de engenharia. À excepção dos escritores extremistas, dos teólogos e dos teóricos do socialismo, toda a restante intelectualidade (uns oitenta por cento dela) era «próxima dos cadetes». Entre ela, segundo a opinião de Lenine, estava incluído por exemplo Korolenko - «um lamentável filisteu, preso a preconceitos burgueses»17, «não sendo pecado que talentos destes passem uma semanazinha na prisão».18 Temos conhecimento da existência de grupos isolados de presos através de protestos de Gorki. Em 15 de Setembro de 1919, Ilitch responde-lhe: «... está claro, também, que houve erros», mas «imagine que desgraça! Que injustiça!» E aconselha Gorki a não se consumir a choramingar pelos intelectuais apodrecidos.19

Em Janeiro de 1919 foi introduzido o racionamento de víveres e para a sua requisição foram formados destacamentos.

15 M.Y. Latsis - Dois Anos de Luta na Frente Interna. Exposição popular da actividade da Tcheka. Edit. do Estado, Moscovo, 1920, pág. 61.

16 Idem, pág. 60.

17 Lenine, 5.a edição, tomo 51, págs. 47-48.

18 Idem, pág. 48.

19 idem, pág. 49.

Em toda a parte, nas aldeias, eles encontravam resistência - ora obstinadamente evasiva, ora violenta. O esmagamento dessa resistência (sem contar os fuzilados em flagrante) deu lugar a uma abundante torrente de presos, prolongando-se por dois anos.

Omitimos deliberadamente toda uma grande parte da trituração operada pela Tcheka, pelas Secções Especiais e pelos Tribunais Revolucionários, que estava ligada ao avanço da linha da frente, com a ocupação de cidades e de regiões. A directriz da N.K.V.D., de 30 de Agosto de 1918, visava os esforços «para o fuzilamento incondicional de todos os implicados nas acções dos guardas brancos». Mas, por vezes, nós perdemo-nos: como fazer uma delimitação correcta? Se, no Verão de 1920, quando a

Guerra Civil ainda não tinha completamente terminado em todos os lugares, mas já em todo o caso no Don, foram enviadas desta região, de Rostov e de Novo Tcherkass, um elevado número de oficiais a Arcângel, e dali, em barcas, a Solovki (diz-se que algumas delas foram afundadas no mar Branco, assim como aconteceu também no mar Cáspio), deverá relacionar-se tudo isto com a Guerra Civil ou com o início da construção pacífica? Se, nesse mesmo ano, em Novo Tcherkass, foi fuzilada a mulher de um oficial, que estava grávida, por esconder o marido, em que categoria incluir isto? Há uma conhecida resolução do Comité Central, de Maio de 1920 «sobre a actividade de sapa na retaguarda». Sabemos, por experiência, que qualquer resolução desse tipo constitui um impulso para uma nova torrente de prisões por toda a parte, sendo o sintoma exterior da torrente.

' Uma dificuldade particular (mas também um mérito particular) na organização de todas estas levas coube, até ao ano de 1922, à ausência de um Código Penal, de qualquer sistema de leis penais. Só a consciência da justiça revolucionária (sempre infalível!) serviu de

guia aos confiscadores e aos canalizadores, indicando-lhes quem abarbatar e que fazer deles.

Neste resumo não vamos seguir as levas dos criminosos e delinquentes de direito comum20 e por isso recordaremos apenas que as desgraças e penúrias, criadas pelas condições de reorganização das administrações, das instituições e de todas as leis, só poderiam fazer aumentar, em grande número, os roubos, os actos de banditismo, de violência e de especulação. Embora estes não fossem tão perigosos para a existência da República, esta criminalidade comum foi também em parte perseguida e as respectivas levas aumentaram as torrentes de contra-revolucionários. Mas havia também uma especulação de carácter completamente político, como indicava o decreto do Conselho dos Comissários do Povo, assinado por Lenine em 22 de Julho de 1918: «Os culpados de venda, açambarcamentos ou armazenamentos Agolovuik (delinquente de direito comum): delinquente habitual; Bitovik (crimin so de direito comum): criminoso ocasional. (N. dos T.)

, para fins comerciais, de géneros alimentícios, monopolizados pela República (o camponês armazena o seu cereal para a venda com fins comerciais, mas qual é o seu comércio? — A. S.), são punidos com a privação da liberdade por um prazo não inferior a dez anos, seguidos de trabalhos forçados pesados e confisco de todos os seus bens.»

A partir desse Verão, o campo, que estava a fazer esforços acima das suas forças, passou a ceder ano após ano a colheita gratuitamente. Isto provocou revoltas camponesas21 que foram esmagadas, sendo efectuadas novas detenções. No ano de 1920 nós temos conhecimento (ou antes não temos...) do processo da União Camponesa da Sibéria. E é também em fins do mesmo ano que se verifica o esmagamento preventivo da insurreição camponesa de Tambov. (Neste caso, não houve processo judicial.)

Mas a maior parte dos habitantes das aldeias de Tambov foi presa em Junho de 1921. Nessa província abriram-se campos de concentração para as famílias dos camponeses que participaram no movimento insurreccional.

Parcelas de campo raso foram cercadas com postes de arame farpado e nelas foi mantida durante três semanas cada família suspeita de que algum dos seus homens fizesse parte dos insurrectos. Se ao fim das três semanas, esse homem não se apresentasse para resgatar a família com a sua cabeça, ela era desterrada22.

Mas já antes, em Março de 1921, tinham sido enviados para a ilha do Arquipélago, através do bastião de Trubetsk, da Fortaleza de Pedro e Paulo, os marinheiros sublevados da base de Kronstadt, à excepção dos que foram fuzilados.

Esse mesmo ano de 1921 começou com a ordem número dez, datada de 8 de Janeiro, da Tcheka de toda a União, que reza:

«Intensificar a repressão contra a burguesia! Agora, que a Guerra Civil acabou, não afrouxar a repressão, mas intensificá-la!» As consequências disso, na Crimeia, foram mostradas em alguns versos de Volochin.

No Verão de 1921 foi detido o Comité Social de Ajuda às Vítimas da Fome (Kuskova, Prokopovitch, Kichkin e outros), que tentava impedir o avanço duma fome

sem precedentes na Rússia. É que essas mãos que davam de comer não eram as apropriadas para vir em ajuda dos famintos. O já moribundo Korolenko, respeitado presidente deste comité, caracterizou o seu esmagamento como «a pior das politiquices de um governo de politiqueiros

21 A parte mais laboriosa do povo foi exterminada completamente.» (Korolenko, carta de 10-8-21, enviada a Gorki.)

22 Revista Guerra e Revolução, N.os 7-8, de 1926. Tukhatchevski: A Luta contra as Insurreições contra-Revolucionárias.

» (carta enviada, em 14 de Setembro de 1921, a Gorki). (E Korolen-ko recorda-nos também a significativa particularidade dos cárceres em 192123: «Estão todos impregnados de tifo.» Assim o confirmam Skripnikova e outros, que estiveram detidos então.)

Nesse ano de 1921 já se efectuaram prisões de estudantes (por exemplo, na Academia Timiriazev, o

grupo de E. Doiarenko), por críticas ao regime (não em público, mas em conversas entre colegas). Casos desses eram ainda poucos, pelos vistos, pois esse grupo foi interrogado pelos próprios Menjinski e Iagoda.

No mesmo ano de 1921 as detenções foram ampliadas e incidiram sobre membros dos outros partidos. Mas já, falando com propriedade, tinham acabado definitivamente todos os partidos políticos da Rússia, à excepção do vencedor. (Ah!, quem boa cama fizer...) E para que o desmoronamento desses partidos fosse irreversível era ainda necessário que se destroçassem os próprios membros desses partidos, os corpos desses membros.

Nenhum cidadão do Estado Russo que tivesse sido membro de outro partido político que não o bolchevique escapava a esse destino: estava condenado (se não conseguia, como Maiski ou Vichinski, passar-se a tempo para os comunistas). Podia não ser preso na primeira rodada; podia sobreviver, segundo o grau da sua periculosidade, até 1922, 1932 ou 1937, mas as listas estavam guardadas, ia chegar a sua vez, a sua vez aproximava-se, detinham-no ou convocavam-no

amavelmente, fazendo-lhe uma única pergunta: fez parte ou não... de... até...? (Era costume ser interrogado sobre a sua actividade hostil, mas a primeira pergunta de tudo decidia, como é claro, agora decorridos decénios.) Em seguida, a sua sorte podia variar. Uns caíam rapidamente numa das célebres centrais prisionais czaristas, que se tinham conservado, e alguns socialistas foram até parar às mesmas celas, com os mesmos guardas que já tinham conhecido antes. A outros foi-lhes proposto o desterro, mas não por muito tempo - uns dois ou três anitos. Ou então algo de mais suave: uma diminuição da liberdade de deslocação, escolhendo ele próprio o seu lugar de residência, com a condição de ser tão amável que se sujeitasse a controle, aguardando a vontade da G. P. U. (Administração Política do Estado).

Esta operação prolongou-se por muitos anos porque a condição principal era o silêncio e a discrição. O que importava, rigorosamente, era limpar Moscovo, Petrogrado, os portos, os centros industriais, e depois as simples

23 Korolenko escreveu a Gorki (29-6-21): «A História mencionará algum dia que a revolução bolchevique

reprimia os revolucionários e socialistas sinceros com meios iguais aos do regime czarista.»

províncias, de todas as outras espécies de socialistas. Isto exigiu uma paciência silenciosa, de Job, cujas regras eram inteiramente incompreensíveis para os contemporâneos e de cujos contornos só agora podemos dar-nos conta. Que inteligência tão previdente era essa que planeou tudo isto; que mãos tão cuidadosas eram essas que, sem perder um instante, manipulavam as fichas? Aquele que tinha cumprido três anos era tirado de um monte dessas fichas e colocado suavemente noutro.

Aquele que tinha estado numa central era enviado para o desterro (e o mais longe possível). Aquele que tinha residência fixa era também mandado para o desterro (mas fora dos limites da residência fixa).

Aquele que já estava no desterro era desterrado para outro local e depois novamente transferido para uma central (já outra). A paciência, sempre a paciência, reinava nesse jogo de paciências estendidas sobre a mesa. E sem ruído, sem clamor, gradualmente, iam

desaparecendo os dos outros partidos, perdendo todas as ligações com os lugares e as pessoas onde antes eram conhecidos, eles e a sua actividade revolucionária. E assim, imperceptível e inflexivelmente, se preparava a destruição daqueles que noutros tempos se enfureciam nos comícios de estudantes; daqueles que com orgulho faziam retinir as grilhetas czaristas.

Nesta operação da Grande Paciência foi exterminada a maioria dos velhos presos políticos, pois era precisamente aos socialistas revolucionários e aos anarquistas, e não aos sociais-democratas, que os tribunais czaristas impunham as penas mais severas; a eles, que constituíam justamente a antiga população das deportações.

A regularidade do extermínio era, entretanto, justa: nos anos 20 ti-nham-lhes proposto assinar retractações escritas dos seus partidos e das suas ideologias. Alguns recusaram-se e caíram assim, naturalmente, na primeira rodada do extermínio; outros fizeram essas retractações e conseguiram, desse modo,mais uns anos de vida. Mas chegou inexoravelmente a sua vez e inexoravelmente, também, as cabeças caíram dos seus ombros24.

Na Primavera de 1922 a Tcheka (Comissão Extraordinária para a Luta contra a contra-Revolução e a Especulação), que acabava de ser cognominada G.P.U., decidiu intervir nos assuntos religiosos. Faltava ainda levar a cabo a «revolução eclesiástica»: substituir a hierarquia e colocar em seu 24 Às vezes lemos no jornal um artiguelho e ficamos boquiabertos: O lzvieztia, de 24 de Maio de 1959, contava que um ano após o advento de Hitler ao Poder, Maximilian Huake foi detido por pertencer... não a um partido qualquer, mas ao Partido Comunista. Aniquilaram--no? Não, condenaram-no a dois anos. Depois disso, certamente, teve uma nova condenação? Não, foi posto em liberdade. Compreenda-se isso como se quiser! Ele continuou a viver em seguida, tranquilamente, organizando a actividade clandestina. O artigo destinava-se a pôr em relevo a sua intrepidez.

lugar outra que estendesse uma só orelha para o céu e a outra para a Lu-bianka. Os clérigos da Igreja Viva25, tinham prometido que seria assim, mas sem

ajuda exterior eles não podiam dominar o aparelho religioso. Por essa razão foi preso o patriarca Tikhon e montaram-se dois ruidosos processos, seguidos de fuzilamentos: em Moscovo, o dos propagadores do apelo do patriarca; em Petrogrado, o do metropolita Veniamin, que punha obstáculos à transmissão do poder religioso aos partidários da Igreja Viva. Nas províncias e distritos, aqui e acolá, foram presos os metropolitas e os bispos e logo a seguir aos peixes gordos, chegou, como sempre, a vez dos miúdos: os arciprestes, monges e diáconos, acerca dos quais já a Imprensa nada noticiava. Todos aqueles que não prestavam juramento de fidelidade ao impetuoso movimento renovador da Igreja Viva eram detidos.

Os sacerdotes eram parte obrigatória de cada leva diária e os seus cabelos grisalhos brilhavam de etapa em etapa para Solovki.

Nos primeiros anos da década de 20 caíram também seitas de teósofos, místicos, espiritistas (um grupo como o do conde Pahlen fazia relatórios das suas conversas com os espíritos), sociedades religiosas e filósofos do círculo de Berdiaiev. Entrementes, foram presos e desbaratados os «católicos orientais» (discípulos de Vladimir Soloviov), assim como o grupo

de A. I. Abrikóssova. Quanto aos simples católicos e aos sacerdotes polacos, en-tregavam-se à prisão eles mesmos.

No entanto, o extermínio radical da religião no nosso país, ao longo dos anos 20 e 30, tendo sido um dos objectivos importantes do grupo G.P.U.-N.K.V.D., só poderia ser conseguido com a detenção em massa dos próprios ortodoxos. Apanhavam-se, encarceravam-se e deportavam-se de modo intensivo os frades e freiras, que tanto enegreciam a vida russa. Deti-nham-se e julgavam-se os círculos de fiéis particularmente activos. Estes círculos ampliavam-se sempre e logo eram varridos os crentes, que eram pessoas idosas, sobretudo mulheres, mais obstinadas na sua fé, às quais, durante os longos anos de deportação e de campos de concentração, se passou também a chamar freiras.

Considerava-se, é certo, que todos eram presos e julgados, ao que parece, não pelo seu credo mas por manifestarem convicções em voz alta e por darem uma educação às crianças nesse espírito. Como escreveu Tânia Khodkevitch:

Podes orar livremente, Mas... de modo que só Deus te escute.

A Igreja Viva ou «renovada», foi criada em 1922, em oposição ao patriarca Tikhon, etendendo uma colaboração estreita com o poder soviético, sem ter, contudo, um grande êxito. (N. dos T.) &

(Por este verso, ela foi condenada a dez anos.) As pessoas convictas de possuírem a verdade espiritual deveriam ocultá-la dos... seus filhos!!! A educação religiosa das crianças nos anos 20, passou a ser qualificada como um delito, abrangido pelo artigo 58-10, isto é, como agitação contra--revolucionária! É certo que no tribunal havia ainda a possibilidade de abjurar da religião. Embora não fosse frequente, casos havia em que o pai abjurava e ficava a criar os filhos, enquanto a mãe ia para Solovki (durante todas estas décadas as mulheres revelaram uma grande firmeza de convicção). Todas as religiosas apanhavam dez anos, que era então a condenação mais longa.

(Ao limpar as grandes cidades para a sociedade pura que se avizinhava, foram misturadas nesses mesmos

anos, especialmente em 1927, as freiras com as prostitutas, e também enviadas a Solovki. Às amantes da pecadora vida terrena reservava-se uma leve condenação de três anos. O ambiente das levas, as expedições e a própria Solovki, não as impediam de ganhar a vida na sua alegre profissão, com os chefes e os soldados da escolta, e regressavam ao cabo de três anos, com as suas pesadas malas, ao ponto de partida. Quanto às «religiosas», era-lhes vedada a possibilidade de jamais regressarem aos seus filhos e à sua terra natal.)

Desde os primeiros anos da década de 20 que apareceram correntes puramente nacionais, por enquanto reduzidas, relativamente às respectivas regiões fronteiriças, e ainda mais relativamente às dimensões russas: mus-savatistas do Azerbeijão, dachnakos da Arménia, mencheviques da Geórgia e bassmatches da Turcoménia, que ofereceram resistência à implantação, na Ásia Central, do poder soviético (os primeiros Sovietes de deputados, operários, camponeses e soldados tinham uma maioria numérica de russos e eram interpretados como um poder russo). Em 1926 foi totalmente aprisionada a sociedade sionista Hejaluts, que não

tinha sabido elevar-se até ao irresistível impulso do internacionalismo.

Entre muitos daqueles que pertencem às gerações seguintes firmou-se a ideia de que os anos 20 constituíram uma espécie de orgia de liberdade, que nada limitava. No presente livro havemos de encontrar pessoas que se ressentiram dos anos 20 de maneira absolutamente diferente. Os estudantes sem partido batiam-se nesse tempo pela «autonomia das escolas superiores»; pelo direito de realizar assembleias pela não inclusão nos programas de estudo de um excesso de matérias políticas. Como resposta sobrevinham as detenções, detenções estas que aumentavam nas vésperas das festas (por exemplo, no 1.° de Maio de 1924). Em 1925, um certo número de estudantes de Leninegrado (cerca de uma centena) foram condenados a três anos de prisão, em isolamento «político», pela leitura de O Mensageiro Socialista26 e pelo estudo de Plekhanov (o próprio Plekhanov, quando jovem, por um discurso pronunciado contra o Governo, junto da Catedral de Kazan,

Revista publicada em Paris, de emigrados mencheviques. (N. dos T.)

apanhara muito menos). Em 1925, começaram as detenções dos primeiros (jovens) trotsquistas. Dois ingénuos soldados vermelhos que, seguindo a tradição russa, começaram a angariar fundos para os presos trotsquistas, foram também atirados para prisões políticas e mantidos incomunicáveis. Compreende-se que não escapassem ao golpe as classes exploradoras. Em toda a década de 20 continuou o flagelo de antigos oficiais que tinham escapado com vida: os braços que não tinham merecido o fuzilamento durante a Guerra Civil; os brancos-vermelhos, que haviam lutado dos dois lados, e ainda os czaristas vermelhos, que não tinham servido todo o tempo no Exército Vermelho ou haviam tido interrupções de serviço, não atestadas por documentos. Dizemos flagelo porque não lhes davam logo as condenações, senão que passavam - sempre a paciência! - por verificações intermináveis, tornando-se objecto de limitações no trabalho, no lugar de residência, e sendo detidos, soltos e novamente detidos, até irem gradualmente parar a campos de concentração, donde não voltariam mais.

Entretanto, com o envio de oficiais para o Arquipélago, a solução do problema não ficava concluída, não fazendo mais do que começar: restavam ainda, na verdade, as mães dos oficiais, as suas esposas e filhos. Procedendo a uma análise social infalível, era fácil imaginar qual seria o estado de espírito destes, após a prisão dos chefes de família. Desse modo, provocavam, eles próprios, muito simplesmente, a sua detenção! E eis que a torrente engrossa.

Nos anos 20 houve uma amnistia para os cossacos que participaram na Guerra Civil. Muitos regressaram da ilha de Lemnos ao Kuban e receberam terras. Mas, posteriormente, foram todos detidos.

Os antigos funcionários do Estado, que se tinham escondido, estavam sujeitos a ser agarrados. Eles camuflaram-se habilmente, aproveitando-se do facto de que na República ainda não existia o sistema do passaporte interior nem da caderneta de trabalho, e foram introduzindo-se nas instituições soviéticas. Neste sentido foram de muita ajuda os lapsus linguae, os conhecimentos casuais, as denúncias... perdão, os «relatórios de combate» dos vizinhos. (Por

vezes tratava-se de uma pura casualidade. Um tal Mova, por simples afeição de coleccionador, tinha guardado em casa uma lista dos antigos funcionários jurídicos da província. Em 1925 isso foi descoberto casualmente: todos foram detidos e fuzilados.)

Assim se iam formando torrentes com o fundamento da «ocultação da origem social» e dá «antiga posição social».

Essas expressões eram interpretadas num sentido amplo. Os nobres eram presos por meros indícios de casta. O mesmo se passava com as respectivas famílias. Finalmente, sem grande preocupação de clareza, eram presos também os nobres a título pessoal27 isto é, pessoas que noutros tempos «nobres a título pessoal» (isto é, cuja nobreza era intransmissível) eram todos aqueles que possuíam um grau tanto civil como militar. (TV. dos T.)

pós tinham terminado estudos universitários. E uma vez detidos, não se podia voltar atrás: o que estava feito estava feito. Uma sentinela da Revolução não se engana.

Mas não, há sempre um ou outro caminho para voltar a trás! São as finas e ténues contracorrentes, que às vezes no entanto conseguem irromper. E mencionaremos aqui a primeira. Entre as esposas e filhos de nobres oficiais havia não raramente mulheres que se destacavam pelas suas qualidades próprias e pelo seu aspecto atraente. Algumas souberam talhar para si uma minúscula torrente ao invés — em direcção contrária! Eram todas aquelas que se lembravam de que a vida nos é dada uma só vez e que não há nada de mais querido do que a nossa vida. Ofereceram-se à Tcheka-G. P. U. como informadoras, como colaboradoras, como não importa quê - e as que lhes agradaram foram admitidas. Tornaram-se as informadoras mais proveitosas! Ajudaram muito a G. P. U., que teve enorme confiança nas ditas. Há que citar aqui os nomes da última princesa Via-zemskaia, a mais .notável das denunciantes do período posterior à revolução - o seu filho foi também delator em Solovki —; e o de Concórdia Niko-laievna Iosse, que era, pelos vistos, uma mulher brilhante: o seu marido, um oficial, foi fuzilado na sua frente, e a ela mandaram-na para Solovki, mas acabou por pedir para regressar e, perto da Grande Lubianka, dirigia um salão que as

importantes personagens dessa casa muito gostavam de frequentar. Só em 1937 voltou a ser detida com os seus clientes, Iagoda e quejandos.

É cómico dizê-lo, mas por uma tradição absurda conservava-se a Cruz Vermelha Política da Velha Rússia.28 Havia três secções: a de Moscovo (E. Pechkova, Vinaver); a de Cracóvia (Sandomirskaia) e a de Petrogrado. A de Moscovo portava-se decentemente e até 1937 não foi dissolvida. Mas a de Petrogrado (o velho populista Chevtsov, o coxo Gartman e Kotcherovski) comportava-se de maneira insuportável, insolente, metia-se em assuntos políticos, procurava apoiar-se nos antigos prisioneiros da fortaleza de Chlisselburg (Novorusski, do grupo de Aleksandr Ulianov) e ajudava não só os socialistas, como também os democratas-constitucionais contra--revolucionários. Foi fechada em 1926 e os seus dirigentes presos e deportados.

Os anos passam e o que não se refresca apaga-se nas nossas memórias. Envolto nas brumas da distância, o ano de 1927 é por nós evocado como um ano despreocupado e farto da N. E. P., não suprimida ainda. Mas foi um ano tenso, abalado pelas explosões dos jornais, sendo vivido, como a véspera da guerra,

pela revolução mundial. O assassínio do representante plenipotenciário soviético em Varsóvia inundou as colunas dos jornais, em Junho. Maiakovski consagrou-lhe quatro ribombantes poemas.

Organização de solidariedade aos presos políticos (N. dos T.)

Mas, por pouca sorte, a Polónia apresentou desculpas, e o assassino isolado de Voikov29 foi preso nesse país. Como e contra quem, pois, cumprir o apelo do poeta:

Com união,

firmeza

e repressão,

lancemo-nos a ele,

torçamos-lhe o pescoço!

A quem reprimir? A quem torcer o pescoço? Imediatamente começa a promoção Voikov. Como

sempre, quando há agitações e tensões, são detidos os do costume: os anarquistas, os socialistas revolucionários, os mencheviqúes e ainda a inteligência pura e simples. Na verdade, quem mais deter, nas cidades? Não a classe operária! Mas a intelectualidade «próxima dos cadetes»; essa, já tinha apanhado uns bons safanões, a partir de 1919. Não teria chegado a hora de sacudir a intelectualidade, que se fazia passar por progressista? De passar ao crivo os estudantes? Basta, outra vez, folhear Maiakovski:

Pensa

no Komsomol

dias e noites!

As suas fileiras

examina-as

mais atentamente.

Serão todos

komsomols

de verdade?

Ou serão apenas

komsomols mascarados?

Uma concepção cómoda do mundo dá origem a um cómodo termo jurídico: o de profilaxia social. Ei-lo adoptado, aceite e compreendido imediatamente por todos. (Um dos chefes da construção do canal do mar Branco, Lazar Kogan, di-lo-á desenvoltamente: «Eu acredito que você não é culpado de nada, pessoalmente. Mas é uma pessoa culta e deve, pois, compreender que estamos a realizar uma vasta profilaxia social!») Na realidade, quando deter esses companheiros de viagem inseguros, toda essa intelectualidade vacilante e apodrecida, senão nas vésperas da guerra pela revolução

29 Segundo parece, este monárquico matou Voikov por vingança pessoal: comissário do Comité Regional de abastecimento dos Urais, Voikov teria dirigido, em Junho de 1918, a destruição dos vestígios do fuzilamento da família czarista (esfacelamento e serração dos ossos, cremação e dispersão das cinzas).

mundial? Quando a grande guerra eclodir já será tarde.

E em Moscovo começa uma limpeza planificada, de quarteirão em quarteirão. Em todos os lugares alguém deve ser abarbatado. A palavra de ordem é: «Daremos um murro na mesa tão forte que o mundo estremecerá de horror!» Para a Lubianka, para a Butirki, correm velozes, mesmo de dia, carros celulares, automóveis, camiões fechados e carroças abertas, puxadas por cavalos. Há engarrafamentos nos portões e engarrafamentos no pátio. O tempo não chega para fazer os descarregamentos e os registos. (Sucede o mesmo noutras cidades. Em Rostov do Don, na cave da casa trinta e três, era tal o aperto no chão, nesses dias, que o recém-chegado Boiko quase não encontrou lugar para sentar-se.) Tomemos um exemplo típico dessa torrente: algumas dezenas de jovens organizaram serões musicais, para os quais não pediram a autorização da G. P. U. Ouvem música e bebem chá. Para pagar o chá angariam uns quantos kopecs. É claro que a música constitui uma dissimulação do seu estado de espírito contra-revolucionário e que o dinheiro angariado não é de modo algum para o chá, mas para vir em ajuda da

burguesia mundial agonizante. TODOS eles são presos e condenados de três a dez anos (Anna Skripnikova apanha cinco) e os organizadores que não reconhecem a culpa .(Ivan Nikolaievitch, Varentsov e outros) são FUZILADOS!

Ou então, nesse mesmo ano, reúnem-se, algures, em Paris, os estudantes emigrados, a fim de comemorar a tradicional festa do liceu consagrada a Puschkine. Os jornais deram notícias do facto. Trata-se, evidentemente, de um desígnio do imperialismo, moralmente ferido. E eis que são detidos TODOS os estudantes desse liceu, que restavam ainda na U. R. S. S. e, ao mesmo tempo, os estudantes da Escola de Direito (outro estabelecimento também privilegiado).

A promoção Voikov reduz-se, por enquanto, às dimensões do ELEFANTE - designação especial do Campo de Solovki. Mas o crescimento maligno do Arquipélago de GULAG já tinha começado e bem depressa ele dispersará as suas metástases por todo o corpo do país. .

Provando um novo fruto, surgiu um novo apetite. Há muito que é tempo de destruir a intelectualidade técnica, que tem demasiadas pretensões de ser

insubstituível e que não está habituada a cumprir imediatamente as ordens.

Sejamos claros: nós nunca depositámos confiança nos engenheiros, esses lacaios dos antigos patrões capitalistas. Desde os primeiros anos da Revolução que os colocámos sob um são controle, submetidos à desconfiança da classe operária. Entretanto, no período da reconstrução, mesmo assim nós próprios lhes permitimos que trabalhassem na nossa indústria, concentrando toda a força ofensiva de classe na outra intelectualidade. Mas, à medida que amadurecia a nossa direcção económica (o Conselho de Economia dos Povos de toda a União e o Plano Estatal) e aumentava o número de planos, começando estes a entrar em conflito e a seguir-se uns aos

outros, mais clara se tornava a natureza sabotadora do velho corpo de engenharia, a sua falsidade, astúcia e venalidade. A Sentinela da Revolução franzia mais os sobrolhos e para onde quer que olhasse com os olhos franzidos logo descobria um ninho de sabotagem.

Este trabalho de saneamento pôs-se em marcha no ano de 1927 e logo foi mostrando ao proletariado todas as causas dos nossos fracassos económicos e das nossas carências. No Comissariado dos Transportes do Povo (dos ferroviários) havia sabotagem: por isso era difícil conseguir passagem nos comboios e sucediam-se as interrupções na distribuição de mercadorias. Na União Estatal de Centrais Eléctricas de Moscovo havia sabotagem: por isso verificavam-se cortes de luz. Na indústria petrolífera havia sabotagem: por isso não se conseguia querosene. Na indústria têxtil havia sabotagem: por isso as pessoas que trabalhavam não tinham que vestir. Na indústria do carvão havia uma sabotagem colossal: por isso gelávamos de frio! Na do metal, na de guerra, na de construção de maquinaria, na de construção de barcos, na de química, na de ouro e de platina, na de irrigação — por todo o lado havia abcessos purulentos de sabotagem! Por todos os lados surgiam inimigos com réguas de logaritmos! A G. P. U. sufocava na tarefa de agarrar e de carregar sabotadores. Nas capitais e nas províncias actuavam as comissões de união da Administração Política do Estado e os tribunais proletários, revolvendo essa imundície viscosa e todos os dias soltando ais de

surpresa. Os trabalhadores eram informados (ou não) das últimas bandalhices dos sabotadores, através dos jornais. Soube-se dos casos de Paltchinski, de Von Mekke, de Vielitchko30 e de tantos outros anónimos. Cada ramo da indústria, cada fábrica e cada oficina de artesanato devia detectar a sabotagem que havia no seu seio e logo que se punham em campo imediatamente a descobriam (com a ajuda da G. P. U.). Se algum engenheiro formado antes da Revolução não tinha sido desmascarado como traidor, podia com toda a certeza suspeitar-se de que o era.

E que refinados malfeitores eram estes velhos engenheiros, com que diversidade de manhas satânicas sabiam sabotar! Nikolai Karlovitch von Mekke, do Comissariado dos Transportes do Povo, fingia-se muito devotado à construção da nova economia, falando longa e animadamente acerca dos problemas económicos da construção do socialismo e gostando de dar conselhos. O pior dos seus conselhos foi este: aumentar as composições de mercadorias, não temer que fossem muito carregadas. Por intervenção da G. P. U., Von Mekke foi desmascarado (e fuzilado), pois visava o desgaste das linhas férreas, dos vagões e das locomotivas, de modo a deixar a

República, em caso de intervenção, sem caminhos de ferro. Entretanto, passado

A. F. Vielitchko, oficial engenheiro, antigo professor da Academia Militar, e gene-hete no Ministério da Guerra czarista onde dirigia a administração dos transportes, Foi tado. Ah!, quanta falta nos fez em 1941!

pouco tempo, quando o novo Comissário dos Transportes do Povo, o camarada Kaganovitch, decidiu precisamente autorizar as composições de mercadorias com pesadas cargas, e mesmo duas e três vezes mais pesadas (tendo por essa descoberta, ele e outros dirigentes, recebido a Ordem de Lenine); os maldosos engenheiros intervieram agora já no papel de limitadores (clamavam que isso era demasiado, que desgastava ruinosamente o material rolante, e foram justamente fuzilados pela sua falta de confiança nas possibilidades dos transportes socialistas).

Esses limitadores foram fustigados durante vários anos, pois em todos os ramos da indústria erguiam-se

com as suas formas de cálculo, não querendo compreender como o entusiasmo do pessoal ajuda as pontes e as máquinas. Durante essa época toda a psicologia popular é posta em causa: ridiculariza-se a circunspecta sabedoria de que «depressa e bem não há quem», e volta-se do avesso o velho aforismo de que «devagar se vai ao longe...». A única coisa que dificulta por vezes a prisão dos velhos engenheiros é que não há substitutos preparados. Nikolai Ivanovitch Ladijens-ki, engenheiro-chefe das fábricas de material de guerra de Ijevsk, é primeiro detido pela sua «teoria das limitações», «pela fé cega no coeficiente de segurança» (partindo da qual ele considerava insuficientes as verbas destinadas por Ordjonikidze para a ampliação das fábricas).31 Depois, transformam a prisão em detenção domiciliária, ordenando-lhe que trabalhe no seu antigo posto (sem ele tudo se desmoronava). Ele põe as coisas em ordem. Mas as verbas continuaram a ser, como antes, insuficientes — e eis que de novo vai parar à prisão, desta vez pela «má utilização das verbas»: se elas não chegaram, isso fora devido a que o engenheiro principal as não soube aplicar bem! Ladijenski morre ao fim de um ano, num bosque, condenado ao trabalho de corte de árvores.

Assim, nuns poucos de anos, foi quebrada a coluna vertebral do velho corpo de engenheiros russos, glória do nosso país, que eram os heróis preferidos de Garin-Mikhailovski e Zamiatine.

Compreende-se que nesta leva, como em qualquer outra, fossem arrastadas também outras pessoas, chegadas e relacionadas com os condenados, como por exemplo... não queria manchar a face de bronze dourado da Sentinela, mas tem de ser... os delatores relutantes. Esta torrente, inteiramente secreta, que nunca apareceu em público, pedimos ao leitor que a guarde todo o tempo na memória — especialmente na primeira década revolucionária: então, as pessoas tinham ainda o seu orgulho e muitas não haviam adquirido ainda o conceito de que a moral fosse uma coisa relativa, com um estreito sentido de classe, havendo pessoas que se recusavam corajosamente a prestar o serviço proposto, sendo todas castigadas sem compaixão

■' Conta-se que Ordjonikidze falava com os velhos engenheiros, pondo em cima da sua mesa de trabalho duas pistolas: uma à direita, outra à esquerda.

54

Certa vez convidaram a jovem Magdalina Edjubova para ser espia no círculo de engenheiros, e ela não só se recusou como foi também contar tudo ao seu tutor (devia.espiá-lo a ele próprio): este foi logo detido e nos interrogatórios reconheceu tudo. Edjubova, que estava grávida, foi presa «por revelar uma operação secreta», e condenada ao fuzilamento. Entretanto, acabou por passar vinte e cinco anos na prisão, após uma série de condenações. Nesse mesmo ano de 1927, embora num círculo completamente diferente - entre os destacados comunistas de Cracóvia —, Nadiejda Vitalievna Surovets negou-se também a espiar e a denunciar os membros do governo ucraniano, pelo que foi detida pela G. P. U. e só um quarto de século depois, já meio morta, conseguiu-emergir à tona em Kolima. E sobre os que não conseguiram vir à superfície, sobre esses nada sabemos.

(Nos anos 30, essa torrente de insubmissos reduz-se a zero: uma vez que se exige de alguém ser informador, isso significa que é obrigatório, que não se pode escapar! «Não é com um puxão que se consegue partir a forca.»; «Se não for eu será outro.»;

«Mais vale um bufo bom como eu, do que outro mau.» Além disso, amontoam-se já voluntários para entrar na polícia, havendo-os de sobra: é algo de glorioso, e também vantajoso.)

Em 1928, tem lugar em Moscovo o sensacional processo judicial das ,â minas. Sensacional pela publicidade que lhe é dada, pelas estonteantes congsfissões e pela autoflagelação dos acusados (embora ainda não todos). Ao cabo de dois anos, em Setembro de 1930, são julgados com enorme estrépio os organizadores da fome (São eles! São eles! Ei-los!): quarenta e oito os sabotadores da indústria alimentícia. Em fins de 1930 realiza-se, mais sensacionalmente ainda e já impecavelmente ensaiado, o julgamento do Partido Industrial: aqui, todos os acusados, do primeiro ao último, lançam sobre si mesmos qualquer absurda abjecção e eis que, perante os olhos dos trabalhadores, como um monumento cujo véu caiu, se eleva a maior e mais engenhosa construção de todas as sabotagens jamais descobertas, atribuídas, numa diabólica ligação, a Miliukov, Riabuchinski, Deterding e Poin-caré.

Agora que começamos a penetrar nos meandros da nossa prática judicial, compreendemos que os

julgamentos públicos são simples montes de toupeiras à superfície, quando o essencial da pesquisa se passa subterraneamente. Em tais processos só aparece uma pequena parte dos detidos: apenas aqueles que estiveram de acordo, contra sua vontade, em se denunciarem a si e aos outros, esperançados numa maior indulgência. A maioria dos engenheiros, aqueles que mostravam valentia e sensatez, repeliram o absurdo dos juízes de instrução - e esses foram julgados em silêncio, sendo-lhes aplicados - a eles que não reconheceram a acusação - os mesmos dez anos, pela comissão da G. P. U.

As torrentes fluem no subsolo, pelas canalizações, arrastando a vida florescente da superfície.

E precisamente a partir desse momento que é dado um passo importante

para a participação de todo o povo na canalização, para a distribuição por todo o povo da responsabilidade em relação a ela: aqueles cujos corpos ainda não caíram nas bocas da canalização, aqueles que ainda não foram levados pelos tubos do

Arquipélago - esses devem desfilar à superfície com bandeiras, glorificando a sua sorte e regozijando-se com a repressão judicial. (Isto, por precaução! As décadas passariam, a história recuperaria de novo os sentidos, mas os investigadores, os tribunais e os procuradores não seriam mais culpados do que eu e vós, caros concidadãos! Pois se temos a cabeça coberta de alguns cabelos brancos é porque em tempos votámos decorosamente A FAVOR.)

A primeira prova foi tirada por Staline a propósito dos organizadores da fome — e como é que essa prova não seria concludente, quando todos passavam fome na farta Rússia, quando todos perguntavam por toda a parte por onde é que se extraviara o nosso rico pão? E eis que, em fábricas e instituições, antecipando-se às decisões do tribunal, os operários e os funcionários votam colericamente a favor da pena de morte contra os infames réus. E quando do julgamento do Partido Industrial realizaram-se já comícios e manifestações de toda a população, mobilizando os alunos das escolas. Eram milhões de pessoas marcando o passo e gritando atrás das vidraças do edifício do tribunal: «A morte! À morte! À morte!»

Nesta fractura da nossa história ressoaram vozes solitárias de protesto ou de abstenção: era necessária muita coragem, no meio deste coro de bramidos, para dizer «não!», coragem em nada comparável à facilidade de hoje! (E mesmo hoje não se levantam muitas objecções.) Tanto quanto sabemos, todas essas vozes foram as desses tais intelectuais frágeis, sem espinha dorsal. Na reunião do Instituto Politécnico de Leninegrado, o professor Dmitri Apollinarievitch Rojanski ABSTEVE-SE (ele era, calcule-se, em geral, contra a pena de morte, pois isso seria, como se diz em linguagem científica, um processo irreversível). Ali mesmo foi detido! O estudante Dima Olitski absteve-se, também, e ali mesmo também foi preso! Todos estes protestos foram asfixiados à nascença.

Tanto quanto sabemos, a classe operária, de bigodes já brancos, aprovou essas execuções. Também quanto sabemos, desde os fogosos komso-mols até aos chefes do partido e aos chefes dos exércitos lendários, toda a vanguarda foi unânime na aprovação destas execuções. Célebres revolucionários, teóricos e dirigentes sindicais, sete anos antes da sua morte sem glória, saudavam esse bramido da multidão, sem adivinhar que o seu tempo estava a chegar, que bem

depressa os seus nomes seriam arrastados nesse bramido, aos gritos de «imundície» e de «canalhas».

Entretanto, a caça aos engenheiros terminava precisamente aqui. Em começos de 1931, Iocif Vissarionovitch enunciou as «seis condições» da edificação económica e aprouve à sua alta egocracia indicar como quinta condição: passar da política de repressão da velha intelectualidade técnica a política de atracção e de preocupação com ela.

Preocupação com ela! Por onde se evaporou a nossa justa cólera? Para onde foram varridas as nossas justas acusações? Decorria então o julgamento dos sabotadores da indústria de porcelana (lá também tinha havido imundície!) e já, os acusados, todos à uma, se denegriam a si próprios, confessando-se culpados de tudo, quando, de repente, todos do mesmo modo, exclamaram: «Estamos inocentes!» E libertaram-nos!

(Nesse ano observou-se até uma pequena contracorrente: os engenheiros já condenados ou perseguidos foram restituídos à vida. Foi assim que

regressou D. A. Rojanski. Não se poderá dizer que ele travou um duelo com Staline? Que um povo corajoso e cívico não teria dado azo a que se escrevesse nem este capítulo, nem todo este livro?)

Havia já muito tempo que os mencheviques tinham caído por terra, mas nesse ano Staline voltou a pisá-los (processo público do Comité Federal dos Mencheviques, com Groman-Sukhanov32 e lakubovitch, em Março de 1931, e mais tarde uns quantos dispersos, menos conhecidos, agarrados em segredo), e, subitamente, pôs-se pensativo.

Os povos do mar Branco dizem a respeito da preia-mar: a água põe-se pensativa; isto antes de começar a vazante. Mas é mau comparar a turva alma de Staline com a água do mar Branco. Talvez ele nem se tenha posto, de modo algum, pensativo. Não chegou a haver vazante. Nesse ano teve, contudo, lugar ainda outro milagre. A seguir ao processo do Partido Industrial preparava-se, no ano de 1931, o grandíssimo processo do Partido Camponês do Trabalho: ao que parece, teria existido (mas nunca existiu!) uma enorme força, organizada clandestinamente, da intelectualidade rural, dos activistas das cooperativas de consumo e agrícolas, bem como parte do

campesinato evoluído, que se preparavam para derrubar a ditadura do proletariado. No processo do Partido Industrial já havia sido mencionado o Partido Camponês do Trabalho, que era bem conhecido. O aparelho de investigação da G.P.U. actuava sem falhas: já MILHARES de acusados tinham confessado pertencerem ao Partido Camponês do Trabalho, bem como dos seus fins criminosos. Ao todo, tinham-se indicado DUZENTOS MIL «membros». «À cabeça» do partido destacavam-se o economista agrário Aleksandr Tchaianov, o futuro «primeiro-ministro» N. D. Kondra-tiev, L. N. Makarov, Aleksei Doiarenko, professor da Academia Timiria-zev, futuro «ministro da Agricultura»33. E, de repente, numa bela noite,

32 Trata-se do mesmo Sukhanov, em cujo apartamento, em Petrogrado, na Karpovka, com o seu conhecimento, se reuniu o Comité Central Bolchevista, em 10 de Outubro de 1917, aí tomando a resolução quanto à insurreição armada. (Os guias das excursões mentem agora, ao afirmarem que foi sem seu conhecimento.)

33 Talvez ele tivesse dado melhor conta desse cargo do que aqueles que depois o ocuparam durante quarenta anos. E o que é o destino humano!

Doiarenko tinha-se mantido, por princípio, à margem da política! Quando a sua filha levava a casa estudantes, que manifestavam ideias social-revolucionárias, ele expulsava-os de casa!

Staline MUDOU DE IDEIAS. Porquê, talvez nunca o saibamos. Terá querido rogar pela salvação da sua alma? Era cedo de mais. Ter-se-ia manifestado o seu sentido do humor, dado que verdadeiramente aquilo era tudo tão monótono que estava farto? Ninguém se atreverá a censurar Staline por um tal sentido de humor! O mais provável é ele ter calculado que, em breve, todo o campo iria morrer de fome e não apenas os duzentos mil réus, não valendo, pois, a pena perder tempo. Foi assim suprimido o Partido Camponês do Trabalho e todos os que tinham «confessado» convidados a retractarem-se das confissões feitas (podemos imaginar a sua alegria!), sendo, em vez disso, arrastado ao tribunal só o pequeno grupo Kondratiev-Tchaianov[34]. (No ano de 1941 acusou-se Vavilov, já sem forças, com o fundamento de que o Partido Camponês do Trabalho

existia, e de que ele, Vavilov, o encabeçava secretamente.)

Os parágrafos apertam-se, apertam-se os anos, e não há maneira de enunciar por ordem o que aconteceu (mas a G. P. U. cumpria magnificamente a tarefa! A G. P. U. nada deixava passar!). Não obstante, guardaremos sempre na memória que os crentes são presos sem parar, como é óbvio. (Aqui emergem à superfície algumas datas e pontos culminantes. Por exemplo a «noite de luta contra a religião», na véspera do Natal de 1929, em Leninegrado, quando foi detido um grande número de intelectuais religiosos, e não só até de manhã, sem que se tratasse de um conto de Natal. Por exemplo, ainda na mesma cidade, em Fevereiro de 1932, quando fecharam de vez muitas igrejas, sendo, simultaneamente, efectuadas detenções em massa entre o clero. E muitas outras datas e lugares de que ninguém nos legou traça.) Não se deixa de desbaratar todas as seitas, até mesmo as que são simpatizantes do comunismo. (Assim, em 1929, foram detidos todos os membros, sem excepção, das comunidades estabelecidas entre Sotchi e Khosta. Tudo nelas funcionava ao modo comunista: a produção e a distribuição. E tudo tão

honestamente como nunca o país o conseguirá fazer em cem anos. Mas, ai!, os seus membros eram demasiado cultos e instruídos em literatura religiosa, e a sua filosofia não era ateia, mas sim um misto de baptista, tolstoiana e ioga. Uma COMUNIDADE assim, era criminosa e não podia proporcionar felicidade ao povo.)

Nos anos 20, um importante grupo de tolstoianos foi desterrado para as faldas das montanhas do Altai, tendo ali criado aldeias-comunas juntamente com os baptistas. Quando começou a construção do combinado de Kuznietsk, eles forneciam-lhe comestíveis. Mais tarde, ei-los a ser detidos, a

Condenado ao isolamento prisional, Kondratiev acabou por ficar doente mental e Por morrer. Morreu também Yurovski. Tchaianov, após cinco anos de isolamento, foi desterrado para Alma-Ata, sendo detido novamente em 1948.

começar pelos professores, pois não ministravam o programa estatal: as crianças, aos gritos, corriam

atrás dos carros. Depois, foi a vez dos dirigentes da comunidade.

Assim, as cartas da Grande Paciência dos socialistas continuam, ininterruptamente, a ser distribuídas, como é óbvio, e em 1929 são detidos os historiadores que não foram exilados a tempo para o estrangeiro (Plato-nov, Tarle, Liutovski, Gotie Likhatchov, Ismailov), bem como o destacado crítico literário M. M. Bakhtine.

Os grupos nacionais vão também afluindo, ora de um extremo ora de outro. São aprisionados os yakutos, após a insurreição de 1929. (Foram fuzilados, segundo dizem, cerca de trinta e cinco mil. Não nos é possível verificá-lo.) São aprisionados os kazakos, após o seu heróico esmagamento pela cavalaria de Budióni, nos anos de 1930-31. Em começos de 1930 é processada a União de Libertação da Ucrânia (o Prof. Efriemov, Tchekhovski, Nikovski e outros), e sabendo nós quais as proporções entre o que é divulgado e o que é secreto, quantos não haverá por detrás destes? Quantos haverá que foram presos às escondidas?

E aproxima-se, lentamente, mas aproxima-se, a vez de meter na prisão os membros do partido dirigente! Para já, em 1927-29, é «a oposição operária», ou os trotsquistas, que elegeram um leader desafortunado. Por enquanto, são algumas centenas, mas bem depressa serão milhares. O mais difícil é começar! Assim como estes trotsquistas assistiram tranquilamente à detenção dos membros dos outros partidos, de igual modo o resto do partido assiste com aprovação à detenção dos trotsquistas. A cada um a sua vez. Depois, virá a imaginária oposição da «direita». Devorando os membros, um após outro, a partir da cauda, chega-se com as fauces até à própria cabeça.

A partir do ano de 1928 é a hora do ajuste de contas com os restos da burguesia — os nepmen (comerciantes e negociantes que desenvolveram a sua actividade durante a Nova Política Económica). O mais frequente é que lhes imponham contribuições cada vez mais elevadas, e já superiores às suas possibilidades, até ao momento em que se negam a pagar, sendo logo detidos por insolvência e confiscando-se-lhes os bens. (Aos pequenos artesãos:

barbeiros, alfaiates, reparadores de fogareiros a petróleo, apenas os privavam da patente.)

No engrossamento da torrente dos nepmen há um interesse económico. O Estado necessita de bens, necessita de ouro, e a Kolima ainda não existe. Com o ano de 1929 começa a célebre febre do ouro. Só que a febre ataca não aqueles que o buscam, mas aqueles a quem é extorquido. A particularidade desta nova torrente «do ouro» consiste em que todos estes patos riào são acusados pela G. P. U. propriamente de nada, estando esta disposta a não enviá-los para o Arquipélago de GULAG, desejando apenas arrancar--lhes o ouro pelo direito do mais forte. É por isso que os cárceres estão repletos e os comissários instrutores extenuados. As expedições, as prisões de

trânsito e os campos de concentração recebem um reforço proporcionalmente menor.

Quem é que é preso nesta corrente «do ouro»? Todos aqueles que, alguma vez, nos últimos quinze anos, tiveram algum «negócio», comércio, ou trabalharam por sua conta, podendo ter guardado ouro, segundo

pensa a G. P. U. Mas, justamente, acontecia com muita frequência que eles não tinham ouro algum: os seus bens móveis e imóveis, tudo se derretera, tudo fora confiscado pela Revolução, nada mais restando. Com enorme esperança são detidos, naturalmente, os joalheiros e relojoeiros. Através da denúncia, pode ter-se conhecimento da existência de ouro nas mãos mais inesperadas: um operário «cem por cento», não se sabe como, conseguiu arranjar e guardar sessenta moedas de ouro de cinco rublos cada, dos tempos de Nikolai; o conhecido guerrilheiro siberiano Muraviov chegou a Odessa trazendo consigo uma bolsinha de ouro; os cocheiros de cavalos tártaros de Leninegrado todos eles têm ouro escondido. Se isso é verdade ou não, só será possível esclarecê-lo na prisão. E já não pode servir de atenuante nem a condição de operário, nem os méritos revolucionários daquele sobre quem caiu a sombra da denúncia do ouro. Todos são detidos, metidos em celas da G. P. U., em quantidades que até hoje pareciam impossíveis — mas assim é melhor, mais depressa o hão-de dar\ Chega-se até à promiscuidade de pôr mulheres e homens nas mesmas celas, fazendo as suas necessidades uns diante dos outros, num balde. Quem repara nessas bagatelas! Para cá o ouro, vilões!

Os comissários instrutores não redigem processos verbais, porque esses papéis não são precisos para nada, e se vão condená-los ou não, isso pouco importa a quem quer que seja. O importante é isto: para cá o ouro, malvado! O Estado necessita do ouro, e a ti para que te serve? Aos comissários instrutores já lhes falecem a garganta e as forças para proferir ameaças e aplicar torturas, mas há um procedimento geral: servir nas celas, apenas comida salgada e não dar água a beber. Só aqueles que entregarem ouro é que bebem água! Dez rublos por um copo de água!

Os homens morrem pelo metal...35

Esta leva diferencia-se das anteriores, como das posteriores, pelo facto de que senão a metade, pelo menos uma parte desta torrente tem o seu destino vacilante nas suas próprias mãos. Se, na realidade, não tens ouro, a tua situação não tem saída: vão espancar-te, queimar-te, e abrasar-te até à morte ou até que efectivamente te acreditem. Mas se tens ouro, então és tu próprio que determinas a medida das torturas, a medida da tua resistência e o teu futuro. De resto, isto não é mais fácil, mas mais difícil, porque te enganas e sempre te sentirás culpado perante ti próprio. Naturalmente,

,5 Verso do libreto russo do Fausto, de Gounod. (N. dos T.)

aquele que já assimilou os hábitos desta instituição, cede e entrega o ouro: é isso o mais simples. Mas não se pode dá-lo demasiado facilmente, pois assim não acreditarão que o deste todo, e vão guardar-te ainda. Mas dá-lo demasiado tarde também não é possível: arriscas-te a perder o que tens de mais querido e a que, de raiva, te preguem com uma condenação. Um desses tártaros cocheiros resistiu a todas as torturas: «Não tenho ouro!» Então, prenderam a mulher e torturaram-na, mas o tártaro insistia na sua declaração: «Não tenho ouro!» Prenderam a filha: o tártaro não resistiu e deu cem mil rublos. Então, libertaram a família e infligiram-lhe uma condenação. As mais grosseiras aventuras da literatura policial e das operetas de bandoleiros foram levadas à prática, à escala de um grande Estado.

A introdução do sistema do passaporte interior, no limiar dos anos 30 36, trouxe consideráveis reforços aos campos de concentração. Tal como Pedro I

simplificou a estrutura da população, varrendo todas as frinchas e interstícios entre a aristocracia, assim procedeu o nosso sistema socialista do passaporte: ele varreu precisamente os insectos intermédios37, atingindo a parte da população mais astuciosa, sem domicílio e sem base de apoio. E, de início, as pessoas cometeram bastantes erros com esses passaportes: aqueles que não registavam nem notificavam a sua mudança de domicílio iam parar ao Arquivo, ainda que fosse por um só anito.

Assim iam borbulhando e mandando as torrentes, mas por cima de todas elas rolou e precipitou-se, nos anos de 1929-30, essa leva de milhões e milhões, que foi a liquidação dos kulaks. Como era desmedidamente grande, não podia conter-se sequer na já desenvolvida rede de cárceres (que, além disso, estava superlotada com a torrente do «ouro»), mas contornou-a, indo parar imediatamente aos campos de trânsito, às expedições de prisioneiros, ao Arquipélago de GULAG. Desbordando de uma só vez, com a sua enchente, esta torrente (este oceano!) extravasava para lá dos limites de tudo o que pode permitir-se num sistema judiciário e prisional, mesmo de um Estado enorme. Não havia termos de

comparação em toda a história da Rússia. Tratava-se de uma migração de povos; de uma catástrofe étnica. Mas os canais da G.P.U.-GULAG estavam tão judiciosamente traçados que as cidades nada teriam notado, se não tivessem estremecido

36 Para fixar residência, os soviéticos devem obter a chamada propisca (autorização policial). E para mudar de residência têm de pedir a vipiska (igualmente uma autorização da polícia) sem a qual não o podem fazer.

Com o passaporte interior, os soviéticos podem viajar por todo o país, mas ao chegar a qualquer localidade, inclusive de férias, devem comunicar o facto, obrigatoriamente, no prazo de vinte e quatro horas, à polícia local. Por essa permanência, onde não têm residência fixa, pagam um tanto em dinheiro. (N. dos T.)

Alusão irónica e metafórica à definição leninista dos intelectuais como «classe intermediária.., «sem personalidade económica... (N. dos T.)

com uma fome de três anos, uma fome sem seca e sem guerra.

Esta torrente diferenciava-se ainda de todas as precedentes, pelo facto de que neste caso não havia demasiadas preocupações em agarrar primeiro o chefe de família e ver depois o que haveria que fazer ao resto da prole. Pelo contrário, aqui não se reduziam, num ápice, a cinzas senão lares completos; não se agarrava senão famílias inteiras e velava-se mesmo zelosamente para que nenhuma das crianças de catorze, de dez ou de seis anos escapasse: todos deviam ir para um e mesmo sítio, a fim de conhecerem uma exterminação comum. (Esta foi a PRIMEIRA experiência deste tipo, em todo o curso da história moderna. Hitler repetiu-a depois com os judeus, e, outra vez, de novo, Staline com as nações infiéis e suspeitas.)

Esta torrente englobava só uma parte insignificante daqueles kulaks, cujo nome foi utilizado para desviar a atenção. Em russo chamava-se kulak ao mesquinho e desonesto traficante rural, que enriquece não com o seu trabalho, mas através da usura e do comércio. Em cada localidade, até à Revolução, eles eram casos isolados e a Revolução privou-os, em geral, do terreno

em que podiam exercer a sua actividade. Mas, logo a seguir ao ano 17, por uma transferência de significado, passou-se a designar por kulaks (na literatura oficial e de agitação; daqui, deslizando para a linguagem usual) todos aqueles que, normalmente, empregavam trabalhadores agrícolas assalariados, mesmo devido a insuficiências temporárias das suas famílias. Não percamos de vista que depois da Revolução era impossível que qualquer trabalho destes não fosse pago na sua justa medida: os interesses dos assalariados eram salvaguardados pelos comités de camponeses pobres e pelo Soviete da aldeia; ai daquele que tentasse lesar a jorna de um trabalhador agrícola! O trabalho assalariado, pago com justiça, é permitido ainda hoje no nosso país.

Mas a dilatação do fustigante termo de kulak alargou-se irresistivelmente e no ano 30 designava-se já através dele TODOS OS CAMPONESES ECONOMICAMENTE FORTES: e não só fortes quanto à exploração, mas fortes quanto ao trabalho e até simplesmente quanto às suas convicções. O apodo kulak era utilizado para quebrantar A FORÇA. Recorde-mo-nos e recobremos os espíritos: tinha decorrido apenas doze anos desde o grande Decreto

da Terra, esse mesmo sem o qual o campesinato não teria seguido os bolcheviques nem a Revolução de Outubro teria triunfado. A terra foi distribuída por um certo prazo e POR IGUAL. Havia só nove anos que os mujiques tinham regressado do Exército Vermelho e se tinham lançado sobre a terra conquistada. E, de repente, começou a falar-se de kulaks e de camponeses"pobres. De onde provinha isso? Às vezes da situação, afortunada ou não, da família. Mas não seria, antes de mais, da tenacidade e da capacidade de trabalho? E eis que estes mujiques, que produziam o pão que a Rússia comia no ano de 1928, foram arremetidos e desarraigados dos

SpUr lugares Pelos camponeses falhados e pelos que chegavam das cidades. Enfurecidos, perdendo todo o conceito de «humanidade» elaborado ao

longo de milénios, estes puseram-se a prender os melhores produtores cerealíferos, juntamente com as suas famílias, tirando-lhes os bens, e lançan-do-os nus para a tundra e para a taiga desabitadas do Norte.

Este movimento de massas não podia deixar de se complicar. Era necessário livrar também a aldeia daqueles camponeses que não manifestavam simplesmente desejo de entrar no kolkhoz; que não revelavam inclinação para a vida colectiva, deles desconhecida, suspeitando (sabemos agora com que fundamento) que ela traria o poder aos preguiçosos, o trabalho compulsivo e a fome. Era necessário desfazer-se também daqueles camponeses (por vezes nada ricos) que, pela sua audácia, força física e espírito de decisão, pelo calor da sua intervenção nas assembleias e pelo seu amor à justiça, gozavam da consideração dos seus conterrâneos, tornando-se, pela sua independência, perigosos para a direcção de kolkhozes38. E em cada aldeia havia também aqueles que PESSOALMENTE levantavam estorvos aos activistas locais. Por ciúmes, inveja ou despeito era esse o momento mais propício para um ajuste de contas. Para designar todas estas vítimas era necessária uma nova palavra e ela surgiu. Nela já nada havia de «social», nem de económico, mas soava magnificamente: «És chegado dos kulaks», isto é, considero que tu és um auxiliar do inimigo. E isso basta! Até ao mais andrajoso trabalhador agrícola, era

inteiramente possível incluí-lo entre os chegados aos kulaksl39

Foi assim que, com duas palavras, se atingiram todos aqueles que constituíam a essência da aldeia, a sua energia, a sua inteligência viva e capacidade de trabalho, a sua resistência e consciência. Eles foram afastados e a colectivização levada a cabo.

Mas na aldeia colectivizada fluíram também novas torrentes: a torrente dos sabotadores da agricultura. Por todos os lados se começaram a descobrir agrónomos sabotadores, que tinham trabalhado toda a vida, até esse ano, honradamente, mas que agora faziam crescer premeditadamente ervas nocivas nos campos russos. (Bem entendido por indicações do Instituto de Moscovo, agora completamente desmascarado. Tratava-se precisamente daqueles mesmos duzentos mil membros do Partido Camponês do Trabalho que não foram presos!) Certos agrónomos não cumprem as directrizes profundamente inteligentes de Lissenko (foi numa torrente assim que, no ano de 1931, foi enviado para o Casaquestão o «rei» da batata, Lorch). Outros cumprem-nas com pouca subtileza e revelam com isso a sua estupidez. (Em 1934 os agrónomos de Pakov semearam linho na

neve, justamente como tinha ordenado Lissenko. As sementes incharam, cobriram-se de bolor e morreram. Vastos campos permaneceram incultos durante um ano.

38 Este tipo de camponês e o seu destino estão retratados de modo imortal, por Stepan Tchaussóv na novela S. Zaliguin.

•9 Recordo-me que esta palavra, na nossa juventude, nos parecia inteiramente lógica e nada confusa.

Lissenko não podia dizer que a neve era kulak, ou que ele próprio era idiota. Acusou os agrónomos de serem kulaks e de terem tergiversado na aplicação da sua tecnologia. E os agrónomos foram levados para a Sibéria. De resto, em quase todas as estações de tractores e máquinas agrícolas descobriram-se sabotagens dos tractores, e, assim, eram explicados os fracassos dos primeiros anos nos kolkhozes!)

- A torrente «por perdas da colheita» (mas estas «perdas» eram calculadas relativamente aos números

arbitrários, estipulados na Primavera pela «comissão de determinação da colheita»);

- A torrente «pelo não cumprimento das obrigações de entrega de cereal ao Estado» (o comité de zona do Partido comprometeu-se, mas o kolk-hoz não cumpriu: prisão com ele!);

- A torrente dos cortadores de espigas. O corte manual nocturno de espigas, no campo, tornou-se um aspecto completamente novo de ocupação agrícola e um tipo inédito de ceifa das searas! Não foi uma torrente nada pequena: muitas foram as dezenas de milhares de camponeses, frequentemente não homens nem mulheres, mas rapazes e raparigas, garotos e garotas, que os adultos mandavam pela noite cortar espigas, porque não tinham esperança de receber do kolkhoz nada pelo seu trabalho diário. Por esta ocupação, amarga e pouco tentadora (nos tempos de servidão, os camponeses não chegaram a tal necessidade), os tribunais aplicavam pesadas penas: dez anos, por atentado perigoso à propriedade socialista, nos termos da famosa lei de 7 de Agosto de 1932. (Em linguagem da prisão «lei de sete do oito».)

Esta «lei de sete do oito» proporcionou ainda, paralelamente, a grande torrente das construções do primeiro e do segundo plano quinquenal, dos transportes do comércio e das fábricas. A N. K. V. D. recebeu ordem de se ocupar dos grandes desfalques. Esta torrente tem de ser levada, de futuro, em conta, como fluido em permanência, de modo especialmente abundante durante os anos de guerra, portanto durante quinze anos (até 1947, data em que será ampliada e tornada mais rigorosa).

Finalmente, podemos respirar! Vão cessar, enfim, todas as torrentes massivas! O camarada Molotov declarou em 17 de Maio de 1933: «Não consideramos que a nossa tarefa seja a repressão de massas.» Pois bem, já era tempo. Acabaram as angústias nocturnas! Mas que ladrar de cães é esse? Agarra! Agarra!

Poise! Começou a torrente Kirov, de Leninegrado, onde a tensão foi considerada tão grande que se instalaram quartéis-generais da N. K. V. D. em cada comité executivo dos Sovietes de bairro, pondo-se em vigor um procedimento judicial «mais acelerado» (anteriormente, ele já não primava Pela lentidão) e sem direito a apelo (anteriormente, tão-pouco se apelava já da sentença). Calcula-se que uma quarta

parte da população de Leninegrado foi limpa em 1934-35. Esta apreciação, que a desminta aquele que tem em seu poder os números exactos, e que os forneça. (Aliás, esta torrente

não se limitou a Leninegrado, repercutindo-se na forma habitual por todo o país, embora de maneira incoerente: foram por ela apanhados aqueles que ainda se mantinham aqui e ali - os filhos de sacerdotes, as mulheres da antiga nobreza e as pessoas que tinham familiares no estrangeiro.)

Nestas espraiadas torrentes, que inundavam tudo, perdiam-se sempre modestos e invariáveis riachos que não se precipitavam com estrépido, mas iam fluindo, fluindo, sem fim:

- Os austríacos, membros do Shutzbund[40], que perderam as lutas de classe em Viena e vieram, para salvar-se, refugiar-se na pátria do proletariado mundial;

- Os esperantistas (essa gente nociva era dizimada por Staline nos mesmos anos em que Hitler o fazia);

- Os fragmentos que restavam da Sociedade Filosófica Independente, dos círculos de filosofia ilegais;

- Os professores que discordavam do ensino avançado, pelo método das brigadas de laboratórios (em 1933, Natália Ivanovana Bugaienko foi detida pela G.P.U. de Rostov, mas ao fim do terceiro mês da instrução do processo houve uma resolução, declarando que este método era vicioso e ela foi libertada);

- Os colaboradores da Cruz Vermelha Política, que, graças aos esforços de Ekaterina Pechkova41 ainda defendia o direito à sua existência;

- Os montanheses do Cáucaso, setentrional, insurgidos em 1935. As nacionalidades continuam a fluir, vindas do extremo ou de outro país. (Na construção do canal do Volga publicam-se jornais nacionais em quatro idiomas: tártaro, turcomenq, usbeque e kazako. Há pois quem os leia!);

- E de novo os crentes que não querem trabalhar aos domingos (tinha sido introduzida a semana de cinco dias42; os kolkhozianos eram sabotadores, por não trabalharem nos dias de festas religiosas, conforme

estavam habituados nos tempos do trabalho individual);

- Ainda sempre os que se negavam a ser informadores da N.K.V.D. (aqui eram abrangidos os padres que guardavam o segredo da confissão: os órgãos compreenderam rapidamente quanto útil seria para eles saberem o conteúdo das confissões, a única coisa para que servia a religião);

- As seitas religiosas, que são detidas cada vez em maior número; — E a Grande Paciência dos socialistas continua a mudar as cartas.

40 Movimento de Fevereiro de 1934. (N. dos T.)

41 Esposa de Máximo Gorki. (N. dos T.)

- Era uma semana de cinco dias de trabalho, repousando-se ao sexto, independentemente do dia da semana. (N. dos T.)

Finalmente, havia a torrente do décimo parágrafo, que não foi mencionado uma só vez, mas que flui constantemente, intitulado, aliás, K.R.A. (Agitação

Contra-Revolucionária), ou ainda A.S.A. (Agitação Anti-Soviética). Talvez seja ela a mais estável de todas, pois não estancou nunca, e nos períodos das outras grandes torrentes, como nos anos 37, 45 ou 49, cresceu mesmo em vagas particularmente caudalosas43.

Por paradoxal que pareça, em todos os seus longos anos de actividade, os eternamente vigilantes e sempre penetrantes órgãos tiraram a sua força de UM SÓ artigo dos cento e quarenta e oito do capítulo especial (não comum) do Código Penal de 1926. Mas para fazer o elogio desse artigo é possível encontrar ainda mais epítetos do que aqueles que, em tempos, Turgueniev escolheu para a língua russa, ou Niekrassov para a Mãe--Rússia:44 grande, potente, abundante, ramificado, diversificado, devastador, o artigo 58 é um mundo completo, não só na formulação dos seus parágrafos, mas também quanto à sua interpretação ampla e dialéctica.

Quem de entre nós não sofreu na sua carne o seu sempre envolvente abraço? Na realidade, não existe debaixo dos céus infracção, intenção, acção ou inacção, que não possa ser castigada pela mão de ferro do artigo 58.

Formulá-lo tão amplamente era impossível, mas tornou-se possível interpretá-lo dessa maneira.

O artigo 58 não faz parte, no Código, do capítulo respeitante aos delitos políticos e em lugar algum está escrito que seja «político». Não. Ao lado dos crimes contra a ordem governamental e do banditismo ele encontra-se incluído no capítulo dos «crimes contra o Estado». Assim, o Código Penal começa por se negar a reconhecer que no nosso território haja delinquentes políticos, estipulando que há unicamente criminosos.

O artigo 58 constava de Catorze parágrafos.

Pelo primeiro parágrafo sabemos que se considera como contra--revolucionária qualquer acção (pelo artigo 6.° do Código Penal pode tratar-se de inacção) tendente... a debilitar o Poder...

A partir de uma interpretação ampla, resulta que a recusa, num campo de concentração, de ir trabalhar, quando se está faminto e extenuado,

Esta torrente atingia qualquer pessoa em qualquer instante. Mas, para os intelectuais conhecidos, nos anos 30, cozinhava-se às vezes algum delito infamante, como o de concupiscência; por exemplo o Prof. Pletniev, ao ficar a sós com as pacientes, mordê-

las-ia nos seios. Isto era escrito num jornal central. Que se experimentasse refutá-lo!

Cf. o poema (em prosa) A Língua Russa, de Turgueniev, e o poema Quem Gosta de Viver na Rússia?, de Dekrassov. (N. dos T.)

tende a debilitar o Poder. E isso acarreta fuzilamento. (Veja-se o fuzilamento dos que «recusavam o trabalho», durante a guerra45.)

A partir de 1934, quando nos foi devolvido o termo de «Pátria», foi aqui que foram inseridas as alíneas de traição à Pátria: 1-a, 1-b, l-c, 1-d. Segundo estas alíneas, as acções realizadas em prejuízo do poder militar da União Soviética são castigadas com o fuzilamento, (1-b); e só no caso de circunstâncias atenuantes e tratando-se de civis (1-a), com dez anos.

Considerando que os nossos soldados, ao tornarem-se prisioneiros (por ofensas ao poder militar!), apanhavam só um total de dez anos, isso era um gesto humanitário que ia contra a lei. De acordo com

o código estaliniano; à medida que regressavam à pátria deveriam ser todos fuzilados.

(Outro exemplo de interpretação ampla: recordo-me bem de um encontro na prisão de Butirki, no Verão de 1946. Tratava-se de um polaco nascido em Lemberg, quando esta fazia parte do império austro--húngaro. Até à Segunda Guerra Mundial, ele viveu na sua cidade natal, na Polónia. Depois foi para a Áustria, onde estava empregado, e ali foi preso pelos nossos no ano de 1945. Foi condenado a dez anos, segundo o artigo 54-1 do código ucraniano, ou seja, por traição à sua pátria, a Ucrânia, já que a cidade de Lemberg tinha passado a ser a cidade ucraniana de Lvov! E o pobre não pôde demonstrar, nos interrogatórios, que não tinha ido para Viena com a intenção de trair a Ucrânia! Ele ficou cheio de raiva de o tomarem como traidor.) Outra importante extensão do parágrafo sobre traição é a sua aplicação «por referência ao artigo 19 do código ucraniano»: «Com intenção.» Isto é, não houve traição alguma, mas se o juiz de instrução considerou que houve intenção de trair, isso foi suficiente para aplicar a pena máxima, completa, como se se tratasse, de facto, de traição. É certo que o artigo 19 se propõe

castigar não a intenção, mas a preparação: segundo uma compreensão dialéctica da intenção pode-se entendê-la como preparação. E «a preparação é castigada de igual modo, (ou seja, com a mesma pena) que o próprio delito» (código ucraniano). De um modo geral: «Nós não fazemos diferença entre a intenção, e o próprio delito e nisto reside a superioridade da legislação soviética sobre a burguesa!46»

O segundo parágrafo refere-se à insurreição armada, à tomada do poder

45 Referência aos objectores de consciência. (N. dos T.)

46 Das Prisões às Instituições Educativas. Colectânea do Instituto de Política Penal, redigida sob a direcção de Vichinski. Editora Legislação Soviética, Moscovo, 1934, pág. 36.

central ou local e, cm particular, à separação, pela violência, de qualquer parte da União das Repúblicas.

Por tais factos, a pena aplicável vai até ao fuzilamento (como em CADA UM dos parágrafos seguintes)-

Extrapolando (não se podia escrever isso no artigo, mas é logo ditado pela concepção revolucionária do direito), entra neste caso qualquer tentativa de sair da União. Mas «violentamente» não indica em relação a quem. Mesmo que toda a população da República quisesse separar--se, se em Moscovo fossem contra a separação já seria violenta. Desta forma, todos os nacionalistas estonianos, letonianos, lituanos, ucranianos e turcomenos foram com grande facilidade condenados, por aplicação desse parágrafo, a dez e a vinte cinco anos.

O terceiro parágrafo refere-se à «ajuda prestada, por qualquer forma, a um estado estrangeiro que se encontre em guerra com a U.R.S.S.».

Este parágrafo dava a possibilidade de processar QUALQUER cidadão que, em território ocupado, tivesse pregado um salto à bota de um militar alemão ou lhe tivesse vendido um molhinho de rabanetes; ou uma cidadã que tivesse elevado o moral combativo do ocupante, dançando ou passando uma noite com ele. (Nem todos FORAM condenados por aplicação deste

parágrafo, dada a abundância de pessoas que estiveram em território ocupado); mas qualquer pessoa PODIA ser julgada em função dele.

O quarto parágrafo referia-se à ajuda (fantasiosa) prestada à burguesia internacional.

Aparentemente, quem pode ser incluído aqui! Fazendo uma leitura ampla, com a ajuda da consciência revolucionária, encontrava-se facilmente toda uma categoria de pessoas: todos os emigrados que, tendo abandonado o país anteriormente a 1920, ou seja, uns anos antes da redacção desse mesmo código, fossem apanhados pelas nossas tropas na Europa ao fim de um quarto de século (1944-45), viam-lhes aplicado o 58-4: dez anos, ou o fuzilamento. Pois que faziam eles no estrangeiro senão prestar ajuda à burguesia mundial? (Outro exemplo dessa ajuda já nós o conhecemos: o de um grupo musical dentro da própria U.R.S.S.) Podiam também prestá-la todos os socialistas revolucionários; todos os mencheviques (a isso se destinava precisamente o artigo) e, mais tarde, os engenheiros do Plano Estatal e do Conselho Económico de toda a União Soviética.

Parágrafo quinto: incitação a que um estado estrangeiro declare a guerra à U.R.S.S.

Um caso que se deixou passar em branco: alargar o campo de aplicação deste parágrafo a Staline e ao seu círculo diplomático e militar, nos anos de 1940-41. A sua cegueira e insensatez foi a isso que conduziram.. Quem senão eles arrastaram a Rússia para vergonhosas e nunca vistas derrotas, sem comparação alguma com as derrotas da Rússia czarista nos anos de 1904 ou 1915? Derrotas como as que a Rússia não conhecia desde o século XIII?[47]

Parágrafo sexto: a espionagem.

Foi interpretado com tal amplitude que, se se contassem todos os que, por virtude dele, foram condenados, seria possível chegar à conclusão de que, nos tempos de Staline, a subsistência do nosso povo não se apoiava na agricultura, nem na indústria, nem em qualquer outra coisa, senão na espionagem estrangeira, vivendo-se do dinheiro proveniente das informações. A espionagem era algo de muito cómodo pela sua simplicidade, e compreensível tanto para o

delinquente pouco evoluído como para o jurista culto, o jornalista e a opinião pública48. A amplitude da interpretação consistia também em que não se julgava alguém directamente por espionagem, mas sim por:

— PE: presunção de espionagem (ou espionagem não provada, o que dava lugar à aplicação fatal da pena!);

— LCSE: ligações conducentes (!) à suspeita de espionagem; ou seja, por exemplo, o facto de a amiga de uma amiga da sua mulher mandar fazer um vestido à mesma modista (naturalmente colaboradora da N.K.V.D.) que a esposa de um diplomata estrangeiro.

E esta categoria do 58-6, PE (presunção de espionagem) e LCSE (ligações conducentes à suspeita de espionagem), eram parágrafos contagiosos, que exigiam um regime severo, uma vigilância alerta (pois os serviços de informação estrangeiros podiam estender os seus tentáculos ao seu protegido, até ao interior do campo de concentração), implicando a proibição da escolta em grupo. Em geral, todos estes artigos-siglas, isto é, não propriamente artigos, mas assustadoras combinações de maiúsculas (neste

capítulo ainda iremos encontrar outras), arrastavam constantemente consigo um halo de mistério. Era impossível compreender se se tratava de ramificações

47 Época das invasões mongólicas. (N. dos T.)

E possível que a mania da espionagem não fosse só uma estreiteza mental de Staline. Ela tornou-se cómoda para quantos desfrutavam de privilégios. Passou a ser a justificação natural da política do segredo, que já amadurecia, da proibição da informação, do sistema da porta fechada, do passe das datchas vedadas e dos centros secretos de distribuição. O povo não podia penetrar através das defesas blindadas da espionite, nem observar como a burocracia se arranjava para mandriar, errar, comer e divertir-se.

do artigo 58 ou de algo independente e muito perigoso. Os detidos ao abrigo de artigos-siglas eram mais perseguidos, em muitos campos, do que os do artigo 58.

Parágrafo sétimo: actividades nocivas à indústria, aos transportes, ao comércio, à circulação fiduciária e às cooperativas.

Nos anos 30, este parágrafo esteve muito em voga e abrangeu massas inteiras sob a designação simplificada, e a todos acessível, de nocividade. Efectivamente, todos os ramos citados no parágrafo sétimo, pioravam de dia para dia a olhos vistos e devia haver culpados disso. Durante séculos, o povo construíra, criara tudo sempre honradamente, mesmo sendo para os senhores. Desde os tempos de Rtarik49 que não se tinha ouvido falar de qualquer nocividade. E eis que, quando, pela primeira vez, os bens passaram a ser propriedade do povo, centenas de milhares dos seus melhores filhos se lançaram inexplicavelmente a actividades nocivas. (O parágrafo sob nocividade não estava previsto para estender-se à agricultura, mas desde que era impossível explicar de forma sensata porque é que os campos se enchiam de ervas daninhas, as colheitas diminuíam, as máquinas se quebravam, a subtileza dialéctica introduziu-o lá também.)

Parágrafo oitavo: o terror (não se tratava daquele terror que devia «fundamentar e legalizar» o Código Penal soviético50, mas do terror exercido pela base).

O terror era entendido de um modo particularmente extensivo: não significava simplesmente colocar bombas debaixo do carro dos gover-nadores4 mas, por exemplo, esbofetear a seu médico pessoal, se este era do Partido, ou ainda o komsomol ou o miliciano activista; isso era já terror. Com mais forte razão o assassínio de um activista nunca se podia comparar com o assassínio de um homem comum (o mesmo que no código de Hamurabi, no século XIII antes da nossa era). Se o marido matava o amante da sua mulher, e acontecia este não ser do Partido, era uma sorte para o marido, pois aplicava-se-lhe o artigo 136: tratava-se de um criminoso comum, socialmente próximo, e podia ser deixado sem escolta. Mas se o amante calhava ser do Partido, o marido convertia-se num inimigo do povo e era julgado segundo o artigo 58-8. Chegava-se a uma ampliação ainda mais lata do conceito, através da aplicação do parágrafo oitavo, com referência ao já mencionado artigo 19, ou seja, através da preparação, entendida como intenção. Não só

4" Príncipe que reinou na segunda metade do século IX, na Rússia de Kiev. (N. dos T.) 50 Lenine, 5.a edição, tomo 45, pág. 190.

uma ameaça directa proferida numa cervejaria. («Espera, que já apanhas!»), dirigida a um activista, mas uma observação feita por uma rabujenta vendedora do mercado («Ah, que te leve a peste!»), era qualificada como IT, intenções terroristas, e dava fundamento à aplicação do artigo com toda a severidade51.

Parágrafo nono: destruição ou deterioração... causadas por explosão ou incêndio (infalivelmente com um objectivo contra-revolucionário). Ou mais sucintamente: sabotagem.

A ampliação consistia em imputar-se a estes factos uma intenção con-tra-revolucionária (o juiz de instrução sabia bem o que se passava na cabeça do delinquente!). Qualquer negligência humana, erro, ou fracasso no trabalho e na produção era imperdoável, sendo tudo isso encarado como sabotagem.

Mas nenhum parágrafo do artigo 58 se interpretava tão amplamente e com uma tal chama de consciência revolucionária, como o décimo: «A propaganda ou a agitação, contendo um apelo ao derrubamento, ao abalo ou ao enfraquecimento do poder soviético... assim como a difusão, preparação ou posse de literatura desse tipo.» Este parágrafo estabelecia em tempo DE PAZ apenas o limite mínimo da pena (não muito baixo! Não demasiado suave!), enquanto o máximo NÂO ERA LIMITADO! Tal era a altivez do Grande Poder, perante a PALAVRA do seu súbdito.

As mais célebres extensões deste célebre parágrafo eram:

— Por «agitação, contendo um apelo» podia entender-se uma conversa entre amigos (e até entre conjugues) cara a cara, ou por carta particular; e o apelo podia ser um simples conselho pessoal. (Nós dizemos «podia ser», mas na realidade ASSIM ERA.)

- «Abalo ou enfraquecimento» do poder era qualquer pensamento que não se ajustasse ou não se elevasse à incandescência do pensamento do jornal do dia. Pois tudo o que não fortalece, enfraquece! Pois tudo o que não se ajusta abala!

E aquele que hoje não canta connosco,

Esse

é contra

nós!...

(Maiakovski)

51 Isto tem o ar de um exagero, de uma anedota, mas não fomos nós que inventámos tal anedota; estivemos presos com pessoas dessas.

- Por «preparação de literatura», compreendia-se qualquer coisa escrita numa carta, num único exemplar, umas notas, um diário íntimo. Assim tão alegremente extrapolada, que IDEIA reflectida, pronunciada ou escrita não era abrangida pelo parágrafo décimo?

O décimo primeiro, esse, era de um género especial: não tinha um conteúdo autónomo, sendo, sim, uma circunstância agravante de qualquer dos anteriores, se a acção se preparou de forma organizada ou os delinquentes constituíram uma organização.

Na realidade, tal parágrafo era interpretado de tal modo que não se exigia organização alguma. Esta refinada aplicação, eu próprio a experimentei. Nós éramos dois, a trocarmos secretamente impressões, ou seja, um embrião de organização, ou seja uma organização!

O décimo segundo parágrafo punha em causa a consciência dos cidadãos: referia-se à não denúncia de qualquer das acções acima enumeradas. E para o grave pecado de não denunciar A PENA NÃO TINHA UM LIMITE MÁXIMO!!!

Este ponto era tão infinitamente amplo que não necessitava de qualquer acrescento. SABIA E NÃO DISSE, é o mesmo que o tivesse feito ele próprio!

O décimo terceiro parágrafo, que, pelos vistos, já tinha perdido há muito o seu objectivo, abrangia os que tinham pertencido ao serviço de informação da Ókrana, polícia secreta czarista[52]. Um serviço análogo seria mais tarde considerado, pelo contrário, como de valor patriótico.

O décimo quarto parágrafo pune «o não cumprimento consciente de determinadas obrigações ou a negligência premeditada no seu cumprimento»,

punição que podia ir, sem dúvida, até ao fuzilamento. Resumindo: isso tinha o nome de «sabotagem» ou «contra-revolução económica».

Delimitar o premetidado do impremeditado só o comissário-instrutor podia fazê-lo, com base no seu sentido revolucionário do direito. Este parágrafo aplicava-se aos camponeses que não entregavam os fornecimentos; aos kolkhozianos que não tinham trabalhado o número suficiente

52 Há fundamentos psicológicos para suspeitar que Staline cairia, também, sob a alçada jurídica deste parágrafo do artigo 58. Muitos dos documentos referentes a este tipo de scr-v'Ços não sobreviveram a Fevereiro de 1917 e poucos foram tornados públicos. V. F. Djun-kovski, antigo director do departamento da polícia, morto em Kolima, afirmava que o fogo ateado apressadamente, aos arquivos da polícia, nos primeiros dias da revolução de Fevereiro, se deveu a um impulso unânime de certos revolucionários interessados nisso.

72

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

de dias; aos reclusos dos campos' de concentração que não cumpriam a norma de trabalho; e por ricochete, depois da guerra, aos delinquentes que fugiam dos campos, o que quer dizer que se considerava, por extrapolação, a fuga do delinquente não como um impulso para a doce liberdade, mas como um atentado ao sistema dos campos de concentração.

Esta era a última vareta do leque do artigo 58 - leque que envolvia dentro de si a existência humana.

Após este exame resumido do grande ARTIGO teremos menos ocasião de nos surpreender, no prosseguimento do livro. Quem diz lei, diz crime.

O aço adamascado do artigo 58, já experimentado em 1927, logo após ter sido forjado, e depois temperado em todas as torrentes da década seguinte, foi de novo aplicado, com enorme estrépido e amplitude, no ataque movido pela lei contra o povo, nos anos 1937-38.

É necessário dizer que a operação de 1937 não foi espontânea, mas sim planeada, e que na primeira metade desse ano ocorreu um reequipamento em muitos cárceres da União: foram retiradas as

tarimbas das celas e colocados no seu lugar beliches, com pranchas contínuas, de um e de dois andares53. Os velhos prisioneiros recordam que o primeiro golpe maciço terá sido dado simultaneamente numa noite de Agosto, em todo o país (mas, conhecendo a nossa lentidão, eu não acredito muito nisso). No Outono, quando para o vigésimo aniversário de Outubro se esperava com fé uma grande amnistia geral, o prazenteiro Staline acrescentou ao Código Penal duas novas e inauditas penas de quinze e vinte anos54.

Não há necessidade de repetir aqui, acerca de 1937, tudo quanto já foi amplamente escrito e será ainda repetido inúmeras vezes: assestou-se um golpe demolidor nos escalões superiores do Partido, da administração soviética, do comando militar e das próprias G.P.U.-N.K.V.D.55 É duvidoso que tenha havido alguma região em que se conservasse o primeiro-secretário do Comité do Partido ou o presidente do Comité Executivo

53 Parece não ser casual o facto de que a Casa Grande de Leninegrado tenha sido concluída em 1934, precisamente nas vésperas do assassínio de Kirov.

54 A pena dê vinte e cinco anos foi homologada nas vésperas do trigésimo aniversário de Outubro, em 1947.

55 Agora, ao observar a revolução cultural chinesa (que teve também lugar dezassete anos depois da vitória definitiva), podemos suspeitar com toda a probabilidade de acertar que se trata de uma lei do desenvolvimento histórico. E o próprio Staline começa a aparecer-nos, apenas, como um executor superficial e cego.

dos Sovietes. Staline escolheu outros que lhe eram mais convenientes.

Olga Tchatchavadze relata como isso se passou em Tbilissi: em 1938 foram detidos o presidente do Comité Executivo dos Sovietes da cidade, o seu substituto, todos os chefes de secção (onze), os seus adjuntos, todos os chefes de contabilidade e todos os directores dos serviços económicos. Outros foram designados. Decorreram dois meses. E de novo foram detidos: o presidente, o substituto, todos os chefes de secção (onze) todos os chefes de contabilidade e todos

os directores dos serviços económicos. Em liberdade ficaram apenas os simples contabilistas, as dactilógrafas, as mulheres da limpeza e os paquetes...

Quanto à detenção dos membros de base do Partido havia, pelos vistos, um motivo secreto que não era mencionado directamente nem nos processos verbais nem nas sentenças: prender de preferência os militantes do Partido, que tinham ingressado antes de 1924. O que foi aplicado de modo particularmente enérgico em Leninegrado, dado que, precisamente, todos eles tinham assinado a «plataforma da Nova Oposição». (E como podiam eles deixar de a assinar? Como podiam eles «não confiar» no seu Comité Regional de Leninegrado?)

Eis um pequeno quadro daqueles anos: está a decorrer (na região de Moscovo) a conferência distrital do Partido. É dirigida por um novo secretário, em substituição do recentemente detido. No fim da conferência é aprovada uma mensagem de fidelidade ao camarada Staline. Como se compreende, todos se põem de pé (do mesmo modo que no decorrer da conferência todos saltavam da cadeira cada vez que era mencionado o seu nome). Na pequena sala ressoam «tempestuosos aplausos que se transformam

em ovação». Passam três, quatro, cinco minutos e são cada vez mais tempestuosos os aplausos redundando numa ovação. Mas já começam a doer as mãos, já se fatigam os braços levantados, já vão sufocando as pessoas idosas. Aquilo passa a ser estúpido até para aqueles que sinceramente admiram Staline. Entretanto, quem é o primeiro que se atreve a parar? Poderia fazê-lo o secretário da zona, que se encontra de pé na tribuna e acaba de ler essa mesma mensagem. Mas ele está ali há pouco tempo e encontra-se no lugar do recentemente detido, tendo ele próprio medo! Na verdade, na sala estão também de pé, aplaudindo, os membros da N.K.V.D. e eles observam quem é o primeiro que se atreve a parar!... E os aplausos na pequena e desconhecida sala, ignorada pelo Chefe, prolon-gam-se por seis minutos!, sete minutos!, oito minutos!... Eles sucumbem! Estão todos perdidos! Não podem parar, enquanto não tombarem com os corações despedaçados! Ainda no fundo da sala, no meio do aperto, se pode fazer um pouco de batota, aplaudir mais devagar, não tão forte, não tão furiosamente, mas que fazer no praesidium, à vista de todos!? O director da fábrica de papel local, uma personalidade forte, independente, faz

parte do praesidium e compreende toda a falsidade, todo o beco sem saída da situação, mas aplaude! Decorre o nono minuto! O décimo! Ele olha aborrecido para o secretário distrital do partido, mas este não se atreve a parar. É uma loucura! Uma loucura geral! Olhando-se uns aos outros, com uma débil esperança, mas fingindo êxtase nos rostos, os dirigentes da zona aplaudiram até cair. Até que os levem em macas! E, até esse momento, os restantes não vacilaram!... O director da fábrica de papel, no décimo primeiro minuto, fingindo-se atarefado,-deixa-se cair no seu lugar, no praesidium. E, oh! Maravilha! Esvaiu-se então o incontível, o indescritível entusiasmo geral? De repente, todos pararam no meio do mesmo aplauso e também à uma se sentaram. Estão salvos! O esquilo teve a ideia de sair da roda!...

Entretanto, é dessa forma que se conhecem as pessoas independentes. E é dessa forma que se põem de lado. Nessa mesma noite, o director da fábrica é preso. Com facilidade pregam-lhe, por outro motivo, dez anos. Mas, depois da assinatura do documento

duzentos e seis, que conclui as investigações, o comissário-instrutor recorda-lhe:

— Nunca-seja o primeiro a deixar de aplaudir!

(Que fazer, pois? Como pararmos então? ...)56

Eis o que é a selecção, segundo Darwin. Eis o que é o cansaço pela estupidez.

Mas hoje cria-se outro mito. Qualquer relato publicado, qualquer menção na imprensa referente a 1937, é invariavelmente o relato da tragédia dos dirigentes comunistas. E já nos convenceram, e nós inconscientemente deixámo-nos influenciar, de que o período das detenções de 37-38 consistiu apenas no encarceramento dos grandes comunistas e, segundo parece, em nada mais. Mas dos milhões então presos, não deviam poder fazer parte mais do que dez por cento de dirigentes destacados do Partido e do Estado. Mesmo nas bichas dos cárceres, de Leninegrado, para entrega de pacotes, viam-se, na sua maioria, mulheres simples, com o aspecto de leiteiras.

A composição dos detidos desta enorme torrente, levados meio mortos para o Arquipélago, era tão dispare e extravagante que aquele que desejasse

definir cientificamente a sua conformidade com alguma lei quebraria os miolos. (Quanto mais para os contemporâneos. Ela deveria ser para eles incompreensível.)

Mas a verdadeira lei que regia as detenções daqueles tempos era constituída pelo número estabelecido pelas diferentes categorias e pela sua distribuição. Cada cidade, cada distrito, cada unidade militar recebia uma determinada cifra de presos a enviar, e devia cumpri-la no prazo estabelecido. O resto dependia da habilidade dos agentes.

Relatado por N.G.

O antigo tchequista Aleksandr Kalganov recorda como recebeu em Tachquent um telegrama dizendo: «Enviem duzentos!» Eles tinham acabado de fazer uma razia e quase já não havia quem deter. É verdade que tinham trazido do distrito meia centena de delinquentes. Tiveram uma deia! Todos os gatunos presos pela milícia seriam levados ao abrigo do artigo 58! Dito e feito! Ora, a milícia não sabia que fazer dos ciganos que numa das praças da cidade,

insolentemente, instalaram um acampamento. Tinham uma ideia! Cercaram-nos e levaram todos os homens de dezassete a sessenta anos, como incluídos no artigo 58! E cumpriram o plano!

Outro caso: aos tchequistas de Océtia, segundo relata o chefe de milícias Zabolovski, foi dada a tarefa de fuzilar nessa República quinhentas pessoas. Eles pediram para aumentar o número e permitiram-lhes que fuzilassem ainda mais duzentas e trinta.

Esses telegramas, ligeiramente cifrados, eram transmitidos pelo telégrafo normal. Em Temriuk, a telegrafista, na sua santa singeleza, transmitiu ao P.B.X. da N.K.V.D.: «Enviem amanhã a Krasnodar duzentas e quarenta caixas de sabão», e teve uma suspeita! Na manhã seguinte soube que numerosas pessoas foram presas e levadas da cidade. Contou a uma sua amiga como era o telegrama. Prenderam-na imediatamente.

(Seria completamente casual que uma pessoa fosse cifrada como caixa de sabão} Ou conhecia-se o que era a saponificação?...)

Naturalmente podem deduzir-se algumas leis particulares. São presos:

- Os nossos verdadeiros espiões no estrangeiro. (Trata-se, frequentemente, de sinceríssimos delegados do Komintern Internacional Comunista), ou de tchequistas, muitos dos quais são atractivas mulheres. Chamam--nos de volta à pátria; são presos na fronteira e depois acareados com o seu ex-chefe do Komintern, por exemplo Mirov-Korona. Este afirma que ele próprio trabalhava para um serviço de informação estrangeiro e, portanto, os seus subordinados também, automaticamente, sendo tanto mais nocivos, quanto mais honestos são!)

- Os empregados do caminho de ferro da China Oriental. (Todos os empregados soviéticos desse caminho de ferro, incluindo mulheres, crianças e velhos, eram espiões japoneses. Mas deve reconhecer-se que, anos antes, já tinham sido detidos alguns);

- Os coreanos do Extremo Oriente (deportação para o Casaquestão -primeira experiência de detenção, segundo um critério rácico);

- Os estonianos de Leninegrado (todos são detidos, somente em função do apelido de cada um, como espiões dos estonianos brancos);

- Todos os atiradores e tchequistas lituanos - sim, os lituanos, os parteiros da Revolução, que ainda não há muito constituíam a espinha dorsal e o orgulho da Tcheka! E até os comunistas da burguesa Lituânia, que tinham sido trocados em 1921, libertando-os das horríveis condenações que tinham sofrido, de dois a três anos. (São encerrados em Leninegrado: a secção lituana do Instituto Hertzen; a Casa de Cultura Lituana; o Clube Esto-

niano; a Escola Técnica lituana e os jornais lituano e estoniano.)

Debaixo de um terramoto geral, acabam de ver redistribuídas as cartas da Grande Paciência, sendo varridos todos os que ainda o não tinham sido. Já não há razão alguma para se ocultar, já é tempo de cortar este jogo. Agora os socialistas são metidos na prisão, exilados por colónias inteiras (por exemplo, as de Ufá e de Saratov), processados todos juntos e mandados para o matadouro do Arquipélago, em manadas.

Em parte alguma foi indicado que era preciso procurar deter o maior número de intelectuais, mas se não os esqueciam nunca nas torrentes anteriores, agora tão-pouco os esquecem. Basta uma denúncia estudantil (a associação destas palavras deixou há muito de soar de maneira estranha), segundo a qual o professor da sua escola superior cita pouco Lenine e Marx e de modo geral não cita Staline — e o professor já não comparece à conferência seguinte. E se ele não faz nunca citações? Todos os orientalistas de Leninegrado, das gerações média e jovem, são presos. Todos os membros do Instituto do Norte (excepto os do serviço secreto) são presos. Não desdenham tão-pouco os professores das escolas primárias e secundárias. Em Sverdlov, monta-se o processo de trinta professores das escolas secundárias, encabeçados pelo seu inspector provincial de ensino, Pereliem. Entre as terríveis acusações figura a de instalarem árvores de Natal para incendiar as escolas 57 E sobre a cabeça dos engenheiros (já da geração soviética, já não «burgueses») abate-se o bordão com a cadência do pêndulo. Ao topógrafo de minas Mikov Nikolai Merkurievitch, pelo facto de que devido a uma alteração nos estratos estes não coincidiram com duas galerias de uma mina que deviam encontrar-se,

aplica-se o artigo 58-7: vinte anos! Seis geólogos (do grupo de Kotovitch), «por ocultação premeditada de reservas de estanho no subsolo» (ou seja, por não as terem descoberto!), «na perspectiva da chegada dos alemães» (segundo denúncia), aplica-se o artigo 58-7: dez anos de reclusão.

Indo juntar-se às principais torrentes, havia ainda as torrentes especiais: as das esposas (membros da família). Elas englobam as mulheres dos destacados dirigentes do Partido, e em certos lugares (Leninegrado) de todos quantos apanharam «dez anos sem direito a correspondência», isto é, daqueles que já não existem. Em regra, todas apanham oito anos de reclusão

57 Cinco dentre eles foram torturados nos interrogatórios, morrendo antes do julgamento. Vinte e quatro morreram em campos de concentração. O trigésimo, Ivan Aristaulo-vitch Punitch, voltou reabilitado. (Se tivesse perecido também ele, teríamos deixado passar estas trinta pessoas, como deixámos passar milhões.) As numerosas «testemunhas» do seu processo, vivem agora em Sverdlov, prosperamente: são funcionários de «nomenclatura», com reformas a título pessoal. A tal selecção de Darwin.

77

. (Em todo o caso, a pena é mais suave do que a da torrente dos kulaks, e as crianças ficam no continente.)

Montões de vítimas! Montanhas de vítimas! Ofensiva frontal da N. K. V. D. contra as cidades: numa mesma onda, mas por «causas» DIFERENTES, S.P. Mateveieva vê prender o marido e três dos seus irmãos (dos quatro, só um regressou).

- A um técnico electricista quebrou-se no seu sector um cabo de alta tensão. 58-7 com ele: vinte anos.

- O operário Novikov, de Perm, é acusado de preparar a explosão de uma ponte sobre o rio Kâma.

- Yujakov, também de Perm, foi detido de dia e foram buscar a esposa de noite. Apresentaram-lhe a ela uma lista de pessoas e exigiram-lhe que a assinasse, indicando que todos eles visitavam a sua casa, onde realizavam reuniões de mencheviques e de socialistas revolucionários (como é de supor, não havia tais reuniões). Por isso, prometeram-lhe deixá-la com os

três filhos pequenos que tinham. Ela assinou, e perdeu-os a todos, ficando ela própria presa;

- Nadiejda Yudenitch foi presa devido ao sobrenome. É verdade que, nove meses depois, ficou estabelecido"*que não era da família do general do mesmo nome e foi posta em liberdade (mas, por uma tal estupidez, durante esse tempo morreu a sua mãe de desgosto);

- Em Stara-Russa era exibido o filme Lenine em Outubro. Alguém prestou atenção à frase: «Isto deve sabê-lo Paltchinski!» E Paltchinski era um defensor de Palácio do Inverno. Esperem, nesta feira trabalha uma enfermeira que se chama Paltchinskaia! Apanhem-na! E prenderam-na. Tratava-se, efectivamente, da mulher, que, depois do fuzilamento do marido, se ocultava num lugar afastado.

- Os irmãos Boruchko (Pavel, Ivan e Stepan), tinham chegado da Polónia no ano de 1930, ainda CRIANÇAS, para se reunirem à família. Agora, já adolescentes, são condenados a dez anos por suspeita de espionagem;

- Uma condutora de eléctricos de Krasnodar, ao regressar tarde do depósito, a pé, passou nos

subúrbios, para desgraça sua, diante de um camião, perto do qual se movia gente. Ora, o camião estava repleto de cadáveres: As pernas e os braços apareciam por debaixo do oleado. Pergunta-ram-lhe o nome. No dia seguinte foi detida. O comissário instrutor perguntou-lhe o que tinha visto. Ela reconheceu honestamente o que vira (eis a selecção de Darwin). Propaganda anti-soviética: dez anos;

- Um canalizador desligava o aparelho de rádio do seu quarto sempre que transmitiam intermináveis cartas a Staline58. Um vizinho denunciou-o

58 Quem se recorda delas? Durante horas eram estonteantemente iguais! Certamente que o locutor Levitan se deve lembrar bem: lia-as com grandes inflexões, com muito sentimento.

(onde estará agora esse vizinho?), como elemento socialmente perigoso: oito anos;

- Um padeiro semianalfabeto gostava, nas suas horas livres, de assinar o seu nome, o que o elevava perante si mesmo. Não havendo papel branco, servia-se do

jornal. Os vizinhos descobriram um desses jornais, com assinaturas sobre o rosto do Pai e Mestre, no cesto dos papéis da latrina colectiva. Agitação anti-soviética: dez anos.

Staline e os seus próximos colaboradores gostavam muito dos seus retratos, enchendo com eles os jornais, reproduzindo-os em milhões de exemplares. As moscas tinham-lhes pouca consideração, dando pena não utilizar jornais - e quantos desgraçados não foram condenados por isso!

As detenções propagavam-se pelas ruas e pelas casas como epidemias. Assim como as pessoas transmitem umas às outras o contágio da epidemia sem o saberem — num aperto de mão, através da respiração ou da entrega de objectos — assim também num aperto de mão, através da respiração, durante um encontro na rua, se transmitia o inelutável contágio da detenção. Pois se amanhã és obrigado a reconhecer que estavas a organizar um grupo clandestino para envenenar a canalização de água da cidade, e hoje eu te apertara a mão na rua, isso significava que eu estava igualmente perdido.

Sete anos antes disso, a cidade tinha assistido à exterminação do campo e achado isso muito natural. Agora era o campo que poderia observar como arrasavam a cidade, mas era demasiado ignorante para isso, e de resto continuavam também a assestar-lhe golpes:

- O agrimensor (!) Saunin foi condenado a quinze anos... pela morte de gado (!) e pelas más colheitas (!) no seu distrito (e os responsáveis do distrito foram todos fuzilados pelo mesmo motivo).

- Um secretário do Partido chegou à aldeia para apressar a lavra dos campos, e um velho mujique perguntou-lhe se ele sabia que em sete anos os kolkhozianos não tinham recebido pelos dias de trabalho nem um grão de cereal, mas unicamente palha, e, mesmo esta, pouca. Por esta pergunta condenaram esse velho a dez anos de reclusão, por agitação anti-soviética;

- Outro foi o destino de um mujique pai de seis filhos. Por essas seis bocas matava-se a trabalhar nas tarefas do kolkhoz, "sempre esperançado em que receberia algo. O que, de facto, aconteceu. Deram-lhe uma condecoração. Entregaram-lha numa reunião

onde se pronunciavam discursos. Na sua resposta, o mujique comoveu-se e disse: «Se em lugar desta condecoração me dessem uma arroba de farinha! Não poderá ser?»

A assistência rebentou em gargalhadas ferozes e o novo condecorado foi enviado com as suas seis bocas para a deportação.

Haverá que reunir agora todos estes casos e explicar que se detinham inocentes? Mas nós esquecemo-nos de precisar que o próprio conceito de culpa foi suprimido já pela revolução proletária, e no começo dos anos 30

foi declarado oportunismo de direita Não podemos continuar, pois, a especular com esses conceitos antiquados de culpa e inocência.

A promoção do regresso, em 1939, foi um caso inimaginável na história dos órgãos, uma mancha nos seus anais! É verdade, entretanto, que esta contracorrente foi pequena: cerca de um a dois por cento de todos os ultimamente presos, ainda não

processados, nem enviados para longe e que não tinham morrido. Ela foi pequena, mas habilmente utilizada. Assemelham-se à troca de um kopec por um rublo, sendo necessária para lançar todas as culpas em cima do sórdido Yejov e fortalecer o recém-chegado Bé-ria, e para que a auréola do Chefe brilhasse mais radiosamente. Graças a este kopec conseguiu enterrar-se com astúcia o rublo restante. Com efeito, se «tudo foi esclarecido e os puseram em liberdade» (até os jornais relatavam com coragem alguns casos isolados de vítimas de calúnias) isso significa que os restantes presos eram certamente uns canalhas! E os que regressavam guardavam silêncio, pois tinham assinado uma declaração. Estavam emudecidos pelo terror e eram poucos os que sabiam algo dos segredos do Arquipélago. A distribuição fora feita antes: as carrinhas pela noite, as demonstrações de dia.

Quanto ao kopec, bem depressa foi recuperado nesses mesmos anos e pelos mesmos parágrafos do infinito Artigo. Assim, quem deu, por exemplo, nos anos 40, pela torrente das esposas que não renegaram os maridos? Quem recorda, na cidade de Tambov, que nesse pacífico ano foram detidos todos os membros

da orquestra de jazz que tocava no Cinema Moderno, dado que todos eram inimigos do povo? E quem viu os trinta mil checos que deixaram, em 1939, a Checoslováquia ocupada para a querida Pátria eslava, a U. R. S. S.? Não era possível garantir que algum deles não fosse um espião. Mas foram todos enviados para campos de concentração do Norte (é de lá que parte, em tempo de guerra, o «corpo checoslovaco»). Mas, permitam ainda, não foi em 1939 que estendemos a mão em ajuda dos ucranianos ocidentais, dos bielorrussos ocidentais, e, depois, em 1940, dos habitantes da região do Báltico, bem como dos moldavos? Aconteceu que os nossos irmãos eram completamente limpos, e daí fluíram as torrentes da profilaxia social. Foram presos os que eram demasiado abastados e influentes, os que se destacavam pela sua independência, inteligência e notoriedade. Nas antigas regiões da Polónia foram presos, sobretudo, muitos polacos (foi então que se recrutaram as vítimas do massacre de Katin e nos campos de concentração do Norte os membros do futuro exército de Si-korski-Anders). Por toda a parte se detinham os oficiais. E assim se condicionavam as populações, reduzindo-as ao silêncio, privando-as dos possíveis dirigentes da resistência. Assim eram

chamadas à razão, esfriando-se as antigas relações, as antigas amizades.

Cf. Colectânea «das prisões...», pág. 63.

A Finlândia deixou-nos um istmo sem população, mas, em compensação, na Carélia e em Leninegrado procedeu-se à extracção e à transplantação de todas as pessoas de sangue finlandês. Nós nem sequer demos por esse pequeno riacho: não temos sangue finlandês[60].

Foi na guerra da Finlândia que se procedeu a uma primeira experiência: a de processar os nossos soldados, que caíram prisioneiros, como traidores à Pátria. Era, na verdade, a primeira experiência na história da humanidade! Mas, por espantoso que pareça, não nos apercebemos disso!

Estava-se a proceder ao ensaio quando precisamente sobreveio a guerra e com ela a grandiosa retirada. Nas repúblicas ocidentais, que eram abandonadas ao inimigo, era necessário apressar-se a embarcar, nuns quantos dias, aqueles a que era ainda possível deitar

a mão. Na Lituânia, com a pressa, foram deixadas unidades militares inteiras, regimentos, divisões de artilharia clássica e antiaérea, mas arranjou-se meio de levar alguns milhares de famílias lituanas suspeitas (quatro mil dentre elas foram depois entregues, no campo de concentração de Krassnoiarsk, ao saque dos urkibX. Depois de 28 de Junho começaram a efectuar-se detenções precipitadas na Letónia e na Estónia. Mas a situação tornava-se perigosa e tiveram de retroceder mais depressa ainda. Esqueceram-se de desmantelar fortalezas inteiras, como a de Brest, mas não se esqueceram de passar pelas armas os presos políticos nas celas e nos pátios de Lvov, de Rovn, de Talin e de muitas outras prisões do Ocidente. No cárcere de Tartu foram fuziladas cento e noventa e duas pessoas e os cadáveres lançados a um poço.

Como imaginar isto? Sem que saibas o que se passa, abre-se a porta da cela e disparam sobre ti. Antes de morrer tu gritas e ninguém, além das pedras do cárcere, te ouve, nem irá contar. Mas diz-se que houve quem não chegasse a ser fuzilado. Pode ser que ainda leiamos um livro acerca disso. Na retaguarda, a primeira torrente da guerra foi a dos espalhadores de

boatos e semeadores de pânico, segundo os termos de um decreto especial à margem do código editado nos primeiros dias da guerra62. Tratava-se de um sangria experimental para manter a disciplina geral. Todos eram condenados a dez anos, mas não se consideravam como abrangidos pelo artigo 58 (e aqueles poucos que sobreviveram aos campos de concentração dos anos de guerra, foram amnistiados em 1945).

Depois houve a torrente dos que não entregaram os aparelhos de rádio ou as suas peças sobresselentes. Por uma válvula de rádio encontrada (por denúncia) apanhava-se dez anos.

60 Quando da guerra russo-finlandesa (1940), o istmo da Carélia foi anexado pela União Soviética. (N. dos T.)

h' Presos comuns (ladrões e delinquentes de outro tipo) que eram utilizados como guardas em campos de prisioneiros políticos. (N. dos T.)

Estive a pontos de experimentar esse decreto na minha própria pele. Pus-me na bicha de uma padaria. Um miliciano chamou-me e levou-me para completar

um número. Teria começado peio GULAG, em vez da guerra, se não fosse essa feliz interrupção.

E logo veio a torrente dos alemães: os da região do Volga, os colonos da Ucrânia e do Cáucaso do Norte, enfim, todas as pessoas de origem alemã, qualquer que fosse a zona da União Soviética onde vivessem. O sintoma determinante era o do sangue, e até heróis da guerra civil e velhos militantes do Partido, desde que se tratasse de alemães, eram desterrados[63].

Na sua essência, o desterro dos alemães foi análogo ao esmagamento dos kulaks, mas assumiu formas mais suaves, pois permitiram-lhes levar mais coisas consigo e não os atiraram para lugares tão perdidos e mortíferos. Nenhuma formalidade jurídica foi repetida, do mesmo modo que no caso do esmagamento dos kulaks: o Código Penal era uma coisa e o desterro de centenas de milhares de homens outra. Tratava-se de uma decisão pessoal do rei! Além disso, era a sua primeira experiência nacional desse tipo; tinha para ele interesse teórico.

A partir do fim do Verão de 1941, e mais ainda no Outono, precipitou-se a torrente dos que tinham ficado cercados. Tratava-se daqueles mesmos defensores da Pátria, de que meses antes as nossas cidades se tinham despedido com fanfarras e flores, e a quem depois disso, coube em sorte apanhar os golpes mais duros dos tanques pesados alemães, tendo-se encontrado, no meio do caos geral, e de maneira nenhuma por culpa sua, não na situação de cativos, mas durante algum tempo dispersos em grupos de combate no interior do cerco alemão, e conseguindo rompê-lo, no fim de contas. Ora, em lugar de serem abraçados fraternalmente no seu regresso (como teria procedido qualquer outro exército do mundo), deixando-os repousar, visitar a família e incorporarem-se depois na sua unidade, foram conduzidos, debaixo de suspeitas e dúvidas, em destacamentos desarmados e privados de direitos, para centros de verificação e de classificação, onde os oficiais dos Serviços Especiais começavam por ter desconfianças sobre cada palavra sua e até se eram quem diziam ser. E os métodos de verificação eram os interrogatórios, as acareações é as declarações de uns acerca dos outros. Depois da verificação, uma parte dos cercados era integrada, com o nome anterior,

grau e confiança, em novas unidades militares. Outra parte, menor por enquanto, compunha a primeira torrente de traidores à pátria. Era-lhe aplicado o artigo 58-1-b, mas, ao princípio, até à elaboração da norma, menos de dez anos.

Assim se ia depurando o exército em operações. Mas havia ainda o enorme

63 E o sangue era determinado a partir do sobrenome. O engenheiro construtor Vassili Okorokov (da palavra okorok, presumo), achando incómodo assinar com esse apelido os seus projectos, mudou nos anos 30, quando isso ainda era possível, para Robert Shtekker, que soava bem, aperfeiçoando a sua assinatura. Agora, não tinha tempo de provar nada e foi preso como alemão: «É este o seu verdadeiro nome? De que tarefas foi incumbido pela espionagem fascista?...» E outro habitante de Tambov, Kaverzniev (da palavra kaverzni, intriguista), *Jue já em 1918 tinha mudado o seu pouco melodioso sobrenome pelo de Kolbe, quando é que compartilhou o seu destino com o de Okorokov?...

exército inactivo, no Extremo Oriente e na Mongólia. Não deixar que este exército se enferrujasse, tal era a nobre tarefa das Secções Especiais. E aos heróis de Khassan64 começava a soltar-se-lhes a língua, na sua inacção, tanto mais que lhes tinham dado agora a estudar as armas que até esse momento eram mantidas secretas para os nossos próprios soldados: as pistolas automáticas Degtiarev e os obuses de regimento. Dispondo dessas armas, era-lhes difícil compreender como retrocedíamos no Ocidente. À distância da Sibéria e dos montes Urais, eles não podiam ganhar consciência de que, retrocendo cento e vinte quilómetros por dia, nós simplesmente repetíamos a manobra de atracção de Kutuzov. Só uma torrente provinda do exército oriental poderia propiciar essa compreensão. E os lábios fecharam-se e a fé passou a ser de ferro.

Nas altas esferas ia fluindo também, por si só, a torrente dos culpados do recuo (não era, claro, o Grande Estrategista o culpado disso!). Foi uma torrente pequena, de meia centena de pessoas, a torrente dos generais, detidos nos cárceres de Moscovo durante o Verão de 1941, e, em Outubro desse ano, em levas. Entre os generais, a maioria da

aviação, figuravam o general-chefe das forças aéreas, Smuchkevitch, o general E.S. Ptukhin (o qual dizia: «Se eu soubesse, teria bombardeado em primeiro lugar o nosso Pai Querido, e só depois iria para a prisão!»), e outros.

A vitória na zona de Moscovo deu origem a uma nova torrente: a dos moscovitas culpados. Agora, após uma análise tranquila, pôde verificar-se que esses moscovitas não fugiram nem foram evacuados, mas ficaram intrepidamente na capital ameaçada e abandonada pelas autoridades. Eis que já deles se suspeitava: quer de minarem o poder das autoridades (58-10); quer de terem esperado os alemães (58-1-a, com referência ao artigo 19: esta torrente alimentaria os comissários de instrução de Moscovo e de Leninegrado 1945).

É evidente que o 58-10, A.S.A. (agitação anti-soviética), nunca deixou de ser aplicado, e, durante toda a guerra, satisfez as necessidades da retaguarda e da frente. Era aplicado aos evacuados, se relatavam os horrores da retirada (segundo os jornais, é claro que o retrocesso se fazia de acordo com um plano); aos que na retaguarda espalhavam calúnias, dizendo que o racionamento era severo; aos que na frente

proferiam difamações, dizendo que os alemães possuíam uma técnica forte; em 1942, por toda a parte, àqueles que, caluniosamente, pretendiam que em Leninegrado, então bloqueada, as pessoas morriam de fome.

Nesse mesmo ano, após o insucesso registado na zona de Kertch (cento e vinte mil prisioneiros), na zona de Cracóvia (ainda mais), no decurso da grande retirada do sul para o Cáucaso e para o Volga, foi ainda aspirada uma torrente mais importante de oficiais e de soldados, que não desejavam

64 Localidade onde se desenrolaram renhidos combates de tropas da U.R.S.S. e da República Popular da Mongólia, contra tropas japonesas, no ano de 1939. (N. dos T.)

resistir até à morte e retrocederam sem licença: aqueles mesmos a quem, segundo os termos da imortal ordem do dia duzentos e vinte sete, de Staline, a Pátria não podia perdoar a sua vergonha. Esta torrente não chegou, porém, a GULAG: submetida ao regime acelerado, pelos tribunais das divisões, foi

empurrada para as companhias disciplinares e reabsorvida sem deixar vestígios na areia vermelha das primeiras linhas. Tal foi o cimento sobre que se fundaram os alicerces da vitória de Estalinegrado, mas não entrou na história geral da Rússia, ficando confinado à história específica das canalizações.

(De resto, tentamos seguir aqui apenas as torrentes que chegavam a GULAG vindas do exterior. As ininterruptas transformações internas de GULAG, de um reservatório a outro, pelos chamados delitos do campo de concentração, que foram particularmente ferozes no tempo da guerra, não são examinados neste capítulo.)

A honestidade exige também que citemos as contracorrentes do tempo da guerra: os já mencionados checos e polacos, bem como delinquentes comuns que foram deixados sair dos campos para irem para a frente de batalha.

A partir de 1943, quando da viragem da guerra a nosso favor, começou a tornar-se mais abundante, de ano para ano, até 1946, a torrente dos muitos milhões provindos dos territórios ocupados e da

Europa. Os dois afluentes mais importantes que a compunham eram:

- Os cidadãos que tinham vivido nos territórios sob o domínio alemão ou na Alemanha (apanhavam dez anos, sendo catalogados com a letra «a»: 58-1-a);

- Os militares que tinham sido feitos prisioneiros (apanhavam também dez anos, sendo catalogados com a letra «b»: 58-1-b).

Todos os que ficaram submetidos à ocupação queriam, apesar de tudo, continuar a viver; isso, exerciam uma actividade, podendo teoricamente ganhar, ao mesmo tempo que o sustento diário, também uma futura prova de delito: se não a de traição à pátria, pelo menos a de colaboração com o inimigo. Entretanto, na prática era suficiente registar as séries dos passaportes dos habitantes das zonas ocupadas: prendê-los a todos era economicamente insensato, pois isso significava despovoar amplas extensões. Bastava, para edificação da consciência geral, prender apenas uma certa percentagem: culpados, semiculpados, culpados em quarto, bem como aqueles que secavam as tulias no mesmo tapume que os alemães.

Mas bastava um por cento de um milhão para formar uma boa dúzia de pletóricos campos de trabalho.

E não há lugar para pensar que uma participação honrada em qualquer organização clandestina de resistência contra os alemães livrava alguém, de modo seguro, de entrar na formação dessa torrente. Não foi caso único, o daquele komsomol de Kiev a quem a organização clandestina mandou trabalhar na polícia, para lhe transmitir informações. O rapaz, honestamente,

deu informações de tudo aos komsomols, mas à chegada dos nossos apanhou os seus dez anos, pois era impossível que tendo servido na polícia não se tivesse deixado contagiar pelo espírito do inimigo e cumprido as tarefas de que este o incumbria.

Mais duramente e com mais rigor eram julgados os que tinham estado na Europa, embora se tratasse de escravos das províncias orientais, porque tinham visto um pedaço da vida europela e podiam falar sobre ela. Tais relatos eram sempre desagradáveis (à excepção, compreende-se, das notas de viagem dos

escritores sensatos) e muito mais desagradáveis o eram nos anos do pós-guerra, anos de ruína e desordem. Contar que na Europa tudo era absolutamente mau, que a vida aí era impossível nem todos o sabiam fazer.

Era por esse motivo, e não porque se tivessem tomado prisioneiros, que era julgada a maioria dos prisioneiros de guerra, sobretudo aqueles que tinham visto no Ocidente algo mais do que um campo de morte alemão65.

Isto torna-se evidente pelo facto de, inflexivelmente, serem tratados como prisioneiros de guerra os internados (civis levados para trabalhar na Alemanha). Nos primeiros dias da guerra, por exemplo, um grupo de marinheiros nossos foi dar ao litoral da Suécia. Durante toda a guerra viveram livremente nesse país, com tanto conforto como nunca tinham gozado até então, nem nunca mais usufruiriam no futuro. A U.R.S.S. retrocedia, avançava, atacava, morria e passava fome e esses canalhas iam comendo o pão da neutralidade. Depois da guerra a Suécia devolveu-no-los. A traição à Pátria era indubitável, mas havia algo que não jogava certo. Deixaram--nos partir e separar-se, e depois aplicaram

a todos eles uma pena por Agitação Anti-Soviética, devido aos aliciantes relatos que faziam sobre a liberdade e a abundância que verificaram na capitalista Suécia (Grupo Kadenko)66.

65 Embora não se deixassem logo aperceber tão claramente, em 1943 havia já umas torrentes perdidas, diferentes de todas as outras, como por exemplo a dos «africanos», tal como a denominaram durante muito tempo nas obras de construção de Vorkut. Tratava-se dos prisioneiros de guerra russos, utilizados pelos americanos no exército de Rommel em África (os Hiwi), que foram expedidos em Studebakers através do Egipto, do Iraque e do Irão, para a pátria. Instalaram-nos imediatamente numa baía deserta do mar Cáspio, atrás de arame farpado, arrancaram-lhes as insígnias militares, tiraram-lhes os objectos que os americanos lhes tinham dado (em proveito dos funcionários dos órgãos, evidentemente, e não do Estado) e expediram-nos para Vorkut, até nova ordem, não lhes aplicando ainda, por falta de experiência, nem uma pena nem um artigo do Código. Estes «africanos» viveram em Vorkut em condições indeterminadas: não eram guardados, mas não podiam, sem licença, dar um passo sequer por

Vorkut; pagavam-lhes um salário como se fossem livres, mas dispunham deles como prisioneiros. E a ordem especial não chegava. Tinham-nos esquecido...

66 Com este grupo verificou-se um caso anedótico. No campo, tinham já calado a boca sobre a vida na Suécia, temendo apanhar por isso uma nova condenação. Na Suécia, porém, soube-se, por qualquer meio, desse caso e foram publicadas notícias caluniosas na imprensa. Entretanto, os rapazes já estavam dispersos por diversos campos. De repente, por ordem especial

Por entre a torrente geral dos libertados das zonas ocupadas, foram passando, uma após outra, rapidamente e em catadupa, as torrentes das nações que caíram em falta:

Em 1943, as dos calmucos, dos tchetchenos, dos inguchos, dos cabar-dinos;

Em 1944, a dos tártaros da Crimeia.

Elas não teriam corrido tão impetuosa e velozmente para o seu desterro perpétuo se os órgãos não tivessem recebido o reforço de tropas regulares e de viaturas do exército. As unidades militares cercaram com um anel de ferro as povoações montanhosas e os que ali se tinham aninhado para viver durante séculos foram obrigados, em vinte e quatro horas, pela impetuosidade das tropas de desembarque, a dirigir-se para a estação, a subir para os vagões e a partir imediatamente para a Sibéria, para o Casaquestão, para a Ásia Central, para o Norte da Rússia. Exactamente vinte e quatro horas depois, a sua terra e os seus bens eram transferidos para os herdeiros.

Do mesmo modo que os alemães no começo da guerra, também estas nacionalidades eram deportadas unicamente em função do critério do sangue, sem preencherem qualquer questionário — e tanto os membros do Partido como os heróis do trabalho e os heróis da guerra ainda não finda, todos eram também levados para lá.

Nos últimos anos da guerra houve, só por si, a torrente dos criminosos de guerra alemães, seleccionados nos campos de prisioneiros de guerra e

transferidos, por decisão do tribunal, para os do complexo de GULAG.

Em 1945, não obstante a guerra com o Japão não ter durado nem três semanas, foram apanhados numerosos prisioneiros de guerra japoneses, empregados em trabalhos urgentes de construção na Sibéria e na Ásia Cen-

foram levados todos para a prisão de Krest, em Leninegrado. Durante dois meses alimentaram-nos para a engorda e deixaram crescer-lhes o cabelo. Depois, vestiram-nos com sóbria elegância, industriaram cada um sobre o que devia fazer, advertiram-nos de que se um qualquer deles cometesse a canalhice de falar de outra forma apanharia «nove gramas» de chumbo na nuca, e enviaram-nos para uma conferência de imprensa, na presença de jornalistas estrangeiros convidados e de pessoas que conheciam bem o grupo na Suécia. Os ex-internados mantiveram-se muito animados, relataram onde viviam, estudavam, trabalhavam e indignaram-se com as calúnias burguesas, que recentemente tinham lido na imprensa ocidental (pois

ela ven-de-se aqui em cada quiosque!). Tratavam de escrever uns aos outros e puseram-se de acordo, indo a Leninegrado (a questão das despesas da viagem não perturbou ninguém). Com o seu aspecto vistoso e fresco eles constituíram o melhor desmentido ao boato dos jornais. Os jornalistas partiram envergonhados, indo escrever desculpas. Para a imaginação ocidental era inimaginável explicar de outra forma o sucedido. E os protagonistas da conferência de imprensa, dali mesmo foram levados ao banho, tendo-lhes cortado o cabelo e vestido os velhos farrapos, sendo enviados para os mesmos campos. Levando em conta que todos eles se portaram bem, não lhes aplicaram nova condenação.

tral, procedendo-se a uma operação de selecção de criminosos de guerra idêntica à que foi também ali levada a cabo para GULAG.67

A partir de fins de 1944, quando o nosso exército irrompeu nos Balcãs, e sobretudo em 1945, quando ele atingiu a Europa Central, escoou-se ainda pelos canais de GULAG uma torrente de russos

emigrados — velhos que haviam saído por altura da Revolução e jovens que já ali tinham crescido. Sacavam para a pátria geralmente os homens, deixando as mulheres e as crianças na emigração. (É verdade que não os levavam todos, mas só aqueles que ao longo desses vinte e cinco anos tivessem exprimido, embora timidamente, os seus pontos de vista políticos, ou que os tivessem manifestado longo tempo antes, durante a Revolução. Não tocavam naqueles que haviam levado uma existência simplesmente vegetativa.) As principais torrentes procederam da Bulgária, da Jugoslávia, da Checoslováquia, um pouco menos da Áustria e da Alemanha; nos outros países da Europa Oriental quase não viviam russos.

Como um eco, respondeu-lhe também da Manchúria, em 1945, uma torrente de emigrantes. (Alguns deles não foram presos imediatamente: houve famílias inteiras que foram convidadas a regressar à pátria como pessoas livres. Uma vez aqui, separavam-nos e mandavam-nos para a deportação ou para os cárceres.)

Em todo o período de 1945 a 1946, avançou para o Arquipélago, enfim, uma grande torrente de

verdadeiros inimigos do Poder (os homens de Ylassov, os cossacos de Krasnov, os muçulmanos das unidades nacionais criadas por Hitler), uns convictos e outros forçados.

Juntamente com eles foi capturado nada menos de meio milhão de refugiados, que tinham fugido ao poder soviético: civis de todas as idades e de ambos os sexos, que tinham conseguido esconder-se no território dos aliados, mas foram perfidamente devolvidos nos anos de 1946-47, pelas respectivas autoridades, aos soviéticos68.

67 Sem conhecer os pormenores deste caso, estou convicto, não obstante, de que grande parte destes japoneses não puderam ser julgados legalmente. Tratou-se de um acto de-vingança e de um meio de reter a mão-de-obra por um prazo mais prolongado.

68 Surpreendentemente, apesar de no Ocidente ser impossível guardar segredos políticos por muito tempo, pois acabam inevitavelmente por ser divulgados, o segredo desta traição conheceu uma sorte diferente, sendo guardado ciosamente pelos governos britânico e americano. Na verdade, deve ser, senão o último segredo da Segunda Guerra Mundial,

um dos últimos. Tendo encontrado inúmeras vezes pessoas dessas nas prisões e nos campos, custava-me a acreditar que neste quarto de século a opinião pública do Ocidente NADA soubesse desta entrega grandiosa pelas suas proporções, de gente simples da Rússia, pelos governos ocidentais, à repressão e à morte. Só em 1973, no Sunday Oklahoma, de 21 de Janeiro, saiu um pequeno artigo de Yulis Epstein, a quem daqui me atrevo a transmitir o meu agradecimento, em nome da massa de mortos e dos poucos vivos. Trata-se de um breve documento incompleto acerca do ocorrido, e oculto até ao presente, entre os muitos tomos a escrever sobre a repatriação

Um certo número de polacos, membros do exército nacional de Kraiova, partidários de Mikolaitchik, passou pelas nossas prisões em 1945, antes de seguir para GULAG.

Havia também uns tantos romenos e húngaros.

A partir do fim da guerra e por longos anos foi escorrendo a abundante torrente dos nacionalistas ucranianos («os Bender»).

Sobre o pano de fundo de toda esta gigantesca transplantação de milhões de pessoas no pós-guerra, poucos foram os que observaram torrentes tão pequenas como:

- A das raparigas que namoravam estrangeiros (1946-47), ou seja, que se deixaram cortejar por estrangeiros. Elas eram marcadas com o rótulo do artigo 7-35 (socialmente perigosas);

- A das crianças espanholas, essas mesmas que tinham sido expatriadas durante a guerra civil, mas já se tinham convertido em adultas depois da Segunda Guerra Mundial. Educadas em internatos nossos, elas adaptavam-se, entretanto, mal à nossa vida. Muitas tentaram regressar «a casa». Eram também marcadas com o rótulo do 7-35 (socialmente perigosas) e as mais obstinadas com o do artigo 58-6 (espionagem em proveito... da América).

(Para sermos justos não devemos esquecer, tão-pouco, a pequena contracorrente dos... sacerdotes, em 1947. Sim, oh milagre! Pela primeira vez depois de

trinta anos eram postos em liberdade os sacerdotes! Propriamente falando, eles não eram procurados nos campos, mas todas as pessoas que, encontrando-se em liberdade, se lembravam deles, podiam dar o seu nome, mencionando o seu paradeiro, e os interessados eram postos por levas em liberdade, a fim de participarem no fortalecimento da Igreja restabelecida.)

Importa lembrar que este capítulo não tem, de modo algum, por fim enumerar TODAS as torrentes que fertilizaram GULAG, mas só aquelas

que assumiram um matiz político. Assim, como num curso de anatomia, depois da descrição pormenorizada do sistema da circulação sanguínea, se pode começar de novo e detalhadamente a fazer a descrição do sistema linfático

forçada para a União Soviética: «Tendo vivido dois anos nas mãos das autoridades britânicas, com um falso sentimento de segurança, os russos foram apanhados de surpresa, nem compreendendo sequer que os repatriavam... Eram na maioria simples camponeses, com um rancor pessoal contra os bolcheviques.» As autoridades inglesas portaram-se

com eles como se se tratassem de «criminosos de guerra», entregando-os, contra sua vontade, nas mãos daqueles de quem se não pode esperar um julgamento justo. Foram enviados todos para o extermínio, para GULAG.

assim se poderiam descrever de novo, desde 1918 até 1953, as torrentes dos condenados por delitos comuns e mais propriamente por crimes penais. E essa descrição também não ocuparia pequeno espaço. Aqui seriam esclarecidos muitos ucasses (decretos) célebres, esquecidos em parte agora (embora não tenham sido revogados por lei), que forneciam abundante material humano para o insaciável Arquipélago: o decreto sobre o absentismo ao trabalho; o decreto sobre a produção defeituosa; o decreto sobre a destilação caseira de vodca (que atingiu o auge em 1922, mas já na década de 20 tinha feito muitos estragos); o decreto punindo os kolkhozia-nos que não cumprissem a norma obrigatória de dias de trabalho; o decreto sobre a lei marcial nos caminhos de ferro (promulgado em Abril

de 1943, já não no começo da guerra, mas no momento da sua viragem a nosso favor).

Esses decretos, segundo uma tradição antiga, que remontava aos tempos de Pedro, o Grande, apareciam sempre como ignorando toda a legislação anterior, sem a ter de nenhum modo em conta, como se tivesse sido esquecida. Era proposta aos juristas a tarefa de conciliar os diferentes ramos jurídicos, mas eles não curavam disso nem com muito zelo nem com muito êxito.

Esta pulsação de decretos conduziu a um estranho quadro de delitos e crimes de direito comum em todo o país. Podia observar-se que nem os roubos, nem os assassínios, nem a destilação caseira de vodca, nem as violações aconteciam no nosso país, segundo os lugares e as circunstâncias, como consequência de fraquezas humanas, da luxúria e de paixões desenfreadas!

Não! Nos crimes cometidos por todo o país verificava-se uma assombrosa unanimidade e uniformidade! Era todo o país fervilhando de violadores, ora apenas de assassinos ou de destiladores de vodca, como reacção ao último decreto governamental. Dir-se-ia que cada

delito dava o flanco ao respectivo decreto, para desaparecer mais depressa! E justamente este delito, que grassava logo por toda a parte, era o mesmo que acabava de ser previsto e punido com mais rigor pela nossa sábia legislação.

Se o decreto sobre a militarização dos caminhos de ferro levou aos tribunais multidões de simples mulheres e de adolescentes, que constituíam a maioria dos funcionários das linhas férreas no tempo de guerra, era porque não tendo recebido, antes, qualquer instrução em quartéis eles eram os que provocavam mais atrasos e cometiam infracções. O decreto sobre o não cumprimento da norma obrigatória dos dias de trabalho simplificou muito a deportação dos kolkhozianos indolentes que não queriam satisfazer-se com o número de pauzinhos que lhes atribuíam69. Se por esse motivo antes se exigia um julgamento e a aplicação do artigo sobre a contra-revolução

Os dias de trabalho eram assinalados por pauzinhos. (N. dos T.)

económica, bastava agora uma decisão do kolkhoz, confirmada pelo Comité Executivo do Soviete do distrito; e os próprios kolkhozianos não podiam deixar de se sentir melhor consigo mesmos ao terem consciência de que, embora fossem deportados, já não os consideravam como inimigos do povo. (A norma obrigatória de dias de trabalho era diferente, segundo as diversas regiões, sendo a mais privilegiada a dos caucasianos: setenta e cinco dias de trabalho; mas muitos destes foram apanhados na torrente, por oito anos, na região de Krasnoiarsk.)

No entanto, neste capítulo, não procedemos a um exame pormenorizado e fecundo das torrentes de crimes e delitos comuns. Só não podemos silenciar unicamente, ao atingir 1947, um dos maiores ucasses de Staline. Já a propósito de 1932 tivemos ocasião de referir-nos à célebre lei do «sete do oito», ou «sete oitavos»,- lei pela qual se prendia em profusão por uma simples espiga, um pepino, duas batatas, uma astilha, ou um carro de linhas70, e sempre com a pena de dez anos.

Mas as exigências do tempo, tais como as compreendia Staline, mudavam, e esses dez anos que pareciam suficientes antes da guerra feroz, agora,

depois da vitória histórica e mundial, tinham um aspecto demasiado frouxo. E, de novo, com menosprezo do Código, ou esquecendo-se de que existia uma infinidade de artigos e decretos sobre delapidações e roubos, foi publicado, em 4 de Junho de 1947, um decreto que ia mais longe do que todos eles, e que foi imediatamente baptizado pelos sempre animosos presos como o ucasse «quatro do seis».

A superioridade do novo ucasse residia, antes de mais nada, em ser recente: logo a seguir à sua aparição devia desencadear-se uma vaga de tais delitos e assegurar-se uma abundante torrente de novos condenados. Mas mais superioridade apresentava ainda quanto aos prazos das condenações: se para darem coragem umas às outras iam apanhar espigas não uma mas três raparigas (um «bando organizado») ou se eram vários os rapazes de doze anos que colhiam maçãs ou pepinos, eram sentenciados a vinte anos em campos de concentração; nas fábricas, a sentença era maior e foi ampliada até vinte e cinco anos (esta mesma pena de um quarto de século fora introduzida dias antes, como uma substituição humanista da pena de morte)71. Finalmente, era reparada a antiga injustiça, segundo a qual só a não

denúncia por razões políticas era considerada um delito contra o Estado: agora, não denunciar os roubos ao Estado ou ao kolkhoz podia valer três anos de campo ou sete anos de deportação.

Nos anos imediatamente posteriores ao ucasse, milhares de habitantes

70 No processo verbal escrevia-se «Duzentos metros de material de costura». Apesar de tudo, tinham vergonha de escrever: «Um carro de linhas».

71 Mas a própria pena de morte só por algum tempo ocultou o seu rosto por detrás do véu, para logo arrancá-lo, mostrando os dentes, ao cabo de dois anos e meio (Janeiro de 1950).

do campo e da cidade foram mandados trabalhar para as ilhas de GULAG em substituição dos indígenas que ali tinham perecido. É certo que estas' torrentes seguiram através da milícia e dos tribunais comuns, sem encher os canais de segurança do Estado, que mesmo sem isso já estavam estafados nos anos do pós-guerra.

Esta nova linha de Staline - segundo a qual agora, depois da vitória sobre o fascismo, era necessário METER NA PRISÃO o maior número possível de pessoas e por longo tempo - repercutiu-se logo, naturalmente sobre os políticos.

Nos anos de 1948-49 a manifesta intensificação das perseguições e da vigilância em toda a vida social foi assinalada pela tragicomédia dos reincidentes, que não tinha procedente.mesmo nas infracções das leis estalinianas.

Assim foram denominados, na linguagem de GULAG, aqueles desgraçados a quem não fora assestado o golpe de misericórdia em 1937, conseguindo sobreviver aos impossíveis e insuportáveis dez anos, e que, agora, em 1947-48, alquebrados e com a saúde arruinada, punham timidamente os pés em terra livre, na esperança de acabarem calmamente o curto tempo de vida que lhes restava. Mas uma fantasia selvática (ou uma tenaz maldade e insaciável sede de vingança) levou o Generalíssimo Vencedor a dar uma ordem: a de que todos esses estropiados deviam ser presos novamente, sem nova culpa! Para ele, era até económica e politicamente desvantajoso obstruir a máquina deglutidora com os seus próprios

desperdícios. Mas Staline decidia precisamente assim. Este foi um dos casos em que a personalidade histórica se mostra caprichosa em relação à necessidade histórica.

E todos eles, recém-radicados em novos lugares ou em novas famílias, foram apanhados. Levaram-nos com a mesma lassitude com que eles também andavam. Sim, já todos eles conheciam com antecipação o caminho da cruz. Não perguntavam: «Porquê?», nem diziam aos familiares «voltarei». Vestiam a roupa mais suja, enchiam de tabaco o saquinho do campo de trabalho e iam assinar o processo verbal. (E este era um e o mesmo para todos: «É você que esteve detido?» - «Sou.» - «Deram-lhe mais dez.»)

E vai daí o egocrata apercebeu-se de que não bastava prender os que tinham sobrevivido ao ano 37! Os filhos desses seus inimigos jurados, também esses, era necessário prendê-los! Pois eles cresciam e podiam pensar na vingança. (Talvez depois de ter ceado bem tivesse tido um mau sonho sobre essas crianças.) Depois de feitos os cálculos e efectuadas as prisões, verificou-se que eram ainda poucos. Tinham prendido os filhos dos chefes do exército, mas os dos

trotsquistas nem todos! E a torrente dos filhos--vingativos arrastou-se. (Entre eles encontrava-se Lena Kossariova,72 de dezassete anos, e Elena Rakovskaia, de trinta e cinco.)

72 Helena Kossariova - filha de H. V. Kossariov, que foi secretário do Comité Central do Komsomol até 1937. (N. dos T.)

Depois do grande deslocamento europeu, Staline conseguiu, até 1948, reconstituir um reduto fechado, bem sólido, com o tecto mais baixo, e nesse espaço assim delimitado tornar mais espessa ainda a antiga atmosfera de 1937.

E foram-se arrastando as torrentes, durante os anos de 1948, 49 e 50:

- A dos espiões imaginários (dez anos antes eram germano-nipónicos, agora anglo-americanos);

- A dos crentes (desta vez, sobretudo, as seitas);

- A dos geneticistas e seleccionadores que não tinham sido detidos, partidários das teorias de Vavilov e de Mendel;

- A dos simples intelectuais e homens de pensamento (com especial rigor para os estudantes), que não tinham ficado suficientemente assustados com o acidente.

Era moda dar-lhes:

VAT - por enaltecer a técnica americana;

VAD - por enaltecer a democracia americana;

PZ - por venerar o Ocidente.

As torrentes eram idênticas às de 1937, mas não as sentenças: a norma, agora, já não era os dez anos patriarcais, mas o novo quarto de século estaliniano. Agora, dez anos era coisa de criança...

Uma torrente considerável foi então originada pelo novo ucasse sobre a divulgação de segredos do Estado (e considerava-se como segredos: as colheitas dos distritos; qualquer estatística epidemiológica; o tipo de produção de qualquer oficina ou fabriqueta; a menção de qualquer aeroporto civil; as zonas do transporte urbano; o nome de um recluso que se

encontrava no campo de trabalho). Por esse ucasse a pena atribuída era de quinze anos.

Tão-pouco eram esquecidas as torrentes das nacionalidades. Elas fluíam constantemente, provindas dos combates de guerrilha no meio dos bosques, tal como a torrente dos partidários de Bender. Simultaneamente, condenavam-se a dez e cinco anos nos campos e à deportação todos os habitantes rurais da Ucrânia Ocidental, que haviam tido qualquer contacto com os guerrilheiros: quem deixara pernoitar, quem lhes dera de comer uma só vez que fosse e quem não os denunciara. A partir de 1950, aproximadamente, foi drenada também a torrente das MULHERES dos benderistas: eram condenadas a dez anos por não os denunciarem, para mais rapidamente acabarem com eles.

Nessa época tinha já cessado a resistência na Lituânia e na Estónia. Mas em 1949 irromperam daí potentes torrentes da nova profilaxia social, destinada a garantir a colectivização. Composições ferroviárias inteiras, vindas das três repúblicas bálticas, carregavam para a deportação na Sibéria os habitantes da cidade e do campo. (O ritmo histórico era encurtado nessas repúblicas. Num breve prazo

deviam percorrer o mesmo caminho já andado por todo o país.)

Em 1948 foi enviada para a deportação ainda outra torrente nacionalista: a dos gregos de Azov, do Kuban e de Sukhumi. De nada tinham sido culpados aos olhos do Pai durante os anos da guerra, mas agora vingava-se neles, talvez pelo seu fracasso na Grécia.

Parece que esta torrente foi também fruto da sua demência pessoal. A maioria dos gregos foi parar à deportação na Ásia Central e os descontentes postos em isolamento político.

Cerca de 1950, sempre por vingança da guerra perdida ou para manter o equilíbrio com os já deportados, vieram parar ao Arquipélago os próprios insurrectos do exército de Marcos, que nos foram entregues pela Bulgária.

Nos últimos anos da vida de Staline começou a delinear-se, de maneira definida, a torrente dos judeus (a partir de 1950, iam sendo arrastados aos poucos como cosmopolitas). Com esse objectivo foi

tramado o caso dos médicos. Segundo parece, Staline preparava-se para organizar um grande extermínio dos judeus73.

No entanto, este foi o primeiro desígnio fracassado em toda a^sua vida. Segundo parece, Deus quis que, através das mãos humanas, ele entregasse a sua alma.

O relato que precede tinha por fim mostrar à evidência que a transplantação de milhões de homens e o povoamento de GULAG obedeciam a uma fria e premeditada lógica, bem como a uma tenacidade permanente. Que nunca houve entre nós cárceres VAZIOS, mas sempre cheios ou superlotados.

Que enquanto vós vos ocupáveis, para vossa satisfação, com os inofensivos segredos do átomo; estudáveis a influência de Heidegger sobre Sartre; coleccionáveis reproduções de Picasso; viajáveis em carruagens-camas para as termas, ou acabáveis de construir as vossas casas de campo nos arrabaldes de Moscovo, as carrinhas corriam ininterruptamente de um extremo ao outro das ruas e os agentes da segurança do Estado batiam e chamavam às portas.

E eu penso que, com este relato, fica demonstrado que os órgãos nunca comeram o seu pão em vão.

73 Nada sabemos de modo fidedigno, nem agora nem talvez por longo tempo. Mas, segundo rumores que circulavam em Moscovo, o desígnio de Staline era enforcar, em começos de Março,«os médicos-assassinos», na Praça Vermelha. Em seguida, os patriotas deviam naturalmente (sob a direcção de instrutores) lançar-se num pogrom contra os israelitas. E então o Governo (conhece-se o carácter de Staline, não é verdade?), salvando magnanimamente os judeus do ódio popular, expulsava-os nessa mesma noite de Moscovo para o Extremo Oriente e para a Sibéria (onde já se estavam a preparar barracas).

III A INSTRUÇÃO

SE aos intelectuais das peças de Tchekhov, sempre a fazer conjecturas sobre o que seria a vida dentro de vinte, trinta ou quarenta anos, tivessem respondido que na Rússia se torturaria os acusados durante a instrução do processo; que se lhes apertaria o crânio com um anel de ferro1; que se submergiria uma pessoa num banho de ácido2; que se ataria um

homem nu para o expor às formigas e aos percevejos; que se introduziria a vareta de uma espingarda, quente ao rubro, pelo orifício anal («a marca secreta»); que se comprimiriam lentamente com uma bota os órgãos sexuais e que, como tratamento mais suave, se torturaria alguém durante uma semana, sem a deixar dormir, nem lhe dar de beber, espancando-o até deixar o corpo em carne viva - nem uma só dessas peças teria chegado até ao fim e todos os seus heróis teriam ido parar ao manicómio.

E não só os heróis de Tchekhov! Que russo normal dos começos do século e, entre os mais, que membro do Partido Operário Social-Democrata Russo poderia suportar semelhante difamação lançada contra o futuro luminoso? Aquilo que ainda se admitia sob o poder de Aleksei Mikhailo-vitch e que já sob Pedro, o Grande parecia bárbaro; aquilo que nos tempos de Byron podia ser aplicado a dez ou vinte pessoas e que já era completamente impossível de suceder no reinado de Catarina, isso foi realizado em pleno florescimento da sociedade do nosso grande século XX, concebido segundo os princípios socialistas, quando já voavam aviões e havia surgido o cinema sonoro e a rádio. E foi realizado, não por um

criminoso isolado num lugar secreto, mas por dezenas de milhares de bestas humanas, especialmente amestradas, sobre milhões de vítimas indefesas.

Será apenas terrível esta explosão de horroroso atavismo, designado agora como subterfúgio, por «culto de personalidade»? Ou sê-lo-á também que, no decurso destes mesmos anos, tivéssemos comemorado o centenário de Puschkine, que sem qualquer vergonha tivéssemos representado essas mesmas peças de Tchekhov, embora já soubéssemos a resposta a tais perguntas? Mas não será mais terrível ainda que trinta anos depois nos venham dizer: não se deve falar disso! Recordar o sofrimento de milhões de

' Como aconteceu ao Doutor S., segundo o testemunho de A. P. K. 2 Como aconteceu a H. S. T.

pessoas é deformar a perspectiva histórica! Tratar de descobrir a essência dos nossos costumes é obscurecer o progresso material! Que se fale antes dos altos-fornos que foram acesos, ou dos trens de

laminação-, ou dos canais que foram abertos... Não, dos canais também não é conveniente falar... Antes do ouro de Kolima... Não, tão-pouco isso é conveniente. Enfim, pode falar-se de tudo, mas desde que se saiba fazê-lo, glorificando-o... Será então incompreensível que amaldiçoemos a Inquisição? Acaso, além das fogueiras, não havia ao mesmo tempo serviços religiosos solenes? Será incompreensível que não gostemos do direito feudal? Veja-se, não se proibiam os camponeses de trabalhar todos os dias... E eles podiam celebrar o Natal com vilancicos; pela Trindade as moças teciam coroas...

* *

O carácter excepcional que as lendas orais e escritas atribuem agora ao ano 37, reside, aos olhos de muitos, na invenção de culpas e nas torturas. Mas não é essa a verdade, isso é inexacto. Quaisquer que forem os anos ou as décadas, a instrução, segundo o artigo 58, QUASE NUNCA visou o esclarecimento da verdade, consistindo unicamente num procedimento sujo e inexorável: pegar num homem que se acabava de privar da liberdade, por vezes altivo, sempre impreparado, dobrá-lo, introduzi-lo num tubo estreito, onde os ganchos da armadura lhe esgaçavam

os costados, onde não podia respirar, de maneira a que ele implorasse a graça de chegar à outra extremidade. E dessa extremidade, ei-lo que saía já pronto, como um indígena do Arquipélago, a entrar na terra prometida. (Os mais obtusos obstinam-se eternamente, pensando que pode haver essa saída do tubo caminhando para trás.)

Quantos mais anos se deixam passar sem traços escritos, mais difícil se torna reunir as testemunhas dispersas que se salvaram. Mas estas asseguram-nos que a criação de falsos processos remonta já aos primeiros anos de existência dos órgãos, tornando assim palpável a sua constante e insubstituível actividade de salvação, a fim de que com a diminuição dos seus- inimigos não tivessem os próprios órgãos em má hora que desaparecer. Como se vê pelo processo de Kossiriev3 a situação da Tcheka era já cambaleante em começos de 1919. Lendo os jornais de 1918, deparei com um comunicado oficial sobre a descoberta de um terrível complot, montado por um grupo de dez pessoas que queriam (e limitavam-se ainda a QUERER!) içar ate ao telhado do hospício (vejam só a altura que isto faz) alguns canhões, para daí bombardear o Kremlin. As pessoas eram dez

(entre elas podia haver mulheres e adolescentes), mas ignora-se quantos eram os canhões. E de onde vinham esses canhões? De que calibre eram? E como fazê-los subir

3 Parte I, capítulo 8.

da escada até ao telhado? E como instalá-los no telhado inclinado de modo a não resvalarem ao disparar! Porque é que os polícias de Petersburgo, quando lutavam contra a Revolução de Fevereiro, não puseram metralhadoras pesadas nos telhados?... E, contudo, esta fantasia, antecipando as construções de 1937, era lida por toda a gente! E.acreditavam nela!... Evidentemente, com o tempo, vieram a demonstrar-nos que o caso «Cumi-liov», no ano de 1921, foi pura invenção4. Nesse mesmo ano, a Tcheka de Riazan montou um falso processo sobre uma «conspiração» da intelectualidade local (mas os protestos de algumas pessoas corajosas puderam chegar ainda até Moscovo, e o processo foi arquivado). Nesse mesmo ano de 1921, foi fuzilado todo o Comité de Sapropeliev, que fazia parte da Comissão de

Protecção da Natureza. Conhecendo-se bem o carácter e o ambiente dos círculos científicos russos da época, e não nos deixando separar daqueles anos pela cortina de fumo do fanatismo, talvez possamos compreender, sem fazer grandes investigações, qual o valor de um tal CASO.

O ano de 1921 ficou na memória de E. Doiarenko. Na sala de admissão da Lubianka, que tinha de quarenta a cinquenta bancos, dão entrada mulheres durante toda a noite, sem cessar. Nenhuma sabe do que é culpada. A impressão geral é a de que as prisões são feitas sem motivo. Ela é a única em toda a sala que sabe: é uma socialista revolucionária. Eis a primeira pergunta feita por Iagoda: «Então, porque é que te trouxeram para aqui?» O que queria dizer: inventa tu mesma, ajuda-nos a fabricar este caso! Algo de ABSOLUTAMENTE SEMELHANTE é relatado sobre a G.P.U. de Riazan, no ano de 1930! A impressão geral era que todos estavam presos sem qualquer culpa. A tal ponto não sabiam de que acusá-los que I. D. T. foi acusado de usar um nome falso. (E, embora fosse o verdadeiro, condenaram-no a três anos, pelo artigo 58-10.) Não sabendo que pretexto invocar, o comissário instrutor perguntou-lhe: «Em que

trabalhava?» - «Era funcionário da planificação.» - «Escreva uma nota sobre este tema: O que é a planificação na empresa e como se realiza. Depois saberá porque o prenderam.» (Na nota ele encontraria qualquer pretexto a que se agarrar.)

Isso faz lembrar o caso da fortaleza de Kovenskaia, em 1912. Tinham decidido suprimi-la, por ser inútil: ela deixara de cumprir o seu objectivo militar. Então, os oficiais do comando, alarmados, organizaram um «canhoneio nocturno» sobre a fortaleza, para demonstrarem a sua utilidade e ficarem nos seus lugares!...

Aliás, o ponto de vista teórico sobre a CULPABILIDADE do acusado, era, desde o começo, muito livre. Nas instruções relativas ao terror vermelho, o tchequista M. Y. Latsis escreveu: «... não procurem, durante a instrução, documentos ou provas de que o acusado actuou por palavras ou

4 A. A. Akhmatova exprimiu a sua plena convicção acerca disso. Ela até me disse o nome do tchequista que inventou este caso (Y. Agranov, segundo parece).

por actos contra o poder soviético. A primeira pergunta deve ser: a que classe pertence, qual é a sua origem, o seu nível de instrução (eis o caso do Comité de Sapropeliev! — A.S.), a sua educação. Estas questões determinarão o destino do acusado.» Em 13 de Novembro de 1920, Dzerjinski, numa carta à Vetcheka faz notar que na Tcheka «frequentemente dão seguimento a declarações caluniosas».

Sim, ensinaram-nos durante dezenas de anos que de lá não se regressa! À excepção do breve e premeditado movimento do ano de 1939, apenas se conhecem relatos isolados sobre a libertação de pessoas como resultado final da investigação. E de resto, ou essa pessoa depressa seria detida de novo, ou a deixariam em liberdade para espiá-la. Assim se criou a tradição de que os órgãos nunca têm falhas no seu trabalho. Que sucede então aos inocentes?...

No Dicionário de Língua Russa, de autoria de Dal, faz-se esta distinção: o inquérito difere da instrução, pelo facto de que se organiza para certificar previamente se existem ou não fundamentos para proceder à instrução judicial.

Oh!, santa simplicidade! Então os órgãos nunca souberam o que é um inquérito] As listas enviadas pelos dirigentes, a mais pequena suspeita, a denúncia de um polícia secreto ou mesmo de um anónimo5 eram suficientes para conduzir à detenção e desta à inevitável acusação. O tempo dado para a instrução do processo não se destinava a esclarecer o delito, mas sim, em noventa e cinco por cento dos casos, a esgotar, extenuar e debilitar o preso, a tal ponto que este desejava nem que fosse cortar a cabeça com um machado, só para ver o fim mais rapidamente.

Já em "1919 o método principal de instrução erâ o de pôr o revólver sobre a mesa.

Assim se desenrolava não apenas a instrução dos processos políticos como também dos «comuns». No processo da Administração Geral dos Combustíveis (1921) a ré, Makhrovskaia, queixou-se de que durante os interrogatórios a tinham obrigado a tomar cocaína. O acusador6, pretendendo esquivar-se, replicou: «Se ela declarasse que a tinham tratado grosseiramente, que a tinham ameaçado com o fuzilamento, ainda se poderia, com rigor, acreditar.» Eis o assustador revólver posto sobre a mesa e às vezes apontado contra ti, e o comissário instrutor não perde tempo

nem feitio a descobrir do que és culpado, repetindo: «Fala, tu já sabes do que se trata!» Era o que no ano de 1927 o comissário Khaikin exigia de Skripnikova; e era o que no ano de 1929 exigiam de Vitkovski. E nada mudou, decorrido um quarto de século. No ano de 1952, à mesma Anna

5 O artigo 93 do Código de Processo Penal rezava assim: «A denúncia anónima pode servir para instaurar um processo criminal.» (A palavra «criminal» não deve causar surpresa, uma vez que todos os políticos eram considerados criminosos.)

6 N. V. Krílenko: Em Cinco Anos. Editora Estatal, Moscovo, 1923, pág. 401.

Skripnikova, que cumpria a QUINTA detenção, o chefe da secção de instrução da Segurança do Estado de Ordjonikidze, Sivakov, declara: «O médico da prisão entregou-nos uma nota, dizendo que a tua tensão arterial é de duzentos equarenta-cento e vinte. Issoé pouco, canalha (ela ia a caminho dos sessenta anos). Fá-la-emos chegar até trezentos e quarenta, para que estrebuches, minha víbora, sem necessidade

de nódoas roxas, de espancamentos, nem fracturas. Basta que não te deixemos dormir!» E se Skripnikova, após os interrogatórios nocturnos, durante o dia fechava os olhos na cela, o vigilante irrompia, berrando: «Abre os olhos, senão arrasto-te pelos pés e prego-te à parede!»

A partir de 1921 os interrogatórios passaram a ser, na sua maioria, nocturnos. Nessa época utilizavam-se já os faróis de automóveis para encandear o acusado (Tcheka de Riazan, Stelmakh); E em 1926, na Lubianka (testemunho de Berta Gandal), era utilizado o sistema de aquecimento da fábrica de automóveis AMO para as celas, o qual expelia ora ar frio, ora ar fedorento. E havia uma cela revestida de cortiça, sem ventilação, onde, para cúmulo, se sufocava de calor. Parece que o poeta Kliuiev esteve numa cela desse género e aí permaneceu Berta Gandal. O participante da insurreição de Yaroslavl, de 1918, Vassili Aleksandrovitch Kacianov, contava que essa cela era aquecida até ao ponto de os poros do corpo sangrarem; observando os efeitos através do postigo, colocavam então o preso numa maca e levavam-no para assinar o processo verbal. São conhecidos os métodos quentes (e «salgados») do período de «ouro».

Na Geórgia, em 1926, queimavam as mãos dos presos com cigarros; na prisão de Metekha, empurravam, na escuridão, os presos para dentro de um tanque cheio de imundícies.

Eis a relação simples entre todos estes factos. Já que é necessário acusar de qualquer maneira, são inevitáveis as ameaças, as violências e as torturas, e quanto mais fantasiosa for a acusação mais cruel deve ser a investigação, para obrigar às confissões. E uma vez que as acusações eram sempre inventadas, havia sempre violências, o que não foi pois atributo do ano de 1937, mas sim um sintoma prolongado, de carácter geral. Por isso se torna estranho ler agora por vezes nas recordações de antigos zeks, que as torturas foram permitidas a partir da Primavera de 1938 . Não existiram nunca quaisquer limites morais e espirituais capazes de refrear os órgãos na aplicação das torturas. Nos primeiros anos a seguir à Revolução discutia-se abertamente no «Seminário da Tcheka», na «Espada Vermelha» e no «Terror

7 E. Guinzburg escreve que a autorização para a «aplicação da força física» foi dada em Abril de 1938. V. Chalamov considera que as torturas foram permitidas em meados de 1938. O velho detido M-tch

está convencido de que houve uma «ordem acerca da simplificação dos interrogatórios e da substituição dos métodos psicológicos pelos físicos». Ivanov--Razmnik põe em evidência que «por meados de 1938 teve lugar o período dos interrogatórios mais cruéis».

Vermelho» o problema de saber se a aplicação de torturas era admissível do ponto de vista do marxismo. A julgar pelas consequências, a resposta foi positiva, embora não universal.

Será mais justo dizer, quanto ao ano de 1938: se até aí as aplicações de torturas era condicionada a formalidades que implicavam a sua permissão em cada caso (a qual era obtida facilmente), nos anos 1937-38, tendo em conta a situação excepcional (havia que enviar milhões de homens para o Arquipélago num breve prazo pré-determinado, fazendo-os passar, de qualquer rhodo, através do aparelho de instruções individuais, o que não se verificou nas torrentes maciças dos kulaks e das nacionalidades), as autorizações de violências e de torturas foram dadas ilimitadamente aos instrutores,

segundo o seu critério, conforme o exigisse o seu trabalho e o prazo estabelecido. Ao mesmo tempo, não se regulamentavam os tipos de torturas e era permitida qualquer invenção nesse domínio.

Em 1939 essa autorização tão ampla e geral foi impressa e exigiram-se novamente formalidades escritas para a aplicação das torturas, sendo provável que elas não fossem fáceis de obter (entretanto, as simples ameaças, a chantagem, o engano, a extenuação pela privação do sono e as celas de castigo não foram nunca proibidas). Mas já a partir do fim da guerra e nos anos posteriores foram especificadas certas categorias de presos, em relação aos quais era permitido, de antemão, aplicar uma ampla gama de torturas. Entre elas estavam incluídos os nacionalistas, especialmente os ucranianos e os lituanos, e sobretudo naqueles casos em que havia, ou se considerava que havia, ligações clandestinas, sendo preciso desmantelá-las, conseguir todos os nomes através dos que estavam presos. O grupo de Skirius Roualdas Prano, por exemplo, compreendia cinquenta lituanos. Em 1945, eles foram acusados de afixar cartazes anti-soviéticos. Por falta de prisões na Lituânia, nesse tempo, foram conduzidos para o

campo que fica situado perto de Velsk, na região de Arcângel. Alguns foram ali torturados, outros não resistiram ao duplo regime de trabalho no campo e aos interrogatórios, mas o resultado foi este: todos os cinquenta presos, unanimemente, se confessaram culpados. Passou algum tempo e comunicaram da Lituânia que tinham sido descobertos os verdadeiros culpados da afixação de cartazes, E QUE AQUELES NADA TINHAM A VER COM ISSO! Em 1950, no campo de trânsito de Kuibichiev, encontrei-me com um ucraniano de Dniepro-petrovsk a quem, para obterem «ligações» e nomes de pessoas, tinham torturado por métodos diversos, inclusive o castigo que consistia em só o deixarem dormir com uma vara para apoio, quatro horas por dia. Depois, retiravam-lhe a vara. A seguir à guerra também torturaram Levina, membro correspondente da Academia das Ciências, pelo facto de ela ter conhecidos comunscom a família dos Aliluiev.

Seria ainda inexacto atribuir ao ano de 1937 a «descoberta», segundo '• qual a confissão da culpa pelo acusado é mais importante do que todas as provas e factos. Essa prática tinha-se estabelecido nos anos 20. Mas no ano

de 1937 é o da manifestação oportuna da doutrina brilhante de Vichinski. Entretanto, ela foi então transmitida apenas hierarquicamente aos comissários instrutores e aos interrogadores, para sua firmeza moral, enquanto nós, todos os outros, só soubemos dela vinte anos mais tarde, quando começou a ser atacada em orações subordinadas e em parágrafos secundários de artigos de jornal, como se se tratasse de algo conhecido amplamente e de há longo tempo por todos.

Sucede que nesse ano de sinistra memória, num discurso que se tornou célebre nos círculos especializados, Andrei Januarievitch (dá vontade de chamar-lhe jaguarievitch), Vichinski, fazendo apelo ao espírito flexível da dialéctica (que não é permitida aos simples súbditos do Estado, nem agora às máquinas electrónicas, dado que para eles o sim é sim, e o não é não), lembrou que, para a humanidade, nunca é possível estabelecer a verdade absoluta, mas apenas a verdade relativa. E vai daí deu um passo que os juristas metafísicos não tinham ousado dar em dois

mil anos: o de que, em consequência, a verdade estabelecida pela instauração do processo e pelo próprio processo não pode ser absoluta, mas simplesmente relativa. Assim, ao assinar uma sentença de fuzilamento nós nunca podemos estar absolutamente convictos de executar o culpado, mas só com um certo grau de aproximação, baseados em certas suposições num certo sentido8. Daí a conclusão mais prática: a de que é tempo perdido em vão a busca de provas documentais absolutas (elas são todas relativas) e de testemunhas irrefutáveis (elas podem contradizer-se). Quanto às provas relativas, ou aproximativas, o juiz pode muito bem obtê-las mesmo sem documentos, sem sair do seu gabinete, «apoiando-se não só na sua inteligência, mas também na sua intuição de membro do Partido, nas suas forças morais» (isto é, na superioridade do homem que dormiu, que está saciado e não foi espancado) «no seu carácter» (ou seja, na sua vontade ou crueldade).

Naturalmente, esta forma de perguntar as coisas era muito mais refinada do que as instruções de Latsis. A essência, porém, era a mesma.

E só sobre mais um ponto é que Vichinski não foi até ao fim, retorcendo-se na aplicação da sua lógica dialéctica: por alguma razão, ele deixou que a BALA NA NUCA continuasse a ser uma prova ABSOLUTA...

Assim, desenvolvendo-se em espiral, as deduções da jurisprudência de vanguarda voltaram aos pontos de vista da pré-Antiguidade ou da Idade

8 Talvez que o próprio Vichinski não tivesse menos necessidade do que os seus auditores desta consolação dialéctica. Ao gritar da sua tribuna de procurador: «Fuzilem-nos todos como cães raivosos!», ele, inteligente e mau como era, compreendia bem que os acusados estavam inocentes. Era pois com redobrada veemência, provavelmente, que ele e um ás da dialéctica marxista como Bukharine se entregavam a recobrir de ornamentos dialécticos as mentiras processuais: para Bukharine era demasiado estúpido e desopilante morrer, sendo completamente inocente (ele NECESSITAVA, inclusive, de provar a sua culpa!) e para Vichinski era mais agradável sentir-se um lógico do que um patife mascarado.

100

Média. E, como òs carrascos medievais, os nossos procuradores e juízes concordaram em considerar como principal prova da culpabilidade, a confissão do acusado9.

Entretanto, a ingénua Idade Média, para arrancar as desejadas confissões, recorria a meios dramáticos, impressionantes: à roldana, à roda, ao assador, às cavilhas e ao empalamento. No século XX, graças ao progresso da medicina, e a uma considerável experiência prisional (houve alguém que defendeu isso muito a sério numa tese), reconhecem-se que uma concentração de meios tão aparatosos, tratando-se de uma aplicação em massa, se tornava supérflua e pesada. E, de resto...

E, de resto, pelos vistos, havia ainda uma circunstância: como sempre, Staline não dissera a última palavra e os seus próprios subordinados deviam adivinhar. Ele reservava para si um buraco de chacal a fim de poder dar um passo atrás e escrever A Vertigem dos Êxitos. Era a primeira vez que a tortura planificada de milhões de homens era empreendida na história da humanidade e, com toda a força do seu poder, Staline não podia estar absolutamente seguro do seu êxito. Com um material gigantesco, a

experiência podia decorrer diferentemente do que com material discreto. Podia ter lugar uma explosão imprevista, uma fractura geológica ou, pelo menos, a divulgação universal do segredo. Em qualquer caso, Staline devia guardar a sua auréola pura e angélica.

Por isso é-se levado a pensar que não existia uma lista de torturas e de vilanias distribuídas em letra impressa aos comissários instrutores, mas que se exigia apenas que cada sector de instrução, num prazo fixo, enviasse ao tribunal um número determinado de patos que tivessem confessado. E simplesmente (por via oral, mas com frequência) que todas as medidas e meios eram bons, uma vez que visavam um objectivo elevado: que ninguém pedia contas a um comissário pela morte de um réu; que o médico da prisão deve intervir o menos possível no decurso da instauração do processo. Provavelmente, organizava-se um intercâmbio amigável de experiências, «aprendendo-se com os de vanguarda»; reconhecia-se «o interesse material», com o pagamento a dobrar pelas horas nocturnas e prémios pela instrução em prazos reduzidos; e advertia-se também que o comissário que não desempenhasse bem a sua tarefa... Desse modo, se num qualquer

departamento regional da N.K.V.D. houvesse um fracasso, o chefe ficaria sempre limpo perante Staline: não havia dado indicações directas para torturar! E ao mesmo tempo tinha assegurado as torturas!

Compreendendo que os superiores tomavam precauções, parte dos comissários instrutores (não aqueles que com exaltação se deleitavam) iam começando

Compare-se com o quinto aditamento à Constituição dos Estados Unidos: «É proibido fazer declarações contra si próprio.» É PROIBIDO!... (O mesmo reza o código inglês dos direitos, no século XVII.)

pelos métodos mais suaves, e, à medida da sua intensificação, procuravam esquivar-se àqueles que deixavam vestígios demasiados evidentes, tais como: vazar um olho, arrancar uma orelha, fracturar a coluna vertebral e, ainda, encher o corpo de nódoas negras.

Eis porque, em 1937, não observámos - além da privação do sono -uma completa uniformidade de

métodos nas várias prisões regionais e entre os diferentes comissários de uma mesma direcção10.

Havia, contudo, algo de comum na preferência dada aos meios denominados suaves (já veremos em que consistiam), e esse era um caminho infalível. Na verdade, os limites reais do equilíbrio humano são muito estreitos e era completamente desnecessário lançar mão da roldana ou do assa-dor para pôr fora de si uma pessoa comum.

Tentaremos enumerar alguns dos métodos mais simples, que quebrantam a vontade e a personalidade do preso sem, contudo, deixar vestígios no seu corpo.

Começaremos pelos métodos psíquicos. Para os patinhos que nunca se haviam preparado para os sofrimentos prisionais, estes métodos têm uma força terrível e mesmo aniquiladora. E mesmo para os que têm convicções tão-pouco são fáceis.

1. Vejamos em primeiro lugar as noites. Porque é que o essencial do desmoronamento das almas tem lugar de noite? Porque é que desde o seu aparecimento os órgãos tiveram preferência pela noite? Porque, durante a noite, arrancando violentamente ao sono (e mesmo ainda não martirizado pelo sono), o preso não

pode manter o equilíbrio e guardar a lucidez como de dia, tornando-se mais maleável.

2. A persuasão em tom de fraqueza. É a coisa mais simples. Para quê brincar ao gato e ao rato? Depois de estar entre outros processados, o preso já assimilou a situação geral. E o comissário diz-lhe em tom displicente e amigável: «Tu próprio compreendes que, de todos os modos, serás condenado. Mas se opões resistência, aqui na prisão, chegarás ao extremo de perder a saúde. Enquanto num campo de trabalho terás ar, luz... O melhor para ti, pois, é assinares já.» Tudo muito lógico. E todos aqueles que concordam e assinam são muito sensatos... quando se trata apenas deles próprios. Mas raramente sucede assim. E a luta é inevitável.

Outra variante é a persuasão dirigida a um membro do Partido: «Se no país há carências e até fome, você mesmo, como bolchevique, deve decidir: poderia admitir que o Partido seja culpado disto? Ou o poder soviético?» -«Não, naturalmente!», apressa-se a responder o director de um centro de produção de linho. «Então tenha coragem e assuma as suas responsabilidades!» Ele assume-as!

10 Diz-se que as torturas em Rostov do Don e em Krasnodar se destacavam pela sua crueldade, mas isso não está demonstrado.

3. Insultos grosseiros. É um método pouco complicado, mas que pode ter efeitos seguros sobre pessoas educadas, delicadas, de natureza sensível. Conheço dois casos, ocorridos com religiosos, que cederam unicamente com palavrões. No caso de um deles (em Butirki, em 1944), a instauração do processo era dirigida por uma mulher. De início, na cela, ele cansava-se de elogiá-la, dizendo como ela era amável. Mas um dia voltou aturdido e durante muito tempo recusou-se a repetir as palavras com que, refinadamente, ela o mimoseou, cruzando, com descaro, um joelho sobre o outro. (Lamento não poder inserir aqui uma das suas frasezinhas.)

4. Choque provocado pelo contraste psicológico. Assim, as mudanças repentinas: todo o interrogatório, ou parte dele, tinha sido extremamente amável, com um tratamento pelo nome ou pelo sobrenome, sendo feita toda a espécie de promessas.

Depois, subitamente, o instrutor levantou-se, fazendo ameaças com o pisa-papéis: «Ah! patife! Vais apanhar "nove gramas" na nuca!», e as suas mãos avançavam como se fossem agarrar os cabelos, como se as unhas terminassem em agulhas, a aproximar-se (contra as mulheres, este é um método muito eficiente).

Outra variante: a alternância de dois comissários, um que nunca ameaça e atormenta, e outro que se mostra simpático, quase cordial. O interrogado treme de cada vez que entra no gabinete, sem saber qual irá encontrar, e, sucumbindo ao contraste, dispõe-se a reconhecer e a assinar ao segundo, inclusive o que não fez.

. 5. Humilhação prévia. Nas célebres caves da G.P.U., de Rostov (número trinta e três), sob o grosso pavimento de vidro da rua (que era um antigo armazém), os presos, antes do interrogatório, eram metidos várias horas no corredor, com o rosto contra o chão, sendo proibidos de levantar a cabeça e de fazer o mínimo ruído. Assim, ficavam deitados, como os muçulmanos nas suas preces, até que o encarregado de os levar lhes tocasse no ombro e os conduzisse ao interrogatório. Aleksandrovna não tinha feito as declarações necessárias na Lubianka.

Foi transferida para Lefortovo. Ali, na sala de entrada, uma vigilante mandou-a despir-se, como se fosse do regulamento, levou-lhe a roupa e fechou-a nua num quartinho. Logo vieram vigilantes do sexo masculino que se puseram a mirar pelo postigo, a rir-se e a comentar a figura dela. Fazendo-se um inquérito, ainda se podem encontrar, naturalmente, depoimentos sobre muitos outros casos. O objectivo é sempre o mesmo: criar no acusado um estado de abatimento.

6. Métodos que levam o preso a desconcertar-se. Eis como F. I. V., de K-rasnogorsk, na região de Moscovo (segundo me comunicou I. A. P.), foi interrogado. A investigadora, no decurso do interrogatório, despia-se pouco a Pouco, diante dele, fazendo strip-tease, mas continuava a fazer perguntas, como se nada sucedesse, andava pelo gabinete e aproximava-se do preso conseguindo que ele cedesse nas declarações. Talvez que se tratasse de uma necessidade pessoal dela, ou talvez de um frio cálculo: o preso é que

ficava perturbado e assinava! Quanto a ela, não corria qualquer risco pois tinha uma pistola e a campainha.

7. Intimidação. É o método mais fácil de utilizar, sendo muito variado. É acompanhado frequentemente de sedução e promessas (falsas, evidentemente). Em 1924: «Você não quer confessar? Terá de ir para Solovki. Nós pomos em liberdade aqueles que confessam.» Em 1944: «Depende de mim indicar para que campo te enviam. Os campos são diferentes uns dos outros. Agora temos campos de trabalhos forçados. Se fores sincero, irás para um lugar suave, mas se te obstinares apanharás vinte e cinco anos de trabalhos forçados subterrâneos e serás algemado!» Intimida-se também o acusado com outra prisão pior: «Se te manténs renitente enviamos-te para Lefortovo (no caso de se estar na Lubianka), ou para Sukhanov (no caso de se estar em Lefortovo) e lá não falarão assim contigo. Ora tu já estás acostumado: nesta prisão o regime parece ser ASSIM-ASSIM, enquanto lá, que torturas te esperam? E depois a transferência... Não será melhor ceder?»

A intimidação age perfeitamente sobre todo aquele que ainda não foi preso, mas sim chamado à Casa Grande, por agora, como aviso. Ele (ou ela) têm ainda

muito que perder; ele (ou ela) têm medo, medo de que não o (a) deixem sair hoje, medo da confiscação dos seus bens, da sua casa. Ele, para evitar esses perigos, está disposto a fazer todo o género de declarações e de concessões. Ela, naturalmente, não conhece o Código Penal e o menos que fazem no início do interrogatório é mostrar-lhe uma folha escrita, com uma citação falsa do código: «Eu fui advertida de que, por falso testemunho, apanharei cinco anos de prisão» (na realidade, segundo o artigo 95, a pena é de dois anos) e, por negar-me a fazer declarações outros cinco...» (Na realidade, segundo o artigo 92, a pena não excede três meses). Aqui, entrou já em acção outro método, a que recorrerão constantemente:

8. A mentira. Nós,.os cordeiros, não podemos mentir, mas o comissário mente constantemente e todos estes artigos não se referem a ele. Perdemos até já o hábito de perguntar: «Que lhe pode suceder por mentir?» Ele pode colocar ante nós tantos depoimentos falsos quantos quiser, com a assinatura imitada dos nossos familiares e amigos - e isso será apenas um modo refinado de interrogatório.

A intimidação, aliada à sedução e à mentira, é o método ideal para exercer influência sobre os

familiares do preso, chamados como testemunhas: «Se você não fizer as declarações (que eles exigem), para ele isso será pior... Você deita-o completamente a perder (como é que uma mãe pode ouvir isto?11. Só com a assinatura desse (impingido) papel você pode salvá-lo» (perdê-lo).

11 Segundo as cruéis leis do Império Russo, os familiares mais chegados podiam, regra geral, recusar-se a fazer declarações. Mas se as fizessem na instrução preparatória, podiam, por sua vontade, retirá-las e impedir que fossem utilizadas no julgamento. O conhecimento ou parentesco com o delinquente não eram, então, considerados como prova!... Coisa estranha...

9. O jogo com a afeição às pessoas mais chegadas. Funciona excelentemente sobre os acusados. Esta é mesmo a mais eficaz das intimidações. Desse modo, pode fazer-se quebrar mesmo o homem mais intrépido (como está profetizado): «O inimigo do homem é a família!» Recordemos aquele tártaro que a tudo resistiu: às suas torturas e às da sua mulher,

mas não às torturas da filha... Em 1930, a comissária instrutora Rimalis fazia a seguinte ameaça: «Prenderemos a sua filha e juntá-la-emos às sifilíticas!» Uma mulher!...

A ameaça de prisão pode abranger todos aqueles que você ama. Às vezes, emprega-se acompanhamento sonoro: «A tua mulher já está presa, mas o seu destino depende da tua sinceridade. E estão a interrogá-la na cela contígua, escuta!» Efectivamente, do outro lado da parede vem um choro acompanhado de gritos de mulher (eles são todos parecidos, e muito mais através de uma parede; mas você tem os nervos tensos, não está nas condições de um perito; às vezes trata-se de um disco com uma voz «tipo esposa», soprano ou contralto: invento registado de alguém). Mas eis que, sem falsificação, lha mostram através de uma porta envidraçada! Como ela vai silenciosa, inclinando a cabeça! Sim! É a sua mulher! Pelos corredores da Polícia de Segurança do Estado! Perdeu-a com a sua obstinação! Já está presa! (Mas ela foi chamada apenas para uma formalidade sem importância, e, no minuto combinado, deixaram-na passar pelo corredor, mas ordenaram-lhe: «Não.levante a cabeça, pois de outra maneira não sai

daqui!») Ou então dão-lhe a ler uma carta dela, exactamente com a sua letra: «Abandono-te! Depois das infâmias que me contaram a teu respeito, não me fazes falta!» (Deve haver esposas que escrevem cartas assim; por que razão não as haveria no nosso país? Resta-te unicamente decidir em tua alma e consciência se se trata, de facto, da tua esposa...)

Em 1944, o comissário Goldman extorquiu de V. A. Korneieva declarações contra outras pessoas, sob esta ameaça: «Confiscamos-te a casa e pomos na rua os teus velhos.» Convicta e firme na sua fé, Korneieva nada temia por si, estava disposta a sofrer. Mas as ameaças de Goldman eram completamente verosímeis segundo as nossas leis e ela atormentava-se pela sua família mais chegada. Quando, numa manhã, depois de ter repelido e rasgado vários depoimentos durante a noite, Goldman começou a escrever uma outra variante, a quarta, em que ela se declarava culpada, e unicamente ela. Korneieva assinou com alegria e uma sensação de vitória moral. Não conservamos, sequer, o simples instinto humano que consiste em justificar-se e defender-se de falsas acusações! Ficamos felizes quando conseguimos tomar sobre nós toda a culpa!12

Agora ela diz: «Onze anos depois, durante o período das reabilitações, deram-me a depoimentos e apoderou-se de mim uma sensação de náusea espiritual. De que podia eu orgulho?!...» Também experimentei o mesmo quando me reabilitaram, ao ouvir trechos

Da mesma maneira que, na natureza, nenhuma classificação tem compartimentações rígidas, também aqui nós não conseguimos separar de forma precisa os métodos psíquicos dos físicos. Onde incluir, por exemplo, uma diversão como a que se segue?

10. Método sonoro. Coloca-se o réu à distância de uns seis ou oito metros, obriga-se a falar em voz muito alta e a repetir tudo. Para uma pessoa extenuada, isso não é fácil. Ou, então, fazem-se dois altifalantes de papelão e, juntamente com um colega instrutor, aproximando-se do preso, grita-se-lhe aos ouvidos: «Confessa, patife!» O preso ensurdece, e, às vezes, perde o ouvido. Mas este não é um método económico. Simplesmente, com a monotonia do

trabalho, os investigadores também querem divertir-se, e, então, cada um inventa e faz o que pode.

11. As cócegas. É também uma diversão. Amarram-se ou apertam-se os braços e as pernas do preso e fazem-se-lhe cócegas no nariz com uma pena de pássaro. O preso torce-se e tem a impressão de que lhe estão a perfurar o cérebro.

12. Apagar o cigarro na pele do preso (processo já mencionado antes).

13. O método luminoso. Deixa-se uma luz eléctrica intensa acesa durante vinte e quatro horas na cela ou dependência onde o preso está. Uma lâmpada demasiado forte para uma dependência pequena, de paredes brancas (eis a aplicação da electricidade economizada pelos estudantes e pelas donas de casa!) As pálpebras do preso inflamam-se, o que é muito doloroso. E, no gabinete do investigador, voltam-se para o acusado os projectores do escritório.

14. Outra invenção. Na noite do 1.° de Maio de 1933, na G.P.U. de Khabarovsk, Tchebotariov foi, não interrogado durante doze horas, mas conduzido durante todo esse tempo ao interrogatório: «Fulano de tal, mãos atrás das costas!» Levaram-no para fora da

cela, conduzindo-o rapidamente pela escada, ao gabinete do investigador. O que o levou saiu. Mas o investigador, sem lhe fazer uma só pergunta, e sem sequer o deixar sentar no banco, agarrou no telefone: «Venham buscá-lo ao cento e sete!» Levaram-no e conduziram-no à cela. Logo que se sentou na tarimba ouviu-se o ruído do cadeado: «Tchebotariov! Ao interrogatório! Mãos atrás das costas!» E, lá em cima: «Venham buscá-lo ao cento e sete!»

Na generalidade dos casos os métodos de pressão podem começar muito antes de se chegar ao gabinete do investigador.

15. A prisão inicia-se pela box, que é uma espécie de cofre ou armário. A pessoa que acaba de ser detida, e que, levada pelo êlan do seu movimento

dos depoimentos anteriores sobre mim própria. Dobrei-me e como que me tornei outra. Agora não me reconheço. Como pude assinar isso, considerando, ainda por cima, que não me havia saído mal?...

interior, está disposta a explicar-se, a discutir e a lutar, é encerrada, logo nos primeiros passos do seu encarceramento, numa caixa, umas vezes com luz e com espaço para sentar-se, outras vezes às escuras e onde só pode manter-se de pé apertada contra a porta. E guardam-na ali durante várias horas, um meio dia ou um dia inteiro. Horas de completa incerteza! Talvez aí fique emparedada para toda a vida! Nunca passou por nada semelhante, e nem pode aperceber-se de nada! Essas primeiras horas decorrem quando tudo dentro dela está ainda envolto nas brumas de um torvelinho espiritual que ainda não se acalmou. Uns deixam-se abater pelo desânimo - e é o momento do primeiro interrogatório! Outros irritam-se,, e isso é ainda melhor: vão ofender o investigador, cometer uma imprudência - e será mais fácil organizar-lhes o processo.

16. Quando as boxes escasseavam, eis como se procedia: na secção da N.K.V.D. de Novo Tcherkass, mantiveram Elena Strutinskaia durante seis dias no corredor, sentada num banco, de maneira que ela não pudesse apoiar-se em nada, não dormisse, não caísse e não se levantasse. Seis dias! Experimente-se ficar assim sentado durante seis horas!

Como variante, pode igualmente manter-se o preso sentado numa cadeira alta, como as de laboratório, de maneira a que os pés não cheguem ao solo, ficando assim muito dormentes. Isso chega a durar de oito a dez horas.

Ou então, durante o interrogatório, quando o preso está já bem observado, manda-se sentá-lo numa cadeira vulgar, da seguinte forma: no extremo do assento, mesmo à beira (mais ainda, mais à frente!), mas de modo que não caia e que o bordo do assento lhe provoque uma pressão dolorosa durante todo o interrogatório. E não lhe permitem, durante longas horas, que se mexa. Só isso? Sim, só isso. Experimentem!

17. Segundo as condições locais, a box pode ser substituída pela fossa da divisão, como sucedia nos campos militares, em Gorokhoviets, durante a Grande Guerra Patriótica. Nessa fossa, de três metros de profundidade e dois de diâmetro, metia-se o preso durante vários dias, sob um céu aberto, por vezes debaixo de chuva. A fossa era para o preso a cela e a retrete. E, através de uma corda, faziam-lhe chegar trezentos gramas de pão e água. Imagine-se alguém

nessa situação, acabado de ser preso, quando tudo ainda fervilha dentro de si.

Decorreria isso acaso das instruções gerais dadas a todas as secções especiais do Exército Vermelho, ou seriam as situações similares de acampamento que conduziam à ampla difusão deste método? Na 36.a Divisão Motorizada de Atiradores, que participou nos combates de Khalkhine-Gol, e que, em 1941, estava de prevenção no deserto da Mongólia, sem nada explicar ao detido, metia-se-lhe uma pá nas mãos (era o chefe da Secção Especial, Samuliov, que se encarregava disso) e ordenava-se-lhe que cavasse, com as medidas exactas, a sua sepultura (isso era já um cruzamento com os métodos psicológicos!). Quando o preso já tinha feito um buraco que

ultrapassava a sua cintura, mandava-se-lhe parar, fazendo-o sentar-se no fundo: a cabeça do preso já não se via. Uma sentinela ficava de guarda a várias dessas covas, e parecia que em torno era tudo deserto[13]. Nesse deserto, mantinha-se o preso nu, sob o abrasador sol da Mongólia e sob o frio

nocturno, sem se lhe fazer qualquer outra tortura. Para quê despender esforços com torturas? O rancho era composto de cem gramas de pão e de um copo de água por dia. O tenente Tchulpeiov, um hércules que era pugilista, de vinte e um anos de idade, esteve assim UM MÊS. Ao cabo de dez dias estava cheio de piolhos. Ao fim de quinze dias foi chamado, pela primeira vez, para prestar declarações.

18. Obrigar o preso a pôr-se de joelhos - não em sentido figurado, mas real: de joelhos e de tal modo que não se sentasse sobre os calcanhares, mantendo o dorso aprumado. No gabinete do comissário ou no corredor pode forçar-se o preso a ficar nessa posição durante doze, vinte e quatro e até quarenta e oito horas. (O mesmo comissário de instrução pode ir a casa, dormir e distrair-se, pois tem o sistema bem organizado: junto da pessoa ajoelhada é posta uma sentinela e as sentinelas rendem-se 14. A quem é conveniente colocar assim? Àqueles que, tendo já o ânimo quebrantado, se inclinam a ceder. E é bom pôr assim as mulheres. Ivanov-Razumnik descreve outra variante desse método: tendo posto o jovem Lordkipanidze de joelhos, o comissário urinou-lhe no rosto! E que sucedeu? Tendo resistido a outros

métodos, Lordkipanidze dobrou-se a este. Isto significa que ele tem um efeito positivo sobre os que são altivos...

19. Ou então, simplesmente, obrigar o preso a permanecer de pé15. Pode-se deixá-lo de pé só durante os interrogatórios, o que também extenua e quebranta. Pode-se fazê-lo sentar nos interrogatórios, mantendo-se de pé entre um interrogatório e outro (põe-se um vigilante de guarda, o qual impede o preso de se apoiar nas paredes e, se o preso dorme ou cai, lhe dá pontapés e o levanta). Às vezes, um dia inteiro de pé basta para que uma pessoa fique sem forças e declare o que se deseja.

20. Durante todo o tempo em que o preso fica de pé (três, quatro, cinco dias) habitualmente não se lhe dá de beber.

Torna-se cada vez mais clara a combinação dos métodos psicológicos e

13 Isto era, pelos vistos, de inspiração mongólica. A revista Niva de 15 de Março de 1914, na pág. 218, inseria uma gravura de um cárcere mongol em que se via cada preso encerrado no seu baú, com um

pequeno orifício para a cabeça e para introduzir a alimentação. Um guarda andava por entre os baús.

14 Porque há quem tenha começado os seus anos de juventude precisamente assim, permanecendo de guarda às pessoas ajoelhadas. Agora, certamente, têm já galões e os seus filhos são já adultos.

15 Método designado, entre nós. nos tempos da P.I.D.E. e da D.G.S., de triste memória, por «tortura da estátua». (N. dos T.)

físicos. Compreende-se, também, que todas as medidas precedentes estão ligadas à privação do sono.

21. Privação do sono, tortura que não era avaliada na Idade Média na sua justa medida: não se conhecia a estreiteza dos limites do diapasão em que o homem conserva a sua personalidade; a privação do sono (ligada ainda por cima à manutenção de pé, à sede, à luz intensa, ao pavor e à incerteza - que longe ficam as torturas medievais*!) turva o raciocínio, quebra a força de vontade, e o homem perde a noção do seu eu.

(Isso faz lembrar a narrativa de Tchekhov: «Quero dormir»; mas aí tudo é muito mais fácil, pois a moça pode recostar-se, experimentar intervalos de lucidez, os quais, por um minuto que seja, refrescam salutarmente o cérebro. A pessoa fica semi-inconsciente, ou totalmente inconsciente, de maneira que se torna já impossível levar a mal as suas declarações[16]...

O argumento era: «Você não é sincero nas suas declarações, e por isso não se lhe permite dormir!» Por vezes, supremo refinamento, em vez de pôr o preso de pé, sentavam-no num divã macio, que predispunha especialmente ao sono (o guarda de plantão sentava-se ao lado do divã, e dava-lhe pancadas cada vez que ele fechava os olhos). Eis como uma vitima descreve (antes disso, tinha passado um dia na box dos percevejos) as suas sensações depois da tortura: «Sente-se um calafrio, devido à grande perda de sangue. Secam-se as membranas dos olhos, como se diante da vista alguém brandisse um ferro incandescente. A língua incha-se devido à sede e pica como um ouriço ao mais leve movimento. Os espasmos da deglutição parecem cortar a garganta[17].

A privação do sono é uma forma superior de tortura e não deixa absolutamente nenhuns vestígios visíveis, nem sequer motivo de queixas, mesmo que irrompa amanhã uma inspecção imprevista18. «Não lhe permitiram dormir? Mas isto aqui não é uma casa de repouso] Os funcionários, tal como você, também não dormiram» (mas de dia, eles desforraram-se!) Pode dizer-se que a privação do sono passou a ser um meio universalmente utilizado pelos órgãos, tendo passado mesmo da categoria de tortura à de regra da segurança do Estado, pois revelou-se um método mais barato, que

Imagine-se, em tal estado de perturbação, um estrangeiro que não sabe russo e a quem dão algo a assinar. Um bávaro, Yup Ashenbrenner, assinou desse modo um documento, afirmando que trabalhava numa câmara de gás. Somente no campo, em 1945, conseguiu, enfim, provar que nessa época frequentava, em Munique, um curso de soldadura a electricidade. 17 G. M.

Entretanto, uma inspecção era de tal modo impensável, NUNCA se fizera, que quando uma comissão entrou na cela do ministro da Segurança do

Estado, Abakumov, já preso em 195.3, ele recebeu-a ás gargalhadas, considerando-a uma mistificação.

permitia prescindir de sentinelas especiais. Em todas as prisões onde se procede à instrução não se pode dormir um minuto sequer, desde o toque de alvorada até à hora de deitar (em Sukhanovka e noutros cárceres, a tarimba é recolhida na parede durante o dia; noutros, ainda, não é permitido deitar-se, nem mesmo, estando sentado, fechar os olhos). E os interrogatórios mais importantes são feitos de noite. É algo de automático: aquele a quem está a ser instaurado o processo não tem tempo de dormir, ao menos, durante cinco dias da semana (nas noites de sábado para domingo e de domingo para segunda-feira os próprios comissários de instrução procuram descansar).

22. Extensão do processo precedente: a cadeia rolante dos investigadores. Não só não te deixam dormir, mas durante três ou quatro dias és interrogado ininterrupta e alternadamente por comissários que se revezam.

23. A box dos percevejos, já referida. Num escuro armário de madeira criaram-se centenas de percevejos, milhares talvez. Tira-se o casaco ou a blusa ao preso, e logo, provindos das paredes e do tecto, caem em cima dele os famintos insectos. De começo, o preso luta desesperadamente contra eles, mata-os, esmagando-os contra si mesmo e contra as paredes, asfixia--se com o seu cheiro e, ao fim de algumas horas, enfraquecido e resignado, deixa-se sugar.

24. Os calabouços. Por muito mal que se esteja na cela, os calabouços são sempre piores; uma vez lá, a cela parece sempre um paraíso. No calabouço, o homem fica extenuado pela fome e habitualmente pelo frio (em Sukhanovka há calabouços escaldantes). Assim, os calabouços de Leforto-vo não são jamais aquecidos, mas apenas os corredores, e ao longo destes os vigilantes de guarda ANDAM de um lado para o outro com botas de feltro e casacos forrados de algodão. O preso, quanto a ele, é despido e deixado em roupa interior, e às vezes só em cuecas, devendo permanecer imóvel (devido à falta de espaço) durante três a cinco dias (só ao terceiro lhe servem rancho quente). Nos primeiros minutos pensa para si mesmo:

«Não resistirei sequer uma hora.» Mas por uma espécie de milagre, a.pessoa ali fica os seus cinco dias, contraindo, talvez, uma doença para toda a vida.

Os calabouços apresentam variantes: a humidade ou a água. Já depois da guerra, G. Macha foi mantida no calabouço da prisão de Tchemovits duas horas descalça com água gelada até aos tornozelos: «Confessa!» (Ela tinha dezoito anos; como davam pena as suas pernas e quanto tempo teria ainda de viver com elas!)

25. Dever-se-á considerar como uma variante do calabouço o encerramento de pé num nicho? Já em 1933, na G.P.U. de Khabarovsk, torturaram assim S. A. Tchebotariov: encerraram-no nu num nicho de cimento, de tal forma que não podia dobrar os joelhos, nem erguer-se, nem endireitar os braços, nem voltar a cabeça. Mais ainda: começou a cair, gota a gota, água fria (que página de antologia!...), derramando-se-lhe pelo corpo em regueiros. Não comunicaram a Tchebotariov, como se compreende.

que isso iria durar apenas vinte e quatro horas. Por terrível, ou não, que fosse, o caso é que o preso desmaiou e, no dia seguinte, quando o viram, ele estava como morto, só tendo recuperado os sentidos no leito do hospital. Voltou a si com amoníaco, cafeína e massagens no corpo. Mas demorou muito a lembrar-se como tinha ido ali parar e o que lhe havia sucedido na véspera. Durante todo um mês ficou inutilizado mesmo para os interrogatórios. (Atrevemo-nos a supor que esse nicho e a instalação dessa gota-a--gota não foram feitos só para Tchebotariov. Em 1949, um meu conhecido, -de Dniepropetrovsk, esteve numa instalação parecida, é certo que sem tal sistema. Entre Khabarivsk e Dniepropetrovsk, e ao longo de dezasseis anos, poderemos supor também a existência de outras instalações?)

26. A fome, já mencionada entre os efeitos combinados. Não é assim um meio tão raro, obter a confissão do preso através da fome. Propriamente falando, o elemento fome, assim como a utilização da noite, faz parte do sistema geral de pressão. O exíguo rancho prisional de trezentos gramas de pão, em 1933, em tempo de paz, de quatrocentos e cinquenta gramas em 1945, na Lubianka, o jogo da autorização

e da proibição de receber pacotes e de fazer vir comida de fora, tudo isso é utilizado absolutamente com todos, é universal. Mas existe uma utilização refinada da fome: por exemplo, Tchulpeniov foi mantido durante um mês a cem gramas diários. Fazendo-o sair da fossa, o comissário instrutor Sokolov colocava diante dele uma panela.de borche, um caldo espesso, meio pão cortado às fatias em diagonal (isso parece não ter importância, mas Tchulpeniov ainda hoje insiste no facto de o pão estar cortado de forma muito tentadora) e entretanto não lhe dava nada de comer. Como tudo isto é velho, feudal, da idade das cavernas! A única novidade é ser aplicado na sociedade socialista! Outros falam também de processos análogos. É coisa frequente. Mas nós vamos de novo relatar o caso de Tchebotariov, dado que é o produto de muitas combinações. Fecharam-no durante setenta e duas horas no gabinete do investigador e a única coisa que lhe permitiam era ir à retrete. De resto, não o deixavam comer, nem beber (ao lado estava um jarro com água), nem dormir. No gabinete encontravam-se sempre três investigadores. Trabalhavam em três turnos. Um escrevia todo o tempo (em silêncio e sem inquietar em nada o preso!), o segundo dormia num

divã e o terceiro andava pelo gabinete e sempre que Tchebotariov dormitava espancava-o imediatamente. Depois alternavam as funções. (Talvez que a eles próprios os tivessem transferido para aquela situação de caserna, por não darem conta do recado?) E, de repente, levaram comida a Tchebotariov: borche ucraniano, cheio de gordura, uma costeleta com batatas fritas e uma caneca de cristal com vinho tinto. Tchebotariov, que ao longo da sua vida sempre teve aversão ao álcool, não bebeu vinho, a despeito das insistências do investigador (e este não o podia forçar muito, porque isso estragava o jogo). Depois da refeição disseram a Tchebotariov: «E agora assina as declarações que fizeste diante de duas testemunhas!», isto é, o que fora redigido,

em silêncio, perante o investigador que dormia e o outro que velava. Desde a primeira página que Tchebotariov verificara que mantinha estreitas relações com todos os mais destacados generais japoneses e que de todos tinha recebido missões de espionagem. E pôs-se a riscar as folhas. Espancaram-

-no e puserám-no fora do gabinete. Mas Blaguinine, também dos caminhos de ferro da China Oriental, preso com Tchebotariov, que tinha sofrido o mesmo que ele, bebera o vinho e, em estado de agradável embriaguez, assinara o papel, Vindo a ser fuzilado. (Para quem esteja três dias sem comer, o efeito que faz um só copito! Quanto mais uma caneca!)

27. O espancamento sem deixar vestígios. Utilizam-se matracas de borracha, malhetes e sacos de areia. É muito doloroso quando batem nos ossos, por exemplo, quando o investigador dá pontapés nas tíbias, onde o osso está mais à flor da pele. Karpunitch-Braven, comandante de brigada, foi espancado durante vinte e um dias consecutivos. (E ainda diz: «Depois de trinta anos, continuam a doer-me todos os ossos e a cabeça.») Ao recordar o que ele e outros relatam, Karpunitch-Braven enumera cinquenta e duas formas de tortura. Eis ainda outra: as mãos são apertadas com um aparelho especial, de maneira que as palmas fiquem planas sobre a mesa, e então bate-se-lhes com uma régua nas articulações — pode-se rugir de dor! Será necessário referir em particular o espancamento dos dentes até parti--los? (Karpunitch ficou com oito quebrados.)19 Como

qualquer pessoa sabe, um murro no plexo, que corta a respiração, não deixa o menor vestígio. O coronel Sidorov, em Lefortovo, já depois da guerra, chutava com uma galocha nos órgãos genitais de um homem pendurado (os futebolistas que apanharam um pontapé nas virilhas podem avaliá-lo). Nada existe de comparável a esta dor, e habitualmente perdem-se os sentidos20.

28. Na N. K. V. D., de Novorossisk, inventaram umas certas maquinetas para esmagar as unhas. Depois, nos campos de trânsito, vimos muitos prisioneiros de Novorossisk a quem tinham caído as unhas.

29. E a camisa de forças?

30. E a fractura da espinha dorsal? (Sempre na mesma G. P. U. de Kha-barovsk, em 1933.)

31. E o freio nos dentes (a «andorinha»)? Este é um método da Sukha-novka, mas também conhecido na cadeia de Arcângel (comissário de instrução

19 Ao secretário do Comité Regional do Partido de Carélia, G. Kuprianov, partiram--lhe alguns dentes. Uns eram naturais e não entraram em conta, mas outros eram de ouro. Primeiro deram-lhe um recibo,

provando que os entregara no depósito para guardar. Depois, aperceberam-se disso e tiraram-lhe o recibo.

20 Em 1918, o Tribunal Revolucionário de Moscovo julgou o antigo guarda da prisão czarista, Bondar. Como exemplo MÁXIMO da sua crueldade, constava da acusação, que «uma ocasião espancou um preso político com tal força que lhe rebentou os tímpanos». (Kri-lenko: Em Cinco Anos, pág. 16.

Ivkov, no ano de 1940). Mete-se uma toalha comprida de pano cru pela boca (o freio) e depois, pelas costas, atam-se as pontas aos calcanhares. Experimente-se ficar assim, com o dorso curvado e rangendo, sem água nem comida, uns dois diazitos21.

Será necessário continuar a fazer esta enumeração? Haverá muito ainda a referir? Que mais não inventarão os ociosos, saciados e insensíveis?...

Irmão! Não censures aqueles que caíram em tais situações, que se mostraram fracos e assinaram o que não deviam... Não lhes atires pedras.

Mas veja-se: não são necessárias essas torturas, nem sequer os métodos «mais suaves» para obter confissões da maioria, para apanhar entre os dentes de ferro os cordeirinhos que não estão precavidos e que se esforçam por regressar aos seus cálidos lares. É demasiado desigual a relação de forças e de situações.

Oh, a que nova luz nos aparece a nossa vida passada, assim transbordante de perigos, como numa verdadeira selva africana, quando vista do gabinete do investigador! E nós que a considerávamos tão simples!

Você, A, e o seu amigo, B, conhecendo-se de longos anos e confiando inteiramente um no outro, quando se encontravam falavam ousadamente de política, da pequena e da grande; sem que ninguém ouvisse. E vocês não se denunciaram, de maneira alguma.

Mas eis que você, A, foi detectado por qualquer razão, que o apanharam pelas orelhas, o tiraram da manada e o prenderam. E, fosse pelo que fosse (talvez sem ter havido uma denúncia contra si, não sem recear pela sorte dos seus familiares, não sem um pouco de privação de sono, e não sem ter passado pela box)

você decidiu deixar-se ir abaixo, mas não denunciando ninguém, acontecesse o que acontecesse! E assinou quatro autos, reconhecendo que era um inimigo jurado do poder soviético, porque contava anedotas sobre o Chefe, desejava que houvesse dois candidatos à escolha nas eleições, entrava na cabina eleitoral com a intenção de riscar o nome do candidato único, embora não houvesse tinta no tinteiro, e, além disso, no seu aparelho de rádio, com o comprimento de onda de dezasseis metros, tentava, através das interferências, escutar emissoras ocidentais. Pode agora estar seguro de apanhar uns dez anos, mas tem as costelas inteiras; por enquanto não apanhou nenhuma pneumonia, não entregou ninguém e parece que se livrou inteligentemente. E já diz na cela que, por certo, o seu caso se aproxima do fim.

Mas, atenção! Revendo lentamente a sua caligrafia, o juiz de instrução começa a redigir o auto número cinco. Pergunta: - Mantinha relações de amizade com B?

21 N. K. G.

113

- Sim.

- Era sincero com ele em questões políticas?

- Não, nãoconfiava nele.

- Mas vocês encontravam-se com frequência?

- Não muita.

- Como não? Segundo as declarações dos seus vizinhos, ele estava na sua casa no último mês, em tal, tal e tal data. É verdade?

- Bom, pode ser.

- Ao mesmo tempo, eles notaram que, como sempre, vocês não bebiam, não faziam barulho, falavam em voz baixa e nada se ouvia no corredor. (Ah! Bebam, amigos! Partam garrafas! Gritem palavrões! Isso torna--vos de mais confiança!)

- Ora, o que é que isso tem a ver?

- E você também o visitou, você disse-lhe pelo telefone: «Passámos uma tarde agradável.» Depois foram vistos na esquina, estiveram meia hora ao frio, de rostos carrancudos, com uma expressão

descontente. Justamente, até foram fotografados. (Técnica dos agentes, amigo, técnica dos agentes!) Então, sobre que é que falavam nesses encontros?

Sobre quê? Eis uma pergunta assustadora! Primeiro pensamento: você esqueceu-se daquilo sobre que falavam. Acaso tem a obrigação de se recordar? Está bem, esqueceu-se da primeira conversa. E da segunda, também? E da terceira, igualmente? E até da dessa tarde agradável? E da da esquina? E das conversas com C? E das conversas com D? Não, pensando bem, dizer que «se esqueceu», não é uma saída, é algo de impossível manter. E o seu cérebro, perturbado pela detenção, aturdido pelo terror, confuso pela insónia e pela fome, começa a magicar: como amanhar-se da maneira mais verosímil e pregar uma partida ao comissário de instrução.

Sobre quê?!... Era bom se falassem sobre hóquei (é, em todos os casos, o que há de mais seguro, amigos!), e inclusive sobre mulheres e ciência. Mas, então há que repetir tudo (a ciência é assunto que não fica muito longe do hóquei, só que no nosso tempo, na esfera da ciência, tudo é secreto e pode-se cair sob a alçada do ucasse acerca da divulgação de segredos). E se na realidade vocês falavam sobre as novas

detenções na cidade? Ou dos kolkhozes? (E naturalmente mal, pois não há quem fale bem deles.) Ou sobre a baixa das remunerações das normas de produção? Porque é que vocês' falavam assim carrancudos, durante uma meia hora, à esquina? Sobre que é que falavam?

Talvez que B tenha sido preso (o comissário afirma-lhe que sim, que ele já fez declarações sobre si e que agora vão trazê-lo para acareação). Talvez esteja muito tranquilo em sua casa, mas para os fins do interrogatório vão arrastá-lo até aqui e confrontá-los um com o outro: porque é que estavam carrancudos à esquina?

Agora você compreendeu mas já é tarde: a vida é feita de tal modo que, em qualquer ocasião, ao despedirem-se, as pessoas devem pôr-se de acordo

e recordar com exactidão o assunto sobre que falaram nesse dia. Dessa forma, em qualquer interrogatório, as declarações coincidirão. Mas vocês não se puseram de acordo! Vocês não imaginaram o que é esta selva!

Dizer que estavam a combinar ir juntos à pesca? Mas B dirá que não se tratava de pesca nenhuma, mas que falavam sobre o ensino por correspondência. Não, em vez de facilitar a investigação, você não faz senão apertar mais o nó: sobre quê?, sobre quê?

E vem-lhe à cabeça uma ideia — acertada ou nefasta? É necessário falar o mais aproximadamente possível do que se passou na realidade (evidentemente, arredondando todas as arestas e pondo de parte tudo o que for perigoso). Não se diz que uma boa mentira deve sempre roçar a verdade? Por certo que B se aperceberá e contará algo de semelhante, as declarações coincidirão e ver-te-ás livre deles.

Dentro de muitos anos você acabará por compreender que se tratava de uma ideia completamente insensata e que teria sido muito melhor fazer--se passar pelo mais completo idiota: «Não me recordo de um só dia da minha vida, ainda que me matem.» Mas você já não dormia há três dias. Quase não tinha força para manter as suas próprias ideias e a imperturbabilidade do seu rosto. Nem tempo para reflectir um minuto sequer. E simultaneamente dois comissários de instrução (eles gostam de visitar-se) apertaram consigo: sobre quê?, sobre quê?

E eis que você presta declarações: «Falávamos sobre os kolkhozes (que não está tudo em ordem, mas depressa se arranjará). Sobre a baixa das remunerações das normas de produção...» - «E que diziam precisamente? Alegravam-se com a baixa?» As pessoas normais não podem falar assim, isso é inverosímil. Para que tenha alguma verosimilhança há que dizer: queixávamo-nos um pouco por apertarem as normas.

E o comissário instrutor escreve o auto e traduz na sua língua: durante este nosso encontro caluniámos a política do Partido e do Governo na esfera dos salários.

E, um dia, B censurá-lo-á: eh, palerma, eu tinha dito que estávamos a combinar ir juntos à pesca...

Mas você queria ser mais esperto e inteligente que o seu comissário! Ter um raciocínio mais rápido e subtil! Ah, os intelectuais! Foi demasiado longe...

No Crime e Castigo, Porfírio Petrovitch fez a Razkolnikov uma observação assombrosa, que só podia desencantar quem passou por estas brincadeiras do gato e do rato: «Com vocês, os intelectuais, eu não necessito de elaborar a minha

versão, vocês próprios a constroem e ma apresentam já feita.» Sim, é mesmo assim! Um intelectual não pode responder com a em Referência ao julgamento de um camponês que desaparafusa uma porca da linha férrea para fazer uma rede de pesca. O Malfeitor, 1855. (N. dos T.)

cantadora incoerência do «malfeitor»22 de Tchekhov. Ele esforçar-se-á, sem falta, por dar forma a toda a história de que o acusam, por encontrá-la o mais mentirosa e coerentemente possível.

Ora o comissário-carniceiro não é esta coerência que apreende, mas apenas duas ou três frases. Ele sabe, pois, o valor de cada coisa. E nós não estamos preparados para nada!...

Somos educados e preparados desde a juventude para a nossa especialidade, para as obrigações de cidadão, para o serviço militar, para os cuidados a ter com o nosso corpo, para um comportamento conveniente, e mesmo para a compreensão da beleza (embora não muito). Mas nem a instrução, nem a educação, nem a experiência nos preparam nunca,

por pouco que seja, para a grande prova da vida: a detenção por nada e o interrogatório sobre nada. Os romances, as peças de teatro, os filmes (os seus autores deviam provar, eles mesmos, da taça de GULAG!) apresentam-nos aqueles que podemos encontrar no gabinete do comissário de instrução como verdadeiros cavaleiros da verdade e da filantropia, como os nossos próprios pais. E sobre quantas coisas não nos fazem conferências! Forçando-nos até a assistir a elas! Mas ninguém nos faz uma conferência sobre o sentido verdadeiro e o sentido amplo dos códigos penais; sim, e esses mesmos códigos não se encontram à vista nas bibliotecas, não se vendem nos quiosques, nem chegam às mãos da juventude despreocupada.

Quase parece uma lenda que, algures, para além dos mares, o réu possa beneficiar da ajuda de um advogado. O que significa, no momento mais difícil da luta, ter a seu lado alguém com inteligência clara, que conhece todas as leis!

O princípio da nossa instrução judicial consiste ainda em privar o acusado até do conhecimento das próprias leis.

É-lhe apresentado o termo da acusação... E a propósito: «Assine.» — «Eu não concordo com ela.» — «Assine.» — «Mas não sou culpado de nada!» - «Você é acusado em conformidade com os artigos 58-10, segunda parte, e 58-11, do Código Penal da República Socialista Soviética Federativa Russa. Assine! » - «Mas que dizem esses artigos? Deixe-me ler o código!» - «Eu não o tenho.» — «Consiga-o do chefe da secção!» - «Ele também não o tem ao seu dispor. Assine!» - «Mas eu peço-lhe que mo mostre!» - «Não está prescrito que lho mostre, não foi escrito para vocês, mas sim para nós. E a si não lhe faz falta, eu explico-lhe: estes artigos são precisamente aqueles que o inculpam. E, de resto, você não vai assinar para dizer que concorda, mas para confirmar que leu o termo da acusação que lhe foi apresentado.»

Num dos papéis aparece de repente uma nova combinação de letras: U. P. K.? (Código de Processo Penal). Você fica de pé atrás: em que se diferencia U. P. K. de U. K.? (Código Penal). Se você teve a sorte de cair em momento de boa disposição do comissário, ele explicará: Código de Processo Penal. Como? Isso significa que não há só um, mas sim dois códigos inteiros

que são por si desconhecidos, enquanto é em conformidade com essas leis que o castigam?!

...Desde então, passaram-se já dez, quinze anos. E uma densa erva cresceu sobre a sepultura da minha juventude. Cumpri a condenação e até a deportação por prazo ilimitado. E em parte alguma nem nas secções de «cultura e educação» dos campos de trabalho, nem nas bibliotecas dos distritos, nem sequer nas cidades médias, pude jamais ver com os meus olhos, nem ter nas minhas mãos, nem comprar, nem conseguir sequer INFORMAR-ME sobre um código de direito soviético!23 E centenas de presos conhecidos meus, que passaram pela instrução de processos e pelo tribunal, e em alguns casos estiveram mais de uma vez em campos de trabalho e na deportação, nenhum deles viu ou teve o código nas mãos!

E só quando os dois códigos já viviam os últimos dias da sua existência de trinta e cinco anos, devendo de um momento para o outro ser substituídos por outros - só então eu os vi, os dois irmãos, sem

encadernação, o Código Penal e o Código do Processo Penal, num quiosque de jornais do metro de Moscovo (tinham decidido pô-los à venda pela sua inutilidade).

E leio agora enternecidamente. Por exemplo, no Código do Processo Penal:

Artigo 136 — O investigador não tem o direito de obter declarações ou a confissão do acusado por meio da violência e ameaças. (Os autores estariam a olhar para a água!)24

Artigo 111 - O juiz de instrução é obrigado a esclarecer as circunstâncias susceptíveis de conduzir à não culpabilidade, bem como às atenuantes da culpa.

(«Mas eu estabeleci o poder soviético em Outubro!... Eu fuzilei Kolt-chak!... Eu esmaguei os kulaksl... Eu dei ao Governo dez milhões de rublos das minhas economias!... Eu fui duas vezes ferido na última guerra!... Eu fui condecorado três vezes!...» «NÃO É POR ISSO' QUE O PROCESSAMOS!...», ri-se a História pela boca do comissário instrutor. «O que fez de bom não se relaciona com o assunto.»)

Artigo 139 - O acusado tem o direito de escrever as declarações pelo seu punho e com a sua letra, e de

exigir a introdução de emendas no auto escrito pelo comissário instrutor.

Aqueles que conhecem a atmosfera de suspeita existente entre nós, compreendem porque é que não se podia pedir para consultar um código no Tribunal Popular ou no Soviete Executivo do distrito. O interesse pelo código seria um fenómeno extraordinário: ou você se preparava para cometer um crime, ou para apagar os seus vestígios!

24 Olhar para a água: adivinhar o futuro à meia-noite, olhando fixamente para um recipiente com água. (N. dos T.)

(Ah, se eu soubesse disso a tempo! Melhor dito: se assim fosse na realidade! Mas é sempre por favor e sempre inutilmente que pedimos ao comissário para não escrever: «As minhas infames e caluniosas invenções» em vez de «as minhas afirmações erradas» e «o nosso depósito clandestino de armas» em vez de «a minha navalha ferrugenta».)

Oh, se se ministrasse previamente ao acusado um curso de ciência prisional! Se se começasse por fazer um ensaio da instrução e só depois tivesse lugar a verdadeira... Com os reincidentes de 1948 já não fizeram todo este jogo da instrução do processo: teria sido em vão. Mas os novatos não têm experiência, não têm conhecimentos! E não podem aconselhar-se com quem quer que seja.

O isolamento do acusado! Eis outra condição do êxito da instrução! Sobre a vontade solitária e violentada deve cair todo o aparelho destruidor. Desde o momento da detenção e durante todo o primeiro período de choque, o acusado deve estar idealmente só: na cela, no corredor, nas escadas, nos gabinetes — ele não deve encontrar-se, onde quer que seja, com um dos seus semelhantes, nem receber o sorriso de ninguém, um olhar de simpatia, um conselho ou um estímulo. Os órgãos tudo fazem para lhe eclipsar o futuro e deformar o presente: fazem-lhe crer que todos os seus amigos e familiares foram presos e apanhados com provas materiais; exageram as possibilidades de repressão contra ele e os seus íntimos, bem como acenar com a competência para conceder o perdão (que os órgãos, em geral, não têm);

ligam a sinceridade do «arrependimento» à brandura da condenação e do regime no campo (nunca houve tal relação). No curto espaço de tempo em que o detido está abalado, atormentado e fora de si, há que obter dele o máximo possível de declarações irremediáveis, que enredar o maior número possível de pessoas de nada culpadas (algumas caem num desânimo tal que até pedem que não lhes leiam o auto em voz alta, pois falecem-lhes as forças, e que só lho dêem a assinar). E só quando estas são transferidas da cela individual para a colectiva, só então é que, com tardio desespero, descobrem e se apercebem dos seus anteriores erros.

Como não enganar-se num tal duelo? Quem é que não se enganaria? Dissemos há pouco: «Estar idealmente só.» .Entretanto, nos cárceres superlotados, em 1937 (e também em 1945), este princípio do isolamento ideal do acusado recém-detido, não pôde ser observado. Logo quase desde as primeiras horas, o preso encontrava-se na cela geral, densa e abarrotada.

Mas isto também tinha os seus méritos, que ultrapassavam os inconvenientes. A abundância de gente na cela não só substituía a estreiteza da cela

individual, mas surgia também como uma tortura de primeira ordem, especialmente valiosa porque se prolongava por dias e semanas inteiros, e sem esforços alguns dos comissários instrutores: os presos torturavam os próprios presos! Metiam tantos na mesma cela que cada um acabava por não conseguir nem um pedacito de solo, espezinhando-se mutuamente e nem sequer se podiam mexer, sentando-se sobre as pernas uns dos outros.

Assim, na prisão preventiva de Kichiniev, em 1945, numa cela individual metiam DEZOITO homens; em Lugansk, em 1937, QUINZE[25]; e, em 1938, numa cela de tipo standart de Butirki, prevista para vinte e cinco pessoas, Ivanov-Razumnik esteve com CENTO E QUARENTA (as retretes estavam tão sobrecarregadas que só permitiam ir uma vez por dia fazer as necessidades, e por vezes só pela noite, o mesmo se passando com o recreio[26]. O mesmo Ivanov calculou que na sala de recepção da Lubianka, o «canil», durante semanas inteiras, havia um metro quadrado para TRÊS homens (calculem a olho o que isso

representa e procurem arranjar lugar!)27. No canil não havia janela nem ventilação e, devido ao calor dos corpos e da respiração, a temperatura atingia quarenta a quarenta e cinco graus! Todos se deixavam ficar em cuecas (as roupas de Inverno serviam--lhes para se sentarem, os seus corpos nus apertavam-se como uma prensa, e, devido ao suor alheio, a pele sofria de eczema). Assim estiveram durante semanas, sem que os deixassem respirar à vontade ou beber água (à excepção do rancho e do chá da manhã).28

Se ainda por cima o balde substituía a latrina (ou se, pelo contrário, para fazer as necessidades não havia balde na cela, como nalgumas prisões siberianas); se os presos comiam aos quatro, numa tigela, sobre os joelhos uns dos outros; se estavam constantemente a levar uns para os interrogatórios e a trazê-los espancados, insones e alquebrados; se o aspecto destes convencia melhor que todas as ameaças do investigador; e se aquele que há já alguns meses não era chamado, qualquer morte ou qualquer campo parecia mais leve do que continuar encolhido nesse espaço, não substituiria

-5 A instauração do processo de alguns deles durou de oito a dez meses. «Certamente Klim nunca esteve numa cela individual como esta», diziam os rapazes (e esteve ele por acaso preso?). Referiam-se a Klim Vorochilov, natural de Lugansk.

Nesse mesmo ano, na prisão de Butirki, os recém-detidos que já tinham passado pelo banho e pela box ficavam durante dias e dias sentados nos degraus das escadas, esperando que saíssem os que iam para a deportação para ter lugar nas celas. T... esteve preso sete anos em Butirki, antes de 1931, e relata: tudo estava abarrotado e havia presos debaixo das tarimbas, deitados no solo asfaltado. Eu voltei a estar lá preso sete anos depois, em 1945, e a situação era a mesma. Recentemente recebi de M. K. B. um valioso testamento pessoal sobre a superlotação na cadeia de Butirki, no ano de 1918: em Outubro desse ano (segundo mês do terror vermelho), ela estava tão repleta que até na lavandaria arranjaram uma cela para setenta mulheres! Quando é que esteve então vazia a prisão de Butirki?

Mas isto não é milagre nenhum: no cárcere da Segurança do Estado, em 1948, numa cela de três

metros quadrados havia permanentemente trinta pessoas! (S. Potapov.)

Duma forma geral, no livro de Ivanov-Razumnik há muito de superficial e de pessoal, bem como pilhérias fatigantemente monótonas. Mas descreve bem a vida quotidiana, nos anos de 1937-38.

isso, de modo perfeito, a solidão teoricamente ideal? Num tal amontoado humano nem sempre uma pessoa se decide a abrir-se com alguém e nem sempre encontra com quem se aconselhar. E acredita-se mais depressa nas torturas e nos espancamentos, não propriamente quando o investigador ameaça, mas quando se podem verificar através das pessoas.

Toma-se conhecimento pelas próprias vítimas de que injectam água salgada em clisteres pela garganta e depois, durante todo um dia, torturam um preso, pela sede, no cárcere Karpunitch. Ou esfregam-lhe as costas com um ralador até fazer sangue e depois regam-no com aguarrás. (O comandante de brigada Rudolf Pintsov sofreu uma e outra coisa, e ainda por cima lhe meteram agulhas pelas unhas e as

entumesceram com água até incharem, exigindo que assinasse um auto em que afirmava que pretendia fazer avançar uma brigada de tanques contra o Governo, no desfile de Outubro[29].)

E através de Aleksandrov, ex-administrador da secção artística da V. O. E. S.[30], que ficou com uma fractura da coluna vertebral, e que se inclinava para um lado, sem poder conter as lágrimas, pode saber-se como BATIA (em 1948) o próprio Abakumov em pessoa.

Sim, é verdade, o próprio ministro da Segurança do Estado, Abakumov, não menosprezava, de maneira alguma, esse trabalho rudimentar (era um Suvorov sempre na primeira linha!), pegando de bom grado, por vezes, na matraca de borracha. O seu substituto, Riumin, batia ainda com mais satisfação. Fazia isso em Sukhanovka, no gabinete de «general» do comissário instrutor. O gabinete tem um revestimento que imita a madeira de nogueira, reposteiros de seda nas janelas e nas portas, e um tapete persa no soalho. Para não estragar toda essa beleza estende-se por cima do tapete uma passadeira suja, com manchas de sangue. Riumin é ajudado nos espancamentos, não por um simples guarda, mas por um coronel. «Bom», diz amavelmente Riumin,

acariciando o bastão de borracha de uns quatro centímetros de diâmetro, «você resistiu com honra à prova do sono.» (A. D. conseguiu, com astúcia, aguentar-se durante um mês: ele dormia de pé.) «Agora vamos experimentar a matraca de borracha. Aqui ninguém se aguenta mais de duas ou três sessões. Dispa as calças e deite-se na passadeira.» O coronel senta-se nas costas de A. D. Este prepara-se para contar as Saneadas recebidas. Ele não sabe ainda o que são os golpes da matraca de orracha no nervo ciático, quando as nádegas emagreceram devido a uma

29 Realmente, ele marchou à cabeça da brigada no desfile, mas, não se sabe porquê, não a fez avançar contra o Governo. Isso não é levado em conta. Entretanto, após as costumadas torturas infligidas, deram-lhe... dez anos, por incitar ao debilitamento do Governo. A tal ponto os próprios polícias não acreditavam no seu êxito.

30 Sociedade de Relações Culturais com países estrangeiros. (N. dos T.)

fome prolongada. A pancada não se sente no lugar, mas na cabeça, que parece estalar. Depois do primeiro golpe o torturado enlouquece de dor e torce as unhas sobre a passadeira. Riumin continua a bater, procurando acertar no sítio justo. O coronel calca o preso com o seu enorme corpanzil: é um bom trabalho para quem ostenta no ombro três estrelas grandes, ser assistente do poderoso Riumin! (Depois da sessão, o espancado não pode andar e, claro está, não o transportam, arrastam-no pelo soalho. As nádegas incharam-se-lhe logo, e a tal ponto que ele não pode abotoar as calças, mas quase não ficaram sinais do espancamento. Sobrevem-lhe uma terrível diarreia e, sentado no balde da cela individual, D. ri às gargalhadas. Tem ainda por diante a segunda e a terceira sessões, a pele vai estalar-lhe, e Riumin, exasperado, começará a bater-lhe no abdómen, perfurando-lhe o peritoneu. Com o aspecto de uma grande hérnia, saem-lhe rolando os intestinos. Conduzem então o preso à enfermaria da prisão de Butirki, com peri-tonite, e interrompem, provisoriamente, as tentativas de o obrigar a cometer uma infâmia.)

Eis como te podem também torturar a ti! Depois disto, parecer-te-á simplesmente tratar-se de uma carícia paternal, quando o inquiridor de Kichiniov, Danilov, espanca o padre Victor Chipovalnikov com uma tenaz na nuca, arrastando-o pelas gadelhas (aos padres é mais cómodo arrastá--los assim; mas aos laicos pode-se-lhes também puxar pela barba, de um extremo a outro do gabinete; e a Richard Okhol, guarda vermelho finlandês, que participava na captura de Sidney Reilly e era chefe de uma companhia durante o esmagamento da insurreição de Kronsdadt, levaram-no com um alicate, ora de um, ora de outro lado, pelas pontas do seu enorme bigode, mantendo-o assim, durante dez minutos, sem tocar com os pés no solo).

Entretanto, o mais terrível que te podem fazer é despirem-te da cintura para baixo, colocarem-te de costas no sobrado, separarem-te as pernas e sentarem-se sobre cada uma delas dois ajudantes (do glorioso corpo de sargentos), agarrarem-te pelas mãos, e o comissário — não desdenham tal tarefa mesmo mulheres - coloca-se entre as tuas pernas separadas, e com o bico da sua bota (ou sapato) calca-te, a pouco e pouco, gradualmente, e cada vez

com mais força, aquilo que outrora te fez homem, enquanto te olha nos teus olhos e repete e repete as suas perguntas ou propostas de traição. Se ele não apertar demasiado fortemente e antes de tempo, tens quinze segundos para gritar que confessas tudo, que estás disposto a fazer prender as tais vinte pessoas que exigem de ti, ou a caluniar através da imprensa o que tens de mais sagrado...

E que Deus te julgue, mas não os homens...

- Não há saída! Tens de confessar tudo! - sopram-te aos ouvidos os delatores que meteram na tua cela.

— O cálculo é simples: tens de conservar a saúde! — dizem-te as pessoas lúcidas.

- Depois não te põem outros dentes - avisam aqueles que já os não têm.

- De qualquer forma condenam-te, quer confesses ou não - concluem os que compreendem a essência da questão.

- Aqueles que não assinam são fuzilados! - profetiza ainda alguém sentado a um canto. - Para se vingarem. Para que não fique rasto de como se faz a instrução do processo.

- E se morreres no gabinete comunicam à família que estás num campo de trabalho, sem direito a correspondência. Que te procurem.

- E se és um comunista ortodoxo, destacam um outro ortodoxo para junto de ti, o qual, olhando sub-repticiamente para que os profanos não escutem, começa a cochichar-te com ardor aos ouvidos:

- O rtosso dever é apoiar a instrução judicial soviética. A situação é de combate. Nós próprios somos os culpados: fomos demasiado brandos e assim se propagou esta podridão pelo país. Há uma cruel guerra secreta em curso. E aqui, à nossa volta, há inimigos, não ouves como se exprimem? O Partido não é obrigado a prestar contas a cada um de nós, explicando porquê e para quê. Uma vez que o exige, isso significa que é necessário assinar.

E aparece ainda um outro género de ortodoxos:

- Eu assinei, denunciando trinta e cinco pessoas: todos os meus conhecidos. E aconselho-vos a fazer o

mesmo: a dardes o maior número de nomes, a arrastardes atrás de vós o maior número possível de gente. Então, tornar-se-á evidente que é um absurdo e libertar-nos-ão a todos.

É precisamente do que os órgãos precisam! A consciência do ortodoxo e os objectivos da N. K. V. D. coincidiam, naturalmente. A N. K. V. D. necessitava precisamente desse leque, em ogiva, de homens, dessa sua reprodução ampliada. Era esse o melhor sintoma da qualidade do seu trabalho, ao mesmo tempo que a pista para o lançamento de novos laços. «Cúmplices! Correligionários!», exigiam de todos com energia. (Diz-se que R. Ralov mencionou como cúmplice o cardeal Richelieu, cujo nome ficou anotado no auto, e que até ao interrogatório de reabilitação, em 1956, ninguém se surpreendeu com isso.)

E por falar ainda em ortodoxos. Para realizar uma tal PURGA era preciso um Staline, mas era também preciso um Partido assim: a maior parte dos que estavam no Poder, até ao momento da sua detenção, prendiam implacavelmente, aniquilavam obedientemente outros iguais a eles, entregando à repressão, por meio da mesma instrução que agora

sofriam, qualquer amigo ou companheiro de armas de ontem. E todos os grandes bolcheviques, agora coroados com a auréola de mártires, conseguiram ser carrascos de outros bolcheviques (sem levar em conta que antes disso já tinham sido todos carrascos dos sem partido). Talvez que 1937 TENHA SIDO NECESSÁRIO para mostrar o pouco que valem essas CONCEPÇÕES DO MUNDO, com as quais tão vigorosamente eles infundiam coragem, revolvendo toda a Rússia, acometendo todas as suas cidadelas, espezi-

nhando todos os seus santuários - a Rússia onde eles mesmos nunca foram ameaçados de tal repressão. As vítimas dos bolcheviques entre 1918 e 1936, nunca se portaram de modo tão baixo como os próprios bolcheviques, quando a tormenta os atingiu. Se examinarmos em pormenor toda a história das prisões e dos processos dos anos de 1936-1938, a maior repugnância que sentiremos não será perante Staline nem perante os seus sicários, mas perante a

baixeza moral dos acusados, depois do seu anterior orgulho e intransigência.

... Mas como resistir então, tu que és sensível à dor, que és débil, que estás ligado por vivas afeições e não estás preparado?...

Que fazer para ser mais forte do que o comissário instrutor e de que todas essas ratoeiras?

É preciso entrar na prisão, sem temer pela sua confortável vida passada. No limiar da cadeia, há que dizer a ti próprio: a vida acabou, um pouco cedo, mas nada há a fazer. Não regressarei à liberdade. Estou condenado à morte, agora ou pouco mais tarde, mas quanto mais tarde pior, pois quanto mais cedo for, menos duro será. Já não tenho bens. Os meus entes queridos morreram para mim e eu para eles. O meu corpo a partir de hoje é inútil: um corpo estranho. Só o meu espírito e a minha consciência permanecem para mim queridos e importantes.

Face a um preso com tal ânimo a instrução judicial treme.

Só triunfa aquele que renunciou a tudo!

Mas como converter o corpo em pedra?

Veja-se: do círculo de Berdiaiev conseguiram fazer fantoches para o tribunal, mas não do próprio Berdiaiev. Quiseram intentar-lhe um processo, prenderam-no duas vezes, conduziram-no a um interrogatório nocturno (em 1922) no gabinete de Dzerjinski. Lá estava também Kameniev (o que prova que também ele não se eximia à luta ideológica por intermédio da Tcheka). Mas Berdiaiev não se humilhou, não implorou, mas expôs-lhe firmemente os princípios morais e religiosos pelos quais não aceitava o poder soviético estabelecido na Rússia - e não só reconheceram a inutilidade do processo, como o puseram em liberdade.

Eis um homem com o seu PONTO DE VISTA!

N. Stoliarova recorda a sua vizinha na cela de Butirki, em 1937. Era uma velhota. Submetiam-na a interrogatórios todas as noites. Dois anos antes, ao passar por Moscovo, tinha pernoitado em sua casa o ex--metropolita, que se evadira da deportação. «Só que não era o ex--metropolita, mas o autêntico! E verdade, tive a honra de recebê-lo.» -«Bem. Para casa de quem foi ele, quando deixou Moscovo?» - «Eu sei, mas não digo!» (Por intermédio da ajuda de crentes, o metropolita tinha fugido para a Finlândia.) Os

comissários de instrução alternavam-se e reuniam-se em grupos e ameaçavam com os punhos a velhota. Ela dizia-lhes: «Nada conseguirão de mim, mesmo que me cortem em pedaços. Vocês têm medo dos superiores, têm medo uns dos outros, medo até de matar-me. (Perdereis

o elo.) Mas eu não tenho medo de nada! Estou disposta agora mesmo a responder diante de Deus!»

Houve gente assim, gente dessa no ano de 1937, que não voltou do interrogatório à cela, a buscar a trouxa. Que escolheu a sua morte, mas não assinou denunciando quem quer que fosse.

Não se pode dizer que a história dos revolucionários russos nos tenha dado os melhores exemplos de firmeza. Mas não há termo de comparação possível, pois os nossos revolucionários nunca conheceram o que era uma boa instrução, com cinquenta e dois métodos diferentes.

Chechkovski não torturou Radichiev. E Radichiev sabia perfeitamente que, segundo os costumes da

época, os seus filhos serviriam igualmente como oficiais da guarda, que ninguém lhes faria perder a carreira. E que a propriedade da família Radichiev não seria confiscada. Contudo, durante uma breve instrução de duas semanas, este homem notável renegou as suas convicções, os seus livros - e pediu clemência.

Nicolau I não pensou em prender as mulheres dos dezembristas, ou em obrigá-las a dar gritos no gabinete contíguo, nem em submeter os próprios dezembristas a torturas: não teve necessidade disso. Até Rileiev «respondeu longa e sinceramente, sem nada ocultar». E mesmo Pestel se foi abaixo e deu os nomes dos seus camaradas (ainda em liberdade) que tinha encarregado de enterrar Russkaia Pravda (A Verdade Russa), bem como o lugar combinado para isso31. Foram raros aqueles que, como Lenine, brilharam pela sua irreverência e desprezo face à comissão investigadora. A maioria mostrou-se incapaz, enredando-se mutuamente, tendo muitos pedido humilhantemente perdão! Zavalichine lançou tudo sobre Rileiev. E. P. Obo-lenski e S. P. Trubetskoi apressaram-se mesmo a denunciar Griboiedov, no que Nicolau I não acreditou.

Bakunine, na sua Confissão, autodifamou-se perante Nicolau I, e desse modo esquivou-se à pena de morte. Baixeza de espírito? Ou ética revolucionária?

Como deveriam ser dotados de abnegação, à primeira vista, os homens que se dispuseram a matar Alexandre II! Eles sabiam ao que se expunham! Grinievitski compartilhou da sorte do czar e Rissakov ficou vivo e caiu nas mãos do juiz de instrução. E NESSE MESMO DIA, denunciou logo as casas de encontros, bem como os participantes da conspiração, e temendo pela sua jovem vida apressou-se a comunicar ao Governo mais informações do que as que este podia supor! Engasgou-se de arrependimento e ofereceu-se para «revelar todos os segredos dos anarquistas».

Em fins do século passado e começo do actual, um oficial da polícia RETIRAVA imediatamente uma pergunta se o acusado considerava que era importuna ou que constituía uma intromissão na sua vida privada. Em

11 O motivo foi, em parte, o mesmo que depois com Bukharine: o interrogatório era feito por irmãos da

mesma condição. Daí o seu desejo natural de EXPLICAR tudo.

1938, quando, em Kresti, o velho preso político Zelenski foi espancado com varetas de espingarda e lhe tiraram as calças como a um garoto, ele rebentou em soluços na cela: «O juiz de instrução czarista nem se atrevia a tratar-me por TU!» Eis outro exemplo, que conhecemos através de uma pesquisa contemporânea32. Quando os polícias se apoderaram do manuscrito do artigo de Lenine «Em que Pensam os Nossos Ministros», não puderam, através dele, chegar até ao seu autor. «Pelo interrogatório, os polícias, como era de esperar (o sublinhado aqui e mais adiante, é meu - A. S.), não souberam por Vaneieiv (estudante) grande coisa. Ele declarou, nem mais nem menos, que os manuscritos que lhe encontraram lhe tinham sido entregues para guardar, uns dias antes da busca, todos dentro de um sobrescrito, por uma pessoa que ele não desejava mencionar. Ao juiz de instrução nada mais lhe restou (como? E a água gelada até aos tornozelos? E os

clisteres de água salgada? E a matraca de Riumin?....) senão submeter o manuscrito à análise de peritos.» Mas nada encontraram. Parece que Pe-riesvetov apanhou também uns quantos anos, e facilmente poderia enumerar o que lhe restava perante o juiz de instrução, se tivesse diante de si o depositário do artigo «Em que Pensam os Nossos Ministros»!

Como lembra S. P. Mielgunov, tratava-se da prisão czarista, de boa memória, de que os presos políticos se recordam quase com um sentimento de alegria.33

Verifica-se aqui um progresso de noções, um critério completamente diferente de apreciação. Assim como os condutores de carros de bois do tempo de Gogol não podem compreender as velocidades dos aviões a jacto, tão-pouco é possível que aquele que nunca passou pela máquina de picar carne de GULAG seja capaz de abranger as verdadeiras possibilidades de uma instrução.

No Izvieztia de 24-5-59, podemos ler: Júlia Rumiantseva foi levada para o cárcere interior de um campo nazi, a fim de dizer onde estava o seu marido, que tinha fugido do campo de concentração. Ela sabe, mas recusa-se a responder! Para o leitor pouco

atento, eis um exemplo de heroísmo. Mas para o leitor com a experiência amarga do GULAG eis um modelo de inquérito desajeitado: Júlia não morreu devido às torturas, nem foi levada à loucura, mas, simplesmente, ao cabo de um mês, bem vivinha, foi posta em liberdade.

Todos estes pensamentos sobre a necessidade de tornar-se de pedra

32 Novi Mir, N.° 4, de 1962. - R. Periesvetov.

33 S. P. Mielgunov: Recordações e Páginas de Diário, fascículo I. Paris, 1964, pág. 139.

eram, então, completamente desconhecidos. Eu não só não estava disposto a cortar todos os laços íntimos que me uniam ao mundo, mas o simples facto de quando da minha detenção me tirarem uma centena de lápis Faber, como despojos, indignou-me por muito tempo. Examinando mais tarde o meu processo, vi que não tinha motivo para me sentir orgulhoso do que se passou durante a minha prisão. Naturalmente que eu podia ter-me portado com mais

firmeza e, provavelmente, sair-me do aperto de maneira mais engenhosa. A ofuscação do cérebro e o desânimo acompanharam-me nas primeiras semanas. Só que estas recordações não me roem de remorsos, pois, graças a Deus, não arrastei ninguém à prisão.

A nossa detenção (minha e de um amigo processado no mesmo caso, Nicolau V.) teve um carácter pueril, embora fôssemos já oficiais da frente. Mantínhamos correspondência durante a guerra, de um sector para outro, e não podíamos impedir-nos, apesar da censura militar, de manifestar nas cartas o nosso aberto descontentamento político, nem conter as invectivas com que cobríamos o mais sábio dos sábios, cujo nome tinha sido diafanamente posto por nós em código: chamávamos-lhe o Papá Alcaide. (Quando, depois, nos cárceres, eu contava o nosso caso, a nossa ingenuidade não provocava senão riso e admiração. Diziam-me que não era possível encontrar outros patos como nós. Também me convenci disso. Um belo dia, ao ler um estudo sobre o caso de Aleksandr Ulianov, soube que o seu grupo tinha sido também preso pelo mesmo: imprudências na correspondência, e que só isso salvou a vida, em 1 de Março de 1887, a Alexandre III.34

O gabinete do comissário I. I. Eziepov, que instaurou o meu processo, era de tecto alto, espaçoso, claro e com uma grande janela (a Sociedade de Seguros Rússia não o tinha construído para aplicação de torturas). Aproveitando a sua altura de cinco metros, tinham pendurado um retrato, de corpo inteiro, de quatro metros, do poderoso soberano, a quem eu, um insignificante grão de areia, tinha votado o meu ódio. O comissário instrutor punha-se às vezes na sua frente e jurava em tom teatral: «Estamos dispostos a dar a vida por ele! Por ele estamos dispostos a atirar-nos para debaixo dos tanques!» Perante esse retrato, que atingia quase a grandeza de um altar, 34 Um membro do grupo, Andreiuchkin, tinha escrito para Cracóvia uma carta dirigida a um seu amigo, em que dizia: «Eu creio firmemente que haverá no nosso país o mais implacável terror, e não num futuro longínquo... O terror vermelho é a minha ideia favorita... Estou inquieto quanto ao meu destinatário (não era a primeira carta que ele escrevia! - A. S.)... Se lhe acontece algo, a mim também me pode acontecer e isso não é desejável, pois arrastarei muita gente activa atrás de mim.» A busca provocada por esta carta, prolongou-se por cinco semanas, através da Cracóvia, a fim de saber quem a tinha escrito para

Petersburgo. O nome de Andreiuchkin só foi descoberto em 28 de Fevereiro — e a 1 de Março, aqueles que deviam.arremessar as bombas foram presos, já com elas na Avenida Nevski, no próprio momento do atentado!

pareciam míseros os meus balbúcios sobre a purificação do leninismo, e eu próprio um sacrílego blasfemo, somente digno da morte.

O conteúdo das nossas cartas dava matéria suficiente, naquele tempo, para nos condenarem aos dois. O comissário não tinha, pois, necessidade de inventar coisa alguma a meu respeito, e apenas se esforçava por lançar o laço estrangulador sobre quantos, alguma vez, teriam mantido correspondência comigo. Eu exprimia com temeridade, e quase com bravata, nas cartas que escrevia aos amigos da minha idade, os meus sediciosos pensamentos, e esses amigos continuavam a corresponder-se comigo! Nas suas cartas de resposta encontravam-se também certas expressões suspeitas[35]. E agora Eziepov, assim como Porfiri

Petrovitch, exigia de mim que lhe explicasse tudo de maneira coerente: se nós escrevíamos aquilo em cartas que passavam pela censura, que poderíamos dizer, então, cara a cara? Eu não podia convencê-lo de que toda a dureza das minhas expressões se verificava somente nas cartas... E eis que, com o cérebro confuso, devia inventar algo de muito verosímil sobre os encontros com os meus amigos (encontros mencionados na correspondência) que estivessem concordes com o conteúdo das cartas, mantendo-se nos limites da política, sem, contudo, cair no âmbito do Código Penal. E isso de modo a que estas explicações saíssem da minha garganta como a respiração e convencessem o comissário, muito sabido, acerca da minha ingenuidade, merecedora de compaixão, e da minha franqueza sem limites.

O principal era que o meu preguiçoso comissário se não dispusesse a examinar aquela maldita carga que eu trazia naquela maldita mala - os apontamentos de um Diário de Guerra, escritos com um lápis rijo, muito fino e com letra miúda, e que começavam já, nalguns lugares, a apagar-se. Estes apontamentos traduziam as minhas pretensões de me tornar escritor. Eu não confiava na força da nossa admirável

memória e durante os anos de guerra procurava escrever tudo o que via (isso era ainda o menor mal) e tudo o que ouvia das pessoas. Mas os relatos mais naturais do mundo na primeira linha de fogo, aqui, na retaguarda, pareciam sediciosos, cheiravam a palha húmida da prisão para os meus camaradas. E só para que o comissário não fosse transpirar sobre o meu Diário de Guerra e não arrancasse dele a fibra da raça livre da frente, eu arrependia-me o mais que podia

Por minha causa, por pouco que não foi detido, então, um amigo dos anos da escola. Que alívio me trouxe saber que ele ficou em liberdade! Ora, vinte e dois anos depois, ele escreveu-me o seguinte: «Através das tuas obras publicadas depreende-se que avalias a vida unilateralmente... Objectivamente, passas a ser a bandeira da reacção fascista no Ocidente, na República Federal da Alemanha e nos Estados Unidos...Lenine, que respeitas e amas como dantes, estou convencido, e também os velhos Marx e Engels, condenar-te-iam de modo mais severo. Pensa nisto!» Sim, eu penso: ah!, que pena foi que não te tivessem preso, então! Quanto perdeste!...

127

e era necessário, começando a tomar consciência de todos os meus erros políticos. Extenuava-me neste caminhar pelo fio da faca, enquanto não traziam ninguém para acareação, enquanto não apareceram os sintomas claros da instauração do processo; até que ao quarto mês todos os cadernos do meu Diário de Guerra foram lançados para a boca infernal do fogão da Lubianka, espalhando a casca vermelha de mais um romance morto na Rússia e deixando as borboletas negras da fuligem voar pela mais alta das chaminés.

À sombra desta chaminé passeávamos nós, numa caixa de cimento, no telhado da grande Lubianka, ao nível do sexto andar. As paredes subiam ainda até à altura de três homens. Escutávamos Moscovo, as buzinas dos automóveis respondendo umas às outras. Mas víamos unicamente a chaminé, a sentinela de atalaia no sétimo andar e esse infeliz pedaço do céu de Deus, ao qual era dado estender-se sobre a Lubianka.

Oh, aquela fuligem! Caía e caía sem cessar, nesse primeiro de Maio do pós-guerra. E era tanta, tanta,

durante cada um dos nossos passeios, que imaginávamos que a Lubianka estava a queimar arquivos de tempos remotos. O meu diário perdido não passou da espiral de um minuto no meio daquela fuligem. E recordei-me de uma ensolarada e gelada manhã de Março, em que me encontrava no gabinete do comissário. Ele fazia as suas habituais e grosseiras perguntas; ao tomar notas, deturpava as minhas palavras. O sol brincava na renda desenhada pelo gelo na larga janela, através da qual me dava, por vezes, a tentação de saltar, para resplandecer sobre Moscovo, ainda que o preço fosse a minha morte, esmagando-rhe do quinto andar contra o pavimento, como na minha infância fizera um desconhecido predecessor em Rostov do Don, saltando de uma janela do número «trinta e três». Pelos espaços limpos da vidraça viam-se os telhados moscovitas. E, sobre eles, subindo, alegres rolos de fumo. No entanto, eu não olhava para lá, mas sim para o montão de manuscritos que ocupavam todo o centro do gabinete, meio vazio, de trinta metros, e que acabavam de ser atirados para ali, ainda por classificar. Em cadernos nas pastas de papelão, nas improvisadas encadernações, em pacotes atados e desatados, ou simplesmente em folhas soltas, jaziam

os restos mortais do espírito humano sepultado. A altura desse amontoado de papéis ultrapassava a da escrivaninha do comissário instrutor, e, por isso, quase não o via. A minha compaixão fraternal ia toda para o trabalho daquele homem desconhecido, que haviam detido na noite anterior, e cujo resultado tinha sido assim esbanda-lhado no soalho do gabinete das torturas, aos pésde um retrato de Staline, de quatro metros de altura. Eu estava sentado e meditava: que vida fora do comum tinha sido essa noite trazida para aí, martirizada, esquartejada e, por fim, incinerada?

Ah, quantos projectos e trabalhos não foram destruídos nesse edifício! Toda uma cultura aniquilada! Ah, fuligem, fuligem das chaminés da Lubianka! O mais ultrajante de tudo é que os nossos descendentes considera-

rão a nossa geração a mais estúpida, mais incapaz e mais destituída do dom da palavra do que na verdade foi!...

Para traçar uma recta basta marcar dois pontos. Em 1920, como lembra Erenburg, a Tcheka pôs-lhe a questão seguinte: «Prove você que não é agente de Vranguel.»

Em 1950, um dos mais destacados coronéis do M.G.B. (Ministério de Segurança do Estado), Foma Fomitch Geliezov, declarou isto aos detidos: «Nós não nos damos ao trabalho de lhe demonstrar (ao preso) a sua culpabilidade. É ele que tem de provar-nos que não teve intenções hostis.»

E no espaço que separa estes dois pontos de uma recta primitiva e canibalesca situam-se as recordações incontáveis de milhões de homens.

Que aceleração e simplificação da instrução dos processos, totalmente desconhecidas até então da humanidade! Regra geral, os órgãos poupavam-se ao trabalho de buscar as provas de delito. O pato acabado de apanhar, temeroso e pálido, sem direito a escrever a ninguém, a chamar a quem quer que fosse pelo telefone, a quem nada podem trazer de fora, privado do sono, da comida, do papel, de lápis e até de botões, sentado num banco duro a um canto do gabinete, deve, ELE MESMO, desencantar e expor,

perante o ocioso comissário, as provas de que NÃO teve intenções hostis! E se não as desencanta (onde poderá consegui-las?), ele próprio fornece as provas aproximadas da sua culpabilidade!

Conheci um caso em que um velho, que tinha ficado prisioneiro dos alemães, pôde, contudo, sentado nesse duro banco e agitando os seus magros dedos, provar ao monstruoso comissário que NÃO tinha traído a pátria, e mesmo que não tinha, sequer, tal intenção! Tratava-se de um caso escandaloso! Pois quê, libertaram-no? Não, não o libertaram! Ele contou--me tudo isso no cárcere de Butirki e não na Avenida Tverski. Ao comissário encarregado da instauração do processo juntou-se outro, e passaram com o velho uma tranquila noite, a trocar recordações, assinando depois, como se fossem duas testemunhas, depoimentos segundo os quais o velho faminto e sonolento teria feito perante eles agitação anti-soviética! Se falou sem malícia, não foi escutado sem malícia! Passaram o velho para as mãos de um terceiro comissário. Este retirou a infundada acusação de traição à pátria, mas aplicou-lhe cuidadosamente os mesmos dez anos de prisão, por agitação anti-soviética durante o interrogatório.

Tendo desistido de buscar a verdade, a formação dos processos tornavam-se, para os próprios comissários, casos difíceis, um cumprimento de obrigações de carrasco, e, nos casos fáceis, uma simples forma de passatempo, pretexto para receber o soldo.

Mas casos fáceis houve-os sempre - até no célebre ano de 1937. Exem-

no exército

na prisão

quando foi libertado

pio: Borodko era acusado de há dezasseis anos ter ido ver os seus pais à Polónia sem levar o passaporte para viajar ao estrangeiro (os seus pais viviam a uma distância de dez verstás, mas os diplomatas tinham assinado a entrega ã Polónia dessa parte de Bielorrússia. (Em 1921, as pessoas não estavam habituadas, e passavam, segundo o costume antigo,

para o outro lado). A instrução do processo durou meia hora: «Fez essa viagem?» — «Fiz» — «Como?» - «Fui a cavalo.» Dez anos por actividade contra-revolucionária!

Uma tal rapidez tem algo de semelhante ao movimento stakhanovista, que não encontrou no entanto seguidores entre os bonés-azuis.

Segundo o Código de Processo Penal, a instrução de qualquer processo devia fazer-se no prazo de dois meses, mas, havendo complicações, era permitido solicitar aos procuradores uma ou várias prorrogações desse prazo por um mês (e naturalmente os procuradores não as recusavam). Seria absurdo gastar em vão a saúde, não aproveitar essas dilações e, falando em estilo fabril, não aumentar as próprias normas de trabalho. Tendo despendido forças com a garganta e com os punhos, durante a primeira semana de trabalho de choque de uma instrução, e consumindo a sua vontade e o seu carácter (conforme queria Vichinski), os comissários estavam interessados em prolongar cada investigação, em que houvesse mais processos velhos e de rotina, e menos novos. Considerava-se simplesmente

indecoroso concluir um processo político em dois meses.

O sistema estatal punia-se a si mesmo pela sua falta de confiança e de flexibilidade. Não confiava sequer nos quadros seleccionados: mesmo a esses, obrigava-os a marcar a entrada e a saída, e em todo o caso, certamente para controle, a registar as chamadas dos reclusos para interrogatório. Que restava ao comissário, a fim de assegurar a percentagem necessária para a contabilidade? Chamar qualquer dos processados, sentá-lo num ângulo do gabinete, fazer-lhe qualquer pergunta assustadora, esquecer-se mesmo que ele estava ali, ler longamente o jornal, redigir o relatório para o curso de instrução política, escrever cartas particulares, visitar um colega (deixando em seu lugar um guarda pedido ao regimento). Tagarelando calmamente no divã com um amigo que tinha vindo visitá-lo, às vezes o comissário dava sinal de si, e olhava com ar de ameaça para o acusado, dizendo:

- Aí está um canalha! Um refinado canalha! Mas não importa, gastar «nove gramas» de chumbo com ele não é para lamentar!

O comissário encarregado do meu caso utilizava também muito o telefone. Assim, ligava para casa e dizia à mulher, olhando para mim de soslaio com os olhos brilhantes, que hoje teria interrogatórios nocturnos e que não o esperasse antes da madrugada (o meu coração desfalecia: isso significava que seria interrogado toda a noite!) Mas imediatamente ele marcava o número do telefone da amante e em tom de sussurro combinava ir passar a noite com ela (que bom, vou poder dormir: e o meu coração sentia alívio).

Assim, o impecável sistema era aligeirado pelos vícips dos seus executores.

Outros investigadores, mais curiosos, gostavam de utilizar tais interrogatórios «vazios» para ampliar a sua experiência da vida: perguntavam ao preso pormenores da frente (acerca daqueles mesmos tanques alemães, debaixo dos quais nunca haviam tido oportunidade de deitar-se); sobre os hábitos dos países europeus e ultramarinos onde tinham estado; sobre os estabelecimentos comerciais e os artigos que

lá se encontravam; e especialmente sobre o funcionamento dos prostíbulos estrangeiros e aventuras diversas com mulheres.

Em conformidade com o Código do Processo Penal, considerava-se que o procurador controlava com vigilância a marcha justa de cada processo. Mas ninguém, no nosso tempo, lhe punha a vista em cima antes do chamado «interrogatório com o procurador», o que significava que o processo chegara ao seu termo. Levaram-me também a um interrogatório desses. O tenente-coronel Kotov, um louro impessoal, tranquilo, gordo, nem mau nem bom, e em geral nulo, estava sentado atrás da secretária e, bocejando, examinava pela primeira vez o meu processo. Durante quinze minutos, ainda diante de mim, em silêncio, tomou conhecimento do caso (este interrogatório era absolutamente inevitável e também se registava, não tendo sentido examinar o processo noutro momento não registado, guardando ainda, durante várias horas, os pormenores do caso na memória). Depois, levantou para a parede,os olhos indiferentes e, preguiçosamente, perguntou que é que eu tinha a acrescentar às minhas declarações.

Ele deveria perguntar-me quais as queixas que tinha a fazer sobre a marcha da investigação, se não teria havido violações da minha vontade ou infracções à lei. Mas há já muito tempo que os procuradores não perguntavam isso. E se perguntassem? Todo este edifício do ministério, com os seus mil gabinetes, bem como os seus cinco mil pavilhões de investigação, vagões, grutas e choças dispersos por toda a União Soviética, não viviam senão da violação da lei, e não éramos nós que mudaríamos as coisas. Além disso, todos os procuradores algo importantes ocupavam o seu lugar de acordo com a própria segurança do Estado... que deviam controlar.,

A sua indolência, o seu temperamento pacífico e o seu cansaço perante estes incontáveis e estúpidos CASOS contagiaram-me um tanto. Solicitei apenas a correcção de um absurdo demasiado claro: éramos dois, os acusados pela mesma causa, mas a instrução do processo fora feita separadamente (a mim em Moscovo, ao meu amigo na frente) e dessa maneira eu ia ' a julgamento só, acusado pelo parágrafo décimo primeiro, ou seja, enquanto grupo, enquanto organização. Pedi razoavelmente, para retirar esse acrescento do parágrafo décimo primeiro.

Ele folheou o processo ainda uns cinco minutos, suspirou, abriu os braços e disse:

- E então? Uma pessoa é uma pessoa, mas duas já são gente.

- E uma pessoa e meia será uma organização?...

Ele premiu o botão da campainha, para me levarem.

Pouco depois, numa tarde de fins de Maio, fui chamado a esse mesmo gabinete do procurador, onde havia um relógio de bronze com figuras em cima da placa de mármore da chaminé, por convocatória do comissário instrutor, em aplicação do «duzentos e seis» - assim era denominada, em virtude do respectivo artigo do Código de Processo Penal, a formalidade do exame do processo pelo próprio acusado, que devia apor a sua última assinatura. Não duvidando de que a obteria, o comissário encontrava-se já sentado e redigia o termo da acusação.

Eu abri a capa da grossa pasta e logo na parte inferior, em letra de imprensa, li uma coisa impressionante: que durante a marcha da instrução

eu tinha o direito de me queixar por escrito acerca da incorrecta condução do processo, e que o comissário era obrigado a juntar as minhas queixas por ordem cronológica, aos autos! Durante a marcha da instrução! Mas não no fim dela...

Ah, esse direito não era conhecido por um só dos milhares de presos, com os quais estive depois.

Continuei a folhear. Vi fotocópias de cartas minhas com interpretações de ideias completamente deturpadas por comentadores desconhecidos (da espécie do capitão Libin). E apercebi-me da maneira hiperbólica còm a qual o capitão tinha envolto as minhas cautelosas declarações. E, finalmente, do absurdo de que eu só era acusado em termos de «grupo»!

- Não estou de acordo. O senhor dirigiu a instrução do processo de forma incorrecta - disse eu, com pouca decisão.

- E então recomeçamos tudo desde o princípio! - E apertou os lábios com ar malévolo. - Levamos-te para um certo lugar, onde encerramos os polizei36.

E até fez o gesto de estender a mão para recolher o «processo». (Eu, acto contínuo, segurei-o com os dedos.)

Brilhava algures o entardecer dourado, para além das janelas do quinto andar da Lubianka. Era o mês de Maio. As janelas do gabinete, como todas as janelas exteriores do ministério, estavam hermeticamente fechadas: nem sequer lhes tinham tirado a calafetagem de Inverno, a fim de que o ar cálido e a floração não irrompessem nessas secretas dependências. Do relógio de bronze havia desaparecido o último raio de luz e as horas soaram silenciosamente.

Recomeçar tudo pelo início?... Parecià-me mais fácil morrer do que recomeçar tudo desde o princípio. Entretanto, diante de mim abria-se a promessa de uma certa vida. (Se eu tivesse sabido qual!...) E depois havia

Em alemão: polícias auxiliares russos, recrutados pelas tropas nazis durante a ocupação. (N. dos T.)

esse tal lugar onde encerram os polizei. Não valia a pena fazê-lo zangar-se, disso ia depender o tom com que ele escreveria o termo da acusação...

E assinei. Assinei mesmo com o parágrafo décimo primeiro. Desconhecia então a sua gravidade, disseram-me apenas que não aumentava a condenação. E foi por causa do parágrafo décimo primeiro que fui parar a um campo de trabalhos forçados. Foi por causa do parágrafo décimo primeiro que, depois da «libertação», fui enviado, sem qualquer sentença, para o desterro perpétuo.

E talvez tenha sido melhor. Sem uma e outra coisa eu não escreveria este livro...

O comissário encarregado do meu caso apenas me aplicou a tortura do sono, bem como os expedientes da mentira e da intimidação — métodos completamente legais. Por isso, ele não necessitou, para iludir responsabilidades, como fazem muitos comissários infames para cobrir-se, de obrigar--me a assinar, em virtude do artigo 206, sobre a não divulgação: «Eu, abaixo assinado, comprometo-me, sob pena de sanção (não se sabe segundo que artigo),

a não relatar nunca a ninguém os métodos da instrução do meu processo.»

Em algumas direcções regionais da N.K.V.D. esta medida era levada a cabo em série: uma fórmula impressa sobre a não divulgação era entregue ao preso para assinar, juntamente com a sentença da comissão especial por incitação ao enfraquecimento do poder soviético. (E depois ainda, ao ser libertado, ele devia fazer uma assinatura, comprometendo-se a não contar a ninguém o funcionamento dos campos.)

Pois quê? Os nossos hábitos de submissão, a nossa cerviz curvada (ou quebrada) não nos permitiam que recusássemos nem que.nos indignássemos com esses métodos de bandidos que querem esconder o fio à meada.

Perdemos A MEDIDA DA LIBERDADE. Não temos meios de determinar onde começa e onde acaba. Somos um povo asiático e todos os que quiserem apanham-nos, apanham-nos, apanham-nos estas intermináveis assinaturas sobre a não divulgação.

Já nem estamos seguros: temos ou não o direito de contar os acontecimentos da nossa própria vida?

IV OS DEBRUNS-AZUIS

AO longo de toda esta trituração entre os rodízios da grande Instituição Nocturna, onde a nossa alma é remoída, enquanto a nossa carne pende em farrapos, como os andrajos de um mendigo, sofremos demasiado, estamos demasiado absortos na nossa dor, para podermos examinar com um olhar lúcido e profético os pálidos carrascos da noite que nos atormentam. Um excesso de amargura interior inunda os nossos olhos, senão que bons historiadores não seríamos dos nossos torcionários! Quanto a eles, não se descreverão nunca a si próprios com realidade! Mas ai! Cada ex-preso recorda-se pormenorizadamente de toda a instrução do seu processo, de como o oprimiam e de que escória humana se tratava; mas do comissário não se lembra frequentemente, nem sequer do nome, para não ter de pensar mais num tal homem. Assim, eu posso guardar na memória, sobre qualquer, muito mais coisas e bem mais interessantes do que sobre o capitão da Segurança do Estado, Eziepov, em frente do qual estive não pouco tempo sentado, a sós, no seu gabinete.

Algo nos resta, no entanto, como lembrança comum e exacta: aquela grande podridão, aquele espaço

completamente contaminado pela podridão. Passaram já dezenas de anos, sem quaisquer acessos de raiva ou de ofensa, com o coração sossegado, mas nós guardamos esta impressão inabalável: a da baixeza moral, da perversidade, do cinismo e da desonra desses homens, talvez desviados.

E conhecido o episódio em que Alexandre II, esse mesmo que foi severamente atacado pelos revolucionários, que sete vezes tentaram a sua morte, ao visitar, em certa ocasião, a Casa da Prisão Preventiva de Chpalernaia (antecessora da Casa Grande), ordenou que o encerrassem na cela individual duzentos e vinte e sete, ali ficando mais de uma hora, pois queria compenetrar-se da situação daqueles que ali mantinha.

Não se pode negar que isso era, da parte do monarca, um acto moral,

uma necessidade ou uma tentativa de enfrentar o assunto espiritualmente.

Mas é impossível imaginarmos qualquer dos nossos comissários, e

mesmo Abakumov e Béria, a quererem meter-se na pele de um preso, por

uma hora que fosse, ficando fechados a meditar numa cela individual.

As funções que executam não exigem deles que sejam pessoas

instruídas, com uma cultura e com horizontes largos e, de facto, não o são. Pelo seu serviço, não têm necessidade de raciocinar logicamente — e não o fazem. No seu trabalho precisam apenas de cumprir as directrizes, exacta e cruelmente, insensíveis aos sofrimentos - e essa insensibilidade, sim, têm--na eles. Nós, que passámos pelas suas mãos, sentimo-nos sufocar à ideia desta corporação, completamente privada de noções comuns a todos os homens.

Para quem, senão para os comissários, era claro que os casos eram fabricados? Ao sair das suas reuniões, e ao falar entre eles, podiam porventura dizer seriamente que desmascaravam criminosos? E, no entanto, redigiam autos, folhas e mais folhas, sobre a nossa corrupção. Assim, pois, inspiravam-se de um espírito de banditismo: «Morre tu hoje, que amanhã serei eu!»

Eles compreendiam que os processos eram falsos e, entretanto, iam fazendo esse trabalhinho ano após ano. Como então? Esforçavam-se talvez por não pensar (mas isto já é uma destruição do homem), aceitando pura e simplesmente que assim tinha de ser: os que lhes enviavam as instruções não se podiam enganar.

Mas os nazistas diziam o mesmo, recordam-se?[1]

Ou então a Doutrina de Vanguarda é uma ideologia de pedra. O comissário instrutor do sinistro Orokutã (campo de castigo em Kolima, 1938), deixando-se comover ao obter de M. Lurie, director do combinado de Krivoi-Rog, a assinatura das declarações que o levariam à segunda condenação no campo, quando ia ser posto em liberdade, disse-lhe: «Pensas que nos dá alguma satisfação utilizar "a influência"?[2]»

Mas devemos fazer aquilo que o Partido de nós exige. Tu, velho membro do Partido, diz lá o que farias no nosso lugar? E parece que Lurie estava quase de acordo com ele (seria talvez por isso que assinou tão facilmente, pensando, no fundo, assim?) Eis, justamente, algo que convence.

Mas o mais frequente era o cinismo. Os debruns-azuis compreendiam muito bem o funcionamento da máquina de picar carne e compraziam-se nela. O comissário Mironenko, dos campos de Djida (1944) dizia ao condenado Babitch, sentindo até orgulho pela construção racional da frase: «A

1 Ninguém pode esquivar-se a esta comparação: os anos e os métodos são demasiado coincidentes. Mais naturalmente fazia tal comparação quem tinha passado pela Gestapo e pelo Ministério da Segurança do Estado, como Aleksei Ivanovitch Divnitch, exilado e pregador da ortodoxia grega. A Gestapo acusava-o de actividade comunista entre os operários russos na Alemanha. O Ministério da Segurança do Estado, M.G.B, de ligações com a burguesia mundial. A conclusão de Divnitch não era em favor do M.G.B.: torturaram-no lá e cá, mas na Gestapo procuravam saber, de qualquer modo, a verdade e, quando a acusação revelou não ter fundamento, Divnitch foi posto em liberdade. O Ministério da Segurança do Estado não buscava a verdade e não era intenção sua soltar das garras alguém que por ele fosse preso.

2 Maneira delicada de designar as TORTURAS.

instrução do processo e o julgamento são apenas uma formalidade jurídica e em nada podem mudar o vosso destino, prescrito de antemão. Se é necessário fuzilar-vos, ainda que estejais absolutamente inocentes, sereis fuzilados de todas as maneiras. Se é necessário absolver-vos (isto referia-se, evidentemente, aos DELES - A.S.), mesmo que sejais efectivamente culpados, sereis justificados e absolvidos.» O chefe da primeira secção de investigação da Segurança do Estado da região ocidental do Casaquestão, Kuchnariov, exprimiu-se assim perante Adolf Tsivilko: «Ora não te podemos soltar, a ti, que és de Leninegrado!» (Isto é, um velho militante do Partido.) «Dêem-nos um homem, e o caso nós já o criaremos!» Eis como muitos deles pilheriavam: era este um dos seus ditos. O que para nós era um martírio, era para eles um bom trabalho. A mulher do comissário Nikolai Grabichenko (canal do Volga), dizia enternecida às vizinhas: «O meu marido é um trabalhador magnífico. Um preso esteve muito tempo sem confessar e entregaram-no a Nikolai. Nikolai conversa uma noite com ele, que logo confessou.»

Porque é que todos eles se lançaram assim, com uma atrelagem tão fogosa, nessa corrida, não pela verdade, mas por um NÚMERO de indivíduos interrogados e condenados? Porque, para eles, o MAIS CÓMODO era não se desviar da linha geral. Porque essas cifras significavam uma vida tranquila, um soldo suplementar, condecorações, promoções, a ampliação e a prosperidade dos próprios órgãos. Apresentando boas cifras, podiam mandriar, aldrabar e passar boas noites de farra (o que eles faziam). Números baixos conduziriam ao seu despedimento e retrogradação, à perda da manjedoira, já que Staline não podia acreditar que num determinado bairro, cidade ou unidade militar deixassem de se encontrar, de repente, inimigos seus.

Desse modo, não era um sentimento de compaixão, mas de ofensa e irritação, que neles brotava contra os presos muito teimosos, que não queriam entrar dentro dos seus números, que não cediam pela tortura do sono, nem pelos calabouços, nem pela fome! Recusando-se a confessar, eles prejudicavam a situação pessoal do comissário instrutor! Era como se quisessem que ele mesmo fracassasse! Daí que todos

os métodos fossem bons! Na guerra como na guerra! Um tubo na tua garganta, bebe água salgada!

Privados, pelo tipo das suas actividades e pelo género de vida escolhida, da esfera SUPERIOR da existência humana, os servidores da Instituição Azul viviam com mais plenitude e avidez na esfera inferior. E aí eram dominados e dirigidos pelos mais ferozes instintos dessa esfera, que são (além da fome e do sexo), o instinto do PODER e do ENRIQUECIMENTO. (Especialmente do poder: nas últimas décadas, este tornou-se mais importante que o dinheiro.)

O poder é um veneno conhecido desde há milénios. Que nunca ninguém tivesse adquirido um poder material sobre outrem! Mas para quem

tem fé em algo de superior e tem, por isso mesmo, a consciência dos seus limites, o poder não é, ainda, mortal. Só para as pessoas com horizontes limitados é que o poder é um veneno letal. De um contágio desses, elas não têm salvação.

Recordam-se do que Tolstoi escreve sobre o poder?3: «Ivan Ilitch exercia tais funções que tinha possibilidade de conduzir à ruína qualquer pessoa, a quem quisesse destruir! Todas as pessoas, sem excepção, estavam nas suas mãos, e mesmo a mais importante podia ser conduzida perante si, como acusada. (Sim, isto aplica-se aos nossos debruns-azuis! Nada há a acrescentar!) A consciência deste poder («e a possibilidade de o suavizar», concede Tolstoi, mas isto não se refere de nenhum modo aos nossos rapazes) constituía para ele o interesse e o atractivo principal das suas funções.

Qual atractivo! Melhor se diria a embriaguez*. Pois não é uma embriaguez? Tu és ainda jovem, tu que - diga-se entre parêntesis - és um ranhoso; ainda muito recentemente os teus pais preocupavam-se contigo, não sabiam onde colocar-te, tão estúpido como és e não querendo estudar; mas andaste três anitos naquela escola, e como levantaste voo! Como mudou a tua situação na vida! Como mudaram os teus movimentos, o teu olhar e, mesmo, o teu voltar de cabeça! Está reunido em sessão o Conselho Científico do Instituto: tu entras e todos notam, até estremecem; tu não sobes para o lugar do presidente,

isso compete ao reitor, mas sentas-te a seu lado e todos compreendem que és tu o mais importante, que tu és membro da secção especial. Podes ficar sentado cinco minutos e sair, essa é a tua superioridade sobre os professores, pois podem solicitar-te assuntos mais importantes - mas depois, examinando as suas decisões, basta-te franzir o sobrolho (ou melhor ainda os lábios) e dizer ao reitor: «É impossível. Há considerações...» E é tudo! Isso não se fará! Ou então, tu pertences à secção especial da contra-espionagem; és apenas um tenente, mas um velho e corpulento coronel, comandante de unidade, que se levanta à tua chegada, procura adular-te, agradar-te e não irá beber com o chefe do estado-maior sem te convidar. Não importa que só tenhas duas pequenas estrelinhas, isso até é divertido: pois as tuas estrelinhas medem-se por uma escala completamente diferente da dos oficiais normais (e, às vezes, numa missão especial, permitam-te pregar, por exemplo, as estrelas de major, isso como uma espécie de pseudoconvenção). Sobre toda a gente dessa unidade militar, ou dessa fábrica, 011 desse distrito, tens um poder incomparavelmente maior do que o comandante, o director ou o secretário do Partido. Eles dispõem da sua carreira, do seu salário, da sua

reputação, mas tu dispões da liberdade deles. E ninguém ousará falar a teu respeito nas reuniões, ninguém ousara escrever sobre ti nos jornais - não só mal, nem mesmo bem! É como se fosses uma divindade secreta, cujo nome não se pode sequer citar! Tu existes

todos te sentem, mas é como se não existisses! E por isso, tu estás acima do poder declarado, desde o momento em que te cobres com o boné azul. O que TU fazes, ninguém se atreverá a verificá-lo, mas qualquer pessoa está sujeita à tua verificação. Perante os chamados cidadãos simples (que para ti são simplesmente cepos), a atitude mais digna consiste em adoptar uma expressão misteriosa de grande penetração. Só tu, na verdade, conheces as considerações especiais, e ninguém mais. E por isso tu tens sempre razão.

Só não te esqueças de uma coisa: tu mesmo serias um cepo desses, se não tivesses tido a sorte de te tornares uma peça da engrenagem dos órgãos - esse ser vivo, flexível, completo, que habita no Estado

como a bicha solitária no homem. Tudo te pertence agora, tudo é para ti, mas só com a condição de seres fiel aos órgãosl Eles sempre intercederão por ti! Sempre te ajudarão a engolir todo aquele que te ofender! E retirarão qualquer obstáculo do teu caminho! Mas sê fiel aos órgãosl Faz tudo o que eles te ordenem! São eles que pensam por ti e que designam o teu lugar: hoje podes ser da secção especial e amanhã podes ir ocupar o cadeirão do comissário instrutor, para, em seguida, seres destacado como etnógrafo para o lago Seli-guer4 em parte também para tratares dos nervos. Depois serás transferido de uma cidade, onde já te tornaste demasiado famoso, para o outro extremo do país, como encarregado para os Assuntos da Igreja5. Ou passarás a ser o secretário responsável da União de Escritores6. Não há que admirar--se de nada: a verdadeira função e categoria das pessoas, sabem-na unicamente os órgãos, aos demais deixam-nos simplesmente representar: ali onde se vê um mestre emérito das artes ou um herói do trabalho socialista, sopra-se e ele desaparece7.

O lugar de comissário requer, naturalmente, trabalho: é necessário ir e vir, de dia e de noite, permanecer

sentado horas e horas. Mas não tens de quebrar a cabeça a descobrir as «provas» (deixa que a quebre o preso), não tens de te preocupar em saber se ele é culpado: faz o que for melhor para os órgãos e tudo estará bem. Dependerá de ti a organização do processo da forma mais agradável, sem te cansares muito: é bom tirar algum proveito e também distrair-se. Estiveste sentado durante longo tempo e, subitamente, inventaste uma nova forma de «influência»: «Eureca!» Telefona aos amigos, percorre os gabinetes, conta coisas: QUE BELAS GARGALHADAS! Vamos experimentar, rapazes, em quem? Vejam, é aborrecido encontrar

4 1931, Iline.

5 O pérfido comissário Volkopialov foi encarregado para os Assuntos da Igreja na Moldávia.

* Um outro Iline, Victor Nikolaievitch, ex-general de brigada da Segurança do Estado.

7 «Quem és tu?», perguntou o general Serov, em Berlim, ao mundialmente conhecido biólogo Timofeiev-Ressovski. «E tu, quem és?», ripostou, sem se desconcertar, com a sua hereditária audácia

cossaca, Timofeiev-Ressovski. «Ah, você é um cientista?», corrigiu Serov.

pela frente sempre a mesma coisa, estas mãos trementes, estes olhos suplicantes, esta submissão cobarde - oxalá que algum oferecesse resistência. «Gosto dos inimigos resistentes! É agradável quebrar-lhes a espinha'.»9,

E se ele é tão resistente que não cede, se todos os teus métodos não dão resultado? Enfureces-te? Vamos, não retenhas a tua raiva! É uma satisfação imensa, é um voo da fantasia! Deixa em liberdade a tua fúria, não lhe ponhas limites! Põe em tensão as tuas forças! É em tal estado que se escarra na boca do preso! Que se esfrega o seu rosto no escarrador repleto!9 É em tal estado que se arrastam os padres pelas guedelhas! E que se urina no rosto daqueles que foram postos de joelhos! Depois de acesso de fúria, sentes-te um verdadeiro homem!

Ou então interrogas «uma rapariga que anda com um estrangeiro»10. Bem, dizes-lhe algumas grosserias e perguntas-lhe: «Será que o americano a tem bem

cinzelada, ou quê? De que é que necessitavas, havia poucos russos?» E surge-te subitamente uma ideia: com esses estrangeiros ela deve ter adquirido alguns conhecimentos. Não se pode perder a ocasião, é uma espécie de missão de serviços lá fora! E, com ardor, começas a interrogá-la: «Como era? Em que posições?... E em que mais outras?... Dá pormenores! E outros detalhes! Isso poderá servir para mim e vou contá-lo aos rapazes!» A rapariga, envergonhada e lavada em lágrimas, diz que isso nada tem a ver com o assunto. «Mas sim, tem que ver! Fala!» Eis o que significa o teu poder! Ela acaba por contar-te tudo tintim por tintim, se quiseres, faz mesmo um desenho e poderá até mostrar-to com o corpo, não tem outra saída, está nas tuas mãos a sua detenção e a sua pena.

Requisitaste" uma dactilógrafa para escrever o interrogatório e mandaram-te uma, bonita, e imediatamente tu lhe meteste a mão nos seios, diante do rapazola interrogado12. É como se ele não fosse gente, não há, por isso, de ter vergonha.

Sim!, de quem é que haverias de ter vergonha? Se gostas de mulheres (e quem é que não gosta delas?), serias idiota se não te aproveitasses da situação.

Umas são atraídas pelo teu poder, outras cedem por temor. Tendo encontrado uma rapariga em qualquer parte, ficou-te de olho? Será tua, não te escapará. E ficou-te de olho também uma mulher casada? Será tua! Afastar o marido do caminho é coisa que não te custa nada13. Não é na

8 Foi o que disse a G. G. o comissário de Leninegrado, Chitov.

'' Caso ocorrido com Vassiliev e lvanov-Razumnik.

10 Ester R., 1947.

" O comissário Pokhilko, da Segurança do Estado de Kemerovo.

12 O estudante Micha B.

" Há muito tempo que tenho um assunto para um conto: «A Esposa Corrompida.» Mas, pelos vistos, não consigo dispor-me a escrevê-lo. Ei-lo. Refere-se ao facto de que, numa unidade militar da força aérea do Extremo Oriente, antes da guerra da Coreia, certo tenente--coronel, ao regressar de uma missão de serviço, soube que a sua mulher estava no hospital. O

verdade necessário experimentá-lo, para saber o que significa um boné azul! Qualquer coisa que viste, é tua! Qualquer apartamento que visitaste, é teu! Qualquer mulher, é tua! Qualquer adversário, é varrido da tua frente! A terra que pisas, é tua! O céu que sobre ti paira, é teu, azul como tu!

Quanto à ânsia de lucro, é a paixão de todos eles. Como não utilizar esse poder e uma tal falta de controle para enriquecer? Seria necessário ser um santo!...

Se nos fosse permitido conhecer o fundamento de certas detenções, veríamos com assombro, que, sendo a norma geral a de prender, a escolha particular de quem prender e a sorte pessoal de cada um dependia, em três quartas partes dos casos, da cupidez e da vingança, e, em metade deles, de cálculos interesseiros da N.K.V.D. local (e dos procuradores, naturalmente; não os vamos deixar de parte.

Como começou, por exemplo, o périplo de dezanove anos de V. G. Vlassov pelo Arquipélago? Devido ao facto de que tendo ele, administrador da cooperativa de consumo local, promovido a- venda de uns tecidos

(que já ninguém comprava...) para o activo do Partido (que não fosse para o povo, isso não desconcertava ninguém), e a esposa do procurador não pôde comprá-los: ela não se encontrava presente e ao procurador era-lhe molesto ir fazer compras ao balcão. Ora Vlassov não teve a ideia de dizer-lhe: «Eu mesmo lhos deixo de parte» (isso não estava no seu carácter). Mais ainda: o procurador Russov levou à cantina privada do Partido (havia cantinas dessas nos anos 30), um amigo que não estava autorizado a comer ali (isto é, que tinha uma posição inferior) e o administrador da cantina não permitiu que se servisse a refeição ao amigo. O procurador exigiu de Vlassov que o castigasse, o que este não fez. Desse modo, ele ofendeu

caso era tão grave que os médicos não lho ocultaram: os seus órgãos genitais sofriam de uma lesão, devido a relações anormais. O tenente-coronel precipitou-se para a esposa e conseguiu a confissão dela: tratava-se de um primeiro-tenente da secção especial da sua unidade (parece que por ela correspondido). O marido correu furioso ao gabinete da secção especial, sacou da pistola e ameaçou matá-lo. Mas rapidamente o primeiro-tenente obrigou-o a curvar-se e a sair,

abatido e em estado lastimoso: ameaçou enviá-lo a apodrecer no mais terrível campo, cm que ele chegaria a rezar por uma- morte sem sofrimentos. E ORDENOU-LHE que recebesse em casa a esposa, tal como estava (algo havia sido deformado sem remédio), e que vivesse com ela, sem se atrever a divorciar-se nem ousar queixar-se - era esse o preço da liberdade! O tenente-coronel cumpriu tudo. (Isto foi-me relatado pelo motorista desse mesmo agente da secção especial.)

Casos semelhantes não devem ser poucos: este é um domínio onde se revela particularmente tentador utilizar o poder. Um desses agentes da Segurança do Estado obrigou, a filha de um general-chefe do Exército (em 1944) a casar-se com ele, sob a ameaça de que, caso contrário, prenderia o pai. A jovem tinha noivo, mas, para salvar o pai, casou com o agente da Segurança. Durante o breve tempo de casada escreveu um diário, enviou-o ao namorado e depois suicidou-se.

gravemente a N.K.V.D. da zona. E foi assim que o incluíram na lista da oposição de direita!...

As considerações e os actos dos debruns-azuis costumam ser tão mesquinhos que é coisa de maravilhar. O chefe de uma brigada operacional, para buscas e detenções, Sentchenko, tirou a um oficial do exército preso a bolsa de campanha e a prancheta, e usava-as na sua presença. A um outro preso ele furtou, servindo-se dos subterfúgios de um auto, um par de luvas estrangeiras. (Quando a ofensiva prosseguia, eles roíam-se todos por não serem os primeiros a colher troféus.) O agente da contra-espionagem do 48.° Exército que me deteve, olhava com inveja para a minha cigarreira, que, aliás, nem sequer era uma cigarreira, mas sim uma caixa alemã qualquer de atraente cor escarlate. E na mira dela tentou toda uma manobra auxiliar: primeiro, não a incluiu no auto da apreensão (isto pode ficar consigo), depois ordenou que me revistassem de novo, sabendo perfeitamente que não tinha mais nada nas algibeiras: «Ah, vejam só! Tirem-lha!» E para que eu não protestasse: «Levem-no para a enxovia!» (Que gendarme czarista se atreveria a portar-se assim com um defensor da pátria?)

Cada investigador dispunha de" determinada quantidade de cigarros para animar os que confessavam e para os bufos. Alguns, porém, ficavam com todos esses cigarros para eles. Até nas horas de interrogatórios nocturnos, pagas por tarifa especial, eles faziam trapaças: observávamos como eles anotavam nos autos mais tempo do que o utilizado (das tantas às tantas). O comissário Fiodorov (estação de Recheta, caixa de correios de campanha duzentos e trinta e cinco) numa busca ao apartamento de um cidadão em liberdade, Korzukhin, roubou, ele mesmo, um relógio de pulso. O comissário Nikolai Fiodorov Krujkov, durante o cerco de Leninegrado, disse a Elisabeth Victorovna Strakhovitch, mulher do seu acusado K. I. Strakhovitch: «Necessito de um edredão. Traga-me um!» Ela respondeu--lhe: «O quarto onde tenho as coisas de Inverno está selado.» Então ele dirigiu-se a casa dela e, sem violar o selo de chumbo da Segurança do Estado, desaparafusou o puxador da porta: «Eis como trabalha o Comissariado do Povo para a Segurança do Estado!», explicou ele prazenteiro... e levou dali a roupa de Inverno, metendo, de passagem, objectos de cristal nas algibeiras (Elisabeth, por sua vez, levou também o que pôde e que no fim de contas era dela. «Já leva

bastante!», advertiu-a ele, enquanto continuava a servir-se14).

F.m 1954 esta enérgica e inexorável mulher (o marido tudo perdoou, até a pena de morte, e dissuadiu-a: «Não é preciso!») interveio contra Krujkov no tribunal como testemunha. Como não era o primeiro caso verificado com Krujkov e ele violava os interesses dos órgãos, condenaram-no a vinte e cinco anos. Estaria lá muito tempo?

O número de casos semelhantes não tem fim: poderiam publicar-se mil «Livros Brancos» (a começar em 1918), inquirindo sistematicamente junto dos ex-presos e das esposas. Pode ser que tenha havido e haja debruns--azuis que nunca roubaram nada, nem de nada se apropriaram - mas a mim custa-me a imaginá-lo, decididamente! Não compreendo, pura e simplesmente, que, com os seus pontos de vista, algo pudesse contê-los se uma coisa lhes agradasse. Já nos começos dos anos 30, quando participávamos nas campanhas juvenis e executávamos o primeiro plano quinquenal, eles passavam os seus serões em

salões à maneira da nobreza do Ocidente, do género do de Konkordi Iosse, e as suas damas ostentavam toiletes estrangeiras. De onde vinha tudo isso?

E os seus apelidos! Era como se tivessem sido escolhidos em função deles para esse trabalho! Por exemplo, na Segurança do Estado da região de Kemerovo, em começos dos anos 50, havia diversos Trutniev (Parasita), o chefe da Secção de Investigação, major Chkurkin (Coirão), o seu substituto, tenente-coronel Balandin (sopa aguada) e ainda o juiz de instrução Skorokhvatov (Arrebanhador). Vejam, não é inventado! Todos eles subitamente juntos! (Acerca de Volkopialov e Grabichenke já nem vale a pena falar15) Acaso não reflectem nada do que as pessoas são, os seus apelidos? E vejam uma vez mais o que é a memória do prisioneiro: I. Korneiev esqueceu-se do apelido daquele coronel da Segurança do Estado, amigo de Konkordi Iosse (por coincidência, conhecido de ambos), que encontrou no isolamento político de Vladimir. Esse coronel era a personificação conjunta do instinto do poder e do dinheiro. Em começos de 1945, no tempo das vacas gordas, dos «troféus», ele pediu para ser incorporado na secção dos órgãos, que, encabeçada pelo próprio Abakumov, controlava

toda essa pilhagen-h, isto é, procurava apoderar-se de tudo o que podia, não para o Estado, mas para seu proveito (e conseguiu muitos prodígios). O nosso herói limpou vagões inteiros e construiu para si várias casas de campo (uma delas em Klin). Depois da guerra, atingiu tal envergadura que, ao chegar à Estação de Novossibirsk, mandou expulsar todos quantos estavam sentados no restaurante, ordenando que lhe trouxessem mulheres para si e para os seus colegas de farra, obrigando-as a dançar nuas em cima das mesas. Teria sido perdoado, mas violou outra lei importante, como o fizera Kruj-kov: agiu contra os seus. Não só enganou os órgãos como ainda fez pior: apostou em que seduziria as mulheres de alguns dos seus camaradas da secção operacional da Tcheka. Não lhe perdoaram! Foi metido no isolamento político, ao abrigo do artigo 58! Enfureceu-se por se terem atrevido a prendê-lo e não duvidava de que o caso seria reparado. (E talvez fosse.)

' Volkopialov deriva de volk = lobo, e pialit = fitar com os olhos desorbitados. Grae tem a raiz em grabit = saquear, pilhar. (N. dos T.)

Esse destino nefasto de se deterem a si mesmos não é assim tão raro como isso entre os debruns-azuis. Não há uma verdadeira garantia contra tal, e não se sabe porque eles assimilam mal as lições do passado. Certamente pela falta de inteligência superior, enquanto a inferior lhes segreda: «São raros aqueles a que isso ocorre, eu escaparei e os meus não me vão desamparar.»

Os seus procuram, realmente, não o abandonar na desgraça, pois estão ligados por uma convenção tácita: colocar os deles em situação privilegiada (o coronel A. I. Vorobiov foi metido na cadeia especial de Marfinsk; o próprio N. I. Iline esteve na Lubianka mais de oito anos). Aqueles que são presos individualmente pelos seus erros pessoais de cálculo, graças a essa prevenção de casta não passam habitualmente mal, e assim se explica a sua quotidiana sensação de impunidade. São conhecidos, porém, alguns casos em que os mandões operacionais dos campos foram obrigados a cumprir penas em campos comuns, onde se encontraram com os seus próprios zeks (reclusos), e não passaranyiada bem (por exemplo, o agente Munchin, que odiava encarniçadamente o artigo 58, e que se apoiava no

banditismo, foi metido por este mesmo debaixo das tarimbas). Entretanto, tratando-se de tais casos, não temos meios de os conhecer em pormenor, a fim de poder dar deles uma ideia.

Mas aqueles agentes da Segurança que caem nas torrentes (eles têm igualmente as suas torrentesl...) arriscam tudo. Uma torrente é um cataclismo natural, mais forte até que os próprios órgãos, e então já ninguém ajuda, com medo de ser ele mesmo arrastado para esse abismo.

No último minuto, se tens uma boa informação e uma consciência aguda de tchequista, podes ainda furtar-te a essa avalancha, demonstrando que não tens nenhuma relação com ela. Por exemplo, o capitão Saenko (não aquele carpinteiro tchequista de Cracóvia dos anos 1918-19, célebre pelos seus fuzilamentos, perfurações no corpo com o sabre, despedaçamentos de pernas, esmagamento da cabeça com pesos e halteres e cauterização16, mas talvez, quem sabe, da mesma família...), teve a fraqueza de ca-sar-se por amor com uma funcionária, Kokhanskaia, dos caminhos de ferro da China Oriental. De repente, antes de rebentar a vaga, soube que iam prender os empregados desses serviços

ferroviários. Era então o chefe da Secção Operacional da G. P. U. em Arcângel. Sem perder um só minuto, que fez ele? PRENDEU A MULHER AMADA! E ainda por cima não como funcionária dos caminhos de ferro da China Oriental, mas forjando-lhe um processo. E não só ficou vivo como foi promovido, tornando-se o chefe da N.K.V.D. de Tomsk17.

"■ Roman Gul, in Dzcrjinski.

17 Ainda um bom assunto! Quantos não há aqui! Pode ser que sirva a alguém.

Estas torrentes surgiram em virtude de uma misteriosa lei de renovação dos órgãos: um pequeno sacrifício periódico, oferecido para que os que ficavam tomassem a aparência de purificados. Os órgãos deviam mudar mais depressa do que Ovcrescimento normal e o envelhecimento das gerações humanas: certos cardumes da Segurança do Estado deviam entregar as suas cabeças com a inflexibilidade do esturjão, que vai morrer sobre as pedras do rio, para ser substituído pelos filhos. Esta lei era bem visível para uma inteligência superior, mas os debruns-

azuis, eles mesmos, não queriam, de modo algum, reconhecê-la e prevenir-se. E tanto o rei como os tubarões dos órgãos, e até ministros, chegada a hora astralmente designada, colocavam as suas cabeças sob a sua própria guilhotina.

Um primeiro cardume arrastou Iagoda atrás de si. Provavelmente muitos daqueles nomes gloriosos, que ainda teremos ocasião de admirar ao falar do canal do mar Branco, foram levados nesse cardume e os seus nomes riscados das linhas poéticas.

O segundo cardume arrastou bem depressa o efémero Iejov. Alguns dos melhores cavaleiros de 1937 pereceram nessa vaga (mas importa não exagerar, estão longe de terem sido os melhores). O próprio Iejov foi espancado durante a instrução do processo, apresentando um lastimoso aspecto. Com essas detenções, GULAG ficou órfão. Simultaneamente a Iejov, foram presos, por exempo, o chefe da Direcção das Finanças; o chefe da Direcção Sanitária e o chefe da Guarda Interior de GULAG - isto é, o chefe de todos os compadres dos campos! E depois veio o cardume de Béria.

O gordo e presunçoso Abakumov tropeçou à parte dos outros, separadamente.

Os historiadores dos órgãos (se os arquivos não forem queimados) relatar-nos-ão isso um dia, passo a passo, com cifras e com o brilho dos nomes.

Eu limitar-me-ei aqui apenas a uma pequena parte: a história de Riu-min e de Abakumov, que conheci casualmente. (Não vou repetir aquilo que sobre eles tive ocasião de contar noutro lugar18.)

Riumin, familiar do próprio Abakumov, que o tinha protegido, apresentou-se a ele em fins de 1952 com a sensacional notícia de que o professor de medicina Etinguer tinha confessado que submetera a tratamento incorrecto Jdanov e Cherbakov (com o fim de os matar). Abakumov ne-gou-se a acreditar, pois conhecia bem tais cozinhados, a achou que Riumin ia demasiado longe. (Mas Riumin pressentia melhor aquilo que Staline queria!) Para tirar dúvidas, organizaram essa tarde um interrogatório cruzado com Etinguer, e tiraram u.ma Conclusão diferente: Abakumov, a de

18 No Primeiro Círculo.

144

que não havia nenhum «caso dos médicos»; Riumin, a de que sim, que havia. Era necessário fazer verificações ainda uma vez mais, na manhã seguinte, mas por uma dessas maravilhosas particularidades da Instituição Nocturna, ET1NGUER MORREU NESSA MESMA NTOITE! Pela manhã, Riumin, passando por cima de Abakumov, telefonou ao Comité Central do Partido e pediu para ser recebido por Staline! (Penso que não foi esse o seu passo decisivo: o decisivo, depois do qual já a sua cabeça estava em jogo, fora dado na véspera, ao não concordar com Abakumov, e ao matar, talvez, Etinguer durante a noite. Mas quem conhece os segredos destes palácios? Pode ser que o contacto com Staline tivesse já sido realizado antes.) Staline recebeu Riumin, deu andamento ao caso dos médicos e PRENDEU ABAKUMOV. Riumin foi para a frente com o caso, segundo parece independentemente, e a despeito mesmo de Béria! (Há sintomas de que antes da morte de Staline, Béria tinha a sua situação ameaçada, e foi talvez por seu intermédio que Staline foi liquidado.) Um dos primeiros passos do novo Governo foi a renúncia ao caso dos médicos. Então

FOI PRESO RIUMIN (ainda sob o poder de Béria), mas ABAKUMOV NÂO FOI LIBERTADO! Introduziram-se novas regras na Lubianka, e pela primeira vez em toda a sua existência cruzou os seus umbrais um procurador (D. T. Teriekhov). Riumin mostrou-se nervoso e servil: «Eu não sou culpado, estou detido sem motivo», pedindo para ser interrogado. Como era seu costume, chupava um bombom e a uma observação de Teriekhov, cuspiu-o na palma da mão, dizendo: «Desculpe.» Quanto a Abakumov, como já mencionámos, ele riu-se: «É uma mistificação.» Teriekhov mostrou-lhe o seu mandado de controle das cadeias internas do Ministério da Segurança do Estado. «Como esse podem fabricar-se quinhentos!», respondeu Abakumov, recusan-do-o com a mão. A ele, como «patriota da Instituição», o que mais ofendia não era sequer que estivesse preso, mas que tentassem prejudicar os órgãos, os quais não podiam estar subordinados a nada no mundo! Em Julho de 1953 Riumin foi julgado (em Moscovo) e fuzilado. Mas Abakumov continuou na prisão! No interrogatório, ele disse a Teriekhov: «Tens os olhos demasiado bonitos'9, terei pena de fuzilar-te! Afasta-te do meu caso, e afasta-te pelas boas.» Uma vez, Teriekhov chamou-o e deu-lhe a ler o jornal com o comunicado

sobre o desmascaramento de Béria. Isso era então quase uma sensação cósmica. Abakumov leu o comunicado sem pestanejar, voltou a folha e começou a procurar a página desportiva. Outra vez, assistindo ao interrogatório um importante agente da Segurança do Estado, até há pouco subordinado de Abakumov, este perguntou-lhe: «Como pudésteis

O que era verdade. Em geral, D. Teriekhov era um homem de força de vontade c audácia fora do comum (os julgamentos contam-no), e talvez de viva inteligência. Se as reformas de Kruchtchev tivessem sido mais consequentes, Teriekhov ter-se-ia destacado. Assim, no nosso país, não chegam a formar-se personalidade históricas.

permitir que a investigação do caso Béria não fosse realizada pelo Ministério da Segurança do Estado, mas pela Procuradoria? (Continuava lá com a sua na cabeça!) E tu acreditas que eu, ministro da Segurança do Estado, serei julgado?» - «Sim.» - «Então enfia um chapéu de coco na cabeça, os órgãos deixaram de existir!» (Ele, naturalmente, tinha uma visão

demasiado pessimista, como um inculto correio do Estado.) Não era o julgamento que Abakumov temia, quando estava preso na Lubianka, mas sim um envenenamento (mostrando uma vez mais ser um digno filho dos órgãosl) Começou pois a rejeitar toda e qualquer comida da prisão, só comendo ovos que comprava na cantina. (Aqui faltava-lhe imaginação técnica, ao pensar que um ovo não pode ser envenenado.) Da bem surtida biblioteca da Lubianka só lia livros de... Staline (que o tinha metido na cadeia...) Isso seria talvez uma ostentação ou um cálculo, prevendo que os partidários de Staline acabariam por predominar. Mas continuou preso por mais dois anos. Porque é que não o soltaram? A pergunta não é ingénua. A julgar pelos seus crimes contra a humanidade, ele estava manchado de sangue até a cabeça. Mas não era só ele! Os restantes tinham escapado com sorte. O segredo está aqui: há rumores surdos de que, em tempos, ele tinha espancado a nora de Kruchtchev, Linlea Sedaia, esposa do filho mais velho, o qual, condenado no tempo de Staline, fora enviado para um batalhão disciplinar, - onde morreu. Por isso, tendo sido encarcerado por Staline, Abakumov acabou por ser

julgado, no tempo de Kruchtchev, em Leninegrado, e fuzilado a 18 de Dezembro de 1954-°.

Mas era em vão que ele se preocupava: os órgãos não morreram por isso.

Como diz a sabedoria popular: ao falares do lobo, fala também como o lobo.

Esta faça de lobos, de onde surgiu ela do nosso povo? Não é da nossa raiz? Não é do nosso sangue?

Sim, é.

Para não vestir sem mais o alvo manto dos justos, interroguemo-nos: se a minha vida se tivesse apresentado diferentemente, ter-me-ia eu convertido num carrasco assim?

É uma pergunta terrível, se queremos responder a ela honestamente.

Lembro-me do meu terceiro ano da universidade, no Outono de 1938. Nós, rapazes do Komsomol, fomos chamados ao comité de zona uma primeira e uma segunda vez, e, quase sem nos pedirem o nosso

acordo, meteram-nos um questionário nas mãos para preenchermos: há já demasiados físicos e matemáticos, a pátria precisa de candidatos à escola da N.K.V.D. (de resto, é sempre assim, não são as pessoas que têm necessidade de alguém, mas sim a pátria, e há sempre um burocrata que sabe tudo e fala em seu nome).

Um ano antes, esse mesmo comité de zona tinha-nos aliciado para uma escola de aviação. Também dessa vez nos recusámos (tínhamos pena de deixar a universidade), mas não tão tenazmente como agora.

Um quarto de século depois pode pensar-se: sim, vocês compreendiam perfeitamente como fervilhavam as detenções à vossa volta, como eles torturavam nos cárceres e para que lama vos arrastavam. Mas não! As corujas voam de noite, e nós éramos dos que desfilavam de dia, com bandeiras. Como poderíamos saber ou pensar qual a causa das detenções? Que tivessem mudado todos os chefes regionais, isso era-nos perfeitamente indiferente. Tinham mandado prender dois ou três professores, mas não era com eles que íamos aos bailes e assim ainda seria mais fácil fazer exames. Nós, rapazes de vinte anos de idade, marcávamos o passo nas mesmas paradas que

os da Revolução de Outubro e esperava-nos o mais radioso futuro.

É difícil descrever o sentimento íntimo, não baseado em qualquer argumento, que nos impedia de aceitar a ida para a escola da N.K.V.D. Não era que tal se deduzisse das conferências ouvidas sobre o materialismo histórico: ao contrário, através delas estava claro que a luta contra o inimigo interno era uma frente de combate ardente e uma tarefa honrosa. E isso estava em contradição com a nossa vantagem prática: a universidade provincial nada nos podia prometer além de uma escola rural num recanto afastado e com um salário exíguo, enquanto a escola da N.K.V.D. nos prometia um racionamento especial e um vencimento duas ou três vezes maior. O que sentíamos não podia traduzir-se em palavras (e se as houvesse, não as podíamos comunicar uns aos outros, por temor). Resistia-se, em geral, não ao nível da cabeça, mas do coração. Podem gritar-te de todos os lados: «E necessário», e a tua cabeça também pensar: «É necessário!», mas o coração repelir: «Não quero, ENOJA-ME! Arranjem-se sem mim, eu não entro nisso. » '

E algo que data de há muito, quiçá desde Liermontov. Naquelas décadas da vida russa em que, para uma pessoa decente, não havia serviço pior nem mais sujo do que o de agente da polícia secreta, e isso dizia-se em voz alta. Mas tudo vem de mais longe ainda. Sem o saber, resgatávamos a liberdade com o que nos restava - moedas de cobre e peças de dez kopecs, das moedas de ouro deixadas pelos nossos bisavós, nos tempos em que a moral ainda não era considerada relativa e o bem e o mal se diferenciavam simplesmente através do coração.

Contudo, alguns dos nossos rapazes alistaram-se então. Acho que se tivessem exercido uma pressão mais forte nos teriam talvez dobrado a todos nós. Ponho-me a imaginar: se ao começar a guerra eu já tivesse galões quadrados nas lapelas azuis[21] - que teria sido feito de mim? Posso, naturalmente, para ser agradável comigo próprio, dizer que a minha honestidade não teria suportado tal coisa, que me teria recusado e que abalaria batendo com a porta atrás de mim. Mas, deitado na tarimba do cárcere,

comecei a examinar sucessivamente a minha verdadeira carreira de oficial - e horrori-zei-me.

Passei a oficial, não vindo da universidade, ainda debruçado sobre integrais, mas tendo feito meio ano de serviço militar opressivo, sabendo o que significava estar sempre pronto a subordinar-me a pessoas que podem não -ser dignas. Depois, fui torturado durante mais meio ano na Escola do Exército. Deveria, pois, ter assimilado para sempre a amargura do serviço militar; guardo na minha memória como a pele me gelava e se gretava... Mas não! Como prémio de consolação, deram-me galões com duas estrelinhas, depois com três, quatro, e esqueci tudo.

Talvez conservasse então o amor à liberdade, típico dos estudantes? Mas entre nós ele não existia. Existia, sim, o amor à disciplina da forma e às marchas.

Recordo-me bem que foi a partir da Escola de Oficiais que experimentei a ALEGRIA DA RUSTICIDADE: ser militar e NÂO REFLECTIR; a ALEGRIA DE REFOCILAR na vida, tal como a vivem todos, segundo é praxe no nosso ambiente militar; a alegria de

esquecer certas subtilezas espirituais, incutidas desde a infância.

Na escola militar andávamos constantemente atenazados pela fome, tentando descobrir onde podíamos fanar um naco mais, vigilando-nos zelosamente uns aos outros para ver quem se, desenrascava melhor. O que mais temíamos era não chegar a ganhar as insígnias (enviavam para Estalinegrado aqueles que não terminavam o curso). Instruíam-nos como se fôssemos jovens feras, a fim de tornar-nos mais furiosos, para que, depois, tentássemos desforrar-nos em alguém. Não dormíamos o suficiente: após a hora de silêncio, podiam obrigar-nos a que, sob o comando de um sargento, ficássemos sozinhos a marcar passo — isso como castigo. Ou então, pela noite, faziam levantar toda a secção e formá-la em volta de uma bota suja: é desse canalha, que vai agora limpá-la e enquanto ela não ficar brilhante vós permanecereis aqui formados.

Na ânsia apaixonada dos galões, ganhávamos um andar felino de oficial e uma voz metálica de comando.

As insígnias com esse formato eram fixadas às extremidades (debruns) da gola do liforme, que era azul tratando-se da polícia política. (N. dos T.)

Finalmente, eis que me puseram os galões! E cerca de um mês depois, formando a bateria na retaguarda, eu já obrigava o meu descuidado praça Berbienov a marcar passo, depois da hora do descanso, sob o comando do insubmisso sargento Metlin... (ESQUECI, esqueci sinceramente tudo isto durante anos! Acabo de voltar a lembrar-me agora mesmo, diante desta folha de papel.) E um velho coronel, em inspecção casual, convocou-me e envergonhou-me. Eu (e dizer que já depois de ter feito a universidade!) justifiquei-me: «Na escola militar assim nos instruíram», o que significava: quais podem ser as considerações de humanidade, uma vez que estamos no exército? (Quanto mais nos órgãos...)

O orgulho medra no coração como o toucinho no porco. Eu lançava aos meus subordinados ordens indiscutíveis, convencido de que não podia haver outras melhores do que essas. Até na frente de

batalha, onde parecia que a morte nos igualava a todos, o meu poder conven-ceu-me rapidamente de que eu era uma pessoa de qualidade superior. Sentado, escutava-os a eles em posição de sentido. Interrompia, dava instruções. Havia pais e avôs, que eu tratava por «tu» (e eles a mim por «o senhor», naturalmente). Mandava-os sob o fogo dos canhões ligar os fios partidos, só para que os chefes superiores não me censurassem (assim morreu Andriachin). Eu comia a minha manteiga e as minhas bolachas de oficial, sem pensar muito em saber porque é que isso não correspondia também aos soldados. Eu já tinha, naturalmente, uma ordenança (que dava pelo nobre nome de «impedido»), que, de uma maneira ou doutra, tinha a preocupação de cuidar da minha pessoa e de preparar todas as minhas refeições à parte do rancho dos soldados. (Os comissários instrutores da Lubianka, esses, não têm impedidos, é coisa que não se pode dizer deles.) Eu obrigava os soldados a dobrarem-se e a abrir valas especiais de protecção para mim, em cada novo lugar, arrastando para lá os troncos mais pesados de modo a eu ficar comodamente e fora de perigo. E reparem, permitam--me, é verdade que na minha bateria também devia haver um lugar de detenção! E no bosque qual podia

ele ser? Tratava-se de uma cova, melhor do que a da divisão de Gorokhovets, porque era coberta e se servia lá o rancho de soldado: foi onde esteve Viuchkov, por ter perdido um cavalo, e Pop-kov, por cuidar mal da carabina. Permitam-me ainda outra recordação: tinham-me forrado a prancheta com pele alemã (não, não era pele humana, mas do assento do motorista) e faltava uma correia de couro; eu aborreci--me com isso; subitamente, viram uma correia desse género, pertencente a um certo comissário político de guerrilheiros (do comité do partido da zona) e tiraram-lha: nós somos do exército, somos superiores! (Recordam--se de Centchenko, agente operacional da Tcheca?) Finalmente, há que recordar o estojo de cigarros vermelho-claro, que eu tanto prezava: não esqueci como o tiraram ...

tis o que os galões fazem de um homem. Onde se tinham sumido as recomendações da minha avó, diante do ícone? E para onde tinham voado

as minhas ilusões de pioneiro sobre a futura e santa Igualdade!

Quando, no posto de comando do chefe de brigada, os agentes da contra-espionagem me arrancaram os malditos galões, me tiraram as correias e me empurraram para meter-me no automóvel, totalmente abandonado à minha sorte, ainda me sentia mortificado ao pensar na degradação que seria passar pela dependência dos telefonistas, pois os soldados não me deviam ver assim!

No dia seguinte ao da minha detenção, comecei a percorrer a minha «Via de Vladimir»22. Dirigiam os presos da secção de contra-espionagem do exército, à frente, por etapas. Fizeram-nos ir a pé de Osterod a Brodnitsa. Quando me tiraram da enxovia para formar, já estavam de pé sete reclusos, dos quais, seis aos pares e um de costas voltadas para mim. Seis deles vestiam capotes militares russos, surrados, que já tinham visto tudo, em cujo dorso se liam, em tinta branca indelével, estas enormes letras: «SU.» O que significava «Soviet Union.» Eu já conhecia esse sinal: tinha-o visto, por mais de uma vez, escrito nas costas dos nossos prisioneiros russos, que se arrastam com ar aflito e culpado ao encontro do seu exército libertador. Embora os libertassem, não havia alegria recíproca nessa libertação: os seus compatriotas

olhavam-nos de soslaio e de modo mais sombrio do que aos alemães. E a uma pequena distância da retaguarda, eis o que lhes acontecia: eram metidos na prisão.

O sétimo preso era um civil alemão, de fato, sobretudo e chapéu pretos. Já passava dos cinquenta, era alto, de aspecto bem tratado, pele muito branca, habituado à boa comida.

Puseram-me no quarto par, e um sargento tártaro, chefe da escolta, fez um gesto para que eu agarrasse e levasse a minha mala, que estava selada num lado. Nela estavam as minhas roupas de oficial e todos os meus escritos confiscados: elementos para a minha condenação.

Como, então, a mala? Ele, o sargento, queria que eu, oficial, agarrasse e levasse a mala? Isto é, um objecto pesado, Coisa que era proibida pelo novo regulamento interno? E ao lado, com as mãos vazias, iam seis soldados rasos} E um representante da nação vencida?

Não expliquei isso de forma tão complicada ao sargento, mas disse--lhe:

- Sou oficial. Que a leve o alemão.

Nenhum dos presos voltou o rosto ao ouvir as minhas palavras: era proibido voltar-se. Só o que formava par comigo, também SU, me fitou, admirado (quando eles deixaram o nosso exército, ele ainda não era assim).

«Via de Vladimir» (caminho da deportação): alusão ao itinerário seguido pelos deportados, que partiam a pé de Moscovo para a Sibéria, no século XIX. (N. dos T.)

Mas o sargento da contra-espionagem não se espantou. Embora aos seus olhos eu já não fosse oficial, a sua aprendizagem e a minha coincidiam. Ele chamou o alemão, que não era obrigado a nada, e ordenou-lhe que levasse a minha mala, aproveitando o facto de que ele não compreendera a nossa conversação.

Todos os restantes, incluindo eu, puseram as mãos atrás das costas (os prisioneiros de guerra não tinham sequer uma sacola, com as mãos vazias tinham saído do país e com as mãos vazias regressavam), e a nossa coluna de quatro pares de occipitais pôs-se em marcha. Não tínhamos de que falar com os membros da escoltg e entre nós era

terminantemente proibido trocar palavras em marcha, nas paragens ou ao pernoitar... Enquanto acusados, devíamos ir como se nos encontrássemos entre invisíveis tabiques, mergulhados cada um na sua cela individual.

Eram dias de tempo variável duma Primavera prematura. Ora alastrava um ténue nevoeiro e a lama se liquefazia desoladoramente sob as nossas botas, mesmo na estrada sólida, ora o céu clareava e um sol suavemente amarelado, ainda inseguro na sua dádiva, aquecia as colinas já quase sem neve e nos mostrava um mundo translúcido que era preciso abandonar, ora se formavam turbilhões hostis que arrancavam às nuvens negras uma neve que nem parecia branca, e nos fustigava friamente o rosto, as costas, as pernas, molhando os capotes e as polainas.

Seis costas pela frente, sempre e sempre seis costas. Havia tempo para observar e voltar a observar a retorcida e disforme marca SU, bem como o negro tecido lustroso das costas do alemão. Havia tempo para reflectir sobre a vida anterior e compreender a presente. Mas eu não podia. Já golpeado na fronte com uma matraca, eu não podia compreender.

Seis costas. Nenhum sinal de aprovação, nem de condenação no seu balancear. •

O alemão cansou-se depressa. Ele mudava a mala de uma mão para a outra, batia no peito, fazia acenos à escolta de que não a podia levar. E então, o que ia a seu lado fazendo par com ele, um prisioneiro de guerra, que sabe Deus o que não teria visto no cativeiro alemão (ou que então sabia o que era a piedade), agarrou na mala e levou-a.

Transportaram-na depois também outros prisioneiros de guerra, sem qualquer ordem da escolta. E de novo o alemão. Mas eu não peguei nela. E ninguém me disse uma palavra.

Encontrámos no caminho uma comprida carroça vazia. Os condutores miravam-nos, curiosos, e alguns levantavam-se para fixar-nos com olhos de assombro. Compreendi subitamente que a sua agitação e irritação se dirigiam contra mim - eu diferenciava-me muito dos restantes: o meu capote era novo, comprido, feito à medida, os galões não tinham sido arrancados e, com o sol, os botões, que não haviam sido cortados, brilhavam como ouro barato. Via-se

perfeitamente que eu era oficial, e que acabavam de me

apanhar. Em parte, talvez que esta decadência lhes provocasse uma excitação agradável (um reflexo de justiça), mas acontecia antes que as suas cabeças, repletas de palestras políticas, não eram capazes de compreender que pudessem prender um comandante de companhia, e decidiram, unanimemente, que eu pertencia ao OUTRO lado.

- Apanharam-te, canalha vlassovista?!... Fuzilem-no, ao patife!!! -gritavam excitados pelo ódio, da retaguarda, os condutores (o patriotismo mais veemente existe sempre na retaguarda), acompanhando esses gritos de um grande número de palavrões.

Eu aparecia-lhes como uma espécie de velhaco internacional, que tinham abarbatado, e agora a ofensiva na frente marcharia mais depressa, a guerra duraria menos.

Que lhes podia eu responder? Havia sido proibido de pronunciar uma só palavra que fosse è, além disso, teria de explicar a cada um toda a minha vida. Como podia eu dizer-lhes que não era um terrorista? Que era amigo deles? E que era por eles que estava aqui? Pus-me a sorrir... Olhando para eles, sorria-lhes desde a coluna dos presos em marcha! Mas o meu sorriso pareceu-lhes a pior das burlas e gritaram com mais fúria, insultaram-me e ameaçaram-me com os punhos.

Eu continuava a sorrir, orgulhando-me de não ir preso por roubo, nem por traição ou por deserção, mas por ter penetrado, pela força da dedução, nos segredos maldosos de Staline. Ia sorrindo para lhes dizer que queria e que talvez ainda pudesse corrigir a nossa vida russa. Entrementes, levavam a minha mala...

Eu nem sequer sentia remorsos! E se o meu vizinho, de rosto abatido, com a barba crescida de duas semanas, os olhos repletos de sofrimento e de experiência, me tivesse censurado, então, no russo mais claro que houvesse, por eu ter humilhado a dignidade do preso, ao pedir ajuda à escolta, por eu ser altaneiro, orgulhoso - NÃO O TERIA

COMPREENDIDO! Simplesmente não teria compreendido SOBRE o que é que ele me falava. Pois não era eu um oficial?...

Se sete dentre nós tivessem de morrer pelo caminho, e o oitavo pudesse ser salvo pela escolta, que me impediria de exclamar: - Sargento! Salve-me! Veja, sou um oficial!...

Eis o que é um oficial, mesmo quando os seus galões não são azuis! E se ainda por cima são azuis? Se lhe incutiram, para além do mais, que entre os oficiais ele é a gema? Que depositaram maior confiança nele do que nos outros e que, por tudo isso, deve obrigar o acusado a meter a cabeça entre as pernas, e uma vez nessa posição, empurrá-lo para a tubeira? E porque não empurrá-lo?

Eu atribuía a mim mesmo uma abnegação desinteressada. Entretanto, era um carrasco em potência. E se tivesse entrado para a escola da N.K.V.D. no tempo de Iejov, talvez que, no de Béria, eu estivesse preparado para ocupar um tal posto...

Que feche aqui o livro o leitor que espera que ele continue uma acusação política.

Ah, se as coisas fossem assim tão simples! Se num dado lugar houvesse pessoas de alma negra, tramando maldosamente negros desígnios e se se tratasse somente de diferenciá-las das restantes e de aniquilá-las! Mas a linha que separa o bem do mal atravessa o coração da cada pessoa. E quem destrói um pedaço do seu próprio coração?...

No decurso da vida de um coração esta linha desloca-se dentro dele, ora oprimida por uma alegria maligna, ora libertando espaço para o despontar da bondade. Uma e mesma pessoa nas suas diferentes idades e em diferentes situações da vida constitui um ser completamente distinto. Ora próximo do diabo, ora próximo de um santo. Mas o nome não muda, e é a ela que tudo é atribuído.

Sócrates disse: «Conhece-te a ti próprio!»

E, perante a cova para a qual já nos dispúnhamos a empurrar os nossos opressores, detemo-nos aturdidos: sim, as coisas sucederam de tal forma que não fomos nós os carrascos, foram eles.

Mas se o Pequeno Skuratov tivesse feito apelo a nós, talvez que não tivéssemos recusado.

Do bem ao mal há um passo, reza um provérbio. O que significa que igualmente do mal ao bem.

Logo que na nossa sociedade se agitou a lembrança das arbitrariedades e das torturas, começaram por todos os lados a explicar, a escrever e a replicar: LÁ (no COMISSARIADO DE SEGURANÇA DO ESTADO, no MINISTÉRIO DA SEGURANÇA DO ESTADO) havia também gente boa. Nós conhecemos essa gente boa: eram aqueles velhos bolcheviques que nos sussurravam «aguenta-te» ou inclusive nos passavam uma sanduíche, mas que mimoseavam os restantes, todos a eito, com pontapés. E nas esferas superiores do Partido, não haveria gente «boa», humanamente falando? Em geral, não devia lá haver muita gente: esquivavam-se a admiti-la. Antes do recrutamento, procediam jura exame minucioso. De resto, a gente boa tentava escapar-se pela astúcia.23 Aqueles que lá ficavam por equívoco, ou se integravam nesse meio ou eram empurrados para ele, acostumando-se e entrando nos eixos. Mas acaso não ficavam mesmo lá?

Em Kichiniov, um jovem tenente da Segurança foi avisar Chipovalni-

Durante .1 guerra, em Riazan, um aviador de Leninegrado, depois de sair do hospital, suplicou "no dispensário antituberculoso: . Kncontrem-nie uma doença qualquer! Ordenam-me que vá trabalhar para os ón,uos!» Os radiologistas inventaram uma infiltração tuberculosa e imediatamente os da Segurança desistiram.

kov um mês antes da sua detenção: parta, parta, que querem prendê-lo! (Seria por iniciativa sua? Ou foi a mãe que o mandou salvar o sacerdote?) Depois da detenção, coubc-lhe escoltar o padre Victor. E dava-lhe pena: porque é que ele não tinha fugido?

Eis outro caso. Eu tinha um chefe de secção, o tenente Ovcianikov. Na frente, era a pessoa mais chegada a mim. Durante metade da guerra comemos juntos da mesma marmita e sob o canhoneio comíamos entre as explosões, para que a sopa não se esfriasse. Era um moço camponês, com uma alma tão pura e sem preconceitos que nem a escola militar,

nem a oficialidade o corromperam. Ele próprio me moderava muito. Todo o seu poder de oficial o utilizava para uma coisa: para salvaguardar a vida e as energias dos seus soldados (e entre eles havia muitos idosos). Foi através dele que eu soube, pela primeira vez, o que é hoje o campo e o que são os kolkhozes. (Ele falava sobre isso sem irritação, sem protesto, com simplicidade, como a água do bosque reflecte as árvores e até mesmo os ramos mais minúsculos.) Quando me prenderam, ele comoveu-se, escreveu uma excelente biografia militar minha e levou-a ao chefe da divisão para a assinar. Depois de desmobilizado procurou, por intermédio de pessoas de família, ver como me podia ajudar (estávamos em 1947, que pouco se diferenciava de 1937!) Por causa dele, eu temia deveras que, durante a instrução do meu processo, fossem ler o meu Diário Militar, pois aí figuravam os seus relatos. Quando fui reabilitado, em 1957, tinha um enorme desejo de encontrá-lo. Lembrava-me da sua direcção, na aldeia. Escrevi-lhe uma vez, escrevi-lhe duas e não obtive resposta. Encontrei finalmente uma indicação de que ele tinha acabado o Instituto de Pedagogia de Iaroslavl, de onde me responderam: «Foi enviado para trabalhar nos órgãos da Segurança do Estado.» Essa agora! Isso era

bastante interessante! Escrevi-lhe para o seu endereço da cidade e tão-pouco obtive resposta. Passaram alguns anos e foi publicado o Ivan Denissovitch. Bem, agora ele vai responder. Nada!... Três anos depois, pedi a um meu correspondente de Iaroslavl para ir vê-lo e lhe entregar pessoalmente uma carta. O meu correspondente entregou-lha e escreveu--me: «Sim, parece que ele não leu sequer o Ivan Detiissovitch ...» E, de facto, para que querem eles saber o que sucede depois aos condenados?... Dessa vez Ovcianikov já não pôde guardar silêncio e respondeu-me: «Depois do Instituto convidaram-mc a ir trabalhar nos órgãos e pareceu-me que aqui teria o mesmo êxito.» (Ele, êxito?...) «Mas não tenho progredido no novo campo de acção, havia coisas que não me agradavam, mas trabalho "sem bordão" e, a não ser por erro, não prejudicarei nenhum camarada.» (Eis uma justificação - a camaradagem!) «Agora já não penso no futuro.»

Eis tudo... Dir-se-ia que ele não recebera as cartas anteriores. Não queria ter encontros. (Se nos encontrássemos, penso que teria escrito melhor este capítulo.) Nos últimos anos de Staline ele já era comissário instrutor. Nessa época aplicavam em série

um quarto de século a cada um. E como é que tudo isso se conciliou na sua consciência? Como é que ela se ofuscou?

Ao recordar o antigo rapaz, puro, abnegado, acaso posso acreditar que tudo seja irrevogável? Que não subsistem nele alguns germes vivos?...

Quando o comissário Goldman deu a assinar a Vera Korneieva o artigo 206.° ela compreendeu quais eram os seus direitos e começou a estudar minuciosamente o «processo» dos dezassete membros do seu «grupo religioso». Ele enfureceu-se, mas não pôde recusar. Para não se fatigar com ela, levou-a então para uma grande sala, onde estavam meia dúzia de colaboradores, indo-se ele embora. Primeiro, Korneieva leu o seu dossier, depois foi entabulando conversa e, talvez para matar o aborrecimento dos colaboradores, Vera passou a fazer um verdadeiro sermão em voz alta. (É necessário conhecê-la. Tratava-se de uma pessoa brilhante, de inteligência viva e eloquente, embora quando estava em liberdade se dedicasse à serralharia, tivesse trabalhado numa

cavalariça e como doméstica.) Todos a escutavam com a respiração suspensa, fazendo, de vez em quando, uma ou outra pergunta. Era, para todos, uma revelação. Vieram pessoas de outras dependências e o quarto encheu-se. Embora não fossem comissários mas sim dactilógrafas, estenógrafas e empregados de escritório, tratava-se, no entanto, do seu ambiente, o dos órgãos em 1946. Não é possível reconstituir aqui o seu monólogo, mas ela conseguiu abordar inúmeros assuntos. Falou sobre os traidores à pátria e porque é que não os houve na Guerra Patriótica de 1812, sob o regime de servidão, quando era natural então que tivessem surgido! Mas do que ela mais falou foi sobre a fé e os crentes. «DANTES», dizia ela «vocês baseavam tudo no desenfrear das paixões (rouba quem te roubou), e, então, os crentes eram um estorvo, naturalmente. Mas agora, que vocês querem CONSTRUIR e gozar do bem-estar neste mundo, porque é que perseguem os nossos melhores cidadãos? Para vocês eles são o material mais precioso: com efeito, não é preciso controlar os crentes, eles não roubam, não têm preguiça de trabalhar. Pensarão vocês construir uma sociedade justa com os interesseiros e os invejosos? Então, tudo se desmoronará. Porque é que escarnecem da alma

das melhores pessoas? Concedam à Igreja uma autêntica separação, mas não toquem nelae nada perderão com isso! Vocês são materialistas? Então confiam no progresso da instrução, que, segundo dizem, fará dissipar a fé. Mas para quê efectuar detenções?» Nesse momento entrou Goldman e quis rudemente interrompê-la. Mas todos lhe gritaram: «Cala a boca!... Cala!... Fala, fala, mulher!» (Como chamar-lhe, na verdade? Cidadã? Camarada? Tudo isto era proibido, enredavam-se nas convenções. Mulher! Assim, como Cristo, não se enganariam. E Vera continuou a falar diante do comissário!!!

Porque é que as palavras de Korneieva, uma insignificante presa, impressionaram tão vivamente esses ouvintes do gabinete da Segurança do stado?

O próprio D. P. Teriekhov recorda-se ainda do seu primeiro condenado à morte: «Tive pena dele.» Vejam, esta lembrança vem ainda do fundo

do coração. (Mas, depois disso, já se esqueceu da maior parte e já lhes perdeu o conto.)24

Por muito glacial que seja o pessoal de vigilância da Casa Grande, deve ainda conservar o mais pequeno grão interior de alma, o mais pequeno dos grãos. N. P. conta que certa vez foi conduzida ao interrogatório por uma VIGILANTE intrépida, muda, indiferente, quando, de repente, perto da Casa Grande, começaram a explodir bombas: pareciam que iam cair sobre elas. A vigilante lançou-se aterrorizada para a sua presa, abraçando-a, buscando a união e a simpatia humana. Mas cessou o bombardeamento e logo voltou a indiferença anterior: «Ponha as mãos atrás das costas-! Avance!»

Claro que isto não é um grande mérito, tornar-se uma pessoa humana em face do horror da morte. Como tão-pouco é uma prova de bondade o amor aos filhos (ele é «um bom pai», dizem, a miúde, justificando os patifes). Eis como tecem o elogio do presidente do Supremo Tribunal, I. T. Go-likov. «Gostava de cavar no seu jardim, amava os livros, visitava os alfarrabistas, conhecia bem Tolstoi, Korolenko e Tchekhov.» E o que é que colheu neles? Quantos milhares de homens desgraçou? Outro exemplo: aquele coronel amigo de Iossé, que mesmo no cárcere, no isolamento político de Vladimir, contava, a rir,

como metia velhos judeus numa cave com gelo, e que em todas as suas depravações só temia que a sua mulher viesse a saber - ela tinha confiança nele, considerava-o nobre e isso era algo que ele estimava. Mas ousaremos encarar esse sentimento como uma praça de armas de bondade no seu coração?

Porque é que, desde há já dois séculos, eles veneram tão obstinadamente a cor do céu? No tempo de Liermontov os «azuis» já existiam: «E vocês, é fardas-azuis!» Depois foram os bonés-azuis, os galões-azuis, os palas--azuis; ordenaram-lhes que se tornassem menos visíveis e os capas-azuis tudo fizeram para se esconderem da gratidão popular, tudo retiraram da cabeça e dos ombros - e ficaram apenas os debruns, franjas estreitas, mas apesar de tudo azuis!

Será só um disfarce? Ou acontecerá antes que tudo o que é negro deve, mesmo raramente, comunicar com o céu?

Seria belo pensar assim. Mas quando se sabe como, por exemplo, Iago-da se elevava até à santidade... segundo conta uma testemunha ocular (do círculo de Gorki, que nesse tempo era próximo de Iagoda), na

propriedade deste, situada nos arredores de Moscovo, havia ícones no vestíbulo dos banhos

24 .Eis um episódio passado com Teriekhov. Tentando demonstrar-ine a justiça do sistema judicial, no tempo de Kruchtchev, ele bateu energicamente com a mão no vidro da mesa e teriu-se no punho. Chamou imediatamente o pessoal, que se pós em sentido, e o oficial chefe da guarda trouxe-lhe o iodo e água-oxigenada. A conversa continuou ainda durante uma hora e ele manteve, impotentemente, o algodão ensanguentado sobre o ferimento: acontecia que o seu sangue coagulava mal. Assim, Deus parecia demonstrar-lhe, claramente, as limitações do homem! E ele, ele julgava e confirmava as condenações à morte dos outros...

especialmente para que Iagoda e os seus camaradas, nus, disparassem os seus revólveres contra eles, indo depois banhar-se...

Como compreender isto: tratar-se-á de MALFEITORES? O quê?! Há gente desta no mundo?

Somos tentados a dizer que não, que não pode haver, que não existe. É admissível que, nos contos, se descrevam tal género de malfeitores às crianças, para maior simplicidade do quadro. Mas, quando a grande literatura mundial dos séculos passados inventa, com tal exagero, figuras profundamente sombrias de malfeitores - quer se trate de Shakespeare, de Shiller ou de Dickens -, isso já nos parece, em parte, teatro de feira, grosseiro para a nossa percepção contemporânea. O essencial é, no entanto, ver como são descritos esses malfeitores. Eles reconhecem-se a si próprios como tais; têm consciência da negridão da sua alma, raciocinando deste modo: não posso viver sem fazer mal. Vou incitar o meu pai contra o meu irmão! Vou deliciar-me com os sofrimentos das vítimas! lago menciona claramente os seus desígnios, os seus impulsos sinistros, nascidos do ódio.

Mas as coisas não sucedem assim! Para fazer o mal, o homem deve tê--lo interiormente reconhecido como um bem ou como uma acção sensata, de acordo com a lei. Tal é, felizmente, a natureza do homem: ele deve buscar a JUSTIFICAÇÃO das suas acções.

As JUSTIFICAÇÕES de Macbeth eram débeis e os remorsos roíam-lhe a consciência. Mas lago era um

cordeiro25. Se a fantasia e as forças interiores dos malfeitores shakespearianos se limitava a uma dezena de cadáveres, era porque eles não tinham ideologia.

A ideologia! Ela fornece a desejada justificação para a maldade, para a firmeza necessária e constante do malfeitor. Ela constitui a teoria social que o ajuda, perante si mesmo e perante os outros a desculpar os seus actos e a não escutar censuras nem maldições, mas sim elogios e testemunhos de respeito. Era assim que os inquisidores se apoiavam no cristianismo, os conquistadores no engrandecimento da pátria, os colonizadores na civilização, os nazis na raça, os jacobinos (de ontem e de hoje) na igualdade, na fraternidade e na felicidade das gerações futuras.

Graças à IDEOLOGIA, o século XX teve de suportar as malfeitorias à escala de milhões. Isto não se pode negar, nem esconder, nem deixar passar em silêncio. Como nos atrevemos a insistir em que não existiam malfeitores? E quem aniquilou esses milhões? Sem malfeitores não teria havido o Arquipélago.

Correu o boato, nos anos 1918-20, de que a Tcheka de Petrogrado e de Odessa não fuzilava todos os

condenados, mas que com alguns deles (vivos) alimentava as feras dos jardins zoológicos da cidade. Não sei se isso é verdade ou calúnia, se houve casos desses e quantos. Mas eu não buscaria

Km russo nignionok significa cordeiro. (N. dos T.)

provas: segundo o costume dos debruns-azuis, eu convidá-los-ia a demonstrar-nos que isso é impossível. Nas condições de fome daqueles anos onde conseguir alimento para as feras? Tirá-lo à classe operária? Aqueles inimigos, de todas as maneiras, tinham de morrer e porque não manter com a sua morte as feras da República e contribuir assim para a nossa marcha para o futuro? Não é isso acaso racional?

Eis a raia que não se atreve a passar o malfeitor shakespeariano, mas o malfeitor com ideologia ultrapassa-a e os seus olhos continuam claros.

A física conhece as grandezas ou os fenómenos no limiar. São os que não existem enquanto não é

transposto um certo LIMIAR conhecido e cifrado pela natureza. Por muito que se projecte a luz amarela sobre o lítio, este não proporcionará electrões, mas se se tratar de uma débil luz azul, ei--los que se libertam (foi transposto o limiar fotoeléctrico)! Se se esfriar o oxigénio para lá dos cem graus negativos, pode-se comprimi-lo com qualquer pressão que o gás mantém-se, não cede, mas ao transpor os cento e oitenta graus, o líquido flui.

Pelos vistos, a maldade é também uma grandeza com limiar. Sim, o homem oscila, debate-se toda a vida entre o bem e o mal, escorrega, cai, levanta-se, volta a cair de novo. Todavia, enquanto não transpõe o limiar da maldade, guarda sempre a possibilidade de retorno, e mantém-se nos limites das nossas esperanças. Mas quando, pela densidade dos actos de malvadez, ou pelo seu grau, ou pelo poder absoluto que detém, ele transpõe subitamente o limiar, ei-lo que abandonou a humanidade. E talvez sem regresso.

A ideia de justiça compõe-se, aos olhos dos homens, desde 'a antiguidade, de duas metades: a virtude triunfa, o vício é punido.

Tivemos a sorte de chegar a viver ainda num tempo em que a virtude, embora não triunfe, não é sempre, apesar de tudo, açulada por cães. A virtude espancada, combalida, já é permitido entrar com os seus andrajos e ficar sentada a um canto, desde que não abra a boca.

Entretanto, ninguém se atreve a pronunciar uma palavra sobre o vício. Sim, mofou-se da virtude, mas sem que tenha havido vício. Se alguns milhões foram lançados pela ladeira, não houve culpados disso. E se alguém faz uma simples alusão: «Mas, enfim, aqueles que...», ouve recriminações de todos os lados. Nos primeiros tempos, amistosamente: «Ora, camarada! Para quê voltar a abrir feridas velhas?!26 E depois, a cacete: «Silêncio, sobreviventes! Vocês foram reabilitados!»

Mesmo a propósito do Ivan Denissovitch, foi exactamente a objecção que levanta-i os reformados da Casa Azul: para quê reabrir as chagas daqueles que foram encarcerados campos? Eles é que devem ser poupados!

158

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

Quando, em 1966, na Alemanha Ocidental, foram julgados OITENTA E SEIS MIL criminosos nazis27, nós engasgámos de alegria, não lamentámos as páginas dos jornais nem as horas de rádio gastas, e mesmo depois do trabalho ficávamos para assistir a comícios, onde gritávamos: E POUCO! Oitenta e seis mil é pouco! E vinte anos é pouco! Há que prosseguir!

Quanto a nós, apenas julgámos (segundo os relatos do Júri Militar do Supremo Tribunal) cerca de DEZ HOMENS.

O que se faz para além do Óder, do Reno, isso inquieta-nos. E o que se faz nos arrabaldes de Moscovo e por trás dos verdes taipais dos arredores de Sotchi, o facto de os assassinos dos nossos maridos e pais andarem pelas nossas ruas e lhes cedermos a passagem — isso não nos inquieta, não nos comove, isso é «remexer o passado».

Entretanto, se transpusermos os oitenta e seis mil alemães ocidentais para as nossas proporções, isso significaria para o nosso país UM QUARTO DE MILHÀO!

Não obstante ter passado um quarto de século, não levámos ninguém ao tribunal, receamos abrir as suas

feridas. E, como símbolo de todos eles, continua a viver até agora na Rua Granovski, número 3, satisfeito, obtuso, o Molotov, todo ele impregnado de sangue nosso, atravessando nobremente o passeio e sentando-se no seu comprido e espaçoso automóvel.

É um mistério que a nós, os contemporâneos, não é possível decifrar: PORQUE É QUE a Alemanha precisou de castigar os seus malfeitores e a Rússia não precisa? Que caminho de perdição será o nosso, se não é possível purificar-nos desse mal que empeçonha o nosso corpo? O que é que a Rússia poderá ensinar ao mundo?

Nos processos judicials alemães, verificava-se um fenómeno extraordinário: o réu agarrava-se à cabeça, renunciava à defesa e nada mais pedia ao tribunal. Dizia que a descrição dos seus crimes, citada e registada perante ele, o fazia transbordar de repugnância e que não desejava mais viver.

Esse é o maior êxito do tribunal: quando o vício é tão reprovado que o próprio criminoso o repudia.

Um país que oitenta e seis mil vezes, do alto do estrado do tribunal, reprovou o crime (e o condenou irreversivelmente na literatura e entre a juventude),

purifica-se, ano após ano e de degrau em degrau, desse mesmo crime.

E nós, que devemos fazer?... Um dia, os nossos descendentes chamarão a várias das nossas gerações, as gerações dos babosos: primeiro, submissamente, deixámo-nos massacrar aos milhões; depois, com solicitude, amimámos os nossos assassinos na sua velhice feliz.

Que fazer, se a grande tradição do arrependimento russo é para eles

Na Alemanha de Leste não se ouvia falar de tais processos; provavelmente procedeu-se a uma reeducação, decidida pela administração do Estado.

incompreensível e ridícula? Que fazer, se o terror animal de sofrerem a centésima parte do que causaram aos outros pesa neles mais do que qualquer inclinação para a justiça? Se eles agarram com mãos ávidas a colheita dos bens criados com o sangue dos que pereceram?

É verdade que aqueles que manipulavam a máquina de picar carne, mesmo que fosse no ano 37, já não são jovens, já têm de cinquenta a oitenta anos de idade, e viveram todos os seus melhores anos desafogadamente, bem alimentados, no conforto. Qualquer castigo EQUITATIVO chega tarde, já não pode ser-lhes aplicado.

Podemos ser generosos, não os vamos fuzilar, não lhes vamos enfiar água salgada pela garganta, não vamos enchê-los de percevejos, atá-los, segundo o método de «andorinha», nem mantê-los durante semanas sem dormir, nem dar-lhe pontapés, nem maltratá-los a cavalo-marinho, nem apertar-lhes o crânio com um anel de ferro, nem empilhá-los nas celas como se fossem bagagens amontoadas — não vamos fazer-lhes nada do que eles fizeram! Mas perante o nosso país e os nossos filhos estamos obrigados a PROCURÁ-LOS A TODOS e a JULGÁ-LOS TODOS! A julgá-los não tanto a eles como aos seus crimes. A procurar que cada um deles diga, pelo menos, em voz alta:

- Sim, fui um algoz, um assassino.

E se esta frase for pronunciada APENAS por um quarto de milhão, para não ficar proporcionalmente atrás da Alemanha Ocidental, será suficiente?

No século XX não se pode já, durante decénios, continuar a confundir as atrocidades, revelando ao tribunal que são «velhos», e o passado em que «não se deve remexer»!

Devemos condenar publicamente a própria IDEIA da violência de uns homens sobre os outros! Calando o vício, fazendo-o entrar no corpo só para que não saia para o exterior, nós SEMEAMO-LO e ele surgirá ainda mil vezes mais forte no futuro. Não castigando, nem sequer censurando os criminosos, não apenas os protegemos na sua velhice insignificante, como também minamos as bases, para as novas gerações, de qualquer fundamento de justiça. É por isso que elas crescem na «indiferença» e não devido à «debilidade do trabalho educativo». Os jovens compenetram-se da ideia de que a infância nunca é castigada nesta terra, mas é sempre fonte de prosperidade.

Oh, como é desolador, terrível, viver num país assim!

•V

PRIMEIRA CELA - PRIMEIRO AMOR

COMO compreender isto: a cela e, assim de chofre, o amor?... Ah, deve ser isso: durante o cerco de Leninegrado fecharam-te na Casa Grande? Então tudo se explica: é porque te meteram lá que ainda estás vivo. Era esse o melhor lugar de Leninegrado, e não apenas para os juízes, que também aí viviam e tinham subterrâneos nos gabinetes para o caso de bombardeamentos. Deixando de lado brincadeiras, enquanto em toda a cidade ninguém se lavava e os rostos estavam cobertos de uma negra camada de poeira, na Casa Grande os presos tomavam duche quente de dez em dez dias. É certo que só havia aquecimento nos corredores para os guardas, mas as celas tinham canalização e retretes que funcionavam - e onde é que isso acontecia em Leninegrado? A ração de pão era igual à que cabia aos que estavam em liberdade: cento e vinte e cinco gramas diários. Mas ainda serviam, uma vez por dia, sopa de carne de cavalo! E uma vez também papas de cereais!

Uma vida de cão que o gato invejaria! Mas, e o cárcere? E a longa atalaia? Não, não é isso que pode explicar... Não é isso...

Senta-te,"fecha os olhos e faz a conta: em quantas celas estiveste durante o cumprimento da pena? É difícil enumerá-las. E em cada uma delas havia gente e mais gente... Aqui, só duas pessoas, ali, centena e meia. Nalgumas, demoraste cinco minutos, noutras, ficaste um longo Verão.

Mas sempre, entre todas elas, distingues uma: a primeira em que encontraste pessoas semelhantes a ti, com a mesma sorte predestinada. E nenhuma outra coisa recordarás pela vida fora com tanta emoção, a não ser talvez o primeiro amor. Essas pessoas compartilhavam contigo o chão e o ar desse cubo de pedra, nesses dias em que revivias toda a tua vida a uma luz nova. E ainda hás-de lembrar-te algum dia delas, como se fossem pessoas de família.

De resto, elas eram então a tua única família.

Aquilo que se experimenta na primeira cela da instrução do processo, nada tem de semelhante, nem em toda a tua vida ANTERIOR nem POSTERIOR. Pouco importa que as prisões existam já há milénios e

que continuem a existir outros tantos milénios depois (ousemos pensar que menos)

mas há uma cela única, incomparável, e é precisamente essa em que passaste o tempo da instrução.

Pode ser que ela fosse horrorosa para um ser humano. Uma caixa cheia de percevejos e de piolhos, sem janela, sem ventilação, sem tarimba, com o chão sujo; uma caixa denominada KPZ e afecta a um Soviete de aldeia, a um posto da milícia, a uma estação de caminho de ferro ou a um porto1. (As celas ou as casas de prisão preventiva são das mais espalhadas pela face da nossa terra, onde existem em massa.) Por exemplo, a cela «individual» da cadeia de Arcângel, que tem as vidraças pintadas de mínio, para que a mutilada luz divina só aí penetre com cor purpúrea, enquanto uma lâmpada de quinze watts arde perpetuamente no tecto. Ou a cela «individual» na cidade de Tchoibalsan, onde numa superfície de seis metros quadrados catorze homens estavam durante meses como sardinhas em lata, mudando a

posição das pernas encolhidas só por voz de comando. Ou uma das celas «psiquiátricas» de Lefortovo, como a número cento e onze, pintada de preto, também com uma lâmpada de vinte watts acesa durante vinte e quatro horas, e semelhante, quanto ao resto, a todas as outras da mesma cadeia: o chão de cimento, a chave do aquecimento no corredor, em poder do guarda, e, sobretudo, as longas horas de ruído ensurdecedor (provindo de uma oficina contígua de tubos aerodinâmicos, Tsagi, o que custa a acreditar que não seja propositado), ruído que faz a tigela da sopa e a caneca vibrar e mexer-se na mesa, que torna inútil falar, mas que permite que se cante a plena voz sem que o guarda oiça, e que quando cessa dá origem a uma sensação de beatitude superior à liberdade.

Mas não foi àquele solo sujo, nem às paredes tétricas, nem ao cheiro do balde, que tu ganhaste amor, mas sim às pessoas ao lado das quais mudavas de posição por vozes de comando: a algo que entre as vossas almas palpitava, às suas palavras por vezes admiráveis, e aos pensamentos tão livres e flutuantes que de ti nasciam e a que agora já não podes elevar-te mais.

E para chegar a esta primeira cela, quanto te custou a abrir caminho! Tinham-te enfiado numa fossa, numa box ou numa cave. Ninguém te dizia uma palavra humana, ninguém te lançava um olhar humano, e só te picavam com uma ponta de ferro o cérebro e o coração; tu gritavas, tu gemias, e eles riam-se.

Durante semanas ou meses estiveste completamente só entre inimigos e já te despedias do raciocínio e da vida; já caías sobre o radiador do aquecimento, de maneira que partiste a cabeça contra o cano da água2, quando, de repente, voltaste a sentir-te vivo e te levaram para junto dos teus amigos. E recobraste o raciocínio.

Eis o que é a primeira cela!

1 KPZ (DPZ): Cela (ou casa) de prisão preventiva. Não onde se cumpre a condenação, mas onde se instrui o processo.

2 Alexandre Doljine:

Tu esperavas esta cela, sonhavas com ela quase como com a libertação, mas tratava-se de um buraco para lançar-te numa toca, faziam-te ir de Le-fortovo para qualquer lendária e diabólica Sukhanovka.

A Sukhanovka é a mais terrível cadeia do Ministério da Segurança do Estado. É com ela que se ameaçam os nossos irmãos, o seu nome é pronunciado pelos comissários com um silabar maligno. (E quem por lá passou já não pode ser interrogado depois: ou responde com um delírio incoerente, ou já não pertence ao número dos"vivos.)

A Sukhanovka é o antigo mosteiro de Santa Catarina, constituído por dois pavilhões: um para os que cumprem a pena, e outro, com sessenta e oito celas, para os que estão submetidos ao período de instrução. Para lá te conduzem as carrinhas, em duas horas e poucos são aqueles que sabem que essa cadeia se encontra a uns quatro quilómetros de Gorki-Leninskie3 e da antiga propriedade de Zinaida Volkonskaia. As imediações são maravilhosas.

Ao ser ali recebido, o preso é enfiado, para o aturdirem, num calabouço vertical, tão estreito que, se não tens forças para te manteres de pé, não te

resta senão deixar-te deslizar, apoiando-te nos joelhos, pois não há outra posição. Nesse calabouço guardam-te mais de um dia, a fim de que o teu espírito se submeta. Na Sukhanovka a alimentação é saborosa e delicada, como em nenhum outro lugar do Ministério de Segurança do Estado, pois levam a comida de uma casa de repouso de arquitectos, não tendo uma cozinha especial, daquelas de preparar farelos para porcos. Mas a refeição de um só arquitecto - batatas e croquetes - é repartida por doze presos. Devido a isso, não só ficas a morrer constantemente de fome, como em toda a parte, mas também gravemente doente.

As celas foram construídas para dois presos, mas o detido em fase de instrução é mantido frequentemente sozinho. Elas medem um metro e meio por dois.4 No solo de pedra estão encravadas duas pequenas cadeiras, em forma de cepos. Sobre cada cepo, quando o'guarda abre a fechadura inglesa, cai da parede, às sete da noite (ou seja, à hora do começo dos interrogatórios, pois de dia não se realizam), uma tarimba e uma pequena esteira de palha, do tamanho de um colchão de criança. De dia as cadeiras estão livres, mas não permitem que o

preso se sente nelas. Sobre quatro tubos verticais estende-se ainda uma espécie de tábua de engomar: a mesa. O postigo está sempre fechado, sendo apenas aberto de manhã pelo guarda durante dez minutos. O pequeno vidro do postigo é de armadura. Nunca há passeio. Só se pode ir à retrete às seis da manhã, ou seja, quando o estômago

3 A trinta e cinco quilómetros de Moscovo. Aí morreu Lenine, em 1924. (N. dos T.) Mais exactamente: 1,56 x 2,09 m. Como se sabe isso? É o triunfo do cálculo de um engenheiro de espírito forte, que não foi quebrantado pela cadeia de Sukhanovka, Alexandre D. Ele não se deixou enlouquecer nem desmoralizar e para isso esforçava-se por fazer cálculos. Em Lefortovo contava os passos e convertia-os em quilómetros, recordando-se de quantos quilómetros eram, segundo o mapa, de Moscovo até à fronteira, depois através de toda a Eu-

está vazio e não é precisa ainda. De noite nunca é permitido. Para sete celas, há dois guardas, por isso eles te observam tão frequentemente pelo postigo: o

tempo que necessita um guarda para passar em frente de duas portas e chegar à terceira. É esse o objectivo da silenciosa Sukhanovka: não deixar-te um minuto de sono, nem uns minutos roubados para a tua vida privada; estás sempre a ser observado, sempre sob o controle da autoridade.

Mas se travaste toda essa luta singular contra a loucura, se resististe a todas as tentações da solidão, então tu mereceste a tua primeira cela! E agora vais nela reviver com toda a alma.

Se foste abaixo depressa, se cedeste em tudo e traíste toda a gente, também estás maduro agora para a tua primeira cela, embora fosse melhor para ti não viver até esse instante feliz, mas sim morrer vitorioso na cave, sem assinar uma só folha.

Pela primeira vez não vais encontrar inimigos. Pela primeira vez vais ver seres vivos[5], que seguem um caminho igual ao teu e aos quais te podes unir pela radiosa palavra NÓS.

Sim, esta palavra que tu, talvez, em liberdade, desprezaste, quando com ela queriam substituir a tua personalidade («Nós somos todos como um só homem!... Nós estamos profundamente indignados!...

Nós exigimos!... Nós juramos!.,.»), apresenta-se-te agora como deliciosa: não estás só no mundo! Existem ainda criaturas com espírito: PESSOAS!

Depois de quatro dias de duelo com o comissário instrutor, e tendo esperado que eu, já cego pela ofuscante luz eléctrica, me deitasse na enxovia, depois da hora de silêncio, o guarda começou a abrir a porta. Eu ouvia tudo, mas antes de ele dizer: «Levante-se! Ao interrogatório!», queria estar deitado por três centésimos de segundo que fosse, com a cabeça sobre a almofada, sonhando que dormia. No entanto, o guarda desviou-se da frase habitual e disse: «Levante-se! Dobre a cama!»

ropa e finalmente cruzando o Atlântico. O seu estímulo era o seguinte: regressar mentalmente a casa, à América. Depois de um ano passado na cela solitária de Lefortovo, tinha descido ao fundo do Atlântico, quando o levaram para a Sukhanovka. Aqui, pensando que poucos seriam os que falariam mais tarde desta cadeia (o nosso relato é todo dele), inventou um processo de medir a cela. No fundo da tigela prisional leu a fracção de 10/22 e compreendeu que «10» significava o diâmetro do fundo e «22» o diâmetro do bordo. Depois tirou um fio da toalha e

com ele fez um metro, que lhe permitiu medir tudo. Inventou a seguir como dormir de pé, apoiando um joelho na cadeira, de maneira a que o guarda tivesse a impressão que tinha os olhos abertos. E só por isso não enlouqueceu. (Riumin manteve-o um mês sem dormir.)

Se estiveste na Casa Grande, durante o cerco de Leninegrado, também podia tratar-se de antropófagos: pessoas que, além de comer carne humana, tinham feito comércio com fígado de autopsiados. Não se sabe porquê, eles eram mantidos pelo Ministério da Segurança do Estado juntamente com os presos políticos.

Confuso, enfurecido, pois esse era o momento mais precioso, enrolei as meias, calcei as botas, vesti o capote, pus o boné de Inverno e, com uma braçada, agarrei o colchão da enxovia. O guarda, andando na ponta dos pés e fazendo-me constantemente sinais para eu não fazer barulho, levou--me por um corredor silencioso como um túmulo até ao quarto andar da Lubianka. Passámos junto da secretária do chefe de

sector do isolamento, em frente dos números reluzentes das celas e dos quebra-luzes de cor esverdeada. Ele abriu-me a cela número sessenta e sete. Entrei e fechou-a imediatamente atrás de mim.

Embora tivessem decorrido apenas uns quinze minutos depois da hora do silêncio, os presos têm um tempo tão incerto e frágil de sono que os habitantes da cela sessenta e sete já dormiam, quando cheguei, nas suas camas de metal, com as mãos por cima da manta.6 Ao ouvirem o ruído da porta abrindo-se, os três estremeceram e instantaneamente levantaram a cabeça. Eles também esperavam que chamassem algum para o interrogatório.

E essas três cabeças levantadas e assustadas, esses três rostos com a barba por fazer, pálidos e enrugados, pareceram-me tão humanos, tão queridos, que fiquei de pé, abraçando o colchão e sorrindo de felicidade. E eles também sorriram. E que expressão era aquela, que eu já tinha esquecido ao cabo de uma semana!

- Vens da liberdade? - perguntaram-me. (É essa a primeira pergunta

habitualmente feita a um novato.)

- Não - respondi eu. (É essa a resposta habitualmente dada pelo novato.)

Deviam pensar que eu sou um preso recente, e portanto que venho da liberdade. Mas eu, após noventa e seis horas de investigação, não considerava de modo nenhum que vinha «da liberdade». Não era já porventura um preso experiente?... Contudo, eu vinha efectivamente da liberdade*. Um velho sem barba, com as sobrancelhas negras, muito vivas, já me perguntava novidades militares e políticas. Era impressionante! Embora estivéssemos nos últimos dias de Fevereiro, eles nada sabiam da conferência de Ialta, nem do cerco da Prússia Oriental, nem, em geral, da nossa ofensiva sobre Varsóvia, em meados de Janeiro, nem sequer da retirada deplorável dos

6 Gradualmente, nas prisões internas da G. P. U., da N. K. V. D. e do Ministério da

Segurança do Estado, inventavam-se diversas medidas opressivas, que se acrescentavam às já existentes nas antigas cadeias. Os que estiveram detidos nesta mesma prisão, em começos dos anos 20, não conheceram estas medidas. A luz apagava-se então pela noite, como fazem os seres humanos

normais. Mas começaram a deixar a luz acesa, com o fundamento lógico de terem os presos em qualquer momento (quando a acendiam de noite, para a revista, era ainda pior também foi ordenado que os presos mantivessem as mãos por cima da manta para que

se pudessem enforcar, esquivando-se assim à instrução justa. Em seguida, uma verificação

P nmental permitiu concluir que no Inverno as pessoas sempre querem esconder as mãos

aixo da roupa para se aquecerem, e por isso a medida foi definitivamente aprovada.

466

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

aliados, em Dezembro. Segundo as ordens dadas, no período da instrução do processo, os presos nada deviam saber do mundo exterior - e eles, de facto, nada sabiam!

Eu estava disposto a passar metade da noite a contar-lhes tudo isso, com orgulho, como se essas vitórias e conquistas fossem obra das minhas mãos. Mas, nisto, o guarda de plantão trouxe a minha cama

e foi preciso colocá-la sem fazer barulho. Fui ajudado por um rapaz da minha idade, também militar: o seu casaco e o seu boné de aviador estavam pendurados na coluna da cama. Ainda antes do velhote, ele tinha-me feito uma pergunta, não sobre a guerra, mas para saber se eu tinha tabaco. Por muito aberta que eu tivesse a alma para os meus novos amigos, e por poucas palavras que tivesse proferido nuns quantos minutos, algo de estranho pressenti neste companheiro de idade e de frente, e logo me fechei perante ele para sempre.

(Eu não conhecia ainda a palavra «galinha-choca», nem sabia que em cada cela devia haver uma. Dum modo geral, não tinha tempo de reflectir nem de chegar à conclusão de que essa pessoa, Gueorgui Kramarenko, não me agradava. Mas já tinha funcionado em mim o comutador moral, o detector, e fechara-me para sempre a esse homem. Não teria feito menção deste caso se ele fosse único. Aconteceu, porém, que passei a sentir, rapidamente, dentro de mim, com assombro, excitação e inquietude, o funcionamento deste detector, como uma qualidade natural e permanente. Passaram os anos, deitei-me nas mesmas tarimbas, marchei nas mesmas

formações, trabalhei nas mesmas brigadas com muitas centenas de pessoas e sempre este detector misterioso, cuja criação não era um mérito meu, funcionava antes de que eu me lembrasse dele, sob o aspecto de um rosto humano, de uns olhos, dos primeiros sons de uma voz — e eu abria-me a essa pessoa completamente, ou só por uma fenda, ou então fechava-me hermeticamente. Tudo batia sempre tão^ certo que todas as preocupações dos agentes da Segurança com as equipas de bufos passaram a parecer-me coisa de pigmeus: pois aquele que está disposto a ser traidor revela-o sempre claramente no rosto e na voz; pode haver quem o dissimule habilmente, mas a falsidade nota-se. E, pelo contrário, o detector ajudava-me a diferenciar aqueles a quem, poucos minutos depois de conhecê-los, podia revelar' os segredos e as intimidades mais ocultas, pelas quais podem cortar-nos a cabeça. Assim, passei oito anos de prisão, três de desterro, e ainda mais seis de escritor clandestino - que não foram os menos perigosos - e em todos estes dezassete anos abri-me sem reflectir a dezenas e dezenas de pessoas, sem ter dado um só passo em falso! Nunca li em parte alguma nada sobre isto e deixo-o aqui à consideração dos amadores de psicologia. Penso que estes dispositivos

morais existem ém muitos de nós, mas que nós mesmos, homens de um século demasiado técnico, e intelectual como somos, desprezamos esta maravilha e não a deixamos desenvolver-se.)

Colocámos a cama no sítio e, então, eu poderia começar o meu relato

(naturalmente baixinho e deitado, para não ir agora parar de novo ao calabouço depois deste bem-estar), mas o terceiro habitante da cela, de meia--idade, já de cabelos grisalhos mirando-me com um olhar nada satisfeito, disse com aquela rudeza que caracterizava os do Norte:

- Amanhã. A noite é para o sono.

E era o mais razoável. Qualquer de nós, em qualquer momento, podia ser conduzido ao interrogatório e mantido lá até às seis da manhã, hora a que o comissário vai dormir e aqui era proibido.

Uma noite de sono tranquilo era mais importante do que a sorte de todos os planetas!

E havia ainda algo de estranho, difícil de captar imediatamente, mas que intuíra desde as primeiras frases do meu relato, sem que, entretanto, me fosse possível formulá-lo assim tão depressa: a sensação de que tinha começado (com a detenção de cada um de nós) uma permutação completa dos pólos ou uma rotação de todos os conceitos, de cento e oitenta graus, que fazia com que aquilo, que tão entusiasmado começara a contar, talvez para nós não fosse nada alegre.

Eles voltaram-se, cobriram os olhos com lenços que os protegiam da lâmpada de duzentos watts, enrolaram uma toalha à mão que esfriava por cima da manta, esconderam a outra, como fazem os ladrões, e adormeceram.

Eu deitei-me, transbordando de alegria festiva por estar entre outros homens. Uma hora antes não podia calcular que me levariam para junto de alguém. Podia acabar a vida com uma bala na nuca (o comissário prometia-me isso constantemente), sem ver quem quer que fosse. Sobre mim ainda pairava, como anteriormente, a instrução do processo, mas ficava já muito para trás! No dia seguinte iria falar-lhes (não sobre o meu caso, naturalmente) e eles falariam

também - que interessante seria o dia seguinte, um dos melhores da minha vida! (Uma consciência clara aflorara em mim muito antes: a de que a cadeia não era para mim um abismo, mas a viagem mais importante da minha vida.)

A mais pequena coisa na cela suscitava o meu interesse; o sono tinha-se desvanecido e quando o guarda não olhava pelo postigo eu observava simultaneamente: ali, no cimo de uma das paredes, havia uma cavidade do tamanho de três tijolos e dela pendia um estore azul de papel. Os meus companheiros tiveram tempo de esclarecer-me: sim, é uma janela; na cela há uma janela! E o estore é uma camuflagem contra os ataques aéreos. No dia seguinte haveria uma luz débil, e, pelo meio-dia, apagariam a forte lâmpada por uns minutos. O que isso significava! Viver de dia com a luz do dia!

Na cela há ainda uma mesa. Sobre ela, no lugar mais visível, um bule, um)ogo de xadrez e um monte de livros. (Eu não sabia ainda porque é que tudo estava no lugar mais visível. Era uma vez mais o regulamento da Lubianka. A cada olhadela que, de minuto a minuto, lançava através do postigo, o

guarda devia convencer-se de que não havia abusos com estas liberdades da administração: de que com o bule não furavam as paredes; de que ninguém engolia o xadrez, arriscando-se a prestar contas e a deixar de ser cidadão da U. R. S. S.; de que ninguém se dispunha a queimar os livros com a intenção de deitar fogo à cadeia. E os óculos pertencentes aos presos eram considerados como uma arma tão perigosa que, mesmo de noite, não podiam ficar em cima da mesa, e a administração recolhia-os até à manhã seguinte.)

Que vida tão confortável! Xadrez, livros, cama de molas, bons colchões, roupa limpa. Em toda a guerra não me recordo de ter dormido assim. O soalho era encerado. Podiam dar-se quase quatro passos de passeio, da janela à porta. Não. Esta prisão política central era um verdadeiro sanatório.

E não caíam bombas... Eu recordava-me do seu silvo crescente e do ruído da explosão. E como as minas zumbiam docemente! Como tudo estremecia, quando esses quatro centímetros cúbicos rangiam!

Lembrava-me da humidade do lodo dos arredores de Vormdit, onde me tinham prendido e onde os nossos se arrastavam agora pela lama e pela neve fundente, para não deixar os alemães romper o cerco.

Que vão para o diabo! Se não querem que eu me bata, pois bem, tanto me faz!

Entre os inúmeros valores de que perdemos a noção há ainda este: o grande mérito daqueles que, antes de nós, falaram e escreveram em russo. É estranho que eles quase não sejam descritos na nossa literatura anterior à Revolução. Só raramente chega até nós o seu alento, ora através de Tsvetaieva ora de «Mater Maria»[7]. Eles tinham visto demasiadas coisas para escolher uma só. Aspiravam demasiado às alturas para fincarem os pés firmemente na terra. Antes do desmoronar da sociedade, havia uma categoria de homens pensantes — e só pensantes. Como foram votados ao ridículo! Como faziam paródias sobre eles! As pessoas de intenções e actos rectilíneos pareciam tê-los atravessados na garganta. Não encontravam outro apodo para os rebaixar senão o de podridão.

Dado que estes homens eram uma flor precoce, de aroma demasiado subtil, deitaram-nas para debaixo da máquina de ceifar.

Na sua vida individual eles eram particularmente vulneráveis: não se curvavam, não fingiam, não se portavam bem, cada palavra sua era uma opinião, um impulso, um protesto. São esses precisamente os que a máquina de ceifar escolhe. São esses precisamente que a debulhadora tritura8.

7 Maria Skobtsova, autora de Recordações sobre Blok.

8 Hesito em dizê-lo, mas nos anos 70 deste século estes homens parecem emergir de novo à superfície. É assombroso. Quase que não se podia esperar isto.

Eles passaram por estas mesmas celas. Mas as suas paredes foram arrancando, desde então, o papel; estucaram-nas, caiaram-nas e pintaram--nas mais de uma vez - e as paredes das celas nada nos restituíram do passado (pelo contrário, com os microfones, elas estendem a orelha para escutar-nos).

Sobre os antigos ocupantes destas celas, das conversas que aqui tinham lugar, dos pensamentos com que partiam para o fuzilamento e para Solovki, não há nada escrito nem dito; e um livro desses, que valha quarenta vagões da nossa literatura, certamente que já não será mais escrito.

Entretanto, aqueles que ainda estão vivos contam-nos toda uma série de ninharias: que antigamente havia tarimbas de madeira e que os colchões estavam cheios de palha; que antes de terem posto as mordaças nas janelas, os vidros haviam já sido pintados de giz até acima, a partir dos anos 20; e que as mordaças existiam seguramente já em 1923 (quando nós, unanimemente, as atribuíamos a Béria). Segundo dizem, a comunicação intercelas por meio de pancadas nas paredes ainda se fazia livremente nos anos 20: respeitava-se, de certo modo, a absurda tradição dos cárceres czaristas de que, se os presos não comunicavam assim, o que deviam eles fazer? Mais ainda: durante toda a década de 20, a maioria dos guardas daqui eram lituanos (vindos dos regimentos de atiradores, com algumas excepções), e a comida também era distribuída por gordas e altas mulheres lituanas. Trata-se talvez de banalidades,

mas elas dão que reflectir. A mim era-me muito necessária esta estada na cadeia política mais importante da União, e agradeço por até ela me terem trazido: pensava muito sobre Bukharine e queria fazer uma ideia de tudo isto. No entanto, tinha a impressão de que não éramos mais do que o resto da debulha e de que para nós qualquer prisão interior regional servia[9]. Esta era uma honra demasiado grande.

Mas com aqueles que vim encontrar não era possível aborrecer-me. Havia a quem escutar e com quem fazer comparações.

Aquele velho com as sobrancelhas vivas (aos sessenta e três anos de idade não era, de resto, completamente velho) dava pelo nome de Anatoli Ilitch Fastenko. Era ele que enchia a nossa cela da Lubianka, tanto como guardião das tradições dos velhos cárceres russos, como pela história viva que contava das revoluções russas. Com tudo o que tinha conservado na memória, ele podia analisar todo o passado e todo o presente. Homens assim não somente são valiosos numa cela, como são raros no conjunto da sociedade.

O apelido de Fastenko foi extraído por nós, aqui mesmo na cela, de um livro que veio parar às nossas mãos, sobre a revolução de 1905. Fastenko era um social-democrata tão arcaico que parecia ter deixado de o ser.

io interior: mais propriamente, prisão da Segurança do Estado.

Em 1904, rapaz ainda, tinha sido condenado pela primeira vez, mas, em razão do «manifesto» de 17 de Outubro de 1905, foi posto em liberdade10.

(Era interessante o seu relato sobre as condições daquela amnistia. Naqueles anos, como se compreende, não havia quaisquer «mordaças» nas janelas dos cárceres, nem havia ainda noção delas, e das celas da prisão de Bielaia Tserkov, onde Fastenko esteve detido, os presos podiam ver livremente o pátio da prisão, os que chegavam e os que saíam, bem como a rua, conversando em voz alta com quem quisessem do exterior. E eis que, já no dia 17 de Outubro, os que estavam em liberdade, tendo conhecimento da amnistia pelo telégrafo,

comunicaram a notícia aos presos. Os presos políticos começaram a arrebatar-se de alegria, a quebrar as vidraças das janelas, a partir as portas e a exigir do director da prisão a sua liberdade imediata. Houve quem levasse pontapés nas trombas? Encerrado num calaboiço? Algumas celas foram privadas de livros ou de cantina? De maneira nenhuma! O director, atrapalhado, corria de cela em cela, suplicando: «Senhores! Rogo-lhes que sejam sensatos! Eu não tenho direito de libertá--los com base no comunicado telegráfico. Tenho de receber instruções directas do meu chefe, de Kiev. Por favor, têm de passar ainda aqui a noite.» E, realmente, ainda os retiveram barbaramente todo um dia!...)11

Ao serem postos em liberdade, Fastenko e os seus camaradas lançaram-se logo na revolução. Em 1906, Fastenko foi condenado a oito anos de trabalhos forçados, o que significava: quatro anos com grilhões e quatro anos de deportação. Os primeiros quatro cumpriu-os na central de Sebas-topol; onde, por sinal, nesse período, se verificou uma evasão em massa de presos, organizada do exterior com a cooperação dos partidos revolucionários: social-revolucionário, anarquista e social-democrata. Por

meio da explosão de uma bomba foi aberta uma brecha na parede da cadeia, pela qual podia passar um homem a cavalo, e duas dezenas de presos (não todos os que o desejavam, mas só os que haviam sido designados pelos respectivos partidos para a fuga) munidos de antemão com pistolas, lançaram-se,

•10 Quem, de entre nós, pelas histórias da instrução primária e pelo Curso Breve (de história do Partido) não aprendeu e não decorou que este «manifesto infame e provocador» foi uma injúria à liberdade; que o czar tinha ordenado: «Liberdade para os mortos e prisão para os vivos»? Pois essa citação enigmática é falsa. Em virtude de tal manifesto, eram permitidos TODOS os partidos políticos, convocada a Duma e concedida uma amnistia completa e inteiramente ampla (que ela tivesse sido forçada, isso é outra questão). Por ela foram libertados, nada mais nada menos do que TODOS os presos políticos, sem excepção, independentemente da sentença e da natureza da condenação. Só não abrangia os presos comuns. A amnistia esta-liniana de 7 de Julho de 1945 (é verdade que não forçada) procedeu precisamente ao contrário: todos os presos políticos continuaram no cárcere.

11 Depois da amnistia estaliniana, como se relatará adiante, os beneficiados foram retidos mais dois ou três meses e obrigados a fixarem-se (isto é, a fixar residência onde lhes impuseram), mas ninguém considerou isso arbitrário.

através dos guardas, pela brecha e, à excepção de um, conseguiram fugir todos. O próprio Anatoli Fastenko não recebeu ordem do Partido Operário Social-Democrata Russo para se evadir, mas sim para distrair os guardas e armar confusão.

Em contrapartida, esteve pouco tempo na deportação, no Jenissei. Comparando o seu relato (e mais tarde os de outros sobreviventes) com o facto deveras conhecido de que os nossos revolucionários se evadiam às centenas e centenas da deportação, a maior parte dos quais para o estrangeiro, chega-se à conclusão de que da deportação czarista somente não fugiam os preguiçosos, tão fácil isso era. Fastenko foi dos que «fugiu», ou seja, saiu simplesmente do lugar do desterro sem passaporte. Dirigiu-se a Vladivostoque, esperando partir de barco com o

auxílio de um conhecido. Não conseguiu, não se sabe porquê. Então, sempre sem passaporte, cruzou tranquilamente, de comboio, toda a mãe Rússia, viajando até à Ucrânia, onde era bolchevique clandestino e onde tinha sido preso. Ali deram-lhe um passaporte de outra pessoa e dirigiu-se para a fronteira austríaca, a fim de a passar. Esta empresa era considerada pouco perigosa, e a tal ponto Fastenko não sentia atrás de si o hábito da perseguição que manifestou uma despreocupação surpreendente: ao atingir a fronteira e ao dar o seu passaporte ao funcionário da polícia, apercebeu-se, de repente, de que NÂO SE RECORDAVA do seu novo apelido! Que fazer? Os passageiros eram uns quarenta e o funcionário já tinha começado a chamá-los. Fastenko fingiu que estava a dormir. Ouvira entregar todos os passaportes e como tinham chamado diversas vezes por um tal Makarov, sem ter a certeza de se tratar dele. Finalmente, o dragão do regime imperial inclinou-se para o clandestino e, amavelmente, tocou-lhe no ombro: «Senhor Makarov! Senhor Makarov! Por favor, o seu passaporte!»

Fastenko viajou até Paris. Ali conheceu Lenine e Lunatcharski e, na escola do Partido, em

Longjumeau, desempenhou tarefas administrativas. Ao mesmo tempo, estudou francês e, observando a vida à sua volta, teve vontade de conhecer mundo. Antes da guerra, foi para o Canadá, onde trabalhou como operário, e esteve nos Estados Unidos. O tipo de vida despreocupada que reina nesses países surpreendeu Fastenko e tirou a conclusão de que aí não haveria jamais uma revolução proletária, sendo pouco provável que ela fosse necessária.

Mas aqui, na Rússia, ela aconteceu - e antes mesmo de que a esperassem -, essa tão impacientemente desejada revolução, e todos regressaram. Depois houve ainda outra revolução. Fastenko já não sentia o mesmo impulso que dantes por estas revoluções. Mas regressou, submetendo-se à lei que impede as aves de migrar[12].

Pouco depois de Fastenko ter regressado à pátria, também voltou um amigo seu, giado do Canadá, ex-marinheiro do Potemkine, que se convertera num próspero fazendeiro

Muita coisa era então ainda inacessível a Fastenko. Para mim dir-se-ia que o mais importante e admirável nesse homem era o facto de ter conhecido pessoalmente Lenine, mas ele próprio recordava isso de modo completamente frio. (O meu estado de ânimo continuava a ser este: se alguém na cela tratava Fastenko simplesmente pelo patronímico, sem o nome, dizendo por exemplo: «Ilitch, hoje não levas o balde da latrina?», eu irritava-me, zangava-me, parecia-me isso um sacrilégio, não só pela combinação dessas palavras, mas por me parecer um sacrilégio chamar Ilitch13 a quem quer que fosse, à excepção de uma única pessoa na terra!) Por essa razão havia imensas coisas que Fastenko não me podia explicar como desejaria.

Ele dizia-me claramente em russo: «Não cries ídolos!» Mas eu não o compreendia!

Ao ver a minha exaltação, ele repetia-me insistentemente, por mais de uma vez: «Você é matemático, para si é imperdoável esquecer Descartes: há que se submeter tudo à dúvida! Tudo!».— «Como, tudo?» Bem, nem tudo! A mim parecia-me que já tinha submetido a dúvida bastantes coisas. Bastava!

Ou então dizia: «Quase não há já velhos presos políticos, eu sou um

dos últimos. Os velhos deportados políticos foram todos aniquilados e a nossa associação foi dissolvida logo nos anos 30.» — «Mas porquê?» - «Para que não nos reuníssemos e não discutíssemos.» Embora estas simples palavras, ditas em tom tranquilo, fossem de bradar aos céus, de quebrar as vidraças, eu compreendi a-as só como tratando-se de outra malvadez de Staline. Um facto penoso, mas sem raízes.

Está inteiramente provado que nem tudo o que entra nos nossos ouvidos consegue penetrar na consciência. O que não vai no sentido do nosso estado de ânimo perde-se, ora nos ouvidos, ora depois dos ouvidos, mas perde-se. Acontece que, embora me lembre perfeitamente de numerosos

. Ele vendeu a sua fazenda e o seu gado, e, com o dinheiro e um tractor novinho em folh: voltou à terra querida, para ajudar a construir o almejado socialismo. Inscreveu-se numa da primeiras comunas e ofereceu o tractor. Com esse tractor trabalhava qualquer pessoa, e dt qualquer maneira, pelo que

depressa acabaram com ele. O ex-marinheiro via tudo aquilo bem diferente do que havia imaginado vinte anos antes. O trabalho era dirigido por pessoas que não tinham capacidade para o fazer; mandavam executar coisas que, para um fazendeiro zeloso, era um verdadeiro disparate. Por outro lado, ele tinha perdido as suas energias, gasto a sua roupa e pouco lhe restava dos dólares canadianos que trocara por rublos de papel. Suplicou que o deixassem sair com a família, atravessou a fronteira, tão pobre como quando fugira de Potemkine, cruzou o oceano como então, enquanto marinheiro (não tinha dinheiro para o bilhete), e começou no Canadá, de novo, a sua vida, como trabalhador assalariado do campo. «Ilitch» era o patronímico de Vladimir Ilitch Ulianov (Lenine). Dizer só Ilitch é uma expressão de grande respeito. (N. dos T.)

relatos de Fastenko, as suas reflexões se imprimiriam vagamente na minha memória.

Ele indicou-me diversos livros, que me aconselhava muito a ler um dia em liberdade. Ele mesmo, devido à

sua idade e à sua saúde, já não contava demorar-se entre os vivos e achava satisfação na esperança de que eu viesse um dia a recolher os seus pensamentos. Tomar notas era impossível, e mesmo sem isso já havia muitas coisas a recordar da vida prisional, mas os títulos que mais se aproximavam dos meus gostos de então não os esqueci: Considerações Inoportunas, de Gorki (que eu nessa altura tinha em alta estima, pois superava todos os clássicos russos pelo simples facto de ser escritor proletário), e Um Ano na Pátria, de Plekhanov.

Hoje, quando leio isto num escrito de Plekhanov, datado de 28 de Outubro de 1917:

«...Se me entristecem os acontecimentos dos últimos dias, não é porque eu não deseje o triunfo da classe operária na Rússia, mas precisamente porque o anseio çom todas as forças da minha alma... Convém recordar a observação de Engels de que para a classe operária não pode haver maior desgraça do que a tomada do poder político quando ainda não está preparada para isso; essa tomada do poder obrigá-la-á a retroceder para posições muito anteriores às conquistadas em Fevereiro e em Março deste

ano...»14 é como se reconstituísse, claramente, o pensamento de Fastenko.

Quando ele regressou à Rússia, tendo em consideração a sua antiga actividade clandestina, insistiam em promovê-lo e poderia ter ocupado um posto importante - mas ele não quis, preferindo um modesto lugar na Editora Pravda e depois outro lugar ainda mais modesto, indo finalmente parar ao trust municipal «Mosgoroformlenie» (publicidade em painéis, da cidade de Moscovo), onde trabalhou completamente na sombra.

Eu surpreendia-me: porquê esse caminho tão evasivo? Ele, incompreensivelmente, respondia: «Cão velho não se acostuma à coleira.»

Vendo que nada se podia fazer, Fastenko guardava simplesmente o desejo, bem humano, de continuar vivo. Passara a receber uma pequena e tranquila reforma (naturalmente, não como personalidade do Partido, pois isso despertaria a lembrança de ter sido pessoa chegada a muitos fuzilados) e, assim teria sobrevivido até 1953. Mas, por desgraça, prenderam um vizinho do mesmo apartamento, o escritor L. S., libertino e permanentemente embriagado, um dia em

que estava com dois grãos na asa e se jactanciara de possuir uma pistola. Pistola é sinonimo de terror e Fastenko, com o seu velho passado de social-democrata, era um terrorista acabado. E eis que agora o comissário punha em realce o seu terrorismo, ao mesmo tempo, claro está, que o acusava de estar ao serviço da espionagem francesa e ca-

Plekhanov: Carta Aberta aos Operários de Petrogrado (in jornal Unidade, de 28-10-17"

nadiana e de ter sido informador da polícia czarista15. Em 1945, em troca do seu chorudo ordenado, um chorudo comissário compulsava seriamente os arquivos provinciais da polícia secreta e redigia autos perfeitamente sérios acerca de interrogatórios onde figuravam os nomes de conspiradores, palavras de ordem, encontros e reuniões do ano de 1903.

E a sua velha mulher (não tinham filhos) todos os dez dias, como era permitido, mandava a Anatoli Ilitch as encomendas que estavam dentro das suas possibilidades: um pedaço de pão negro, de uns

trezentos gramas (comprado no mercado a cem rublos o quilo!), uma dúzia de batatas cozidas, sem pele (no controle, elas eram picadas com uma sovela). O aspecto dessas míseras encomendas - que na realidade eram sagradas - despedaçava o coração.

É quanto mereceu um homem por sessenta e três anos de honradez e de dúvidas!

•te * *

As quatro camas da nossa cela deixavam entre elas um espaço para a mesa. Mas alguns dias depois de eu ter chegado meteram lá um quinto preso e a cama ficou atravessada ao meio. N

Trouxeram esse novato uma hora antes da alvorada, no momento em que o sono é mais doce, e três dentre nós não levantámos sequer a cabeça, apenas Kramarenko, tendo saltado da cama para conseguir um pouco de tabaco (e talvez alguma informação para o comissário). Eles começaram a falar baixinho e nós procurámos não escutar, mas não se podia deixar de ouvir a voz sussurrante do novato: ela era tão forte, alarmada e tensa, quase mesmo chorosa, que se podia pensar que na nossa cela tinha dado entrada um drama fora do vulgar. O novato perguntava se

havia muitos condenados ao fuzilamento. De qualquer modo, sem voltar a cabeça pedi-lhes que falassem mais baixo.

Quando, ao toque da alvorada, todos nos levantávamos (ficar na cama era expor-se a ir parar ao calabouço), vimos.um general! É verdade que ele não tinha qualquer distintivo, nem sequer insígnias descosidas ou desabotoadas. Mas o seu casaco magnífico, o dólman de seda e toda a sua figura e o seu rosto indigitavam tratar-se, sem sombra de dúvida, dum general; um general qualquer, um simples brigadeiro, mas infalivelmente um general completo. Era baixo, roliço, de costado largo e ombros salientes. Se o seu

ls Era esse um tema preferido de Staline: atribuir a cada preso do seu partido (e em geral a cada velho revolucionário) a acusação de ter estado ao serviço da polícia czarista. Seria pela sua intolerável desconfiança? Ou... por um sentimento interior?... Ou, ainda, por analogia?...

rosto era gorducho, isso não lhe dava um ar bonacheirão, mas sim importante, como se fosse um atributo de superioridade. O seu rosto não terminava, é certo, pela parte superior, senão pela inferior, com uma mandíbula de buldogue, sendo aí que se concentravam toda a energia, força de vontade e autoritarismo que lhe tinham permitido atingir essa patente numa idade ainda pouco avançada.

Quando se fizeram as apresentações, verificou-se ser L.V.Z., ainda mais jovem do que aparentava, pois ia fazer trinta e seis anos («se não me fuzilarem») e, o que é mais surpreendente, não era, no fim de contas, nenhum general, nem sequer coronel, ou qualquer espécie de militar, mas sim um engenheiro!

Engenheiro?! Fui educado precisamente no meio de engenheiros e recordo-me bem dos dos anos 20: tinham aquela mentalidade aberta e irradiante, aquele humor livre e inofensivo, aquela facilidade e largueza de ideias que lhes permitiam passar desembaraçadamente de uma esfera a outra da engenharia, e mesmo da técnica às questões sociais e à arte. Além disso, possuíam uma formação esmerada, gostos refinados e facilidade de palavra, evitando as expressões vulgares: uns dedicavam-se

um pouco à música, outros à pintura, e todos tinham qualquer marca de espírito impressa no rosto.

Nos começos dos anos 30 perdi o contacto com este meio. Depois eclodiu a guerra. E eis que surgia ante mim um engenheiro. Daqueles que vieram substituir os que tinham sido exterminados.

Uma vantagem não se lhe podia negar: era muito mais entroncado, mais forte do que os outros. Conservava a força dos ombros e das mãos, embora há muito lhe não fossem necessárias. Liberto do fardo vão da amabilidade, olhava bruscamente, falava de maneira terminante, sem esperar sequer que pudesse haver objecções. Tinha crescido diferentemente dos outros e trabalhado também de maneira diferente.

O seu pai era lavrador, lavrando a terra no sentido mais literal e real do termo. Liónia Z. era um desses desgrenhados e ignorantes jovens camponeses, com a perda de cujos talentos Bielinski e Tolstoi tanto se afligiam. Sem ser nenhum Lomonossov nem ter por si mesmo chegado à Academia, era talentoso, mas continuaria a lavrar a terra se não tivesse havido a Revolução. Por certo que acabaria de enriquecer, visto

ser inteligente e talvez se tivesse convertido num comerciante.

Na era soviética ingressou no Komsomol, e foi a sua actividade de militante que, superando os outros talentos, o arrancou da ignorância e da rudeza da aldeia e o levou, como um foguetão, através da faculdade operária até à Academia Industrial, onde entrou em 1929, precisamente quando levavam, como gado, os outros engenheiros para GULAG. Os soviéticos tinham necessidade de, urgentemente, fazer deles engenheiros conscientes, leais cem por cento, que não só fizessem o seu trabalho, mas se ocupassem de toda a produção, isto é, se tornassem verdadeiros businessmen. Era no

momento em que os célebres postos de comando da indústria soviética, ainda por construir, estavam vagos. E o destino da sua formação era ocupá-los.

A vida de Z. tornou-se uma sucessão de êxitos, uma grinalda enrolada para as alturas. Nesses anos extenuantes de 1929 até 1933, quando a guerra civil era travada não com carros equipados de

metralhadoras, mas com cães-polícias; quando bandos de homens famintos se arrastavam para as estações ferroviárias, na esperança de ir para a cidade, onde havia pão, mas como não lhes davam bilhetes e eles não sabiam como partir iam morrer numa massa resignada de botas e samarras junto dos taipais das estações -, nesses anos, Z. ignorava que os habitantes das cidades recebiam o pão racionado pois tinha uma bolsa de estudante de novecentos rublos (um operário não qualificado recebia então sessenta). O seu coração não sofria pela aldeia, onde tinha sacudido a poeira dos sapatos: a sua nova vida decorria já aqui, entre os vencedores e os dirigentes.

Não teve sequer tempo de ser chefe de equipa: imediatamente puseram sob as suas ordens dezenas de engenheiros, milhares de operários: era o engenheiro-chefe das grandes construções dos arrabaldes de Moscovo. Desde o começo da guerra que ele ficou, naturalmente, isento do serviço militar, evacuando-se com toda a direcção central, para Alma-Ata, dirigindo maiores construções ainda sobre o rio Ili, com a diferença de que agora só ali trabalhavam presos. O aspecto desses insignificantes homúnculos incomodava-o muito pouco, não o fazia reflectir, não

lhes prestava atenção. Naquela órbita brilhante em que se movia só eram importantes as cifras do cumprimento do plano. A Z. bastava-lhe indicar o local de trabalho, o campo, ao contramestre, e eles, com os seus meios, que se desenrascassem para executar as normas: quantas horas trabalhavam e como se alimentavam, nesses pormenores ele não entrava.

Os anos de guerra, no fundo da retaguarda, foram os melhores da vida de Z.! Tal é a propriedade inevitável e geral da guerra: quanto mais amargura ela concentra num pólo, tanto mais alegrias liberta no outro. Z. tinha não apenas uma mandíbula de buldogue, mas também uma rápida, engenhosa e experiente garra. Adaptou-se rápida e sabiamente ao novo ritmo de guerra da economia nacional: tudo para a vitória; arranca para diante que tudo passará por conta da guerra! Só fez uma concessão a esta: renunciou aos fatos e às gravatas e, vestido de caqui, mandou fazer umas botas de pele de bezerro e um dólman de general, esse mesmo com que chegou ali, junto de nós. Era a moda, assim andava como toda a gente, não suscitava irritação nos inválidos nem os olhares reprovadores das mulheres.

Mas, quanto às mulheres, estas olhavam-no frequentemente de outro ponto de vista: dirigiam-se a ele para aiimentar-se, aquecer-se e divertir-se. Um dinheirão louco, o que corria pelas suas mãos: a sua carteira abarrotava como um barril; as notas de dez rublos, gastava-as como se fossem ko-pecs e as de mil como rublos. Z. não era avaro, não economizava, não con-

tava. Só contava as mulheres que passavam pelas suas mãos e, sobretudo, aquelas a quem tirava o cabaço; essa estatística era o seu desporto. Na cela, afirmava-nos que a detenção o tinha interrompido lamentavelmente quando já perfazia duzentas e noventa e tal, impedindo-o por desgraça de ter atingido as trezentas. Como era no tempo da guerra, as mulheres estavam sós e, além do poder do dinheiro, ele tinha uma energia viril, à Rasputine, o que não era difícil de acreditar. Ele dispunha-se, gostosamente, a relatar tudo, episódio atrás de episódio, mas os nossos ouvidos não estavam abertos para isso. Embora nenhum perigo o ameaçasse, era

convulsivamente que ele (um pouco à maneira dos mariscos que se tiram de um prato, se roem, se chupam e se deitam fora para apanhar outros), nos últimos anos de liberdade, agarrava todas essas mulheres, espremendo-as e pondo-as de parte.

Que acostumado ele estava à ductilidade da matéria, na sua carreira de javali selvagem! (Em horas de grande agitação, desarvorava pela cela exactamente como um potente javali, capaz de derrubar um roble que se lhe atravessasse nas suas correrias.) Que acostumado ele estava a que entre os dirigentes todos fossem do seu tipo, tudo se podendo sempre conciliar, arranjar, dissimular! Tinha-se esquecido de que quanto maiores são os êxitos, maior é a inveja. Como acabava de saber pela instrução do processo, no seu dossier figurava já uma anedota de 1936, contada despreocupadamente num grupo de amigos embriagados. Depois, foram-se filtrando pequenas denúncias e testemunhos de agentes (havia que levar as mulheres ao restaurante, e quem é que lá não te vê?).Uma destas denúncias era a de que, em 1941, não se apressara a partir de Moscovo, esperando os alemães (efectivamente, ele demorara-se lá, então, mas parece que por causa de uma mulher). Z.

pugnava para que as suas operações económicas decorressem com limpeza, mas não se lembrou de que ainda existia o artigo 58. E, apesar de tudo isso, esse bloco teria-podido, durante longo tempo, não se desmoronar sobre ele, se, por presunção, não tivesse recusado, a um certo procurador, material de construção para uma casa de campo. Aqui o seu caso despertou do sono, estremeceu e começou a rolar. (Um exemplo mais, que prova que as causas judicials começam pelos interesses egoístas dos «azuis»...)

O horizonte intelectual de Z. era deste género: considerava que existia uma língua americana; na cela, durante dois meses, não leu um só livro, nem sequer uma página inteira, e se leu um parágrafo ou outro foi unicamente para se distrair dos tristes pensamentos no processo. Pelas suas conversas, compreendia-se perfeitamente que em liberdade lia ainda menos. A 1 uschkhine conhecia-o apenas como herói de anedotas escabrosas e julgava que Tolstoi devia ser deputado do Soviete Supremo16.

6 Alusão a uma confusão feita por Z. entre Leão Tolstoi, autor de Guerra e Paz, e Aleixo Tolstoi, escritor soviético, que ele só conhecia, no entanto, como deputado. (N. dos T.)

Mas, em compensação, não seria ele um cem-por-cento? Mas, em compensação, não seria ele um desses proletários conscientes, educados para substituir Paltchinski e Von Mekke? Por muito estranho que pareça, não! Certa vez, discutindo acerca da marcha da guerra, eu disse que, desde o primeiro dia, nem um instante sequer duvidara da nossa vitória sobre os alemães. Ele olhou-me bruscamente e não acreditou: «Mas, como?», e levou as mãos à cabeça, «Ai, Sacha, Sacha, pois eu estava convencido de que os alemães venceriam! E foi isso o que me perdeu!» Pois é! Ele era um dos «organizadores da vitória», mas todos os dias ia acreditando nos alemães e aguardava-os inevitavelmente! Não porque gostasse deles, mas simplesmente porque conhecia bem a nossa economia (naturalmente eu não a conhecia, mas tinha fé).

Todos nós, na cela, estávamos de humor triste, mas ninguém se desmoralizou tanto, nem encarou a própria detenção tão tragicamente como ele. Junto de nós, ele habituou-se à ideia de que não o esperavam

mais do que uns DEZ ANOS de prisão, e de que, durante esses anos no campo, seria naturalmente um capataz e não conheceria as agruras, como não as conhecera no passado. Mas isso não o consolava no mínimo que fosse. Estava demasiado acabado pelo fracasso de uma vida tão excelente: pois há só uma vida na terra e por nada mais ele se tinha interessado ao longo dos seus trinta e seis anos de existência! Mais de uma vez, sentado na sua cama, diante da mesa, com o rosto gorducho apoiado nas suas curtas e grossas mãos, com os olhos perdidos e enevoados, ele começava a cantarolar em voz baixa:

Esquecido; abandonado, na minha mocidade fiquei desamparado...

E nunca podia prosseguir! Chegado aqui, explodia em pranto. Toda a grande força que dele brotava, mas que não o podia ajudar a derrubar as paredes, convertia-a assim em piedade por si mesmo.

E também pela mulher. Esta, há muito por ele não amada, levava-lhe agora, cada dez dias (isso não era permitido com mais frequência), abundantes pacotes de pão branco, manteiga, caviar vermelho, carne de vitela e esturjão. Ele dava-nos a cada um de nós uma

sanduíche e um cigarro, inclinava-se sobre os seus manjares expostos (que contrastavam pelo seu aroma e pelas suas cores, com as batatas pisadas do velho revolucionário clandestino), e novamente as lágrimas lhe caíam em fio. Em voz alta, ele recordava as lágrimas da esposa, anos inteiros de lágrimas: ora pelas missivas das amantes, encontradas nas algibeiras; ora por umas calcinhas metidas à pressa no sobretudo, dentro do automóvel, e esquecidas. E quando a piedade que sentia por si mesmo lhe fazia cair a couraça da energia maldosa, perante nós surgia um homem perdido e visivelmente bom. Eu surpreen-

dia-me de que ele pudesse chorar assim. O estoniano Arnold Suzi, nosso companheiro de cela, com alguns cabelos grisalhos, explicava-me: «A crueldade faz aumentar obrigatoriamente o sentimentalismo. É a lei da compensação. Nos alemães, por exemplo, esta combinação é até uma característica nacional.»

Mas Fastenko, pelo contrário, era o homem mais animoso da cela, embora pela sua idade ele fosse o único.que já não podia contar sobreviver nem

regressar à liberdade. Abraçando-me pelos ombros, dizia-me: «Resistir pela verdade, isso o que é! Pela verdade estás tu preso! Ou então ensinava-me a entoar a sua canção, uma canção de deportados:

Se é preciso a vida dar

No fundo das prisões ou das minas,

Tudo irá frutificar

Nas gerações que hão-de vir!

Tenho fé nisso! E oxalá que estas páginas ajudem a concretizar essa fé!

Os dias de dezasseis horas na nossa cela eram pobres de acontecimentos exteriores, mas tão cheios de interesse que a mim, por exemplo, dezasseis minutos de espera por um trólei me parecem mais aborrecidos. Embora não haja factos dignos de atenção, quando vem a noite suspira-se por não ter chegado o tempo, tendo voado mais um dia. Os acontecimentos são mínimos, mas, pela primeira vez na vida, aprende-se a vê-los com uma lente de aumentar.

As horas mais tristes do dia são as duas primeiras: desde que ouvimos o. ruído da chave na fechadura

(na Lubianka não há «manjedoura»17, e para a ordem de «pôr-se a pé» é também preciso abrir a porta) saltamos para o chão sem demora, fazemos as camas, e sentamo-nos nelas sem esperanças, inutilmente e ainda privados de luz eléctrica. Este forçado despertar matinal às seis. horas, quando o cérebro ainda está embotado pelo sono e o mundo parece todo ele desagradável e a vida vazia de perspectivas, não havendo na cela um sorvo de ar respirável, é particularmente absurdo para aqueles que passaram a noite no interrogatório e só há pouco puderam dormir. Mas não tentes fazer batota! Se procuras cochichar um pouco, apoiando-te nas paredes ou pondo os cotovelos na mesa, como se estivesses debruçado para o xadrez ou inclinado sobre um livro, ostensivamente aberto em cima dos joelhos, darão uma pancada de advertência com a chave

Grande postigo aberto na porta da cela, abrindo-se de modo a formar uma mesa, e P onde os guardas falam e distribuem a comida, ou convidam os presos a assinar os diversos documentos prisionais.

na porta ou ainda pior: a porta que normalmente se fecha com um cadeado barulhento é aberta sem ruído (estão bem treinados nisso, os guardas da Lubianka) e como uma rápida e silenciosa sombra, como um espírito deslizando das paredes, o terceiro-sargento dá três passos na cela e se te encontra adormecido podes ir parar ao calabouço, ou então tiram-te o livro, podendo mesmo toda a cela ficar privada do passeio. Cruel injustiça, este castigo geral, mas está inscrito em letras impressas no regulamento da prisão e não tens mais que lê-lo, pois se encontra afixado em cada cela. Além disso, se precisas de óculos, para ler nessas duas horas que te tiram o ânimo, não poderás pôr a vista nos livros, nem sequer no santo regulamento, pois os óculos que te tiraram de noite são ainda perigosos para ti, durante esse período. Nessas duas horas ninguém vem trazer nada à cela, ninguém lá entra, nem faz perguntas sobre nada, não se chama ninguém: os comissários ainda dormem docemente, os chefes da prisão estão ainda a voltar a si, e só os guardas Vertukei se mantêm acordados e se inclinam a cada minuto sobre a abertura do postigo18.

Mas decorre uma operação nessas duas horas: ir à latrina. Desde a alvorada que o guarda fez uma importante comunicação: designar quem é que está hoje incumbido de tirar o balde da retrete da cela. (Nas prisões banais, ordinárias, os presos têm tanta liberdade e autonomia que são eles próprios que decidem esta questão. Mas na prisão política central tal assunto não pode ser deixado à espontaneidade.) E depressa todos formam em fila indiana, com as mãos atrás das costas, seguindo à frente o responsável que leva contra o peito o balde de oito litros com tampa. Lá, no objectivo, encerram-nos de novo, não sem antes nos entregarem tantas folhinhas de papel do tamanho de dois bilhetes de comboio quantos são os presos. Na Lubianka estas folhinhas não são interessantes: elas são brancas. Mas há cadeias tão atraentes que dão fragmentos de livros impressos. Que maravilhosa leitura! Adivinhar de onde são extraídos, ler dos dois lados, assimilar o conteúdo, aproveitar o estilo — mesmo com palavras cortadas isso é possível! - e permutá-los com os camaradas. Em alguns lugares dão recortes da Granat, outrora uma enciclopédia de vanguarda, ou então, é horrível dizê-lo, de clássicos, mas não, de

modo algum, literários... A visita à latrina converte-se num acto de conhecimento.

Mas não é caso para rir. Trata-se de uma grosseira necessidade, à qual não é permitido aludir na literatura (embora já se tenha dito com imortal leviandade: «Bendito aquele que pela manhã...»). Neste começo de dia, que parece tão natural, já na prisão se estendeu uma armadilha ao preso,

18 No meu tempo, tal palavra já estava muito difundida. Diziam que ela procedia dos guardas ucranianos: «Stói tá nié vertukhais!». Mas há que recordar também a palavra inglesa que significa carcereiro {titrnkey: «Volta a chave»). Talvez, na Rússia, vertukei seja «aquele que dá a volta à chave» (vertit klintch).

que durará todo o dia, e o que é mais ultrajante, uma armadilha ao seu espírito. Devido ao estado de imobilidade prisional e à mesquinhez da alimentação, depois do impotente momento de torpor, ainda não se está, ao levantar-se, em condições de ajustar contas com a natureza. E eis que te mandam sair

rapidamente e te fecham até às seis horas da tarde (nalgumas prisões, até ao dia seguinte pela manhã). Agora tu tens de preocupar-te com a aproximação do interrogatório diurno e com os outros acontecimentos do dia, tal como encher-te com o rancho, a água e a sopa aguada, mas tá ninguém te deixará ir a esse excelente sítio, a cuja facilidade de acesso os lomens livres não sabem dar o valor devido. Essa extenuante e vulgar necessidade pode assaltar-te todos os dias, e logo a seguir à visita da manhã à latrina, e depois torturar-te todo o dia, apertar-te, privar-te da liberdade de conversar, de ler, de pensar e até de ingerir a fraca comida.

Às vezes, discute-se nas celas qual a origem do regulamento da Lubian-ka ou de qualquer outra prisão: se se trata de uma crueldade calculada ou se tudo resultou simplesmente assim. Eu penso que resultou simplesmente assim. A alvorada foi naturalmente um cálculo malévolo, mas muito do restante aconteceu mecanicamente (como numerosas crueldades da nossa vida em geral), sendo depois reconhecido no topo como útil e aprovado. Os turnos mudam às oito da noite e às oito da manhã, e é assim mais cómodo levar os presos à latrina ao fim do

turno: deixar lá ir um ou outro, isoladamente, durante o dia, implicaria preocupações e precauções excessivas da parte dos guardas e eles não são pagos para isso. O mesmo se passa com os óculos: para quê preocupar-te com isso desde a alvorada? Antes de terminar o turno da noite devolvem-nos.

E eis que começam a distribuí-los: ouve-se abrir as portas. Pode saber --se se alguém usa óculos na cela vizinha (ora, o teu companheiro de processo não os usa; mas não nos atrevemos a bater na parede, pois quanto a isso são muito severos). Mas já nos restituíram também os nossos. Fastenko só pode ler com eles, e Suzi usa-os permanentemente. Repara, ele deixou de apertar os olhos após colocá-los. Com os seus olhos de concha, numa linha recta, o seu rosto torna-se de repente mais severo, penetrante, tal como podemos imaginar o rosto de uma pessoa culta no nosso século. Muito antes da Revolução, ele estudava em Petrogrado, na Faculdade de História é Filologia, e durante os vinte anos de independência da Estónia conservou toda a pureza do seu idioma russo. Depois, já em Tartu, completou os seus estudos. Além da língua materna estoniana, domina o inglês e alemão, e durante todos estes anos seguiu

regularmente o Economist londrino, as recensões científicas da revista alemã Bericht, estudando também as constituições e códigos de diversos países. Aqui, na nossa cela, ele representa digna e discretamente a Europa. Foi um notável advogado da Estónia e chamavam-lhe o «Kuldsuu» (lábios de ouro).

No corredor há de novo movimento: outro parasita com uma bata escura - um rapaz forte, que não está na frente - trouxe-nos numa travessa

as cinco rações de pão e as dez porçõezinhas de açúcar. A nossa galinha--choca anda em torno delas: embora,- inevitavelmente, as fôssemos agora tirar à sorte (tem importância saber se se trata da côdea, qual a quantidade de pedaços necessários para fazer o peso, se o miolo está pegado à côdea: é a sorte que decide qual a repartição[19], a galinha-choca quer sopesar tudo, e, quanto mais não seja, ficar com restos de moléculas de açúcar e de pão nas suas mãos).

Estes quatrocentos e cinquenta gramas de pão, com o miolo cheio de humidade pantanosa, pois metade é de

batata, são a nossa muleta e o mais importante acontecimento quotidiano. É a vida que começa! É o dia que começa, que só agora começa! Cada um tem uma quantidade de problemas: terá repartido judiciosamente ontem a sua ração? Deverá cortá-la com um fio, esperar o chá, ou comê-la agora? Deixar parte dela para a ceia ou comê-la toda ao almoço? E que quantidade?

Além de todas estas pobres vacilações, que longas discussões ainda (soltou-se-nos a língua, com o pão já somos gente!) provocam estes gramas de pão, feito mais de água do que de cereal! (Fastenko, entretanto, explica que é este mesmo pão que os trabalhadores de Moscovo comem agora.) Mas haverá nele mesmo farinha? De que misturas foi feito? (Em'cada cela há uma pessoa entendida em misturas, pois quem não comeu pão assim nestas décadas?) Começam os devaneios e as recordações. Que pão tão branco se cozia ainda nos anos vinte! Um pão redondo, esponjoso, poroso, com a côdea de cima dourada, acastanhada, gordurosa, e a de baixo com cinza, com um pouco de carvão do forno. Pão que acabou irremediavelmente! Aqueles que nasceram nos anos trinta nunca saberão, em geral, o que é PÃO! Mas

alto, amigos, este é um tema proibido! Já tínhamos combinado que não diríamos nem uma palavra sobre comida!

De novo, um movimento no corredor: distribuem o chá. Outro latagão com a bata escura e baldes. Colocamos o nosso bule no corredor, e ele, do balde sem bico, despeja o chá para o bule, entornando-o ao lado na passadeira. E todo o corredor está encerado como um hotel de primeira classe20.

E é tudo como pitança. Os alimentos quentes virão um atrás do outro,

19 Mas onde é que isto não se faz? Desde há longos anos que o povo sofria de fome. E todas estas repartições de rações se faziam também no exército. E os alemães, ouvindo-nos das suas trincheiras, parodiavam-nos: «Para quem esta ração? - Para o responsável político!» De Berlim, veio juntar-se-nos o biólogo Timofeien-Ressovski, a quem já nos referimos. Nunca ninguém se sentia tão ofendido como ele, na Lubianka, por esses derramamentos no solo. Via nisso um sintoma da falta de interesse profissional dos carcereiros (bem como de todos nós) pelo que estão fazendo. Multiplicou vinte e sete anos de

existência da Lubianka por setecentas e trinta vezes ao ano, em cento e onze celas, e indignou-se por ter achado mais fácil derramar água fervida dois milhões cento e oitenta e oito mil vezes no chão, e apanhá-la com um trapo, do que fazer baldes com bico.

à uma e às quatro da tarde, e depois horas de lembranças. (Isso não é também por crueldade: a gente da cozinha necessita de despachar-se depressa e de sair quanto antes.)

Nove horas. Ronda da manhã. Muito antes, ouve-se dar voltas particularmente ruidosas às chaves, pancadas extremamente fortes nas portas, e um dos tenentes de plantão dos andares entra, dá dois passos na cela, empertigado, quase em posição de continência, e observa-nos severamente, todos já de pé. (Nós não ousamos lembrar que os políticos tinham o direito de não se levantar.) Contar quantos somos não é grande trabalho, basta uma olhadela, mas esse instante é uma prova para os nossos direitos, pois, se temos alguns, não os conhecemos, e se não os conhecemos ele deve escondê-los de nós.

Toda a força da aprendizagem da Lubianka reside na completa mecanização: nem expressões, nem anotações, nem uma palavra a mais.

Todos os direitos que nós conhecemos são os de petição escrita para a reparação do calçado e para ir ao médico. Mas, se te chamarem ao médico, tu não te regozijarás, e o que te irá surpreender será, antes de mais, essa mecanização própria da Lubianka. O olhar do médico não exprime preocupação, nem sequer revela simples atenção. Ele não pergunta: «De que se queixa?», pois aqui é-se avaro de palavras e não se pode pronunciar esta frase sem lhe dar ênfase. Lança apenas: «Queixas?» Se tu te começas a espraiar, tentando explicar a doença, ele interrompe-te: «Está bem. Um dente? Éxtrai-se. Ou então, põe-se arsénico. Curas? Aqui não se fazem.» (Isso aumentaria o número de visitas e criaria um ambiente quase humano.) O médico da prisão é o melhor auxiliar do comissário e do verdugo. Se o preso que está a ser espancado volta a si, ainda por terra, ouve a voz do médico: «Podem continuar, o pulso está normal.» Depois de cinco dias de calabouço frio, o médico examina o corpo nu e entorpecido e diz: «Podem continuar.» Se te espancarem até à morte, ele assina

um certificado de óbito: morte por cirrose no fígado; por enfarto. Se o chamam urgentemente para assistir a um moribundo na cela, ele não se apressa. E aquele que se comportar de outra maneira - esse não é mantido nas nossas prisões. O dr. F. P. Gaaz não poderia trabalhar aqui.

Mas o nosso galinha-choca está mais bem informado sobre os seus direitos (segundo diz, há onze meses que estão a instaurar-lhe o processo; os interrogatórios apenas se realizam de dia). Ei-lo que chama e pede uma entrevista com o chefe da prisão. Como, ao chefe de toda a Lubianka? Sim. E inscrevem-no. (E pela noite, depois da hora do silêncio, quando todos os comissários estão nos respectivos gabinetes, chamam-no e regressa provido de tabaco. É um trabalho grosseiro, naturalmente; mas, por enquanto, não inventaram nada de melhor. Passar sistematicamente à utilização de microfones também é uma enorme despesa: não se pode escutar durante dias inteiros cento e onze celas. Que há-de fazer-se! Os galinhas-chocas ficam mais baratos e serão ainda utilizados por muito tempo. Mas é difícil a

Kramarenko aguentar connosco. Às vezes fica a suar, escutando as nossas conversas e pela sua expressão vê-se que não compreende.)

Outro direito ainda: a liberdade de entregar requerimentos por escrito (em troca da liberdade de imprensa, de reunião e de votação, que perdemos ao deixar a vida livre!) Duas vezes por mês o guarda que está de plantão de manhã pergunta: «Quem deseja escrever solicitações?» E inscreve todos os que manifestam tal desejo. A meio do dia chamam-te para um cubículo separado e fecham-te. Aí podes escrever a quem quiseres: ao Pai dos Povos; ao Comité Central do Partido; ao Soviete Supremo; ao ministro Béria; ao ministro Abakumov; ao procurador-geral; à Central Militar; à Direcção Prisional; à secção de instrução judicial; e podes queixar-te da detenção, do comissário, do chefe da prisão! Em qualquer caso, o teu pedido não terá êxito algum, nem sequer será arquivado, e o mais alto responsável que o vai ler será o teu comissário instrutor. Entretanto, tu nada conseguirás demonstrar. Mais ainda: ele NÂO O LERÁ sequer, porque não pode lê-lo

auem quer que seja. Nesse pedaço de papel, de 7 X 10 cm, um pouco maior o que o que te entregaram de manhã para a latrina, mal podes arranhar, com uma caneta quebrada ou munida dum aparo torcido, metida num tinteiro cheio de água e de farrapos, as letras: «REQUERI...» Imediatamente, elas se apagam no papel grosseiro e «MENTO» não caberá sequer na linha, enquanto do outro lado da folha tudo ressumou.

Pode ser que ainda haja outros direitos, mas o guarda de plantão silencia-os. Talvez não percas muito desconhecendo-os.

A ronda acaba de passar. O dia começa. Já chegam os comissários, alguns no edifício. O guarda chama-os com enorme mistério: ele diz apenas a primeira letra e do seguinte modo: «Quem começa por C?, quem começa por F?», ou ainda: «Quem começa por A?» Vocês devem dar provas de prontidão e apresentar-se como vítimas. Esta regra foi adoptada contra possíveis erros dos guardas: chamar alguém pelo apelido numa cela indevida e assim nós ficarmos a saber quem está preso. Mas, mesmo separados e dispersos por toda a cadeia, nós não estamos privados de notícias entre as celas: ao darem entrada

mais presos, baralham-nos e cada um dos que são transferidos leva para a nova cela toda a experiência adquirida na anterior. Assim, estando no quarto andar, tudo sabemos das celas da cave e das boxes do primeiro andar, acerca da escuridão do segundo, onde se encontram agrupadas as mulheres, sobre a instalação de duas galerias do quinto e do número mais alto das celas do' quinto andar: cento e onze. Em frente da cela onde eu estava, encontrava-se o escritor de crianças Bondarine, que, até então, tinha estado no andar das mulheres, com um correspondente polaco, que, por sua vez, havia estado com o marechal--de-campo Von Paulus - e todos os pormenores sobre Paulus também nós os conhecíamos21.

" Von Paulus, general alemão, aprisionado na batalha de Estalinegrado. (N. dos T.)

Passado o período das chamadas para os interrogatórios, para aqueles

que ficavam na cela abria-se um longo e agradável dia, rico de possibilidades e não demasiado

obscurecido pelas obrigações. Estas podem caber-nos, mas duas vezes por mês, como, por exemplo, a de desinfectar as camas com uma lâmpada de soldar (na Lubianka, os fósforos são categoricamente proibidos, e para fumar um cigarro temos de ter a paciência de levantar o dedo diante do postigo, pedindo fogo ao guarda, mas, quanto às lâmpadas de soldar, não, confiam-nos-las tranquilamente). Também nos pode caber uma espécie de direito, mas que muito se parece com uma obrigação: uma vez por semana chamam-nos um por um ao corredor e ali, com uma máquina de cortar cabelo, por afiar, fazem-nos a barba. Outra obrigação é a de pôr a brilhar o soalho da cela. (Z. esquiva-se sempre a esse trabalho, que considera humilhante, como qualquer outro.) Fatigamo-nos muito, devido à fome, senão esta tarefa poderia inscrever-se talvez até entre os direitos, tão alegre e sadia ela é! Com os pés descalços, a escova de lustro para diante e o tronco para trás, e inversamente de trás para diante, não te preocupes com nada mais! O soalho fica a brilhar como um espelho! Uma prisão à Potemkine!

De resto, já não estamos tão apertados, como na nossa antiga cela sessenta e sete. Em meados de

Março, veio juntar-se-nos um sexto companheiro, e como aqui se desconhecem os beliches e não existe o costume de dormir no chão, mudaram-nos com toda a equipa, para a linda cela cinquenta e três. (Recomendo muito a quem nunca lá esteve que a visite!) Não é uma cela! É um palácio tranquilo, destinado a dormitório para viajantes célebres! A sociedade de seguros Rússia22, sem olhar a despesas de construção, levantou nesta ala um andar com cinco metros de altura. (Que belos beliches de quatro andares aí teria construído o chefe da contra-espionagem da frente, metendo lá, de forma garantida, uns cem homens!) E a janela! Al-çando-se sobre o parapeito, o guarda quase não chega ao postigo, e uma só das vidraças poderia servir de janela para todo um quarto. Apenas as folhas de aço, cravadas da mordaça, nos fazem recordar que não estamos num palácio.

De todas as maneiras, nos dias claros, por cima dessa mordaça, chega até nós, vindo do poço do pátio da Lubianka, e reflectido por qualquer vidraça do sexto ou do sétimo andar, um pálido raio de sol. Um verdadeiro

Esta sociedade adquiriu um pedaço de terra moscovita, propenso ao sangue: do outro lado da Rua Furkassovski, perto da casa de Rostoptchin, foi massacrado o inocente Vere-chaguin, em 1812, e em frente da Grande Lubianka vivia (e assassinava os seus servos) a criminosa Saltitchikha. {Por Moscovo, redacção de N. A. Gueinik e outros. Moscovo, Editora Sabachnikov, 1917, pág. 231.)

coelhinho23, este raio de sol, um ser vivo e querido! Acompanhamos carinhosamente o seu deslizar pela parede, cada passo seu está repleto de sentido, augura a aproximação do passeio, conta uma a uma as várias meias horas que faltam para o almoço, e antes de este chegar desaparece.

Desse modo, eis todas as nossas possibilidades: ir ao passeio!, ler um livro!, trocar impressões sobre o passado!, escutar e aprender!, discutir e educar-se! E, como recompensa, haverá ainda um almoço de dois pratos! Incrível!

Para os presos dos três primeiros andares da Lubianka, o passeio é desagradável: metem-nos num pequeno pátio inferior, húmido, no fundo de um

estreito poço entre os edifícios da cadeia. Pelo contrário, os presos do quarto e do quinto andares são levados para um ninho de águias, para um telhado do quinto andar. É verdade que o chão é de cimento, que as paredes são de betão, tendo a altura de três homens; e havendo junto delas um. guarda desarmado, bem como, de atalaia na torre, uma sentinela de arma automática, mas o ar é autêntico e autêntico é o céu! «Mãos atrás das costas! Em filas de dois! Não conversar! Não parar!» Só se esqueceram de proibir que se levante a cabeça! E tu, naturalmente, levanta-la. Aqui podes ver, já não o reflexo, já não a imagem indirecta, mas o próprio Sol! O próprio Sol, eternamente vivo! Ou o seu derramar dourado através das nuvens primaveris.

A Primavera promete a todos a felicidade, mas ao preso ainda dez vezes mais! Oh! O céu de Abril! Não importa que eu esteja na prisão! A mim, certamente, não me fuzilam. Em troca, hei-de tornar-me aqui mais inteligente! Hei-de compreender muita coisa, ó Céu! Corrigirei ainda os meus erros, não perante eles, mas perante ti, Céu! Aqui, dei-me conta deles e hei-de repará-los!

Chega até nós, como provindo de uma cova profunda e longínqua, da Praça Dzerjinski, o ininterrupto e abafado coro das buzinas dos automóveis. Para aqueles que marcham ao som dessas buzinas, elas devem parecer-lhes a trombeta do triunfo, mas daqui vê-se claramente a sua insignificância.

Vinte minutos apenas de passeio, mas quantas preocupações em torno dele, para quanta coisa há que buscar tempo!

Em primeiro lugar, é muito interessante, enquanto te levam para lá e te trazem de volta, compreender a disposição de toda a cadeia, ver para onde dão estes minúsculos pátios suspensos, a fim de que algum dia, quando estiveres em liberdade, possas atravessar a praça e saber onde passavas. No

23 Ambiguidade conotativa, que permite a Soljenitsine um jogo de significantes e de significados. Em russo, zaitcbik significa «raio de sol», enquanto o seu diminutivo, zaitcho-nok, significa «coelhinho... (N. dos T.)

caminho damos muitas voltas e eu invento este sistema: desde a cela, contar cada volta .para a direita como se fosse «mais um» e cada volta para a esquerda como se fosse «menos um». Por muito rapidamente que nos façam dar as voltas, não é necessário apressares-te a representar o percurso, bastando-te tempo para contar a totalidade. E se, pelo caminho, através de alguma janela da escada, apercebes o dorso das náiadas da Lubianka, que se encostam a pequenas torres com colunas, dominando a mesma praça, e te recordas do número de voltas, atingida nessa altura, podes depois, na cela, prientarte e saber para onde dá a vossa janela.

Em seguida, no passeio, é preciso simplesmente respirar, concentran-do-te o mais possível.

E também, nessa solidão sob a claridade do céu, imaginar a tua luminosa vida futura, sem pecados nem erros.

Mas é ainda aí, acima de tudo, o lugar mais propício para falar sobre temas pungentes. Embora no passeio seja proibido conversar, isso não importa, é necessário saber fazê-lo, precisamente porque aí

ninguém vos ouve; nem o galinha-choca, nem os microfones.

Durante o passeio, eu e Suzi procuramos formar um par. Falamos igualmente na cela, mas o mais importante gostamos de deixá-lo para o passeio. No primeiro dia, não coincidimos, mas, pouco a pouco, começamos a ajustar-nos, e ele já teve tempo de me dizer muitas coisas. Com ele, adquiro uma aptidão nova para mim: a de paciente e consequentemente, aceitar tudo aquilo que nunca figurou nos meus planos e que, aparentemente, não tinha relação alguma com a linha claramente traçada da minha vida. Desde a infância que eu sei, ignoro de onde, que o meu fim é a história da revolução russa e que o resto não me diz inteiramente respeito. Para a compreensão da revolução russa há muito tempo que de nada mais necessito, além do marxismo: todos os corpos estranhos que se pegaram a mim, cortei-os e voltei-lhes as costas. Mas o destino conduziu-me junto de Suzi, que evoluiu numa esfera absolutamente diferente. Agora, ele fala-me com entusiasmo de tudo o que é a sua vida, e esse tudo é a Estónia e a democracia. Apesar de antes nunca me ter passado pela cabeça interessar-me pela Estónia, e

ainda menos pela democracia burguesa, eu escuto-o, escuto os seus relatos apaixonados sobre os vinte anos de liberdade desse pequeno povo laborioso, pouco barulhento, de homens de grande estatura e de uma lentidão e seriedade naturais; escuto-o a expor-me os princípios da Constituição estoniana, inspirados na melhor experiência europela, e como ela funcionava no seu parlamento de uma só Câmara e composta de cem deputados; e sem saber porquê começo a gostar de tudo isso, tudo isso começa a sedimentar-se na minha experiência[24]. Ponho-me a penetrar, com interesse,

Depois, Suzi falará de mim nestes termos: «Era uma estranha mistura de marxista e Tiocrata.» Sim, estes dois aspectos uniram-se então em mim de forma extravagante.

na sua trágica história: entre dois grandes martelos, o teutóhico e o eslavo, está exposta, desde tempos imemoriais, a pequena bigorna estoniana. Sobre ela, ambos assestaram as suas pancadas, ora do oriente ora do ocidente, alternadamente, não se vendo um

fim para esta alternativa, como ainda não se vê hoje. É conhecida (ou melhor, completamente desconhecida...) a história de como nós quisemos tomá-la irreflectidamente de assalto em 1918, sem que ela o permitisse. Em seguida, Iudenitch desprezou os seus habitantes, como se fossem finlandeses, e nós tratámo-los como bandidos brancos. Quanto aos estudantes da Estónia, inscreveram-se como voluntários. Assestaram-lhe mais pancada em 1940, em 1941 e em 1944. Uma parte dos filhos desse povo foi apanhada pelo exército russo, a outra pelo exército alemão e a restante fugiu para o bosque. Os velhos intelectuais de Ta-lin discutiam como sair desse maldito círculo, afastar-se de qualquer maneira e viver uma vida própria: por suposição, ter Tiif como primeiro--ministro e como ministro da Educação Nacional, digamos, Suzi. Mas nem Churchill nem Roosevelt se preocuparam com eles e, em troca, obtiveram a solicitude do «tio Jo» (José). Mal as nossas tropas entraram no país, todos esses sonhadores foram apanhados na primeira noite, nos seus apartamentos de Talin. Agora, todos eles, uns quinze, se encontram na prisão moscovita da Lubianka, cada um em celas diferentes e acusados,

segundo o artigo 58, do criminoso desejo de autodeterminação.

O regresso do passeio à cela constitui sempre uma pequena detenção. Até na nossa cela de luxo o ar parecia pesado, depois do recreio. Ah, como seria bom petiscar algo! Mas não se pode, nem vale a pena pensar nisso! Ai deles, se alguns dos que recebiam pacotes de casa, sem qualquer tacto, se punham a mostrar a sua comida fora do tempo e começavam a comer. Tanto pior, isso far-nos-ia aguçar o nosso autodomínio! Ai dele, se o autor de um livro te faz uma partida e se põe a descrever pormenorizadamente o sabor da comida! Fora com esse livro! Fora com Gogol! Fora também com Tchekhov, fora! Há neles demasiada comida! «Não tinha fome, mas, de qualquer maneira, foi comendo (o filho da mãe!) uma porção de vitela e bebeu cerveja.» O que é preciso é uma leitura espiritual. Dostoievski, por exemplo, eis quem os presos devem ler! Mas, permitam-me, esta passagem é dele: «As crianças passavam fome, há já alguns dias que nada viam além de pão e linguiça.»

Mas a biblioteca é o ornato da Lubianka. É certo que a bibliotecária é algo repulsiva: uma rapariga loura,

tipo cavalona, que tudo faz para não parecer bonita, com o seu rosto tão empoado que parece a máscara de uma boneca imóvel, de lábios violáceos e de pestanas negras, depiladas. (A falar verdade, isso diz-lhe respeito a ela, mas ser-nos-ia mais agradável se nos aparecesse uma jovem vistosa. Talvez o chefe da Lubianka tivesse levado tudo isso em conta.) Mas que maravilha: cada dez dias, vindo buscar os livros, vai satisfazendo os nossos pedidos! Ela escuta, com essa mecanização inumana da Lubianka, sem se poder compreender se ouviu bem os nomes e

os títulos, ou mesmo as nossas palavras. Depois sai. Nós passamos várias horas entre a inquietação e a alegria. Durante esse tempo são folheados e verificados todos os livros que nos foram entregues: procura-se ver se deixámos picadas ou pontos debaixo das letras (é esse um processo de correspondência dentro da prisão), ou se assinalámos com a unha as passagens de que mais gostamos. Inquietamo-nos com isso, embora não sejamos culpados de nada. Eles podem vir e dizer que foram

descobertos pontos, e, como sempre, terão razão, como sempre não terão necessidade de provas e ficaremos privados, durante três meses, de livros, se é que não transferem toda a cela para os calabouços. E são estes os melhores e os mais radiosos meses prisionais, enquanto não nos enterram na cova de um campo de trabalho! Como é doloroso ter de passar sem livros! Nós não tememos apenas, estremecemos, tal como na adolescência ao mandar uma carta de amor e ao esperar a resposta. Virá ou não? E qual será?

Finalmente, trazem os livros, o que condicionará os dez dias que vão seguir-se: iremos intensificar mais a leitura ou, então, se não têm interesse, devolvemo-los, passando a falar mais. Trazer tantos livros quantas pessoas há na cela, é o cálculo de um cortador de pão e não de uma bibliotecária: não um para cada, mas seis para seis! As celas onde há muitos presos ficam a ganhar. x

Às vezes, a rapariga cumpre os nossos pedidos maravilhosamente! Mas outros desdenha-os e, contudo, isso torna-se interessante. Porque a própria biblioteca da Lubianka é única no género. Certamente que os livros provêm de bibliotecas particulares

apreendidas; os bibliófilos que os coleccionaram já entregaram a alma a Deus. Mas o principal é que, tendo censurado e castrado, em geral, durante décadas, as bibliotecas do país, a Segurança do Estado se esqueceu de o fazer no seu próprio seio: e, aqui, no seu covil, podia-se ler Zamiatin, Pilniak, Panteleimon Romanov e qualquer tomo de Merejkovski. (Alguns pilheriavam, dizendo: «Consideram-nos acabados e é por isso que nos dão a ler o que é proibido.» Eu penso que as bibliotecárias da Lubianka não tinham ideia do que nos emprestavam: tratava-se de preguiça e de ignorância.)

Nas horas que precedem as refeições, lê-se muito. Mas uma frase pode fazer-te saltar, correr da janela para a porta e da porta para a janela. Sentes desejo de mostrar a alguém o que leste, o que daí se depreende, e surge uma discussão. As discussões são também agudas, nesse tempo!

Frequentemente, enredávamo-nos em discussões com Yuri E.

Naquela manhã de Março, quando nos transferiram os cinco da cela ao palácio cinquenta e três, meteram

ali connosco um sexto preso. Ele entrou como uma sombra, sem tocar com as botas no chão. Entrou,

mas inseguro de poder suster-se de pé,e apoiou as costas contra a coluna da porta. Na cela já não estava acesa a lâmpada e a luz matinal era nebulosa; entretanto, o novato não olhava com os olhos abertos , semicerrava-os. E não dizia palavra.

O tecido do seu casaco militar e as suas calças não permitia incluí-lo nem no exército soviético, nem no alemão, nem no polaco, nem no inglês. A forma do seu rosto era alongada e pouco tinha de russo. E que magro estava! De tão esguio, parecia mais alto.

Fizeram-lhe perguntas em russo, mas não respondeu. Suzi interrogou-o em alemão: tão-pouco respondeu. Dirigiu-se em seguida a ele em inglês, e manteve-se calado. Gradualmente, no seu rosto amarelado e extenuado de semicadáver, foi despontando um sorriso, um sorriso como nunca tinha visto em toda a minha vida!

«Gen-te...», pronunciou, como se voltasse a si mesmo depois de um desmaio ou como se tivesse passado a noite à espera do fuzilamento. E estendeu a sua débil e esquálida mão. Nela segurava uma pequena trouxa. O nosso galinha-choca, que tinha já compreendido do que se tratava, apressou-se a agarrá-la e desatou-a sobre a mesa. Havia ali uns duzentos gramas de tabaco ligeiro, e ele enrolou logo um enorme cigarro para si.

Foi assim que apareceu entre nós Yuri Nikolaievitch E., depois de ter sido mantido durante três semanas numa enxovia da cave."

Durante o período dos incidentes nos caminhos de ferro da China Oriental, em 1929, cantava-se em todo o país a canção:

Varrendo com o seu peito de aço os inimigos A vinte e sete monta a guarda.

O comandante de artilharia da divisão vinte e sete de atiradores, constituída ainda no tempo da guerra civil, era o oficial do antigo exército czarista, Nikolai E. (eu recordava-me deste apelido; tinha-o visto entre os autores do nosso manual de artilharia). Num vagão de mercadorias, afecto ao transporte de passageiros,

ele percorria, com a sua inseparável esposa, o Volga e o Ural, ora para leste, ora para oeste. Nesse vagão passou os seus primeiros anos, e, igualmente, o seu filho Yuri, nascido em 1917, contemporâneo da Revolução.

Desde essa época longínqua o seu pai radicou-se na Academia de Leninegrado, onde vivia desafogadamente e como personalidade importante, tendo o seu filho terminado a escola de quadros de comando. Durante a guerra russo-finlandesa, quando Yuri ardia no desejo de lutar pela pátria, os amigos do pai enviaram-no, como ajudante, para o Estado-Maior do Exército. Yuri não teve ocasião de arrastar-se até às fortificações finlandesas, nem de cair no cerco da contra-espionagem, nem de enregelar-se na neve, sob as balas dos francos-atiradores. Mas a Ordem da Bandeira Vermelha - não qualquer outra! - veio-lhe cair delicadamente no peito. Assim,

terminou a guerra finlandesa com a consciência de nela haver tido um comportamento justo e útil.

Mas a guerra seguinte não a pôde passar tão bem. A bateria que estava sob o seu comando viu-se cercada na zona de Luga. Andaram à deriva, caçaram-nos e aprisionaram-nos. Yuri foi parar ao campo de concentração alemão dos oficiais na zona de Vilnius.

Na vida de cada um há sempre um acontecimento que se torna decisivo para o seu destino, para as suas convicções e as suas paixões. Os dois anos que passou nesse campo abalaram Yuri. O que era tal campo, não seria possível exprimi-lo com simples palavras, nem analisá-lo com silogismos: haveria que morrer lá e só quem não morria era capaz de tirar conclusões. Quem podia sobreviver eram os impedidos, polícias internos do campo, recrutados entre os nossos. Como se compreende, Yuri não se tornou impedido. Podiam sobreviver ainda os cozinheiros e também os intérpretes: esses eram procurados. Ele, que dominava perfeitamente o alemão, ocultou tal facto. Viu logo que, enquanto intérprete, teria de entregar os seus. Podia demorar a sua morte abrindo covas, mas havia outros mais fortes e mais habilidosos do que ele. Yuri declarou que era pintor. Efectivamente, no âmbito da sua educação multiforme, recebera lições de pintura, e

não pintava mal a óleo. Só o desejo de seguir a carreira do pai, de que sentia orgulho, o impediu de frequentar a Escola de Belas-Artes.

Juntamente com um velho pintor (lamento não recordar-me do seu nome) levaram-no para uma cabina isolada numa barraca, e, ali, Yuri pintava de graça para os comandantes alemães uma série de quadros: o banquete de Nero, um coro de elfos. Em troca, levavam-lhe comida. Aquela beberagem, pela qual os oficiais prisioneiros faziam bicha, com as suas marmitas, às seis da manhã, enquanto os impedidos lhes batiam com paus e os cozinheiros com seus colherões. Beberagem essa que era insuficiente para manter um homem vivo. Pelas tardes, Yuri, da janela da cabina, visualizava o único quadro, para o qual lhe dera vocação a arte do pincel: a névoa pairando sobre o prado junto do pântano, o prado cercado de arame farpado, com um sem-número de fogueiras ardendo, e, à volta das fogueiras, o que restava dos antigos oficiais russos: seres agora semelhantes a feras, roendo os ossos de cavalos mortos, fazendo bolachas de cascas de batata, rumando esterco e remexendo-se todos devido aos piolhos. Nem todos esses bípedes tinham ainda morrido. Nem todos haviam perdido

ainda o dom do discurso coerente e, sob os reflexos purpúreos das chamas, via-se como uma inteligência tardia despontava naqueles rostos que remontavam ao Homem de Neanderthal.

A boca tornava-se-lhe amarga! A vida que Yuri conservava já nem lhe a querida em si mesma. Ele não é daqueles que aceitam facilmente esquecer. Não, há-de sobreviver e tirar conclusões.

Ja todos eles sabem que a questão não depende dos alemães, ou apenas e alemães, e que entre os prisioneiros de numerosas nacionalidades só os

soviéticos vivem e morrem assim, ninguém está em pior situação. Os polacos e os jugoslavos, inclusive, são tratados de modo muito insuportável. Quanto aos ingleses e aos noruegueses, estão inundados de pacotes da Cruz Vermelha Internacional, e enviados pela família, não indo simplesmente receber o racionamento alemão. Se os acampamentos ficam ao lado uns dos outros, os aliados, por bondade, arremessam-nos esmolas através do arame farpado, e os nossos lançam-se-lhes como sete cães a um osso.

São os russos que suportam toda a guerra; são os russos que têm esse destino. Porquê?

Daqui e dali vão chegando as explicações: a U.R.S.S. não reconhece a Convenção da Haia sobre os prisioneiros, assinada pela Rússia, isto é, não assume nenhumas obrigações quanto ao tratamento dos prisioneiros e não pretende defender os seus que caíram no cativeiro25. A U.R.S.S. não reconhece a Cruz Vermelha Internacional. A U.R.S.S. não reconhece os seus soldados de ontem: não lhe convém prestar-lhes ajuda no cativeiro.

O coração do nosso entusiasta contemporâneo da Revolução de Outubro gela-se. Ali, na cabina da barraca, entra em conflito e discute com o velho pintor (até então, Yuri tinha dificuldade em admitir aquilo, mas o velho ia pondo a verdade a nu, camada após camada). O quê? Staline? Não será exagerado atribuir tudo a Staline, às suas mãos tão curtas? Todo aquele que só tira metade das conclusões não tira, geralmente, conclusões algumas. E os outros? Os que cercavam Staline, os que planavam mais abaixo, e os que, distribuídos por toda a pátria, tinham permissão de falar em seu nome?

E como se há-de reagir com justiça quando a nossa mãe nos vendeu aos ciganos, ou, pior ainda, nos atirou aos cães? Acaso continua a ser mãe? Se a nossa mulher anda a correr as ruas, acaso estamos ligados ainda a ela por fidelidade? A pátria que traiu os seus soldados é porventura uma pátria?

...Como tudo se transformou para Yuri! Ele admirava o pai - e passou a amaldiçoá-lo! Pela primeira vez, pensou que ele tinha traído, na realidade, o juramento do exército em que se criara, e isso para estabelecer este mesmo regime, que traía agora os seus próprios soldados. E porque é que o juramento de Yuri o devia vincular a um regime assim traidor?

Quando, na Primavera de 1943, chegaram ao campo os recrutadores das primeiras «legiões» bielorrussas, um ou outro alistou-se para se salvar da fome. Mas E. fê-lo com firmeza e lucidez. Não se demorou muito tempo na legião: quando te arrancam a pele, não tens de chorar pela lã. Yuri dei-

25 Só em 1955 reconhecemos esta convenção. De resto, já em 1915, Melgunov nota no seu diário que corre o BOATO de que a U.R.S.S. não permite que se preste ajuda aos seus soldados prisioneiros na

Alemanha, e de que eles vivem pior que os de todos os aliados. Isso para que não haja BOATOS sobre a boa vida dos prisioneiros e estes não se entreguem tão gostosamente. Há certa continuidade de ideias. (S. P. Melgunov, Recordações e Diários, vol. I, Paris, 1964, páginas 199 e 203.)

xou de ocultar o seu conhecimento da língua germânica, e logo um certo CHEFE alemão, dos arredores de Kassen, que tinha sido designado para criar uma escola de espiões de formação acelerada, o recrutou como seu braço direito. Assim, começou um deslize que Yuri não tinha previsto, assim se foi operando uma mudança. Ele ardia no desejo de libertar a sua pátria e puseram-no a preparar espiões alemães para combater os seus. Onde estava o limite?... A partir de que momento se não pode ir demasiado longe? Yuri passou a ser tenente do exército alemão. Com a farda alemã, ele percorria toda a Alemanha, ia a Berlim, visitava os emigrados russos, lia os livros que dantes não lhe eram acessíveis: Bunine, Nabokov, Aldanov, Amfi-teatrov...

Yur esperava que em todos eles, em Bunine por exemplo, brotasse a cada página o sangue das feridas vivas da Rússia. Mas o que é que sucedia? Em que delapidavam eles a sua inapreciável liberdade? Uma vez mais a descrever o corpo feminino, a explosão das paixões, o pôr do Sol, a beleza das cabeças nobres, bem como a contar anedotas estafadas dos anos longínquos. Eles escreviam como se nenhuma revolução se tivesse verificado na Rússia ou como se fosse já demasiado inacessível a eles explicá-la. Deixavam aos jovens o cuidado de se orientar na vida. Assim se agitava Yuri: tinha ânsia de ver, de conhecer e, entretanto, segundo a tradição russa, afogava cada vez mais a sua confusão na vodca.

O que era aquela escola de espionagem? Nada tinha de uma escola verdadeira, naturalmente. Em seis meses só lhes puderam ensinar a dominar o pára-quedas, a fazer uso de explosivos e a transmitir mensagens pela rádio. Não confiavam muito neles, porém. Lançavam-nos a pretexto de insuflar ânimo. Mas para os moribundos prisioneiros de guerra russos, abandonados, sem esperança, essas escolazinhas, na opinião de Yuri, eram uma boa saída: os rapazes comiam, vestiam roupas de abafo

novas, e, ainda por cima, recheavam as algibeiras de dinheiro soviético. Tanto os alunos como os professores fingiam que tudo se passaria como previsto: que na retaguarda soviética fariam espionagem, dinamitariam os objectivos designados, estabeleceriam ligações pelo código da rádio e regressariam outra vez. No entanto, através dessa escola, eles queriam simplesmente escapar à morte e ao cativeiro, desejando ficar vivos, mas não ao preço de dispararem contra os seus na frente26. Faziam-nos passar a linha da frente, e, logo adiante, a liberdade de escolha dependia do seu carácter e da sua consciência. Imediatamente todos abandonavam os explosivos e a rádio. A diferença consistia apenas nisto: uns entregavam-se sem mais às autoridades (co-

26 Naturalmente, os nossos investigadores não admitiam tais razões. Que direito tinham eles de viver, quando as famílias dos privilegiados, na retaguarda soviética, mesmo sem isso, viviam bem? Não se lhes reconheceu nenhuma atenuante pelo facto de se recusarem a Pegar na carabina alemã. Devido ao seu falso jogo de espionagem aplicaram-lhes o grave artigo 5X-6, com a agravante da intenção

de sabotagem. Isto significava guardá-los na cadeia até a morte.

mo este «espião» de nariz chato, encontrado no serviço de contra--espionagem do exército), outros iam para a farra com o dinheiro. Nunca nenhum deles voltou atrás, através da frente, a entregar-se novamente aos alemães. *

Mas um belo dia, em 1945, um rapaz vivaço regressou, informando de que'tinha realizado a tarefa (ide lá verificá-lo!). Era um facto invulgar. O chefe não teve dúvidas de que ele tinha sido enviado pela contra-espio-nagem Smerch e decidiu fuzilá-lo (é esse o destino de um espião escrupuloso!). Mas Yuri insistiu em que, pelo contrário, era necessário condecorá-lo e apresentá-lo aos alunos. Ora o espião acabado de regressar propôs a Yuri que fossem beber uns copos e, todo corado, inclinando-se para a mesa, se-gredou-lhe: «Yuri Nikolaievitch! O comando soviético promete-lhe o perdão se você se passar agora connosco.»

Yuri estremeceu. O seu coração, já endurecido, que a tudo tinha renunciado, encheu-se de calor. A pátria?

Era maldita, injusta, mas, de todas as maneiras, querida! Concediam-lhe o perdão?... E poderia regressar à família? E passear por Kamennostrov? Pois bem, realmente somos russos! Se nos perdoam, voltaremos e hão-de ver como ainda seremos bons cidadãos! ... Esse ano e meio passados, desde que saíra do campo, não proporcionara a felicidade a Yuri. Ele não se arrependia, mas não via nenhum futuro diante dele. Reunindo-se a beber vodca com outros russos, tão falhos de arrependimento como ele, sentiam todos, claramente, que lhes faltava um ponto de apoio, que, de todas as maneiras, a vida deles era falsa. Os alemães manejavam-nos à sua maneira. Agora que a guerra estava claramente perdida para eles, tinha aparecido a Yuri uma saída: o chefe gostava dele e disse-lhe que possuía uma propriedade na Espanha, para onde, logo que o império ardesse, eles se escapariam os dois. E eis que, sentado diante dele, estava um compatriota embriagado e,arriscando a vida ele próprio, o tentava através da mesa: «Yuri Nikolaievitch?, o comando soviético aprecia a sua experiência e os seus conhecimentos e quer utilizá-los para conhecer a organização da contra-espionagem alemã...»

As vacilações roeram E. durante duas semanas. Mas, quando depois da ofensiva soviética para lá do Vístula, devia transferir a sua escola para o interior, ele ordenou que dessem a volta por uma tranquila granja polaca, mandou formar os alunos da escola e declarou: «Eu passo-me para o lado soviético! Cada um é livre de escolher!» E esses inexperientes aprendizes de espiões, ainda com leite no nariz, que uma hora antes eram leais ao reich alemão, bradaram entusiasmados: «Hurra! Também nó... ó... ós!» (Eles vitoriavam os seus futuros trabalhos forçados...)

Então, a sua escola de espionagem ocultou-se até à chegada dos tanques soviéticos e depois veio a contra-espionagem Smerch. Yuri já não voltou a ver os seus rapazes. Isolaram-no durante dez dias e obrigaram-no a descrever toda a história da escola, os programas, as tarefas diversionistas. Ele pensava realmente que a sua «experiência e conhecimentos»... Estava-

-se mesmo a discutir o problema da sua ida a casa, para visitar a família. E só na Lubianka ele

compreendeu que, mesmo em Salamanca, estaria mais perto do rio Neva... Podia ficar a aguardar o fuzilamento, ou então uma sentença de vinte anos.

A esfumada imagem da terra pátria faz com que uma pessoa se deixe enganar irremediavelmente... Assim como um dente não cessa de doer, enquanto não se matar o seu nervo, também nós, evidentemente, não deixamos de sentir o apelo da pátria até ao dia em que engolimos o arsénico. Os lotófagos da Odisseia conheciam certa flor de lótus, apropriada para isso...

Yuri esteve três semanas na nossa cela. Durante todo esse tempo discutimos com ele. Eu dizia que a nossa Revolução era magnífica e justa e que apenas tinha sido horrível a sua deformação em 1929. Ele olhava-me com pena e mordia os seus lábios nervosos: antes de empreender a Revolução devia-se ter limpo o país dos percevejos! (Nisto havia estranhamente uma certa coincidência com Fastenko, embora procedessem de pontos de partida diferentes.) Eu dizia que durante longo tempo só pessoas de intenções sublimes e de todo em todo abnegadas tinham dirigido as questões importantes no nosso país. Ele afirmava que eram da mesma têmpera de Staline, logo desde o começo. (Sobre o facto de que Staline era um bandido, não

divergíamos.) Eu tinha uma grande estima por Gorki. Que espírito tão lúcido! Que concepções tão justas! Que notável artista! Ele interrompia-me: era uma personalidade insignificante e aborrecida! Fabricou a sua própria personagem da mesma forma que inventou os seus heróis. Todos os seus livros são fabricados do princípio ao fim, até à medula. Leão Tolstoi, esse sim, é o rei da nossa literatura!

Por causa destas discussões diárias, acaloradas devido à nossa juventude, não soubemos aproximar-nos e observar-nos mais, em vez de nos negarmos um ao outro.

Levaram-no da cela e, desde então, por mais que tenha perguntado, ninguém me soube dar notícias dele na cadeia de Butirki e ninguém o encontrou nos cárceres de trânsito. Até os soldados rasos de Vlassov desapareceram sem deixar vestígios (o que é mais certo da terra), fora aqueles que não possuem documentos para sair dos recônditos cantos do Norte. O destino de Yuri E. não era o de um soldado raso.

Finalmente, chegou a comida da prisão. Muito antes, ouvíamos o alegre tilintar no corredor, depois traziam-nos, no estilo de restaurante, uma travessa

para cada um, com dois pratos de alumínio (não havia tigelas): uma colherada de sopa e outra de papas aguadas e sem gordura.

Durante as primeiras emoções, ao acusado nada lhe entra pela gargan-

ta. Alguns, durante dias, não tocam no pão e não sabem onde metê-lo. Mas o apetite, gradualmente, vai regressando, e depois a sensação de fome permanente conduz à avidez. Com o tempo, se a gente consegue moderar-se, adapta-se à frugalidade, e a pouca alimentação que aqui nos dão consegue chegar à justa. Para isso é necessária uma auto-educação que faça perder o hábito de olhar de soslaio para quem come algo mais e consiga pôr de parte as conversas, repletas de perigo, sobre a comida, elevando-se o mais possível às altas esferas. Na Lubianka isto é facilitado pela licença de estar deitado duas horas depois do almoço, o que é ainda algo que lembra a maravilha de uma casa de repouso. Deitamo-nos de costas voltadas para a fenda da porta, abrimos um livro para disfarçar e dormitamos. Propriamente

falando é proibido dormir, e os guardas espreitam com insistência para ver se voltamos as folhas do livro, mas, habitualmente a estas horas não costumam tocar à porta. (A explicação deste humanitarismo reside no facto de que aqueles que estão proibidos de descansar se encontram nessa altura no interrogatório diurno. Para os teimosos que não assinam os autos e não reconhecem as culpas, o contraste é maior: quando regressam já está a acabar a hora de descanso.)

, O sono é o melhor remédio contra a fome e contra a depressão: o organismo não se desgasta e o cérebro não faz passar e repassar os erros cometidos.

Entretanto, chega a hora do jantar: mais outra colherada de papas. A vida apressa-se a oferecer-te todos os seus dons.

Agora faltam cinco a seis horas e até ao aviso do silêncio nada levas à boca, mas isso já não é tão terrível: é fácil acostumar-se a não desejar comer de noite - processo desde há muito conhecido pela medicina militar: nos regimentos de reserva também não dão de comer à noite.

Então aproxima-se a hora de ir à latrina, pela qual é provável que tenhas esperado e estremecido todo o dia. Que aliviada fica de repente toda a gente! Como de súbito se simplificam todos os grandes problemas. Já notaram isso, não é verdade?

Ah! As noites imponderáveis da Lubianka! (Contudo, imponderáveis somente se não te aguarda o interrogatório nocturno...) É como se o corpo não tivesse peso, satisfeito com as papas, na exacta medida que permite à alma deixar de sentir a sua opressão. Que leves e livres pensamentos! Parece que nos elevamos até às alturas do Sinai, e que ali, por entre as chamas, nos surge a aparição da verdade. Sim, devia ser com isto que sonhava Puschkhine:

Quero viver, para pensar e sofrer!

E nós sofremos e pensamos, mas nada mais há na nossa vida. Que fácil se tornou atingir esse ideal...

Naturalmente, discutimos ao longo das noites, distraindo-nos da parti-

da de xadrez com Suzí e dos livros. Entramos de novo mais fogosamente em choque com E., pois os problemas são mais explosivos, por exemplo: a questão do fim da guerra. E eis que o guarda entra na cela, sem palavras e sem expressão, baixando o estore azul de camuflagem da janela. Agora, por detrás do estore, a Moscovo nocturna começa a disparar salvas de artilharia27. Não vemos o fogo no céu, como não vemos o mapa da Europa, mas tentamos imaginá-lo nos seus pormenores, adivinhando quais as cidades tomadas. Yuri, particularmente, fica fulo com essas salvas. Invocando o destino para corrigir os erros por si cometidos, ele afirma que a guerra não acaba de modo algum, que é agora que o Exército Vermelho e os an-gio-americanos vão atirar-se uns contra os outros, e, só então, começará a verdadeira guerra. A cela manifesta um ávido interesse por esse presságio. E como terminará? Yuri assegura que com uma ligeira derrota do Exército Vermelho (e portanto com a nossa libertação ou o nosso fuzilamento). Aqui, eu protesto e discutimos furiosamente. Os seus argumentos consistem em que o nosso exército está deveras extenuado, debilitado, mal abastecido sobretudo, e que contra os aliados já não combaterá com tal firmeza. Pelo exemplo das unidades que

conheço, eu afirmo que o exército não se encontra tão extenuado como isso, que acumulou experiência e que actualmente está repleto de força e de fúria, indo nessa hipótese despedaçar os aliados com mais limpeza ainda do que aos alemães. «Nunca!», grita ^mas em tom de murmúrio) Yuri. «E as Ardenas?», grito eu (também semi-murmurando). Fastenko intervém, ridicularizando-nos, dizendo que não compreendemos o Ocidente, que não há quem obrigue agora as tropas aliadas a lutar contra nós.

E todavia, pela noite, sentimos menos desejo de discutir do que de ouvir algo de interessante e até de conciliador, falando todos cordatamente. Um dos temas preferidos na prisão é a conversa sobre as tradições carcerárias, sobre como eram as coisas antes.

Fastenko encontra-se entre nós e por isso ouvimos esses relatos de prineira fonte. O que mais nos comove é que dantes, ser preso político era um motivo de orgulho. Não somente as famílias não renegavam o preso, como -unhem muitas jovens desconhecidas, fazendo-se passar por noivas, conseguiam fazer-lhes visitas. E a velha e universal tradição do envio de embrulhos nas festas? Ninguém na Rússia começava

a festejar a Páscoa sem levar pacotes a presos desconhecidos, destinados ao comum cabaz prisional, dam presuntos de Natal, pastéis de massa, empadões, folares. Qualquer pobre velhota levava uma dezena de ovos pintados, partindo com o coração mais aliviado. Onde desapareceu esta bondade russa? Foi substituída Pela consciência política. Que transformação brusca e irrevogável aterrorizou assim o nosso povo, ao ponto de o desabituar de manifestar o seu desvelo

estas salvas destinavam-se a comemorar as vitórias do exército soviético, sendo por vezes acompanhadas de fogo-dc-artifício. f,\. 1/05 T.;

velo pelos que sofrem? Agora isso seria considerado como algo de desvairado. Que se tente propor em qualquer instituição uma angariação de fundos para a festa os presos da cadeia local! Isso será tomado quase como uma insurreição anti-soviética! Até que grau chegou a nossa ferocidade! /"

E que representavam esses presentes festivos para os presos? Assiso só uma comida saborosa? Não. Eles

traduziam o cálido sentimento de que os que estavam em liberdade pensavam e se preocupavam contigo.

Fastenko conta-nos que mesmo durante o poder soviético existiu a Cruz Vermelha Política. Já não digo que seja impossível para nós acreditar nisso, mas torna-se-nos difícil imaginá-lo. Ele explica-nos que E. P. Pechko-va28, utilizando a sua imunidade pessoal, viajava no estrangeiro, angariava dinheiro (no nosso país não poderia angariar muito), sendo depois comprados aqui artigos para os presos políticos que não tinham família. Para todos os políticos? Aqui cumpria esclarecer: não, não para os contra--revolucionários (por exemplo, os engenheiros, os religiosos), mas só para os antigos membros de partidos políticos. Ah!, bom!, era preciso tê-lo dito! ... Mas, de resto, a própria Cruz Vermelha, à excepção de E. P. Pechko-va, foi no essencial encarcerada...

Outro tema de que é agradável falar pela noite, quando não se está à espera de um interrogatório, é a libertação. Sim, diz-se que se verificam casos surpreendentes quando alguém é libertado. Levaram da nossa cela, Z. «com os seus objectos pessoais». Teria ele ficado de um momento para o outro em liberdade? A formação do processo não podia

terminar tão depressa. (Dez dias depois, ei-lo que regressa: levaram-no para Lefortovo. Aí, pelos vistos, ele começou rapidamente a assinar e trouxeram-no outra vez para aqui.) «Se acaso te puserem em liberdade, escuta, o teu caso, tu mesmo o dizes, é uma bagatela — então promete-me que irás ver a minha mulher e como prova disso ela que me mande num pacote, digamos, duas maçãs...» - «Agora não há maçãs em parte alguma.» - «Então, três biscoitos.» — «Pode suceder que não haja biscoitos em Moscovo.» — «Bom, então servem quatro batatas.» (Facto extraordinário e admirável: levaram efectivamente N. e, como fora combinado, M. recebeu quatro batatas! Isso prova que foi libertado. Ora o seu caso é muito mais sério do que o meu, pode ser que também me soltem depressa... Mas aconteceu simplesmente que a mulher de M. deixou cair a quinta batata da bolsa, enquanto N. já se encontra no porão do barco que segue rumo a Kolima.)

Assim vamos conversando sobre toda a espécie de coisas, recordamos casos divertidos, e tu sentes-te bem e alegre entre pessoas interessantes que não faziam parte da tua vida, que não faziam parte do teu círculo de preocupações. E, entretanto, já a silenciosa

ronda nocturna passou: levaram os óculos e a lâmpada deu sinal três vezes. Isso significa que dentro de cinco minutos tocará a silêncio!

Primeira mulher de Gorki. (N. dos T.)

Depressa, depressa, agarremos a manta! Assim como na frente não abes se uma rajada de projécteis se vai abater sobre ti, de um minuto para outro, não podemos saber também aqui qual é a tua noite fatal de interrogatório. Deitamo-nos, pomos um braço por cima da manta e esforçamo--nos por afugentar os pensamentos da cabeça. Dormir!

Foi num momento assim, de uma noite de Abril, pouco depois de nos termos despedido de E., que se ouviu o ruído da fechadura. Os corações oprimiram-se: quem irão levar? Agora o guarda vai lançar: «Quem começa por S!, quem começa por Z!» Mas o guarda não abriu a boca. A porta des-cerrou-se. Levantámos a cabeça. A entrada estava um novato: magrinho, jovem, com fato azul e um boné azul-escuro. Nada trazia consigo. Olhava, confuso, à sua volta.

- Qual é o número desta cela? - perguntou inquieto.

- Cinquenta e três. Ele estremeceu.

- Vens da rua? - perguntámos-lhe.

- Não... — abanou com ar sofredor a cabeça.

- Quando foste preso?

- Ontem de manhã.

Rimos às gargalhadas. Ele tinha um rosto simplório, suave, com as pestanas quase brancas.

- E porquê?

(É uma pergunta pouco honesta, de que não há que esperar resposta.)

- Não sei... Uma ninharia...

Todos respondem assim, todos estão presos devido a qualquer ninharia. E sobretudo ninharia para o próprio acusado.

- Mas, no entanto?...

- Escrevi um apelo. Ao povo russo.

- O quê-ê-ê??? («Ninharias» dessas ainda não tínhamos encontrado!)

- Irão fuzilar-me? - perguntou ele, alongando o rosto. E apertava entre as mãos a pala do boné, que tinha tirado.

- Não, provavelmente não - tranquilizámo-lo. - Agora não fuzilam ninguém. Apanharás uns DEZ ANOS, pela certa.

- E operário? Empregado? - perguntou o social-democrata, fiel ao princípio de classe.

- Operário.

Fastenko estendeu a mão e, solenemente, disse, voltando-se para mim:

- Aí tem, A. I., o estado de espírito da classe operária!

E voltou-se para o outro lado, disposto a dormir, supondo que não era necessário ir mais longe nem havia mais que escutar. Mas enganou-se:

- Como isso, um apelo, assim sem mais nem mais? Em nome de quem?

- Em meu nome próprio.

- Mas quem é. você?

O novato sorriu-se, como se se sentisse culpado:

- O imperador Mikhail.

Uma faísca saltou entre nós. Levantámo-nos, ainda nas camas, e olhámos para ele. O seu rosto magro e tímido não tinha qualquer parecença com o rosto de Mikhail Romanov. Nem a idade...

- Amanhã, amanhã, agora há que dormir! - disse severamente Suzi. Dormimos, gozando antecipadamente a certeza de que as duas primeiras horas da manhã, antes da distribuição do pão, não iam ser aborrecidas.

Trouxeram também ao «imperador» uma cama, um colchão, e ele deitou-se em silêncio, perto do balde da latrina.

Em 1916 entrou em casa de Bielov, maquinista de locomotivas em Moscovo, um velho corpulento e desconhecido, de barba ruiva, e dirigiu-se à devota esposa: «Pelágia! Tu tens um filho de um ano. Guarda-o para Deus. Quando soar a hora, voltarei de novo». E saiu.

Quem fosse esse velho, Pelágia não o sabia, mas ele falou de forma tão clara e ameaçadora que as suas palavras venceram o coração maternal. E cuidou dessa criança mais do que à menina dos seus olhos. Victor cresceu sossegado, obediente, devoto, tendo frequentemente visões de anjos e da Virgem. Depois, estas tornaram-se mais espaçadas. O velho não voltou a aparecer. Victor aprendeu a profissão de motorista; em 1936 assentou praça no exército e levaram-no para Birobidjã, onde serviu numa companhia motorizada de transportes. Não era muito desembaraçado, mas, talvez devido à sua doçura e suavidade, tão impróprias de um motorista, encantou uma das raparigas recrutadas para o trabalho e atravessou-se no caminho do seu chefe de secção, que lhe arrastava a asa. Nesse período de manobras chegou ali o marechal Bliukher e o condutor deste adoeceu gravemente. Bliukher Ordenou ao comandante da companhia que lhe enviasse o seu melhor motorista;.o comandante chamou o chefe da secção, que logo pensou em mandar ao marechal o seu rival Bielov. (No exército sucede frequentemente assim: é promovido não aquele que o merece mas aquele de quem se querem livrar.) Além disso, Bielov

não era bebedor, sendo cumpridor no trabalho, e não o deixaria ficar mal.

Bliukher gostou de Bielov e ficou com ele. Bem depressa, invocando-se qualquer razão plausível, Bliukher foi chamado a Moscovo (desse modo, antes de proceder à sua detenção, separaram o marechal do Extremo Oriente, que lhe era fiel) e levou consigo Bielov. Depois de ter perdido o seu superior, ele ficou na garagem do Kremlin, começando a conduzir ora Mikhailov (dirigente do Komsomol), ora Lozovski e alguns outros e, finalmente, Kruchtchev. Foi então que Bielov pôde observar muitas coisas:

banquetes, costumes, medidas de segurança (de que nos contou pormenores). Como representante do simples proletariado moscovita, Bielov assistiu então ao processo contra Bukharine, que teve lugar na Casa dos Sindicatos. Entre todos os seus patrões apenas se referiu com calor a Kruchtchev, pois só em sua casa o motorista se sentava à mesa da família e não separadamente, na cozinha; nesses anos, só aí se conservava ainda a simplicidade operária. O alegre

Kruchtchev também votou simpatia a Victor Alekseievitch Bielov e, ao fazer uma viagem, em 1938, à Ucrânia, convidou-o com insistência a ir com ele. «Não teria deixado Kruchtchev em toda a minha vida», dizia Victor Alekseievitch. Mas algo o reteve em Moscovo. Em 1941, pouco antes do começo da guerra, teve pausa no seu trabalho na garagem do Governo e, sem a sua protecção, foi mobilizado imediatamente pelo Comissariado da Guerra. Entretanto, pela sua pouca saúde, não o mandaram para a frente de batalha, mas para um batalhão de trabalho: primeiro enviaram-no a pé a Inza, depois puseram-no a abrir trincheiras e a construir caminhos. Depois da vida descuidada e farta que tinha levado nos últimos anos isso foi para ele um golpe doloroso, como se lhe fizessem dar com o focinho em terra. Passou muitas necessidades e amarguras e observou, olhando à sua volta, que o povo não só não havia passado a viver melhor do que antes da guerra, como tinha mesmo empobrecido. Esteve quase à morte, conseguiu livrar-se como doente, e regressou a Moscovo, onde novamente se empregou: passou a ser o motorista de Cherbakov29 e, a seguir, do comissário do povo para a indústria petrolífera, Sedin. Mas Sedin fez um desfalque (trinta

e cinco milhões, nem mais nem menos) e afastaram-no em silêncio desse cargo. Bielov, sem saber porquê, ficou novamente sem trabalho junto dos chefes. Empregou-se como condutor de uma empresa de transportes e nas horas de folga fazia trabalho negro conduzindo passageiros a Krasnaia Pakhrá (bairro moscovita).

Mas os seus pensamentos já estavam fixos noutra coisa. Em 1943, estando em casa da mãe, que tinha ido lavar e buscar água à fonte com os baldes, abriu-se de repente a porta e entrou um velho corpulento e desconhecido, com a barba branca. Benzeu-se diante do ícone, olhou com ar severo para Bielov e disse-lhe: «Saúde, Mikhail! Que Deus te abençoe!» -«Eu chamo-me Victor», respondeu Bielov. «Mas passarás a ser Mikhail, imperador da Santa Rússia!», insistiu o velho. Nisto entrou a mãe e ficou paralisada de pavor, derramando a água dos baldes: era o mesmo velho que viera vinte e sete anos antes, encanecido, mas ele mesmo. «Que Deus te guarde, Pelágia, soubeste conservar o teu filho», acrescentou o velho. E chamou de parte o futuro imperador, como um patriarca que o instalasse já

Ele relatava que o obeso Cherbakov, quando chegava ao Secretariado da Informação, não gostava de ver gente, e assim, das dependências pelas quais devia passar, todos os colaboradores se sumiam. Resfolegando, devido à sua gordura, ele punha-se de gatas e dava a volta ao tapete. Desgraçado de todo o secretariado se ali descobrisse pó.

no trono. Fez então saber ao emocionado jovem que, em 1953, haveria uma mudança de Poder e ele seria o imperador de toda a Rússia30 (eis a razão por que o número 53 da cela tanto o assombrou!), tendo para isso, a partir do ano de 1948, a começar a reunir as suas forças. O velho não lhe ensinou como o fazer e saiu. Victor Alekseievitch não tivera tempo de lho perguntar.

Agora tinha perdido para sempre a tranquilidade e a simplicidade da vida! Talvez que outro qualquer tivesse retrocedido perante uma ideia fora das suas possibilidades, mas Victor, precisamente, que tivera ocasião de acercar-se das personagens mais altas, que vira de perto os Mikhailov, os Cherbakov, os

Sedin, que escutara o que contavam outros motoristas, tinha ficado convencido de que nada havia neles de extraordinária antes pelo contrário.

O czar novamente ungido, doce, avisado, sensível como Fiodor Ioannovitch, o último dos Riurik, sentiu sobre si o peso do chapéu de mo-nomakha31. A miséria e a dor do povo que via à sua volta, pelas quais até ao momento não se sentia culpado, começavam a pesar agora sobre os seus ombros e seria ele o responsável se elas se prolongassem. Pareceu-lhe estranho ter de esperar até 1948, e logo no Outono desse mesmo ano de 1943 escreveu o seu primeiro manifesto dirigido ao povo russo, que leu a quatro operários da garagem do Comissariado do Petróleo...

...Logo pela manhã rodeámos Victor Alekseievitch, que nos contou tudo isto resumidamente. Nós ainda não tínhamos percebido a sua simplicidade infantil, estávamos absorvidos pelo seu invulgar relato e - a culpa foi nossa! - não tivemos tempo de o avisar acerca do galinha-choca. Tão--pouco nos passou pela cabeça que tudo o que ele, ingenuamente, contara não era ainda do conhecimento do comissário instrutor!... Depois de terminado o relato,

Kramarenko começou a pedir «para ir ao chefe da prisão pedir tabaco», ou ao médico, mas o que é certo é que bem depressa o chamaram. E ele denunciou esses quatro operários do Comissariado do Petróleo, sobre os quais nunca ninguém saberia nada... (No dia seguinte, após o interrogatório, Bielov assombrou-se de como é que o comissário podia tê--los conhecido. Foi aqui que nós nos apercebemos... Os operários do Comissariado do Petróleo que tinham lido o manifesto, estiveram de acordo -e NENHUM DENUNCIOU o «imperador»! Mas ele próprio compreendera que era cedo!, que era cedo de mais! E tinha queimado o manifesto.

Um ano se passara. Victor Alekseievitch trabalhava como mecânico na

30 Com o pequeno erro de ter confundido o motorista com o que era conduzido dentro do automóvel, o profético velho quase não se enganou!

31 Atributo dos czares da Moscóvia, desde Ivan, o Terrível. Tornou-se o símbolo do poder, depois de um verso célebre do Boris Godonov, de Puschkhine. (N. dos T.)

garagem de uma empresa de transportes. No Outono de 1944, escreveu novamente um manifesto e deu-o a ler a DEZ pessoas: motoristas e serralheiros. Todos estiveram de acordo! E NENHUM O ENTREGOU! (Tratando-se de dez pessoas, não haver uma que o fizesse, naqueles tempos de denúncias, era um fenómeno raro! Fastenko não se tinha enganado nas suas conclusões quanto ao «estado de espírito da classe operária».) É certo que o «imperador» lançava mão de ingénuos subterfúgios: fazia alusões insinuando que tinha uma forte mão no Governo que o apoiava, e prometendo aos seus partidários missões de serviço para unificação das forças monárquicas no interior do país.

Decorreram meses. O «imperador» abriu-se a duas raparigas da mesma garagem. Aqui o caso já não caiu em saco roto. As jovens estavam ideologicamente à altura! E logo o coração de Victor Alekseievitch se oprimiu, farejando desgraça. No domingo depois da Anunciação, quando caminhava pelo mercado, levando o manifesto consigo, um velho operário, que era um dos seus correligionários, encontrou-o e disse-lhe: «Victor, devias queimar, por enquanto, esse

papel, não achas?» E Victor sentiu com acuidade que o tinha escrito demasiado cedo! «Vou agora queimá-lo, tens razão.» dirigiu--se a casa para o fazer. Mas dois jovens simpáticos abordaram-no ali mesmo, no mercado: «Victor Alekseievitch! Venha connosco!» E num automóvel ligeiro levaram-no para a Lubianka. Aqui, foram tão precipitados que não o revistaram, conforme o ritual, e houve um momento em que o «imperador» quase chegou a destruir o seu manifesto, na retrete. Mas pensou que assim o pressionariam ainda mais. Aonde, aonde é que iam levá--lo? Fizeram-no subir imediatamente no elevador, levando-o perante um general e um coronel, e aquele arrebatou-lhe, com a sua própria mão, o manifesto do seu bolso abarrotado.

Entretanto, bastou um só interrogatório para que a Grande Lubianka ficasse sossegada: verificaram nada haver-de terrível. Fizeram dez detenções na garagem da empresa de transportes e quatro na do Comissariado do Petróleo. Entregaram logo o processo ao coronel e este riu-se ao analisar o apelo:

- «Vossa majestade» escreve aqui: «Darei instruções ao meu ministro da Agricultura para que na Primavera dissolva os kolkhozes.» Mas como vai dividir o

inventário agrícola? Isto não foi previsto... Depois escreve: , «Intensificarei a construção de moradias e alojarei cada pessoa perto do seu lugar de trabalho... Aumentarei os salários dos operários...» E com que dinheiro, «sua majestade»? Veja, o dinheirinho tem de ser impresso à máquina, dado que quer suprimir os empréstimos]... «Varrerei o Kremlin da face da Terra.» Mas onde vai instalar o seu governo? Servi-lhe-ia, por exemplo, o edifício da Grande Lubianka? Não deseja ir visitá-lo?...

'Os jovens comissários vieram também para se rir do «imperador» de todas as Rússias. Além da piada, nada mais observaram de importante. Nós mesmo, na cela, nem sempre podíamos conter o riso:

- Não se esquecerá de nós, em 1953, espero - dizia Z., piscando-nos o olho.

Todos se riam dele...

Victor Alekseievitch, simplório, de sobrancelhas brancas, com calos nas mãos, ao receber as batatas cozidas da sua infeliz mãe Pelágia, oferecia-no-las sem distinguir o teu e o meu: «Comam, comam, camaradas...» E sorria com timidez. Ele compreendia, perfeitamente, como era ridículo e fora do tempo ser

imperador de todas as Rússias. Mas que fazer, se a eleição do Senhor se tinha detido nele?!

Bem depressa o levaram da nossa cela.32 «

Nas vésperas do Primeiro de Maio tiraram a camuflagem das janelas. A guerra, pelos vistos, acabara.

Aquela tarde, na Lubianka, estava tranquila como nunca, era quase como um segundo dia de Páscoa: as festa entrecruzavam-se. Todos os comissários passeavam por Moscovo, não tendo chamado ninguém para interrogatórios. No meio do silêncio ouviu-se no entanto alguém protestar contra qualquer coisa. Levaram-no da cela para a enxovia (pelo som determinávamos a disposição de todas as portas) e espancaram-no durante longo tempo. Por entre o ameaçador silêncio ouvia-se nitidamente cada arrochada no corpo mole e na boca engasgada.

No dia 2 de Maio dispararam trinta salvas, o que significava tratar-se de uma capital europela tomada. Havia ainda duas por tomar: Praga e Berlim. Restava saber qual das duas era.

Em 9 de Maio trouxeram-nos o almoço juntamente com a ceia, como apenas se fazia, na Lubianka, no Primeiro de Maio e èm 7 de Novembro.

Só por isso nos apercebemos do fim da guerra.

Pela noite dispararam ainda trinta salvas. Já não havia mais capitais para tomar, segundo parecia. E nessa mesma noite ouviu-se outra saudação, parece que de quarenta salvas. Era já o fim dos fins.

Sobre a mordaça da nossa janela, das outras celas da Lubianka e de todas as cadeias da capital, nós, antigos prisioneiros de guerra e antigos combatentes, contemplávamos o céu de Moscovo repleto de fogo-de--artifícios e cruzado pelos raios dos projectores.

Boris Gammerov, jovem antitanquista, desmobilizado por invalidez (com uma ferida incurável nos pulmões) e preso com um grupo de estudan-

32 Quando me apresentaram a Kruchtchev, em 1962, tinha na ponta da língua para dizer-lhe: «Nikita Serguievitch! Temos um conhecido comum.»Mas disse-lhe outra frase, mais necessária, da parte dos antigos presos.

tes, encontrava-se nessa noite numa superlotada cela de Butirki, onde metade dos presos eram ex-prisioneiros e ex-soldados da frente. Ele descreveu a última das salvas numa concisa oitava, alinhando nos versos mais prosaicos como se deitaram nas tarimbas e se cobriram com os capotes; como acordaram com o barulho, ergueram a cabeça e olharam de soslaio a mordaça («ah!, as salvas»), voltando a deitar-se.

E de novo se embrulharam nos capotes. '

Nesses mesmos capotes cheios de lama das trincheiras ou de cinza de acampamentos, e perfurados por estilhaços de metralha alemã.

Não era para nós, essa Vitória. Não era para nós, essa Primavera.

f

VI

ESSA PRIMAVERA

EM Junho de 1945 chegavam até às janelas da cadeia de Butirki, todas as manhãs e todas as noites, vindos

de não muito longe, os sons metálicos das orquestras da Rua Lessnaia ou da Novoslo-bodskaia. Executavam só marchas, que repetiam vezes sem conta. E nós ficávamos de pé junto das janelas abertas, embora não a toda a largura, da prisão, por detrás das mordaças verde-escuras dos vidros, escutando. Eram unidades militares que desfilavam? Ou operários que dedicavam com satisfação o seu tempo livre a marcar passo? Não sabíamos, mas chegava-nos já o rumor de que se preparava uma grande parada da Vitória, na Praça Vermelha, marcada para 22 de Junho - quarto aniversário do início da guerra.

As pedras que tinham servido de alicerce, gemiam e afundavam-se e não eram elas que deviam coroar o edifício. Mas até figurar dignamente nos alicerces, era recusado àqueles que, absurdamente abandonados, tinham recebido na sua fronte e no seu peito os primeiros golpes desta guerra, impedindo a vitória alheia:

Que são para o traidor os acordes da glória?1

Essa Primavera de 1945 foi antes de mais, nas nossas cadeias, a primavera dos prisioneiros russos. Eles

passavam pelas prisões da União como densos e invisíveis cardumes cinzentos, tais arenques no oceano. Na primeira ponta desse cardume apareceu-me Yuri E. Mas agora eu estava envolto, de todos os lados, pelo seu movimento coeso e seguro, como se tivessem já um destino marcado.

Nem só os prisioneiros passaram por estas celas. Por elas fluiu a torrente de todos aqueles que tinham estado na Europa: os emigrados da guerra civil; os alemães do Leste, da nova Alemanha; os oficiais do Exército Vermelho que eram demasiado bruscos e ousados nas suas conclusões, de modo que Staline temia que eles pensassem trazer da campanha na Europa a liberdade europela, como já tinha acontecido cento e vinte anos antes. Contudo, o que mais havia era gente da minha geração ou, mais exacta-

1 Verso de Alexandre Blok. (N. dos T.)

mente, contemporânea da Revolução, nascida em 1917, e que, sem qualquer dúvida, tinha participado nas manifestações do vigésimo aniversário,

constituindo pela sua idade, no começo da guerra, precisamente o quadro de oficiais do exército que foi disperso em algumas semanas.

Assim, essa angustiante primavera das prisões, converteu-se, ao som das marchas da Vitória, na primavera do ajuste de contas com a minha geração.

Éramos nós aqueles a quem cantavam no berço: «Todo o Poder aos Sovietes!» Éramos nós os que estendíamos as nossas mãos infantis, queimadas do sol, para as cornetas de pioneiros, e que à exclamação de «Estejam preparados!»", respondíamos, saudando: «Sempre preparados!» Éra mos nós os que introduzíamos armas em Buchenwald e que ali mesmo ingressávamos no Partido Comunista. E agora encontrávamo-nos entre os demais, só porque tínhamos escapado com vida2.

Já quando cortávamos a Prússia Oriental em duas, eu vi as colunas, desalentadas, dos prisioneiros que regressavam, os únicos que tinham um ar abatido, enquanto à sua volta todos nos alegrávamos, e já então a sua tristeza me deixou estupefacto, embora eu não soubesse ainda qual a sua causa. Eu saltei para o chão e aproximei-me dessas colunas

espontaneamente formadas. (Para quê, colunas? E porque iam formados? Ninguém a isso os obrigava. Os prisioneiros de guerra de todas as nações regressavam em debandada! Mas os nossos queriam voltar o mais submissos possível...) Eu trazia, então, os galões de capitão: com eles postos, não seria possível saber porque vinham tão tristes? Mas eis que o destino me atirara também para o rasto destes prisioneiros. Eu já tinha feito com eles o caminho da secção de contra-espionagem até à frente e ali havia escutado, pela primeira vez, os seus relatos, ainda não muito claros para mim. Só depois Yuri E. me explicou tudo, e agora, debaixo das cúpulas de tijolo vermelho do castelo de Butirki, eu sentia que esta história de alguns milhões de prisioneiros russos me ligava a ela para sempre, como um alfinete fixa uma barata. A própria história de como eu fui parar à prisão parecia-me, em comparação, uma insignificância e esqueci-me de me lamentar acerca dos galões arrancados. Lá, onde tinham ido parar os meus companheiros de geração, só por casualidade é que eu não havia estado. Compreendi que o meu dever era meter ombros a um dos cantos do seu fardo comum e levá-lo até ao fim, enquanto não me esmagassem. Sentia-me agora como se, junto com

esses rapazes, houvesse sido aprisionado na travessia da ponte do Soloviovski, no cerco de Cracóvia, nas canteiras de Kertch; como se, com as mãos atrás

2 Os cativos de Buchenwald, que tinham ficado vivos, ERAM PRECISAMENTE POR ISSO metidos em campos: como é que pudeste escapar vivo de um campo de extermínio? Aqui há marosca!

das costas, tivesse levado o meu orgulho soviético para trás do arame farpado do campo de concentração; como se tivesse ficado, horas e horas na bicha, ao frio, para obter uma colherada de kava (sucedâneo de café) gelado e me convertesse num cadáver ainda antes de chegar à caldeira do campo de oficiais número sessenta e oito (Suvalki). Era como se tivesse aberto com as mãos e com a tampa da marmita uma cova em forma de sino (mais estreita em cima), a fim de não passar o Inverno sob um céu aberto, e um prisioneiro transformado em animal feroz se arrastasse até mim, para morder a carne do meu braço que ainda não congelara. E como se dia após dia, com a consciência aguçada pela fome, na

barraca dos tifosos e junto do arame farpado do campo vizinho dos ingleses, uma ideia clara penetrasse no meu cérebro moribundo: que a Rússia Soviética renunciava aos seus filhos agonizantes. «Os filhos orgulhosos da Rússia» tinham-lhe feito falta, enquanto se lançavam sob os tanques, enquanto ainda se podiam levantar para o ataque. Mas encarregou-se de alimentá-los no cativeiro, para quê? Eram comedores supérfluos. E testemunhas supérfluas de vergonhosas derrotas.

Às vezes queremos mentir, mas a língua não nos permite. Esses homens foram declarados traidores, mas um erro linguístico foi então cometido, tanto pelos juízes como pelos procuradores e investigadores. E os próprios acusados, todo o povo e os jornais repetiram e transcreveram esse erro, revelando involuntariamente a verdade: quiseram declará-los traidores à pátria, mas ninguém, falando ou escrevendo, inclusive nos documentos judicials, os tratou senão como «traidores da pátria».

Está tudo dito! Eles não foram traidores a ela, mas sim por ela atraiçoados. Não foram eles, os infelizes, que traíram a pátria, mas a calculista pátria que os traiu a eles e, diga-se mesmo, por TRÊS VEZES.

A primeira vez, grosseiramente, no campo de batalha, quando o governo querido da pátria tudo havia feito para perder a guerra: tinha destruído as linhas de fortificações; exposto a aviação a ser destroçada; desmontado os tanques e a artilharia; privado o país de generais competentes e proibido os exércitos de resistirem3. Os prisioneiros de guerra foram precisamente aqueles que apararam com os seus corpos o golpe e detiveram o Exército alemão.

Na segunda vez, a pátria traía-os malevolamente, abandonando-os à morte no cativeiro.

3 Agora, ao fim de vinte e sete anos, saiu a lume o primeiro trabalho honesto sobre este assunto. P.G. Gregrorienko, carta à revista Problemas da História do Partido Comunista da "• R. S. S., Samisdat, 1968. Daqui por diante eles multiplicar-se-ão. Nem todas as testemunhas morreram e bem depressa ninguém chamará ao Governo de Staline senão o Governo da loucura e da traição.

E agora, pela terceira vez, ela atraiçoa-os desavergonhadamente, atraindo-os com amor

maternal («A pátria perdoou-vos! A pátria chama--vos!»), e lançando-lhes já o laço estrangulador a partir da fronteira4.

Inúmeras foram as infâmias que se cometeram e os mil e cem anos de existência da nossa nação testemunham-no. Mas terá havido alguma mais gigantesca do que esta, de que foram vítimas muitos milhões: trair os-seus filhos e declará-los traidores?!

E com que facilidade os excluímos das nossas contas! Traíram! Opróbrio! Há que riscá-los! Riscou-os mesmo antes de nós o nosso Pai: ele lançou a flor da intelectualidade moscovita para a máquina de picar carne de Viazma, com carabinas Verdan, de 1866, e mesmo estas na proporção de uma para cada cinco. (Que outro Leão Tolstoi irá fazer reviver perante nq» este Borodino?) E com um torpe movimento do seu curto e grosso dedo, o Grande Estrategista, sem outro motivo que não fosse publicar, no ano, um comunicado de grande efeito, mandou, em Dezembro de 1941, atravessar o estreito de Kertch a CENTO E VINTE MIL dos nossos soldados - quase tantos russos quantos havia nas proximidades de Borodino - e entregou-os todos, sem combate, aos alemães.

E, contudo, não se sabe porquê, o traidor não é ele, mas sim os soldados.

(Com que facilidade nos deixámos arrastar por epítetos preconcebidos; com que facilidade estivemos de acordo em considerar esses abnegados soldados como traidores! Numa das celas de Butirki encontrava-se, nessa Primavera, o velho Lebediev, um metalúrgico que tinha o título de professor, e que, pelo seu aspecto, mais parecia um vigoroso trabalhador, do último ou do antepenúltimo século, empregado nas fábricas de Demidov. Era espadaúdo, de fronte ampla, com barba à Pugatchov e com uma mão tão potente, que era capaz de agarrar numa selha com um quintal de peso. Na cela vestia uma bata cinzenta de trabalho sobre a roupa branca interior, era pouco asseado, e podia parecer um trabalhador auxiliar da cadeia, enquanto se não sentava a ler e a forte e costumada majestade de pensamentos não lhe iluminava o rosto. Frequentemente, os presos reuniam-se à sua volta. Era sobre metalurgia que ele menos falava, mas com a sua voz de baixo explicava que Staline era um cão de fila tão feroz como Ivan, o Terrível: «Fuzila! Estrangula! Não dês tréguas!»; e que Gorki era um

baboso e um charlatão que justificava os verdugos. Eu sentia entusiasmo por Lebediev: era como se todo o povo russo se personificasse perante mim, no seu forte

4 Era um dos maiores criminosos de guerra, o ex-chefe da direcção da espionagem do Exército Vermelho, coronel-general Golikov, que dirigia então a manobra de atracção e deglutição dos repatriados.

dorso, donde se erguia uma cabeça inteligente, nessas mãos e pernas de lavrador. Ele tinha já meditado tanto! - Eu aprendia com ele a compreender o mundo! E, de repente, cortando com a mão, fez atroar a sua voz, dizendo que os presos, segundo 1-b, eram traidores à pátria e que não se lhes podia perdoar. Ora, todas as tarimbas à nossa volta estavam ocupadas por presos do 1-b. Que ultrajante isso foi para os rapazes! O velho fazia vaticínios seguros em nome da Rússia, da terra e do trabalho, e era para eles difícil e vergonhoso terem de defender-se a si próprios desta nova acusação. A defesa deles perante o velho coube-me a mim e a dois rapazes

condenados pelo parágrafo décimo. Até que grau de obscurantismo conseguem chegar as monótonas mentiras do Estado: mesmo os mais dotados de nós somente são capazes de abranger aquela parte da verdade em que meteram o seu próprio nariz.)5

Foram tantas as guerras que a Rússia travou (melhor seria que fossem menos...) e acaso houve muitos traidores nessas guerras? Verificou-se, porventura, que a traição se enraizasse no espírito do soldado russo? Mas eis que, na mais justa das guerras, se descobriram subitamente milhões de traidores entre a gente simples do povo. Como compreender isto? Como explicá-lo?

Ao nosso lado, combatera contra Hitler a Inglaterra capitalista, onde, tão eloquentemente, Marx descreveu a miséria e os sofrimentos da classe operária, e porque é que entre eles, nesta guerra, se revelou um único traidor célebre, o comerciante «Lord Haw-Haw», enquanto no nosso país houve milhões?

É terrível abrir a boca para dizê-lo, mas talvez que a causa resida, apesar de tudo, no regime...

Até agora havia um antigo provérbio que justificava assim a prisão: «O prisioneiro pode ainda gritar, mas

o morto nunca.» Sob o czar Aleksei Mikhailovitch, àquele que sofria o cativeiro era dado o título de nobre\ Fazer trocas de prisioneiros, acarinhá-los e reconfortá-los, era um dever da sociedade depois de TODAS as guerras. Cada fuga do cativeiro era glorificada

5 Vitkovski descreve tudo isto de forma mais ampla (nos anos 30), mostrando como era surpreendente que os falsos «sabotadores», compreendendo que eles mesmos não eram culpados, justificassem que se metessem na ordem os militares e os religiosos. Quanto aos militares, sabendo que eles próprios não estavam ao serviço da espionagem estrangeira nem destruíam o Exército Vermelho, acreditavam piamente que os engenheiros eram sabotadores e que os religiosos eram dignos de extermínio. O homem soviético raciocinava na prisão deste modo: eu, pessoalmente, estou inocente, mas para com eles, para com os inimigos, são bons todos os métodos. A lição da investigação e da cela não instruíram, em nada, esta gente e mesmo condenados conservavam todos a cegueira DA RUA: a crença cega em todas as conspirações, envenenamentos, sabotagens e actos de espionagem.

como um gesto do mais elevado heroísmo. No decurso da Primeira Guerra Mundial fizeram-se, na Rússia, colectas de fundos para auxílio aos nossos prisioneiros e as nossas religiosas obtinham licença para ir à Alemanha visitá-los. Em cada número de jornal se lembrava aos leitores que havia compatriotas seus que sofriam num vil cativeiro. Todos os povos do Ocidente fizeram o mesmo nesta última guerra: as encomendas, as cartas e o apoio de todos iam fluindo através dos países neutros. Os prisioneiros de guerra ocidentais não se humilhavam a estender a mão para a marmita alemã e dirigiam-se com desprezo à guarda nazi. Os governos tomavam em consideração os seus combatentes, que tinham sido aprisionados, conta do-lhes os anos de serviço e assegurando-lhes promoções imediatas e, até, soldo.

Só os combatentes do Exército Vermelho (caso único no mundo) não eram considerados prisioneiros Era o que estava escrito nos regulamentos {«Ivan não é prisioneiro!», assim gritavam os alemães das suas trincheiras). Mas quem podia imaginar todo o conteúdo desta ideia?! Há guerra, há morte, mas não há prisioneiros! Aí está uma descoberta! Eis o que

isso significa: vai e morre, que nós continuamos a viver. Mas se, mesmo tendo perdido as duas pernas, regressaste vivo do cativeiro, em muletas (caso do leninegradense Ivanov, chefe de secção de metralhadoras na guerra da Finlândia, que esteve depois preso no campo de Ustvim), nós vamos condenar-te.

Só o nosso soldado, rejeitado pela pátria, e o mais insignificante de todos aos olhos dos inimigos e dos aliados, se arrastava para receber a beberagem de porcos que davam nos pátios interiores do III Reich. Só para ele estava hermeticamente fechada a porta de casa, embora as almas jovens procurassem não acreditar: existia um certo artigo 58-1-b, segundo o qual, em tempo de guerra, não havia pena mais suave do que o fuzilamento! Por não querer morrer de uma bala alemã, o soldado russo devia, depois do cativeiro, morrer de uma soviética! Aos outros, as balas inimigas; a nós, as dos nossos.

(De resto, é ingénuo dizer: forque não... Nunca os governos de qualquer época foram, de modo algum, moralistas. Eles nunca prenderam nem castigaram as pessoas por algo. Eles prenderam e castigaram-nas para que não fizessem algo! Se todos esses

prisioneiros foram presos não foi por traição à pátria, pois até mesmo para um idiota se tornava claro que só os vlas-sovistas podiam ser julgados por traição. Foi sim para que eles não falassem da Europa entre os seus conterrâneos na aldeia. Aquilo que não vês não te dá volta à cabeça...)

E assim, quais os caminhos que se abriam ante o prisioneiro russo? Legal, um só: jazer por terra e deixar-se pisar. Cada erva do mais débil caule irrompe para viver. Mas tu, estende-te e deixa-te pisar. Embora com atraso, morre agora, já que não pudeste morrer no campo de batalha, e nesse caso não te julgaremos.

Os combatentes dormem. Disseram a última palavra.
E pelos séculos hão-de ter razão.6

Em consequência, todas outras vias que possa imaginar o teu desesperado cérebro, todas elas te conduzirão ao choque com a lei.

A evasão para a pátria, rompendo as cercas do campo, passando através de metade da Alemanha e

depois cruzando a Polónia ou os Balcãs, conduzia-te à Smerch, secção de contra-espionagem, e ao banco dos réus: como é que fugiste, quando os outros não conseguem fugir? Há aqui algo de obscuro! Confessa, canalha, com que missão te mandaram. (Mikhail Burnatsev, Pavel Bondarenko, e muitos, muitos mais7.)

A fuga para o lado dos guerrilheiros ocidentais, para te juntares às forças da Resistência, não fazia senão protelar a tua hora de responder perante o tribunal, e tornava-te mais perigoso ainda: tendo vivido livremente entre a população europela, podias ter-te deixado contagiar por um espíri-

6 A. Tvardovski, Vacili Tiorquin.

7 Na nossa crítica tornou-se regra escrever que Cholokhov, na sua imortal narrativa O Destino de Um Homem, contou a «verdade amarga» sobre «este aspecto da nossa vida», «revelou» o problema. Vemo-nos obrigados a observar que em tal narrativa, em geral muito frouxa, onde as páginas de guerra são pálidas e falhas de convicção (o autor, pelos vistos, não conheceu a última guerra), onde os alemães são descritos de forma estereotipada e pseudopo-pular,

até cair na anedota (só a esposa do herói está bem apresentada, mas ela é uma pura cristã tirada de Dostoievski), pois bem, em tal narrativa sobre o destino de um prisioneiro de guerra, O VERDADEIRO PROBLEMA DO CATIVEIRO ESTÁ OCULTO OU DETURPADO:

1) Foi escolhido um dos casos menos flagrantes: o de um prisioneiro que perdeu a memória para torná-lo «indiscutível», esquivando toda a intensidade do problema. (E se ele se tivesse entregue com plena consciência, como se verificou na maioria dos casos, que teria sucedido então?);

2) O principal problema do cativeiro está apresentado de tal forma, que não foi a pátria que nos abandonou, que renunciou a nós, que nos maldisse (sobre isso, Cholokhov não escreve uma palavra), quando foi precisamente isso que criou uma situação sem saída. Tudo se passa antes como áe entre nós tivessem surgido traidores. (Mas se é essa a explicação fundamental, então que se explique, também, de onde é que eles saíram, após um quarto de século de uma revolução apoiada por todo o povo!);

3) Foi inventada uma fantástica evasão do cativeiro, digna de um romance policial, com um montão de cordelinhos puxados pelo cabelo, para que não surgisse o obrigatório e inevitável formalismo da recepção do prisioneiro: a contra-espionagem (Smerch) e o campo de verificação e filtragem. Sokolov não só não é encerrado atrás da rede de arame.farpado, como a instrução estipula, mas - que anedota! - o coronel ainda lhe concede um mês de licença! (Isto é, ele fica com liberdade para cumprir a sua eventual missão da espionagem fascista... Esse coronel está bom para ser lá metido!)

to muito prejudicial. E se não tiveste medo de fugir e em seguida de lutar, é porque és homem decidido e duplamente perigoso de regresso à pátria.

Devias ter continuado a viver no campo, à custa dos teus compatriotas e camaradas? Converter-te em polícia, chefe, ajudante dos alemães e da morte? A lei estaliniana não te aplicava, por isso, uma pena mais severa do que pela participação nas forças de

Resistência: o artigo é o mesmo, e a mesma a condenação_ (e pode adivinhar-se porquê: um homem desses é menos perigoso!). Mas uma lei íntima, enraizada em nós, proibia, inexplicavelmente, esse caminho a todos, à excepção da escória. W

Pondo de lado estas quatro vias, difíceis ou inadmissíveis, restava urrrf quinta: esperar os engajadores, esperar que eles te recrutassem.

Às vezes, por felicidade, chegavam alguns alemães das zonas rurais e engajavam trabalhadores agrícolas para os lavradores, e firmas havia que escolhiam engenheiros e operários. Segundo o superior imperativo estaliniano, tu devias negar que eras engenheiro, ocultar que eras um operário qualificado. Sendo construtor ou electricista, tu conservarias a tua pureza patriótica se ficasses a cavar a terra, a apodrecer ou a rebuscar nas lixeiras. Então, por uma traição pura à pátria, tu poderias, de cabeça orgulhosamente erguida, contar apanhar uns dez anos, mais cinco de mordaça8. Assim, por uma traição à pátria, agravada pelo trabalho para o inimigo, na tua especialidade, apanharias de cabeça baixa... os mesmos dez anos e mais cinco de mordaça!

Tal era a filigrana de hipopótamo em que Staline tanto se distinguiu! Outras vezes chegavam engajadores de carácter completamente diverso: russos que, em geral, tinham sido, ainda há pouco, comissários políticos vermelhos, pois os guardas brancos não faziam esse trabalho. Os engajadores convocavam um comício no campo, insultavam o regime soviético e faziam apelo à inscrição nas escolas de espionagem ou nas unidades vlas-sovistas.

Aqueles que nunca passaram fome, como o passavam os nossos prisioneiros de guerra, que nunca rilharam morcegos, como eles faziam aos que voavam sobre o campo, nem puseram a cozer as solas velhas das botas, dificilmente poderão compreender que irresistível força material adquire qualquer apelo, qualquer argumento, quando, por detrás dele, por detrás as portas do campo, se vê fumegar uma cozinha de campanha e a todos os que estão de acordo dão de comer até encherem a barriga - uma só vez que seja! Uma vez mais que seja, na vida.

Mas, além das fumegantes papas de cereal, os apelos do engajador acenavam com a miragem da liberdade e de uma vida verdadeira onde quer

8 Privação de direitos cívicos. (N. dos T.)

que os destinassem: aos batalhões de Vlassov; aos regimentos de cossacos de Krasnov; aos batalhões de trabalho para cimentar o futuro muro do Atlântico; aos fiordes noruegueses; às areias da Líbia; aos kiwi - Hilfswill-ge -, auxiliares voluntários da Wehrmacht (havia uns doze hiwi em cada companhia alemã); ou ainda à Polícia Rural, para perseguir e caçar guerrilheiros (dos quais, muitos haveriam de ser também abandonados pela pátria). Onde quer que fosse, pouco importava, desde que não ficassem ali a morrer aos poucos como gado abandonado.

A um homem que levamos ao extremo de rilhar morcegos, nós mesmos o dispensamos de qualquer dever, não só perante a pátria, mas também ante a humanidade.

E aqueles, dos nossos rapazes, que, nos campos de prisioneiros, se inscreveram nos breves cursos para espiões não tiravam ainda as conclusões últimas do abandono a que estavam votados: actuavam ainda de forma extraordinariamente patriótica. Encaravam isso

como o recurso mais fácil para se escaparem do campo. Quase todos tinham na ideia o projecto de irem entregar-se, logo que fossem lançados pelos alemães para o lado russo, às autoridades soviéticas, com armas, bagagens e instruções, rindo-se, juntamente com o bondoso comando, dos tontos dos alemães, vestindo as suas fardas do Exército Vermelho e voltando, com ânimo combativo, às fileiras. Gostaria que me dissessem SE HUMANAMENTE SERIA DE ESPERAR OUTRA COISA, COMO É QUE PODERIA SER DE OUTRO MODO? Eram rapazes sinceros, pude ver muitos deles, de rostos bolachudos, nada complicados, com um simpático sotaque de Vieatka ou de Vladi-mir. Engajavam-se voluntários na espionagem, com apenas quatro ou cinco anos de escola rural, sem qualquer prática de lidar com a bússola ou com o mapa.

Assim, poderia parecer que essa era a única forma adequada que eles tinham de sair dessa situação. Poderia parecer que a empresa do comando alemão era dispendiosa e absurda. Mas não! Hitler jogava em sintonia com o carácter do déspota seu irmão. A mania da espionagem era um dos traços

fundamentais da loucura estaliniana. Staline vivia obcecado pela ideia de que o seu país estava pejado de espiões. Todos os chineses que habitavam o Extremo Oriente soviético foram condenados segundo o artigo 58-6, conduzidos aos campos do Norte e lá desapareceram. O mesmo destino teriam conhecido os chineses que participaram na Guerra Civil, se não tivessem partido antecipadamente. Centenas de milhares de coreanos foram exilados para o Casaquestão, sob a mesma suspeita, recaindo em bloco sobre quase todos eles. Todos os soviéticos que alguma vez tivessem estado no estrangeiro, que alguma vez tivessem abrandado o passo perto do Hotel Inturist, que alguma vez tivessem sido fixados num retrato ao lado de um rosto com uma fisionomia estrangeira, ou tivessem fotografado um edifício da cidade (por exemplo, as Portas Douradas, em Vladimir) eram acusados de igual crime. Aqueles que olhavam com demasiada insistência para uma

linha férrea, para a ponte de uma estrada ou para a chaminé de uma fábrica, eram também vítimas dessa

acusação. Todos os inúmeros comunistas estrangeiros que desapareceram na União Soviética, quer fossem destacados ou pequenos funcionários do Komintern, sem distinção de pessoas, eram acusados, antes de mais nada, de espionagem9. E os atiradores lituanos, que tinham sido as baionetas mais leais durante os primeiros anos da Revolução, ao serem detidos em massa, em 1937, foram igualmente acusados de espionagem! Staline parece ter intervindo e multiplicado a célebre frase da coqueta Catarina. Ele preferia fazer apodrecer novecentos e noven-te e nove inocentes a deixar escapar um só espião, ainda que insignificante. Assim, que confiança se podia ter nos soldados russos que tinham estado realmente nas mãos da espionagem alemã?! E que alívio para os casacos do Ministério da Segurança do Estado se milhares e milhares de soldados lançados para a Europa não ocultavam terem sido recrutados voluntariamente para a espionagem! Que evidente confirmação dos prognósticos do mais sábio dos sábios! Vamos, vamos, imbecis! O artigo e a recompensa que merecem há já muito, há já muito que estão preparados!

Mas é oportuno levantar esta questão: houve, entretanto, também, aqueles que não aceitaram nenhum engajamento, que não trabalharam na sua especialidade para os alemães, que não foram denunciantes, passando toda a guerra no campo de prisioneiros, sem pôr o nariz de fora, e que, apesar de tudo, ficaram vivos, por incrível que pareça! Por exemplo, os engenheiros electrotécnicos Nikolai Andreievitch Semionov e Fiodor Fiodoro-vitch Karpov, que fabricavam isqueiros com os restos do ferro velho, e, assim, faziam uns biscates. Será possível que a pátria lhes não tenha perdoado, também a eles, pelo facto de terem caído prisioneiros?

Não, não lhes perdoou! Conheci Semionov e Karpov na cadeia de Bu-tirki, quando ambos já tinham recebido o que lhes competia por lei... Quantos anos? O leitor perspicaz já sabe: dez anos, mais cinco de mordaça. E, sendo magníficos engenheiros, eles REJEITARAM a proposta alemã de trabalhar na sua especialidade! Em 1941, o tenente Semionov tinha marchado, como VOLUNTÁRIO, para a frente. E em 1942 tinha ainda um coldre vazio em vez de uma pistola (o comissário não compreendia porque é que ele não deu cabo da cabeça com o coldre). Evadiu-se

por TRÊS VEZES. Em 45, depois da libertação do campo, incorporou-se na equipagem de um tanque nosso (de tropas de desembarque aéreo) e TOMOU BERLIM, recebendo a Ordem da Estrela Vermelha. E no fim de tudo isso foi

9 Iocif Broz Tito escapou por um triz a esse destino. Mas Popov e Taniev, companheiros de feitos de Dimitrov no processo de Leipzig, foram ambos condenados. Staline preparava outro destino para Dimitrov.

definitivamente aprisionado e condenado. Eis o espelho da nossa Nemésis. Poucos prisioneiros de guerra cruzaram a fronteira soviética como pessoas livres, e se, na confusão, alguém conseguiu escapulir-se, foi apanhado logo depois, a partir de 1946-47. Uns eram presos nos centros de concentração na Alemanha. Outros não eram oficialmente presos, segundo parecia, mas na fronteira levavam-nos em vagões de mercadorias, sob escolta, para um dos inúmeros campos de controle e de filtragem dispersos por todo o país. Estes pouco se diferenciavam dos

campos de trabalho, com a diferença de que os que ali se encontravam ainda não tinham sido condenados e deviam receber a sentença-no campo. Todos estes campos de controle e de filtragem estavam adstritos a alguma fábrica, mina ou obra de construção, e os antigos prisioneiros de guerra, ao avistarem a pátria através dessa rede de arame farpado, igual à que tinham conhecido na Alemanha, podiam adaptar-se desde o primeiro dia à jornada de trabalho de dez horas. Nos tempos livres, de tarde ou de noite, eram interrogados; para isso, havia no campo de controle e de filtragem um elevado número de comissários instrutores e de funcionários da Segurança. Como sempre, a instrução partia do princípio de que tu eras, evidentemente, culpado. Sem saíres da rede de arame farpado, eras tu que devias demonstrar que não o eras. Devias basear-te, para isso, em testemunhas: outros prisioneiros de guerra, que podiam não estar nesse campo, mas numa região afastada. Os agentes operacionais de Kemerovo enviavam as perguntas aos de Solikamsk e eram esses que interrogavam as testemunhas e enviavam as suas respostas, fazendo, por sua vez, novas perguntas, o que dava lugar a que fosses também interrogado como testemunha. É certo que o

esclarecimento do caso podia prolongar-se por um ano ou dois, mas a pátria nada perdia com isso, pois todos os dias tu ias extraindo o teu carvão. E se alguma das testemunhas não depunha nos termos requeridos, ou já não se encontravam testemunhas vivas, tu não tinhas senão que culpar-te a ti mesmo: eras, automaticamente, catalogado como traidor à pátria, e o tribunal aplicava-te, sem se reunir em sessão formal, os teus dez anos. No caso de que, por mais voltas que dessem, não conseguissem provar que, efectivamente, havias servido os alemães, e, sobretudo, que não tiveras tempo de ver, em carne e osso, os americanos e os ingleses (quando a libertação do cativeiro não fora feita por nós, mas por ELES, isso era uma circunstância fortemente agravante), então, os agentes operacionais decidiam que grau de isolamento tu merecias. Alguns recebiam ordem de mudar o lugar de residência (isto altera sempre a relação do homem com o meio ambiente, tornando-o mais vulnerável). A outros propunham, nobremente, que trabalhassem na guarda militarizada de um campo: ficando aparentemente livre, a pessoa perdia-toda e qualquer liberdade individual, sendo enviada para um rincão distante. A outros, apertavam-lhes a mão e, embora por se terem

simplesmente deixado aprisionar merecessem o fuzilamento, permitiam humanamente que fossem para casa. Mas a tua alegria era prematura! Adiantando-se a eles,

através dos canais secretos das secções especiais, o seu processo já havia chegado à terra. Esses indivíduos tinham deixado, de todas as maneiras, de ser dos nossos, e por ocasião da primeira detenção em massa, por exemplo a de 1948-49, eram presos com fundamento no parágrafo respeitante à agitação, ou noutro qualquer que considerassem conveniente. Estive preso com pessoas dessas.

«Ah, se eu soubesse!...» era esse o principal estribilho, nas celas da prisão, nessa Primavera. Se soubesse que me iam receber assim! Que me enganavam assim! Que era este o destino! Teria eu, acaso, regressado à pátria? De modo nenhum! Ter-me-ia arranjado para alcançar a Suíça, a França! Teria ido para além-mar! Para além-oceano! Para além de três oceanos.

Aqueles que haviam sido apanhados em casa ou no Exército Vermelho segundo o parágrafo décimo,

frequentemente tinham-lhes inveja! Que diabo! Por esse mesmo preço (por esses mesmos dez anos), quanta coisa interessante podíamos ter visto, como estes rapazes! Onde não estiveram eles! E nós rebentaremos assim num campo, sem nada mais ter conhecido do que a escada fedorenta da casa. (Entretanto, esses mesmos que eram abrangidos pelo 58-10 quase não ocultavam o seu feliz pressentimento de que seriam os primeiros a beneficiar da amnistia.)

Só os vlassovistas não suspiravam: «Ah, se eu soubesse!» (Porque eles sabiam ao que se expunham.) Não esperavam qualquer perdão, não esperavam nenhuma amnistia.

Já antes do nosso encontro nas tarimbas da prisão, eu tinha conhecimento da sua existência, tendo ficado perplexo.

10 De resto, mesmo quando os prisioneiros sabiam, procediam frequentemente da mesma forma. Vassili Aleksandrov foi aprisionado na Finlândia. Ali o descobriu um velho comerciante sampetersburguês, que se certificou do seu nome e do apelido e lhe disse: «Em 1917 fiquei a dever ao seu pai uma grande

quantia em dinheiro e não me foi possível pagar--lha. Digne-se, pois, recebê-la.» A antiga dívida pela descoberta! Aleksandrov, depois da guerra, foi acolhido nos círculos dos emigrados russos. Ali encontrou também uma jovem por quem se apaixonou. O futuro sogro, para sua edificação, deu-lhe a ler a colecção completa do Pravda, entre 1918-1941, sem edulcorações nem correcções. Ao mesmo tempo contou-lhe, mais ou menos, a história das torrentes, tal como fiz no capítulo segundo. E contudo... Alek-sandrog deixou a namorada, a abundância, regressou à U.R.S.S. e apanhou, como facilmente se adivinhará, dez anos mais cinco de mordaça. Em 1953, num campo especial, ele considerava-se satisfeito por se ter colocado bem como chefe de brigada...

Foram primeiro pequenas folhas de papel, muitas vezes molhadas pela chuva e secas pelo sol, perdidas entre as ervas altas, que há três anos não eram ceifadas, da zona próxima da frente de Orei. Nelas se comunicava a criação, em Dezembro de 1942, de um

certo «comité russo» de Smolensk, que não se sabia bem se pretendia ser uma espécie de governo russo ou não. Pelos vistos, isto não tinha ainda sido decidido pelos próprios alemães. E, por isso, o indeciso comunicado parecia até uma invenção pura e simples. Essas folhinhas reproduziam o retrato do general Vlassov, bem como a sua biografia. Tanto quanto se podia ver na nebulosa fotografia, o seu rosto dava-lhe um aspecto de pessoa bem sucedida e bem tratada, como todos os generais da nova formação. (Disseram-me depois que não era assim e que Vlassov tinha antes uma figura mais parecida com a de um general do Ocidente: alto, magro, com óculos de aros de tartaruga.) Mas, a julgar pela biografia, esse ar de sucesso parecia confirmar-se: a sua folha de serviço não tinha sido manchada pela guerra de 1937, nem por ter sido conselheiro militar de Chang Kai-Chek. A primeira comoção da sua vida verificou-se quando o 2.° Exército de Choque, que comandava, foi torpemente deixado morrer à fome, quando estava cercado. Mas em que frases dessa biografia se podia acreditar?11

1' Segundo o que se pode hoje estabelecer, Andrei Andreievitch Vlassov não terminou os estudos do

seminário de Nijninovgorod devido à Revolução, sendo mobilizado para o Exército Vermelho em 1919 e tendo feito a guerra como simples soldado. Na frente meridional, lutando contra Denikin e Wranguel, foi promovido a chefe de secção e, depois, de companhia. Nos anos 20 terminou o curso da Academia Militar Vístrel; em 1930, tomou-se membro do Partido Comunista (bolchevique); em 1936, já com a patente de comandante de regimento, foi enviado como conselheiro militar à China. Não estando aparentemente ligado aos altos círculos militares e partidários, veio a encontrar-se naturalmente naquele «segundo escalão» estalinista, que foi promovido para substituir os chefes de exército, os chefes de divisão e os chefes de brigada massacrados. Em 1938, recebe o comando de divisão e em 1940, no momento em que são atribuídas as «novas» (ou antes, velhas) patentes, é promovido a brigadeiro. Como se pode concluir pelo que se seguiu, entre aquela fornada de generais, onde havia muitos completamente torpes e inexperientes, Vlassov era um dos mais competentes. A 99." Divisão de Infantaria, que ele instruiu e preparou a partir do Verão de 1940, não foi colhida de surpresa pela agressão hitleriana, antes pelo contrário: no meio da nossa retirada geral para oriente, ela avançou para

ocidente, e arrebatou Peremichl, que aguentou durante seis dias. Após uma breve passagem pelo posto de comandante de corpo, o tenente-general Vlassov comandava já, em 1941, na zona de Kiev, o 37.° Exército. Tendo rompido o longo cerco de Kiev, em Dezembro de 1941, comanda, na zona de Moscovo, o 20.° Exército, que numa contra-ofensiva vitoriosa em defesa da capital (tomada de Solnetchnogorsk) é mencionado no comunicado de guerra do Informbureau, de 12 de Dezembro (a ordem de enumeração dos generais era esta: Jukov, Leliuchenko, Kuznietsov, Vlassov, Rokossovski, Govorov ,..). Com o ímpeto característico desses meses, conseguiu tornar-se o vice-comandante-chefe da frente de Volkhov (general Merietskov) e receber sob o seu comando o 2." Exército de Choque, tendo

Olhando para a fotografia não era de crer que se tratasse de um homem fora do vulgar ou que há muito sofresse profundamente pela Rússia. Já as pequenas folhas volantes, que comunicavam a criação do R. O. A. (Exército Russo de Libertação), não só

estavam escritas num mau russo, como também com um espírito estrangeiro claramente germânico, e até alheio à questão; em compensação, gabava-se, com grosseira jactância, da fartura de papas de cereal existente entre eles e do carácter galhofeiro dos

iniciado, à frente dele, em 7 de Janeiro de 1942, a tentativa de romper o cerco de Leninegrado, avançando através do rio Volkhov em direcção a noroeste. Esta operação combinada tiSgf sido concebida para partir de vários lados, incluindo Leninegrado, e nela deviam tomar parte, em datas coordenadas, os 54º. 4.º e 52.° Exércitos. Mas estes três exércitos não se mexeram a tempo, devido à falta de preparação, ou então estacaram rapidamente (não sabíamos ainda planear operações tão complexas e, o que é mais importante, abastecê-las). O 2." Exército de Choque avançou com êxito e em Fevereiro de 1942 encontrou-se a setenta e cinco quilómetros de profundidade no meio do dispositivo alemão! E, a partir desse momento, os aventureiros do comando supremo estalinista não encontraram nem reforços humanos, nem reservas de munições para mandar em sua ajuda. (Foi com essas reservas que se iniciou a ofensiva!) Deste modo, ficou Leninegrado cercada,

sem saber exactamente o que se passava em Novgorod. Em Março, os caminhos de Inverno eram ainda transitáveis, mas a partir de Abril passaram a ser impraticáveis em toda essa zona pantanosa por onde tinha avançado o 2.° Exército de Choque, que ficou sem nenhum acesso para abastecimento, não podendo receber ajuda aérea. O exército encontrou-se SEM VÍVERES e, em tal situação, RECUSARAM AUTORIZAÇÃO PARA RETROCEDER a Vlassov! Após dois meses de fome e de morte lenta (os soldados contaram-me mais tarde, nas celas da cadeia de Butirki, que raspavam os cascos dos cavalos já putrefactos, cozendo e comendo essas raspaduras), começou, a 14 de Maio, uma ofensiva concêntrica dos alemães contra o exército cercado (no ar, como se compreenderá, viam-se apenas aparelhos alemães!). E só então (como que por zombaria) foi recebida autorização de retroceder para cá do Volkhov... Houve ainda tentativas desesperadas para romper o cerco até começos de Julho!

Assim pereceu (repetindo o destino do 2.° Exército de Samsonov, lançado tão loucamente para a fornalha) o 2.° Exército de Vlassov.

Neste caso, naturalmente, houve traição à pátria! Neste caso, naturalmente, verificou--se um abandono egoísta e cruel! Mas da parte de Staline! A traição não consiste necessariamente em vender-se por dinheiro. A ignorância e a incúria na preparação da guerra, o desconcerto e a cobardia no seu começo, e o sacrifício insensato de exércitos e corpos de exércitos, com o único fim de salvar o uniforme de marechal - haverá traição mais amarga do comando supremo?

Contrariamente a Samsonov, Vlassov não se suicidou. Depois do desastre do seu exército, andou errante por florestas e pântanos e foi feito prisioneiro em 6 de Julho, na zona de Siversk. Ele foi transferido para o quartel-general alemão, nas proximidades de Letzen (Prússia Oriental), onde vieram a encontrar-se alguns generais aprisionados e o comissário de brigada G. N. Jilenkov, que antes trabalhara, com sucesso, no posto de secretário do Partido de um dos bairros de Moscovo. Eles tinham já manifestado a sua discordância em relação à política do Governo de Staline. Mas faltava uma personalidade: essa personalidade foi Vlassov.

/

seus soldados. Não se chegava a acreditar na existência deste exército, e se existia realmente como falar dele com um humor tão alegre?... Só os alemães podiam mentir assim12.

Que haviam realmente russos contra nós e que eles se batiam com mais dureza do que qualquer SS, bem depressa o verificaríamos. Em Junho de 1943, na zona de Orei, um destacamento de russos, com farda alemã, defendeu, por exemplo, Sobachinskie-Vicielki. Bateram-se todos com tal desespero que se diria que eles próprios tinham construído a aldeia. Um deles foi encurralado numa cave, mas tendo-se lançado para lá granadas de mão, manteve-se silencioso, e logo que assomaram para descer abriu novamente fogo com a metralhadora. Só quando se arremessou uma granada antitanque contra ele se soube que na cave-havia uma cova onde se enfiava, protegendo-se das granadas anti-infantaria. Pode fazer-se, pois, uma ideia do grau de endurecimento e de desespero com que continuava a lutar.

Esses russos defenderam, por exemplo, a inabalável base de Dniepre, ao sul de Tursk. Durante duas semanas desenrolaram-se ali lutas infrutíferas por umas centenas de metros: combates ferozes, sob um frio não menos feroz (Dezembro de 1943). Nesta endemoninhada batalha invernal, que durou muitos dias, e em que tanto nós, como eles, utilizávamos camuflagens brancas para encobrir o capote e o boné, contaram-me que na zona de Malie-Koslovitchie se registou o seguinte caso: ao avançar aos saltos através dos pinheiros, dois combatentes perderam-se e deitaram-se lado a lado no solo, já sem compreender exactamente contra quem disparavam, nem

12 Realmente, até quase ao fim da guerra não houve nenhum Exército Russo de Libertação (R. O. A.). O nome e a braçadeira com o escudo foram inventados por um alemão de origem russa, o capitão Schtrik-Schtrikfeld, da Ostpropagandaabtailung. (Insignificante pelo seu posto, tinha, no entanto, influência e procurava convencer a camarilha hitlerista da necessidade de uma aliança germano-russa, e de atrair os russos à colaboração com a Alemanha. Uma empresa vã pelos dois lados! Ambos

buscavam tão-só os meios a empregar para enganar o outro. Mas os alemães ocupavam para isso uma posição mais favorável e os oficiais de Vlas-sov tinham de seu apenas a fantasia no fundo do desfiladeiro.) Não existia tal exército, mas sim formações anti-soviéticas, compostas de cidadãos soviéticos recentes, que começaram a constituir-se desde os primeiros meses de guerra. Os primeiros a apoiar os alemães foram os lituanos (pois num só ano tínhamos-lhes feito um sem-número de patifarias!); em seguida, foi formada, por voluntários ucranianos, uma divisão de SS: Galitsia; mais tarde, houve destacamentos de estonianos; no Outono de 1941 apareceram companhias de segurança da Bielor-rússia; e na Crimeia um batalhão tártaro. Tudo isto foi semeado por nós próprios! Por exemplo, na Crimeia - com a torpe perseguição movida ao longo de duas décadas contra as mesquitas, encerrando-as e destruindo-as; isto, enquanto a clarividente conquistadora Catarina concedia verbas do Estado para a construção e a ampliação de mesquitas. Os hitlerianos, ao chegarem ali, aperceberam-se disso e protegeram-nas. Posteriormente, apareceram do lado

222

sobre que objectivo. As armas automáticas de ambos eram soviéticas. Dividiram as balas entre si, elogiaram-se um ao outro,, pronunciaram palavrões e juras contra o óleo das metralhadoras que se congelava. Finalmente, deixaram completamente de disparar e decidiram fumar, tirando os capuzes brancos da cabeça — e só então viram a águia e a estrelinha nos bonés um do outro. Deram um salto! As armas não disparavam. Agarraram-nas pelo cano, como cajados, e começaram a perseguir-se um ao outro: aqui já não se tratava de política, nem da mãe-pátria, mas simplesmente da desconfiança primitiva dos homens das cavernas: se o poupo, ele mata-me.

Na Prússia Oriental, a uns quantos passos de mim, conduziam pela berma da estrada três prisioneiros, que eram precisamente vlassovistas, quando passou, atroando, um tanque T-34. De repente, um dos prisioneiros deu um salto de andorinha e caiu sob o tanque. Este desviou-se, mas tftífet das extremidades da cremalheira esmagou o prisioneiro. Já esmagado ele contorcia-se e da boca saía-lhe uma espuma vermelha. E podia-se compreendê-lo! Tinha preferido uma morte de soldado a ser enforcado numa prisão.

Não lhes foi deixada a possibilidade de escolha. Não lhes foi deixada a possibilidade de lutar de outra maneira. Não lhes restou outra forma mais económica de lutar, poupando-se a si próprios. Se um prisioneiro «puro» e simples já era por nós considerado como um imperdoável traidor à pátria,

alemão destacamentos caucasianos e combatentes cossacos (mais do que um corpo de cavalaria). No primeiro Inverno da guerra começaram a formar-se secções e companhias de voluntários russos, mas o comando alemão desconfiava muito dessas formações, colocando à frente destes, sargentos e tenentes alemães (só os cabos podiam ser russos), dando também as ordens de comando em alemão (Achtung!, halt! e outras). Mais consideráveis e já completamente constituídas por russos, foram as seguintes: a brigada de Lokt, na província de Briansk, a partir de Novembro de 1941 (o professor local de construções mecânicas, K. P. Voskoboinikov, fundou o Partido Nacional Russo do Trabalho, com um manifesto dirigido aos cidadãos do país e a bandeira de São Jorge, o Vitorioso); a unidade formada na localidade de Ocintorf, na zona de Orcha, a partir dos começos de 1942, sob a direcção de emigrados russos

(apenas uma pequena corrente de emigrados aderiu a esse movimento, não ocultando, no entanto, os seus sentimentos antialemães, o que possibilitou muitas fugas para o lado soviético e até a passagem de todo um batalhão, depois do que foram postos de parte por aqueles); e as unidades de Guil, nos arredores de Liublim, a partir do Verão de 1942 (V. V. Guil, membro do Partido Comunista Bolchevique e, segundo parece, judeu, não só escapou incólume do cativeiro, apoiado por outros prisioneiros, como se tornou chefe do campo de Suvalki, propondo aos alemães a criação da União de Combate dos Nacionalistas Russos). Entretanto, em tudo isso não havia nenhum Exército Russo de Libertação (R. O. A.), nem Vlassov. As companhias sob comando alemão foram enviadas, a título de experiência, para a frente soviética, enquanto as unidades russas foram utilizadas contra os guerrilheiros de Briansk e de Orcha e contra os resistentes polacos.

que sucederia, então, àqueles que empunharam as armas do inimigo? O comportamento dessas pessoas,

no nosso simplismo propagandístico, era explicado: primeiro, por traição (biológica, porque lhes estava no sangue?); segundo, por cobardia. Em todo o caso tratava-se de tudo menos cobardia! Os cobardes encontram-se onde haja indulgência, condescendência. Mas que podia conduzi-los aos destacamentos vlassovistas da Wehr-macht, senão o último extremo, o ilimitado desespero, o insaciável ódio ao regime soviético, o desprezo pela própria integridade física? Eles sabiam que não podiam contar com a mais pequena margem de perdão! Nos nossos campos de prisioneiros fuzilavam-nos logo que ouviam da sua boca a primeira palavra compreensível de russo. No cativeiro soviético como no cativeiro alemão, eram os russos os mais maltratados.

De um modo geral, esta guerra revelou-nos que o que há de pior na terra é ser russo.

Recordo-me, envergonhado, de como na limpeza (isto é, no saque) do cerco de Bobruisk, eu seguia pela estrada, no meio de camiões e outros veículos destruídos e voltados. Entre o rico espólio que se espalhava pelos baixios, onde se tinham atascado as carroças e carros, andavam à solta enormes cavalos alemães. De repente, ouvi um grito de socorro:

«Senhor capitão! Senhor capitão!», gritava, pedindo-me ajuda, num russo perfeito, um homem que marchava a pé, com calças alemãs, nu da cintura para cima, todo ensanguentado no rosto, no peito, nos ombros e nas costas, enquanto um sargento da Secção Especial, montado a cavalo, o fazia correr diante de si à chicotada e o empurrava com o cavalo. Ele arreava-lhe com a chibata sobre o corpo despido, sem o deixar voltar-se, nem pedir auxílio. Perseguia-o e açoitava-o, causando-lhe novas esfoladuras roxas na pele. Não se tratava da guerra púnica, nem da guerra,greco-persa! Qualquer oficial de qualquer exército da terra, que tivesse algum poder, devia pôr termo àquela tortura ilegal. De qualquer exército, sim, mas do nosso?... Com o feroz e absoluto masochismo a que reduzíamos a humanidade? (Quem não é por nós, quem não está connosco, etc... - É MERECEDOR APENAS DO NOSSO DESPREZO E DO ANIQUILAMENTO.) Assim, eu ACOBARDEI-ME a defender um vlassovista perante um agente da Secção Especial, NADA DISSE E NADA FIZ, PASSEI DE LARGO, COMO SE NADA TIVESSE OUVIDO, com medo de que essa peste, reconhecida por todos, não se transmitisse a mim (e se, de um momento para o outro, esse vlassovista fosse um criminoso

qualquer?... e se, de um momento para o outro, esse sargento da Secção Especial pensasse que eu?... e se, de um momento para o outro?...). De resto, as coisas eram bem mais simples, para quem conhecesse a conjuntura, de então, no exército: acaso um elemento da Secção Especial daria ouvidos a um capitão?

E, com o seu rosto selvagem, o da Secção Especial continuou a açoitar e a perseguir o homem indefeso, como se se tratasse de um animal.

Este quadro ficou para sempre gravado em mim. Ele é quase o símbolo do Arquipélago e poderia figurar na capa do livro.

E tudo isto eles o pressentiam e sabiam de antemão, mas isso não os impedia de coserem na manga esquerda da farda alemã o escudo com o debrum branco, azul e vermelho, o campo de Santo André e as iniciais R.O.A.[13]

13 Essas iniciais eram cada vez mais conhecidas, embora, como anteriormente, não houvesse nenhum exército; todas as unidades estavam dispersas,

subordinadas a diferentes camadas, e os generais vlassovistas jogavam às cartas em Dalemdorf, nos arredores de Berlim. A brigada de Voskoboinikov e depois da sua morte, de Kaminski, por meados de 1942, contava com cinco regimentos de infantaria de dois mil e quinhentos a três mil homens cada, aos quais há que acrescentar os serventes das peças de artilharia, um batalhão blindado, de cl J «S(f dezenas de tanques soviéticos, e uma divisão de artilharia com três dezenas de canhões. (O comando era constituído por oficiais, prisioneiros de guerra, e as tropas, em grau considerável, por voluntários de Briansk.) Essa brigada foi incumbida de defender a zona contra os guerrilheiros... Com esse mesmo fim, no Verão de 1942, foi transferida da Polónia para No-guilion a brigada de Guil-Blajevitch, que se tinha destacado pela sua crueldade contra os polacos e os judeus. Em começos de 1943 o seu comando recusou subordinar-se a Vlassov, censurando-o porque no seu anunciado programa não figurava a «luta contra o judaísmo mundial e os comissários judaizantes»; foram justamente os elementos desta brigada (os rodionovistas, dado Guil ter adoptado o nome de Rodionov), que, em Agosto de 1943, quando começou a definir-se a derrota de Hitler, trocaram a sua

bandeira negra com uma caveira prateada pela bandeira vermelha, e proclamaram num vasto «território guerrilheiro» o poder soviético, no nordeste da Bielorrússia. (Sobre esse «território guerrilheiro», sem se esclarecer onde tinha aparecido, muito se escreveu então nos nossos jornais. Mais tarde, todos os rodionovistas que escaparam com vida foram presos.) E quem lançou os alemães contra os rodionovistas? A brigada de Kaminski! (Em Maio de 1944, treze divisões foram mobilizadas para liquidar o «território guerrilheiro».) Era assim que os alemães compreendiam essas efígies tricolores: São Jorge, o Invencível, sobre fundo de Santo André. O russo e o alemão eram intraduzíveis, inexpressivos, incompatíveis. Pior ainda: em Outubro de 1944 os alemães mandaram a brigada de Kaminski (juntamente com as unidades muçulmanas) esmagar a insurreição de Varsóvia.

Enquanto uns russos se deixaram traiçoeiramente adormecer do outro lado de Vístula, contemplando com binóculos o massacre de Varsóvia, outros estrangulavam a insurreição. Não teriam os polacos sido suficientemente maltratados pelos russos, no século XIX, para, ainda, neles se cravarem os seus

alfanges, no século XX? (Mas isso seria tudo? Seriam os últimos?) Mais clara parecia ser a existência do batalhão de Ossintorf, transferido para a zona de Pskov. Era formado por cerca de seiscentos soldados e duzentos oficiais, sob o comando de emigrantes (l.K. Zakharov, Lamsdorf); a sua farda era russa e a sua bandeira branca, azul e vermelha. O batalhão, aumentado até um regimento, tinha sido preparado para ser lançado em pára-quedas na linha de Vologda-Arcângel, com o objectivo de atingir o complexo de campos de trabalho, que se encontrava situado nesses lugares. Igor Zakharov conseguiu, durante todo o ano de 1943, impedir que a sua unidade fosse enviada contra os guerrilheiros. Então, destituíram-no, desarmaram o batalhão e meteram-no num campo, enviando-o depois para a frente ocidental. Tendo posto de lado, esquecido e não necessitando de recordar o projecto inicial, no Outono de 1943, os alemães tomaram a decisão de enviar carne de canhão russa... para o baluarte do Atlântico, contra a resistência francesa e italiana. Os vlassovistas que tinham conservado algum sentido político ou alguma esperança, perderam-nos.

225

Os habitantes das regiões ocupadas desprezavam-nos por serem mercenários alemães, e os alemães pelo seu sangue russo. Os seus míseros jornais eram submetidos à tesoura da censura alemã: a Grande Alemanha e o Fúh-rer. E, assim, nada mais restava aos vlassovistas do que lutar até à morte e, nos momentos de ócio, encharcar-se em vodca. Uma COMPLETA PERDIÇÃO, tal foi a sua existência durante todos os anos de guerra no estrangeiro sem terem, jamais, outra saída.

Hitler e os que o rodeavam, retrocedendo já por toda a parte, em vésperas da derrota, não podiam no entanto superar a sua inabalável desconfiança perante as unidades russas isoladas, nem decidir-se pelas divisões integralmente russas, por uma sombra, sequer, de uma Rússia independente, que não lhe fosse submetida. Só no estertor do naufrágio, em Novembro de 1944, foi permitido (em Praga) um último espectáculo: a convocação de todos os grupos nacionais russos unificados por um «Comité de Libertação dos Povos da Rússia», bem como a publicação de um manifesto (bastardo, como das outras vezes, pois nele não se permitia pensar a

Rússia fora da Alemanha, fora do nazismo). Vlassov tornou-se o presidente deste Comité. Só no Outono de 1944 começaram a formar-se divisões vlassovistas, integralmente russas14. Provavelmente, os especialistas políticos alemães supunham que os operários russos (ostarbeiten) se lançariam a tomar as armas. Mas o Exército Vermelho já se encontrava no Vístula e no Danúbio... E, por ironia, como se quisessem confirmar a previsão dos alemães mais míopes, as divisões vlassovistas, ao executarem a sua primeira e última acção independente, assestaram um golpe... contra os alemães! No meio do desmoronamento geral, e já sem qualquer contacto com o Oberkommando, Vlassov reuniu, em fins de Abril, as suas duas divisões e meia, nas proximidades de Praga. Ali soube que o general das SS, Steiner, se preparava para destruir a capital checa, para não a entregar intacta. E Vlassov ordenou às suas divisões que se passassem para o lado dos checos sublevados. E todos os ultrajes, toda a amargura e toda a raiva acumulados, perante os alemães, nesses três cruéis e estúpidos anos, nos esforçados peitos russos, voltavam--nos, agora, contra eles: surgindo de um lado inesperado, desalojaram-nos de Praga. (Terão todos os checos compreendido, depois, quais foram os

russos que lhes salvaram a cidade? A nossa História está deturpada, pretendendo-se que Praga foi salva pelos combatentes soviéticos, quando, afinal, eles não puderam chegar a tempo.)

14 A primeira, formada na base da «brigada Kaminslci» (S. K. Buniatchenko); a segunda, sob as ordens de Zvierev (antigo comandante militar de Cracóvia); a terceira ficou em metade; a quarta apenas reuniu alguns elementos; e ainda o destacamento de aviação de Maltsiev. Não foram autorizadas mais de quatro divisões.

Depois o exército de Vlassov começou a retroceder para o lado dos americanos, para a Baviera: toda a sua esperança estava posta agora nos aliados, em que pudessem vir a ser-lhes úteis. Assim ganharia, no fim de contas, um sentido a sua prolongada suspensão na corda da forca alemã. Mas os americanos receberam-nos hostilmente e obrigaram-nos a entregar-se às mãos dos soviéticos, como tinha sido previsto na Conferência de lalta, E nesse mesmo Maio, na Áustria, Churchill deu também um passo de

fiel aliado (que, pela nossa habitual modéstia, não foi divulgado entre nós), entregando ao comando soviético um Corpo Cossaco de noventa mil homens,15 bem como muitos carros repletos de velhos, crianças e mulheres, que não desejavam regressar às margens dos pátrios rios cossacos. (O grande homem, cujos monumentos com o tempo cobrirão toda a Inglaterra, decidiu também entregá-los à morte.)

15 A maneira como esta entrega foi feita teve carácter pérfido, tradicional da diplomacia inglesa. O facto era que os cossacos estavam dispostos a bater-se até à morte, ou a partir para o outro lado do oceano, mesmo que fosse para o Paraguai ou para a Indochina, desde que não tivessem de se entregar vivos. Por isso, os ingleses propuseram primeiramente aos cossacos que depusessem as armas, sob o pretexto de unificação. Depois, chamaram os oficiais separadamente dos soldados, para uma pretensa conferência sobre os destinos do exército, a realizar na cidade de Hudenburgo, na zona de ocupação inglesa; mas, na noite anterior, haviam cedido secretamente essa cidade às tropas soviéticas. Quarenta autocarros com oficiais, desde os

comandantes de companhias até ao general Krasnov, passando pelo alto viaduto, desceram directamente para o semicerco de carros prisionais, em torno dos quais já se encontravam as escoltas com listas. E o caminho de regresso estava barrado por tanques soviéticos. Nem sequer podiam suicidar-se com um tiro, ou apunhalando-se: todas as armas tinham sido confiscadas. Alguns lançaram-se do viaduto sobre as pedras da estrada. Depois, usando o mesmo estratagema, os ingleses entregaram os soldados, metidos em comboios, como se fossem reunir-se aos seus oficiais, para receber as armas.

Nos seus países, Roosevelt e Churchill são considerados como modelos de lucidez política. Entre nós, nas discussões travadas nas prisões russas, sobressaía, com assombrosa evidência, a sua miopia sistemática e até a sua estupidez. Como puderam eles, no decorrer de 1941 e até 1945, não assegurar nenhumas garantias de independência para a Europa Oriental? Como puderam eles, em troca do ridículo joguete das quatro zonas de Berlim (que se tornaram o seu futuro calcanhar-de-Aquiles), abandonar as vastas regiões da Saxónia e da Turín-gia? E qual foi a razão militar e política que os levou a atirar para a

mão de Staline, isto é, para a morte, algumas centenas de milhares de cidadãos soviéticos armados, que, decididamente, não se queriam entregar? Diz-se que, desse modo, eles pagavam a participação directa de Staline na guerra contra o Japão. Possuindo já a bomba atómica, isso equivalia a pagar a Staline para que ele renunciasse não só a ocupar a Manchúria, mas a fortalecer Mao Tsé-Tung, na China, e Kim II Sung, em metade da Coreia!... Não se tratava, por acaso, de um indigente cálculo político? Mais tarde, quando foi desalojado Mikolaitchik, quando desapareceram Benés e Massarik, quando foi bloqueada Berlim, abandonada às chamas e asfixiada Budapeste, quando rebentou a guerra da Coreia, e os conservadores tiraram os pés do Suez - será possível que os que entre eles não têm a memória curta se não tenham recordado sequer do episódio dos cossacos?

Além das divisões vlassovistas, apressadamente constituídas, não poucas secções militares russas continuavam a azedar no destroçado exército alemão, sob uniformes que não se distinguiam das fardas

alemãs. Elas terminaram a guerra em diversos sectores e de maneira diferente.

Alguns dias antes da minha detenção, eu próprio fiquei debaixo do fogo dos vlassovistas. Havia igualmente russos dentro do cerco por nós montado na Prússia Oriental. Uma noite de fins de Janeiro, parte deles tentou abrir caminho para ocidente, através das nossas posições, sem preparação de artilharia, silenciosamente. Na ausência de uma linha de frente contínua, eles infiltraram-se rapidamente, e apanharam em tenaz o meu goniómetro, que estava numa posição avançada, de modo que tive dificuldade em retirá-lo pelo último caminho que nos restava. Mais tarde voltei lá por causa de um camião avariado e, ao amanhecer, vi como, agrupando-se na neve com a sua camuflagem branca, se levantaram subitamente e se lançaram, ao grito de «hurra!», sobre as posições de fogo da nossa bateria de cento e cinquenta e dois milímetros, perto de Adling Shvenkitten, cobrindo de granadas doze canhões pesados sem permitir-lhes dar um só tiro. Sob o fogo das suas balas tracejantes, o nosso último grupo correu três quilómetros, através da terra devoluta e nevada, até à ponte sobre o riacho Passarg. E ali foram detidos.

Pouco depois fui preso. E eis que na véspera da parada da Vitória estávamos agora todos juntos, presos, nas tarimbas de Butirki. E acabava de fumar o cigarro deles e eles o meu, e lado a lado íamos levar o balde de lata da latrina.

Uma grande parte dos vlassovistas, assim como dos «espiões de uma hora», era muito jovem, tendo nascido entre 1915 e 1922, e pertencendo portanto à «desconhecida geração juvenil», que, em nome de Puschkin, se tinha apressado a saudar o inquieto Lunatcherski. A maioria fora lançada nas formações militares pela mesma vaga casual que, no campo vizinho, arrastara os seus camaradas à espionagem: tudo dependia do engajador que se apresentava.

Os agentes de recrutamento explicavam-lhes com zombaria - com zombaria é uma maneira de dizer, pois tratava-se da verdade: «Staline renunciou a vocês! Staline está-se nas tintas para vocês!»

A lei soviética colocara-os fora da lei, mesmo antes de eles se terem colocado fora dela.

E eles engajaram-se... Uns, apenas para sair do campo da morte. Outros, com o fito de se passarem para o lado dos guerrilheiros (e muitos passaram-se,

tendo combatido depois ao lado deles, mas, segundo o critério estaliniano, isso em nada atenuava a sua condenação). Entretanto, alguns deles tinham calado fundo a dor sofrida pelo vergonhoso ano 41, a consternação da derrota após tantos anos de jactância; e outros havia que consideravam Staline como o primeiro culpado destes inumanos campos de concentração. Também eles sentiram o desejo de dizer quem eram e qual tinha

sido a sua terrível experiência: que constituíam uma partícula da Rússia e queriam influir no seu futuro, nãosendo um joguete dos erros alheios.

Mas o destino riu-se deles ainda mais amargamente e tornaram-se peões ainda mais minúsculos. Com uma obtusa miopia e fatuidade, os alemães só lhes permitiam que morressem pelo Reich, mas não que pensassem sobre um destino russo independente.

Até aos aliados estendia-se duas mil verstas - e, de resto, como seriam esses aliados?...

A palavra «vlassovista» soa entre nós como algo parecido com «impureza», dando a impressão de que sujamos a boca só de pronunciá-la, e por isso ninguém se atreve a proferir duas ou três frases cujo sujeito seja «vlassovista».

Mas a História não se escreve assim. Agora, decorrido já um quarto de século, quando a maioria deles pereceu nos campos e os que permaneceram vivos acabam os seus dias no extremo norte, eu quis, através destas páginas, lembrar que, para a história mundial, se trata de um fenómeno bastante inaudito: que várias centenas de milhares de jovens16, na casa dos vinte e trinta anos, tenham empunhado as armas contra a sua própria pátria, em aliança com o séu pior inimigo. Talvez seja necessário reflectir: quem será o mais culpado, essa juventude ou a pátria encanecida? É algo que não se pode explicar por uma propensão biológica à traição, devendo existir, para isso, causas sociais.

Porque, como diz o velho adágio: «Não é devido à forragem que os cavalos relincham.»

Imaginei um quadro assim: um descampado e, correndo desvairadamente por ele, cavalos abandonados e famintos.

Naquela Primavera havia ainda numerosos emigrados russos nas celas.

Isso tomava quase uma aparência de sonho: o retorno da História. Há muito que tinham sido escritos e fechados os tomos da guerra civil, resolvidos os seus problemas, inseridos os seus acontecimentos na cronologia dos manuais. Os líders do movimento branco já não eram nossos contemporâneos na terra, mas sim fantasmas de um passado delido. Os emigrados russos, mais cruelmente dispersos do que as tribos de Israel, na nossa maneira soviética de ver, se ainda por acaso arrastavam a sua existência, era como pianistas em desagradáveis restaurantes, como lacaios, lavadeiras,

16 Eram precisamente esses os cidadãos soviéticos que figuravam na Wehrmacht, tanto nas formações anteriores a Vlassov como nas dele; o mesmo nas unidades e destacamentos de cossacos, muçulmanos, bálticos e ucranianos.

pedintes, morfinómanos, cocainómanos, cadáveres vivos. Até à guerra de 1941, nenhuns indícios se filtravam nos nossos jornais, na nossa literatura e na nossa crónica literária (e não seriam os nossos saciados mestres que no-los dariam a conhecer), capazes de nos fazer suspeitar que os russos no estrangeiro constituíam um grande mundo espiritual; que aí se ia desenvolvendo uma filosofia russa original, onde se distinguiam os nomes de Bulga-kov, Berdiaiev e Losski; que a arte russa cativava o mundo, com um Rach-maninov, um Chaliapine, um Benois, um Diaguiliev, uma Pavlova, ou o coro cossaco de Jarov; que aí se realizavam profundas pesquisas sobre Dostoievski (enquanto no nosso país ele era então amaldiçoado); que existia um extraordinário escritor chamado Nabokov-Sirin; que Bunine ainda vivia e nos últimos vinte anos ainda continuava a escrever; que se publicavam revistas de arte e eram dados espectáculos; que se reuniam congressos de associações regionais onde se fazia ouvir a palavra russa; que os homens emigrados não tinham perdido a possibilidade de desposar mulheres

emigradas e que estas lhes davam filhos, ou seja, contemporâneos nossos.

As ideias espalhadas no nosso país acerca dos emigrados eram tão falsas que se se realizasse um inquérito para saber ao lado de quem estavam os emigrados russos, na guerra civil espanhola e na Segunda Guerra Mundial, todos à uma responderiam: «De Franco! De Hitler!» Nem agora, no nosso país, se sabe que a grande maioria dos emigrados brancos combateram ao lado dos republicanos. Que as divisões vlassovistas e o corpo cossaco de Von-Pannevits (krasnovista) eram compostos por cidadãos soviéticos e não, de modo nenhum, por emigrados: estes não foram atrás de Hitler, sendo casos isolados os de Meriejkovski e Guippius, que se puseram ao lado dos alemães. Parece algo de anedótico, mas não é: o próprio Denikin tentou lutar ao lado da União Soviética contra Hitler, e Staline esteve, por momentos, disposto a deixá-lo regressar à pátria (não como força de combate, pelos vistos, mas como símbolo da unidade nacional). No período da ocupação da França, um elevado número de emigrados russos, velhos e jovens, aderiram ao movimento de resistência e, depois da Libertação de

Paris, acorreram em vaga ao consulado soviético, entregando uma solicitação para regressar à pátria. Não importava que Rússia fosse, era a Rússia! Eis a sua palavra de ordem. E assim eles demonstraram que não mentiam quando já antes afirmavam o seu amor a ela. (Nas prisões, nos anos 45-46, eles eram quase felizes, pois essas grades e esses guardas eram russos; eles observavam com espanto como as crianças russas coçavam a nuca: «E para que diabo viemos? Não tínhamos espaço suficiente na Europa?»)

Mas, de acordo com essa mesma lógica estaliniana, segundo a qual se devia meter num campo de trabalho todo o cidadão soviético que tivesse vivido no estrangeiro, como poderiam escapar a esse destino os emigrados? Nos Balcãs, na Europa Central, em Karbine, logo à chegada das tropas soviéticas eles eram presos: apanhavam-nos nas casas e nas ruas, exactamente como os nossos. De momento, só deitavam as mãos aos homens, e não a

todos, apenas àqueles que tinham manifestado as suas ideias políticas. (As suas famílias iam depois,

por etapas, para as zonas de deportação russas, sendo algumas deixadas na Bulgária ou na Checoslováquia.) Na França recebiam-nos com honras e flores, concedendo-lhes a cidadania soviética e transportando-os com conforto para a pátria, mas aqui logo os varriam. As coisas levaram mais tempo com os emigrados de Xangai: as mãos soviéticas não chegaram até lá em 1945. Mas um representante plenipotenciário do Governo soviético apresentou-se e tornou público um ucasse do Praesi-dium do Soviete Supremo que coincidia com o perdão a todos' os emigrados! Como não acreditar? É impossível que o Governo minta! (Que houvesse ou não esse ucasse, isso em nada atrapalhava os órgãos.) Os emigrados de Xangai manifestaram o seu júbilo. Convidaram-nos a levar os objectos que quisessem (alguns levaram automóveis, que podiam ser úteis à pátria), e a instalar-se onde desejassem na União Soviética, a trabalhar, naturalmente, em qualquer especialidade. Foram transportados de Xangai em barcos. Mas já o destino dos barcos foi diferente; não se sabia porquê, nalguns deles não davam de comer. Diferente foi também o destino dos emigrados que desembarcaram no porto de Nakhodka (um dos principais pontos de passagem para Gulag). Quase todos foram metidos

em comboios de mercadorias, como reclusos. Somente não havia ainda uma escolta rigorosa nem cães. Alguns foram conduzidos para lugares habitados, inclusive cidades, e, efectivamente, ali os deixaram viver de dois a três anos. Outros foram imediatamente levados em comboios para campos de trabalho, algures no Volga, e lançados de um alto declive, em plena floresta montanhosa, juntamente com pianos pintados de branco e vasos de plantas. Nos anos de 48-49, os repatriados do Extremo Oriente, que continuavam vivos, foram todos de novo passados ao raspador.

Quando eu era um garoto de nove anos lia, com mais prazer do que os livros de Júlio Verne, as brochuras azuis de V. V. Chulguin, que eram então vendidas tranquilamente nos nossos quiosques. Era uma voz vinda de um mundo tão afastado que nem com a mais assombrosa fantasia eu podia supor que menos de vinte anos depois os passos do seu autor se cruzariam com os meus numa invisível linha ponteada pelos silenciosos corredores da Grande Lubianka. É certo que não foi nessa época distante que o encontrei em carne e osso, mas somente vinte anos mais tarde. Entretanto, nesta Primavera de

1945 tive tempo de observar numerosos emigrados, jovens e velhos.

Foi-me dada a oportunidade de ir, juntamente com o capitão de cavalaria Borch e o coronel Mariuchkin, a uma inspecção médica, e a imagem lamentável dos seus corpos nus, enrugados, de uma cor amarelada e escura, não propriamente corpos, mas sim múmias, ficou gravada nos meus olhos. Foram presos cinco minutos antes de serem enterrados, trazidos para Moscovo, de milhares de quilómetros de distância.e aqui, em 1945, da maneira mais séria do mundo, fizeram-lhes um interrogatório sobre... a sua luta

contra o poder soviético em 1919!

Habituámo-nos tanto à acumulação de injustiças nos processos judicials que deixámos de diferenciar os seus graus.

Este capitão de cavalaria e este coronel eram quadros militares do exército czarista. Já tinham mais de quarenta anos de idade e serviam há uns vinte, quando o telégrafo transmitiu o comunicado de que

em Petrogrado haviam derrubado o imperador. Durante duas décadas eles foram fiéis ao juramento czarista e agora, contra as suas convicções (e talvez murmurando por dentro: «Que a peste caia sobre ti e que o diabo te carregue»), prestaram ainda juramento ao Governo provisório. Nunca mais os convidaram a prestar juramento a quem quer que fosse, uma vez que o exército tinha sido completamente desbaratado. Eles não gostavam de um regime sob o qual se arrancavam galões e matavam oficiais, e naturalmente uniram-se a outros oficiais para lutar contra esse regime. Era também natural que o Exército Vermelho lutasse contra eles e os jogasse ao mar. Mas num país onde existisse, ainda que fosse em embrião, um pensamento jurídico, quais poderiam ser os fundamentos para os JULGAR e ainda por cima ao cabo de um quarto de século? (Durante todo esse tempo eles tinham vivido como simples particulares: Mariuchkin, até à sua detenção; e quanto a Borch, é verdade que o encontraram numa caravana cossaca, na Áustria, mas não, precisamente, numa unidade armada, e sim entre os velhos e as mulheres.)

Entretanto, em 1945, no próprio centro do novo aparelho judiciário, acusaram-nos cumulativamente: de actos destinados ao derrubamento do poder dos Sovietes de operários e camponeses; de invasão armada do território soviético (isto é, de não terem partido imediatamente da Rússia, quando em Petrogrado foi proclamado o poder soviético) de prestação de ajuda à burguesia internacional (que nem em sonhos nem em espírito haviam visto); de terem servido os governos contra-revolucionários (ou seja, os seus generais, aos quais tinham estado sempre subordinados). E todos estes pontos (1-2-4-13) do artigo 58 correspondiam a um código aprovado... em 1926, isto é, seis a sete anos DEPOIS DO TERMO da guerra civil! (Exemplo clássico e desavergonhado de aplicação retroactiva da lei!) Além disso, o artigo 2 do Código indicava que ele se aplicava unicamente aos cidadãos presos no território da República Socialista Soviética Federativa Russa. Mas a mão direita da Segurança do Estado arrancava tanto os que eram NÂO cidadãos, como os habitantes de todos os países da Europa e da Ásia!17 Quanto à prescrição, já nem sequer falamos: estava flexivelmente previsto que, em relação ao artigo 58, ela não se aplicava. («Para quê remexer no

passado?...») A prescrição era reservada aos nossos verdugos caseiros

17 Assim, não há nenhum presidente africano que possa estar seguro de que, dentro de dez anos, não publiquemos uma lei, pela qual o julguemos pelos seus actos de hoje. Os chineses, em todo o caso, fá-lo-ão desde que os deixem chegar lá.

que aniquilaram sistematicamente mais compatriotas do que toda a guerra civil.

Mariuchkin era ainda capaz de se recordar de tudo claramente, relatando os pormenores da sua evacuação de Novorossisk, mas Borch era como se tivesse regressado à infância, e murmurava simploriamente como acabava de festejar a Páscoa na Lubianka: durante toda a semana, desde os Ramos até à Paixão, apenas comeu metade da ração de pão; a outra guar-dava-a, e trocava gradualmente pão duro por mole. Desta forma, com o que tinha jejuado, juntou o pão de sete dias e banqueteou-se durante os três dias de Páscoa.

Não sei precisamente que espécie de guardas brancos foram eles durante a guerra civil: se pertenciam à categoria que constituía a excepção - os que enforcavam sem julgamento um entre cada dez operários e espancavam os camponeses - ou à da maioria dos soldados. Que agora os tivessem processado e julgado aqui, não constituía uma prova material nem um argumento. Mas se, até esse momento, durante um quarto de século, tinham vivido, não como honrados aposentados, mas como proscritos sem lar, talvez seja ainda difícil encontrar fundamentos morais para julgá-los. Esta é uma dialéctica que Anatole France dominava, mas que nos é de todo em todo inacessível. Segundo ele, o mártir de ontem deixa de ser justo, desde o primeiro instante em que a camisa de carrasco se lhe pegue ao corpo. E vi-ce-versa. Mas não nas biografias do nosso tempo revolucionário: se me montaram durante um ano, quando eu deixei de ser potro, agora toda a vida me chamarei cavalo, embora há muito sirva como cocheiro.

O coronel Konstantin Konstantinovitch Iacevitch diferenciava-se muito dessas importantes múmias de emigrantes. Para ele, o fim da guerra civil não

significava certamente o fim da luta contra o bolchevismo. Com que meios ele pôde lutar, onde e como, isso não me contou. Mas ele tinha a impressão de se encontrar ainda no serviço activo, mesmo agora, aqui na cela. Enquanto o caos e as sequências descontínuas e incertas de ideias reinavam na maioria das nossas cabeças, ele, pelos vistos, tinha uma opinião clara e precisa sobre o que nos rodeava, e a clareza das suas posições na vida dava-lhe uma permanente energia, elasticidade e dinamismo. Não tinha menos de sessenta anos, a sua cabeça era inteiramente calva, já sofrera a instrução do processo (esperava a sentença, como todos nós) e não recebia, naturalmente, ajuda de parte alguma, mas conservava a sua juventude e mesmo a sua pele rosada. Em toda a cela ele era o único que fazia ginástica pela manhã e se borrifava com água da torneira (todos nós poupávamos, pelo contrário, as calorias do rancho prisional). Ele não deixava passar o tempo, durante o qual, entre as tarimbas, ficava um espaço livre, e nesses cinco ou seis metros andava de um lado para o outro, com passo elástico e preciso, as mãos cruzadas sobre o peito e os olhos claros e juvenis trespassando as paredes.

Justamente porque nós nos surpreendíamos com o que sucedia à nossa

volta, e para ele nada contradizia a sua expectativa, era na cela um ser completamente isolado. Só um ano depois eu pude avaliar e compreender a sua conduta na prisão: fui parar de novo a Butirki e, numa das setenta celas, encontrei jovens do mesmo processo de lacevitch, com sentenças de dez e de quinze anos. Num papel de fumar estava escrito, não se sabendo como é que tinha ido parar às suas mãos, a sentença de todo o grupo. O primeiro da lista era lacevitch e a sua sentença era o fuzilamento. Eis pois o que ele _ via e previa através das paredes, com os seus olhos não envelhecidos, andando da mesa para a porta e inversamente. Mas a sua consciência, que não se arrependia de seguir o caminho justo, proporcionava-lhe uma força extraordinária.

Entre os emigrados encontrava-se Igor Tronko, da minha geração. Travámos amizade. Ambos estávamos enfraquecidos, chupados, com a pele amarelada e engelhada recobrindo os ossos. (Porque é que nos

deixamos abater tanto? Penso que devido ao desconcerto espiritual.) Tanto eu como ele éramos magros e altos. Agitados pelos impulsos do vento estival, no pátio de recreio de Butirki, andávamos sempre ao lado um do outro, com um passo cuidadoso de velhos, discutindo as nossas vidas paralelas. Nascemos no mesmo ano, no Sul da Rússia. Ainda mamávamos, quando o destino remexeu na sua velha bolsa e me estendeu a mim uma palhinha curta e a ele uma comprida. A sua sina atirou-o para lá dos mares, embora o seu pai, pretenso guarda branco, fosse um simples e modesto telegrafista. Para mim era deveras interessante imaginar, através da vida dele, toda a minha geração de compatriotas que ali se encontrava. Eles tinham sido criados sob uma boa protecção familiar, com modesto desafogo ou mesmo com dificuldades. Eram todos muito bem-educados e, de acordo com os seus meios, instruídos. Cresceram sem conhecer o medo e a repressão, embora um certo peso dos dirigentes das organizações de brancos se exercesse sobre eles, enquanto não se tornaram adultos. Cresceram dum modo tal que os vícios do século, que envolviam toda a juventude europela (elevada criminalidade, atitude leviana perante a vida, falta de reflexão), não os

abrangeram, pois desenvolveram-se à sombra da indelével desgraça das suas famílias. Em todos os países onde tinham estado só reconheciam a Rússia como sua pátria. A sua formação espiritual era baseada na literatura russa, tanto mais amada, porque para eles ela significava o princípio e o fim da sua pátria, a qual, naquele momento, não existia senão como um facto geográfico e físico. As publicações contemporâneas eram-lhes mais acessíveis do que a nós, mas precisamente as edições soviéticas quase não chegavam até eles, e sentiam essa lacuna de um modo agudo, parecendo--lhes que, por isso, não podiam compreender o que havia de mais importante, o que havia de mais elevado e belo na Rússia Soviética. Tudo o que conheciam tinha para eles um ar de deturpação, de mentira, de algo incompleto. As ideias que possuíam sobre a nossa vida autêntica eram das mais Pálidas, mas a saudade pela pátria era tal que se no ano de 41 tivessem feito

apelo a eles, todos acorreriam ao Exército Vermelho e mesmo mais' gratamente para morrer do que para

ficar vivos. E aos vinte e cinco e vinte e sete anos esta juventude já formulava e defendia com firmeza vários pontos de. vista, que não coincidiam com as opiniões dos velhos generais e políticos. Assim, o grupo de Igor era partidário de «nada decidir a priori». Eles afirmavam que, não havendo compartilhado com a pátria toda a complexa gravidade das décadas anteriores, ninguém tinha o direito de decidir sobre o futuro da Rússia, nem sequer de propor algo, mas somente de regressar e oferecer as suas energias para aquilo que o povo decidisse.

Passávamos longo tempo deitados um ao lado do outro nas tarimbas. Eu aprendi quanto pude do seu mundo, e este encontro abriu-me (o que depois outros encontros confirmaram) à ideia de que se sumira pela vala de escoamento da guerra civil uma parte considerável das nossas forças espirituais, privando-nos de um ramo da cultura russa. E todos os que a amaram vverdadeiramente aspirarão à reunificação dos dois ramos - o da metrópole e o do estrangeiro. Só então ela atingirá a plenitude, só então ela poderá desenvolver-se sem entraves.

Eu sonho viver até esse dia.

O homem é débil, débil. No fim de contas, até os mais obstinados de nós desejavam o perdão, nessa Primavera, estando dispostos a renunciar a muito por um poucochinho mais de vida. Circulava a seguinte anedota: «A sua última palavra, acusado!» - «Peço que me enviem para onde quiserem, contanto que haja lá o poder soviético! E sol...» Não estávamos ameaçados de ver-nos privados do poder soviético, mas de ver-nos privados do sol... Ninguém queria ir para as regiões polares, onde havia o escorbuto, a distrofia. E, não se sabe porquê, espalhou-se, em particular nas celas, a lenda sobre o Altai. Aqueles poucos que alguma vez lá tinham estado, mas sobretudo os que nunca lá estiveram, sugeriam aos companheiros de cela sonhos harmoniosos: que belo país é o Altai! Tem a vastidão da Sibéria e um clima suave! Margens cheias de trigais e rios de mel! Estepes e montanhas! Rebanhos de ovelhas, caça e pesca! Populosas e ricas aldeias! ...18

18 Os sonhos dos presos sobre o Altai não serão a continuação do velho sonho dos camponeses sobre essa região? Aí ficavam as terras chamadas do «Gabinete de Sua Majestade», mantendo-se, por isso, durante longo tempo, mais fechadas à emigração do

que o resto da Sibéria. Mas era precisamente para lá que tentavam ir os camponeses (e lá se instalaram). Não precederá daí essa insistente lenda?

Ah!, esconder-se nessa quietude! Ouvir o nítido e sonoro canto do galo através dum ar límpido! Acariciar o focinho sério e bonacheirão de um cavalo! E que vão para o Diabo todos os grandes problemas; que quebre com eles a cabeça outro qualquer mais estúpido do que eu! Repousar ali das injúrias do investigador, deste fastidioso desbobinar de toda a tua vida, do barulho das fechaduras da prisão, do asfixiante ar viciado da cela. A vida que nos é dada é tão pequena, tão curta! E nós expomo-la criminosamente a uma metralhadora qualquer, e imiscuímo-la, assim pura, no sórdido lixo da política! Lá, no Altai, parece-me que viveria na mais baixa e obscura cabana do extremo da aldeia, na orla do bosque. E iria ao bosque não para apanhar lenha seca ou cogumelos, mas simplesmente para errar entre as árvores, de que abraçaria dois troncos: meus queridos!, de nada mais preciso!...

A própria Primavera exortava à clemência: a Primavera do fim de uma tão monstruosa guerra! Nós, presos, víamos que"éramos milhões a fluir pelos cárceres e que muitos mais milhões ainda nos acolheriam nos campos. É impossível que se deixem assim tantos milhões de pessoas na prisão, após a maior vitória mundial! Devem simplesmente reter-nos para nos dar uma severa advertência, para que nos fique na memória. Naturalmente, haverá uma grande amnistia, -e bem depressa nos libertarão a todos. Alguns até juravam ter lido no jornal que Staline, respondendo a um correspondente americano (de que apelido?, não me lembro...), disse que depois da guerra haveria uma amnistia no nosso país como o mundo nunca vira. A um outro, tinha sido O PRÓPRIO COMISSÁRIO a garantir que bem depressa dariam uma amnistia geral. (Estes boatos eram vantajosos para os comissários, pois afrouxavam a nossa vontade: que um raio os leve, assinaremos o que quiserem, de todas as maneiras não é por muito tempo!)

Mas para que haja clemência é necessário que a razão prevaleçaI Isto é válido para toda a nossa História, e por muito tempo ainda.

Não escutávamos os poucos prisioneiros lúcidos que havia entre nós, os quais grasnavam que nunca, ao longo de um quarto de século, tinha havido uma amnistia para os presos políticos, nem jamais haveria. Encontrava-se sempre na cela um bufo para saltar com esta resposta: «Sim, em 1927, por ocasião do décimo aniversário de Outubro, todas as cadeias ficaram vazias e sobre elas flutuavam bandeiras brancas!» Esta surpreendente visão das bandeiras brancas na prisão - e porquê brancas? - comovia particularmente o coração19. Repelíamos os mais sensatos, que explicavam que

19 A colectânea Das Prisões às Instituições Educativas, na pág. 396, dá a seguinte cifra: por ocasião da amnistia de 1927 foram libertados sete e meio por cento dos reclusos. Pode acreditar-se nisto. É um número muito mesquinho para o décimo aniversário da Revolução. Dos políticos, libertaram as mulheres com filhos, e aqueles a quem faltava cumprir uns meses,

nós estávamos presos aos milhões precisamente porque tinha acabado a guerra: na frente já não fazíamos falta; na retaguarda éramos perigosos e nas longínquas obras de construção sem nós não se assentava um tijolo. (Nós não tínhamos suficiente espírito de abdicação de nós próprios para penetrar nos cálculos, senão malévolos, pelo menos económicos, de Staline: quem é que, depois de desmobilizado, quereria deixar a família, o lar, e partir para Kolima, para Vorkut, para a Sibéria, onde não havia ainda caminhos nem casas? Isto era quase uma tarefa do Plano Estatal: fornecer ao Ministério do Interior o número de homens a prender.) Uma amnistia! Uma generosa e ampla amnistia! Nós esperávamo-la ansiosamente! Diz-se que na Inglaterra no aniversário da coroação, isto é, todos os anos, dão amnistia!

Foram amnistiados numerosos presos políticos pelo tricentenário da dinastia dos Romanov. Seria possível que, tendo obtido agora uma vitória, à escala de um século, e mesmo mais, o Governo estalinista fosse tão mesquinho e vingativo que se mostrasse incapaz de esquecer os passos em falso e os deslizes de cada um dos seus mais insignificantes cidadãos?...

Há uma verdade simples, mas que é necessário experimentar na própria carne: benditas sejam não as vitórias nas guerras, mas as derrotas! As vitórias são necessárias para os povos. Depois das vitórias ambiciona-se ainda novas vitórias, depois das derrotas quer-se a liberdade, e habitualmente consegue-se. Os povos precisam das derrotas como certas pessoas precisam de sofrimentos e de desgraças: elas obrigam a aprofundar a vida interior e a elevar-se espiritualmente.

A vitória de PoFtava20 foi uma desgraça para a Rússia: ela arrastou consigo dois séculos de grandes tensões, de devastações, de opressão e de novas e novas guerras. Pelo contrário, a derrota de Poltava foi salutar para os Suecos: tendo perdido o gosto de pelejar, eles tornaram-se o povo mais florescente e livre da Europa21.

Nós estamos tão acostumados a orgulhar-nos da nossa vitória sobre Napoleão que perdemos de vista que foi precisamente devido a ela que a libertação dos camponeses se não realizou cinquenta anos antes; e que foi justamente graças a ela que o trono se fortaleceu e esmagou os dezembris-tas. (Quanto à ocupação francesa, ela não foi uma realidade para a

Rússia.) Já a guerra da Crimeia e as guerras contra o Japão e a Alemanha22 nos proporcionaram todas as liberdades e revoluções.

uma dúzia. Mas, entretanto, arrependeram-se, inclusive dessa mísera amnistia e começaram a atropelá-la: alguns foram retidos na prisão e aos outros, em vez de dar-lhes liberdade incondicional, concederam-lhes uma libertação «reduzida» (residência fixa).

20 rje petjro O Grande, sobre o rei da Suécia, eml709. (N. dos T.)

21 Talvez que só no século XX, a acreditarmos no que se diz, a sua abundância estagnante o tenha conduzido à crise moral.

22 Respectivamente, em 1853-56, 1904-5 e 1914-17. (N. dos T.)

Nessa Primavera tínhamos fé na amnistia, mas nisso não éramos originais. Falando com velhos presos compreendia-se, pouco a pouco, que esta sede de liberdade, esta fé na clemência, nunca abandonam os

cinzentos muros da cadeia. Década após década, as diferentes torrentes de presos sempre esperaram e sempre tiveram fé: ora na amnistia, ora num novo código, ora numa revisão do processo (e os boatos eram sempre, com habilidade e cautela, suscitados pelos órgãos). Cada aniversário de Outubro, cada aniversário de Lenine e do Dia da Vitória, do Exército Vermelho ou da Comuna de Paris, cada plano quinquenal e cada reunião plena do Supremo Tribunal - tudo a imaginação dos presos fazia coincidir como a tão esperada descida do anjo da libertação! E quanto mais selvagens, eram os acusados, quanto mais homéricas e frenéticas eram as, torrentes de prisioneiros, tanto mais nascia neles, não a lucidez mas sim a fé na amnistia!

Todas as fontes da luz se podem comparar, num ou noutro grau, com o Sol. Só o Sol não se pode comparar com coisa alguma. Do mesmo modo, todas as esperanças do mundo podem ser comparadas à espera de uma amnistia, mas a espera de uma amnistia a nada se pode comparar.

Na Primavera de 1945, a cada novato que chegava à cela, a primeira coisa que se perguntava era se ele tinha ouvido algo sobre a amnistia. E se de uma cela

levavam dois ou três presos COM AS SUAS COISAS, os peritos logo começavam a confrontar os seus PROCESSOS e sabiamente concluíam que eram dos menos graves, sendo por isso que os punham em liberdade. Tudo começava na latrina e na casa de banho, que eram os postos de correio dos presos; por toda a parte os nossos activistas buscavam vestígios e escritos sobre a amnistia. E, de súbito, no célebre vestíbulo roxo da casa de banho de Butirki, nós lemos, em começos de Julho, a enorme profecia, escrita com sabão sobre os azulejos cor de violeta, a uma altura superior à estatura de um homem (alguém tinha subido aos ombros de outro, para que tardassem mais tempo a apagar a inscrição):

«Hurra!!! Em 17 de Julho sairá uma amnistia!»23

Quanto regozijo houve entre nós! (Se não tivessem a certeza não escreveriam aquilo!) Tudo o que palpitava, pulsava, vibrava no nosso corpo, ficou paralisado de alegria, ao pensarmos que a porta se ia abrir...

Mas - PARA QUE HAJA CLEMÊNCIA E NECESSÁRIO QUE A RAZÃO PREVALEÇA!

Em meados desse mês de Julho, o guarda do corredor mandou um velho da nossa cela lavar as latrinas e

ali, cara a cara (diante de testemunhas não se teria atrevido), perguntou-lhe compadecidamente, olhando para a sua cabeça grisalha:" «Por qual artigo está preso, velhote?» - «Pelo cin-

De facto, os filhos da mãe tinham-se enganado apenas num traço! Para mais pormenores sobre a grande amnistia estaliniana de 7 de Julho de 1945, ver Parte III, capítulo VI.

quenta e oito!», alegrou-se o velho, por quem choravam em casa três gerações. «Não és abrangido...», suspirou o guarda. «Besteira!», concluíram na cela. «O guarda é um analfabeto.»

Nesta cela encontrava-se um jovem de Kiev, Valentim (não me recordo do seu apelido), de olhos grandes e bonitotes, que pareciam de mulher, e estava aterrorizado com o processo. Ele çra sem dúvida extremamente intuitivo, talvez devido àquele estado de excitação. Por mais de uma vez, ao passear de manhã pela cela, ele indicava: «Hoje levam-te a ti e a ti, eu sonhei com isso.» E levavam-nos! Precisamente a elesíiEntretanto, a alma do preso é tão inclinada ao

misticismo que ele acolhe os vaticínios quase sem assombro.

No dia 27 de Julho, Valentim áproximou-se de mim e disse: «Alexandre! Hoje vamos os dois.» E contou-me um sonho onde figuravam todos os elementos dos sonhos prisionais: uma ponte por cima de um rio turvo, & uma cruz. Comecei a preparar-me e não foi em vão: depois da água fervida da manhã chamaram-nos. A cela despediu-se ruidosamente de nós, desejando-nos sorte, pois muitos afirmavam que íamos ser postos em liberdade (o que resultara do confronto dos nossos processos, ambos pouco graves).

Podes não acreditar nisso, podes permitir-te ser céptico, repeti-lo com gracejos, mas umas tenazes ardentes, das mais abrasadoras da terra, aper-tam-te de repente a alma: e se for verdade?

Juntaram vinte pessoas de celas diferentes e levaram-nos primeiramente ao banho (em cada mudança da vida de um preso ele deve, antes do mais, passar pelo banho). Ali estivemos algum tempo, cerca de uma hora e meia, entregues a conjecturas e a divagações. Depois do vapor do banho, reconfortados, passámos

pelo jardim cor de esmeralda do pátio de Butirki, onde ensurdecedoramente chilreavam os pássaros (talvez fossem apenas pardais); o verde intenso dessas árvores parecia insuportável aos olhos desabituados da luz. Nunca a vista apreendeu com tanta força o verde da folhagem como nesta Primavera! E nunca tinha visto nada na vida mais parecido com o paraíso do que aquele jardinzinho de Butirki, que não levava mais de trinta segundos a atravessar, pelo passeio asfaltado!24

Conduziram-nos à estação de Butirki (lugar de recepção e de envio dos presos, cujo nome é muito certeiro, pois, além do mais, o vestíbujo principal é muito parecido com o de uma boa estação) e meteram-nos num cárce-

24 Vi ainda um jardim parecido, que era mais pequeno, mas em compensação mais íntimo, já muitos anos depois, como excursionista, no bastião de Trubetski, na Fortaleza de Pedro e Paulo. Os excursionistas surpreendem-se diante dos tenebrosos corredores e celas, mas eu pensei que, tendo para passeio um tal jardinzinho, os prisioneiros não eram pessoas inteiramente perdidas no mundo. A nós

levavam-nos a passear só por recantos cobertos de pedras mortas.

re grande, espaçoso. Havia aí uma semiescuridão e ar fresco: a única e minúscula janela ficava muito alta e não tinha mordaça. Ela dava justamente para aquele ensolarado jardim. Através de um caixilho aberto, ouvia-se o piar ensurdecedor dos pássaros e no vão da janela balanceava-se um raminho verde-claro, prometendo a todos nós a liberdade e o lar. (Vejam! Nunca havíamos estado numa box tão boa! - não era por casualidade!)

E todos nós dependíamos do O.S.O.25 Acontecia que estávamos presos por uma ninharia.

Durante três horas ninguém nos molestou, ninguém abriu a porta. Nós andávamos, andávamos e andávamos pela box, até que, derreados, nos sentámos nos bancos de pedra. E o raminho balanceava, balanceava, sau-dando-nos através do postigo, enquanto os pardais respondiam uns aos outros endiabradamente.

Subitamente, os gonzos da porta rangeram e chamaram um dos nossos, um pacato contabilista de trinta e cinco anos. Ele saiu. A porta fechou-se. Pusemo-nos a correr mais intensamente ainda dentro da nossa caixa, que nos queimava.

Novo estrondo. Chamaram outro e fizeram entrar o anterior. Lançá-mo-nos sobre ele. Mas não parecia o mesmo! A vida tinha paralisado no seu rosto. Os seus olhos abertos estavam cegos. Com movimentos incertos, ele mexia-se vacilantemente pelo chão liso da box. Estaria contundido? Tê-lo-iam espancado com uma tábua de engomar?

- Então? Então? - perguntámos angustiados. (Se ele não vem da cadeira eléctrica, devem, em todo o caso, ter-lhe comunicado a pena de morte.) Com voz de quem anuncia o fim do mundo, o contabilista disse:

- Cinco... anos!

E de novo os gonzos da porta rangeram: voltaram tão rapidamente que dava a impressão de os terem levado à latrina para fazer uma pequena necessidade. Este regressou radiante. Pelos vistos anunciaram-lhe a liberdade.

- Então? Então? - juntámo-nos à volta do que regressara com esperança. Ele fez um movimento com o braço, sufocando de riso:

- Quinze anos!

Era demasiado absurdo para acreditarmos, assim de chofre.

25 Sessão especial de deliberação da Administração Política do Estado - G. P. U.--N. K. V. D.

VII

NA SECÇÃO DE MÁQUINAS

NA box vizinha à estação de Butirki, conhecida como a da busca (ali se revistavam os recém-detidos, havendo um espaço suficiente para que cinco ou seis guardas pudessem controlar, numa só rodada, uns vinte presos), não havia já ninguém, encontrando-se vazias as grosseiras mesas da inspecção. Só a um lado, sob uma lâmpada, estava sentado, diante de uma pequena mesa ocasional, um elegante major da N. K. V. D., de cabelos pretos. A expressão dominante

do seu rosto era de paciente aborrecimento. Ele perdia o seu tempo em vão, enquanto traziam e levavam os presos um por um. As assinaturas poderiam ser recolhidas muito mais depressa.

Ele apontou-me um banco situado na sua frente, do outro lado da mesa, e verificou o meu apelido. À direita e à esquerda dos tinteiros, à sua frente, viam-se pequenas pilhas de papelinhos brancos, todos iguais, da dimensão de metade de uma folha de papel de máquina e de formato igual ao dos que, nas administrações das casas de habitação, nos entregam como facturas de combustível, ou, então, ao dos requerimentos para a aquisição de artigos de escritório, nas repartições. Ao folhear a rima da direita, o major encontrou um boletim que me dizia respeito. Tirou-o, leu-o com indiferença, numa voz precipitada (eu compreendi que me condenavam a oito anos), e pôs-se logo a anotar com a caneta no reverso, que o texto me tinha sido comunicado em tal data.

O meu coração nem sequer teve uma leve palpitação a mais, tão banal era tudo aquilo. Seria possível que fosse essa a minha verdadeira sentença e que iria constituir uma viragem decisiva na minha vida?

Eu queria emocionar-me, viver todos os sentimentos próprios deste momento - mas não pude, de modo algum. O major estendia-me já o verso da folha. E ali tinha ao meu alcance a caneta de sete kopecs, com um ruim aparo, que pescou um farrapo de papel no tinteiro.

- Não, quero lê-la eu próprio.

- Acaso vou enganá-lo? - replicou preguiçosamente o major. — Bem, leia.

E, sem vontade, soltou a folhinha da mão. Eu voltei-a e, propositadamente, mirei-a com todo o vagar, não apenas palavra por palavra mas letra

por letra. Estava escrita à máquina, mas não era o original que eu tinha sob os olhos e sim uma cópia:

Extracto do despacho da Comissão Especial de Deliberação do Comissariado do Povo da Segurança do Estado da U. R. S. S., de 7 de Julho de 1945, número...1

Tudo isto era sublinhado com um traço ponteado e dividido também com um ponteado vertical:

Tendo examinado: a acusação contra (nome, data e lugar de nascimento).

Cópia fiel. O Secretário.

Decidiu-se:

aplicar a (nome do interessado) por agitação e tentativa de uma organização anti-soviética 8(oito) anos de campo correccional de trabalho.

Deveria eu limitar-me simplesmente a assinar e a sair silencioso? Olhei para o major: iria ele dizer-me qualquer coisa, explicar-me algo? Não, não se dispunha a isso.

Tinha já feito sinal com a cabeça ao guarda, para entrar o seguinte.

Para emprestar ao momento um pouco de gravidade, perguntei-lhe em tom trágico:

— Mas isto é horrível! Oito anos! Porquê?

As minhas palavras soaram-me falsas a mim mesmo: nem eu nem ele sentíamos que era horrível.

— Aqui — indicou-me o major, uma vez mais.

E eu assinei. Não teria simplesmente achado mais que fazer?

— Então, permita-me que escreva aqui mesmo um recurso de apelação. A sentença é injusta.

— Faça-o nos termos legais - disse mecanicamente com a cabeça o major, colocando o meu papelinho na pilha da esquerda.

— Passe! - ordenou-me o guarda. E eu passei.

1 Reunida no próprio dia da amnistia: o trabalho era urgente.

Faltou-me engenho. Georgui Tenno, a quem, é verdade, apresentaram um papelinho com vinte e cinco anos, respondeu assim: «Mas trata-se de prisão perpétua! Dantes, quando uma pessoa era condenada a prisão perpétua, rufavam os tambores e convocava-se. a multidão. Mas aqui é como se fosse uma lista do sabão: vinte cinco anos - e abalar!»

Arnold Rappoport agarrou na caneta e escreveu no verso: «Protesto categoricamente contra esta sentença

ilegal e terrorista, e exijo imediatamente a minha libertação.» O funcionário esperou primeiro com paciência, mas, ao ler o que ele escrevera, enfureceu-se e rasgou o papel que continha a decisão. Isso não tinha importância, a sentença continuava em vigor: aquilo era uma cópia.

Mas Vera Korneieva aguardava uns quinze anos e viu com entusiasmo que no seu papelinho somente estavam escritos cinco. Riu-se com o seu riso luminoso e apressou-se a assinar, para que não se arrependessem. O oficial teve dúvidas: «Mas você compreendeu o que eu lhe li?» — «Sim, sim, muito obrigada! Cinco anos em campos de trabalho correccionais!»

Quanto ao húngaro Rozcas Janos, leram-lhe em língua russa, e sem tradução, num corredor, a sentença de dez anos de prisão. Ao assinar, ele não compreendeu que se tratava da sentença. Tinha esperado longo tempo o julgamento e só mais tarde, no campo, ao ter uma ideia confusa do seu caso, suspeitou que tivesse sido assim.

Regressei à box, sorrindo. Estranhamente, sentia-me, de minuto a minuto, mais alegre e aliviado.

Todos voltavam com dez anos, inclusive Valentim. A pena infantilmente mais baixa de todo o nosso grupo tinha sido a do contabilista que perdera o juízo (e que até ao momento continuava sentado sem dar sinal de si). Depois da dele a mais pequena era a minha.

Entre as pinceladas de sol, via-se ainda aquele raminho, do outro lado da janela, a balancear-se alegremente à leve brisa de Junho. Nós falávamos com animação. Aqui e ali o riso brotava com frequência na enxovia. Ría-mo-nos por tudo se ter passado bem; ríamo-nos do perturbado contabilista; ríamo-nos das nossas esperanças matinais e de como se haviam despedido de nós na cela, de como nos tinham encomendado pacotes convencionais: quatro batatinhas!, dois biscoitos!

- Mas sim, haverá uma amnistia! - afirmavam alguns.
- Isto é simplesmente um pró-forma para assustar-nos, para que nos fique na memória. Staline disse isso mesmo a um correspondente americano...

- Qual era o apelido desse correspondente?

- Não sei...

Nesse momento ordenaram-nos que agarrássemos nas nossas coisas, que formássemos dois a dois, e

levaram-nos de novo por esse maravilhoso jardinzinho, inundado pela luz de Verão. Para onde? Para o banho Uma vez mais.

Isto provocou já em nós gargalhadas. Mas que cabeçudos! Despimo-

-nos entre risos, enquanto penduravam as nossas roupas nos mesmos ganchos e as levavam para a mesma desinfecção, onde as tinham colocado essa manhã. Galhofando, recebemos uma lâmina de ruim sabão e passámos ao amplo e barulhento banho, para nos lavar dos nossos pecados de criança. Ali despejámos e voltámos a despejar água quente e pura sobre nós, chapinhando tanto como estudantes que fossem banhar-se depois do último exame. Esse riso era purificador, aliviador, e não, segundo pnso, doentio. Era uma defesa viva e salutar do organismo.

Ao enxugar-se, Valentim disse-tne com ar tranquilizador e pacífico:

- Não importa, ainda somos jovens, ainda temos tempo de viver. O principal agora é não dar passos em

falso. Quando chegarmos ao campo, nem uma palavra com quem quer que seja, para que não caiam sobre nós novas condenações. Trabalharemos honradamente e, quanto ao resto, calar, calar.

Tanta era a fé que punha nesse programa, tanta era a esperança que tinha este inocente grão, apanhado entre as pedras de moer estalinistas! Sentia-se vontade de estar de acordo com ele, de cumprir comodamente a sentença e de varrer depois da cabeça tudo o que se tinha sofrido.

Mas começou uma sensação a emergir dentro de mim: se para viver é preciso NÃO VIVER - então, para quê?

Não se pode dizer que as Comissões Especiais (O. S. O.), tivessem sido inventadas depois da Revolução. Já Catarina II mimoseara o indesejável jornalista Novikov com quinze anos, através do que mais tarde se chamaria uma Comissão Especial, pois não o entregou aos tribunais. E todos os imperadores desterravam também, paternalmente, os que não gozavam das suas boas graças, sem julgamento. Nos anos 60 do século XIX foi feita uma reforma radical do sistema judiciário. Era como se se começasse a

delinear algo que aos governantes e aos súbditos aparecesse como uma visão jurídica da sociedade. Entretanto, nos anos 70' e 80, Korolenko revelava casos de repressão administrativa, em vez de condenações judicials. Ele próprio, em 1876, com mais dois estudantes, foi deportado sem julgamento, por despacho de um camarada ministro dos domínios estatais (caso típico de deliberação de uma Comissão Especial). Ainda sem julgamento, foi deportado uma segunda vez, juntamente com um irmão, para Glazov. Korolenko cita o caso de Fiodor Bogdan, delegado camponês, que chegou a falar com o czar e depois foi deportado; de Piankov, absolvido pelo tribunal e que foi exilado por ordem superior; e o de muitas outras pessoas. Vera Zassulitch, numa carta escrita da emigração, explicava que não era ao tribunal que se subtraía, mas sim a uma repressão administrativa, sem julgamento.

Deste modo, a tradição ia traçando uma linha ponteada; mas era demasiado frouxa: boa para uma nação asiática em letargia, e não para um país que

queria dar um grande salto em frente. E depois havia ainda a ausência de responsabilidade pessoal: quem era essa Comissão Especial? Ora o czar, ora o governador, ora o camarada ministro. Perdão, mas que falta de envergadura, se se podem enumerar os nomes e os casos.

A envergadura, essa, começou a partir dos anos 20, quando, passando por cima dos tribunais, se criaram oficialmente as troikas, funcionando permanentemente. De início, falava-se delas com orgulho. A troika da G. P. U.! Os nomes dos seus membros não eram ocultos, fazia-se até a sua publicidade. Quem não conhecia em Solovki a célebre troika moscovita: Gleb Boquii, Vul e Vassiliev?! E era bem apropriada, essa palavra troika\

Ela evoca um pouco o som dos guizos, sob o arco do cavalo de tiro, a pândega carnavalesca e um certo mistério. Porquê troika} Que significa isso? Um tribunal, na verdade, não é propriamente um quarteto! E uma troika não é também um tribunal! O que há mais misterioso nela é que se reúne na ausência do acusado... Nós não estivemos lá, nada vimos, só nos estenderam um papelinho: e assine! A troika tornou-se mais terrível do que os tribunais

revolucionários. Um belo dia ela isolou-se, encobriu-se, encerrou-se num gabinete à parte, e os apelidos dos seus membros tornaram-se secretos. Assim nos habituámos à ideia de que os da troika não bebem, não comem, nem vivem entre gente humana. E uma vez que se retiraram para deliberar, desaparecendo para sempre, é só através das dactilógrafas que nos chegam as sentenças. (E com ordem de degolação: esse documento não se pode deixar nas nossas mãos.)

Estas troikas (para o que der e vier, escrevemos o seu nome no plural; é como se se tratasse de uma divindade: nunca se sabe onde situá-la) respondiam à manifestação de uma insistente necessidade: uma vez as pessoas presas, já não se podia deixá-las regressar à liberdade (tratava-se, no fundo, de uma espécie de Secção de Controle Técnico da G. P. U., destinada a impedir que houvesse sucata). E se por acaso acontecia que o preso era inocente, não se podendo processar de forma alguma, então, através da troika, recebia o seu «menos trinta e dois» (proibição de residência em trinta e duas cidades da província), ou uma deportaçãozinha de dois a três anos. E ei-lo

marcado para sempre, com um sinal indelével: de futuro, seria um «reincidente».

(Que o leitor nos perdoe: veja, embrulhamo-nos de novo no oportunismo de direita, com o conceito de «culpa», com a oposição entre «culpado» e «não culpado». No entanto, já nos foi explicado que a questão não reside na culpa pessoal, mas na periculosidade social: assim, pode-se prender um inocente se ele é socialmente próximo. Mas para nós, que não recebemos instrução jurídica, isso é desculpável, pois o próprio código de 1926, sob o qual vivemos, como debaixo da protecção de um pai, durante vinte e cinco anos, foi criticado também pelo seu «ponto de vista inadmissivelmente

burguês», pela sua «posição de classe insuficiente», por uma certa «ponderação burguesa na dosagem da pena, em função da gravidade do acto cometido»[2].)

Não é a nós que competirá escrever a apaixonante história deste órgão. Como é que a troika se converteu em Comissão Especial? Quando é que foi mudada a sua denominação? Havia Comissões

Especiais nas cidades da província, ou só na capital? E quem é que, entre os nossos grandes e orgulhosos dirigentes, fazia parte dela? Com que frequência e duração se reunia? Com chá, ou sem ele? E o que é que acompanhava o chá? Como se desenrolavam as discussões? Falava-se sobre a questão, ou nem sequer se falava? Nada escreveremos acerca disso, porque não sabemos. Só ouvimos dizer que, na sua essência, a O. S. O. era uma trindade, e, embora nos seja impossível mencionar os nomes desses três zelosos assessores, sabemos, entretanto, quais eram os três órgãos que estavam lá representados pelos seus delegados permanentes: um era do Comité Central do Partido, outro do Ministério da Segurança do Estado e o terceiro da Procuradoria. No entanto, não será, de modo algum, de admirar, se algum dia soubermos que não havia quaisquer reuniões, mas apenas um quadro de experientes dactilógrafas, que, sob a direcção de um administrador, elaboravam extractos de processos verbais inexistentes. Quanto às dactilógrafas, disso estamos certos, podemos garanti-lo!

Até 1924 a competência das troikas limitava-se às penas de três anos; a partir daí, foi ampliada para

cinco anos; depois de 1937, a O. S. O. aplicava dez anos e a partir de 1948 pregava com um quarto de século. Há quem ateste (Tchavdarov), que durante os anos da guerra a O. S. O. aplicava igualmente o fuzilamento. Não seria nada de extraordinário.

Não sendo mencionada em parte alguma, nem na Constituição, nem no Código, a O. S. O. acabou, entretanto, por ser a máquina de almôndegas mais cómoda: dócil e pouco exigente não necessitava da lubrificação das leis. O Código era uma coisa e a O. S. O. outra, rodando facilmente, sem precisar desses duzentos e cinquenta artigos, sem utilizá-los nem mencioná-los nunca.

Como se dizia, por pilhéria, no campo: os tribunais não servem para nada: há a Comissão Especial.

Compreende-se que, por comodidade, fosse também necessária uma espécie de código, mas com tal fim a O. S. O. elaborou para si mesmo os seus artigos-siglas, facilmente operacionais (não era preciso quebrar a cabeça e andar atrás das formulações do Código), os quais, pelo seu número

2 Colectânea Das Prisões às Instituições Educativas.

limitado, seriam acessíveis à memória de uma criança (parte deles já os mencionámos):

- ASA - Agitação anti-soviética;

- KRD - Actividade contra-revolucionária;

- KRTD - Actividade contra-revolucionária trotsquista (a simples letra T agravava muito a vida do zek no campo);

- PCH - Presunção de espionagem (se a espionagem ultrapassava a mera suspeita dela, era entregue ao tribunal);

- SVPCH - Relações conducentes (!) à suspeita de espionagem;

- KRM - Opiniões contra-revolucionárias;

- VAS - Incubação de espírito anti-soviético;

- SOE - Elemento socialmente perigoso;

- SVE - Elemento socialmente prejudicial;

- PD - Actividade criminosa (aplicada particularmente aos ex--reclusos dos campos, se de nada mais podiam ser acusados);

E finalmente, com grande amplitude:

- TCHC - Membro da família (condenado por um dos artigos anteriores).

Não esqueças que estes artigos-siglas não se repartiam de maneira uniforme pelas pessoas e pelos anos, mas, como o artigo do código e os parágrafos dos ucasses, manifestavam-se por epidemias súbitas.

E há que prevenir ainda: a O. S. O. não pretendia de maneira alguma proferir uma sentença contra qualquer pessoa. Ela não aplicava penas: punha uma sanção administrativa - e era tudo. Naturalmente, gozavam, pois, de uma inteira liberdade jurídica!

Mas embora a sanção administrativa não pretendesse tornar-se uma sentença judicial, ela podia atingir vinte e cinco anos e incluir:

- a privação de títulos e de condecorações

- o confisco de todos os bens

- a reclusão prisional

- a privação do direito de correspondência.

E uma pessoa desaparecia da face da Terra com maior segurança do que pelo processo primitivo da sentença judicial.

Outra vantagem importante da O. S. O. era ainda a de que a sua decisão não tinha recurso: não havia onde apelar; não existia nenhuma instância, nem superior nem inferior a ela. Estava subordinada unicamente ao ministro do Interior, a Staline e a Satanás...

O grande mérito da O. S. O. era a sua rapidez: esta era limitada apenas pela técnica da dactilografia.

Finalmente, a O. S. O. não tinha necessidade de ver o acusado frente a frente (descongestionando, assim, os transportes interprisionais), nem sequer exigindo a fotografia dele. No período em que as cadeias estavam completamente abarrotadas, havia ainda a comodidade de que o recluso, uma vez instaurado o processo, podia não ter de ocupar o seu lugar na ca-

deia, não comer de graça o seu pão, sendo enviado imediatamente para o campo, e trabalhando

honradamente. A leitura da cópia do extracto, podia fazê-la muito mais tarde.

Em casos privilegiados acontecia descarregarem os reclusos dos vagões na estação de destino e aí, perto da linha, mandarem-nos pôr de joelhos (para evitar fugas e como se fosse para rezar pela O. S. O.) sendo-lhes imediatamente lida a condenação. As coisas podiam passar-se ainda de outra maneira: os que chegavam a Periebori por etapas, em 1938, não conheciam os artigos pelos quais eram acusados, nem as penas, mas o escrevente que os recebia já tinha conhecimento deles e encontrava-os logo na lista: SVE, cinco anos (nessa época fez-se sentir uma necessidade urgente de mão-de--obra para a construção do canal de Moscovo).

Mas outros havia que trabalhavam durante muitos meses sem conhecerem as condenações. Mais tarde (conta I. Dobriak), formaram-nos solenemente, não num dia qualquer, mas no Primeiro de Maio de 1938, com as bandeiras vermelhas içadas e comunicaram-lhes as penas ditadas pela troika da região de Staline (o que mostra que a O. S. O. se descentralizava em períodos de tensão): e couberam dez a vinte anos a cada um. O meu chefe de brigada Siniebriukhov,

nesse mesmo ano de 1938, foi transferido, com toda uma composição ferroviária de presos por julgar, de Tcheliabinski, para Tcheriepovets. Passaram meses e os zeks continuavam a trabalhar ali. De repente, no Inverno, num dia de descanso (repararam porque é que escolhiam um tal dia? Porque é que ele era vantajoso para a O. S. O.?), os presos foram mandados formar no pátio, sob um frio rigorosíssimo, e um tenente itinerante apresentou-se: tinha sido enviado para comunicar-lhes as decisões da O. S. O. Mas aconteceu que não era mau rapaz, e, olhando de soslaio o calçado roto deles e o sol entre os postos gelados, disse simplesmente:

- No fim de contas, rapazes, para que é que ides ficar aqui a enregelar? Basta que saibais que a O. S. O. vos deu dez anos a quase todos; raros, muito raros, aqueles que apanharam oito. Compreendido?, podem dispersar...

Em face de uma tão franca mecanização da Comissão Especial, para quê, então, os tribunais? Para quê os carros de cavalos, quando há actualmente autocarros bem mais silenciosos, de que não se pode saltar? Para não desempregar os juízes?

Pela boa razão de que não é decente, para um estado democrático, não ter tribunais. Em 1919, o VIII Congresso do Partido inscrevia no seu programa: fazer o possível no sentido de que toda a população trabalhadora,

sem excepção, seja chamada ao exercício das funções judicials. Toda «sem excepção», não foi possível, pois o exercício da justiça é muito delicado, mas tão-pouco ficámos completamente privados de tribunais!

Entretanto, os nossos tribunais políticos - os tribunais especiais da região e os tribunais militares (e porquê tribunais militares em tempos de paz?), bem como, evidentemente, os tribunais supremos - procuram seguir unanimemente o exemplo da O. S. O., e não se perder também nos processos judiciais públicos e nos debates contraditórios entre as partes.

A sua primeira e principal característica reside em que são à porta fechada. E à porta fechada, antes de mais, para sua comodidade.

Já nos habituámos de tal forma a que milhões e milhões de pessoas sejam julgadas em sessões secretas; já nos familiarizámos tanto com isso, que por vezes há mesmo filhos, irmãos ou sobrinhos do acusado que ainda te replicam convictamente, com o espírito mistificado: «Pois que querias tu? Isso significa que o caso está seguramente relacionado... Os inimigos viriam a saber! Não se pode...»

Assim, temendo que «os inimigos saibam», metemos a nossa própria cabeça entre os joelhos. Quem é que actualmente, na nossa pátria, além dos vermes dos livros, se lembra de que Karakozov, que abriu fogo contra o czar, teve um defensor? Que Jeliabov e todos os populistas do grupo A Vontade do Povo foram julgados publicamente, sem se ter medo de que «os turcos pudessem saber»? Que Vera Zassulitch, que tinha disparado, para empregarmos a nossa terminologia, contra o chefe da administração de Moscovo do Ministério da Segurança do Estado (embora a bala passasse ao lado da cabeça, sem ter acertado), não somente não foi aniquilada na câmara de torturas, como também a não julgaram à porta fechada, mas sim num tribunal PÚBLICO, sendo

ABSOLVIDA pelos jurados (não por uma troika) e partindo em triunfo numa carruagem?

Com tais comparações, não quero dizer "que na Rússia tenha havido alguma vez uma justiça perfeita. Provavelmente, uma justiça digna desse nome é o fruto acabado de uma sociedade amadurecida. Ou então há que ser o rei Salomão. Vladimir Dal observa que na Rússia anterior às reformas «não havia um só provérbio de elogio aos tribunais». Isso significa alguma coisa! Parece que não houve tempo de criar um só ditado elogioso para os chefes das administrações czaristas locais. Contudo, a reforma judicial de 1864 fez enveredar, ao menos, a parte urbanizada da nossa sociedade pelo caminho conducente ao modelo inglês, que Hertzen tanto admirou.

Ao referir isto não esqueço tão-pouco as críticas de Dostoievski contra os nossos tribunais de jurados (no Diário de Um Escritor); o abuso da eloquência dos advogados («Senhores jurados!, que mulher seria ela se não anavalhasse a sua rival?... Senhores jurados!, qual de vós não teria lançado a criança pela janela fora?...»); o impulso de momento do júri, que pode pesar mais do que a sua responsabilidade cívica. Mas

Dostoievski antecipava-se muito, em espírito, à nossa vida, e o que ele temia NÃO ERA AQUI-

LO que havia que temer! Ele considerava o julgamento público como uma conquista definitiva!... E quem é que, entre os seus contemporâneos, podia acreditar na O.S.O.? Algures, ele escreve: «É melhor enganar-se na clemência do que na punição.» Oh, sim, sim, sim!, mil vezes sim!

O abuso da eloquência é uma doença de que sofre não só uma justiça nascente, mas, de um modo mais amplo mesmo, uma democracia adulta (adulta, mas não consciente dos seus fins morais). A própria Inglaterra nos dáxexemplos de como, para impor a preponderância do seu partido, o lea-der da oposição nãd hesita em atribuir ao Governo um agravamento da situação no país, maior do que na realidade existe.

O abuso da eloquência é um mal. Mas, então, que palavra utilizar contra o abuso do secretismo? Dostoievski sonhava com um tribunal em que tudo o que se revelasse PARA A DEFESA do acusado fosse expresso pelo procurador. Quantos séculos ainda a

esperar para isso? A nossa experiência social enriqueceu-nos imenso, entretanto, com advogados que ACUSAM o acusado: «Como honesto cidadão soviético que sou, como verdadeiro patriota, não posso deixar de sentir repugnância perante a análise destes crimes...»

E que bom que é participar numa audiência à porta fechada! Não é necessário a toga e pode-se arregaçar as mangas. Como é fácil trabalhar assim! Nem microfones, nem correspondentes de jornais, nem público. (Mas sim, há um público: os comissários instrutores. Por exemplo, no tribunal da região de Leninegrado, eles vinham de dia ver como se portavam os seus constituintes, e depois, de noite, visitavam na prisão aqueles que era preciso chamar à ordem3.)

A segunda característica essencial dos nossos tribunais políticos é a exactidão no trabalho, ou seja, a pré-determinação das sentenças4, o que significa que os juízes sabem sempre o que exigem os chefes (é para isso que existem os telefones!). À imagem dà O. S. O., há igualmente sentenças escritas à máquina, previamente, apenas se tendo de inserir à mão o nome e o sobrenome do acusado. E se um qualquer

Strakhovitch grita na sessão do tribunal: «Eu não podia ter sido recrutado por Ignatov, pois nessa altura eu tinha dez anos de idade!», o presidente do tribunal (da Circunscrição Militar de Leninegrado, 1942) limitava-se a grasnar: «Proíbo-o de caluniar a contra-espionagem soviética!» Já está tudo decidido há muito: todo o grupo 3 Grupo de Tch.

4 A mesma colectânea Das Prisões às Instituições Educativas nos proporciona elementos para ver que a pré-determinação das sentenças é coisa velha, pois já nos anos de 1924-29 as sentenças dos tribunais eram dadas apenas em função de considerações económico-administrativas. A partir de 1924, devido ao desemprego existente no país, os tribunais diminuíram as penas de trabalhos correccionais, cumpridos em casa, e aumentavam as de breves

de Ignatov é para fuzilar. E só por acaso é que foi incluído no grupo um tal Lipov: ninguém o conhece e

ele não conhece ninguém. Bom, de acordo, Lipov é condenado a dez anos.

Como a pré-determinação das sentenças torna menos espinhoso o caminho do tribunal! Não é tanto já o alívio do cérebro, a dispensa de pensar, quanto o alívio moral: não tens de torturar-te, pensando em que te podes enganar na sentença e deixar órfãos os seus filhos. E até no caso de um juiz tão encarniçado como Ulrich - quantos fuzilamentos importantes não foram proferidos pela sua boca! —, a pré-determinação predispõe à bondade. Em 1945, o Colégio Militar julgava o caso «dos separatistas estonianos». É o baixinho, gorducho e bonacheirão Ulrich que preside. Não deixa passar a ocasião de gracejar, não só com os colegas, mas também com os reclusos (isso , é ser humanista! Eis uma nova característica, onde já se viu isso?). Ao saber que Suzi é advogado, diz-lhe sorrindo: «Enfim, a sua profissão vai ser muito útil!» Mas o que é que na realidade os separa? Para quê exasperar-se? O tribunal segue uma ordem agradável: fuma-se na mesa dos juízes, e no momento propício faz-se um bom intervalo para o almoço. Quando a noite chega, é necessário ir deliberar. Mas quando é que se viu deliberar-se de

noite? Deixam os reclusos sentados a noite inteira na sala e vão eles próprios para casa. Pela manhã chegam, todos fresquinhos, barbeados, e às nove da manhã anunciam: «Levantem-se, está aberta a audiência!» E pregam dez anos a cada um.

E se vierem dizer-nos que, pelo menos, a O. S. O. não é hipócrita, enquanto aqui o fingimento é a regra, pois bem, não, decididamente não podemos aceitar isso! Decididamente!

Finalmente, a terceira característica é a dialéctica (dantes, grosseiramente, dizia-se: «A lei é como a barra de uma carroça, volta-se para o lado onde se quer ir»). O Código não pode ser uma pedra a barrar o caminho ao tribunal. Os artigos do Código têm já dez, quinze .vinte anos de vida, a um ritmo rápido, e como disse Fausto:

O mundo todo muda e anda para diante, porque hei-de ser eu a guardar palavra?

períodos de prisão (trata-se, naturalmente, de delitos comuns). Isso teve como consequência a superlotação das cadeias por presos com penas inferiores a seis meses e a insuficiência de mão-de-obra nas colónias de trabalho. Em começos de 1929, o Comissariado do

Povo para a Justiça, na sua circular número cinco, CRITICOU a aplicação de penas curtas, e em 6-11-29 (na véspera do décimo segundo aniversário de Outubro, quando ia iniciar-se a edificação do socialismo), por resolução do Comité Executivo do Conselho dos Comissários do Povo foi simplesmente PROIBIDO aplicar penas de prisão inferiores a um ano!

\

252 ARQUIPÉLAGO DE GULAG

Todos os artigos foram recobertos de interpretações, de indicações, de instruções. Se os actos do acusado não estão previstos no Código, ele pode ser'julgado ainda:

- Por analogia (que imensas possibilidades!);

- Simplesmente pela sua origem (artigo 7-35: por pertencer a um meio socialmente perigoso5);

- Por ter relações com pessoas perigosas6. (Não pode haver maior amplitude: que pessoa é perigosa e em que consistem essas relações, isso só o tribunal sabe.)

Mas não há quem levante objecções quanto à exactidão das leis promulgadas. Em 13 de Janeiro de

1950 saiu o ucasse sobre a restauração da pena de morte (embora possa pensar-se que ela nunca desapareceu das caves de Béria). Aí se escrevia: «Podem ser executados os sabotadores e diversionistas.» Que significava isso? Não se especificava. Iocif Vissarionovitch Staline preferia não dizer, mas insinuar. Tratar-se-ia unicamente dos que dinamitam os caminhos de ferro? Não se indicava. «Diversionista», já sabemos há muito o que é: aquele, cuja produção é de má qualidade. Mas o que é um sabotador? Por exemplo, aquele que, em conversas no eléctrico, atentou contra a autoridade do Governo? Ou aquela que casou com um estrangeiro? Acaso ela não atentou contra a grandeza da nossa pátria?...

Mas não é o juiz quem julga: o juiz só recebe o vencimento. Quem julga são as instruções oficiais! As instruções do ano de 37 eram: dez anos, vinte anos, fuzilamento. As instruções do ano 43: vinte anos de trabalhos forçados, forca. As instruções do ano 45: a todos em geral dez anos de prisão, mais cinco de privação de direitos cívicos (o que era um meio de recrutar mão-de-obra para o terceiro plano quinquenal)7. As instruções do ano 49: a todos em geral vinte e cinco anos de prisão8.

A máquina estampa as sentenças. Entretanto, um preso é privado de todos os direitos desde que lhe cortam os botões, ao cruzar os umbrais do Ministério da Segurança do Estado, e já não pode evitar uma CONDENAÇÃO

5 Na República da África do Sul, o terror chegou nos últimos anos ao ponto de que cada negro suspeito pode ser preso sem culpa formada por três meses... Vê-se logo onde está a fraqueza: porque não por três a dez anos?

6 Isso ignorávamo-lo. Foi relatado no jornal Izvieztia, em Junho de 1957.

Como Babaiev lhes gritou, ele que era um preso de direito comum: «Podeis aplicar--me, se quiserdes, trezentos anos de mordaça (privação de direitos). Enquanto viver não hei-de votar por vós, ó meus benfeitores!»

8 E assim um verdadeiro espião (Shultz, Berlim, 1948) pode apanhar uns dez anos, mas não uma pessoa que nunca o tenha sido (Hunter Vashkau, que foi condenado a vinte e cinco, segundo parece, na vaga de 1949).

E os funcionários judicials estão de tal modo habituados a isso que cometeram uma enorme gaffe em 1958: publicaram nos jornais o projecto das novas «Bases do Sistema Penal da U. R. S. S.» e ESQUECERAM-SE de inserir um ponto sobre a possibilidade de uma sentença de absolvição! O órgão do governo[9] repreendeu-os, mas em tom brando: «Isso pode dar a impressão de que os nossos tribunais só proferem sentenças condenatórias.»

Ponhamo-nos na pele dos juristas: porque é que, propriamente falando, os tribunais devem ter duas saídas, se as eleições gerais se realizam com um só candidato? A sentença de absolvição é um absurdo económico! Isso significa que os informadores, os agentes operacionais, os investigadores, os procuradores, os carcereiros e a escolta, todos trabalharam em vão!

Eis um exemplo simples e típico de um processo no tribunal militar. Em 1941, as secções de agentes operacionais tchequistas tinham por missão exercer uma actividade de vigilância entre as nossas tropas inactivas que se encontravam na Mongólia. O médico

militar Losovski, que sentia ciúmes de uma mulher que dava sorte ao tenente Pavel Tchulpeniov, fez a este três perguntas. Primeira: «Porque é que te parece que retrocedemos dos alemães?» (Tchulpeniov: «Eles têm mais recursos técnicos e mobiliza-ram-se antes.» Losovski: «Não, trata-se àéum ardil, armamos-lhe uma cilada.») Segunda: «Confias na ajuda dos aliados?» (Tchulpeniov: «Confio em que nos ajudarão, mas não desinteressadamente.» Losovski: «Engano, não nos ajudarão em nada.») Terceira: «Porque é que transferiram Voro-chilov para o comando da frente Noroeste?»

Tchulpeniov respondeu e não voltou a pensar na conversa. Mas Losovski redigiu uma denúncia. Tchulpeniov foi.chamado à secção política-da divisão e expulso do Komsomol: por espírito derrotista, por enaltecer a técnica alemã e por minimizar a estratégia do nosso comando militar. Neste caso, quem mais discursou foi o secretário do Komsomol, Kaliaguin (nos combates de Halkhin-Gol, em presença de Tchulpeniov, ele mostrara-se cobarde e agora tinha ocasião de afastar do seu caminho para sempre uma testemunha).

Ei-lo preso. Tem uma única acareação com Losovski. NÃO É DISCUTIDA a conversa anterior, entre os dois. Apenas fazem a Losovski uma pergunta: «Conhece este homem?» - «Sim.» - «Testemunha, pode retirar--se.» (O investigador teme que a acusação se desmorone[10].)

9 hvieztia, 10 de Setembro de 1958.

Losovski é agora candidato a doutor em ciências médicas. Vive em Moscovo. Tudo ie corre bem. Tchulpeniov é condutor de tróleis.

Abatido por ter passado um mês na fossa, Tchulpeniov comparece perante o tribunal da 36.a Divisão Motorizada. Estão presentes o comissário da divisão, Lebiedev, e o chefe da secção política, Slessariev. A testemunha Losovski nem sequer é convocada a vir depor ao tribunal. (No entanto, para formalização das falsas provas, já depois do julgamento, são recolhidas as assinaturas de Losovski e do comissário Serioguine.) Perguntas do tribunal: «Teve alguma conversa com Losovski? Que lhe perguntou ele? Que respondeu você?» Tchulpeniov

respondeu ingenuamente, não compreendendo ainda do que é culpado: «Mas há tanta gente que diz isso!» Reflexo automático do tribunal: «Quem precisamente? Diga nomes.» Mas Tchulpeniov não é da raça deles! E tem uma última palavra: «Peço ao tribunal que comprove uma vez mais o meu patriotismo, dando-me a mim uma tarefa em que eu tenha de arriscar a vida!» É numa atitude de paladino sincero: «A mim e a quem me denunciou, ambos juntos!»

Ah! Isso não! Esses costumes cavaleirescos, devemos extirpá-los do nosso povo. Losovski deve receitar pílulas, Serioguine educar combatentes11. Acaso é importante saber se vais morrer ou não? O essencial é qile nós sejamos vigilantes. Saíram, fumaram, regressaram: dez anos de prisão e três de perda de direitos cívicos.

Casos destes, durante a guerra, houve-os em cada divisão (de outra maneira teria ficado caro manter os tribunais militares). E o número de divisões que havia no total, poderá o leitor procurá-lo.

...Todas as secções dos tribunais militares se assemelham de modo sinistro. Tão sinistro como a falta de responsabilidade pessoal e a insensibilidade

dos juízes, que pareciam ter luvas de borracha. Às sentenças são fabricadas em série.

Toda a gente tem um ar sério, mas compreende que isto é uma palhaçada, e melhor do que ninguém os rapazes da escolta, que são mais simples. No campo de trânsito de Novossibirsk, em 1945, a escolta toma conta dos presos, fazendo a comunicação, por uma lista, da pena: «Fulano de tal!, 58-1-a, vinte e cinco anos.» O chefe da escolta interessa-se: «Porque é que te deram tantos?» - «Pois, por nada.» - «Mentes. Por nada dão só dez»

Quando o tribunal tem pressa, a «sessão» dura um minuto: entrar e sair. Quando a jornada no tribunal ocupa dezasseis horas seguidas, da porta da sala de sessões vê-se uma toalha branca, a mesa servida e travessas com fruta. Se não têm muita pressa, gostam de ler a sentença «com psicologia»: «Decidiu ... condenar o réu à pena máxima...» Pausa. Os juízes

n Victor Andreievitch Serioguine reside actualmente em Moscovo, trabalhando numa empresa de serviços públicos. Vive bem.

olham o condenado nos olhos: é interessante ver como ele aguenta, o que é que ele sente agora. «... Mas, levando em conta o seu sincero arrependimento...»

Todas as paredes da sala de espera do tribunal estão riscadas com pregos e a lápis: «Condenaram-me a fuzilamento», «Condenaram-me a um quarto de século», «Deram-me dez anos». Não apagam as inscrições: elas são edificantes. Teme, verga-te e não penses que podes mudar algo com o teu comportamento. Mesmo que pronuncies um discurso como DEMÓSTENES, em tua defesa, na sala vazia, diante um punhado de inquiridores (Olga Sliosberg, no Supremo Tribunal, em 1936), isso não te servirá de nada. Mas pode aumentar a pena de dez anos para fuzilamento - isso pode. Por exemplo, se lhes gritares: «Sois uns fascistas! Envergonho-me de ter pertencido durante vários anos ao vosso Partido!» (Nikolai Semionovitch Dascal, Tribunal Especial do Território de Azov e do mar Negro, presidente kholik, Maicop, 1937), eles insrauram-te um novo processo, e então dão cabo de ti.

Tchavdarov conta um caso em que, no tribunal, os réus, subitamente, se recusaram a confirmar as suas

falsas confissões, feitas durante a instrução do processo. E que aconteceu? Se houve uma pausa para o rever, foi apenas de uns quantos segundos. O procurador exigiu uma suspensão da sessão, sem explicar para quê. Da prisão acudiram a toda a pressa os investigadores e os seus ajudantes carrascos. Todos os acusados, distribuídos pela box, foram de novo bem sovados, prometendo-lhes, numa segunda suspensão, dar-lhes ainda mais. O intervalo terminou. O juiz intenogou-os uma vez mais a todos e eles então reconheceram-se culpados.

Alexandre Grigorievitch Karetnikov, director do Instituto de Investigação Científica sobre os Têxteis, demonstrou uma notável habilidade. No próprio momento da abertura da sessão do Colégio Militar do Supremo Tribunal comunicou, através dos guardas, que queria fornecer provas suplementares. Isso, naturalmente, interessava. O procurador chamou-o. Karetnikov mostrou-lhe a sua clavícula purulenta, fracturada pelo investigador com um banco, e declarou: «Assinei tudo sob torturas.» O procurador arrependeu-se pela sua avidez em obter provas suplementares, mas já era tarde. Essa gente só é corajosa enquanto constitui uma peça invisível da

máquina geral em funcionamento. Mas quando sobre ela recai uma responsabilidade pessoal, quando um raio de luz incide directamete sobre si, logo empalidece, compreendendo que não é ninguém e que pode escorregar em qualquer casca de banana. Assim, Karetnikov embaraçou o procurador e este não ousou encobrir o assunto. Ao recomeçar a sessão do Tribunal Militar, Karetnikov repetiu tudo... Então o Tribunal retirou-se para efectivamente discutir! Mas a sentença que devia pronunciar podia ser só de absolvição, e por conseguinte teriam de pôr em liberdade Karetnikov. Desse modo... NAO FOI PRONUNCIADA SENTENÇA ALGUMA!

Como se nada tivesse acontecido, meteram Karetnikov novamente na

prisão. Curaram-no e guardaram-no três meses. Chegou um novo investigador, muito amável, redigiu uma nova ordem de detenção (se o Colégio não se tivesse curvado, Karetnikov poderia ter ficado em liberdade, pelo menos, estes três meses) e fez novamente as perguntas do primeiro comissário.

Karetnikov, pressentindo a liberdade, aguentou-se firmemente e não se reconheceu culpado de nada. E que sucedeu?... Foi condenado a oito anos pela Comissão Especial (O. S. O.).

Este exemplo chega para demonstrar, respectivamente, as possibilidades do preso e da O. S. O.Já Derjavine escrevia:

Pior do que um bandoleiro, só um tribunal falho. Onde dorme a lei, o juiz é nosso inimigo. O pescoço do cidadão, sem abrigo, Estende-se para o cadafalso.

Mas só excepcionalmente no Colégio Militar do" Supremo Tribunal sucediam factos tão desagradáveis. Era muito raro vê-lo esfregar os olhos embaciados para observar de perto um soldadinho detido. Em 1937, A.D.R., engenheiro electrotécnico, foi arrastado até ao quarto andar, subindo a correr a escada, puxado pelo braço por dois agentes da escolta (o elevador certamente funcionava, mas os presos chegavam com tanta frequência que, a utilizá-lo, nem os funcionários teriam podido subir). Cruzaram-se com um preso que já havia sido condenado, entrando de rompante pela sala. O Tribunal Militar tinha tanta pressa que nem sequer se sentaram, permanecendo

os três assim de pé. Respirando com dificuldade (por se ter debilitado nos interrogatórios), R. disse o seu apelido, o seu nome e o seu patronímico. Sussurraram algo, olharam-se entre si e Ulrich - sempre igual a si mesmo! - declarou: «Vinte anos!»Levaram-no a correr e a correr trouxeram o seguinte.

Foi como num sonho: em Fevereiro de 1936 tive eu de subir por essa mesma escada, mas com o amável acompanhamento de um coronel da organização do Partido. E na sala cercada de uma colunata circular, onde dizem que se reúne o plenário do Supremo Tribunal da União, à volta de uma enorme mesa em forma de ferradura, que tem no seu interior, ainda, uma outra redonda com sete cadeiras antigas, fui ouvido por setenta magistrados do Colégio Militar, esse mesmo que noutros tempos condenou Karetnikov, R. é muitos outros... E eu disse-lhes: «Que dia tão memorável! Tendo sido condenado primeiro a um campo de trabalhos forçados e depois ao desterro perpétuo, nunca os meus olhos tinham visto um só juiz, e agora vejo-vos a todos, senhores, reunidos aqui juntos!» (E eles também era a primeira vez que viam um zek vivo, com olhos de ver.)

Mas acontecia que não eram cies! Sim, agora, eles afirmavam-me que não eram eles! Asseguravam-me que os outros já lá não estavam. Alguns tinham saído com uma honrosa reforma, os restantes haviam sido destituídos. (Ulrich, o mais notável dos verdugos, fora posto a mexer ainda no tempo de Staline, em 1950, por... ser mole!) Podiam contar-se pelos dedos da mão os que foram julgados, inclusive no tempo de Kruchtchev, e esses, do banco dos réus, ameaçavam: «Hoje tu julgas-nos a nós, mas amanhã seremos nós que te julgaremos a ti, toma cuidado!» Mas, como todos os empreendimentos de Kruchtchev, este movimento, de início tão enérgico, foi depois por ele bem depressa esquecido, abandonado, não chegando a provocar mudanças irreversíveis, e ficando portanto nos limites do sistema anterior.

Os veteranos da jurisprudência evocavam agora, a várias vozes, as suas memórias, fornecendo-me involuntariamente elementos para este capítulo. (E se eles se dispusessem a publicar essas memórias? Mas os anos vão passando, já passaram mais cinco e não

se fez mais luz.) Eles recordavam como, nas conferências do tribunal, os juízes se orgulhavam de terem conseguido não aplicar o artigo 51 do Código sobre as circunstâncias atenuantes, e de haverem, dessa forma, conseguido condenar a vinte e cinco anos em vez de dez! E que humilhante, a submissão dos tribunais aos órgãosl Às mãos de certo juiz chegou o seguinte processo: um cidadão que tinha regressado dos Estados Unidos afirmava caluniosamente que havia ali boas estradas para automóveis. E nada mais. No processo era tudo o que figurava. O juiz atreveu-se a devolver a causa para que a investigação prosseguisse com o objectivo de conseguir «material anti-soviético de pleno valor», ou seja, para que esse preso fosse torturado e espancado. Mas este nobre objectivo não foi levado em conta pelos comissários e estes responderam--lhes coléricos: «Você não confia nos nossos órgãos}» O juiz foi transferido como secretário do tribunal para Sacalina! (No tempo de Kruchtchev tudo era mais suave: os juízes que «cometiam faltas» eram mandados... imaginem!, trabalhar como advogados'.)12 E a Procuradoria curvava-se da mesma maneira perante os órgãos. Quando em 1942 se divulgaram, com indignação, os abusos de Riumin

na contra-espionagem do mar do Norte, a Procuradoria não se atreveu a intervir com o seu poder, mas limitou-se a informar respeitosamente Abakumov de que os seus rapazes faziam travessuras. Abakumov tinha motivos para considerar os órgãos como o sal da Terra! (Foi então que ele, depois de chamar Riumin, o promoveu, para desgraça sua.)

hvieztia, 9 de Junho de 1964. Eis uma interessante concepção da defesa judicial!... m 1918, Lenine exigia que se excluíssem do Partido os juízes que aplicassem sentenças demasiado leves.

O tempo não chegou senão eles terme-iam contado dez vezes mais coisas. Mas o que me disseram dá para reflectir. Se os tribunais e a Procuradoria eram só peões nas mãos do ministro da Segurança do Estado, talvez não seja necessário escrever um capítulo à parte sobre eles.

Eles contavam-me tudo o melhor que podiam, enquanto eu os examinava com assombro. Estes eram homens! HOMENS completos! Chegavam

mesmo a sorrir! Eles explicavam sinceramente como tinham desejado sempre o bem. Mas, e se tudo desse uma volta tal que eles me tivessem de julgar a mim outra vez? Aqui nesta mesma sala (mostravam-me a sala principal).

Bem, condenar-me-iam também.

Qual é que nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Os homens ou o sistema?

Durante vários séculos existiu entre nós o provérbio: «Não temas a lei, teme os juízes.»

Mas, a mim, parece-me que a lei foi mais além que os homens, e que estes ficaram para trás, na ferocidade. Chegou a hora de inverter este provérbio: não temas os juízes, teme a lei.

A de Abakumov, naturalmente.

E eis que sobem à tribuna, discutindo Um Dia na Vida de Ivan Denis-sovitcb, e afirmam, regozijando-se, que esse livro lhes aliviou a consciência (pelo menos é o que dizem...). Reconhecem que eu apresentei um quadro edulcorado, que cada um deles conhece campos de trabalho mais terríveis (assim, eles sabiam?...). Dentre os setenta homens que estavam

sentados à volta da ferradura, alguns dos que intervieram mostraram-se conhecedores de literatura, e inclusive leitores de Novi Mir13, ansiando por reformas, dando opiniões animadas sobre as nossas chagas sociais, sobre o modo como o campo foi votado ao abandono...

Continuo sentado e penso: se a primeira e minúscula gota de verdade explodiu como uma bomba psicológica, o que sucederá no nosso país quando a Verdade se precipitar em torrentes?

E há-de precipitar-se. Inevitavelmente.

Revista. literária inconformista. dirigida por A. Tvardovski. que publicou um dia na vida de Iran Denissonitch no tempo de Kruehtched voltando a ter de novo dificuldades com a censura após a destituição deste e a normalização então imposta pelos sectores mais conservadores do regime. (M. dos T.)

VIII

A LEI CRIANÇA

NÓS tudo esquecemos. Guardamos na memória, não o que foi, não os factos históricos, mas apenas essa

linha tracejada que quiseram gravar em nós com uma broca persistente.

Não sei se isto é um traço comum a toda a humanidade, ou só do nosso povo. É em todo o caso uma característica lamentável, que tem talvez origem na sua bondade, mas que é lamentável apesar de tudo. Ela entrega-nos, como uma presa, nas mãos dos mentirosos.

Assim, se importa que não recordemos sequer os processos públicos, então não os recordamos. Embora se tenham desenrolado às escâncaras, embora os jornais deles tenham falado, se não no-los meteram constantemente no crânio à força, não os recordamos. (A cavidade do cérebro en-che-se exclusivamente daquilo que transmitem todos os dias pela rádio.) Não me refiro à juventude, que naturalmente não tem conhecimento disso, mas aos contemporâneos daqueles processos. Peçam a um homem de idade mediana que enumere quais foram os julgamentos públicos de grande espavento, e ele lembrar-se-á do de Bukharine e do de Zinoviev. E ainda, franzindo a testa num esforço de memória, do do Partido Industrial. E é tudo, para ele não houve mais processos públicos.

Ora, eles começaram logo a seguir a Outubro. Já em 1918 tinham lugar, em abundância, nos nossos tribunais.

-E isso quando ainda não havia leis, nem códigos, e os juízes só podiam referir-se às necessidades do poder operário e camponês. Eles abriam caminho - como então se pensava - a uma legalidade audaciosa. Um dia, alguém escreverá a sua história pormenorizada, mas nós não pretendemos incluí-la na nossa pesquisa.

Entretanto, não é possível prescindir de um breve resumo. Somos obrigados a sondar certas ruínas calcinadas que remontam àquela matinal névoa, docemente rosada.

Nesses anos dinâmicos não chegavam a enferrujar-se nas bainhas os sabres da guerra, nem tão-pouco esfriavam nos coldres os revólveres do castigo. Foi mais tarde que se tentou encobrir as execuções, pela noite, nas caves, bem como os disparos na nuca. Já em 1918, o conhecido tchequista de Rizam, Stelmakh, organizava fuzilamentos em pleno dia, no pátio, de

mafteira que os condenados à morte, que estavam à espera, pudessem ver tudo das janelas da prisão.

Existia então um termo oficial: justiça extrajudicial. Não porque não houvesse tribunais, mas sim porque havia a Tcheka1. Porque assim era mais eficaz. Os tribunais funcionavam, processavam e aplicavam penas, mas há que recordar que, paralelamente a eles e independentemente deles, exercia-se, por outro lado, a repressão à margem do aparelho judiciário. Como imaginar as suas dimensões? M. Latsis, na sua popular colectânea sobre a actividade da Tcheka2, informa que só em ano e meio (1918 e metade de 1919), e em apenas vinte províncias da Rússia Central («as cifras aí apresentadas estão longe de ser completas»3, precisa ele, em parte por modéstia), foram fuzilados pela Tcheka (isto é, sem julgamento, fora dos tribunais) oito mil trezentas e oitenta e nove pessoas! 4, foram descobertas quatrocentas e doze organizações contra-revolucionárias (cifra fantástica, se conhecermos a incapacidade para a organização que revelámos ao longo da nossa história, além da desunião geral e da decadência espiritual daqueles anos) e houve ao todo oitenta e sete mil presos5. (Mas este último número cheira a baixo de mais.)

Qual o termo de referência que permite uma comparação? Em 1907, um grupo de dirigentes de esquerda publicou uma colectânea de artigos — Contra a Pena de Morte —, onde era apresentada7 uma lista com o nome de todos os condenados à morte, desde 1826 até 1906. Os autores advertiam que ela era ainda incompleta (entretanto ela não sofreu tantos desfalques como as cifras de Latsis sobre a guerra civil). Essa lista abrange mil e quatrocentos nomes, dela devendo deduzir-se duzentas e trinta pessoas a quem foi comutada a pena e duzentas e setenta que não foram encontradas (no fundamental, insurrectos polacos que fugiram para o Ocidente). Restam oitocentas e quarenta pessoas. Uma tal cifra, num período de oitenta anos, não resiste à comparação com a de Latsis em só ano e meio, a qual não se refere ainda a todas as províncias. É verdade que os autores da referida colectânea nela apresentam outra estimativa, segundo a qual foram

' Este pintainho com um bico duro foi chocado por Trotsky: «A intimidação é uma poderosa arma política, e é necessário ser tartufo para não compreender isto.» E Zinoviev regozijava-se, não

prevendo ainda o seu fim: «As iniciais G.P.U., assim como as da Tcheka, são as mais populares à escala mundial.»

2 M. N. Latsis, Dois Anos de Luta na frente Interna. Editora do Estado, 1920.

' Idem, pág. 74.

4 Idem, pág. 75.

' Idem, pág. 76.

6 Publicada por M. N. Gernet. (ed.), com o título Against Capital Punishment.

7 Ob. Cit., 2.a edição, 1907, págs. 385-423.

condenadas à morte (embora não tenham talvez sido executadas), só em 1906, mil trezentas e dez pessoas, o que perfaz ao todo, a partir de 1826, três mil quatrocentas e vinte pessoas. Estava-se precisamente no auge da célebre reacção de Stolipine, e sobre ela dispomos de um número8: novecentas e cinquenta execuções em seis meses (foi essa a duração dos tribunais militares stolipinianos). Coisa horrível esta, mas que, para os nossos endurecidos nervos, não

chega a abalar-nos: a nossa cifra, se a calcularmos proporcionalmente a meio ano, é ainda TRÊS VEZES MAIS ELEVADA - e isto só em vinte províncias, sem incluir os tribunais civis e militares.

Os tribunais actuavam já por sua conta em Novembro de 1917. Apesar da falta de tempo disponível, foram editados em sua intenção, em 1919, os Princípios Orientadores do Direito Penal da República Socialista Soviética Federativa Russa (não os lemos, pois não os conseguimos obter, mas sabemos que previam a «privação da liberdade por tempo indefinido», ou seja, até nova ordem).

Havia tribunais de três tipos: populares, distritais e revolucionários.

Os tribunais populares ocupavam-se dos assuntos criminais e de pequenos casos do dia. Não podiam condenar ao fuzilamento. Até Julho de 1918 conservava-se ainda na justiça a herança dos socialistas revolucionários: os tribunais populares, dá vontade de rir ao dizê-lo, não podiam aplicar penas superiores a dois anos. Só por intervenção especial do Governo é que algumas sentenças, particularmente brandas, podiam ser elevadas até vinte anos[9]. A

partir de Julho de 1918 permitiu-se aos tribunais populares aplicar penas de cinco anos. Quando já se tinham acalmado todas as ameaças de guerra, em 1922, os tribunais populares obtiveram o direito de condenar até dez anos, perdendo, em compensação, o direito de condenar a menos de seis meses.

Os tribunais de distrito e os tribunais revolucionários, tinham permanentemente o direito de aplicar a pena de fuzilamento, mas por um curto espaço de tempo estiveram privados dele: os tribunais de distrito em 1920 c os revolucionários em 1921. Há aqui engrenagens muito delicadas, que só podem ser examinadas em pormenor por um historiador daqueles anos.

Esse historiador talvez descubra documentos, talvez descortine longos rolos de sentenças dos tribunais e consiga estatísticas. (Embora isso seja pouco provável. O que não foi destruído pelo tempo e pelos acontecimentos, terá sido destruído pelas pessoas interessadas.) Mas nós só sabemos que os tribunais revolucionários não dormitavam, que julgavam sem parar; que cada cidade tomada no curso da guerra civil ficava assinalada não somente pelo fumo das armas no pátio da Tcheka, mas também pelas ses-

8 Revista Bitoe, número dois, 14-2-1907. l> Ver Parte III, capítulo primeiro.

soes nocturnas dos tribunais. E que para receber uma bala não era indispensável ser um oficial branco, um senador, um grande proprietário, um frade, um democrata constitucional, um social-revolucionário ou um anarquista. Bastava ter umas mãos brancas e macias, sem calos: isso era mais que suficiente, nesses anos, para se ser condenado ao fuzilamento. É fácil adivinhar que, em Ijevsk ou Botkinsk, Iaroslavl ou Muroma, Kozlov ou Tambov as revoltas custavam também caro às mãos calosas. Nesses rolos, os da justiça extrajudicial e os dos tribunais, se alguma vez vierem a desenrolar-se perante os nossos olhos, o mais surpreendente será a cifra de simples camponeses, dado terem sido inúmeras as agitações e insurreições do campesinato entre 1918 e 1921, embora elas não ilustrem as gravuras a cores da História %'a Guerra Civil, e ninguém tenha fotografado nem filmado essas multidões excitadas, com estacas, forquilhas e machados, que arremetiam

contra as metralhadoras e, depois, com as mãos atadas, pagavam à razão de um por dez nas filas alinhadas para o fuzilamento. Assim, a insurreição de Sapojk é recordada apenas em Sapojk, e a de Pitelin apenas em 1'itelin. Através da citada colectânea de Latsis conhecemos o número de insurreições esmagadas nesse ano e meio em vinte províncias: trezentas e quarenta e quatro ,0. (As insurreições camponesas já em 1918 eram designadas como sendo «de Kulacs», pois os camponeses não podiam revoltar--se contra o poder operário e camponês! Mas como explicar que, de cada vez, se levantassem não três isbas numa aldeia, mas toda ela em peso? Porque é que a massa de camponeses pobres, com as suas forquilhas e machados, não matava os Kulacs sublevados, mas juntamente com eles se lançava contra as metralhadoras? Latsis: «Os outros camponeses eram obrigados pelos Kulacs, com promessas, calúnias e ameaças, a tomar parte di essas insurreições»". Bom, mas seriam essas promessas mais aliciantes do que as palavras de ordem do Comité dos Camponeses Pobres? E essas ameaças mais terríveis do que as metralhadoras das unidades da Tchor?12

E quantas pessoas choram, por um mero acaso, sim, por um mero acaso, esmagadas por estas mós, cujo aniquilamento constitui a outra face inevitável de qualquer revolução que utiliza a força?

Eis o relato, feito por uma testemunha ocular, de uma sessão do tribunal revolucionário de Riazan, em 1919, no processo contra o tolstoiano I. E.:

Após ter sido decretada a mobilização geral obrigatória para o Exército Vermelho (um ano depois das palavras de ordem: «Abaixo a guerra! As

10 Latsis, ob. cit., pág. 75.

" Idem, páy. ~t).

'- Unidades de missão especial.

baionetas em terra! Para casa!»), só na província de Riazan, até Setembro de 1919, foram «apanhados e enviados para a frente cinquenta e quatro mil e setecentos desertores»13, além de uns quantos fuzilados in loco para exemplo. E. não desertou, mas negou-se abertamente ao cumprimento do serviço

militar, por considerações religiosas (objecção de consciência). Ele foi mobilizado pela força, mas, no quartel, não pegava em armas nem fazia instrução. Indignado, o comissário da unidade entregou-o à Tcheka, com uma nota: «Não reconhece o poder soviético.» Interrogatório. Três homens atrás de uma mesa, com um revólver diante de cada um deles: «Heróis como tu já vimos muitos, vais pôr-te, num instante, de joelhos! Aceita imediatamente ir combater, senão fuzilamos-te aqui mesmo!» Mas mantémse firme: ele não pode bater-se, é partidário do cristianismo livre. O seu caso é entregue ao tribunal revolucionário.

A audiência é pública. Na sala há umas cem pessoas. O advogado é velho e amável. O acusador público (a palavra «procurador» foi proibida até 1922), Nokolski,é também um velho jurista. Um dos jurados tenta explicar ao réu o seu ponto de vista: «Como é que você, sendo um representante do povo trabalhador, pode compartilhar as ideias do aristocrata conde Tolstoi?» O presidente do tribunal interrompe-o e não o deixa explicar--se. E travada discussão.

Um jurado:

- Você não quer matar e tenta dissuadir os outros. Mas os brancos começaram a guerra e você impede-nos de defender-nos. Enviá-lo-emos para Koltchak e aí pode preconizar a não violência!

E.:

- Irei para onde me enviarem. O acusador:

- O tribunal não tem de ocupar-se de quaisquer actos penais, mas unicamente de actos contra-revolucionários. Dado o corpo de delito, requeiro que este caso seja entregue aos tribunais populares.

O presidente:

- O quê? Actos? Vejam lá, que legista! Nós regemo-nos não pelas leis, mas pela nossa consciência revolucionária!

O acusador:

- Insisto em que transcrevam o meu requerimento na acta. O defensor:

- Eu associo-me ao acusador. A causa deve ser julgada num tribunal ordinário.

13 Latsis, ob. cit., pág. 74.

O presidente:

- Que velho idiota! Onde o foram buscar? O defensor:

- Há quarenta anos que exerço a advocacia e é a primeira vez que ouço uma tal ofensa. Insiram-na na acta.

O presidente, rindo-se:

— Inserimos! Inserimos!

Risos na sala. O tribunal retira-se para deliberar. Ouvem-se gritos de desacordo na sala de debates. Voltam com a sentença: fuzilamento! Na sala há um murmúrio de indignação. O acusador:

— Protesto contra a sentença e vou apelar para o Comissariado da Justiça!

O defensor:

— Associo-me ao acusador! O presidente:

- Evacuem a sala!!!

Os membros da escolta reconduzem E., à prisão, e aí lhe dizem: «Se todos fossem como tu, irmão, seria

bom! Não havia nenhuma guerra, nem brancos nem vermelhos!» De regresso ao quartel reúnem em assembleia de soldados vermelhos. Censuram a sentença e redigem um protesto para enviar a Moscovo.

Esperando cada dia a morte, e observando diariamente da janela os fuzilamentos, E. esperou trinta e sete dias. Chegou enfim a comutação da sentença: quinze anos de cadeia em regime especial de isolamento.

Este é um exemplo edificante. Embora a lei revolucionária tenha vencido, em parte, quantos esforços isso exigiu do presidente do tribunal! Quanta perturbação, quanta indisciplina e falta de consciência política! A acusação fazendo causa comum com a defesa, os da escolta metendo-se num assunto que não lhes diz respeito e enviando um protesto! Ah!, não é fácil de instaurar a ditadura do proletariado, nem a nova justiça! Como é de supor, nem todas as sessões decorriam com uma disciplina tão relaxada, mas tão-pouco esta foi a única! Quantos anos terão de passar ainda até que tudo se classifique, ganhe um rumo e se consolide a linha necessária, até que a defesa não faça mais um todo

com a acusação e o tribunal, e com eles faça causa comum o processado, e com estes, enfim, façam causa comum as resoluções das massas!

Observar este caminho ano após ano será uma grata tarefa para o historiador, mas como avançaremos nós no meio deste nevoeiro cor-de-rosa? Os fuzilamentos não falam, os desaparecidos falam. Nem os réus, nem os advogados, nem os da escolta, nem os espectadores, mesmo que eles estejam vivos, a nós não nos deixam ir à sua procura. Pelos vistos, só a acusação nos pode ajudar. Chegou até nós, por intermédio de pessoas de boa vontade, um exemplar

não destruído, de uma colectânea dos discursos de acusação do violento revolucionário N. V. Krilenko, primeiro-comissário do Povo para a defesa, primeiro-comandante supremo, que teve mais tarde a iniciativa das Secções dos Tribunais Extraordinários do Comissariado do Povo para a Justiça (preparavam-se para lhe dar o posto de tribuno, mas Lenine suprimiu esse posto[14]), e que foi o glorioso acusador dos maiores processos, até ser, mais tarde, desmascarado

como um encarniçado inimigo do povo1''. Se, de qualquer modo, quisermos levar a cabo o nosso breve resumo dos processos públicos, se nos domina a tentação de respirar o ar judicial dos primeiros anos após a Revolução, é necessário saber ler este livro. Não dispomos de outro. E tudo o que falta, tudo o que diz respeito às províncias, há que completá-lo mentalmente.

Evidentemente, teríamos preferido ver as notas estenografadas desses processos, ouvir as dramáticas vozes sepulcrais desses primeiros réus e advogados, quando ninguém podia prever que uma engrenagem implacável iria tragar tudo isto, juntamente com os tribunais revolucionários.

Entretanto, Krilenko esclarece que publicar notas estenografadas «era incómodo, por uma série de considerações técnicas»16, mas cómodos eram os seus discursos de acusação e as sentenças dos tribunais, que já então coincidiam plenamente com as exigências do acusador.

Segundo ele, os arquivos do Tribunal de Moscovo e do Supremo Tribunal Revolucionário (em 1923) «não estavam de modo algum em ordem... Em toda uma

série de causas o estenograma... estava escrito de forma tão incompreensível que foi necessário eliminar páginas inteiras, ou restabelecer o texto de memória» (!) E «uma série de grandes processos» (entre os quais, o da insurreição dos socialistas revolucionários de esquerda e o do almirante Chastni) «decorreram em geral sem estenograma»17.

É estranho a condenação dos socialistas revolucionários de esquerda não ser um facto insignificante: depois de Fevereiro e de Outubro, era a terceira intersessão decisiva da nossa História, a passagem para um sistema

14 Lenine, 5.a edição, tomo 36, pág. 210.

N. V. Krilenko, Durante Cinco Anos (1918-22). Discursos de acusação pronuncia-os nos maiores processos instruídos no Tribunal de Moscovo e no Supremo Tribunal Revolucionário. Editora do Estado. 1923. Tiragem: 7 000 exs. "" Idem, pág. 4. Idem, págs. 4-5.

de partido único no Governo. E não foram poucas as acusações. Mas não se fez nenhuma acta estenografada.

E a «conspiração militar» de 1919 «foi liquidada pela Tcheka através de meios de repressão extrajudicials»18, tanto mais quanto «foi demonstrada a sua existência»19. (Foram então presos mais de mil homens20 - haveria que instaurar processos a todos?)

Assim, que alguém agora tente descrever ordenadamente, e em pormenor, os processos judicials daqueles anos...

Conhecemos, no entanto, alguns princípios essenciais.

Por exemplo, o acusador principal indica-nos que o Executivo do Comité Central tem o direito de intervir em qualquer causa judicial: «O Executivo do Comité Central tem o direito ilimitado de amnistiar e castigar segundo o seu belo prazer.»21 (O itálico é meu. - A. S.). Por exemplo, uma sentença de seis meses podia ser transformada em dez anos (e, como o leitor compreenderá, para isso não se reunia todo o Executivo em plenário, bastando que a sentença fosse emendada, por exemplo, por Sverdlov no seu

gabinete). Tudo isto, explica Krilenko, «diferencia com vantagem o nosso sistema da falsa teoria da separação de poderes»22, que é a teoria da independência do poder judicial. (Justamente, repetia Sverdlov: «É bom que os poderes legislativo e executivo não estejam separados, como no Ocidente, por uma parede surda. Todos os problemas se podem resolver rapidamente.» Especialmente por telefone.)

É com a maior franqueza e exactidão que são formuladas, nos discursos judicials, pronunciados por Krilenko, as tarefas gerais do tribunal soviético. O tribunal era «simultaneamente o criador do direito (itálico de Krilenko)... e o instrumento da política»23 (itálico meu.'— A. S.).

Criador do direito, na medida em que, durante quatro anos, não houve código algum: os códigos czaristas foram deitados pela porta fora e ainda não tinham sido elaborados os nossos. «E que não venham dizer-me que os nossos tribunais penais devem aplicar exclusivamente as normas escritas existentes. Vivemos um processo revolucionário...»24 «Num tribunal revo-

18 Krilenko, ob. cit., pág. 7.

19 Idem, pág. 44.

20 Latsis, ob. cit., pág. 46.

-' Krilenko, ob. cit., pág. 13.

" Idem, pág. 14.

2:! Idem, pág. 3.

24 Idem, pág. 408.

lucionário não devem renascer as subtilezas e os casuísmos jurídicos... Criaremos um direito novo e normas éticas novas.»25 «Por muito que falem das leis eternas do direito, da justiça, etc, nós bem sabemos... como elas nos custaram caro.»26

(Se as VOSSAS condenações fossem comparadas com as NOSSAS, talvez reparassem que elas não vos custaram assim tão caro!) Talvez que a justiça eterna seja um pouco mais confortável!...

Já que são desnecessárias as subtilezas jurídicas, não há que determinar se o réu é culpado ou não culpado: o conceito de culpabilidade é um velho conceito burguês, agora explicado27.

Pela boca do camarada Krilenko, ficam a saber que os tribunais revolucionários são tribunais de outro género. Noutra ocasião, ouvimo-lo afirmar que um tribunal, de um modo geral, não é um tribunal: «Um tribunal revolucionário é um órgão de luta da classe operária contra os inimigos», e deve actuar «sob o ponto de vista dos interesses da Revolução... tendo em conta os resultados mais desejáveis para as massas operárias e camponesas»28, (o itálico é meu. — A.S.).

Os homens não são homens, mas sim «os portadores de determinados ideais»29. Sejam quais forem as qualidades individuais (do réu) só lhe pode ser aplicado um método de valorização: o critério do valor é o do interesse de classe30.

O que quer dizer que só tens o direito de existir, se isso for conveniente para a classe operária. Entretanto «se esta conveniência exigir que uma espada punitiva caia sobre a cabeça dos réus, então, nenhum discurso, por mais persuasivo que seja, ajudará»3' (isso são argumentos de advogado, etc...). «No nosso tribunal revolucionário não fazemos caso nem dos artigos nem das circunstâncias atenuantes; devemos partir de considerações de utilidade.»32

Naqueles anos houve muitos a quem sucedeu isto: depois de terem vivido e vivido descobriram de repente que a sua existência não era CONVENIENTE.

25 Krilenko, ofc. c/f., pág. 22. (O itálico é meu.)

26 Idem, pág. 505.

27 Idem, pág. 318.

28 Idem, pág. 73.

29 Idem, pág. 83.

30 Idem, pág. 79.

31 Idem, pág. 81.

32 Idem, pág. 524.

Daqui se deve inferir que sobre o acusado não recai propriamente o peso do que já fez, mas do que ele PODERÁ fazer, se não for agora fuzilado: «Nós defendemo-nos não só do passado, mas também do futuro.»33

As declarações do camarada Krilenko são claras como água. Elas fazem emergir com relevo todo este período

judicial. Através das evaporações primaveris, anuncia-se já a transparência diáfana do Outono. Será necessário ir mais longe na nova análise, folhear processo após processo? Estas declarações serão inexoravelmente aplicadas.

Fechai os olhos e imaginai uma pequena sala de audiência. Ainda não está pintada de ouro. Os fervorosos membros do tribunal usam bonés simples, sãoo magros, ainda não pelo excesso de comida. Quanto à autoridade acusadora (como Krilenko gosta de a caracterizar), veste um casaco desabotoado, de civil e pela abertura do pescoço vê-se uma camisola de marinheiro às riscas brancas e azuis.

O acusador supremo exprime-se num russo deste género: «O que a mim me interessa são as questões de facto!»; «Concretize-me o momento da tendência!»; «Nós operamos no plano da análise da verdade objectiva.» Às vezes lá surge um ditado latino (é verdade que de um processo a outro esse ditado repete-se, mas passados vários anos aparece novo.) Bem, mas há que dizer também que, a despeito das suas correrias revolucionárias, terminou os seus estudos em duas faculdades. Quando está bem disposto derrama a sua alma sobre os réus: «Sois uns

patifes profissionais!» E não é nada hipócrita. Por exemplo, não gosta do sorriso das mulheres acusadas e atira-lhes com ar desdenhoso e ameaçador, antes mesmo de qualquer sentença: «Você, cidadã Ivanova, com esse seu sorrisinho, terá o preço que merece e havemos de fazer com que não se ria nunca maisl»3*

Vamos lá então?

a) O PROCESSO DOS «BOLETINS RUSSOS». Este processo, um dos primeiros e dos mais precoces, foi o processo contra a liberdade de expressão. No seu número de 24 de Março de 1918, este conhecido jornal dos «professores» inseriu um artigo de Savinkov — «Em Viagem». Com muito gosto teriam detido o próprio Savinkov, mas ele estava em viagem, o maldito, e onde encontrá-lo? Assim, fecharam o jornal e levaram ao banco dos réus o velho redactor P. V. legorov, convidando-o a explicar-se: como se atrevera? Já haviam decorrido quatro meses de domínio da Nova Era e já tinha chegado a hora de se acostumar!

legorov ingenuamente justificou-se, dizendo que o artigo era da autoria

Krilenko, ob. át., pág. 82. Idem, pág. 296.

de «um destacado leader político, cujas opiniões tinham um interesse geral, independentemente de a redacção as compartilhar ou não». Além disso, não via qualquer calúnia nas afirmações de Savinkov «segundo as quais não se devia esquecer que Lenine, Natanson e companhia tinham regressado à Rússia através de Berlim, ou seja, que as autoridades alemãs lhes prestaram cooperação para o regresso à pátria», porque na realidade assim fora: a Alemanha do Kaiser, em guerra, ajudou Lenine a regressar.

Krilenko exclama que não tenciona acusá-lo de calúnia (e porque não?...) e o jornal é processado por tentativa de influir nos espíritos! (Mas, acaso, um jornal pode ousar ter tais objectivos?n

Tão-pouco é revelada a frase de Savinkov: «É preciso ser um criminoso insensato para pretender seriamente que o proletariado internacional rios apoia», dado que ele ainda nos iria apoiar...

Pela tentativa de influir nos espíritos, é assim condenado um jornal que se publicou desde 1864, suportando as mais incríveis reacções: Loris--Melikov, Pobiedonotsiev, Stolipin, Kasso e outros mais.

Decidem fechá-lo para sempre! Ao redactor Iegorov, é vergonhoso dizê-lo, condenavam-no, em qualquer Grécia, a três meses de prisão isolada, mas não é assim tão vergonhoso se se pensa que estamos ainda em 1918! (Se o velho sobreviver, detê-lo-ão de novo e quantas vezes ainda será agarrado!)

Por estranho que pareça, naqueles anos explosivos, continuava a manter-se o hábito do suborno, como na velha Rússia de há séculos e como ainda presentemente na U. R. S. S., tentando-se particularmente subornar, com presentes, os órgãos judicials. E podemos acrescentar, como em segredo, também a Tcheka. Os tomos de histórias, encadernados de vermelho e gravados a ouro, silenciam-no. Há velhas testemunhas oculares que se recordam de que, diferentemente do tempo estalinista, o destino dos presos políticos nos primeiros anos da Revolução dependia grandemente do suborno: recebiam os presentes sem timidez e por isso punham os presos honradamente em liberdade. Krilenko seleccionou somente uma dúzia de processos num período de cinco anos e fala-nos de dois desses casos. O caminho que o Tribunal Revolucionário de Moscovo e o Tribunal Supremo

seguiam para atingir a perfeição enveredou por vias tortas e ambos se afundaram na indecência.

b) O PROCESSO DOS TRÊS COMISSÁRIOS DO TRIBUNAL REVOLUCIONÁRIO DE MOSCOVO (Abril de 1918).

Em Março de 1918 foi preso Beridze, que especulava com lingotes de ouro. A sua mulher, como era costume, começou a indagar quais os meios de resgatar o marido. Ela conseguiu obter uma ligação com um conhecido dum dos comissários, este aliciou mais dois, e num encontro secreto exigiram-lhe duzentos e cinquenta mil rublos, baixando, depois de um regateio, para sessenta mil, dos quais metade adiantados e pagos através do advogado Grin. Tudo poderia ter ficado ignorado, como aconteceu com centenas

de negócios que terminaram bem, e não teria ido parar aos anais de Krilenko, nem aos nossos (e nem mesmo teria sido objecto de debate no Conselho dos Comissários do Povo), se a esposa não tivesse começado a apertar com o dinheiro, levando a Grin

apenas quinze mil rublos adiantados, em vez de trinta mil, e, sobretudo, se, com a telha própria das mulheres, não tivesse decidido durante a noite que o advogado não era uma pessoa séria, e pela manhã não se tivesse precipitado para um outro intermediário, o jurado Iakulov. Não se sabe exactamente quem foi, mas, pelos vistos, deve ter sido Iakulov quem decidiu ajustar as contas com os comissários.

O que há de interessante neste processo é que todas as testemunhas, a começar pela desajeitada esposa, procuram apresentar provas favoráveis aos acusados, atenuando a acusação (o que seria impossível num processo político!). Krilenko explica assim as coisas: pela sua compreensão estreita e mesquinha, eles sentem-se estranhos face ao nosso tribunal revolucionário. (Quanto a nós, atrevemo-nos de forma estreita e mesquinha a supor que as testemunhas não tiveram tempo de aprender a temer, em meio ano, a ditadura do proletariado. É na verdade necessário um grande atrevimento para pôr em causa os comissários do tribunal revolucionário. E que virá a suceder posteriormente contigo?...)

É também interessante a argumentação do comissário. Com efeito, um mês antes, os acusados eram seus camaradas de armas, seus auxiliares, isto é, pessoas totalmente devotadas aos interesses da Revolução, e um deles, Leist, era mesmo um «severo acusador, capaz de lançar raios e coriscos sobre quem quer que atentasse contra os fundamentos». E que dizer agora sobre eles? Onde ir buscar com que denegri-los? (Já que atacar a corrupção, só por si, não basta.) Pois a questão é clara: remexendo no seu passado !, no seu curriculum vitae.

«Se se examina com atenção» o caso desse Leist, «encontram-se informações extraordinariamente curiosas». Estamos intrigados: será ele um antigo aventureiro? Não, é filho de um professor da Universidade de Moscovo! E este professor não é um simples professor, mas um homem que durante vinte anos conseguiu sobreviver a todas as reacções, pela sua indiferença à actividade política! (Bom, mas apitar da reacção também Krilenko foi admitido como estudante externo...) Será acaso de surpreender que o seu filho seja uma pessoa de duas caras?

Quanto a Podgaiski, era filho de um funcionário judicial, certamente membro das Centúrias Negras.

De outro modo, como é que o seu pai teria podido servir durante vinte anos o czar? E o filho também se preparava para a carreira judiciária. Mas sobreveio a Revolução e precipitou-se para os tribunais revolucionários. O que ontem parecia pobre, aparecia agora como repugnante!

O mais abjecto de todos, naturalmente, era Guguel. Enquanto editor, que oferecia ele aos operários e camponeses como alimento mental? «Alimentava as vastas massas com literatura de má qualidade», não de Marx,

mas de professores burgueses de renome mundial (esses professores, também iremos encontrá-los bem depressa no banco dos réus).

Krilenko encolerizava-se e assombrava-se: mas que gentalha é esta que se infiltrou nos tribunais? (Também nós ficamos perplexos: quem constitui esses tribunais dos operários e camponeses? Porque é que o proletariado confiou em tal gente para abater os seus inimigos?)

Mas já o advogado Grin, «pessoa de confiança» da comissão investigadora, que podia pôr em liberdade quem quisesse, é um representante típico daquela variedade da espécie humana que Marx denominou como «sanguessugas do regime capitalista», da qual fazem parte, além de todos os advogados e todos os gendarmes, os sacerdotes e... e os notários...35

Parece que Krilenko não poupou as suas forças para conseguir uma sentença implacável e cruel, que não levasse em conta «os matizes individuais da culpabilidade»; mas uma certa nobreza, uma certa fadiga se apoderou do tribunal, sempre tão animoso, e ele pôde apenas balbuciar as penas de seis meses de prisão a cada um dos comissários e uma multa em dinheiro ao advogado. (Só fazendo uso do direito do Executivo do Comité Central de «aplicar penas ilimitadas» é que Krilenko conseguiu, no Hotel Metrópole, obter penas de dez anos de prisão para os investigadores e de cinco para o advogado-sanguessuga, acompanhadas do confisco total dos seus bens. Krilenko apregoou aos quatro ventos a sua vigilância e por pouco não recebeu o título de tribuno.)

Temos perfeita consciência de que, tanto entre as massas revolucionárias de então como entre os nossos leitores de hoje, este desgraçado processo não pode deixar de abalar a sua fé na santidade do tribunal. E com mais timidez ainda passamos ao processo seguinte, respeitante a uma instituição ainda mais elevada.

c) O PROCESSO DE KOSSIRIEV (15 de Fevereiro de 1919). F. M. Kossiriev e os seus amigalhaços Libert, Róttenberg e Soloviov tinham trabalhado na Comissão de Abastecimento da frente oriental (contra as tropas da Assembleia Constituinte, antes ainda de Koltchak). Chegou-se à conclusão de que encontraram aí forma de receber, de uma só vez, entre setenta mil e um milhão de rublos, gastando-os em corridas de cavalos e em pândegas com as enfermeiras. A Comissão tinha adquirido uma casa, um automóvel e banqueteava-se no Restaurante Yar. (Nós não estamos habituados a imaginar desse modo o ano de 1918, mas é assim que aparece testemunhado no tribunal revolucionário.)

3S Krilenko, ob. cit., pág. 500.

No entanto, não foi esse o objecto do processo: nenhum deles foi julgado pelos factos da frente oriental e até lhes perdoaram tudo. Que espanto. Desde que foi destituída a sua Comissão de Abastecimentos, foram os quatro convidados, juntamente com Nazarenko, velho vagabundo siberiano, amigo de Kossiriev dos anos de trabalhos forçados por delito comum, a constituir... o Colégio de Revisão e de Controle da Tcheka da União!

Eis a competência desse Colégio: ele tinha plenos poderes para verificar a conformidade com a lei dos actos de todos os restantes órgãos da Tcheka da União, bem como o direito de requisitar e examinar qualquer processo, em qualquer fase da instrução, ou de anular as decisões de todos os restantes órgãos da Tcheka, à excepção, somente, do Presidium da Tcheka da União!!!36 Já não era pouco ser a segunda autoridade da Tcheka depois do Praesidium! Encontrar-se num degrau a seguir a Dzerjinski, Uritski, Peterson, Latsis, Menjinski e Iagoda!

O modo de vida dos consócios continuou a ser o mesmo. Não se tornaram orgulhosos, não se envaideceram: com gente do género de Maksi-mitch, Lionka, Rafailski e Mariupolski «que não tinham

relação alguma com as organizações comunistas», instalaram em casas particulares e no Hotel Savoi «um ambiente de luxo... onde reinam as cartas (pondo-se em jogo milhares de rublos), as bebedeiras e as mulheres», Kossiriev instala-se com grande fausto (setenta mil rublos), não desdenhando levar da Tcheka da União colheres e chávenas de prata (mas como é que tais objectos aí haviam chegado? ...)ou mesmo simples copos. «Era sobre isso, e não sobre as ideias, que se concentrava a sua atenção, eis o que ele tomou para si do movimento revolucionário.» (Negando agora a origem dos subornos recebidos, esse destacado tchequista não pestaneja ao afirmar que uma conta de duzentos mil rublos no Banco de Chicago é proveniente de uma herança!... Tal situação, pelos vistos, é para ele compatível com a revolução mundial!) movimento revolucionário.» (Negando agora a origem dos subornos recebidos, esse destacado tchquista não pestaneja ao afirmar que uma conta de duzentos mil rblos no Banco de Chicago é proveniente de uma herança!... Tal situação, pelos vistos, é para ele compatível com a revolução mundial!) Que melhor forma de utilizar o seu direito sobre-humano de prender e de pôr em liberdade quem lhe parecesse! Pelos vistos, havia que

detectar as galinhas dos ovos de oiro e no ano 18 caíam não poucas nas redes. (A Revolução tinha sido feita com demasiada pressa, não se podendo ver tudo, desentranhar quantas pedras preciosas, colares, bracelf tes, anéis, e brincos as damas burguesas tiveram tempo de esconder.) E depois tentar estabelecer contactos com as famílias dos presos através de um qualquer testa-de--ferro.

Figuras dessas também desfilam perante nós no processo. Aí está, por exemplo, Uspenskaia, de vinte e dois anos. Ela terminou o liceu de Sam-

Krilenko, ob. cit., pág. 507.

petersburgo, mas não conseguiu ascender ao ensino superior. Adveio o poder dos Sovietes e, na Primavera de 1918, Uspenskaia apresentou-se na Tcheka a oferecer os seus serviços como informadora. Pelo seu aspecto exterior parecia adequada e aceitaram-na.

A propósito dos denunciantes, Krilenko faz o seguinte comentário, como se fosse para si mesmo: «Nós não vemos nisso nada de criticável, pois consideramo-lo

como uma obrigação... Não é o facto de exercer esse tipo de trabalho que envergonha; uma vez que alguém reconhece que ele é indispensável para o interesse da Revolução, deve estar pronto a fazê-lo[37]. Mas acontece que Uspenskaia não tinha convicções políticas! Era isso o mais terrível. Ela responde nestes termos: «Eu concordei em que me pagassem determinada percentagem pelos casos descobertos», sendo ainda divididos a meias os benefícios provindos daqueles que o tribunal evita revelar, ordenando que os seus nomes não se mencionem. Na expressão de Krilenko, «Uspenskaia não estava incluída no pessoal da Tcheka e trabalhava à peça»™. De resto, há que compreendê-la humanamente, explica o acusador: ela estava habituada a gastar sem conta, e que representam para ela os míseros quinhentos rublos que lhe pagava o Conselho do Povo da Economia, quando com um só golpe (intervir para que tirem a um comerciante o selo de chumbo da porta) recebe cinco mil rublos, ou mesmo dezassete mil, como chegou a pagar-lhe a mulher de um preso, Mecherka-Grevs? Entretanto, Uspenskaia não ficou muito tempo na polícia secreta, conseguindo, com a ajuda de importantes tchequistas, tornar-se, ao cabo de uns meses, comunista e comissária.

Entretanto, não conseguimos tocar no fundo do processo. Uspenskaia organizou para Mecherka-Grevs um encontro numa casa privada com um tal Godeliuk, amigo íntimo de Kossiriev, a fim de se porem de acordo quanto ao preço do resgate do marido (ela erigia... seiscentos mil rublos!). Mas, por qualquer azar não explicado no tribunal, essa entrevista secreta veio a ser conhecida pelo jurado lakuloy, esse mesmo que tinha enterrado os investigadores subornados e que, pelos vistos, tinha um ódio de classe ao sistema proletário de processos judicials e extrajudicials, lakulov denunciou o caso ao Tribunal Revolucionário de Moscovo39, e o presidente do tribunal (ter-se-ia lembrado da indignação do Conselho dos Comissários do Povo em face do processo dos juízes?) também cometeu um erro de classe: em vez de advertir simplesmente o camarada Dzerjinski e de arranjar tudo em família, colocou atrás de uma cortina uma estenógrafa. Assim fo-

37 Krilenko, ob. cit., pág. 513. (O itálico é meu.)

18 Idem, pág. 507.

Para acalmar a indignação do leitor há que referir que este lakulov, sanguessuga que |a antes do

julgamento de Kossiriev tinha sido abarbatada, deu motivo a um processo. Foi conduzido sob escolta para testemunhar, sendo de crer que em breve o fuzilariam. (E dizer que nos hoje nos interrogamos sobre a forma como se chegou à arbitrariedade e porque é que ninguém lutou contra isso!)

ram registadas todas as afirmações de Godeliuk sobre Kossiriev, Soloviov e outros comissários; todas as suas indicações sobre quem, na Tcheka, recebia dinheiro e em que quantidade; segundo o estenograma, Godeliuk tinha recebido um avanço de doze mil, cedendo a Mecherka um passe para entrar na Tcheka, já assinado em nome da Comissão de Revisão e Controle, por Libert e Rottenberg (na Tcheka, o regateio devia prosseguir). E nisto ele foi descoberto! E na sua desorientação forneceu provas! (Mecherka teve ainda tempo de se apresentar à Comissão de Revisão e de Controle, que já tinha requisitado o processo do seu marido para verificação.)

Mas permitam-me! Este desmascaramento mancha a farda azul da Tcheka! Estará senhor do seu juízo, o presidente do Tribunal Revolucionário de Moscovo? Ocupar-se-á ele, acaso, da sua função?

Acontece que era essa a tendência do momento: momento que ficou totalmente oculto nas pregas da nossa grandiosa História. Acontece que o primeiro ano de trabalho da Tcheka produziu uma impressão um tanto repulsiva, mesmo nas fileiras do partido do proletariado, ainda não habituado a isso. Só um ano, só um passo do glorioso caminho tinha sido ainda percorrido pela Tcheka e já, como em termos algo obscuros escrevia Krilenko, surgia «uma discussão entre os tribunais e as suas funções, por um lado, e as funções extrajudicials da Tcheka, por outro... discussão que naquele tempo dividia o Partido e os bairros operários em dois campos»40. Foi assim que surgiu o processo de Kossiriev (até esse momento todos tinham gozado de impunidade), e pôde ser levado até ao mais alto nível.

Devia-se salvar a Tcheka! Salvar a Tcheka! Soloviov pede autorização ao tribunal para ir à cadeia da Tanganka (até infelizmente não da Lubian-ka) para ter uma conversa com o preso Godeliuk. O tribunal

recusa. Então Soloviov penetra na cela de Godeliuk sem licença do tribunal. E dá-se uma coincidência: é precisamente então que Godeliuk adoece gravemente! («Será duvidoso falar-se da existência de má vontade por parte de Soloviov», inclina-se reverentemente Krilenko.) Sentindo aproximar-se a morte, Godeliuk arrepende-se de ter" podido caluniar a Tcheka, pede que lhe dêem papel e escreve uma retractação: tudo o que ele disse sobre Kossiriev e outros comissários é mentira, bem como o que foi estenografado por detrás da cortina![41]

40 Krilenko, oh. cit., pág. 14.

41 Ah!, quantos enredos! Onde está Shakespeare? Soloviov pa^ou através da parede na pálida sombra da cela. Godeliuk retractou-se com mão débil... E dizer que no teatro e no cinema só nos são dados os anos revolucionários pela canção das ruas Torvelinhos hostis.

«E quem lhe deu o passe para entrar?», insiste Krilenko. O passe para Mecherka não caiu com certeza do céu! Não, o acusador «não quer dizer que Soloviov tenha participado neste caso, porque... não há dados suficientes», mas calcula que alguns «cidadãos que ficaram em liberdade tenham montado a questão» e enviado Soloviov para a Tanganka.

É este o momento de interrogar Libert e Rottenberg. Ambos foram chamados, mas não se apresentaram! Assim mesmo, não se apresentaram, recusaram-se a vir. Então permitam ao menos que se interrogue Mecherka! Pois imaginem que esta aristocrata, que começava a acobardar-se, teve também a ousadia de não comparecer ante o tribunal revolucionário! E não houve força capaz de a obrigar! Entretanto, Godeliuk retractou-se e está moribundo! E Kossiriev não confessa nada! E Soloviov de nada é culpado! E não há quem interrogar...

Em compensação, quantas testemunhas vieram depor perante o tribunal por sua própria vontade! O vice-presidente da Tcheka, camarada Peters, até o próprio Félix Edmundovitch Dzerjinski, cheio de angústia. Com o seu rosto alongado e ardente de asceta, volta-se para o tribunal petrificado e, em termos

penetrantes, depõe em defesa da inocência de Kossiriev, em defesa das suas qualidades morais, revolucionárias e profissionais. Estes depoimentos não nos foram transmitidos, mas Krilenko releva-os assim: «Soloviov e Dzerjinski puseram em evidência as magníficas qualidades de Kossiriev.»42 (Ah, oficial incauto! - passados vinte anos hão-de recordar--te, na Lubianka, este processo!) É fácil adivinhar o que pôde dizer Dzerjinski: que Kossiriev é um tchequista de ferro, sem compaixão para o inimigo; que ele é um bom camarada. De coração ardente, cabeça fria e mãos limpas.

E sobre o lixo das calúnias ergue-se diante de nós um cavaleiro de bronze. Para além do mais, a biografia de Kossiriev dá-nos conta da sua vontade invulgar. Antes da Revolução tinha sido processado em várias ocasiões, na maioria delas por crime: por se ter, na cidade de Kostroma, com intenção de pilhagem, introduzido por manha na casa da velha Smir-nova, estrangulando-a com as suas próprias mãos; mais tarde, por tentativa de morte do pai e por assassínio de um companheiro com o fim de utilizar o seu passaporte. Nos casos restantes, Kossiriev havia sido julgado por fraudes, passando um grande número de

anos na deportação (compreende-se agora a sua tendência para a vida luxuosa!). Só as amnistias czaristas lhe valeram.

42 Krilenko, ob. cit., pág. 522.

Mas, neste passo, severas e justas vozes de destacados tchequistas interromperam o acusador, fazendo notar que todos esses tribunais antigos eram compostos de proprietários e burgueses e não podiam ser levados em conta pela nossa nova sociedade. Perdendo o sentido da medida, o oficial, do alto da cátedra da acusação do tribunal revolucionário, teve em resposta esta tirada, tão valiosa ideologicamente que destoa até na exposição harmoniosa dos processos judiciais:

«Se no antigo tribunal czarista havia algo em que podíamos confiar, era unicamente nos tribunais de jurados... Perante a sua decisão era sempre permitido ter confiança, pois eles cometiam o menor número de erros judiciais.»

Tanto mais ultrajantes pareciam semelhantes afirmações na boca do camarada Krilenko, quanto três meses antes, no processo do provocador R. Malinovski (ex-favorito da direcção do Partido, que fora, a despeito das quatro condenações penais que figuravam no seu cadastro, cooptado para o Comité Central e designado para a Duma), a Autoridade Acusadora adoptara uma posição de classe inatacável:

«Do nosso ponto de vista, cada delito é o produto de um determinado sistema social e neste sentido uma condenação aplicada segundo as leis da sociedade capitalista e da época czarista não é aos nossos olhos um facto que deixe para sempre uma mancha indelével... Nós conhecemos muitos exemplos de terem figurado nas nossas fileiras pessoas com feitos semelhantes no passado, e nunca tirámos daí a conclusão de que era necessário excluí-las do nosso meio.

Quem conheceu os nossos princípios não pode temer que o facto de ter sido condenado judicialmente no passado o ameace de ser excluído das fileiras dos revolucionários» ...4:!

Aí está como sabia falar dentro de uma perspectiva partidária o camarada Krilenko! Mas neste caso o seu raciocínio viciado obscurecia a imagem cavalheiresca de Kossiriev. E criou-se no tribunal uma situação tal que o camarada Dzerjinski se viu obrigado a dizer: «Por um segundo (mas só por um segundo! - A. S.) atravessou-me a ideia de saber se o camarada Kossiriev não será vítima das paixões políticas que ultimamente se acenderam em torno da Tcheka.»44

Krilenko apercebeu-se disso: «Eu não quero, nem nunca quis, que o presente processo fosse não o processo de Kossiriev e Uspenskaia, mas o processo da Tcheka. Não só não posso querê-lo, como também tenho obri-

43 Krilenko, ob. cit., pág. 337.

44 Idem, pág. 509.

%

gação de lutar com todas as minhas forças contra isso! À cabeça da Tcheka foram colocados os camaradas mais responsáveis, mais honrados e mais firmes, que assumiram o pesado dever de esmagar os

nossos inimigos, mesmo correndo o risco de cometer erros... Por isso, a Revolução tem de exprimir-lhes o seu agradecimento... Sublinho este aspecto para que... depois ninguém me possa dizer "ele acabou por ser um instrumento da traição política"»45 (Sim, hão-de dizê-lo.)

Tal era o fio da navalha sobre que marchava o supremo acusador! Vê--se que ele tinha certos contactos, vindos ainda do tempo da clandestinidade, através dos quais sabia as voltas que tudo podia dar amanhã. Isso resulta da observação de alguns processos, e deste também. Sopravam certas correntes, em começos de 1919, insuflando que bastava, que já era tempo de refrear a Tcheka! Sim, esse momento foi magnificamente expresso num artigo de Bukharine,. em que este diz «que se deve passar do revolucionarismo legal à legalidade revolucionária»46'.

Lá surge a dialéctica, onde quer que te metas! E Krilenko deixa escapar a frase: «O tribunal revolucionário é chamado a substituir a Tcheka» (A SUBSTITUIR?...) De resto, ele «não deve ser menos terrível, no sentido da aplicação do sistema de

intimidação, de terror e de ameaças, do que o foi a Tcheka».

Do que foi?... Mas acaso ele já a enterrou?!... Um momento: substituir, diz você, mas que fazer dos tchequistas? Dias terríveis! Compreende--se a pressa com que o seu chefe veio testemunhar com um capote até aos pés.

Talvez sejam falsas as suas informações, camarada Krilenko!

Sim, pairavam nuvens negras sobre a Lubianka nesses dias. E este livro poderia ter seguido outro rumo. Mas, suponho eu, o férreo Félix foi ver Vladimir Ilitch, conversaram os dois e tudo se esclareceu. As nuvens passaram. Todavia, dois dias depois, em 17 de Fevereiro de 1919, por disposição especial do Executivo do Comité Central, a Tcheka foi privada dos seus direitos judicials - «mas não por muito tempo»!47

O que veio complicar ainda a jornada de debates foi o repugnante comportamento da desavergonhada Uspenskaia. Até mesmo no banco dos réus ela atirou para a lama outros importantes tchequistas, que não tinham sido incluídos no processo, inclusive o camarada Peters! (Acontece que ela utilizava o seu

nome sem mancha em operações de chantagem, permane-

45 Krilenko, ob. cit., págs. 509-510. (O itálico é meu - A.S.)

46 Idem, pág. 511. Idem, pág. 14.

cendo sem cerimónia no gabinete de Peters durante as suas conversas com outros tchequistas.) Agora, ei-la que insinua que teve um passado obscuro em Riga, antes da Revolução. Tinha-se tornado um réptil durante os oito meses que viveu entre tchequistas! Que fazer com uma fulana assim? Nisso, Krilenko esteve inteiramente de acordo com a opinião dos tchequistas: «Enquanto não se estabelecer um regime sólido, e ainda estamos longe disso (na verdade?...), o interesse da defesa da Revolução implica que não há nem pode haver outra sentença para a cidadã Uspenskaia que não seja o seu aniquilamento.» Não o fuzilamento, ele disse bem: o aniquilamento! Mas é ainda uma rapariga nova, cidadão Krilenko. Bom, apliquem-lhe dez anos, ou vinte e cinco, e até lá o regime ficará sólido. Ai de nós: «Não há nem pode

haver outra resposta, no interesse da sociedade e da Revolução, sendo impossível pôr de outra maneira a questão. Nenhum isolamento, neste caso, dará frutos!»

Ela excedeu-se... Isso significa que sabe muita coisa...

E a Kossiriev houve que sacrificá-lo também. Fuzilaram-no. Para salvar outros.

Será permitido ler alguma vez os velhos arquivos da Lubianka? Não, queimá-los-ão. Se já não os tiverem queimado.

Como verá o leitor, este processo foi de pouca importância. Podíamos não nos ter detido nele. Mas, entretanto...

d) O PROCESSO DOS «CLERICAIS» (11-16 de Janeiro de 1920) ocupará, segundo a opinião de Krilenko, «um lugar devido nos anais da Revolução Russa». Nada mais nada menos, nos anais. Um só dia chegou para dobrar Kossiriev, mas estes foram triturados durante cinco dias.

Eis os principais acusados: A. D. Samarine (personagem conhecida na Rússia, antigo procurador-geral do Sínodo, que lutava pela separação da Igreja

do poder czarista, inimigo de Rasputine e desalojado por este do seu posto)48; Kuznietsov, professor de direito canónico na Universidade de Moscovo; e os arciprestes Uspenski e Tsvietkov, também de Moscovo. (Sobre Tsvietkov, o próprio acusador afirmará: «É uma notável personagem social, talvez o melhor que nos foi dado pelo clero, um filantropo.»)

E eis do que eram culpados: criaram o Conselho Moscovita das Paróquias Unidas, o qual constituiu (entre os crentes de quarenta a oitenta anos) uma guarda voluntária para o patriarca (naturalmente desarmada), destinada a montar uma vigilância permanente, dia e noite, nas imediações da sua residência. Em caso de perigo para o patriarca, por parte das autoridades, ela devia fazer apelo ao povo a toque de rebate e pelo telefone, a fim de seguirem todos em tropel atrás dele para onde quer que o levassem, e

Mas para o acusador, entre Samarine e Rasputine não havia diferença.

%

irem rogar (eis a contra-revolução!) ao Conselho dos Comissários do Povo que o pusesse em liberdade.

Não era um empreendimento digno da antiga Rússia, da Santa Rússia, esse de reunir-se ao toque de rebate, e ir em tropel apresentar uma súplica? ...

O acusador mostra-se surpreendido: que perigo ameaça o patriarca, porque é que se lhes meteu na cabeça defendê-lo?

Nenhum, na realidade: só que desde há dois anos a Tcheka se desembaraça, sem processo, dos indesejáveis; que ainda há muito pouco tempo, em Kiev, quatro soldados vermelhos mataram o metropolita; que «acaba de ser instruído o processo contra o patriarca e falta apenas submetê-lo aos tribunais revolucionários»; e que é «unicamente por uma atitude prudente em relação às vastas massas de operários e de camponeses, que se encontram sob a influência da propaganda clerical, que deixamos por agora tranquilos estes inimigos de classe»49. Porquê então o alarme dos ortodoxos quanto ao patriarca? Durante os últimos dois anos o patriarca Tikhon não se calou, tendo enviado mensagens aos comissários do povo, ao clero e às suas ovelhas; as suas

mensagens (foram elas o primeiro Sanisdat!), tendo sido proibidas de ser impressas nas tipografias, eram escritas à máquina. Ele desmascarava o extermínio de inocentes, a ruína do país. Porquê, pois, agora, a intranquilidade pela vida do patriarca?

Segunda culpa dos acusados: em todo o país se estava a proceder á relação e à requisição dos bens da Igreja (além do encerramento dos mosteiros, além do confisco das terras e dos bosques, trata-se agora dos lustres, dos vasos sagrados, das baixelas dos ofícios religiosos). O Conselho das Paróquias difundiu uma palavra de ordem entre os laicos: resistir às requisições, tocando o sino a rebate. (Naturalmente! Foi também assim que se defenderam os templos contra os tártaros!)

Terceira culpa: o insolente e incessante envio de queixas ao Conselho dos Comissários do Povo contra os vexames que os funcionários locais faziam sofrer à Igreja; contra os grosseiros sacrilégios e as violações da lei sobre a liberdade de consciência.

Essas queixas, embora não atendidas (depoimentos de Bontch--Bruievitch, chefe do Conselho dos

Comissários do Povo), conduziam ao descrédito dos funcionários locais.

Analisando agora todas as culpas dos acusados, que pena aplicar a esses terríveis delitos? Não lha ditará acaso ao leitor a sua consciência revolucionária? Evidentemente, SÓ O FUZILAMENTO! Tal como o exigiu Krilenko (para Samarine e Kuznietsov).

Mas, enquanto assim se ocupavam com a maldita legalidade e escutavam os discursos torrenciais dos inumeráveis advogados burgueses (não

Krilenko, ob. át., pág. 61.

transmitidos por considerações técnicas), soube-se que... tinha sido abolida a pena de morte! O quê?! Não pode ser! Como é isso? Tratava-se de uma disposição de Dzerjinski, que dizia respeito à Tcheka. (A Tcheka privada do fuzilamento?...) E o Conselho dos Comissários do Povo havia-a tornado extensiva aos tribunais revolucionários? Ainda não. Isso deu novo ânimo a Krilenko. E ele continuou a exigir o fuzilamento, com o fundamento seguite:

«Mesmo supondo que a situação fortalecida da República elimina o perigo imediato de tais pessoas, parece-me, entretanto, a mim, indubitável, que, neste período de trabalho criador, a limpeza... de tais activistas e camaleões... é uma exigência imprescindível da Revolução»; «A disposição da Tcheka acerca da abolição dos fuzilamentos... constitui um orgulho para o poder soviético.» Mas isso «ainda não nos obriga a considerar que a questão da abolição dos fuzilamentos tenha sido decidida de uma vez para sempre... para toda a duração do poder soviético»50.

Palavras proféticas! O fuzilamento será restaurado, e muito em breve! Há ainda todo um bando que é necessário liquidar! (A começar pelo próprio Krilenko e por muitos dos seus irmãos de classe...)

E o tribunal revolucionário obedeceu e condenou Samarine e Kuzniet-sov ao fuzilamento, embora fazendo-os beneficiar da amnistia: internamento num campo de concentração até à completa vitória sobre o imperialismo mundial] (Ainda lá se devem encontrar...) Pelo que «de melhor podia dar o clero» — quinze anos em vez de cinco.

Havia outros réus ligados ao processo, a fim de que a acusação tivesse uma base material convincente: os frades e os professores de Zvienigorod, acusados de factos registados no Verão de 1918, mas que, não se sabe porquê, não tinham sido julgados durante o prazo de um ano e meio (ou talvez tivessem sido já julgados, voltando a sê-lo de novo, tantas vezes quantas se considerasse conveniente).

Nesse Verão tinham-se apresentado ao superior Jonas51, do Mosteiro de Zvienigorod, vários funcionários soviéticos, que o intimaram (e mexa-se depressa!) a entregar as relíquias do venerado Savva, que ali se conservavam. Esses funcionários não só fumaram no templo (pelos vistos, diante do altar), não tendo naturalmente tirado o boné, como também um deles

50 Krilenko, ob. cit., pág. 81.

51 O antigo militar de cavalaria da Guarda, Firguf, que «mais tarde, de um momento para outro, se converteu, tendo dado tudo aos pobres e entrando num mosteiro. Aliás, não se sabe se ele fez efectivamente essa dádiva». Na verdade, se admitimos

a regeneração espiritual, o que resta da teoria das classes?

pegou com as suas mãos na caveira do beato Savva e começou a cuspir nela, para melhor sublinhar a ficção da sua santidade. Cometeram ainda outros sacrilégios. Isso levou a que tocassem a rebate, apelando para a insurreição popular e para o assassínio de um desses funcionários. Os restantes negaram depois que tivessem cometido sacrilégios ou cuspido, e para Krilenko foram suficientes as suas declarações[52]. Eram então julgados agora esses funcionários soviéticos? Não, não eram os funcionários, mas sim os frades!

Pedimos aos leitores que levem em conta que logo desde 1918 se estabeleceu o nosso costume judiciário de que cada processo de Moscovo (com excepção, evidentemente, do injusto processo contra a Tcheka) não constituía um processo autónomo, resultante de um conjunto de circunstâncias casuais, mas sim um índice da política judicial: uma espécie de amostra de vítima, que do armazém se manda para a província. Tratava-se de modelos, como aqueles que figuram

num caderno de aritmética, através dos quais os alunos, posteriormente, compreendem os outros problemas por si próprios.

Assim, quando se diz «o processo dos clericais» há que entendê-lo no plural. De resto, é o próprio acusador supremo que nos explica com todo o gosto que «em quase todos os tribunais da República se desenrolaram»53 (bela palavra!) processos semelhantes. E ainda recentemente eles se realizaram nos tribunais de Dvina Setentrional, de Tversk, de Riazan, de Saratov, de Kazan, de Ufa, de Solvitchegodsk, de Tsarievokokchaisk: foram julgados clérigos e salmodistas da Igreja libertada pela Revolução de Outubro.

O leitor julgará detectar aqui uma contradição: porque é que muitos desses processos são antriores ao modelo moscovita? Isso é tão-só um defeito da nossa exposição. A perseguição judicial e extrajudicial da Igreja libertada teve o seu início em 1918 e, a julgar pelo caso de Zvienigorod, atingiu, já então, uma certa gravidade. Em Outubro de 1918, o patriarca Tikhon escreveu numa mensagem, enviada ao Conselho dos Comissários do Povo, que não havia liberdade para as prédicas religiosas e que «muitos

predicadores audazes já tinham pago com o sangue do martírio... tendo sido deitada a mão aos bens da Igreja, reunidos por gerações de crentes, sem se hesitar em violar a sua vontade póstuma».

Quem não se lembra de tais cenas? A primeira impressão da minha vida remonta

certamente aos meus três a quatro anos de idade: na igreja de Kislovodsk entram de rompante

as cabeças pontiagudas (os tchequistas, utilizando os capacetes de Budioni) e passam através

a muda e estupefacta multidão de fiéis e, com os capacetes na cabeça, interrompem o serviço

religioso, postando-se diante do altar.

" Krilenko, ob. cit., pág. 61.

Os comissários do povo, naturalmente, nem leram a mensagem, e os chefes políticos riram-se bastante: eis o que nos censuraram, a violação da vontade póstuma! Pois nós estamo-nos nas tintas para os

nossos antepassados! Só trabalhamos para os nossos descendentes.

«Executam bispos, sacerdotes, frades e freiras, que de nada são culpados, simplesmente por acusações infundadas, de espírito contra--revolucionário, em termos difusos e indeterminados.» É certo que com a ameaça de Denikin e Koltchak, tais acusações cessaram, para facilitar aos ortodoxos a defesa da Revolução. Mas, logo que a guerra civil começou a decrescer, os comissários do povo implicaram com a Igreja levando-a até aos tribunais revolucionários/E em 1920 caíram sobre o Mosteiro da Trindade e de São Sérgio, pegaram nas relíquias do chauvinista Serguei Rado-niejsk e ala com elas para o Museu de Moscovo54.

Houve uma circular do comissário do povo da Justiça, com data de 25 de Agosto de 1920, acerca da liquidação de todas as relíquias em geral, pois eram elas que dificultavam, precisamente, a marcha radiosa para a nova sociedade justa.

Continuando a servir-nos da selecção feita por Krilenko, lancemos agora um olhar sobre um caso examinado no «Verkhtribe» (Supr. Tri.) como gostam

de abreviar entre eles, enquanto para nós, simples escaravelhos, vão gritando: «De pé, o Tribunal!»

e) O PROCESSO DO «CENTRO TÁCTICO» (16-20 de Agosto de 1920): vinte e oito réus, mais outros tantos julgados à revelia.

Com uma voz ainda não enrouquecida ao dar início ao seu veemente discurso, todo iluminado pela sua análise de classe, o acusador supremo faz-nos saber que, além dos grandes proprietários e capitalistas, «existia e existe ainda uma camada social que desde há muito é objectivo de reflexão por parte dos representantes do socialismo revolucionário. (Isto é: deverá continuar a existir ou não? - A. S.)... Essa camada é a chamada intelectualidade... Neste processo vamos ver como o tribunal da História julga a intelectualidade russa»55 e como a julga também a Revolução.

54 O patriarca cita Kliutchevski: «As portas do mosteiro do Venerável não se fecharão e as lamparinas não se apagarão sobre o seu sepulcro senão quando tivermos delapidado todos os restos de reservas morais e espirituais legados pelos nossos grandes construtores da Terra Russa, como o

Venerável Serguei.» Não pensava Kliutchevski que a delapidação se consumaria ainda com ele vivo.

O patriarca solicitou uma audiência ao presidente do Conselho dos Comissários do Povo, para convencê-lo a não tocarem no mosteiro nem nas suas relíquias, pois a Igreja estava separada do Estado! Foi-lhe respondido que o presidente estava ocupado na discussão de importantes problemas e que a entrevista não poderia realizar-se nos dias mais próximos. Nem nos mais longínquos. x,

55 Krilenko, ob. cit., pág. 34.

Os limites de espaço da nossa pesquisa não nos permitem examinar aqui qual a REFLEXÃO exacta dos representantes do socialismo revolucionário acerca do destino da chamada intelectualidade, nem o que é que pensavam, mais precisamente, sobre ela. Entretanto, consola-nos o facto de que esses documentos estão publicados, são acessíveis a todos e podem ser compilados com maior ou menor atenção. Assim, é apenas para que a situação geral da República se torne clara que recordamos a opinião do presidente do Conselho dos Comissários do Povo, na

época em que decorriam todas essas audiências dos tribunais revolucionários.

Em carta a Gorki, de 15 de Setembro de 1919 (já por nós citada), Vla-dimir Ilitch responde às diligências de Gorki, motivadas pelas detenções de intelectuais (entre eles, segundo parece, parte dos réus deste processo), e escreve a respeito da massafundamental da intelectualidade russa de então (próxima dos «democratas constitucionais»): «Na realidade, não é esse o cérebro da nação, mas sim a sua trampa.»56 Noutra ocasião, diz a Gorki: «Será culpa sua (da intelectualidade), se quebrarmos demasiados púcaros. Se ela busca a justiça, porque é que não se junta a nós? Por mim, apanhei uma bala na intelectualidade.»57 (Referência a Fany Kaplan.)

Com tais sentimentos, ele referia-se à intelectualidade em termos desconfiados e pouco amistosos: «liberal e apodrecida», «beata», «cheia de incúria, tão habitual nas pessoas instruídas»58, considerando que nunca ia ao fundo das coisas, que traíra a causa dos operários. (Mas quando é que ela prestara juramento à causa dos operários, isto é, à ditadura do proletariado?)

Esse tom de mofa para com a inteligência, esse desprezo a que a votou, foi reformado, com gala, pelos publicistas e os jornalistas dos anos 20, transmitindo-se ao meio ambiente e, finalmente, aos próprios intelectuais, que acabaram por amaldiçoar a sua eterna irreflexão, a sua eterna duplicidade, a sua eterna carência de coluna vertebral e o seu desesperado atraso em relação à época.

E é jus:o! Mas eis que sob as abóbadas do Supremo Tribunal estava a voz da Autoridade Acusadora e nos faz regressar ao banco dos réus:

«Esta camada social... foi submetida durante estes anos à prova de uma nova revisão geral.» Sim, revisão como então se dizia frequentemente. E como decorreu essa revisão? Deste modo: «A intelectualidade russa, entrando no caminho da Revolução com palavras de ordem de poder popular (já era alguma coisa, apesar de tudo!), saiu dele aliada dos generais negros (nem sequer dos brancos!), como agente mercenário (!) e dócil do imperia-

56 Lenine, 5.a ed., t. 51, pág. 4.

7 V. /. Lenine c A. M. Gorki, ed. da Academia das Ciências, Moscovo, 1961, pág.

58 Lenine, 4.a ed., t. 26, pág. 373.

lismo europeu. A intelectualidade espezinhou as suas bandeiras (como no exército?) e lançou-as à lama.» 59

Como não dar gritos de arrependimento?... Como não arranhar o peito com as unhas?...

E só «não há necessidade de acabar com os seus representantes isolados» porque «este grupo social já viveu o tempo que tinha a viver». Isto, no começo do século XX! Que força profética! Oh, os revolucionários científicos (no entanto, teve de se acabar com eles. Não se fez outra coisa durante os anos 20).

Olhamos com aversão para as vinte e oito pessoas aliadas dos negros generais, mercenários do imperialismo europeu. E repugna-nos especialmente esse Centro - aqui baptizado «Centro Táctico», ali, «Centro Nacional», mais além, «Centro Direitista» (da memória dos processos de duas décadas emergem centros, centros e centros, ora de engenheiros, ora de mencheviques, ora de trotsquistas e de zinovievistas, ora de direitistas--bukharinistas, todos eles

esmagados, sendo unicamente por isso que ainda estamos vivos). Lá, onde está o Centro, aparece, naturalmente, a mão do imperialismo.

É verdade que o coração fica um pouco aliviado quando ouvimos mais adiante dizer que o Centro Táctico, agora processado, não era uma organização, que não tinha: estatutos, programa, membros que pagavam quota. Então que faziam eles?

Isto: encontravam-se! (Sentimos calafrios nas costas.) Ao encontrar-se, davam a conhecer uns aos outros os seus pontos de vista] (Frio glacial.)

As acusações são muito graves e apoiam-se sobre provas: contra vinte e oito acusados há dois documentos60. São duas cartas de dois leaders ausentes (estão no estrangeiro): Miakotin e Fioderov. Ausentes, mas que até Outubro faziam parte dos mesmos comités que os presentes. E isto dá-nos o direito de assimilar ausentes e presentes. As cartas tratam de divergências com Denikin sobre problemas tão insignificantes como o dos camponeses (não no-lo dizem, mas está claro que aconselham Denikin a dar-lhes a terra) acerca do caso dos judeus (segundo parece, não voltar aos antigos vexames); sobre o

problema nacional-federal (isso é, por si só, claro); sobre a direcção administrativa (democracia e não ditadura); e outras coisas mais. Qual a conclusão das provas? Muito simples: através delas demonstra-se a correspondência e a concordância de pontos de vista dos presentes com Denikinl (B-r-r... Au, eu!)

Mas há também acusações directas feitas aos presentes: troca de informações com conhecidos seus, residentes na periferia (em Kiev, por exemplo

Krilenko, ob. cit., pág. 54. "" Idem, pág. 38.

ainda não sob o poder central soviético! Isto é, suponhamos que anteriormente tal território pertencia à Rússia, e que depois, no interesse da revolução mundial, cedemos esse pedaço à Alemanha, e as pessoas continuavam a enviar bilhetes umas às outras: como vivem aí, Ivan Ivanitch?... Quanto á nós, a vida corre assim e assado... E M. M. Kichkin (membro do Comité Central do Partido Democrático Constitucional), mesmo no banco dos réus, dá esta justificação insolente: «Uma pessoa não quer andar às

cegas e procura saber tudo o que se faz em toda a parte.»

Saber TUDO o que se faz EM TODA A PARTE??... Não querer andar às cegas???... Tem, pois, razão o acusador ao qualificar justiceiramente as suas acções como traição! Traição para com o poder soviético!!!

Mas vejamos os seus actos mais terríveis: no auge da guerra civil eles... escreveram trabalhos, elaboraram notas, estabeleceram projectos. Sim, enquanto «peritos do direito público, da ciência financeira, das relações económicas, das questões judicials e da instrução pública», eles escreveram trabalhos! (E, como é fácil adivinhar, tudo isto sem se apoiarem nos trabalhos antecedentes de Lenine, de Trotsky e de Bukharine...) O professor S. A. Kotliarevshi, sobre a organização federativa da Rússia; V. 1. Stempko-vski tratou do problema agrário (e, certamente, sem defender a colectivização...); V. S. Muralevitch, da instrução pública na futura Rússia; N. N. Vinogradiki, da economia. E. N. K. Koltsov (grande), biólogo, que na sua pátria só conheceu perseguições e castigos, permitia a esses tubarões burgueses que se reunissem, para discutir, no seu Instituto. (Nesta ratoeira caiu também N. D. Kondraticv, que, em

1931, seria condenado definitivamente no caso do Partido Camponês do Trabalho.)

O nosso coração acusador palpita fortemente no peito, adiantando-se ao veredicto. Que pena aplicar a estes generais transformados em homens de mão? Para eles, só um castigo: o fuzilamento! Esta não é a exigência do acusador: é já a sentença do tribunal! (Bom, atenuaram-na depois: campo de concentração até ao fim da guerra civil.)

A culpa dos acusados reside em eles não se terem deixado ficar acocorados nos seus rincões, chupando os duzentos e cinquenta gramas de pão, mas «entenderem-se e porem-se de acordo entre si sobre qual devia ser o regime, após a queda do poder soviético!»

Na linguagem científica actual, chama-se a isso: estudar a possibilidade de uma alternativa.

A voz do acusador atroa, mas parece-nos notar uma fenda. Dir-se-ia que ele busca algo com os olhos, pela cátedra, que procura algum papel? ma c'tação? Um instante! É necessário dar uma referência! Tomada noutro processo? Não tem importância! Não será acaso isto, Nikolai Vassilie-vitch?61

' Nome e patronímico de Krilenko. (N. dos T.)

«Para nós... o conceito de tortura está já contido no próprio facto de manter os políticos na prisão...»

Vejam só! Manter os políticos na prisão é uma tortura! E isto é dito pelo acusador! Que visão tão ampla! Uma nova jurisprudência nasce! Mais adiante:

«... A luta contra o regime czarista era para eles (os políticos) uma segunda natureza e não podiam deixar de lutar contra o czarismo!»62

Da mesma forma que estes não podiam deixar de estudar as possíveis alternativas?... pensar não será talvez a primeira natureza do intelectual?...

Ah, foi por uma torpeza que não lhe forneceram a citação devida! Que confusão!... Mas Nikolai Vassilievitch já está no seu apogeu:

«E mesmo se os senhores acusados, aqui em Moscovo, não mexeram nem com um dedo (e parece que foi assim...), de todos os modos... neste momento, o simples facto de conversar, atrás de uma chávena

de chá, sobre qual será o regime que deve substituir o soviético, que irá pretensamente desmoronar-se, é um acto contra-revolucionário... Durante a guerra civil não só a actividade contra o poder soviético é criminosa... é criminosa a própria inactividade. »63

Bem, agora tudo se compreende, tudo se torna claro. Eles são condenados ao fuzilamento por inactividade. Por uma chávena de chá.

Por exemplo, tendo os intelectuais de Petrogrado decidido, no caso da entrada de Yudnitch, «preocupar-se, antes de mais, com a convocação da Duma democrática da cidade» (para defendê-la da ditadura do general), lança-lhes Krilenko: «Eu desejava gritar-lhes: "Os senhores deviam pensar, antes de mais nada, em como dar a vida, em vez de deixar Yudnitch passar!!"»

Mas eles não a tinham dado! (Aqui para nós, Nikolai Vassilievitch tão-pouco.)

Entretanto, eram ainda acusados aqueles que estavam informados e silenciaram. («Sabiam e não o disseram», na nossa linguagem de hoje.)

Mas o que se segue já não é uma inactividade, é uma acção criminosa: através de L. N. Kruschova, membro

da Cruz Vermelha Política (também no banco dos réus), outros acusados ajudavam os reclusos de Butirki com dinheiro (podemos imaginar esse afluxo de capitais à cantina prisional!) e roupas (imaginem, inclusive de lã!).

As suas maldades não têm conta nem medida! Mas não haverá freio para o castigo proletário!

Como numa câmara cinematográfica em queda livre, com a película torcida, indecifrável, perpassam diante de nós vinte e oito rostos masculinos

62 Krilenko, ob. àt., pág. 17. "' Idem, pág. 39.

e femininos de antes da Revolução. Não podemos apanhar as suas expressões! Assustados? Desdenhosos? Altivos?

Vejam, as suas respostas faltam! Não dispomos das suas últimas palavras! Por considerações técnicas... Encobrindo esta falta, o acusador segreda-nos: «Assistimos a uma completa autoflagelação e arrependimento dos erros cometidos. A irascibilidade política e a natureza intermédia da inteligência...

(Sim, sim, ainda e sempre a natureza intermédia!)... Isso serviu para fundamentar plenamente a análise marxista que os bolcheviques sempre fizeram da inteligência. Não sei. Pode ser que se autoflagelassem. Pode ser que não. Pode ser que já tivessem cedido à ânsia de conservar a vida, custasse o que custasse. Pode ser que AINDA conservassem a antiga dignidade da inteligência. Não sei.

Mas quem é esta mulher nova que passou assim tão rapidamente?

É uma filha de Tolstoi: Alexandra. Krilenko perguntou-lhe o que fazia ela em tais entrevistas. Respondeu: «Preparava o samovar!» Três anos de campo de concentração!

Assim despontou o sol da nossa liberdade. Assim cresceu, traquinas, bem nutrida na sua infância, a lei de Outubro. Já esquecemos tudo.

Krilenko, ob. cit., pág. 8.

IX A LEI ATINGE A IDADE VIRIL

A nossa exposição foi-se alongando. E, não obstante, ainda não começámos. Todos os grandes processos,

todos os que ficaram célebres, ainda estão por vir. Mas as linhas fundamentais já se encontram traçadas.

Vamos continuar a acompanhar a nossa lei ao longo da idade dos pioneiros.

Recordemos o há muito esquecido e, de resto não político

f) PROCESSO DA DIRECÇÃO CENTRAL DOS COMBUSTÍVEIS. (Maio de 1921), que visava os engenheiros, ou spetsi1, como então se dizia.

Acabava de passar-se o mais cruel dos quatro Invernos da guerra civil: já nada restava para o aquecimento, os comboios não chegavam às estações, nas capitais havia frio e fome, tendo-se desencadeado nas fábricas uma vaga de greves (agora eliminadas da história). Quem é o culpado? Sim, eis a célebre pergunta: QUEM É O CULPADO?2

Bem, naturalmente, não a Direcção-Geral. Nem sequer a local! Isso é importante. Se «os camaradas que vinham de fora» (os dirigentes comunistas), não tinham uma ideia exacta do assunto, eram os spetsi que deviam «indicar a forma correcta de resolver o problema»! 3 O que significa que «os dirigentes não

eram os culpados... Os culpados eram aqueles que calculavam, recalculavam e elaboravam os planos» (como arrancar víveres e combustíveis aos campos). Não os que os impunham, mas aqueles que os preparavam! Se a planificação cometia excessos eram os spetsi que pagavam as favas. Se as cifras não coincidiam, «a culpa era dos spetsi e não do Conselho do Trabalho e da Defesa», nem mesmo «dos chefes mais responsáveis da Direcção Central dos Combustíveis»4. Não há carvão, nem lenha nem petróleo: «Esta situação, confusa e caótica, foi criada pelos spetsi.» Eles eram acusados de não se terem oposto às mensagens telefónicas, urgentes, de Rikov e de terem feito fornecimentos a este e àquele, em desacordo com o plano.

Especialistas: técnicos, engenheiros, professores, médicos. (N. dos T.) Título de um romance de Hcizen. ;V dos T.)

3 Krilenko, ob. cit., pág. 3X1.

4 idem, págs. 382-383.

Numa palavra, os spetsi eram culpados de tudo! Mas o tribunal proletário era clemente, aplicava-lhes sentenças leves. Evidentemente, no peito dos proletários, continuava a lavrar um sentimento de hostilidade para com esses malditos spetsi; entretanto, não se podia passar sem eles, senão tudo se desmoronava. E o tribunal revolucionário não os massacrava. Krilenko, inclusive, afirma que desde 1920 «não existe sabotagem». Os spetsi são culpados, sim, mas não fizeram isso por maldade, são apenas uns complicados, uns incapazes, pois não aprenderam a trabalhar sob o capitalismo, ou são, pura e simplesmente, egoístas e corruptos.

Assim, no início do período de reconstrução, começou a desenhar-se, com espanto, uma linha tracejada de indulgência para com os engenheiros.

O ano de 1922, o primeiro ano de paz, foi abundante em processos públicos, tão rico mesmo que este nosso capítulo lhe será quase todo dedicado. (Podem admirar-se: a guerra acabou e porque é que há tamanha animação nos tribunais? Mas também em 1945 e em 1948 o Dragão se animou extraordinariamente. Não existirá aqui uma simples regularidade?)

Há que não deixar passar, logo no princípio do ano,

g) O PROCESSO SOBRE O SUICÍDIO DO ENGENHEIRO OLDEN-BORGUER (Supremo Tribunal, Fevereiro de 1922), processo já de todo esquecido, insignificante, e sem nenhuma característica típica.

E isto porque ele abrange uma única vida humana, e esta já se extinguiu. Se tal não tivesse acontecido, precisamente, esse engenheiro e mais dez outras pessoas, que com ele formavam um Centro, estariam agora sentados diante do Supremo Tribunal e, então, o processo seria perfeitamente típico. Mas, de momento, no banco dos réus encontram-se o conhecido camarada do Partido, Sedielhnikov, dois membros da Inspecção Operário--Camponesa e dois sindicalistas.

Mas como a corda que se rompe ao longe, descrita na peça de Tchekhov5, há neste processo algo de opressivo e que é precursor dos processos «da Mina» e do «Partido Industrial».

V. V. Oldenborguer tinha trabalhado durante trinta anos no Serviço de Canalização de Água de Moscovo e tornara-se, segundo parece, desde o começo do

século, o engenheiro-chefe desse serviço. Ao longo da Idade da Prata das artes6, de quatro Dumas do Estado, de três guerras e de três revoluções, toda a cidade de Moscovo bebeu água de Oldenborguer. Os akmeistas e os futuristas, os reaccionários e os revolucionários, os junkers e os guardas vermelhos, o Conselho de Comissários do Povo, a Tcheka e a Inspecção Operário-Camponesa beberam a água pura e fria de Oldenbor-

1 O Jardim das Cerejeiras. (N. dos T.)

6 Período de desenvolvimento artístico que vai dos fins do século XIX até à Grande Guerra. (N. dos T.)

guer. Ele não era casado, nem tinha filhos e em toda a sua vida dedicou-se unicamente a essa canalização de água. Em 1905, ele não permitiu que as tropas de vigilância tivessem acesso às canalizações «porque os soldados podiam, por torpeza, estragar os canos ou as máquinas». No dia seguinte à Revolução de Fevereiro ele disse aos seus operários que a revolução tinha terminado, que já bastava, e que todos deviam ocupar os seus lugares e fazer a água correr. E durante os

combates de Outubro, em Moscovo, ele só tinha uma preocupação: conservar a canalização da água. Os SEUS colaboradores puseram-se em greve, em resposta ao golpe bolchevista, e convidaram-no a aderir. Ele respondeu: «... Do ponto de vista técnico não faço greve, perdoem-me. Quanto ao resto... quanto ao resto, sim, apoio a greve.» Ele recebeu o dinheiro da comissão de greve destinado aos empregados, deu um recibo, e entretanto correu à procura de cotovelos para os tubos avariados.

Pouco importa, é um inimigo! Eis o que ele disse a um operário! «O poder soviético não se aguentará nem duas semanas.» (Uma nova orientação surge em vésperas da N.E.P., e Krilenko permite-se falar com toda a franqueza desde o Supremo Tribunal: «Era o que pensavam, então, não somente os spetsi, mas. nós também, por mais de uma vez.»1

Pouco importa, é um inimigo! Como nos dizia o camarada Lenine: «Para vigiar os especialistas burgueses, precisamos de um cão de guarda como a Inspecção Operário-Camponesa.»

Dois desses cães de guarda foram colocados permanentemente junto de Oldenborguer. (Um deles,

um malandrão que era escriturário da canalização, Makarov-Zemlianski, despedido «por actos indecorosos», foi para a Inspecção Operário-Camponesa «porque ali pagavam melhor», ascendeu ao Comissariado do Povo porque «lá pagam melhor ainda», e daí veio a controlar o seu antigo chefe e a vingar-se do seu ofensor, cordialmente...) Entretanto, o comité do sindicato não dormia, é claro: era ele o melhor defensor dos interesses operários. E os comunistas puseram-se a dirigir a canalização de água. «Só os operários devem mandar e só os comunistas têm autoridade completa - a justeza de tal posição foi confirmada por este processo.»8 A Organização do Partido de Moscovo não tirava os olhos da canalização da água. (E por detrás dela estava ainda a Tcheka.) «Foi através de um sadio sentimento de hostilidade de classe que construímos, no seu devido tempo, o nosso exército; e foi em nome dela que não confiámos um só posto de responsabilidade a pessoas que não fossem do nosso campo, não deixando de colocar ao seu lado... um comissário.»9 Imediatamente todos passaram a pôr em causa, a dar ordens e instruções ao engenheiro Krilenko, ob. cit., pág. 439. (O itálico é meu.) * Idem, pág. 433. Idem, pág. 434.

chefe, e mesmo a transferir, sem o seu conhecimento, o pessoal técnico («foi limpo todo esse ninho de arranjistas»).

E, com tudo isso, não salvaram a canalização! As coisas não começaram a melhorar, mas sim a piorar! Tal era a astúcia posta por essa quadrilha de engenheiros em levar a cabo, pela calada, o seu maldoso desígnio! Mais ainda: passando por cima da sua natureza intermédia de intelectual, ' em virtude da qual nunca na sua vida se tinha exprimido com dureza, Ol-denborguer atreveu-se a qualificar as acções do novo chefe da canalização, Zeniuk (figura profundamente simpática a Krilenko «pela sua estrutura interior»), de despotismo!

Foi então que ficou claro que o «engenheiro Oldenborguer atraiçoava conscientemente os interesses dos trabalhadores e aparecia como um inimigo declarado da ditadura da classe operária». Começaram a convocar comissões de controle para a canalização, mas estas acharam que tudo estava em ordem e que a água corria normalmente. Os

elementos da Inspecção Operário-Camponesa não se conformaram com isso e passaram a enviar relatórios e mais relatórios à direcção. Oldenborguer queria simplesmente «destruir, deteriorar e romper a canalização com fins políticos», mas não o sabia fazer. Pois bem, naquilo em que lhes foi possível, opuseram-se-lhe, impedindo-o, sob pretexto de delapidação, de reparar as caldeiras e substituir os reservatórios de madeira por outros de cimento. Os chefes dos operários passaram a dizer abertamente nas reuniões da empresa que o engenheiro-chefe era «a alma da sabotagem técnica organizada», e que era preciso não confiar nele, mas opor-lhe resistência em tudo.

Entretanto, o trabalho não melhorava e tudo piorava!...

O que ofendia especialmente «a psicologia hereditária dos proletários» da Inspecção Operário-Camponesa e dos sindicatos era o facto de a maioria dos operários de serviço de bombagem, «contagiada pela mentalidade pequeno-burguesa», estar do lado de Oldenborguer e não ver a sua sabotagem. Nesse momento, precisamente, aproximavam-se as eleições para o Soviete de Moscovo e os trabalhadores da empresa apresentaram a candidatura de

Oldenborguer, à qual a célula comunista, como se compreende, contrapôs a candidatura do Partido. No entanto, esta era uma candidatura sem esperanças, tal era a falsa autoridade que o engenheiro-chefe gozava entre os operários. A despeito disso, a célula do Partido enviou uma mensagem ao comité de bairro e a todas as instâncias, apresentando na assembleia geral a seguinte resolução: «Oldenborguer é o centro e a alma da sabotagem, e será para nós um inimigo político no Soviete de Moscovo!» Os operários opuseram-se ruidosamente e aos gritos de «não é verdade!, mentis!». Então, o secretário do Partido, camarada Sedielhnikov, atirou abertamente à cara de mil cabeças proletárias: «Com centúrias negras como vocês, não quero falar!» E acrescentou: «Falaremos noutro lugar.»

O Partido adoptou as seguintes medidas: destituir o engenheiro principal ... do conselho de administração da rede distribuidora de água e criar--lhe uma situação de vigilância permanente, convocando-o constantemente perante comissões e subcomissões

que o interrogavam e incumbiam de tarefas urgentes. Cada falta de comparência era anotada na acta «para o caso de um futuro processo judicial». Através do Conselho do Trabalho e da Defesa (presidido pelo camarada Lenine) conseguiram fazer nomear para a canalização uma «troika extraordinária» (formada pela inspecção Operário-Camponesa, pelo Conselho dos Sindicatos e pelo camarada Kuibichev). Havia já quatro anos que a água corria pelos canos, que os moscovitas a bebiam e nada tinham notado...

Então o camarada Sedielhnikov escreveu um artigo na Vida Económica: «Em virtude dos rumores que inquietam a opinião pública acerca do estado catastrófico da canalização...», onde deu conta de muitos outros e inquietantes boatos, inclusive o de que o Serviço de Canalização bombeava a água sob a terra, minando conscientemente todos os alicerces de Moscovo (lançados ainda nos tempos de Ivan Kalita10. Convocaram a Comissão do Soviete da capital. Ela observou: «O estado do aqueduto é satisfatório, e a direcção técnica racional.» Oldenborguer refutou todas as acusações. Então Sedielhnikov respondeu tranquilamente: «Eu apenas me propus a tarefa de levantar barulho em torno do

problema, mas compete aos spetsi averiguar o que há de verdade em toda esta questão.»

Que restava fazer aos chefes operários? Qual era o último e mais seguro recurso? A denúncia à Tcheka! Assim fez Sedielhnikov! Ele «pinta o quadro da destruição premeditada da canalização por parte de Oldenborguer», não tendo dúvida alguma «sobre a presença, no Serviço de Canalização, no coração da Moscovo Vermelha, de uma organização contra--revolucionária». Para não falar do estado catastrófico do depósito de água deRubliov!

E foi então que Oldenborguer cometeu uma falta de tacto, tendo um gesto de intelectual intermédio inveterado: ao entravarem-lhe uma encomenda de novas caldeiras estrangeiras (as velhas era impossível repará-las agora na Rússia), ele suicidou-se. (Aquilo tinha sido demasiado para uma só pessoa, que, além do mais, não estava preparada.)

O caso não fica por ali. A organização contra-revolucionária podia detectar-se mesmo sem ele, e os elementos da Inspecção Operário-Camponesa insistem em trazê-la à luz. Dois meses passam no meio de manobras surdas. Mas o espírito da N. E. P.,

que faz caminho, é tal que «se torna necessário dar uma lição a esses e a outros». O processo sobe ao Supremo Tribunal. Krilenko é comedidamente severo. Inexorável, mas

10 Ivan Kalita, príncipe russo da Moscóvia, que reinou no século XIV. (N. dos T.)

com peso. Ele compreende as coisas: «O operário russo, naturalmente, tinha razão ao ver, em cada um que não era dos seus, mais depressa um inimigo do que um amigo»11, mas, «à medida que for evoluindo a nossa política prática de conjunto, pode ser que tenhamos de fazer ainda maiores concessões, de retroceder e manobrar; pode ser que o Partido se veja obrigado a escolher uma linha táctica, contra a qual venha embater a lógica primitiva de honrados e abnegados combatentes» 12.

Bom, na realidade, o tribunal «tratou com brandura» os operários que testemunharam contra Sedielhnikov e os da Inspecção Operário--Camponesa. E o réu Sedielhnikov respondeu sem inquietação às ameaças do acusador: «Camarada Krilenko!, eu conheço esses

artigos: eles visam os inimigos de classe; mas aqui não são inimigos de classe que estão a ser julgados.»

Entretanto, Krilenko volta à carga com vivacidade. Denúncias falsas, conscientemente forjadas, a instituições do Estado... com circunstâncias agravantes (vingança pessoal, ajuste de contas)... mau uso do cargo ocupado... irresponsabilidade política, abuso do poder e da autoridade, por parte de funcionários soviéticos e de membros do Partido Bolchevista... desorganização do trabalho da canalização... prejuízo para o Soviete de Moscovo e para a Rússia soviética, dada a falta de especialistas desse tipo... e a impossibilidade de substituí-los... «Não falando já da sua perda pessoal como indivíduo... Nesta época, em que a luta representa o conteúdo essencial da nossa vida, acostumámo-nos a levar pouco em conta essas perdas irreparáveis...1-1 O Supremo Tribunal Revolucionário deve fazer ouvir com toda a força a sua voz... O castigo deve ser aplicado com todo o seu rigor!... Não viemos aqui para gracejar!...»

Meu Deus, que irá suceder-lhes agora? Será possível...? O meu leitor já está acostumado e sopra-me: TODOS EX...

Exactamente. Todos expostos ao ridículo. Dado o sincero arrependimento dos acusados, estes foram condenados a uma... censura pública!

Duas verdades... dois pesos e duas medidas...

E Sedielhnikov, parece que apanhou um ano de prisão.

Tenho dificuldade em acreditar.

Oh!, bardos dos anos 20, que no-los representais sob o claro bulício da alegria! Mesmo sem aflorar os seus extremos, mesmo sem os ter visto com olhos de criança, eles são inesquecíveis. Esses focinhos, essas ventas que

" Krilenko: ob. cit., pág. 435. 12 Idem, pág. 438. 11 Idem, pág. 458.

acossavam os engenheiros - não há dúvida de que se fartaram bem, nos anos 20!

Vejamos agora o que se passou a partir do ano 18.

Nos dois processos que se seguem descansaremos um pouco do nosso acusador supremo favorito: ele está ocupado na preparação do grande processo dos socialistas revolucionários14. Este grandioso processo começava a suscitar uma profunda inquietação na Europa e o Comissariado do Povo da Justiça apercebeu-se de que há já quatro anos que julgávamos sem ter ainda um Código Penal, nem velho nem novo. Certamente que essa preocupação do Código não tinha escapado a Krilenko: era preciso coordenar tudo de antemão.

Entretanto, os processos religiosos que iam abrir-se eram questões internas, não interessavam à Europa progressista, e podiam ser despachados Mesmo sem Código.

Já vimos que a separação da Igreja do Estado era por este compreendida de tal modo que tudo quanto nos templos se encontrava pendurado, exposto e pintado, passava à posse do Estado e a Igreja ficava unicamente com essa igreja nua, de que fala a Sagrada Escritura. Em 1918, quando a vitória política já parecia ter sido alcançada, mais rápida e facilmente do que se esperava, deu-se início aos confiscos religiosos. No entanto, esta atitude

irreflectida provocou demasiada indignação popular. Na guerra civil, que começava a acender-se, era insensato criar uma frente interior contra os crentes. Teve de se adiar o momento do diálogo entre os comunistas e os cristãos.

No fim da guerra civil, e como sua consequência natural, abateu-se sobre a região do Volga um ano de fome como nunca se tinha conhecido. Como ela não adorna muito a coroa de glória dos vencedores desta guerra, falam entre dentes e sem ir mais além de 'duas linhas. E no entanto essa fome chegou até ao canibalismo, até aos pais comerem os seus próprios filhos. Nunca uma fome assim tinha sido conhecida na Rússia, nem sequer no Tempo dos Tumultos'5 (então, como testemunham os historiadores, os cereais mantinham-se debaixo da neve, durante vários anos, sem serem colhidos). Um só filme sobre essa fome poderia projectar uma luz nova sobre tudo o que vimos e que sabemos acerca da Revolução e da guerra civil. Mas não há nem filmes, nem romances, nem estudos estatísticos - é algo que se procura esquecer, que não embeleza.

Os processos provinciais contra os socialistas revolucionários, como o de Saratov, 1919, tinham já

começado antes. '" Após a morte de Boris Godunov, em 1605. (N. dos T.j

Além disso, a causa de qualquer fome é costume fazê-la recair sobre os kulaks. Mas quando a fome era geral, onde estavam eles? V. G. Korolenko, nas suas Cartas a Lunatcbarski"1, que, contrariamente à promessa deste último, nunca se publicaram entre nós, explica-nos as razões da fome e da ruína completas do país: elas residem na queda de toda a produtividade (as mãos trabalhadoras encontram-se ocupadas com as armas), na perda da > confiança e da esperança do camponês de poder guardar para si uma pequena parte que fosse da sua colheita. Mas alguma vez alguém falará daqueles fornecimentos, de intermináveis vagões de víveres enviados durante meses, em aplicação da Paz de Brest, pela Rússia, privada de vozes de protesto, mesmo das regiões que a fome ia devastar, para a Alemanha do Kaiser, que travara no Ocidente os últimos combates?

Da causa ao efeito, a cadeia era curta: se os habitantes do Volga comiam os seus filhos era porque

nós não tínhamos outra preocupação que não fosse dissolver a Assembleia Constituinte.

Mas a genialidade da política consistia em obter êxitos, mesmo a partir da desgraça popular. E, num golpe de inspiração, de uma só cajadada, matam-se dois coelhos: que sejam agora os padres a alimentar a região do Volga! Na verdade, eles são cristãos e bondosos!

1) Se recusam, culpamo-los de toda essa fome e esmagamos a Igreja;

2) Se concordam, limpamos os templos;

3) E num caso ou noutro aumentamos a reserva de divisas. Provavelmente esta ideia foi suscitada por actos da própria Igreja.

Como indica o patriarca Tikhon, logo em Agosto de 1921, quando começou a grassar essa fome, a Igreja criou comités diocesanos e pan-russos, de ajuda aos famintos, começando a angariar dinheiro. Mas permitir uma ajuda directa da Igreja às bocas esfomeadas seria minar a ditadura do proletariado.

Os comités foram proibidos e o dinheiro confiscado a favor do Tesouro Público. O patriarca fez apelo à

ajuda do Papa de Roma e do Deão de Cantuária, mas ainda aí lhe cortaram a iniciativa, esclarecendo-o de que só o poder soviético estava autorizado a entabular conversações com estrangeiros, e de que não era necessário semear o alarme: segundo o que escreviam os jornais, as autoridades tinham todos os meios para acabar com a fome.

Entretanto, na região do Volga comia-se ervas e solas de sapatos, chegando a roer-se as ombreiras das portas. E, finalmente, em Dezembro de 1921, o Comité de Estado de Ajuda às Vítimas da Fome propôs à Igreja que oferecesse os seus bens aos famintos — não todos, de resto, mas apenas aqueles que não eram canonicamente imprescindíveis para os serviços religiosos. O patriarca manifestou o seu acordo e o Comité de Estado de Ajuda às Vítimas da Fome elaborou as instruções: todas as ofertas deviam ser

'" Paris, 1922, e Samizdat, 1967.

voluntárias! Em 19 de Fevereiro de 1922, o patriarca lançou uma mensagem, autorizando todos os

conselhos paroquiais a oferecer objectos que não fossem indispensáveis aos ofícios religiosos.

E assim tudo corria, de novo, o risco de dissolver-se no compromisso e enredar a vontade proletária, como tinha, noutros tempos, sido tentado com a Assembleia Constituinte e como era costume em todos os parlamentos da Europa.

Uma ideia eclodiu num relâmpago! Uma ideia, isto é: um decreto! Um decreto do Comité Executivo Central de toda a Rússia, datado de 26 de Fevereiro: confiscar todos os valores dos templos para os famintos.

O patriarca escreveu a Kalinine, mas este não respondeu. Então, em 28 de Fevereiro, o prelado publicou uma nova e fatídica mensagem: «Do ponto de vista da Igreja, semelhante acto constitui um sacrilégio, e nós não podemos aprovar o confisco.»

A meio século de distância, é fácil censurar o patriarca. Naturalmente, os dirigentes da Igreja cristã não deviam ter-se agarrado a objecções, do género de saber se o poder soviético não tinha outros recursos, ou quem é que tinha levado a região do Volga à fome; não deviam ter-se agarrado a estas riquezas, pois não era em absoluto delas que havia de ressurgir (se

havia) a nova firmeza na fé. Mas é preciso ter em mente a situação deste desgraçado patriarca, eleito já depois de Outubro, que dirigia a Igreja há poucos anos, uma Igreja que só tinha conhecido a repressão, as perseguições, os fuzilamentos, e que lhe havia sido confiada com a missão de a salvaguardar.

Então os jornais lançaram uma campanha contra o patriarca e todos os altos dignitários da Igreja, acusando-os de estrangularem a região do Volga com a mão descarnada da fome! E quanto mais se obstinava com firmeza o patriarca, mais fraca se tornava a sua posição. Em Março desenvolve-se um movimento entre o clero, no sentido de ceder os valores e de chegar a acordo com o Poder. Os receios que ainda subsistiam foram expressos a Kalinine pelo bispo Antonin Granovski, que tinha passado a fazer parte da Comissão Central do Comité de Estado de Ajuda às Vítimas da Fome: «Os crentes têm receio de que os valores da Igreja possam ser utilizados para outros fins, fins mesquinhos e alheios aos seus corações.» (Conhecendo os princípios gerais da Doutrina de Vanguarda, o leitor experiente concordara em que isso era muito provável, já que as necessidades do Komintern e do Oriente, que se

libertava, não eram menos agudas do que as da região do Volga.) O metropolita de Petrogrado, Veniamin, foi tomado também de um arrebatamento que não podia ser posto em dúvida: «Isto é de Deus e nos daremos tudo. Mas não é necessário fazer confiscos, a oferta deve ser voluntária.» Ele era de igual modo favorável ao controle da Igreja e dos crentes: seguir os valores da Igreja até ao momento em que se convertessem em pao pára os famintos. A sua obsessão era a de não infringir a vontade condenatória do patriarca.

'Em Petrogrado parecia que tudo se iria arranjar pacificamente. Nas sessões da Comissão Central do Comité de Estado de Ajuda às Vítimas da Fome, de 5 de Março de 1922, registou-se até uma situação eufórica, segundo o relato de uma testemunha. Veniamin anunciou: «A Igreja Ortodoxa está disposta a tudo dar em ajuda dos famintos», considerando apenas como um sacrilégio o confisco pela violência. Mas então o confisco não era necessário! O presidente do Comité de Estado de Petrogrado de Ajuda às

Vítimas da Fome, Kanattchnikov, assegurou que isso suscitaria uma atitude benevolente da parte do poder soviético em relação à Igreja (belas palavras!) Num caloroso arrebatamento, todos se levantaram. O metropolita disse: «O que mais nos pesa é a discórdia e a inimizade. Mas tempos virão em que todos os filhos russos se unirão. Eu mesmo irei à frente dos fiéis, em preces, tirar o manto dourado da Virgem de Kazan, chorando sobre ele doces lágrimas e fazendo dele oferenda.» Deu a bênção aos bolchevistas membros do Comité, e estes, com a cabeça descoberta, acompanharam-no até à porta. O jornal Pravda de Petrogrado, de 8, 9 e 10 de Março17 confirma a conclusão pacífica, e com êxito das conversações e escreve benevolentemente, referindo-se ao metropolita: «No Smolni chegou-se a acordo em que os cálices e os revestimentos dos ícones sejam fundidos em lingotes, na presença dos crentes.»

Mas de novo se está a tramar um compromisso! Os vapores envenenados do cristianismo empeçonham a vontade revolucionária. Uma tal união e uma tal entrega dos valores, não são necessários aos esfomeados da região do Volga! E substituída a equipa do Comité de Petrogrado de Ajuda às Vítimas

da Fome; os jornais lançam ofensas contra os «maus pastores» e contra os «príncipes da Igreja», esclarecendo os seus representantes: «Não precisamos de nenhuns dos vossos sacrifícios! Nem de ter quaisquer conversações convosco!

Tudo pertence ao Poder e ele tomará conta do que considerar necessário.»

E começou em Petrogrado, como em todos os outros lugares, o confisco pela força, que deu origem a incidentes graves.

Agora havia fundamentos legais para dar início aos processos religiosos18.

h) PROCESSO CLERICAL DE MOSCOVO (26 de Abril-7 de Maio de 1927). No Museu Politécnico reuniu-se o Tribunal Revolucionário, sob a presidência de Bek, ladeado pelos procuradores Lunin e Longuinov. Eram dezassete réus, arciprestes e leigos, acusados de distribuir o apelo do patriarca. Esta acusação era mais grave do que a da entrega, ou não, dos bens.

17 Artigos: «A Igreja e a Fome» e «Como Serão Confiscados os Bens da Igreja»,

18 Estes dados foram por mim colhidos do livro Ensaios sobre a História dos Tumultos Religiosos, de Anatoli Levitin, Parte I, Samizdat, 1962; e das «Notas do Interrogatório do Patriarca Tikhon», tomo V das actas do processo judicial.

O arcipreste Zaozerski ENTREGOU TODOS OS VALORES DO SEU TEMPLO, mas, por razões de princípio, defende o apelo do patriarca, considerando o confisco pela força um sacrilégio. Torna-se assim a figura central do processo e será imediatamente FUZILADO. (Isto revela que o mais importante não é dar de comer aos famintos, mas esmagar a Igreja no momento oportuno.)

A 5 de Maio é chamado ao tribunal, como testemunha, o patriarca Tikhon. Embora o público, que enche a sala, já seja escolhido (nisto o ano de 1922 não se diferencia muito do de 1937 ou de 1968), os costumes da Rússia estavam tão enraizados e os hábitos dos Sovietes constituíam ainda uma película tão fina que à entrada do patriarca mais de metade

dos assistentes se pôs de pé para receber a sua bênção.

Tikhon assumiu toda a responsabilidade pela elaboração e distribuição do apelo. O presidente esforça-se por arrancar-lhe algo mais:

- Mas isso não pode ser! Será possível que tenha escrito tudo com a sua própria mão, de uma ponta à outra? Certamente, só assinou. Mas quem o escreveu? E quem foram os conselheiros? E ainda: porque é que se faz referência, no apelo, à perseguição que os jornais levam a cabo contra si? Se só vós sois perseguido, porque falar então de nós... Que quer isso dizer?

Patriarca:

- Há que perguntá-lo àqueles que começaram a perseguição: qual foi o seu objectivo?

Presidente:

- Isso nada tem a ver com a religião! Patriarca:

- É mau sinal dos tempos. Presidente:

- Disse ou não, textualmente, que, enquanto mantinha conversações com o Comité de Estado de

Ajuda às Vítimas da Fome, foi publicado, pelas costas, um decreto?

Tikhon:

- É verdade. Presidente:

- Desse modo, considera que o poder soviético procedeu incorrectamente?

Argumento demolidor! Hão-de repeti-lo a nós, milhões de vezes, os juízes de instrução, nos interrogatórios nocturnos! E nunca ousaremos responder tão simplesmente como o Patriarca:

- Sim. Presidente:

- Considera que as leis actuais do Estado são para si obrigatórias ou não?

Patriarca:

- Sim, considero, na medida em que não estejam em contradição com as regras da fé.

(Todos deviam responder assim! Outra teria sido a nossa História!) Segue-se uma discussão canónica. O patriarca esclarece:

- Se a própria Igreja entrega as riquezas, isso não é sacrilégio, mas se lhas tiram, sem levar em conta a sua vontade, trata-se bem de um sacrilégio. O apelo não diz que não se deve dar os valores, de um modo geral, condenando unicamente a entrega contra vontade.

(Assim, as coisas são tanto mais interessantes para nós: contra vontade!)

O presidente, camarada Bck, ficou estupefacto:

- O que é para si mais importante, no fim de contas: os cânones religiosos, ou o ponto de vista do Governo soviético?

(Resposta esperada: - « ... do Governo soviético.»)

- Bem, admitamos que seja sacrilégio, segundo os cânones - exclamou o acusador. - Mas do ponto de vista da caridade'.]'.

(Pela primeira vez, e a última, em cinquenta anos, é invocada no tribunal essa pobre caridade...)

Faz-se uma análise filológica da palavra «sacrilégio». Sviatotatsvo vem de sviato e tat1".

Acusador:

- Significará isso que nós, representantes do poder soviético somos ladrões de objectos sagrados?

(Ruídos prolongados na sala. Suspensão da audiência. Os encarregados da ordem entram em acção.) Acusador:

- Assim, trata de ladrões os representantes do poder soviético, o Conselho Central Executivo de toda a Rússia?

Patriarca:

- Eu cito apenas os cânones.

Discute-se depois o termo «blasfémia». Quando fizeram o confisco da Igreja de São Vassili Kcssarisk, o manto do ícone não entrava no caixote e meteram-no lá à força com os pés. Mas não estava presente o próprio patriarca?

Acusador:

- Como é que sabe isso? Diga o apelido do sacerdote que lho contou! (Subentendido: agora mesmo o prenderemos!) •

O patriarca não diz, o que significa que é mentira! O acusador insiste, triunfante:

- Vamos lá, quem espalhou essa repugnante calúnia? (Presidente:

19 Em russo a palavra «sacrilégio» (sviatotjtsvo) é composta de «sviato» = sagrado e «tat'» = ladrão, no antigo eslavo. (iV. dos T.) -.

— Indique o nome daqueles que espezinharam o manto do ícone! (Eles, com tudo isso, tinham deixado ali os cartões de visita). De outra maneira, o tribunal não pode acreditar em si.

O patriarca é incapaz de mencioná-los. Presidente:

- Isso quer dizer que faz uma declaração sem provas!

Ainda resta demonstrar que o patriarca queria derrubar o poder soviético. Eis a demonstração: «A

propaganda é uma tentativa de preparar os espíritos para um futuro derrubamento do Poder.

O tribunal decide intentar um processo penal contra o patriarca.

A 7 de Maio é proferida a sentença: dos dezassete acusados, onze são condenados à morte. (E fuzilam cinco.)

Como disse Krilenko, não estamos aqui para gracinhas.

Ao cabo de uma semana, o patriarca é destituído e preso. (Mas as coisas ainda não chegaram ao fim. Por enquanto, transferiram-no para o Mosteiro de Donsk, e ali foi mantido em rigorosa reclusão, até os crentes se acostumarem à sua ausência. Recordam-se de que, ainda há pouco, Krilenko manifestava surpresa: que perigo ameaça o patriarca?... É certo que quando o perigo se aproxima furtivamente de nada vale o toque a rebate, nem o telefone.)

Ao cabo de duas semanas, é preso em Petrogrado o metropolita Venia-min. Ele não era um alto dignitário da Igreja, não sendo, sequer, nomeado como todos os metropolitas. Na Primavera de 1917, pela primeira vez desde os tempos da antiga Novgorod, tinham sido

eleitos os metropolitas de Moscovo e de Petrogrado. Acessível, doce, visitando frequentemente as fábricas e as oficinas, popular entre o povo e o clero, modesto, Veniamin foi eleito com os votos de todos eles. Não compreendendo a época, considerava como sua tarefa libertar a Igreja da política «dado que no passado tinha sofrido imenso em consequência dela». Eis o"metropolita que foi sujeito ao

i) PROCESSO CLERICAL DE PETROGRADO (9 de Junho-5 de Julho de 1922). Os réus (acusados de resistência à entrega dos valores da Igreja) eram em número de várias dezenas de homens, entre os quais professores de teologia e de direito canónico, arquimandritas, sacerdotes e leigos. O presidente do Tribunal, Semionov, tinha vinte e cinco anos de idade (segundo se dizia, era padeiro). O principal acusador, membro do colégio do Comissariado do Povo da Justiça, P. A. Krassikov, era contemporâneo e havia sido companheiro de Lenine na deportação, em Krasnoiarsk, e depois seu amigo na emigração. As suas execuções de violino eram muito apreciadas de Vladimir Ilitch.

Desde a Avenida do Neva até à esquina, onde o cortejo dava a volta,

todos os dias havia uma grande multidão, e quando conduziam o metropo-

>ta muitas pessoas se ajoelhavam e entoavam: «Senhor, salva a tua gente!»

como se compreende, tanto aqui, na rua, como no edifício do tribunal, os

Crentes demasiado zelosos eram presos.) Na sala, a maior parte do público

era formada por soldados vermelhos, e estes levantavam-se também todas as vezes que entrava o metropolita com o seu capuz branco. E, contudo, o acusador e o-tribunal chamavam-lhe inimigo do povo (a palavrinha já existia, diga-se de passagem).

De um processo a outro, começava a tornar-se cada vez mais patente a falta de liberdade dos advogados. Krilenko não nos diz nada acerca disso, mas eis o que relata uma testemunha ocular. O primeiro advogado de defesa, Bobrichiev-Puchkine, foi ameaçado de prisão pelo tribunal. E isto estava tão de acordo com as normas da época, e era tão plausível, que

Bobrichiev se apressou a passar ao advogado Gurovitch o relógio de ouro e a carteira... E o tribunal dispôs que fosse detida ali mesmo uma testemunha, o professor Egorov, por se manifestar a favor do metropolita. Acontece que Egorov já estava preparado para isso: levava consigo uma grande pasta e nela tinha posto comida, roupa e até uma manta.

O leitor vai certamente notando como o tribunal, a pouco e pouco, começa a adquirir as formas por nós já conhecidas.

O metropolita Veniamin é acusado de ter chegado mal-intencionadamente a acordo... com o poder soviético, a fim de conseguir uma atenuação do decreto acerca do confisco dos bens. O seu apelo ao Comité de Estado de Ajuda às Vítimas da Fome foi por ele divulgado entre o povo com objectivos suspeitos (Samisdat!), e agir de acordo com a burguesia mundial.

O sacerdote Krasnitski, um dos membros mais importantes da Igreja Activa e colaborador da G.P.U., testemunhou no sentido de que os sacerdotes se tinham posto de acordo para provocar uma revolta contra o poder soviético, baseando-se na fome.

Foram ouvidas unicamente as testemunhas de acusação, não tendo as da defesa podido fazer os seus depoimentos. (Como tudo se assemelha!... Cada vez mais...)

O acusador Smirnov exigiu que caíssem «dezasseis cabeças». O acusador Krassikov, quanto a ele, exclamou: «Toda a Igreja Ortodoxa é uma organização contra-revolucionária. Portanto, devia-se prender toda a Igreja!>>

(O programa não era nada utópico e bem depressa seria quase inteiramente levado a cabo. E era uma boa base para o DIÁLOGO.)

Por um acaso raro, foram conservadas várias frases do advogado que defendeu o metropolita, (S. Y. Gurovitch), que passamos a transcrever:

«Não há prova alguma de culpabilidade, nem um facto, nem mesmo um fundamento para acusação... Que dirá a História? (Oh, ficará impávida. Esquecerá tudo, não dirá palavra!) O confisco dos valores da Igreja, em Petrogrado, desenrolou-se com toda a calma, mas o clero da capital encontrava-se no banco dos réus e certas mãos empurram-no para a morte. O princípio fundamental, por vós posto em evidência, é

o interesse do poder soviético. No entanto, não se esqueçam de que com o sangue dos mártires a

Igreja se fortifica. (Entre nós não será o caso!...) Nada mais tenho a dizer, mas é duro ter de ceder a palavra. Enquanto os debates se prolongam, os acusados estão vivos. Acabados os debates, acabada será também a sua vida...»

O tribunal condenou dez à morte. Esta morte, eles aguardaram-na durante mais de um mês, até ao fim do processo dos socialistas revolucionários (tudo indicava que se preparavam para fuzilá-los em conjunto). Depois, o Comité Executivo da União concedeu o indulto a seis. Os outros quatro (o metropolita Veniamin; o arquimandrita Serguei, ex--membro da Duma; o professor de direito Y. P. Novitski e o advogado Kovcharov) foram fuzilados na noite de 12 para 13 de Agosto.

Rogamos encarecidamente ao leitor para não esquecer o princípio da multiplicação à escala provincial. Enquanto nos referimos apenas a dois processos religiosos, na província houve vinte e dois.

O Código Penal foi elaborado à pressa para o processo dos socialistas revolucionários: já era tempo de exibir os blocos de granito da Lei! Em 12 de Maio, como estava previsto, foi aberta a sessão do Comité Executivo de toda a União, e ainda não tinham conseguido acabar o projecto do código. Fora apenas entregue a Vladimir Uitch, que se encontrava em Gorki, para ele o examinar. Seis artigos do código previam como pena máxima o fuzilamento. Isso era insatisfatório. Em 15 de Maio, em notas à margem do projecto, Vladimir Uitch Lenine acrescentou mais seis artigos, para os quais era imprescindível o fuzilamento (entre eles, o artigo 69: propaganda e agitação... em particular, o incitamento à resistência passiva contra o Governo, ao não cumprimento em massa das obrigações militares, ou ao não pagamento dos impostos).20 O fuzilamento devia ainda ter lugar noutro caso: por regresso, sem autorização, do estrangeiro (o que antes faziam todos os socialistas). Outro castigo equivalente ao fuzilamento: a deportação. (Vladimir Uitch tinha previsto a época, não muito longínqua, em que nos veríamos desbordados pelos que afluiriam da Europa para virem refugiar-se entre nós, enquanto ninguém

poderia ser coagido a partir voluntariamente Para o Ocidente).

Gomo no caso de apelo de Viborg, pelo qual o Governo czarista tinha aplicado três

e prisão. (Este apelo tinha sido lançado em 1906 por um grupo de deputados da Du-

do- T°mPosto de cadetes, membros do Partido do Trabalho e socialistas mencheviques. (N.

Eis como Ilitch explicou as suas conclusões ao comissário do Povo da Justiça:

«Camarada Kurski! Em minha opinião, tem de se ampliar o âmbito da aplicação do fuzilamento... (comutável em expulsão para o estrangeiro) a todas as actividades dos conhecidos chefes mencheviques, socialistas revolucionário, etc; é preciso encontrar uma formulação que ponha essas actividades em ligação com a burguesia internacional» (sublinhado por Lenine)2'.

Ampliar o âmbito de aplicação de fuzilamento! Será difícil de compreender? (Acaso, expulsaram muitos?) O terror é um meio de persuasão22, parece que tudo

está claro! Mas Kurski não compreendia bem. Certamente ele tinha dificuldade em encontrar a formulação exacta, em estabelecer a referida ligação. E, no dia seguinte, foi ver o presidente do Conselho dos Comissários do Povo23 para obter esclarecimentos. Esta conversa é para nós desconhecida. Mas, na sua sequência, em 17 de Maio, Lenine remeteu de Gorki uma segunda carta:

«Camarada Kurski! Como complemento à nossa conversa, envio-lhe um rascunho suplementar para o parágrafo do Código Penal... A ideia fundamental, espero que esteja clara apesar de todas as deficiências do rascunho: evidenciar abertamente que se trata de uma tese de princípio, politicamente justa (e não somente do estreito ponto de vista jurídico), motivando a essência e a justificação da sua necessidade e limites.

O tribunal não deve eliminar o terror: prometer isto seria enganar-nos a nós mesmos ou enganar os outros. Há que fundamentá-lo e legalizá-lo claramente, sem falsidades e sem adornos. A formulação deve ser o mais ampla possível, pois só a consciência e o sentido revolucionário da justiça

decidirão das condições da sua aplicação prática, mais ou menos larga.

Com saudações comunistas

Lenine.»24

Abster-nos-emos de comentar este importante documento. O silêncio e a meditação são mais apropriadas. Tal documento é tanto mais importante, quanto se trata de uma das últimas disposições de Lenine, antes de se ter apoderado dele a doença, constituindo, assim, uma peça fundamental do seu testamento político. Nove dias depois desta carta, deu-lhe o primeiro ataque, do qual só parcialmente, e por pouco tempo, se restabeleceu, no Outono de 1922. Talvez as duas cartas a Kurski tivessem sido escritas naquele claro gabinete de mármore branco, no ângulo do segundo andar, onde já se encontrava preparado, e à sua espera, o leito mortuário de chefe.

21 Lenine, Obras Escolhidas, S.a edição, tomo 45, pág. 189.

'- Idem, tomo 39, págs. 404-405.

'•' O próprio Lenine. (N. dos T.)

24 Lenine, Obras Escolhidas, 5." edição,tomo 45, pág. 190.

Em anexo a este rascunho encontram-se duas variantes do parágrafo adicional, donde dentro de alguns anos, sairão o 58-4 e o pai de todos nós, o artigo 58, na sua totalidade. Lê-se e fica-se estupefacto: eis o que significa dar uma formulação o mais ampla possível] Eis o que significa fazer uma aplicação o mais larga possível] Lê-se e recorda-se quanta gente ele conseguiu apanhar, o velho...

« ...A propaganda, a agitação, a participação numa organização ou a cooperação ("cooperando objectivamente ou susceptível de cooperar")... com organizações ou pessoas cuja actividade tenha um carácter...»

Apresentem-me Santo Agostinho e eu garanto que o ponho, agora mesmo, sob a alçada desse artigo!

Tudo isso foi, como se impunha, introduzido no texto, com a pena de fuzilamento ampliada. E a sessão do Executivo Central de toda a União, em 20 de Maio, aprovou e pôs em vigor o Código Penal a partir de 1 de Junho de 1922.

E já sobre bases legais abriu-se, enfim, por um ptríodo de dois meses, o

) PROCESSO DOS SOCIALISTAS REVOLUCIONÁRIOS (8 de Junho-7 de Agosto de 1922). Supremo Tribunal. O presidente habitual, camarada Karklin25 (bom apelido para um juiz!), foi, nesse processo, que concentrou a atenção de todo o mundo socialista, substituído pelo hábil Gueor-gui Piatakov. (O destino, previdente, gosta de rir-se de nós e deixa-nos tempo para pensar! Quinze anos, foi o tempo que ele deixou a Piatakov...) Não havia advogados. Os réus eram destacados socialistas revolucionários e eles próprios se defendiam. Piatakov intervinha bruscamente, impedindo os réus de se exprimirem.

Se nós, os leitores, não soubéssemos perfeitamente que o essencial em qualquer processo judicial não é a acusação, a chamada culpa, mas sim a conveniência, talvez não aceitássemos de-ânimo tão fácil este processo. Mas a conveniência vai-se delineando sem falhas: diferentemente dos mencheviques, os socialistas revolucionários continuavam a ser considerados perigosos, não tendo sido ainda dispersos nem liquidados, e, para fortalecimento da

nova ditadura (a do proletariado), era conveniente acabar com eles.

Ignorando esse princípio, pode erroneamente interpretar-se todo este processo como constituindo uma vingança partidária.

Fica-se entretanto a meditar, apesar de tudo, nas acusações proferidas perante o tribunal, se se inseriam na já longa e dilatada história dos estados. A excepção das democracias parlamentares - contadas pelos dedos -, em também limitadas décadas, toda a história dos estados é a história dos golpes e tomadas do Poder. E aquele que se instalou a tempo no Poder com

Nome que faz lembrar o verbo hrrkats, ou seja «grasnar». (N. c/os T.)

mais habilidade e com mais solidez, imediatamente se acoberta com o manto diáfano da justiça, e todos os seus actos, passados e futuros, serão considerados legítimos e consagrados com odes, enquanto todos os actos, passados e futuros dos seus desafortunados

inimigos, serão criminosos, passíveis dos tribunais e punidos pela lei.

Há apenas uma semana que foi aprovado o Código Penal> mas já sobre ele se acumulam os cinco anos de história vividos após a Revolução. E vinte, dez, cinco anos antes, os socialistas revolucionários eram um partido solidário vizinho, que lutava pelo derrubamento do czarismo e que assumira (graças à particularidade da sua táctica do terrorismo) o maior peso da deportação, que quase não atingiu os bolcheviques.

Mas, agora, a primeira acusação feita contra eles era a de terem sido os iniciadores da Guerra Civil! Sim, eles iniciaram-na, foram eles que a iniciaram! Ei-los acusados de, nos dias do golpe de Outubro, lhe terem oferecido resistência de armas na mão. Quando o Governo provisório, que eles apoiavam era em parte composto por eles, foi legalmente varrido pelas metralhadoras dos marinheiros, os socialistas revolucionários tentaram ilegalmente defendê-lo[26] e aos tiros responderam mesmo com tiros, tendo, até, feito sublevar os yunkers que estavam ao serviço do Governo derrubado.

Batidos pelas armas, não se arrependeram entretanto politicamente. Não se colocaram de joelhos diante do Conselho de Comissários do Povo, que se intitulou a si mesmo Governo. Continuaram a insistir em que o único Governo legal era o anterior. Não reconheceram imediatamente a bancarrota de uma linha política seguida durante vinte anos27, mas reclamaram graça, solicitando que os dissolvessem e que os deixassem de considerar como um partido.28

E eis a segunda acusação: eles cavaram o abismo da Guerra Civil, quando em 5 e 6 de Janeiro de 1918 desceram à rua como manifestantes, logo como rebeldes, contra o poder legal do Governo operário-camponês: apoiavam assim a sua ilegal Assembleia Constituinte (eleita livremente, em eleições gerais, com sufrágio universal, igual, directo e secreto) contra os marinheiros e os soldados vermelhos, que-legalmente haviam dissolvido essa Assembleia e dispersado os manifestantes. (De resto, a que podiam servir e conduzir os tranquilos debates da Assembleia Constituinte? Apenas ao atear de uma guerra civil de três anos. Esta começou pela simples razão

26 Que eles o tenham feito molemente, que tenham vacilado e finalmente renunciado, isso é outra história. A sua culpa não era menor por isso.

27 Tratava-se efectivamente de uma bancarrota, embora isso não fosse compreendido imediatamente.

28 Em função destes mesmos princípios foram considerados igualmente ilegais todos os governos regionais e periféricos: de Arcângel, Samára, Ufá, Omsk, Ucrânia, Kubã, Ural ou Cáucaso, por se terem erigido eles mesmo em governos depois de o Conselho de Comissários do Povo se ter constituído como tal.

de que nem todos os habitantes, à uma e docilmente, se submeteram aos decretos legais do Conselho dos Comissários do Povo.)

Terceira acusação: eles não reconheceram a paz de Brest-Litovsk, aquele tratado legítimo e salvador, que não cortou a cabeça à Rússia, mas apenas uma parte do seu tronco. Desse modo, tal como o estabelece o acto de acusação, estão presentes «todos os elementos caracterizadores da traição ao Estado, bem como da

prática de acções criminosas visando arrastar o país para a guerra».

Traição do Estado! Ela é como um teimoso, que se põe sempre de pé...

Daí deriva uma grave e quarta acusação: no Verão e no Outono de 1918, quando a Alemanha do Kaiser vivia os seus últimos meses e semanas na guerra contra os aliados, e o Governo soviético, fiel ao tratado de Brest--Litovsk a apoiava nessa pesada luta, enviando-lhe comboios inteiros de víveres e pagando-lhe tributos mensais em ouro, os socialistas revolucionários, traiçoeiramente, preparavam-se (não se preparavam sequer, mas limitavam-se a discutir, à sua maneira, o que se passaria se acaso...) para dinamitar a via férrea, antes da passagem de uma dessas composições, impedindo o ouro de sair da pátria. Numa palavra, eles «organizaram uma acção criminosa de destruição da propriedade do povo - os caminhos de ferro».

(Então, ainda não se tinha por vergonhoso nem se ocultava o facto de que se enviava ouro russo para o futuro império de Hitler, não tendo ocorrido a Krilenko, apesar da suas especializações em História

e Direito -nenhum dos seus colaboradores lho sussurrou —, que se os carris de aço eram propriedade do povo, talvez também o fossem os lingotes de ouro...)

À quarta acusação, implacavelmente, segue-se a quinta: quanto aos meios técnicos para essa explosão, tinham os socialistas revolucionários a intenção de obtê-los com fundos recebidos dos representantes aliados (para não dar o ouro a Guilherme, eles queriam apanhar o dinheiro à Entente). Isto roçava já o limite extremo da traição! "(Em todo o caso, Krilenko gaguejou que os socialistas revolucionários também estavam ligados ao Estado-Maior de Ludendorff, mas a pedra caiu em saco roto e não tomaram isso em conta.)

Daqui já não fica longe a sexta acusação: os socialistas revolucionários, em 1918, eram espiões da Entente! Ontem, eram revolucionários, hoje espiões! Na época, isso era algo de explosivo. Desde então, com tantos processos, começam a sentir-se náuseas ...

Bem, a sétima acusação era a de colaborarem com Savinkov, ou Filo-nenko, ou com os democratas

constitucionais, ou com a Aliança do Renascimento (acaso ainda existia?...), ou até com os forros-brancos29, senão mesmo com os guardas-brancos.

Estudantes reaccionários, muito elegantes, que antes da Revolução se destacavam por usarem um uniforme forrado de branco. (N. dos T.)

308

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

Tal era a cadeia de acusações magnificamente articulada pelo procurador30. Após uma lenta maturação no silêncio do gabinete, ou por uma repentina iluminação no alto da tribuna, ele encontra aqui o tom justo, cordial e compadecido, afectuosamente reprovador, de que vai servir-se cada vez com mais segurança nos processos posteriores e que, em 1937, terá um êxito espectacular. Esse tom consiste em revelar a relação que existe entre l? os juízes e os réus em face do resto do mundo. Essa melodia toca as cordas mais sensíveis do acusado. Desde a tribuna da acusação lança-se aos socialistas revolucionários: enfim, nós e vós somos todos revolucionários! (Nós! Vós e Nós, numa palavra, somos iguais!) Como pudésteis vós descer assim tão

baixo, até vos unirdes aos democratas constitucionais? (Sim, por certo que o vosso coração se quebra!) Misturardes-vos com os oficiais? Ensinar aos forros-brancos a vossa brilhante técnica conspirativa?

Não sabemos quais as respostas dos acusados. Se algum deles assinalou o carácter especial da revolta de Outubro: declarar a guerra a todos os partidos de uma só vez, e ao mesmo tempo proibi-los de se unirem entre si («se não te tocam, não te aflijas»). Mas tem-se a impressão, não se sabe porquê, de que alguns réus baixaram a cabeça e efectivamente um ou outro ficou com o coração quebrado: como puderam eles descer tão baixo? Esta compaixão do procurador, na sala inundada de luz, penetra profundamente no preso, trazido da cela escura.

E Krilenko envereda ainda por uma nova via lógica (que prestou grandes serviços a Vichinski contra Kameniev e Bukharine): entrando em aliança com a burguesia, vós recebíeis dela ajuda em dinheiro. A princípio, era para a causa e em caso algum para fins partidários - mas onde está o limite? Quem o demarca? Não é a causa também um objectivo do Partido? Assim, vós fosteis-vos deixando arrastar.

Vós, partido dos socialistas revolucionários, mantidos pela burguesia?! Onde está o vosso orgulho revolucionário?

Todas estas afirmações reunidas dão a medida exacta das acusações, e são até de sobra. O tribunal podia retirar-se para deliberar, para aplicar a cada um o castigo merecido, mas eis que a confusão se estabeleceu:

- Todos os factos de que é acusado o partido dos socialistas revolucionários remontam a 1919;

- Desde então, mais precisamente desde 27 de Fevereiro de 1919, havia sido decretada, em favor exclusivo dos socialistas revolucionários, uma amnistia que lhes perdoava toda as lutas anteriormente travadas contra os bolcheviques; se não reincidissem de futuro;

- E ATé AGORA NÃO TINHAM VOLTADO A TRAVAR TAIS LUTAS.

- E estávamos no começo de 1922!

Devolveram-lhes este apodo.

309

Como sair da situação?

Tinha-se pensado nisso. Quando a Internacional Socialista pediu ao Governo soviético que suspendesse o processo contra os seus confrades socialistas, pensava-se nisso.

Efectivamente, nos começos de 1919, em razão da ameaça de Koltchak e de Denikini, os socialistas revolucionários retiraram a palavra de ordem da insurreição, e até ao momento não tinham levado a cabo a luta armada contra os bolcheviques. (Os socialistas revolucionários de Samara, abriram mesmo aos seus irmãos comunistas um sector da frente contra Koltchak, a isso se tendo devido a amnistia.) E aqui mesmo, no tribunal, o acusado Guendelman, membro do Comité Central, declarava: «Dêem-nos a possibilidade de utilizar todas as chamadas liberdades cívicas e nós não infringiremos as leis.» (Dar-lhes a eles, ainda por cima, «todas»! Que charlatões...) Como se ainda não fosse pouco deixar de travar qualquer luta, eles reconheceram o poder dos Sovietes! (Ou seja, renunciaram ao seu antigo Governo provisório e à Assembleia Constituinte.) E

pedem apenas a realização de novas eleições para estes Sovietes, com liberdade de propaganda dos partidos.

Estão a ouvir? Estão a ouvir? Aí está! Lá começa a mostrar-se o focinho feroz do inimigo burguês! Acaso é possível? A hora é grave! Estamos cercados de inimigos! (E dentro de vinte, de cinquenta, de cem anos, será sempre assim.) E vós quereis liberdade de propaganda dos partidos, filhos de uma cadela?!

As pessoas politicamente sensatas, disse Krilenko, poderiam simplesmente, como resposta, rir-se, encolher os ombros. Decidiu-se, com justeza, «cortar imediatamente a. estes grupos, utilizando todas as medidas de repressão governamental, a possibilidade de fazerem propaganda contra o Poder»31. E precisamente como resposta à renúncia, dos socialistas revolucionários, à luta armada e às suas propostas pacíficas, METER NA PRISÃO TODO O COMITÉ CENTRAL DOS MESMOS SOCIALISTAS REVOLUCIONÁRIOS (aqueles que conseguiram apanhar)! Este, sim, é que é o nosso estilo!

Mas, já que eram mantidos na prisão (não estavam já lá há três anos?), era necessário julgá-los. De que

acusá-los então? «Este período não foi objecto, na mesma medida, de um inquérito judicial», lamenta-se o nosso procurador.

Entretanto, uma das acusações era fundada: a de que, em Fevereiro de 1919, os socialistas revolucionários adoptaram a resolução (que não levaram à prática, mas segundo o novo Código Penal isso era o mesmo) de fazer propaganda secreta no Exército Vermelho, para que os soldados se recusassem a participar nas expedições punitivas contra os camponeses.

31 Krilenko, ob. cit., pág. 183.

Esta era uma baixa e pérfida traição à Revolução! Dissuadir os soldados das expedições punitivas!

Eles podiam ser ainda acusados de tudo aquilo que dizia, escrevia e fazia (sobretudo do que dizia e escrevia) a chamada «Delegação no estrangeiro do Comité Central dos socialistas revolucionários», aqueles destacados socialistas revolucionários que fugiram para a Europa. V

Mas tudo isto era pouco. E cogitou-se o seguinte: «Muitos dos que aqui estão a ser julgados não teriam sido inculpados neste processo se não fossem acusados de organizar actos terroristas]» Ora, quando foi concedida a amnistia, em 1919, «a nenhum dos chefes da justiça soviética lhe passou pela cabeça» que os socialistas revolucionários organizavam ainda o terror contra os dirigentes do Estado soviético! (A quem, na realidade, podia passar pela cabeça estabelecer uma relação entre os socialistas revolucionários e o terror? Se alguém tivesse pensado nisso, ter-se-ia estendido a amnistia aos actos terroristas! Ou, então, não se aceitaria a brecha aberta na frente de Koltchak. Foi, de resto, uma felicidade que então nem sequer nisso pensaram. Só quando houve necessidade é que de tal se aperceberam.) E agora esta acusação não é abrangida pela amnistia (dado que só a luta foi amnistiada). E Krilenko serve-se disso.

Quantas coisas foram descobertas! Quanto se foi descobrir! Antes de mais nada, o que é que disseram os chefes dos socialistas revolucionários32 logo nos primeiros dias depois do golpe de Outubro? Tchernov (no IV Congresso dos Socialistas Revolucionários)

afirmou que o Partido «se oporia, com todas as suas forças, a qualquer atentado contra os direitos do povo», como o tinha feito sob o regime czarista. (E todos recordavam como ele o tinha feito.) Gots: «Se os autocratas do Smolni atentam também contra a Assembleia Constituinte... o Partido Socialista Revolucionário saberá lembrar-se da sua antiga táctica, longamente experimentada.»

Talvez se tenha lembrado, mas não se decidiu a aplicá-lo. Daí para diante parece possível desencadear o processo.

«Neste domínio da investigação», lamenta-se Krilenko, «devido à conspiração, haverá muito poucos testemunhos... com isso a nossa tarefa fica extraordinariamente dificultada... neste domínio» (isto é, o terror), « em certos momentos é como se nos víssemos obrigados a errar nas trevas. »33 A tarefa de Krilenko era complicada pelo facto de que o terror contra o poder soviético tinha sido discutido no Comité Central (C.C.) dos socialistas revolucionários em 1918 e tinha sido rejeitado. E agora, passados tantos anos, há que demonstrar que os socialistas revolucionários se enganaram a si próprios.

Os socialistas revolucionários disseram então: «Aguardemos que os

E que é que não disseram todos estes charlatões durante uma vida inteira? Krilenko, ob. cit., pág. 236. (Veja-se que língua!)

bolcheviques passem a executar os socialistas.» Ou, no ano de 1920: «Se os bolcheviques atentarem contra a vida dos reféns socialistas revolucionários, então o partido voltará a empunhar as armas34.»

Mas porquê todas estas condições? Porque não renunciaram pura e simplesmente? Como se atreveram apensar em empunhar as armas! «Porque não fizeram declarações de carácter absolutamente negativo}» (Camarada Krilenko, quem sabe se o terror era a sua segunda natureza})

O partido nunca levou a cabo actos de terror. Isso ressalta mesmo do discurso de acusação de Krilenko. Mas recorre-se forçosamente a factos deste género: na cabeça de um dos acusados figurava o projecto de dinamitar a locomotiva do comboio do Conselho de

Comissários do Povo, durante a transferência da sua sede para Moscovo; logo, o C. C. é culpado de terror.

Ivanova, encarregada da execução, estava de atalaia com uma carga de piroxilina, durante uma noite, perto da estação: logo, houve um atentado contra o comboio de Trotski, e o C. C. é culpado de terror. Ou ainda: o membro do C. CV. Donskoi advertiu Faina Kaplan de que seria expulsa do partido se disparasse contra Lenine. É pouco! Porque não a proibiram categoricamente disso? (Ou melhor: porque é que não a denunciaram à Tcheka?)

Tudo o que Krilenko conseguiu arrancar deste magma foi que os socialistas revolucionários não adoptaram as medidas necessárias para fazer cessar os actos individuais de terror dos seus activistas, que se aborreciam na inacção. A isso se reduzia o terror. (De resto, esses activistas nada fizeram. Dois deles, Konopliova e Semonov, com suspeita solicitude, forneceram em 1922, com os seus depoimentos voluntários, preciosas provas à G. P. U. e ao tribunal, mas as suas declarações não dizem respeito ao C. C. dos socialistas revolucionários, e, de repente, de modo inexplicável, esses encarniçados terroristas são postos em total liberdade.)

Os depoimentos são de tal modo frágeis que é preciso apoiá-los com argumentos. Sobre uma das testemunhas, Krilenko faz este comentário: «Se esta pessoa quisesse inventar uma história, seria pouco provável que a imaginasse de forma a que, por coincidência, acertasse precisamente no ponto exacto.»35 (Muito bem dito! Isto pode aplicar-se a qualquer depoimento preparado.) Ou então, falando de Donskoi: «Será possível suspeitar da sua extrema perspicácia, por ele demonstrar aquilo de que a acusação precisa?» Quanto a Konopliova, pelo contrário, a veracidade do seu depoimento consiste precisamente no facto de ela não revelar tudo aquilo de que a acusação necessita. (Mas é o bastante para o fuzilamento dos acusados.) «Se se levanta o problema de Konopliova inventar tudo isto... a resposta é

34 Quanto aos outros reféns, que acabassem com eles...

35 Krilenko, ob. cit., pág. 251.

clara: quando alguém se põe a inventar, então inventa» (ele sabe de que fala! — À.S.), «quando

alguém está disposto a denunciar, então denuncia»36 Mas ela, como se vê, não vai até ao fim. Ou ainda: «Levar Konoplíova, sem mais nem mais, ao fuzilamento, que interesse é que isso poderá ter para Efimov»?37 Isso é, uma vez mais, justo, muito bem. Mas há melhor: «Poderia ter ocorrido este encontro? Essa possibilidade não está excluída.» Não está excluída} O que significa que ocorreu] Adiante!

Em seguida, havia «o grupo de sapa». Ele deu muito que falar e de repente foi «dissolvido por inactividade». Então, para que nos enchem os ouvidos com ele? Houve umas quantas «expropriações» de fundos de instituições soviéticas (como é que os socialistas revolucionários podiam safar--se de apuros, se tinham de alugar casas e ir de uma cidade para outra?). Dantes, tratava-se de nobres e elegantes «expropriações», na linguagem dos revolucionários, mas agora, perante um tribunal soviético, tudo passava a ser «pilhagem e encobrimento».

Através das peças de acusação do processo, vai-se projectando a pálida e amarelada luz da lanterna da lei sobre toda a insegura, oscilante e enredada história desse partido verbalista, grandiloquente, mas, no fundo, desorientado, indefeso e até inactivo,

que nunca chegou a ter dirigentes dignos dele. E cada uma das suas decisões ou indecisões, cada um dos seus movimentos, impulsos, ou retrocessos, tudo lhe é agora imputado apenas, como culpa, culpa, culpa.

E se, em Setembro de 1921, dez meses antes do processo, o ex-Comité Central, já preso em Butirki, escrevia ao novo, recém-eleito, dizendo não concordar com o derrubamento da ditadura bolchevista por qualquer meio, mas só através da união de todas as massas trabalhadoras e de um trabalho de agitação (ou seja, mesmo estando preso não concordava em ser libertado pelo terror nem por um complot), isso era-lhes assacado agora como a sua primeira culpa: ah! ah!, estava, pois, de acordo com o derrubamento!

Mas se, de todo em todo, não eram culpados de derrubar o regime, e não eram culpados de terror, não tinham por assim dizer feito expropriações e, quanto ao restante, há muito haviam sido perdoados? O nosso caro procurador tira então da manga a sua reserva secreta: «Em último caso a não denúncia constitui um crime, em que estão implicados, sem excepção, todos os acusados, e que deve considerar-se como estabelecido.»38

O Partido dos Socialistas Revolucionários é já culpado pelo simples facto de NÂO SE TER DENUNCIADO A SI PRÓPRIO! Isto, sim, não falha! É uma descoberta do pensamento jurídico inscrita no novo Código. É

-16 Krilenko, ob. cit., pág. 253. 37 Idem, pág. 258. -,8 Idem, pág. 305.

o caminho empedrado pelo qual se hão-de arrastar e arrastar, até à Sibéria, os nossos agradecidos descendentes.

Krilenko dispara com furor, direito ao coração: «Inimigos encarniçados e eternos», eis o que são os acusados! Nesse caso, mesmo sem recorrer ao tribunal, já se sabe o que há a fazer deles.

O Código é tão novo que Krilenko nem teve tempo de aprender de cor, pelos respectivos números, os principais artigos referentes aos contra--revolucionários, mas é ver que golpes assesta com esses números, com que profundidade os cita e os interpreta! É como se desde há décadas manejasse tais artigos como quem maneja o cutelo da guilhotina.

Mas eis algo que é essencialmente novo e importante: a diferenciação entre métodos e meios, que existia no antigo código czarista, deixa entre nós de existir] Ela não intervém nem na qualificação do delito, nem na sanção penal! Para nós, a intenção e a acção, tudo é o mesmo! Tomada que foi uma decisão, é em função dela que julgámos. Que ela «se tenha levado a cabo ou não, isso não tem qualquer significado essencial».39 Quer tenha sussurrado à sua mulher na cama que seria bom derrubar o poder soviético, feito propaganda nas eleições, ou lançado bombas - tudo é o mesmo! A pena é igual!!!

Do mesmo modo que um pintor, com uns quantos traços fortes de carvão, faz emergir o retrato desejado, também para nós foi tomando forma, cada vez mais, através dos esboços de 1922, todo o panorama dos anos 37, 45 e 49.

Mas não, ainda não chegámos lá! Ainda não é esse o COMPORTAMENTO DOS ACUSADOS! Eles ainda não são carneiros amestrados, ainda são gente! Poucas coisas, muito poucas nos foram ditas acerca da atitude deles, mas pode-se perfeitamente calculá-la. Às vezes Krilenko, por distracção, cita as palavras que pronunciaram no tribunal. O réu Berg «acusava os

bolcheviques de terem chacinado as vítimas de 5 de Janeiro» (abriram fogo sobre os manifestantes que defendiam a Assembleia Constituinte). E Liberov dizia sem papas na língua: «Eu reconheço-me culpado de em 1918 não ter trabalhado suficientemente para o derrubamento do poder dos bolcheviques.»40 Evguenia Ratner teve expressões semelhantes, e de novo Berg: «Considero-me culpado perante a Rússia trabalhadora de não ter podido lutar, com todas as minhas forças, contra o chamado poder operário-camponês, mas espero que o meu tempo ainda não tenha passado.» (Passou, amiguinho, passou.)

Detectamos aqui a antiga paixão pela sonoridade das frases, mas também uma grande firmeza!

O procurador argumenta: «Os acusados constituem um perigo para a Rússia soviética, dado que consideram bom tudo quanto fizeram. Talvez

Krilenko, ob. cit., pAg. 185. Idem, pág. 103.

alguns dos réus encontrem consolação no facto de alguma vez um analista se referir a eles ou à sua conduta no tribunal com elogios.»41

A apreciação do Comité Central Executivo de toda a Rússia, já depois do julgamento, foi: «Durante o próprio processo, eles reservaram-se o direito de prosseguir a sua actividade anterior.»

Quanto ao réu Gendelman-Grabovski (ele mesmo jurista), destacou-se no tribunal pelas suas discussões com Krilenko sobre a forma como eram falsificados os depoimentos das testemunhas, e sobre «os métodos especiais de tratamento delas antes do processo». Leia-se: é evidente que foram trabalhados pela G.P.U. (Já aí está tudo, já aí está tudo: faltava só dar um empurrão para atingir o ideal.) Sucede que a investigação prévia se realizou sob a observação do procurador (o próprio Krilenko) e desse modo se eliminaram conscientemente alguns desacordos nos depoimentos. Há mesmo depoimentos feitos pela primeira vez perante o tribunal.

Que querem, há certas arestas. Há coisas que não foram acabadas. No fim de contas «é nosso dever dizer, com plena clareza e sangue-frio... não nos

preocupa o problema de saber como o juízo da história avaliará a obra que realizamos».

Mas as arestas havemos de tomá-las em conta e de corrigi-las. Entretanto, esquivando-se, Krilenko lembra-Se, pela primeira e última vez na história da jurisprudência soviética, de que existe a investigação! A investigação preliminar antes mesmo da instrução! E eis a explicação hábil que ele dá: aquilo que se desenrolou fora do âmbito da observação do procurador e que vós considerais como a instrução é, de facto, a investigação. E aquilo que vós considerais como uma repetição da investigação revista pelo procurador, em que se atam todos os nós e se apertam todos os parafusos, isso é a instrução! Os informes, «elementos fornecidos pelos órgãos da investigação, que não são comprovados pela instrução, têm muito menos valor probatório judicial do que os elementos da instrução quando esta é inteligentemente organizada».42

Se és esperto, evitas pisar o almofariz.

Falando em termos profissionais, era ultrajante para Krilenko ter-se levado meio ano a preparar este processo, ter-se ladrado durante dois meses na

audiência e perdido quinze horas a debitar discursos de acusação, quando todos os acusados «já não era a primeira nem a segunda vez que tinham passado pelas mãos dos órgãos, quando estes dispunham de poderes extraordinários, tendo conseguido, graças a uma ou outra circunstância, ficar vivos»43 - para acabar agora por dar trabalho a Krilenko: o de levá-los ao fuzilamento por forma legal.

41 Krilenko, ob. cit., pág. 325.

42 Idem, pág. 238. 4> Idem, pág. 322.

Claro que «a sentença deve ser uma e a mesma: o fuzilamento de todos,

I até ao último!»44 Mas Krilenko previne, com espírito magnânimo, tendo

I em conta que o processo é seguido pelo mundo inteiro, que o requisitório

i do procurador «não é uma ordem para o tribunal», que este seja «obrigado

a tomar imediatamente em conta ou a cumprir».45

Belo tribunal esse, ao qual é necessário explicar isto!...

E o tribunal, na sua sentença, dá provas de audácia: na verdade, ele condena ao fuzilamento não «todos até ao último», mas só catorze pessoas. As restantes são condenadas a prisão, aos campos de concentração, sem falar de uma centena dentre elas, que serão objecto de um processo à parte.

Lembre-se amigo leitor, lembre-se: o Supremo Tribunal «é olhado por todos os tribunais da República, é ele que lhes dá as directrizes».46 A sentença aplicada pelo Supremo Tribunal é utilizada «como norma indicadora».47 Quantos haverá ainda nas províncias que serão assim enferrolhados, podem calculá-lo por si próprios.

Mas talvez este processo acabe por ser cortado pelo Praesidium do Comité Central Executivo de toda a União: este confirmará a sentença de fuzilamento, mas suspenderá o seu cumprimento. E a sorte futura dos condenados dependerá do comportamento dos socialistas revolucionários que ficaram em liberdade (inclusive os que se encontram no estrangeiro). Se

eles tiverem actividades contra nós, esmagaremos estes todos.

Nos campos da Rússia ceifava-se já a segunda colheita em paz. Não se disparava em mais nenhum lugar, à excepção dos pátios da Tcheka. (Em laroslavl, fuzilava-se Perkurov, em Petrogrado, o metropolita Veniamin. E sempre assim, sempre asssim.) Sob o céu cor de turquesa e pelas águas azuis vão navegando rumo ao estrangeiro os nossos primeiros diplomatas e jornalistas. O Comité Executivo de Deputados Operários e Camponeses conservava no seu regaço os eternos reféns.

Os membros do partido dirigente tinham lido sessenta números do Pravda sobre o processo (todos eles liam o jornal) - e todos haviam dito AMEN, AMEN, AMEN. Nenhum se atreveu a dizer NÀO.

Porque é que emendaram então, passados tempos, em 1937? De que é que se queixavam?... Acaso não tinham sido lançados todos os fundamentos da ausência de justiça - primeiro com a repressão extrajudicial da icheka, depois com esses processos precoces e com esse jovem Código? Acaso 1937 não era também OBJECTIVAMENTE NECESSÁRIO

(necessário para os objectivos de Staline e quem sabe se para os da História)?

44 Krilenko, ob. cit., pág. 326.

45 Idem, pág. 319. Idem, pág. 407.

47 Idem, pág. 409.

Já profeticamente Krilenko tinha deixado escapar que não era o passado que julgavam, mas sim o futuro.

Com uma boa foice, o mais difícil é o primeiro golpe.

Cerca de 20 de Agosto de 1924, Boris Victorovitch Savinkov cruzou a fronteira soviética. Foi logo preso e conduzido à Lubianka.48

A investigação consistiu num único interrogatório: apenas as declarações voluntárias e o exame da sua actividade. Em 23 de Agosto tinha já sido entregue o termo de acusação. (Rapidez incrível, mas que produziu efeito. Alguém calculara certamente: extorquir a Savinkov míseras declarações falsas não faria senão destruir a verosimilhança do quadro.)

Na conclusão da acusação, elaborada com uma terminologia às avessas, de que crimes não era acusado Savinkov? De «inimigo sistemático do campesinato pobre»; de «ter ajudado a burguesia russa a realizar as suas aspirações imperialistas» (ou seja, ele manifestara-se pela declaração da guerra à Alemanha); «de manter contactos com os representantes do comando aliado» (isto quando era dirigente do Ministério da Guerra!); «de se infiltrar, com intuitos de provocação, nos Comités de Soldados (entenda-se: fora eleito deputado pelos soldados); e, finalmente — havia de que fazer rir as galinhas! -, tinha «simpatias monárquicas».

Mas tudo isto era velho. Havia algo de novo nas acusações, que figuraria em todos os futuros processos: dinheiro recebido dos imperialistas; espionagem a favor da Polónia (esqueceram-se do Japão!...); e tentativa de envenenamento do Exército Vermelho com cianeto (mas não chegara a envenenar um só soldado).

Em 26 de Agosto abriu o julgamento. O presidente era um tal Ulrich (encontramo-lo pela primeira vez), não havendo qualquer acusador, nem tão-pouco defensor.

Savinkov defendia-se sem grande convicção, quase não contestava as provas. Ele conferia uma dimensão lírica a este processo: era o seu último encontro com a Rússia e a última possibilidade de se explicar em voz alta. De arrepender-se. (Não destes pecados que lhe imputavam - mas doutros. Vinha muito a propósito, para perturbar o acusado, esta melodia: pois se tanto você como nós somos russos!... Você e nós — isto é, nós! Você ama a Rússia, indubitavelmente, nós respeitamos esse seu amor - mas acaso

48 Sobre este regresso fizeram-se muitas suposições. Mas, recentemente, um certo Ar-damatski (que tinha acesso aos arquivos do Comissariado da Segurança do Estado) publicou uma história que, com todos os exageros retóricos da literatura pretensiosa, parecia próxima da realidade (revista Nicva, 1967, n.° 11). Tendo levado alguns agentes de Savinkov à traição e enganando outros, a G. P. U. lançou através deles um anzol seguro: aqui, na Rússia, havia uma grande organização clandestina, mas sem um dirigente de mérito! Não se podia imaginar um anzol mais tentador! Sim, e a vida agitada de Savinkov não podia terminar calmamente em Nice. Ele não podia deixar

de fazer uma última tentativa, regressar ele próprio à Rússia, para sua perdição.

não a amamos nós também? Acaso não somos nós agora a força e a glória da Rússia? E você quis lutar contra nós? Arrependa-se!...)

Mas o mais espantoso de tudo foi a sentença: «A aplicação da pena máxima não é exigida pelo interesse da manutenção da ordem legal revolucionária e, considerando que os motivos de vingança não podem inspirar o sentido da justiça das massas proletárias», o fuzilamento é comutado em dez anos de privação da liberdade.

Isto foi sensacional, turvando então muitas mentes: degelo? Regeneração? Ulrich, no Frauda, explicou ele mesmo, parecendo desculpar-se, porque tinha sido indultado Savinkov. Veja-se como em sete anos se fortalecera o poder soviético! Poderá ele temer um qualquer Savinkov! (Se ao fim de vinte anos se debilitar, não se inquietem, fuzilaremos centenas de milhares.)

Assim, ao primeiro mistério do regresso, teria vindo juntar-se o segundo mistério da sentença (a clemência), se em Maio de 1925 ambos não fossem recobertos pelo terceiro mistério: em estado de depressão, Savinkov arrojou-se de uma das janelas sem rede do pátio interior da Lubianka, e os homens da G. P. U., os seus anjos-da-guarda, não puderam simplesmente agarrar e salvar o seu grande e pesado corpo. No entanto, Savinkov deixou, em todo o caso, um documento justificativo (para que não houvesse engulhos no serviço), explicando sensata e coerentemente porque é que se tinha suicidado. E com tanta propriedade e tão de acordo com o seu espírito e a sua forma de exprimir-se que o próprio filho do morto, Lev Borisso-vitch, acreditou piamente, a todos confirmando, em Paris, que ninguém podia ter escrito esta carta senão o seu pai, e que se este se havia suicidado era por reconhecer a sua bancarrota política.49

4g E nós, os estúpidos, os posteriores detidos da Lubianka, papagueávamos credulamente que as redes de metal tinham sido estendidas nas escadas da prisão desde que Savinkov daí se arrojara. Inclinávamo-nos diante dessa bela lenda e

esquecíamo-nos de que a experiência dos carcereiros é internacional! Pois se as redes existiam também nas prisões americanas já nos começos do século, como seria possível que a técnica soviética estivesse atrasada?

Em 1937, já moribundo no campo de Kolima, o antigo tchequista Artur Priubel contou a um dos seus íntimos que ele era um dos quatro que lançaram Savinkov, pela janela do quinto andar, para o pátio da Lubianka! (F. isto não contradiz em nada a versão actual de Arda-"latski: essa janela tinha um parapeito baixo, sendo uma porta de balcão e não propriamente uma janela. Eles tinham escolhido o quarto! Só que quanto a Ardamatski, os anjos se descuidaram, e segundo Priubel se lançaram a ele à uma.) O segundo mistério - a sentença inabitual-ente benévola - é desvendado pela brusquidão do terceiro. Trata-se de um rumor surdo, "ias ele chegou até mim e eu transmiti-o em 1967 a M. N. Yakubovitch, e este, com a anima. de Jovem que ainda conserva, de olhos brilhantes, exclamou: «Acredito! Isso coincide! Eu acreditava em Bliumkin, pensava que ele se gabava.» Eis o que se apurou: em fins dos , ' "'iumkin, em grande segredo, contou a lakubovitch que era ele

quem tinha escrito a carta Póstuma de Savinkov,-por incumbência da G. P. U. Acontecia que quando Sa-estava preso, Bliumkin era a única pessoa a quem era permitido visitá-lo permanente-

Mas todos os mais importantes e célebres processos estão, de qualquer modo, ainda por vir.

mente na cela, «entretendo-o» pelas tardes. (Pressentiria acaso Savinkov que era a morte que ia frequentemente visitá-lo - a insinuante, a amistosa morte de que não se pode adivinhar a forma?) Isso ajudou Bliumkin a apanhar a maneira de exprimir-se e de pensar de Savinkov, a penetrar na intimidade das suas últimas meditações.

Pergunta-se: e porquê lançá-lo pela janela? Não teria sido mais simples envenená-lo? Certamente que era intenção deles mostrar os restos a alguém, ou pensavam fazê-lo.

É o momento de revelar também o que foi feito de Bliumkin, agora em todo o seu poder de tchequista, ele que em outros tempos fora audazmente atacado

por Mandelstam. Eren-burgo começou a escrever sobre Bliumkin, mas prontamente se envergonhou e o deixou. Há, no entanto, coisas para contar. Depois do esmagamento dos socialistas revolucionários de esquerda, em 1918, o assassino de Mirbach não só não foi castigado, não só não partilhou da sorte de todos os socialistas revolucionários de esquerda, como foi também protegido por Dzerjinski (como ele desejava proteger Kossiriev), tendo-se aparentemente convertido ao bolchevismo. É claro que o mantinham de reserva para as tarefas especialmente sujas. Certa vez, no limiar dos anos 30, ele foi enviado a Paris, secretamente, para assassinar Bajenov (um colaborador do secretariado de Staline que tinha fugido) e conseguiu lançá-lo com êxito do comboio, uma noite. Entretanto, o seu espírito de aventureirismo, ou a admiração por Trotski, levou Bliumkin à ilha dos Príncipes, perguntando ao professor de leis se tinha alguma missão para a U. R. S. S. Trotski deu-lhe um pacote para Radek. Bliumkin levou-o, transmitiu-o, e a sua visita a Trotski seria um segredo bem guardado se Radek já não fosse então um delator. Radek denunciou Bliumkin e este foi tragado pelas fauces do monstro,

que ele mesmo tinha alimentado com o seu primeiro leite sangrento.

X

A LEI TORNOU-SE ADULTA

ONDE estão elas, essas multidões que se introduzem loucamente, vindas do Ocidente, nas nossas linhas fronteiriças de arame farpado, e que nós fuzilámos de acordo com o artigo 71 do Código Ucraniano, pelo seu regresso arbitrário à República Socialista Soviética Federativa Russa? A despeito de todas as previsões científicas, tais multidões não existiram e ficou sem efeito o artigo ditado a Kurs-ki. O único excêntrico que se achou em toda a Rússia foi Savinkov, mas nem contra esse chegaram a servir-se de tal artigo. Em compensação, a pena oposta — a deportação para o estrangeiro em vez do fuzilamento - foi experimentada em massa e sem tardar.

Nessa época ainda, num acesso de cólera, quando estavam a elaborar o Código, Vladimir Ilitch, sem deixar perder a sua brilhante ideia, escrevia em 19 de Maio:

«Camarada Dzerjinski! Quanto à questão da deportação de escritores e de professores que ajudam

a contra-revolução, é necessário preparar isso o mais cuidadosamente possível. Sem preparação cometeremos tonterias... E preciso organizar tudo isso de tal forma que esses «espiões militares» sejam caçados permanente e sistematicamente e expulsos para o estrangeiro. Peço-lhe que mostre isto secretamente, e sem o reproduzir, aos membros do Bureau Político.»1

O carácter naturalmente secreto, neste caso, era provocado pela importância e pela exemplaridade da medida. A disposição das forças de classe na Rússia Soviética era bem clara e contrastada, só se alterando com esta mancha gelatinosa e sem contorno preciso da velha inteligência burguesa, que na esfera ideológica desempenhava o papel de uma autêntica espionagem militar, nada de melhor se tendo podido inventar para raspar e lançar borda fora, quanto antes, esse pântano de ideias.

Quanto ao camarada Lenine, quanto a ele, já tinha caído na cama, doente, mas os membros do Bureau Político aprovaram-no, pelos vistos, tendo o camarada Dzerjinski organizado a caça, e, em fins de 1922, cerca de trezentos importantes homens de letras

russos foram metidos... numa "arcaça?..., não, num navio, e enviados para a lixeira da Europa. (Entre os

' Lenine, 5." edição, tomo 54, págs. 265-266.

I

nomes que aí se afirmaram e adquiriram a glória figuram os dos filósofos N. O. Losski, S. N. Bulgakov, N.A. Berdiaiev, F. A. Stepun, B. P. Viches-lavtsev, L. P. Karssavin, S. L. Frank, I. A. Ilin; os dos historiadores S. P. Melgunov, V. L. Miakotin, A. A. Kissebetter, I. I. Lapchin, etc; e os dos escritores e publicistas Y. 1. Aikhenvald, A. S. Izgoiev, M. A. Ossorguin, A. V. Pechekhonov. Outros foram ainda expedidos por pequenos grupos, em começos de 1923, como por exemplo, o secretário de Leão Tolstoi, V. F. Bulgakov. Devido às suas más amizades, também lá foram parar matemáticos como D. F. Selivanov.)

Entretanto, as coisas não continuaram assim permanente e sistematicamente. Talvez pelo clamor da emigração, para a qual isso era um verdadeiro

«presente», chegou-se à conclusão de que essa medida não era a melhor, de que se deixava escapar em vão boa carne para fuzilamento, e de que nessa lixeira podiam crescer flores venenosas. E foi abandonado tal processo. Toda a limpeza posterior conduzia quer à sorte de Dukhonine[2], quer ao Arquipélago.

Aprovado em 1926 (e mantido até Kruchtchev), o Código Penal, corrigido e melhorado, entrançou todas as antigas cordas dos artigos políticos numa única e sólida rede de arrasto - o artigo 58 - e foi utilizado para esse género de pesca. Esta alarga-se rapidamente à inteligência dos engenheiros e técnicos — tanto mais perigosa quanto ocupava uma forte posição na economia nacional e era difícil controlá-la unicamente com a ajuda da Doutrina de Vanguarda. Tornava-se agora claro que fora um erro o processo em defesa de Oldenborguer (tinha-se reunido ali um bom centrinbo!) e prematura a declaração peremptória de Krilenko: «Não se podia falar de sabotagem dos engenheiros a partir de 1920-21. »[3] Se não era sabotagem, era pior ainda: nocividade premeditada (esta expressão foi lançada, ao que parece, por um simples comissário instrutor do Processo das Minas). Mal se tinha compreendido o

que era necessário procurar - a nocividade premeditada, e logo, apesar do inédito que o conceito tinha na história da humanidade, se começou a descobri-la, sem trabalho, em todos os ramos da indústria e em todas as fábricas. No entanto, nestes achados-fragmentários não havia uma unidade de pensamento, nem uma execução perfeita, mas a natureza de Staline e tudo o que a nossa justiça contava de inventores aspirava, pelos vistos, a ela. E, finalmente, a nossa lei amadureceu e pôde apresentar ao mundo algo de verdadeiramente perfeito! Um processo íntegro, grande, bem concatenado, e desta vez contra os engenheiros. Foi assim que se abriu:

a) O Processo das Minas (18 de Maio-15 de Julho de 1928), Secção Especial do Supremo Tribunal da U.R.S.S.; presidente: A. Y. Vichinski (rei-

Dukhonine, comandante do exército russo sob o Governo provisório. Foi morto em Novembro de 1917, linchado pela tropa. (N. dos T.)

-1 Krilenko, ob. cit., pág. 437.

Vasilv Ivanovich Anichkov

Mikhail Aleksandrovich

tor ainda da Universidade Estatal de Moscovo); acusador principal: N. V. Krilenko (encontro célebre, uma espécie de transmissão jurídica do testemunho)[4]; cinquenta e três acusados, cinquenta e seis testemunhas. Grandioso!!!

Ai dele, nessa grandiosidade residia também a fraqueza desse processo: se para cada réu fosse necessário manipular apenas três fios, estes seriam já cento e cinquenta e nove, mas Krilenko tinha só dez dedos, e Vichinski só dez, também. Naturalmente, «os acusados procuravam revelar à sociedade os seus graves crimes», mas não todos: só dezasseis dentre eles. Treze ofereciam resistência. Vinte e quatro não se reconheciam em geral culpados.[5] Isso era uma manifestação inadmissível de discordância que as massas não podiam compreender. Ao lado dos

méritos (conseguidos, de resto, em anteriores processos) - a importância dos réus e dos defensores, a sua incapacidade de deslocar ou rejeitar o bloco da sentença -, os defeitos do novo processo estavam à vista e eram imperdoáveis precisamente ao experiente Krilenko.

No umbral da sociedade sem classes, tínhamos forças, finalmente, para organizar um processo judicial sem conflito (reflexo do nosso regime interno não conflitual), onde tanto o tribunal como o procurador, tanto a defesa como os acusados, aspirariam unanimemente a um mesmo objectivo.

Além do mais, a envergadura do Processo das Minas (que punha em causa a indústria de extracção carbonífera, única e exclusiva do Donbass) era desproporcionada para a época.

Foi, sem dúvida, logo a partir do dia do termo do Processo das Minas que Krilenko começou a cavar um novo e mais largo fosso (caíram, inclusive, nele dois consócios seus, do Processo das Minas - os acusadores públicos Ossadtchi e Chein). Torna-se desnecessário dizer com que gosto e habilidade lhe prestou auxílio todo o aparelho da Administração

Política e Estatal Unificada: (O. G. P. U.), que já tinha passado para o pulso de ferro de lagoda. Havia que criar e desmascarar a organização dos engenheiros, que abrangia todo o país. Para isso, precisava-se de colocar à sua frente várias figuras importantes, possíveis de nocividade premeditada. Quem não conhecia uma figura tão indubitavelmente forte e insuportavelmente arrogante como Piotr Akimovitch Paltchinski, destacado engenheiro de minas já nos começos do século, que durante a guerra mundial era já o camarada

4 E os membros assessores eram velhos revolucionários, Vassili-Iujin e Antonov--Saratovski. Eram simpáticos e, pela simples sonoridade dos seus apelidos, são nomes que se recordam facilmente. De repente, em 1962, lemos no hvieztia um necrológio sobre as vítimas da repressão. F. quem o assinou? O campeão da longevidade Antonov-Saratovski! 5 Pravda, 24 de Maio de 1928, pág. 3.

presidente do Comité da Indústria de Guerra, ou seja, que dirigia os esforços de guerra do conjunto da indústria russa, e que soube, tomando o comboio em

marcha, preencher as lacunas devidas à incúria czarista? Depois de Fevereiro, ele passou a ser o camarada ministro do Comércio e da Indústria. Pela sua actividade revolucionária tinha sido perseguido pelo czaris-mo, e esteve três vezes preso depois da Revolução de Outubro (em 1917, 1918 e 1922), sendo, a partir de 1920, professor do Instituto de Minas e consultor do Plano do Estado. Falaremos mais pormenorizadamente sobre ele na Parte III, capítulo dez).

Paltchinski foi apontado como o principal réu do novo e grandioso processo. No entanto, o imprudente Krilenko, ao penetrar num domínio novo para ele, o da engenharia, não só desconhecia a resistência dos materiais, como também não tinha noção das possibilidades de resistência das almas, não obstante a ruidosa actividade de procurador que exercia há já dez anos. A escolha de Krilenko revelou-se errónea. Paltchinski suportou todos os meios de tratamento conhecidos pela O. G. P. U., não se entregou, e morreu sem ter assinado qualquer absurdo. Juntamente com ele foram postos à prova, e pelos vistos tão-pouco se entregaram, N. K. Vonmek e A. F. Velitchko. Se Faleceram durante as torturas ou foram

fuzilados, é coisa que por enquanto não sabemos, mas eles demonstraram que é POSSÍVEL oferecer resistência, que É POSSÍVEL manter-se firme - e assim deixaram uma ardente chama de reprovação dirigida a todos os célebres acusados posteriores.

Escondendo a sua derrota, lagoda publicou, em 24 de Maio de 1929, um conciso comunicado da O. G. P. U. sobre o fuzilamento dos três, pelos grandes prejuízos premeditadamente causados à economia, e sobre a condenação de muitos outros que não eram mencionados.6

E quanto tempo perdido para nada! Quase um ano! Quantas noites de interrogatório! Quantas fantasias dos inquiridores! E tudo em vão. Krilenko tinha de recomeçar tudo pelo princípio: procurar uma figura que fosse brilhante e forte, mas que ao mesmo tempo se mostrasse débil e completamente dúctil. Mas ele compreendia tão mal esta maldita raça de engenheiros que perdeu ainda um ano em tentativas desafortunadas. A partir do Verão de 1929, andou às voltas com Khrenokov, mas este morreu sem ter aceite representar esse vil papel. Conseguiram vergar o velho Fiodotov, mas era na verdade demasiado velho e, além disso, pertencia à indústria têxtil, um

ramo pouco vantajoso. E perdeu-se outro ano! O país aguardava o processo universal dos sabotadores da economia, aguardava-o o camarada Staline, e Krilenko não conseguia levá-lo a cabo.7 E foi só no Verão de

6 hvieztia, 24 de Maio de 1929.

7 É muito possível que este seu fracasso o tenha feito cair nas más graças do chefe e determinado a condenação simbólica do ex-procurador nessa mesma guilhotina.

1930 que alguém desencantou e propôs o director do Instituto de Técnica Térmica, Ramzin! Este foi preso e em três meses preparou-se e encenou-se magnificamente o espectáculo, que ficou a ser uma obra-prima da nossa justiça e um modelo inatingível pela justiça mundial.

b) O Processo do Partido Industrial (25 de Novembro-7 de Dezembro), sessão extraordinária do Supremo Tribunal. O próprio Vichinski, o próprio Antonov-Saratovski e o nosso favorito Krilenko.

Agora já não há «razões técnicas» que impeçam de oferecer ao leitor o estenograma completo do processo - ele aí está8 -, ou que se oponham à presença de correspondentes estrangeiros.

Ideia grandiosa: no banco dos réus, toda a indústria do país, todos os seus ramos e órgãos de planificação. (Só o olhar do construtor distingue a falha por onde desapareceram a mineração e os transportes ferroviários.) A acrescentar a isto há a parcimónia na utilização dos materiais: são acusadas apenas oito pessoas (sendo levados em conta os erros cometidos no Processo das Minas).

Hão-de exclamar os leitores: então oito pessoas podem representar toda a indústria? Para nós, até são muitas! Três das oito pertencem à indústria têxtil, ramo importantíssimo para a defesa nacional... Mas há nesse caso uma multidão de testemunhas? Sete pessoas, também sabotadoras da economia, e também presas. Pacotes? Documentos denunciadores? Planos? Projectos? Directrizes? Comunicados? Considerações? Denúncias? Notas pessoais? Nada! Isto é - NEM UM PAPELINHO! Como é que a G. P. U. cometeu tal descuido: prender tanta gente e não ter conseguido arrebanhar nenhum

papel? «Havia muitos», mas «foi tudo destruído». Razão: «onde guardar os arquivos?» No processo são apresentados unicamente vários artigos de jornais: da emigração e do interior. Mas como conduzir a acusação?!... Para isso lá está Nikolai Vassilievitch Krilenko. Na verdade, não é a sua primeira experiência. «A melhor prova de todas as circunstâncias é sempre o reconhecimento da culpabilidade pelos réus.»9

Um reconhecimento autêntico, não forçado, sincero, em que o arrependimento faz irromper do peito monólogos intermináveis, e se deseja falar, falar, denunciar, estigmatizar! O velho Fiodotov (de sessenta e seis anos) é convidado a sentar-se: o que disse já basta!, mas não, ele oferece-se para dar ainda esclarecimentos -e interpretações! Em cinco sessões seguidas, nem

Processo do Partido Industrial, Editora Legislação Soviética, Moscovo, 1931.

' Idem, pág. 453.

é necessário fazer perguntas: os réus falam, falam, explicam, e depois pedem ainda a palavra para completar o que se esqueceram de dizer, expõem de forma lógica tudo o que é imprescindível para acusá-los, sem sequer serem interrogados. Ramzin, depois de extensas explicações, para maior clareza, faz um breve resumo, como é costume para os estudantes medíocres. O que mais temem os réus é que algo fique por esclarecer, que alguém fique por desmascarar, que um apelido fique por pronunciar, que a intenção lesiva de alguém fique por denunciar. E como se descompõem a si próprios! «Eu sou um inimigo de classe», «Eu sou um corrompido», «A nossa ideologia burguesa» ... O procurador: «Esse foi o seu erro?» Tcharnovski: «E o meu delito!» Krilenko, simplesmente, nada tem que fazer, há cinco audiências que toma chá com bolachas ou o que quer que lhe vão servir.

Como é que os réus conseguem resistir a uma tal descarga emocional? Não havia gravação em magnetofones, mas eis a descrição do defensor Otsep: «As palavras dos réus fluíam diligentemente, com frieza e tranquilidade profissional.» Essa agora! Tanta paixão na confissão? E diligência? E frieza? Isso é

pouco: pelos vistos, o seu texto arrependido e fluente é murmurado com tanta frouxidão que, frequentemente, Vichinski lhes pede que falem mais alto, mais claro, pois nada se ouve.

A defesa não altera no mínimo que seja a harmonia do processo: ela está de acordo com todas as suposições do procurador, chama histórico ao seu discurso de acusação, os seus próprios argumentos são estreitos e formulados contra vontade, pois o «defensor soviético é, antes de tudo, um cidadão soviético» e «em uníssono com todo o povo trabalhador, experimenta um sentimento de indignação pelos crimes dos seus clientes».10 No interrogatório da audiência a defesa faz perguntas tímidas e simples e desiste imediatamente, logo que Vichinski a interrompe. Os advogados apenas defendem dois inofensivos acusados da indústria têxtil, e não contestam a natureza dos seus crimes nem a qualificação das suas acções, discutindo somente se não poderá o seu cliente escapar ao fuzilamento. O que será mais útil, camaradas juízes, «o seu cadáver ou o seu trabalho»?

E quais eram os crimes hediondos desses engenheiros burgueses? Ei-los. Planeavam a diminuição do ritmo

de desenvolvimento (por exemplo, o crescimento anual da produção ficaria reduzido apenas a vinte ou vinte e dois por cento, quando os trabalhadores estavam dispostos a dar quarenta a cinquenta por cento). Retardavam os ritmos de extracção de combustível local. Não desenvolviam o Kuzbass com suficiente rapidez. Utilizavam as discussões económicas teóricas (devia abastecer-se o Donbass com a central eléctrica do Dniepre, construir a superauto-estrada Mos-covo-Donbass?) para retardar a solução de importantes problemas. (Enquanto os

10 Processo do Partido Industrial, pág. 488.

engenheiros discutem, as coisas estão paralisadas!) Retinham o exame dos projectos de engenharia (não os aprovavam instantaneamente). Nos cursos sobre a resistência de materiais aplicavam uma linha anti-soviética. Instalavam máquinas antiquadas. Congelavam capitais {despendiam-nos em construções prolongadas e custosas). Realizavam reparações desnecessárias (!). Aproveitavam mal o metal (sortimento incompleto de ferro). Criavam

desproporções entre as oficinas, as matérias--primas e as possibilidades de elaboração (e isso manifestava-se especialmente no ramo têxtil onde se construíram uma ou duas fábricas a mais para o algodão colhido). Depois, deram-se saltos de planos minimalistas para maximalistas. E começou uma clara e premeditada actividade nociva, com o desenvolvimento acelerado dessa mesma infeliz indústria têxtil. E o pior é que projectavam (mas sem uma só vez as realizarem em nenhum lugar) acções de sabotagem na energética. Desse modo, o prejuízo não aparecia sob a forma de destruição ou de deterioramento: tratava-se de um plano operacional que devia conduzir à crise geral e até à paralisação da economia em 1930! Mas não conduziu a isso, graças ao elevado número de contratos de financiamento e produção proposto pelas massas (quantidades duplas!).

Ora, ora..., diz com cepticismo o nosso leitor.

Como? Para si isso é pouco? Mas se, no decurso do julgamento, repetimos cada ponto e o mastigamos cinco, oito vezes, pode ser que não resulte assim tão pouco?

Ora, ora..., insiste na sua o leitor dos anos 60. Não poderia ocorrer tudo isso, precisamente, por causa dos contraplanos financeiros para a indústria? Haverá uma desproporção,se, em qualquer reunião sindical, sem se consultar o plano do Estado, se puder duplicar à vontade as percentagens?

Ah!, como é amargo o pão do procurador! Decidiu-se que tudo seria publicado palavra por palavra! Isso significa que todos os engenheiros o lerão. Uma vez aberto o vinho, é necessário bebê-lo! E Krilenko lança-se audazmente a discutir e a fazer perguntas sobre os pormenores de engenharia! E as folhas soltas e intercaladas dos grandes jornais, enchem-se de caracteres minúsculos com subtilezas técnicas. O cálculo é que o leitor se sinta aturdido, não lhe chegando as noites nem os dias de folga para ler tudo, fixando-se apenas nos estribilhos colocados de vez em quando em alguns parágrafos: sabotadores! Sabotadores!

Mas se, de todas as formas, ele se decide a ler? Linha após linha?

Verá então, através das fastidiosas autodeclarações, elaboradas sem nenhuma inteligência nem

habilidade, que a jibóia da Lubianka se tinha incumbido de uma questão, de um trabalho que não era da sua esfera. Que do grosseiro nó levantam voo sem dificuldade as asas poderosas do pensamento do século XX. Os presos ali estão, apanhados, submissos, esmagados, mas o pensamento, esse, evola-se, e mesmo as assustadas e fatigadas 'nguas dos réus conseguem nomear e dizer-nos tudo.

Eis em que ambiente eles trabalhavam. Kalinnikov: «Entre nós tinha-se criado um clima de desconfiança técnica.» Laritchev: «Quer quiséssemos quer não, tínhamos de extrair esses quarenta e dois milhões de toneladas de nafta (isto é, de cima assim o haviam ordenado)... ora, de todos os modos, quarenta e dois milhões de toneladas de nafta são impossíveis de extrair, em quaisquer condições que seja.»" Entre estas duas impossibilidades se comprimia todo o trabalho.dessa desgraçada geração de engenheiros. O Instituto de Técnica Térmica orgulha-se dos resultados da sua principal investigação: elevou bruscamente o coeficiente de utilização do

combustível; a partir daí, no futuro plano, apresentam-se menos exigências quanto à extracção do combustível - isso SIGNIFICA QUE HOUVE SABOTAGEM, diminuindo o nível de produção do combustível! No plano dos transportes propuseram o reequipamento de todos os vagões de tracção automática — isso significa, uma vez mais, que sabotavam, que congelavam o capital! (Na verdade, a tracção automática só pode introduzir-se e amortizar-se a longo prazo e nós temos necessidade dela já para amanhã!) A fim de aproveitar melhor as linhas férreas de via simples, tinham decidido aumentar o número de locomotivas e de vagões. Não será isto uma modernização? NÃO, mera sabotagem! Com efeito, será necessário gastar dinheiro no reforço da parte superior das pontes e das vias! Após uma profunda reflexão económica sobre o facto de que na América o capital é barato e a mão--de-obra cara, enquanto entre nós sucede o contrário, razão por que não devemos copiar o que se lá faz como os macacos, Fiodotov chegou à conclusão seguinte: não é vantajoso comprar agora ceifadoras-debulhadoras americanas, que são mais caras; nos próximos dez anos ficará mais barato comprar as inglesas, embora menos aperfeiçoadas, recorrendo a um maior número

de trabalhadores. Dentro de um decénio, de qualquer maneira, será inevitável mudá-las, sejam quais forem as que tenhamos^ e então comprá-las-emos mais caras. Aí reside a sabotagem! Sob a aparência de economia o que o réu não quer é que na indústria soviética haja as máquinas mais avançadas! E quando se lançaram a construir novas fábricas de betão armado, em lugar de simples cimento, que ficaria mais barato, com a explicação de que num prazo de cem anos isso se justificava — lá estava ela ainda, a SABOTAGEM! Congelamento de capitais! Absorção de armações que escasseiam! (Guardá-las-ão, por acaso, para os dentes?)

Do banco dos réus concorda, de boa mente, Fiodotov: «É óbvio que se se puseram a contar cada kopec, então pode chamar a isso sabotagem. Os ingleses dizem: eu não sou suficientemente rico para poder comprar coisas baratas...

E ele tenta explicar docemente ao teimoso procurador: «Qualquer que seja o ponto de vista teórico, fornecem-se normas susceptíveis, no fim de contas, de serem consideradas prejudiciais.12»

11 Processo do Partido Industrial, pág. 325.

12 Idem, pág. 365.

Bom, como poderá explicar-se mais claramente o aterrorizado réu?... O que para nós é teoria, para vocês é sabotagem! Pois o que vocês querem é apanhar as coisas hoje, sem pensarem nada no amanhã...

O velho Fiodotov tenta explicar onde vão perder-se centenas de milhares e milhões de rublos, devido ao frenesim selvagem do Plano Quinquenal: o algodão não é seleccionado no lugar da colheita, para que seja enviada a cada fábrica uma determinada qualidade correspondente à sua designação, sendo tudo expedido desordenadamente, à mistura... Mas o procurador não escuta! Com a obstinação de uma pedra ele volta ao assunto dez vezes durante o processo, insiste, insiste e insiste numa questão espectacular, voltando aos dados do problema: porque é que passaram a construir «fábricas-palácios», com tectos altos, amplos corredores e demasiado boa ventilação? Acaso não se trata de uma actividade prejudicial? Não é isso imobilização

irreversível de capital!! Os sabotadores burgueses explicam-lhe que o Comissariado do Povo queria, no país do proletariado, construir para os operários edifícios com amplitude e bom ar (portanto no Comissariado do Trabalho também há sabotadores, tomem nota!), que os médicos exigiam uma caixa de ar de nove metros de altura, tendo-a Fiodotov baixado para seis - porque não para cinco? Eis a sabotagem! (Mas se a tivesse baixado para quatro e meio seria, do mesmo modo, uma insolente sabotagem: recriar para os livres operários soviéticos as horríveis condições das fábricas capitalistas.) Procuram explicar a Krilenko que, relativamente ao custo global de toda a fábrica, com as suas instalações, isso não afecta mais do que três por cento do custo; mas não, ele insiste ainda outra vez, outra vez e outra vez sobre essa questão da altura do tecto! E como se atreveram a montar tão potentes ventiladores? Era a previsão dos dias mais quentes de Verão... E porquê para os dias mais quentes? Nos dias mais quentes, que os operários tomem um belo banho de vapor!

No meio de tudo isso: «As desproporções eram preconcebidas... Uma torpe organização tinha arquitectado bem as coisas, antes do Centro dos

Engenheiros.» (Tcharnovski) u «Não são necessárias quaisquer"acções de sabotagem...»

«Basta levar a cabo as acções previstas e tudo se consumará por si mesmo.»14 Ele mesmo não pode exprimir-se mais claramente! Isso passa-se depois de vários meses de Lubianka e no banco dos réus. Bastam as acções previstas (isto é, ordenadas de CIMA pelos chefes torpes que dirigem) e o plano, por impossível, desmoronar-se-á por si próprio. Lá está ela, a sabotagem: «Nós tínhamos a possibilidade de produzir, digamos, mil toneladas, mas devíamos (em virtude desse estúpido plano) produzir três mil, e não havíamos adoptado as medidas necessárias para essa produção.»

13 Processo do Partido Industrial, pág. 204.

14 Idem, pág. 202.

Para um relatório oficial daqueles anos, revisto e depurado, concordem que não é pouco.

Krilenko abusa muitas vezes dos seus artistas até os levar a uma entoação fatigada, pelo absurdo de os

obrigar a moer e a remoer, quando já sentem vergonha pelo dramaturgo, embora tenham de continuar a desempenhar o seu papel, por um pedaço de vida.

Krilenko:

- Está de acordo? Fiodotov:

- Estou de acordo... embora, no fundo, não pense...15 Krilenko:

- Confirma-o? Fiodotov:

- Falando com propriedade... em certas passagens... parece que em geral... sim.16

Para os engenheiros (aqueles que ainda estão em liberdade, que ainda não foram presos, que têm de trabalhar animosamente depois de um processo que denigre toda a classe), não existe saída. Tudo é mau. E mau o sim e é mau o não. E mau avançar e é mau recuar. Se se apressaram, a pressa teve por fim sabotar; se não se apressaram, houve uma rutura do ritmo, com o fim também de sabotar. Se desenvolveram um ramo da indústria com prudência, houve um atraso premeditado e nocivo; se se subordinaram aos caprichos da fantasia de avançar,

a desproporção foi também prejudicial. Reparações, melhoramentos, equipamentos de. base: tudo era imobilização de capitais; o trabalho até ao desgaste do material tornava-se uma acção sabotadora! (Acrescente-se que os investigadores conhecerão tudo isto através dos réus, p'or meio da privação do sono e do calabouço - e vocês mesmos poderão fornecer-me factos convincentes de que é possível terem praticado actos de sabotagem.)

«Dê-me um exemplo claro! Dê-me um exemplo claro do seu trabalho de sapa», estimula o impaciente Krilenko.

(Dar-lhe-ão exemplos claros! Haverá alguém que acabará por escrever a história da técnica nestes anos! Ele citará todos os exemplos, bons ou maus. Ele poderá avaliar todas as convulsões históricas do vosso Plano Quinquenal a realizar em quatro anos. Saberemos então quanta riqueza e quantas energias populares foram desperdiçadas em vão. Saberemos como

*f

15 Processo do Partido Industrial, pág. 425.

16 Idem, pág. 356.

os melhores projectos foram condenados e realizados os piores, segundo os piores métodos. Mas quando são os guardas-vermelhos17 que dirigem os engenheiros das explorações de diamantes, que bom pode sair daqui? Os diletantes e entusiastas faziam ainda mais desgastes do que os chefes torpes.) Sim, não é preciso entrar em pormenores. Quanto mais pormenores se dão, menos as patifarias arrastam ao fuzilamento.

Mas, esperem, ainda não é tudo! Os crimes mais importantes ainda estão por vir! Ei-los, ei-los, acessíveis e compreensíveis mesmo a um analfabeto!!! O Partido Industrial: 1) Preparava uma intervenção estrangeira; 2) Recebia dinheiro dos imperialistas; 3) Exercia espionagem; 4) Tinha distribuído as pastas do futuro Governo.

Aí está! E todas as bocas se fecharam. E todos os objectores franziram as sobrancelhas. E só se ouvia o patear das manifestações e um brado atrás da janela: «À MORTE! À MORTE! À MORTE!»

Mas não é possível dar mais pormenores? E para quê?... Enfim, está bem, só que será ainda mais terrível. Todos eram dirigidos pelo quartel--general francês. A França (não é) não tinha mais com que se preocupar, nem dificuldades, nem lutas de partidos. Bastava apitar e todas as divisões se poriam em marcha para a intervenção! Primeiro, haviam-na marcado para 1928. Mas não chegaram a pôr-se de acordo, houve falta de coordenação. Bom, transferiram-na para 1930. De novo não se chegou a acordo. Fica então para 1931. Propriamente falando, as coisas passar-se-iam assim: a França não combateria ela mesma, reservando para si (como preço da organização geral) uma parte da Ucrânia. A Inglaterra, ainda muito menos combateria, mas como medida de atemorização promete enviar uma esquadra para o mar Negro e para o Báltico (por isso se lhe dariam o petróleo do Cáucaso). Os principais combatentes seria.m, pois, cem mil emigrantes (eles há muito que debandaram, e se separaram, mas bastava uma apitadela para imediatamente se reunirem). Depois, havia a Polónia (a ela davam--lhe metade da Ucrânia). A Roménia (são conhecidos os seus brilhantes êxitos na Primeira Guerra Mundial, sendo um inimigo terrível). A Letónia! E a Estónia!

(Estes dois pequenos países abandonariam gostosamente as preocupações dos seus jovens regimes e todos em massa se lançariam nas conquistas.) Mas o mais terrível de tudo é a direcção do golpe principal. Como, ela é já conhecida? Sim! Partirá da Bessarábia e, mais adiante, apoiando-se na margem direita do Dniepre, avançará directamente sobre Moscovo! 8 E, nesse momento fatal, em todas as vias férreas...18

O autor utiliza no texto a expressão chinesa. (N. dos T.)

Essa flecha, quem é que a desenhou para Krilenko no maço de cigarros? Não seria Jquele que meditou toda a nossa defesa para o ano de 1941?...

330

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

Haverá explosões? Não, provocar-se-ão engarrafamentos! Nas centrais eléctricas, o Partido Industrial provocará também curto-circuitos, deixando a União Soviética mergulhada nas trevas, e todas as máquinas ficarão paralisadas, entre elas as têxteis! Serão desencadeados actos diversionistas. (Atenção, acusados, até à sessão à porta fechada não

devem dizer quais seriam os actos de sabotagem! Nem mencionar as fábricas! Nem indicar quais os pontos geográficos! Nem mencionar os apelidos, quer sejam de estrangeiros, quer dos nossos!) Acrescentem a isto o golpe mortal que será dado à indústria têxtil! Paralelamente, duas outras unidades têxteis serão construídas na Bielorrússia, para servir de base de apoio aos intervencionistas!'19 Dominando as fábricas têxteis, estes arremeterão inexoravelmente sobre Moscovo! Mas eis o complot mais pérfido: eles queriam (não tiveram tempo) drenar a corrente do Kuban, os pântanos de Polessie e o pântano próximo do lago Ilhmen. Vichinski proíbe que se mencionem os lugares exactos, mas uma das testemunhas bateu com a língua nos dentes, abrindo-se então aos intervencionistas os caminhos mais curtos de modo a alcançar Moscovo sem molhar os pés nem os cascos dos cavalos (porque é que aos tártaros isso tinha sido tão difícil? Porque é que Napoleão foi incapaz de atingir Moscovo? Evidentemente, devido aos pântanos de Polessie e do Ilhmen. Mas desta vez ficará a descoberto a cidade das pedras brancas!) Acrescente-se ainda que, sob a aparência de fábricas de serração, se construíram (não se pode mencionar o lugar, é segredo) hangares para que os aviões dos

intervencionistas não ficassem à chuva. Também construíram (proibido dizer onde) dependências para os intervencionistas! (Onde se alojariam todos os ocupantes sem domicílio das guerras anteriores?...) As instruções para tudo isso recebiam-nas os réus de misteriosos indivíduos estrangeiros, K. e R. (não mencionar em nenhum caso os nomes e, enfim, abster-se de indicar a sua nacionalidade).20 Ultimamente tinha-se começado a «preparar acções de traição por parte de certas unidades do Exército Vermelho» (não nomear a arma!, não nomear as unidades!, não nomear os apelidos!). É certo que nada disso realizaram, mas tinham a intenção de agrupar (embora tão-pouco o fizessem), numa instituição central do exército, uma célula de financiadores, constituída por antigos oficiais do Exército Branco. (Ah!, o Exército Branco? Tomem nota, ordem de prisão!) Células de estudantes de espírito anti-soviético... (Estudantes? Tomem nota, ordem de prisão!)

(No entanto, nem tudo o que verga quebra. Que os trabalhadores não

19 Processo do Partido Industrial, pág. 356. (Não troçavam, pilheriavam.)

20 Idem, pág. 409.

esmoreçam, pensando que tudo agora está perdido, que o poder soviético se descuidou. Por outro lado, esclareceu-se: o projecto era vasto, mas quase nada fizeram, só uma indústria essencial tinha sofrido perdas!)

De todas as formas, porque é que não se realizou a intervenção? Por causas diversas e complexas. Ora não fora eleito Poincaré em França, ora os nossos industriais emigrados consideram que as suas antigas empresas ainda não tinham sido suficientemente reconstruídas pelos bolcheviques - deixem que os bolcheviques trabalhem ainda um pouco! E depois não havia maneira de pôr de acordo a Polónia e a Roménia.

Bem, não tinha havido intervenção, mas houvera um Partido Industrial! Ouvem o patear da multidão? Ouvem o descontentamento das massas trabalhadoras: «À MORTE! À MORTE! À MORTE!» Vejam como desfilam «aqueles que em caso de guerra terão de expiar com as suas vidas, as suas privações

e os seus sofrimentos, o trabalho dessas personagens».21 (E parece que adivinhou: foi precisamente com as suas vidas, e as suas privações, e os seus sofrimentos, que em 1941 essas crédulas massas de manifestantes expiaram o trabalho DESSAS PERSONAGENS! Mas para onde aponta o seu dedo, procurador? Quem aponta com o seu dedo?)

Na realidade porquê o Partido Industrial? Porquê um partido e não um Centro de Técnicos e de Engenheiros? Tínhamo-nos acostumado a falar de Centro!

Havia também um Centro, sim. Mas decidiram convertê-lo em partido. Era algo de mais sólido. Assim seria mais fácil lutar pelas pastas no futuro Governo. Isso «mobilizaria as massas de técnicos e de estrangeiros para a luta pelo Poder». E contra quem lutar? Pois, contra os outros partidos! Em primeiro lugar, contra o Partido Camponês do Trabalho, pois este tinha já duzentos mil homens! Em segundo lugar, contra o Partido Menchevique! Mas então o Centro? Aí está: os três partidos juntos deviam construir um centro unificado. Mas a G. P. U.

desmanteLou-o. E ainda bem que fomos desmantelados! (Os réus estão todos satisfeitos.)

É lisonjeiro para Staline esmagar três partidos! Três «centros» teriam acrescentado muito à sua glória!

Já que existe um partido, há pois um Comité Central: sim, o Comité Central deles! É verdade que não houve nunca uma conferência, que nem uma só vez se realizaram eleições. Quem quis, entrou: umas cinco pessoas. Todos os membros se tratavam com deferência. E o lugar de presidente todos o cediam reciprocamente. Tão-pouco se efectuaram sessões, quer do Comité Central (ninguém se lembra delas, mas Ramzin recorda-se bem, e haverá de mencioná-las), quer dos grupos ramificados. Era tudo até um tanto ou quanto despovoado... Tcharnovski: «Não houve uma organização formalmente constituída do Partido Industrial.» E quantos membros

21 Processo do Partido Industrial, do discurso de Krilenko, pág. 437.

tinha? Laritchev: «O cálculo dos membros é difícil, o total exacto é desconhecido.» E como realizavam as suas acções de sabotagem? Como transmitiam as suas directrizes? Pois bem, à medida que se encontravam nas administrações transmitiam-nas verbalmente. Depois, cada um fazia a sabotagem conforme entendia. (Ramzin, quanto a ele, cita com segurança dois mil membros. Onde houver dois, prendem cinco. Ora, em toda a U. R. S. S., segundo os dados do tribunal, há de trinta a quarenta mil engenheiros. Isso significa que de cada sete deterão um e os seis restantes ficarão assustados.) E os contactos com o Partido Camponês do Trabalho? Encontravam-se no Plano do Estado ou no Conselho da Economia Nacional de toda a União e «planificavam acções sistemáticas contra os comunistas dos campos» ...

Onde já vimos isto? Ah! Sim! Na Aida. Radamés recebe despedidas quando parte em campanha, ao som das fanfarras, acompanhado por oito combatentes em pé de guerra, com capacetes e lanças, enquanto dois mil estão desenhados num painel de fundo.

O mesmo se passava com o Partido Industrial.

Mas não importa, isso serve, pode representar-se! (Agora mal se pode acreditar como tudo tomava então aquele aspecto ameaçador e sério.) É algo que se aprende de memória, à força de repetições. Cada episódio é retomado várias vezes e assim multiplicam as horríficas visões. Para quebrar a monotonia, de repente os réus «esquecem-se» de insignificâncias, tentam «esquivar-se», e imediatamente «são encostados à parede com depoimentos cruzados» e as coisas resultam animadas, como no Teatro de Arte de Moscovo.

Todavia, Krilenko exagerou. Teve a ideia de destacar um novo aspecto do Partido Industrial: de mostrar a sua base social. Aqui estava-se já no terreno da luta de classes, a análise não o deixaria ficar mal, e Krilenko afastou-se do «sistema» de Stanislavski22, não distribuiu os papéis, deixando os actores improvisar: que cada um relatasse a sua vida e qual a sua atitude desde a Revolução, mostrando como chegou até à sabotagem.

Este acrescento irreflectido de um quadro humano estragou, dum momento para o outro, todos os cinco actos.

A primeira coisa que ficamos a saber, surpreendentemente, é que estes tubarões da intelectualidade burguesa são todos, os oito, originários de famílias pobres. Um filho de um camponês, um filho de um escriturário com muitos filhos, um filho de um professor primário, um filho de um ferro-velho... Todos os oito tinham estudado com pouco dinheiro, trabalhando eles mesmos para custear os seus estudos. E a partir de que idade? A partir dos doze, treze, catorze anos! Um dando lições, outro trabalhando

-2 Célebre encenador soviético, director do Teatro de Arte de Moscovo, cujo «sistema» se baseava, entre outros aspectos, numa longa série de ensaios repetitivos. (N. dos T.j

numa locomotiva... E eis o mais monstruoso: ninguém havia conseguido barrar-lhes o caminho para a instrução! Todos tinham terminado normalmente o ensino secundário e depois as escolas técnicas superiores, passando a ser professores de nomeada. (Como é isso possível? A nós tinham-nos

dito que nos tempos do czarismo... só os filhos dos grandes fazendeiros e dos capitalistas... Os armários poderão mentir?...)

Enquanto agora, no tempo soviético, os engenheiros conheciam inúmeras dificuldades: quase lhes era impossível dar instrução superior aos seus filhos (lembremo-nos que eram filhos de intelectuais, isto é, da última qualidade). O tribunal não discute. E Krilenko também não. (Os próprios acusados apressam-se a concordar que, naturalmente, no quadro geral das vitórias comuns, isso não era importante.)

Começamos, pouco a pouco, a poder distinguir também os réus (até aí tinham falado de forma deveras parecida). A diferença de idade que os separa é uma característica a considerar. Alguns contam perto de sessenta anos ou mais: as explicações destes suscitam simpatia. Mas Ramzin e Larit-chev, de quarenta e três anos, e Otchkin, de,trinta e nove (o mesmo que em 1921 denunciou a Administração Central de Combustíveis), são vivos e imprudentes. Todas as principais provas contra o Partido Industrial e contra a intervenção emanam deles. Ramzin tinha-se mostrado de tal forma vaidoso (quando dos seus

precoces e desmedidos êxitos) que nos meios da engenharia ninguém lhe apertava a mão! Mas ele aguentou! E, no julgamento, percebe as alusões de Krilenko por meias palavras e dá-lhe formulações precisas. Todas as acusações se baseiam na memória de Ramzin. E tal o seu autodomínio e a sua persistência que, efectivamente, ele poderia (por instruções da G.P.U., compreende-se) levar a cabo conversações em Paris sobre a intervenção. O caminho de Otchkin também havia conhecido o sucesso: aos vinte e nove anos já «tinha gozado da ilimitada confiança do Conselho do Trabalho e da Defesa do Conselho dos Comissários do Povo.

O mesmo não se pode dizer do professor Tcharnovski, de sessenta e dois anos de idade: estudantes anónimos tinham-no injuriado num jornal mural e, depois de vinte e três anos de ensino, convidaram-no a comparecer numa reunião estudantil «para prestar contas do seu trabalho» (não compareceu).

O professor Kalinnikov, em 1921, encabeçou uma luta aberta contra o poder soviético! Mais precisamente, uma greve de professores! O caso era que a Escola Superior de Estudos Técnicos de Moscovo, ainda nos anos da reacção de Stolipin,

tinha conquistado para si a autonomia académica (a escolha do corpo docente, a eleição do reitor, etc). Ora, em 1921, os professores da Escola Técnica Superior de Moscovo reelegeram Kalinnikov como reitor, por um novo período, mas isso não agradou ao Comissariado do Povo, que nomeou o seu. Entretanto, os professores puseram-se em greve, apoiados pelos estudantes (ainda não havia verdadeiros estudantes proletários), e durante todo um ano Kalinnikov foi reitor contra a vontade do

poder soviético. (Só em 1922 acabou por ceder e perdeu a sua autonomia, o que não se passou, por certo, sem detenções.)

Fiodotov tinha sessenta e seis anos; pelo tempo que já trabalhara como engenheiro de fábricas era onze anos mais velho do que o Partido Operário Social-Democrata Russo e prestara serviço em todas as fábricas de tecidos e de fiação da Rússia (que odiosas eram estas pessoas, e como desejavam ver-se livres delas quanto antes!) Em 1905, demitiu-se do lugar de director da fábrica de Morozov, prescindindo de um

elevado salário e preferindo incorporar-se nos «funerais vermelhos», atrás do féretro dos operários mortos pelos cossacos. Agora é um homem doente, vê mal de noite, não pode sair de casa, nem sequer ir ao teatro.

E eram eles que preparavam a intervenção? A ruína económica? Tcharnovski, durante anos consecutivos, não teve uma noite livre, tão ocupado andava com o ensino e com o lançamento das novas ciências (organização da produção, princípios científicos da racionalização do trabalho). A minha memória de infância guarda essa lembrança dos engenheiros-professores daqueles anos. Era exactamente assim: não os deixavam tranquilos, nem durante a noite, os estudantes que preparavam o seu diploma, que elaboravam projectos, que redigiam teses. Regressavam ao seio da família só lá pelas onze. É que eram apenas trinta mil em todo o país, .na época do início do Plano Quinquenal, e tornavam-se tão necessários!

E seriam eles que organizavam a crise? Que faziam espionagem por uma esmola?

Ramzin disse uma frase honrada no tribunal: «O caminho da sabotagem económica é estranho à estrutura interna do corpo de engenheiros.»

Durante todo o julgamento Krilenko obriga os réus a vergar a espinha e a desculparem-se por serem «meio analfabetos», ou mesmo «completamente analfabetos» em política. Na verdade, a política é muito mais complicada e elevada do que o conhecimento dos metais para produção de turbinas! Aqui não é a cabeça nem a instrução que contam. Respondam: com que estado de ânimo acolheram a Revolução de Outubro! Com cepticismo. Isto é, com hostilidade? Porquê? Porquê?

Krilenko metralha-os com as suas perguntas teóricas, e eis que através de simples lapsos humanos, à margem do papel previsto, se nos abre o núcleo da verdade, aquilo que SE PASSOU NA REALIDADE, e a partir do qual se fez inchar toda a borbulha.

A primeira coisa que os engenheiros verificaram na reviravolta de Outubro foi a desorganização.. (E durante três anos o que houve, efectivamente, foi só desorganização.) Todos verificaram, além disso, a privação das liberdades mais elementares. (E estas

liberdades não voltaram jamais.) Como podiam eles NÃO QUERER uma república democrática? Como podiam os engenheiros aceitar a ditadura dos operários, dos seus auxiliares na indústria, pouco qualificados, que não compreendiam as leis da produção, nem física nem economicamente, o que tinham ocupado os postos de

comando mais importantes pondo-se a dirigir os engenheiros? Porque é que estes não deviam considerar como mais natural uma estrutura social em que as decisões fossem tomadas por aqueles que podiam dirigir sensatamente a sua actividade? (Se se põe entre parêntesis a orientação ética da sociedade — acaso não é para isto que hoje tende toda a cibernética social? -, os políticos profissionais não representam, acaso, um abcesso no pescoço da sociedade, que a impede de fazer girar livremente a cabeça e de mexer os braços?) E porque é que os engenheiros não podem ter pontos de vista políticos? Na verdade, a política não é uma espécie de ciência, mas sim uma esfera empírica, não descrita por

qualquer aparelho matemático e submetida ainda ao egoísmo humano e às paixões cegas. (No tribunal, Tcharnovski foi ao ponto de dizer: «A política, até certo grau, deve dirigir--se segundo os princípios da técnica.»

A pressão selvagem do comunismo de guerra podia causar apenas desgosto aos engenheiros. Um engenheiro não pode participar em disparates - e isso explica que, até 1920, a maioria deles se mantivesse inactiva, apesar de uma miséria digna da idade das cavernas. Quando se iniciou a Nova Economia Política, logo os engenheiros gostosamente se lançaram ao trabalho: eles encararam a N. E. P. como um sintoma de que o Poder passava a tomar uma atitude razoável. Mas as condições já não eram as mesmas: os engenheiros, não só eram vistos como uma camada socialmente suspeita, que não tinha sequer o direito de instruir os seus filhos, não só eram pagos com um salário incomensuravelmente mais baixo do que a sua contribuição para a produção, como também se exigia deles que assegurassem o sucesso e a disciplina da mesma, privando-os, ao mesmo tempo, do direito de manter essa disciplina. Agora, qualquer operário pode não

apenas deixar de cumprir as decisões do engenheiro, como também ofendê-lo e até espancá-lo impunemente: como representante da classe operária dirigente, ele terá, de qualquer modo, SEMPRE RAZÃO.

Krilenko objecta:

- Lembra-se do processo de Oldenborguer? Ou seja, de como nós o defendemos.)

Fiodotov:

- Sim. Para chamar a atenção sobre a situação dos engenheiros foi preciso que ele desse a vida.

Krilenko (decepcionado):

- Bem, a pergunta não era essa. Fiodotov:

- Morreu e não foi o único a morrer. Se ele morreu voluntariamente, muitos outros foram mortos.2*

Processo do Partido Industrial, pág. 228.

336

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

Krilenko cala-se. Isso significa que é verdade. (Folheiem uma vez mais o processo de Oldenborguer e

tentem imaginar essa perseguição. No fim de contas, «muitos outros foram mortos».)

Assim, o engenheiro era culpado de tudo, antes mesmo de ter cometido qualquer falta! Mas se realmente se enganasse nalguma coisa, o que é humano, então esquartejavam-no, se os colegas não o protegessem. Acaso eles apreciam a sinceridade? Não será por isso que, por vezes, os engenheiros se vêem obrigados a mentir perante a direcção do Partido?

Para restabelecer a autoridade e o prestígio da engenharia, eles necessitavam realmente de se unir e de se guardar mutuamente: com efeito, todos estão sujeitos à mesma ameaça. Mas para tal união não era precisa nenhuma conferência, nenhuma quotização. Como se trata sempre de estabelecer compreensão entre pessoas inteligentes, que pensam claramente, isso consegue-se com poucas palavras, calmas e mesmo pronunciadas casualmente, sem ser imprescindível votação alguma. Das resoluções e do bordão do Partido, unicamente sentem falta as mentes limitadas. (É isto que nem Stali-ne nem os juízes, nem toda a sua companhia querem compreender! Eles não têm experiência dessas relações recíprocas entre os homens, nunca viram

disso na história do Partido!) Uma tal unidade há muito tempo já que existe entre os engenheiros russos, neste grande país de déspotas analfabetos, unidade vivida década após década. Ela foi notada pelo novo poder e este alarmou-se.

E chegamos a 1927. Para onde se evaporou a bela sensatez da Nova Economia Política? Verificou-se que a N. E. P. tinha sido apenas um engano cínico. Elaboraram-se projectos desatinados e irreais de um salto super-rindustrial, anunciaram-se planos e tarefas impossíveis. Nestas condições, como devia proceder a razão colectiva da engenharia - a cabeça da engenharia do Plano do Estado e do Conselho da Economia Popular? Submeter-se à demência? Pôr-se de lado? Quanto a si mesmos, pouco lhes importava: no papel podiam escrever-se quaisquer cifras, mas «os nossos camaradas, os que trabalham na prática, não poderão, de maneira alguma, cumprir essas tarefas». Isso significa que era preciso moderar esses planos, regulá-los sensatamente e eliminar pura e simplesmente as tarefas mais excessivas. Os engenheiros podiam ter uma espécie de Plano do Estado próprio, para corrigir as tomarias dos dirigentes - e o mais ridículo é que isso era no

interesse destes! Assim como no interesse de toda a indústria e do povo, pois sempre se conseguiria afastar algumas decisões ruinosas e recuperar os milhões e milhões derramados e espalhados. Na confusão geral, em que conta apenas a quantidade, o plano e o superplano, há que defender a «qualidade — alma da técnica». E formar assim os estudantes.

Eis o fino e delicado tecido da verdade. Como ela foi.

Mas que se experimentasse dizer isto em voz alta, em 1930! Era logo o fuzilamento!

E para furor da multidão isso era pouco, não era visível.

E, assim, o complot silencioso da engenharia, salvador para todo o país, era necessário ser pintalgado sob as cores grosseiras da sabotagem e da intervenção.

Assim, enxertada neste quadro; aparece-nos irreal e infecunda a visão da verdade. Lá se estragou o trabalho do encenador. Fiodotov tinha já falado das noites sem sono (!), no decurso de oito meses de

detenção, e de certo funcionário da G. P. U., que lhe apertara a mão (?) havia pouco tempo (seria uma espécie de acordo: desempenhe bem o seu papel e a G. P. U. cumprirá a sua promessa?). Agora são já as testemunhas, ainda que representando um papel incomensuravelmente menor, que começam a contorcer-se.

Krilenko:

— Você faz parte desse grupo? Testemunha Kirpotenko:

— Duas ou três vezes, quando se tratava dos problemas da intervenção. Precisamente o que era necessário! Krilenko (alentadoramente):

— Continue! Kirpotenko (pausa):

— Além disso, nada mais sei. Krilenko incita-o, fá-lo recordar. Kirpotenko (torpemente):

— Além da intervenção, de nada mais tenho conhecimento.,24

Na sua acareação com Kuprianov, os factos já não coincidem. Krilenko zanga-se e grita para os estúpidos presos:

— Têm de fazer com que as vossas respostas sejam iguais!2*

Mas, no entreacto, atrás dos bastidores, tudo é de novo ajustado por medida. Os réus estão todos de novo ligados aos fios e cada um aguarda o puxão. Krilenko puxa de repente os oito duma só vez: imaginem que os industriais emigrados publicaram um artigo afirmando que não tiveram conversações algumas com Ramzin e Laritchev, nem os conhecem de nenhum «Partido Industrial», e que os depoimentos dos acusados devem, provavelmente, ter-lhes sido extorquidos à força de torturas. Então, que dizem vocês a isto?...

Meu Deus! Como os réus manifestaram indignação! Alterando a ordem normal do processo, eles pedem que quanto antes os deixem exprimir-se! Onde se desvaneceu aquela tranquilidade torturada com a qual, durante vários dias, se rebaixaram a si mesmos e aos seus colegas?

Fervem simplesmente em indignação contra os emigrados. Ardem no desejo de fazer uma declaração escrita para os jornais: uma declaração colectiva dos acusados em defesa dos métodos da G. P. U.! (Não

acham que é uma beleza, algo de brilhante?) Ramzin: «Que nós não temos sido submeti-

24 Processo do Partido Industrial, pág. 354.

25 Idem, pag. 358.

dos a torturas, nem a maus tratos - prova-o suficientemente a nossa presença aqui!» (De facto, para que serviriam as torturas, se não os pudessem levar ao tribunal!) Fiodotov: «Não é só para mim que a prisão tem vantagens. Eu até me sinto melhor na cadeia do que em liberdade.» Otchkin: «E eu, e eu também me sinto muito melhor!»

Mas, por nobreza de alma, Krilenko e Vichinski renunciam a essa carta colectiva. Os réus, no entanto, tê-la-iam escrito! E tê-la-iam assinado!

Mas talvez ainda lhe restem algumas dúvidas? Assim, o camarada Krilenko consagra-lhes o brilho da sua lógica: «Se admitirmos, por um segundo que seja, que estas pessoas não dizem a verdade, então porque é que foram presas e porque é que subitamente elas começaram a falar?»26

E essa a força do pensamento! Em milhares de anos, os acusadores não se aperceberam disso: o próprio facto da detenção revela já culpabilidade! Se os réus não são culpados, para quê então prendê-los? Uma vez que foram presos, isso significa que são culpados!

E realmente: PORQUE É QUE ELES COMEÇARAM A FALAR?

Deixemos de lado a questão das torturas!... Ponhamos o problema psicologicamente: porque é que eles confessam? E eu pergunto: E que mais podiam eles fazer?21

Que justeza! Que psicologia! Quem foi alguma vez recluso desta instituição que se recorde: que mais podiam fazer?...

Ivanov-Razumnik conta28 que em 1938 esteve preso com Krilenko na mesma cela, em Butirki, e que o lugar que a este era destinado ficava debaixo das tarimbas. Imagina-o perfeitamente como se o estivesse a ver (eu mesmo tive de rastejar): ali as tarimbas são tão baixas que só de rojo se pode deslizar pelo chão sujo e asfaltado, mas um novato não aprende a fazê-lo imediatamente e anda de gatas. Ele mete a cabeça, mas o traseiro, arqueado, fica de

fora, à mostra. Calculo que seria especialmente difícil ao procurador supremo acostumar-se e que o seu traseiro, ainda por adelgaçar, devia sobressair bastante, para glória da justiça soviética. Pecador como sou, é com maligna alegria que visualizo esse comprimido traseiro, e enquanto faço o longo relato destes processos isso, em certa medida, acalma-me.

«Não falando já», continua o procurador, «que, se isso for verdade (as torturas), não se compreende o que é que obriga todos à uma, sem quaisquer abstenções nem desacordos, a reconhecê-lo em coro... Sim, onde podem eles realizar essa conspiração gigantesca? Pois se não têm convivência entre si, durante o tempo da instauração do processo!?!»

26 Processo do Partido Industrial, pág. 452.

27 Idem, pág. 454.

28 Ivanov-Razumnik, Prisões e Deportações, Editora Tchekhov.

(Umas quantas páginas mais adiante, uma testemunha que ficou viva contar-nos-á onde...)

Agora não sou eu que vou explicar ao leitor, mas é o leitor que vai explicar-me, em que consiste o tão apregoado «mistério dos processos de Moscovo dos anos 30» (primeiro, causou espanto o do Partido Industrial, depois o mistério passou para os processos dos chefes do Partido).

Porque, enfim, não houve dois mil duplicados, nem foram apresentados trezentos nem duzentos ao tribunal, mas apenas oito pessoas. Um coro de oito não é assim tão difícil de dirigir. E Krilenko podia escolhê-los entre milhares, e fê-lo durante dois anos. Paltchinski não se deixou dobrar - foi fuzilado (e postumamente declarado «dirigente do Partido Industrial», segundo rezam os depoimentos, embora deles não tenha ficado sequer uma palavrinha). Depois, esperavam extrair o que precisavam de Khrennikov. Este não cedeu. Por isso publicaram uma nota em pequenos caracteres, uma só vez: «Khrennikov morreu durante a instauração do processo.» Para os idiotas, eles escreveram isso em minúsculas, mas nós, que sabemos, escrevemo-lo em letras maiúsculas e grandes caracteres: TORTURADO DURANTE OS INTERROGATÓRIOS! (Foi também declarado, a título póstumo, dirigente do Partido

Industrial. Terá havido ao menos um leve feito seu, ao menos uma prova nesse coro geral? Não, nem a mínima. Porque ELE NÃO DEU NEM UMA SÓ!) E, de repente, eis um achado: Ramzin! Este tem energia! Este tem garra! E, para viver, está disposto a tudo! Que talento! Foi preso em fins do Verão, mesmo antes do início do processo — mas não só entrou no seu papel, como até parecia que ele mesmo havia composto toda a peça, que abrangia todas as matérias com ela relacionadas e restituía tudo já trabalhado, qualquer apelido, qualquer facto que fosse. Tinha, por vezes, o displicente refinamento de um artista emérito: «A actividade do Partido Industrial era tão ramificada que, mesmo após o décimo primeiro dia do julgamento, não se pudera ainda descobrir por completo, com pormenores» (isto é, procurem!, procurem ainda!). «Eu estou firmemente convencido de que subsiste ainda uma pequena camada intermédia anti-soviética nos círculos de engenheiros.» (Bich-bich, apanhem-na!) E ele era capaz de tudo: sabia o que é um mistério, que o mistério há que explicá-lo artisticamente. Insensível como um madeiro, encontrou de repente em si «os traços típicos do crime russo, que exige para a purificação o arrependimento de todo o povo».29

Em suma, toda a dificuldade de Krilenko e da G.P.U. consistia em não

Ramzin foi desmerecidamente omitido pela memória russa. Eu penso que ele mereinteiramente converter-se no tipo negativo do traidor cínico e deslumbrante. O fogo-de-fgala da traição! Não era ele que representava essa época, mas aparecia no primeiro plano.

se enganar na escolha das pessoas. Mas o risco não era grande: um erro de investigação pode ser sempre atirado para a cova. E aqueles que são passados à peneira e ao crivo, esses há que curá-los, alimentá-los e apresentá-los ao julgamento!

Então onde reside o mistério? Na maneira de manipulá-los? Nada mais simples: vocês desejam viver? (Aquele que não quer viver para si mesmo, quer viver para os seus filhos, para os seus netos.) Não compreendem que fuzilá-los sem sair do pátio da G.P.U., não custa absolutamente nada? (Indubitavelmente que é assim. Àquele que não compreendeu isso, a esse, dar-lhe-emos um curso de

morte lenta na Lubianka.) Assim, tanto para nós como para vocês, o melhor é que representem um certo espectáculo, um texto que vocês mesmos escreverão, como especialistas, e que nós, procuradores, aprenderemos, tentando recordar os termos técnicos. (No processo, Krilenko confunde, por vezes, um eixo de vagão com o lugar de um eixo de locomotiva.) Para vocês será desagradável, vergonhoso, dar à língua, mas é necessário aguentar! Viver é mais precioso! E que garantia temos de que depois não seremos fuzilados? Porque é que nos vingaríamos de vocês? Vocês são uns magníficos especialistas e, se não cometerem falta alguma, nós saberemos apreciá-los. Vejam quantos processos houve de sabotadores: todos os que se portaram decentemente, deixámo-los vivos. (Perdoar aos réus dóceis de um julgamento anterior, é uma condição importante para um futuro processo. É assim que, de elo em elo, esta esperança se vai transmitindo até aos próprios Zinoviev e Kameniev.) Mas atenção! Há que cumprir todas as nossas condições até ao fim! O julgamento deve efectuar-se para bem da sociedade Socialista!

E os réus cumprem todas as condições...

A subtileza da oposição intelectual dos engenheiros assume, na sua boca, o aspecto de uma sórdida sabotagem premeditada, acessível à compreensão do último «liquidador do analfabetismo». (Mas não se fala ainda de vidro moído, polvilhado nos pratos dos trabalhadores! Isso ainda não chegou a ser congeminado pela temperatura.)

Depois, vinha a motivação ideológica. Se eles se puseram a causar prejuízos foi por hostilidade de ideias. Mas não o reconhecem agora unanimemente? É ainda por razões ideológicas. Foram subjugados pelo espectáculo ardente dos altos-fornos do terceiro ano do Plano Quinquenal! Nas suas últimas declarações eles desejam e solicitam para si a vida, mas não é isso o principal para eles. (Fiodotov: «Não há perdão para nós! O acusador tem razão!») Para estes estranhos réus, agora, no limiar da morte, o mais importante é convencer o povo e o mundo inteiro da infalibilidade e da clarividência do Governo soviético. Ramzin, por exemplo, glorifica «a consciência revolucionária das massas proletárias e dos seus chefes», os quais «souberam encontrar caminhos para a política económica incomensuravelmente mais justos» do que os aos

cientistas e calcularam muito mais certeiramente os ritmos de desenvolvimento da economia nacional. Agora «eu

compreendi que é necessário dar uma arrancada, dar um salto30, que é preciso tomar de assalto...», etc... Laritchev: «A União Soviética não será vencida pelo mundo capitalista moribundo.» Kalinnikov: «A ditadura do proletariado é umanecessidade inevitável. Os interesses do povo e os interesses do poder soviético convergem para um objectivo firmemente determinado.» E, quanto ao campo, «é justa a linha geral do Partido, o aniquilamento dos kulaks». Eles têm tempo de maldizer de tudo, à espera da execução... E até pela garganta dos intelectuais arrependidos passam profecias como esta: «Com o desenvolvimento da sociedade, a vida individual ir-se-á estreitando... A vontade colectiva é a forma superior.»31

Assim, com os esforços de inculpação dos oito, foram alcançados todos os objectivos do processo:

1. Todas as deficiências que existem no país, a fome, o frio, a falta de roupas, a desorganização e mais rematadas tonterias - tudo isso foi atribuído aos engenheiros-sabotadores;

2. O povo ficou assustado com a iminente intervenção e disposto a novos sacrifícios;

3. Os círculos de esquerda no Ocidente ficaram advertidos quanto às maquinações dos seus governos;

4. A solidariedade dos engenheiros foi abalada, toda a intelectualidade assustada e dividida. E, para que não restassem dúvidas de que era este o objectivo do processo, uma vez mais ele foi proclamado com clareza por Ramzin:

«Eu queria que, como resultado do actual processo do Partido Industrial, sobre o sombrio e vergonhoso passado de toda a intelectualidade... fosse traçada uma cruz para sempre.» 32 No mesmo sentido se manifesta Laritchev: «Essa casta deve ser destruída... Não há nem pode haver lealdade nos meios da engenharia!» 33 E Otchkin: «A intelectualidade é algo de pantanoso; ela não tem, como disse o acusador, coluna vertebral, carece absolutamente de

vertebralidade... É ihcomensuravelmente mais elevado o olfacto do proletariado.»34

Porquê, pois, fuzilar gente de tão boa vontade?...

Foi isso o que se escreveu durante décadas da história da nossa

3" Processo do Partido Industrial, pág. 504. Eis como se falava ENTRE NÓS em 1930, quando Mao era ainda jovem. " Idem, pág. 510. 32 Idem, pág. 49. '" Idem, pág. 508.

Idem, pág. 509. No proletariado, o olfacto é o essencial por uma razão desconhecida ■•• Tudo vem através do nariz.

inteligência - desde o anátema do ano 20 (o leitor recorda-se: «Não é o cérebro da nação, mas a merda da nação, a aliada dos generais negros, um agente a soldo do imperialismo.») até ao anátema do ano 30.

É acaso de maravilhar que a palavra inteligência se tenha afirmado, entre nós, como um insulto?

Eis como são montados os processos judiciais públicos. O pensamento inquiridor estalinista alcançou, finalmente, o seu ideal. (Ora, ora... ele causa inveja aos desastrados Hitler e Goebbels, que se cobriram de vergonha com o seu incêndio do Reichtag...)

Foi conseguido o standard e agora pode manter-se por muitos anos e repetir-se pelo menos cada temporada — como dirá o Principal Encenador. O desejo desse Principal é o de designar o espectáculo seguinte, para dentro de três meses. Os prazos para os ensaios são muito apertados, mas não importa. Veja e escute! Em exclusividade do nosso teatro! Estreia!

c) Processo do Bureau Unido dos Mencbeviques (1-9 de Março de 1931). Sessão extraordinária do Supremo Tribunal. Presidente, não se sabe porquê, Chvernik. E, em seguida, todos nos seus lugares, Antonov-Saratovski, Krilenko e o seu ajudante Roguinski. A encenação está segura de si (o material já não é técnico, mas partidário, como á habitual) e põe em palco catorze réus.

Tudo decorre não só suavemente, mas com uma suavidade enervante.

Eu tinha então doze anos, e havia já três que lia atentamente toda a política do grande lzvieztia. Segui linha após linha os estenogramas destes dois julgamentos. Já no do Partido Industrial o meu coração infantil pressentia perfeitamente a irrealidade, a mentira, as manigâncias, mas aí havia, ao menos, a grandiosidade do cenário: a intervenção geral!, a paralisação de toda a indústria!, a distribuição das pastas ministeriais! No julgamento dos mencheviques tinha-se a mesma decoração, mas já descolorida, os actores articulavam as réplicas molemente, e o espectáculo era aborrecido até aos bocejos, tornando-se uma repetição sem talento. (Mas acaso Staline poderia compreender isto através da sua pele de rinoceronte? Como explicar que ele haja anulado o processo do Partido Camponês do Trabalho e, durante vários anos, não tenha havido julgamentos?)

Será fastidioso retomar um comentário seguido do estenograma. Mas eu tenho o testemunho recente de um dos principais réus neste processo, Mikhail Petrovitch, e o seu pedido de reabilitação, em que ele

expõe a falsificação dos factos, chegou agora às mãos da nossa salvadora Samisdat, e sabe-se já como as coisas se passaram.35 O seu relato explica-nos materialmente toda a cadeia dos processos de Moscovo dos anos 30.

35 Recusaram-lhe a reabilitação, dado que o seu processo entrou nas lápides de ouro da nossa história, e não se pode tirar nenhuma pedra - para não se desmoronar! Petrovitch fica com antecedentes penais, mas como consolação foi-lhe atribuída uma reforma a título pessoal, pela sua actividade revolucionária! Que monstruosidades não existem entre nós!

Como se compunha o inexistente Bureau Unido? A G. P. U. tinha uma tarefa bem planeada: demonstrar que os mencheviques se infiltraram habilmente, com fins contra-revolucionários, em muitos postos estatais importantes. A situação real e o esquema não se coadunavam: os autênticos mencheviques não ocupavam nenhuns postos. Mas esses não faziam parte do processo. (V. K.. Ikov, segundo se diz, fazia efectivamente parte do bureau clandestino de

Moscovo, que tinha ficado tranquilo e nada fazia, mas no processo não souberam isso e ele passou para segundo plano, apanhando oito anos de prisão.) A G. U. tinha o seguinte esquema: era preciso que houvesse dois do Conselho da Economia Nacional, dois do Comissariado do Povo para o Comércio, dois do Banco do Estado, um da União Central das Cooperativas e um do Plano. (A que ponto tudo isso era monótono e falho de inventiva! Já no ano 20 tinham prescrito para o Centro Táctico dois da União do Renascimento, dois do Conselho das Personalidades Sociais, dois do...) Eis a razão por que se recorria àqueles cuja profissão concordava. E se eram na realidade ou não mencheviques tudo dependia dos boatos. Alguns que caíram na rede não o eram de qualquer modo, mas foi-lhes ordenado que se considerassem como tal. Os verdadeiros pontos de vista políticos dos acusados para nada interessavam à G. P. U. Nem todos os condenados se conheciam entre si. Arrebanharam-se como testemunhas os mencheviques que se pôde.36 (Todas as testemunhas apanharam depois, infalivelmente, a respectiva condenação.) Muito serviçal e loquaz, Ramzin foi, igualmente, testemunha. Mas a esperança da G. P. U. residia no principal acusado, Vladimir Gustavovitch

Groman (ele ajudaria a montar este caso e, como paga, seria amnistiado), e no provocador Petunin. (Exponho os factos segundo Yakubovitch.)

Apresentemos agora este Yakubovitch. Ele começou a sua actividade revolucionária tão cedo que não chegou sequer a terminar o liceu. Em Março de 1917, já era presidente do Soviete de Deputados Operários, Camponeses e Soldados de Smolensk. Possuído pelas suas convicções (que o impeliam constantemente para diante), tornou-se um bom orador. No Congresso da Frente Ocidental ele chamou irreflectidamente inimigos do povo àqueles jornalistas que exortaram o povo a prosseguir a guerra - isto em Abril de 1917! Quase foi retirado da tribuna. Mas desculpou-se e, com Um deles era Kuzma A. Gvozdiev, homem com um destino amargo. Esse mesmo

Gvozdiev que foi presidente do grupo operário do Comité Industrial-Militar e que, por estupidez extrema, foi preso pelo Governo czarista em 1916, tornando-o a Revolução de Fevereiro

inistro do Trabalho. Gvozdiev foi um dos mártires das prolongadas detenções GULAG.

não sei quanto tempo esteve preso até 1930, mas depois desse ano esteve lá ininterruptamente. E, ainda em 1952, amigos meus o conheceram no campo de Spasski, no Casaquestão.

continuando o seu discurso, teve tais saídas e envolveu de tal maneira o auditório que no final voltou a chamar-lhes inimigos do povo, já então sob estrondosos aplausos, sendo eleito membro da delegação enviada ao Soviete de Petrogrado. Ali, logo ao chegar, com a ligeireza típica daqueles tempos, foi indicado para a comissão militar do Soviete de Petrogrado, tendo influência na nomeação dos comissários de guerra 37 e acabando, no fim de contas, por partir ele próprio como comissário de exército para a frente sudoeste. Em Vinitsa deteve pessoalmente Denikin (depois da sublevação . de Kornilov) e lamentou muito (no julgamento) que não o tivessem fuzilado ali mesmo.

De olhos claros, sempre muito sincero, sempre completamente absorvido pela sua ideia, justa ou injusta, fazia figura de muito jovem no Partido

Menchevique. E era-o de facto. Isto não o impedia, no entanto, de propor com ousadia e entusiasmo à direcção os seus projectos, como por exemplo estes: formar, na Primavera de 1917, um governo social-democrata, ou fazer aderir os mencheviques, em 1919, à Internacional Comunista. (Dan e outros rejeitaram sistematicamente as suas variantes, com altivez.) Em Julho de 1917 ele sofreu dolorosamente e considerou como um erro fatal o facto de o Soviete Socialista de Petrogrado ter aprovado o apelo dirigido pelo Governo provisório às tropas governamentais para lutarem contra outros socialistas, embora estes tivessem pegado em armas. A seguir à reviravolta de Outubro, Yakubovitch propôs ao seu partido que apoiasse inteiramente os bolcheviques e que, com a sua participação e influência, melhorasse o regime estatal criado por eles. Finalmente, foi amaldiçoado por Martov e, em 1920, abandonou definitivamente os mencheviques, ao convencer-se de que era incapaz de fazê-los inflectir para a via seguida pelos bolcheviques.

Exponho tudo isto em pormenor para tornar claro que Yakubovitch não era propriamente um menchevique, mas comportou-se como um bolchevique durante

toda a Revolução, do modo mais sincero e inteiramente desinteressado. E, em 1920, foi ainda comissário da província de Smolensk para a recolha de produtos alimentícios (era o único dentre eles a não estar inscrito no Partido Bolchevique), tendo sido até considerado o melhor pelo Comissariado do Povo dos Abastecimentos (ele assegura que não precisou de destacamentos punitivos; não sei; no julgamento ele lembrou ter-se servido de barreiras preventivas). Nos anos 20, foi redactor do Jornal do Comércio, tendo ocupado ainda outras funções de relevo. Quando, em 1930, segundo o plano da G. P. U., se teve necessidade de prender precisamente esse género de mencheviques, que «se tinham infiltrado», ele foi detido.

Foi então convocado para um interrogatório por Krilenko, que, como o leitor já sabe pelo passado, punha um pouco de ordem no caos da investi-

37 Não o confundir com o coronel do estado-maior Yakubovitch, que nessas mesmas sessões representava o Ministério da Guerra.

gação, ao organizar o processo. Sucede que ambos se conheciam perfeitamente, pois naqueles anos (entre dois processos) Krilenko dera um salto à província de Smolensk, para reforçar o trabalho de recolha de produtos alimentícios. Eis o que lhe disse Krilenko:

- Mikhail Petrovitch, eu sou franco: considero-o um comunista! (Isto infundiu ânimo e aprumo a Yakubovitch.) Não duvido da sua inocência. Mas é obrigação do Partido, sua e minha, levar a cabo este processo. (Staline dava ordens a Krilenko, mas Yakubovitch palpita pela causa, como um cavalo fogoso que se apressa ele mesmo a meter a cabeça no jugo.) Peço-lhe que coopere em tudo, que auxilie a investigação. No tribunal, em caso de dificuldade imprevista, nos momentos cruciais, eu pedirei ao presidente que lhe dê a palavra.

E Yakubovitch prometeu. Com a consciência do seu dever, prometeu. Nunca uma tarefa tão responsável lhe tinha sido dada ainda pelo poder soviético!

Durante a instrução podiam não ter tocado em Yakubovitch nem com um dedo! Mas isso era demasiado subtil para a G. P. U. Como aos demais, coube-lhe ter de enfrentar investigadores-carniceiros,

que lhe aplicaram toda a gama: calabouço gelado, ardente ou hermético, pancadas nos órgãos genitais. Torturaram-no de tal maneira que Yakubovitch e o seu companheiro Abraam Guinzburg cortaram as veias de desespero. Depois de se restabelecerem não os torturaram mais, não os espancaram, mantiveram-nos apenas duas semanas sem os deixar dormir. (Yakubovitch disse: «Só queria dormir! Já não existia nem vergonha, nem honra...») E havia ainda as acareações com outros que já se renderam, que também empurram a «confessar», a dizer absurdos. E o próprio comissário (Aleksei Aleksievitch Naciedkin) dizia: «Eu sei, sei que nada disso existia! Mas exigem isso de nós!»

Certa vez, chamado pelo investigador, Yakubovitch dá de caras com um preso torturado. O comissário sorri-se: «Aqui tem o Poissei Issaievitch Teitelbaum, ele pede-lhe que o admita na sua organização anti-soviética. Falem sem mim, à vontade, eu sairei uns momentos.» Saiu. Teitelbaum, efectivamente, suplica-lhe: «Camarada Yakubovitch, peço-lhe que me admita no seu Bureau Unido dos Mencheviques! Acusam-me de estar "corrompido por firmas estrangeiras", ameaçam-me de fuzilamento. Então é melhor morrer

como contra-revolucionário do que como um criminoso comum! (Ter-lhe-iam prometido que, enquanto contra-revolucionário, lhe perdoariam? Ele não se enganou: apanhou uma condenação infantil - cinco anos.) A penúria dos mencheviques era de tal ordem que a G. P. U. recrutava acusados dentre os voluntários!... (A Teitelbaum esperava-o um importante papel: ligações com os mencheviques do estrangeiro e com a Segunda Internacional! Mas, segundo ficara entendido, levaria cinco anos honradamente.) Com a aprovação do comissário, Yakubovitch admitiu Teitelbaum no Bureau Unido.

Dias antes do julgamento, no gabinete do comissário de primeira classe Dmitri Matveievitch Dmitriev, foi convocada a primeira sessão da organização do Bureau Unido dos Mencheviques, destinada a porem-se de acordo, de forma a que cada um compreendesse melhor o seu papel. (E foi assim que o Comité Central do Partido Industrial se reuniu! Eis onde os réus «tinham podido reunir-se», o que deixava perplexo Krilenko.) Mas havia tanta mentira misturada, tão

difícil de meter na cabeça, que os participantes armaram confusão, não assimilaram tudo numa sessão, e reuniram-se pela segunda vez.

Com que sentimento abordava Yakubovitch o processo? Depois de todas as torturas que suportara, depois de todas as mentiras que engolira, iria provocar no processo um escândalo mundial? Mas:

1) Isso seria uma punhalada nas costas do poder soviético! Isso seria a negação do objectivo de toda a sua vida, da razão de viver de Yakubovitch, de todo o longo caminho que tivera de percorrer para escapar aos erros do menchevismo e aderir à justeza do bolchevismo;

2) Depois deste escândalo não o deixariam morrer, não o fuzilariam pura e simplesmente, mas iriam torturá-lo de novo, e desta vez por vingança, acabando por levá-lo à loucura, quando já sem isso o seu corpo estava suficientemente marcado. Onde encontraria uma pessoa o apoio moral para este martírio, onde iria buscar coragem?

(Foi com o som ardente das suas palavras a ressoar nos meus ouvidos que transcrevi os seus argumentos. É raro recolher como que «postumamente» as

explicações de um participante num processo assim. E eu acho que seria a mesma coisa se Bukharine ou Rikov nos revelassem o motivo da misteriosa submissão no seu processo: a mesma sinceridade, a mesma devoção ao Partido, a mesma fraqueza humana, a mesma ausência de apoio moral para a luta, devido a não terem uma posição independente.)

E, durante o julgamento, Yakubovitch não se cansou de repetir submissamente todas as medíocres mentiras ruminadas: acima disso não se elevava a imaginação nem de Staline, nem dos seus aprendizes, nem dos martirizados réus. Representou o melhor que pôde o seu papel, conforme prometera a Krilenko.

A chamada delegação dos mencheviques no estrangeiro (essencialmente toda a nata do seu Comité Central) publicou no Vorwarts36 um artigo dessolidarizando-se dos acusados. Ela escrevia que se tratava de uma vergonhosa comédia judicial, estruturada com depoimentos de provocadores e de infelizes réus, forçados pelo terror. A maioria esmagadora dos acusados há mais de dez anos que abandonara o partido, sem nunca a ele ter regressado. E o mais ridículo eram as grandes

quantias que figuravam no julgamento - somas de que nunca o partido dispôs.

Órgão do Partido Social-Democrata Alemão. (N. dos T.)

Tendo lido o artigo, Krilenko pediu à Chvernik que o comunicasse aos réus, para estes fazerem uma declaração (tratava-se do mesmo esticão, com todos os fios de uma só vez, à imagem do processo do Partido Industrial). E todos intervieram. E todos defenderam os métodos da G. P. U., contra o Comité Central menchevique...

Mas qual é a recordação que Yakubovitch conserva da sua «resposta», do seu último discurso? Que não se limitou a falar segundo o que tinha prometido a Krilenko, que não se levantou pura e simplesmente, mas que saltou como uma mola, rtuma torrente de irritação e eloquência. Irritação contra quem? Tendo conhecido as torturas, tendo cortado as veias, estando por mais de uma vez a pontos de morrer, indignava-se agora sinceramente, não contra o procurador nem contra a G. P. U. — não! —, mas contra a delegação no estrangeiro!!! Tratava-se de

uma reviravolta do eixo psicológico! Com segurança e com conforto (a emigração, mesmo pobre, constitui naturalmente um conforto, em comparação com a Lubianka), essa gente desavergonhada e satisfeita, como podia não sentir pena dos de cá, pelos seus martírios e sofrimentos? Como podia assim, insolentemente, renegar a entregar os desgraçados ao seu destino? (Era uma resposta forte, e os que tinham forjado o processo festejavam o seu triunfo.)

Mesmo relatando isso em 1967, Yakubovitch treme de indignação contra a delegação no estrangeiro, contra a sua deserção, contra a sua renúncia, contra a sua traição à revolução socialista, como já censurava os mencheviques em 1917.

Entretanto, não se conhecia então o estenograma do julgamento. Mais tarde, eu consegui-o e surpreendi-me: a memória de Yakubovitch, tão exacta, conservava todas as insignificâncias, todas as datas e todos os nomes, mas neste pormenor tinha falhado: ele dissera no julgamento que a delegação no estrangeiro, por incumbência da II Internacional Socialista, lhes dava instruções para sabotar! - e agora já não se lembra. Os mencheviques no estrangeiro não tinham escrito um artigo

desavergonhado nem satisfeito; eles LAMENTAVAM justamente as desgraçadas vítimas do processo, mas indicavam que havia já muito tempo que eles não eram mencheviques - o que correspondia à verdade. Contra quem é que se encolerizava, de modo tão duro e sincero, Yakubovitch? E como é que os mencheviques do estrangeiro podiam NÂO deixar os processados entregues ao seu destino?

Nós temos tendência para revoltar-nos contra aqueles que são mais fracos, contra os que não podem responder. Isto é próprio do homem. E os argumentos dados revelam, muito a propósito, que temos razão.

Krilenko disse, no discurso de acusação, que Yakubovitch era um fanático de ideias contra-revolucionárias e que por isso requeria para ele - o fuzilamento!

E Yakubovitch não só sentia nesse dia lágrimas de agradecimento nos olhos, como ainda hoje, tendo-se arrastado por muitos campos e celas de

isolamento, está agradecido a Krilenko por ele não o ter humilhado, não o ter insultado, não o ter ridicularizado no banco dos réus, mas ter-lhe com justiça chamado fanático (embora de uma ideia oposta), exigindo simples e honradamente o fuzilamento, que punha termo a todos os seus sofrimentos!

De resto, na sua última declaração, Yakubovitch não deixou de anuir: «Os crimes de que me reconheci culpado (ele dá um grande significado a esta feliz expressão de que me reconheci culpado. A bom entendedor: que não cometi!) são dignos do castigo máximo e eu não peço indulgência! Não peço que me deixem com vida!» (Ao lado, no banco dos réus, Groman so-bressaltou-se: «Você enlouqueceu! Você não tem o direito de fazer isso, tomando em conta os camaradas!»)

Concordemos, não foi isto um achado para a Procuradoria?

Acaso não ficam assim totalmente explicados os processos dos anos 1936-1938?

Não teria sido este processo que fez Staline pensar que os seus principais inimigos eram charlatões e que

ele podia manipulá-los completamente, organizando o mesmo género de espectáculos?

Que me perdoe o indulgente leitor! Até ao momento, fiz correr intrepidamente a minha pena. Não se me encolhia o coração e deslizávamos despreocupadamente, porque durante todos estes quinze anos estávamos sob a égide, quer da legalidade revolucionária, quer da revolucionarização da legalidade. Mas daqui por diante tudo se tomará para nós doloroso: como o leitor se lembrará, e como nos explicaram dezenas de vezes, a começar por Kruchtchev, «aproximadamente a partir de 1934 começou-se a violar as normas leninistas da legalidade».

E como é que abordaremos agora este píncaro das ilegalidades? Como é que nos arrastaremos agora por este amargo caminho?

A falar verdade, pela celebridade dos nomes desses réus, os dos processos seguintes, os juízes viram concentrados sobre eles os olhares de todo o mundo. Não se distraiu deles a atenção, sobre eles se escrevia, se faziam comentários. E haveriam de fazer.

Quanto a nós, vamos referir-nos apenas aos seus enigmas.

Houve uma pequena discrepância: o conteúdo das actas estenografadas, que foram publicadas, não coincidia plenamente com o que tinha sido dito nos julgamentos. Um escritor autorizado a assistir aos processos, entre o público seleccionado, tomou apontamentos rápidos e apercebeu-se depois destas incongruências. Todos os correspondentes notaram o incidente com Krestinski, quando se tornou necessário suspender a audiência para ajustar os depoimentos feitos. (Eu imagino assim as coisas: antes do processo foi elaborado um registo para os casos de erro: primeira coluna -nome do réu; segunda coluna - que medida adoptar durante a suspensão da audiência, se no decurso do julgamento ele se desvia do texto; terceira coluna - apelido do tchequista responsável por essa medida. E se Krestinski

subitamente se embrulhar, então já se sabe quem tem de lhe acudir e o que fazer.)

Mas as inexactidões dos estenogramas em nada mudam nem desculpam o quadro. O mundo assistiu surpreendido a três peças seguidas, a três espectáculos longos e caríssimos, em que os grandes chefes do audaz comunista, que tinha subvertido e aterrorizado o mundo inteiro, se apresentavam agora como carneiros desanimados e submissos, que davam todos os balidos que se lhes havia ordenado, vomitavam tudo sobre si mesmos e se rebaixavam servilmente, a si e às suas convicções, reconhecendo crimes que de forma alguma podiam ter cometido.

Nunca se vira na história nada de igual. Era flagrante o contraste com o recente julgamento de Dimitrov, em Leipzig. Este respondia rugindo como um leão aos juízes nazis, mas, aqui, os seus camaradas, oriundos da mesma coorte inflexível, perante a qual todo o mundo tremia — e até os maiores dentre eles, os membros da chamada «guarda leninista» -, apresentavam-se diante do tribunal a mijar-se pelas pernas a baixo.

E, embora até ao momento muitas coisas se tenham aclarado (e com especial acerto por Arthur Koestler)39, o enigma continua a ser abordado com ambiguidade.

Falou-se acerca de uma poção do Tibete que privava um homem da sua

vontade, e também do uso da hipnose. Tudo isso, quer esclareça ou não,

não vale a pena refutá-lo: se a N. K. V. D. dispunha de tais meios, não se compreende QUE NORMAS MORAIS a podiam impedir de recorrer a eles. Porque não debilitar e eclipsar a vontade dos acusados? É notório que I nos anos 20 houve célebres hipnotizadores que abandonaram a sua carreira e passaram ao serviço da G. P. U. E sabe-se, com toda a certeza, que nos anos 30, sob os auspícios da N. K. V. D., existia uma escola de hipnotismo.

A esposa de Kameniev, numa visita que lhe fez antes do julgamento, encontrou-o prostrado, não parecendo o mesmo. «Ela teve ainda tempo de comunicar isso, antes de ter sido presa.»

M Mas porque é que Paltchinski ou Khrennikov não foram vergados pela poção do Tibete ou pelo hipnotismo?

B Não há que encontrar uma explicação mais elevada — uma explicação psicológica?

B Causa perplexidade, sobretudo, por se tratar de velhos revolucionários B. que não tremeram nas prisões czaristas, o facto de eles serem combatentes temperados, à prova de fogo. Mas aqui havia um simples erro. Já não se tratava desses mesmos velhos revolucionários. Uma tal glória tinham-na B recebido em herança, por afinidade com os populistas, com os socialistas B revolucionários e com os anarquistas. Esses lançadores de bombas e

conspiradores conheceram a deportação com grilhetas, sofreram condenações, mas a autêntica e inexorável instrução nunca souberam o que ela era. (Porque na Rússia, em geral, ela não existia.) Não conheciam nem os interrogatórios nem as condenações. «Nenhuma câmara especial de torturas», nenhuma Sacalina, nenhuma deportação especial para Yakutia, atingiu os bolcheviques. Sabe-se, acerca de Dzerjinski, que a ele couberam as penas mais pesadas e que passou toda a vida na prisão. Mas, segundo os nossos actuais critérios, ele cumpriu apenas dez anos, dez anos normais: como nos nossos

tempos qualquer kolkhoziano; é verdade que esses dez anos englobavam três numa central de trabalhos forçados, o que também não é coisa excepcional.

Os chefes do Partido, que vimos nos julgamentos dos anos de 36 a 38, ostentavam no seu passado revolucionário detenções curtas e leves, deportações pouco prolongadas, e nem sequer cheiraram os trabalhos forçados. Bukharine tinha sofrido muitas prisões breves, um tanto divertidas; pelos vistos, ele não esteve sequer um ano seguido no mesmo sítio, e só se alongou mais na deportação no Onega40. Kameniev, com todo o seu longo trabalho de agitação e de viagens por todas as cidades da Rússia, esteve dois anos preso, bem como ano e meio na deportação. Agora, os nossos jovens de dezasseis anos apanhavam, de uma só vez, CINCO. Zinoviev, é ridículo dizê-lo, NÃO ESTEVE PRESO NEM TRÊS MESES! Não teve NEM UMA ÚNICA CONDENAÇÃO! Em comparação com os indígenas vulgares do nosso Arquipélago eram umas crianças de peito, não sabiam o que eram os cárceres. Rikov e I. N. Smirnov foram presos várias vezes, passaram na cadeia cinco anos cada um, mas, de certo modo, foi algo de ligeiro e evadiram-se de todas as deportações sem dificuldade,

sendo amnistiados; até à sua detenção na Lubianka, eles não faziam sequer uma ideia do que era uma verdadeira prisão, nem do que eram as tenazes de uma investigação iníqua. Não existem fundamentos para supor que, se tivesse sido apanhado no meio destas tenazes, Trotski se portasse com mais firmeza; não havia motivo para isso. Ele tinha conhecido também exclusivamente detenções fáceis, sem ser submetido a interrogatórios a sério, cumprindo dois anos de deportação em Ust-Kut. A severidade de Trotski, como presidente dos tribunais militares revolucionários, foi fácil para ele adquiri-la, e não é prova de uma autêntica firmeza: aquele que ordenou inúmeros fuzilamentos, pode deixar-se ir a baixo à ideia da sua própria morte! (Estes dois tipos de firmeza não estão mutuamente ligados.) E Radek era um provocador (mas não foi o único, nestes três processos)! Iagoda, quanto a ele, era um criminoso declarado.

40 Todos os dados aqui citados são extraídos do tomo 41 do Dicionário Enciclopédico Granai, onde estão coligidas autobiografias ou crónicas biográficas fidedignas de dirigentes do Partido Comunista Russo (bolchevique).

(Este assassino de milhões de homens não podia admitir que o assassino-mor não albergasse no seu coração um sentimento de solidariedade, nos seus últimos momentos. Como se Staline estivesse sentado ali na sala, Iagoda, com segurança e insistência, pedia-lhe piedade a ele directamente: «Dirijo-lhe um apelo! Eu construí para SI dois grandes canais!...» E alguém que ali se encontrava nesse instante conta que, por detrás de uma janelinha do segundo andar, segundo parece na penumbra de uma cortina de musselina, se acendeu um fósforo nas trevas, apercebendo-se a forma de um cachimbo. Quem esteve alguma vez em Bakhtchissarai recorda-se talvez desta fantasia oriental. Na sala de sessões do Conselho de Estado, ao nível do segundo andar, há umas janelas fechadas com folhas-de-flandres, que têm pequenos orifícios, e por detrás delas uma galeria não iluminada. Da sala nunca se pode adivinhar se há ali alguém ou não. O cã é invisível e o Conselho reúne-se sempre como se ele estivesse presente. Dado o pronunciado carácter oriental de Staline, acredito piamente que ele seguisse as comédias desde a Sala

de Outubro. Não posso admitir que ele se privasse desse espectáculo, desse prazer.)

Assim, toda a perplexidade deriva unicamente da crença na singularidade destes homens. Na verdade, se estabelecermos uma comparação com os actos correntes do comum dos cidadãos, não há para nós nenhum enigma no facto de eles dizerem tão mal uns dos outros. Isto parece-nos compreensível: o homem é fraco, as pessoas vão-se a baixo. Mas Bukharine, Zinoviev, Kameniev, Piatakov, e I. N. Smirnov, eram considerados de antemão como super-homens e daí a nossa perplexidade.

É certo que aos encenadores parece ter sido neste caso mais difícil escolher os intérpretes do que nos anteriores processos dos engenheiros: ali eles tinham quarenta figurantes por onde escolher, e aqui a companhia teatral é pequena, os principais intérpretes são conhecidos de todos, e o público deseja que sejam eles mesmos a representar.

Mas, de qualquer maneira, havia uma selecção! Os mais clarividentes e decididos dos condenados não se entregaram de mãos atadas, suicidando--se antes da detenção (Skripunik, Tomski, Gamarnik). Só se

deixavam agarrar os que queriam viver. E de todo aquele que quer viver pode fazer-se •gato sapato... Mas houve mesmo alguns deles que se comportaram nos interrogatórios de forma contrária, que recuperaram, resistiram e morreram em silêncio, mas sem opróbrio. Foi por isso que não levaram a julgamento Rudzutak, Postichiev, Enukidze, Tchubar, Kossior e o próprio Krilenko, embora os seus nomes pudessem ter adornado esses processos.

Só levaram os mais maleáveis! Houve, apesar de tudo, uma escolha. A selecção foi limitada, mas, em compensação, o Encenador dos grandes bigodes conhecia bem cada um. Ele sabia também que, em geral, eram todos frouxos e conhecia as debilidades respectivas.

E nisto ele tinha um tenebroso mérito, fora do vulgar, que lhe servia de orientação psicológica para conseguir êxitos na sua vida: tomar em conta

as fraquezas humanas, ao nível mais baixo da vida quotidiana.

E aquele que, à distância, nos aparece como o mais inteligente e o mais lúcido dentre os chefes difamados e fuzilados (a quem Koestler consagrou o seu talentoso estudo), N. 1. Bukharine, também esse o tratou Staline como um homem ao rés da terra, penetrando a sua psicologia e mantendo-o durante longo tempo nas garras da morte, a brincar como o gato com o rato, numa aparente liberdade. Bukharine redigiu, desde a primeira à última palavra, toda a Constituição vigente (melhor dito, não vigente), uma Constituição apenas para inglês ver. Na estratosfera ele tinha a impressão de voar livremente, e pensava que havia derrotado Koba41: impingira-lhe essa constituição que o obrigaria a suavizar a ditadura. Mas ele próprio já estava no papo.

Bukharine não gostava de Kameniev e de Zinoviev, e logo quando os processaram pela primeira vez, depois do assassínio de Kirov, disse aos seus íntimos; «O quê? É gente capaz disso... Talvez tenha havido algo...» (Era a forma clássica do homem comum,daqueles anos: «Alguma coisa, certamente, deve ter havido... Não se prende ninguém sem motivo, no nosso país.» Isto disse-o em 1935 o primeiro teórico do Partido!...) Durante o segundo processo de

Kameniev, no Verão de 1936, ele andava à caça em Tianchan, sem nada saber. Descendo das montanhas à cidade de Frunze, leu a notícia dos dois fuzilamentos e os artigos dos jornais, pelos quais se via que tinham sido apresentadas provas aniquiladoras contra Bukharine. Tentou acaso evitar essa execução? Fez acaso um apelo ao Partido denunciando aquela monstruosidade? Não, somente enviou um telegrama a Koba, pedindo-lhe que adiasse o fuzilamento de Kameniev e de Zinoviev, para ter tempo de ser acareado com eles e justificar-se.

Era tarde! Se Koba estava já na posse de suficientes documentos, para que queria ele uma acareação em carne e osso?

Entretanto, passou muito tempo sem que Bukharine fosse preso. Ele perdeu o seu lugar no jornal Izvieztia, deixando de ter qualquer actividade, qualquer posto no Partido - e viveu ainda no seu apartamento do Kremlin (o palácio de Recreio de Pedro 1), durante meio ano, como numa prisão. (De resto, quando foi à sua áatcha no Outono, as sentinelas do Kremlin fizeram-lhe a continência como se nada ocorresse.) Já ninguém o visitava nem o chamava pelo telefone. E todos esses meses ele escrevia infatigavelmente

cartas: «Querido Koba!... Querido Koba!... Querido Koba!...», ficando sempre sem resposta.

Procurava estabelecer, mesmo então, um contacto cordial com Staline!

Mas o querido Koba, olhando de soslaio, já fizera os ensaios. Tivera tempo, durante muitos anos, de tirar a prova e sabia que Bukhartchik de-

41 Pseudónimo de Staline na clandestinidade. (N. dos T.)

desempenharia o seu papel magnificamente. Com efeito, ele renegara os seus discípulos e partidários presos e deportados (pouco numerosos, aliás), suportando o seu extermínio42. Ele deixara esmagar e denegrir as suas ideias, antes mesmo de terem vindo à luz e amadurecido devidamente. E quando ainda era redactor-principal do jornal Izvieztia e membro do Bureau Político do Partido, tinha permitido, como se fosse legal, o fuzilamento de Kameniev e de Zinoviev. Não se ergueu contra isso, nem em voz alta, nem sequer a meia voz. Não fazia mais que ensaiar o seu papel!

Mas antes disso, há já muito tempo, quando Staline ameaçava excluílo do Partido (a cada um a sua vez), Bukharine, como todos os outros, renunciara aos seus pontos de vista, só para permanecer dentro do Partido! Tratava-se de ensaios para esse papel! Se todos se conduzem assim em liberdade, ainda no cume das honrarias e do Poder, o que será quando os seus corpos, a sua comida e o seu sono estiverem nas mãos dos carrascos da Lubianka. Submeter-se-ão sem pestanejar aa texto do drama.

Nos meses que precederam a detenção, qual foi o maior receio de Bukharine? Sabe-se de fonte fidedigna que foi o de ser excluído do Partido! De ver-se privado do Partido! De ficar vivo, mas fora do Partido! E nesta sua corda sensível (de todos eles) jogava esplendidamente o querido Koba, desde o momento em que ele próprio se tinha convertido no Partido. Bukharine não possuía (nenhum deles possuía) o seu PONTO DE VISTA INDEPENDENTE; nenhum defendia realmente uma ideologia oposicionista, na qual pudessem autonomizar-se, afirmar-se. Staline havia-os denunciado como opositores, antes de eles terem passado a sê-lo, e assim privou-os de todo e qualquer poder. E todos os

seus esforços passaram a ser dirigidos no sentido de se manterem no Partido. E, sobretudo, de não o prejudicarem!

Eram demasiadas exigências para poderem ser independentes!

A Bukharine tinha sido destinado, fundamentalmente, o papel principal, e nada devia ser estragado, nem posto de parte, no trabalho do Encenador relativamente a ele, no trabalho do tempo sobre ele, bem como na sua própria adaptação ao papel. Mesmo o seu envio à Europa, no último Inverno, para recolher manuscritos de Marx, não era apenas uma necessidade exterior a fim de estabelecer uma rede de acusações pelas ligações mantidas; a liberdade desinteressada da sua viagem indicava, ainda mais irrecusavelmente e de antemão, o seu regresso à cena principal. E agora, o negrume das acusações - a prolongada e interminável não detenção, a extenuante angústia que o cercava em casa - destruía melhor ainda a vontade da vítima do que as pressões directas da Lubianka. (Este não escapará, apanhará também um ano.)

Certa vez, Bukharine foi chamado por Kaganovitch, que, na presença

42 Só defendeu Efim Tseitlin e não por muito tempo.

de importantes tchequistas, organizou uma acareação com Sokolnikov. Este depôs acerca do «centro paralelo da direita» (entenda-se: paralelo ao Centro Trotsquista) e da actividade clandestina de Bukharine. Kaganovitch conduziu o interrogatório energicamente, depois ordenou que levassem Sokolnikov e amistosamente disse a Bukharine: «Ele mente em tudo, o devasso!»

Entretanto, os jornais continuaram a noticiar a indignação das massas. Bukharine telefonava ao Comité Central. Bukharine escrevia cartas, «Querido Koba!..», pedindo que lhe retirassem publicamente as acusações. Então, foi publicado pela Procuradoria um vago comunicado: «Quanto à acusação contra Bukharine, não se acharam provas objectivas.»

Radek telefonou-lhe no Outono, manifestando o desejo de encontrar--se com ele. Bukharine recusou:

ambos somos acusados, para que atrair uma nova sombra? Mas as suas datchas, do Izvieztia, ficavam uma ao lado da outra, e Radek, certa noite, foi lá: «Diga eu o que disser, quero que saibas que não sou culpado da nada. Além do mais, tu serás poupado: não estavas ligado aos trotsquistas.»

E Bukharine acreditava que ficaria vivo, que não o excluiriam do Partido - isso seria monstruoso! Quanto aos trotsquistas, de facto, ele sempre se deu mal com eles: afastaram-se do Partido e o que sucedeu? O que é necessário é manter-se a unidade, se se cometem erros, cometem-se juntos.

Na manifestação de Novembro (a sua despedida da Praça Vermelha), ele e a mulher tomaram lugar na tribuna dos convidados com um passe da redacção do Izvieztia. De repente, dirigiu-se a eles um soldado vermelho armado. Teve um pressentimento! «Aqui mesmo? Neste instante?» ...Não, ele fez-lhe a continência: «O camarada Staline surpreende-se por vê-los aqui! E pede-lhes que ocupem o vosso lugar na tribuna do Mausoléu.»

Assim, alternaram o duche escocês, durante meio ano. Em 5 de Dezembro foi aprovada com júbilo a

Constituição de Bukharine, tendo sido denominada para sempre como estalinista. Piatokov foi Jevado ao plenário de Dezembro do Comité Central com os dentes partidos, e era já uma caricatura de si mesmo. Atrás dele estavam postados mudos tchequistas (de Iago-da, pois Iagoda também se treinava e se preparava para o papel). Piatokov fez depoimentos infames contra Bukharine e Rikov, sentado ali mesmo entre os chefes. Ordjonikidze colocava a mão junto do ouvido (ele não ouvia bem): «Diga, e você fornece todas as provas voluntariamente}» (Nota: Ordjonikidze apanhou também uma bala na nuca.) «De todo em todo voluntariamente», respondeu, cambaleando, Piatakov. E, no intervalo, Rikov disse a Bukharine: «Tomski teve força de vontade, já em Agosto tinha compreendido, e suicidou-se. Mas nós os dois, continuamos a viver como estúpidos.»

Aqui interveio Kaganovitch com cólera e com invectivas (ele desejaria tanto acreditar na inocência de Bukhartchik, mas não conseguia...). E Molotov. E Staline! Que grande coração! Que grata generosidade! «De

todas as maneiras, eu considero que a culpa de Bukharine não está demonstrada. Rikov talvez seja culpado, mas não Bukharine.» (Era como se alguém, independentemente da sua vontade, concentrasse as acusações contra Bukharine!)

Um duche escocês. Assim vai amolecendo a vontade. Assim se vão habituando ao papel de heróis abatidos.

A partir daqui começaram sem parar e levar-lhe a casa os autos dos interrogatórios: dos antigos alunos do Instituto de Professores Vermelhos, de Radek e dos demais - e todos apresentavam provas graves da negra traição bukharinista. Levavam-lhe a casa, não como se se tratasse de um acusado, oh!, não!, mas sim como membro do Comité Central, simplesmente para seu conhecimento...

Frequentemente, ao receber novos documentos, Bukharine dizia à mulher, de vinte e dois anos de idade, que nessa Primavera lhe tinha dado um filho: «Lê tu, eu não posso!» E soluçava, com a cabeça sobre a almofada. Guardava em casa dois revólveres (e Staline tinha-lhe dado tempo!), mas não se suicidou.

Acaso não se havia adaptado ele ao papel que lhe fora destinado?... E ainda se realizou outro julgamento público... E fuzilaram ainda um punhado deles... E Bukharine era respeitado, e Bukharine não era apanhado...

Em começos de Fevereiro de 1937, ele decidiu fazer a greve da fome em casa, para que o Comité Central averiguasse e lhe retirasse as acusações. Comunicou isso por carta ao querido Koba e manteve a greve escrupulosamente. Então foi convocado ao plenário do Comité Central, com a seguinte ordem do dia: 1. Os crimes do centro de direita. 2. A actividade antipartido do camarada Bukharine, expressa na greve da fome.

E Bukharine vacilou: talvez tivesse ofendido em algo o Partido... Com a barba por fazer, emagrecido, já com aspecto de culpado, arrastou-se até ao plenário. «O que é que te veio à cabeça?», perguntou-lhe cordialmente o querido Koba. «Que havia de fazer, se lançam tais acusações contra mim? Querem excluir-me do Partido...» Staline franziu o sobrolho perante um tal absurdo: «Mas ninguém te exclui do Partido!»

E Bukharine acreditou, animou-se, arrependeu-se de boa mente diante do plenário, e ali mesmo deu por finda a greve da fome. (Uma vez em casa: «Vamos, cortem-me um pedaço de chouriço! Koba disse-me que não me excluirão.») Mas, no decorrer do plenário, Kaganovitch e Molotov (que insolentes!, não têm em conta Staline)[43] apodaram-no de mercenário fascista e exigiram o seu fuzilamento.

Ue que abundância de depoimentos nos privamos, respeitando o nobre sossego da velhice de Molotov!

E de novo Bukharine caiu no desânimo e os últimos dias passou-os a escrever uma carta ao «futuro Comité Central».

Aprendida de memória e assim retida, foi conhecida recentemente pelo mundo inteiro. Entretanto, não o comoveu[44]. Que tinha decidido este agudo e brilhante teórico legar aos descendentes através das suas últimas palavras? Fazer ainda outra súplica para ser reintegrado no Partido (com que humilhação pagou ele tal devoção ao Partido!). Uma vez mais protestava «aprovar completamente» tudo o que

ocorrera até 1937, inclusive. Quer dizer: não só os anteriores e infames processos, mas também todas as nauseabundas torrentes da nossa grande canalização prisional!

Assim reconhecia que era digno de submergir-se também nelas...

Finalmente, tinha amadurecido completamente para ser entregue às mãos dos pontos de teatro e dos encenadores subalternos.

Ele era um homem de músculos, caçador e lutador! (Em lutas a brincar, diante dos membros do Comité Central, quantas vezes ele não tinha feito cair Koba de costas sobre o tapete! Certamente nem isso Koba lhe pôde perdoar.)

Depois de um lamento deste género, depois de estar assim aniquilado, a tal ponto que já não são necessárias as torturas, em que diferirá a sua posição relativamente à de Yakubovitch, no ano de 1931? No facto de que ele não está sujeito aos mesmos dois argumentos? Ele é mesmo mais fraco, pois Yakubovitch desejava a morte, mas Bukharine teme-a.

Restava um diálogo não muito difícil com Vichinski, segundo este esquema: «É exacto que cada oposição contra o Partido é uma luta contra o Partido?» - «Em geral, sim. Na prática, sim.» — «Mas não é verdade que a luta contra o Partido não pode deixar de transformar-se numa guerra contra o Partido?» - «Pela lógica das coisas, sim.» - «Por outras palavras, significa isso que, com as convicções da oposição, no fim de contas, podiam cometer-se todas e quaisquer infâmias contra o Partido (assassínios, espionagem, venda da Pátria)?» - «No entanto, perdoem-me, elas não foram cometidas.» - «Mas não podiam tê-lo sido? Falando teoricamente... (Trata-se de teóricos!...) Os interesses mais altos, para vocês, continuam entretanto a ser os interesses do Partido?» - «Sim, naturalmente, naturalmente!» - «Assim, pois, resta apenas uma pequena divergência: é preciso fazer coincidir a hipótese e os factos; é preciso, para desacreditar qualquer ideia de oposição no futuro, reconhecer como realizado aquilo que, só teoricamente, poderia ter-se realizado. Não é verdade que isso poderia ter ocorrido}» - Poderia...» - «Assim, é necessário reconhecer o possível como real, e nada mais. Uma pequena translação filosófica. Estamos de acordo?... Sim, como não? Não é preciso explicar-lhe

a si que se agora no julgamento volta atrás e diz algo diferente, compreende que só fará o jogo da burguesia

Assim como não comoveu o «futuro Comité Central».

mundial e apenas prejudicará o Partido. E é evidente que não terá uma morte fácil. Mas se tudo correr bem, nós, naturalmente, deixá-lo-emos viver: mandamo-lo secretamente para a ilha de Monte Cristo e lá você irá trabalhar sobre a economia do socialismo.» — «Mas nos julgamentos anteriores parece que vocês os fuzilaram?» - «Veja que comparação está a fazer: eles e você! Além disso, nós poupámos muitos, e isto segundo os próprios jornais.»

Talvez que o enigma não seja assim tão obscuro? Sempre esta cantilena irresistível através de tantos processos, apenas com algumas variações: ora, vocês são, como nós, comunistas'. E como pôde você desviar-se, agir contra nós? Arrependa-se! Pois você e nós, juntos, somos nósl

Na sociedade vai amadurecendo lentamente a compreensão histórica. E quando ela amadurece, tudo é simples. Nem em 1922, nem em 1924, nem em 1937, podiam ainda os acusados fincar-se assim no seu ponto de vista, resistindo a esta cantilena arrepiante e envolvente, e gritando com a cabeça erguida: «Não, não somos revolucionários COMO VOCÊS!... Não, não somos russos COMO VOCÊS!... Não, não somos comunistas COMO VOCÊS!...»

E parece que o simples facto de gritar fazia cair por terra os cenários, derreter a maquilhagem, fugir o encenador pela escada de serviço e correr os pontos de teatro para a toca como ratazanas. E na rua teria amanhecido já o ano de 1967!45

Mas mesmo os espectáculos magnificamente conseguidos ficavam caros e requeriam muitos cuidados. E Staline decidiu não mais lançar mão dos espectáculos públicos.

Mais exactamente, ele tinha projectado em 1937 levar a cabo uma ampla rede de processos por zonas, para que a alma negra da oposição se tornasse visível para as massas. Mas não se encontraram bons encenadores, estava fora das possibilidades preparar-

se tudo tão cuidadosamente, como seria necessário, e os próprios acusados não eram tão complexos. Assim, as coisas tornaram-se menos fáceis para Staline, mas há pouca gente que sabe disto. Alguns processos fracassaram e tudo ficou em águas de bacalhau.

E oportuno referir aqui um desses processos, o Caso de Kadii, cujas reportagens tinham começado a se, publicadas no jornal regional de Ivano-vo.

Em fins de 1934, numa distante e perdida aldeia da região de Ivanovo,

Ano do início dos processos de dissidentes, em que estes passaram a afirmar-se «mortais. (N. dos T.)

na junção com Kastroma e Nijngorod, tinha sido criado um novo distrito, ao qual foi dado como capital a antiga e calma vila de Kadii. Os novos dirigentes foram para lá destacados de diversos lugares e só se conheceram no local de destino. Eles foram encontrar uma zona mísera, triste e perdida, extenuada pelas remessas obrigatórias de cereais ao Estado, quando do que ali se necessitava era, pelo contrário, de ajuda

em dinheiro, em máquinas e de uma direcção sensata da economia. E sucedeu que o primeiro-secretário do Comité do Partido, Fiodor Ivanovitch Smirnov, era uma pessoa com um firme sentido de justiça, e que o chefe da secção agrária da zona, Stavrov, era um mujique de gema, um daqueles camponeses chamados «intensivis-tas», isto é, cuidadosos e instruídos, que já nos anos 20 orientavam as suas explorações sobre bases científicas (pelo que eram, então, estimulados pelo poder soviético: ainda não tinham decidido que era preciso varrer todos esses intensivistas. Stavrov, quanto a ele, devido a ter ingressado no Partido, não foi varrido quando da liquidação dos kulaks. Talvez ele próprio tenha participado nessa liquidação?). No seu novo lugar de trabalho eles tentaram fazer algo pelos camponeses, mas de cima caíam em catadupas directrizes, e cada uma delas era contra os seus empreendimentos: tudo se passava como se as inventassem de propósito lá em cima para tornar a vida mais amarga e difícil aos mujiques. Certa vez, os dirigentes de Kadii escreveram um relatório à capital da província dizendo ser necessário reduzir o plano de remessas de cereal: o distrito não o podia cumprir, caso contrário empobreceria até um limite perigoso. É preciso

recordar o ambiente dos anos 30 (mas só dos anos 30?), para avaliar o sacrilégio que isto constituía contra o plano, e o motim que fomentava contra o Poder! Mas, segundo os hábitos daqueles tempos, não foram adoptadas medidas frontais pelas autoridades superiores, mas deixadas à iniciativa local. Quando Smirnov partiu de férias, o seu substituto, Vassili Fiodorovitch Romanov, segundo--secretário, impingiu a seguinte resolução ao Comité Distrital: «Os êxitos do distrito seriam mais brilhantes(?) se não fosse por causa do trotsquista Stavrov.» Assim começou o «caso Stavrov». (O método é interessante: dividir Para já, assustar Smirnov, neutralizá-lo, obrigá-lo a fazer marcha a trás; depois chegará a vez dele. É esta, em pequena escala, precisamente a táctica estalinista do Comité Central.) Em tempestuosas reuniões do Partido esclareceu-se que Stavrov era tão trotsquista como jesuíta romano. O chefe das cooperativas de consumo do distrito, Vassili Gregorievitch Vlas-sov, homem autodidacta, com lacunas, mas com essas atitudes naturais que tanto surpreendem nos Russos, cooperador inato, eloquente e engenhoso nas discussões, acalorando-se quando se tratava do que considerava justo, convenceu a assembleia do Partido a expulsar Romanov, secretário do Comité Distrital,

por calúnia! E foi-lhe aplicada uma repreensão! A última intervenção de Romanov é muito característica desse tipo de gente e da confiança que depositava no sistema: «Embora tenham demonstrado aqui que Stavrov não é trotsquista, eu estou, mesmo assim, convencido de que

ele o é. O Partido aclarará as coisas, assim como quanto à minha repreensão.» E o Partido aclarou: quase logo a seguir, a N. K. V. D. do distrito prendeu Stavrov; ao cabo de um mês, prendeu o presidente do Executivo do Soviete do distrito, o estoniano Univer - e o seu lugar foi ocupado por Romanov. Stavrov foi conduzido à N. K. V. D. regional e ali confessou ser trotsquista; que toda a vida tinha feito parte do bloco, com os socialistas revolucionários; e que no seu distrito era membro de uma organização clandestina de direita (um ramalhete digno daquele tempo: só faltava a ligação directa com a Enterite). Talvez ele não tenha confessado nada, mas isso nunca ninguém o saberá, pois morreu na prisão central da N. K. V. D. de Ivanovo, em consequência das torturas. Em todo o caso, foram reduzidos a escrito os autos. Depressa foram presos o secretário do Partido do distrito,

Smirnov, chefe da suposta organização de direita, o chefe da secção de finanças do distrito, Saburov, e ainda outros.

É interessante ver como se decidiu a sorte de Vlassov. Recentemente, ele tinha incitado a excluir do Partido o novo presidente do Executivo, Romanov. Assim como havia ofendido mortalmente o procurador do distrito, Russov (já descrito no capítulo quarto). O chefe da N. K. V. D. do distrito, N. I. Krilov, ficou ofendido por ter sido impedido de prender, por imaginária actividade de sabotagem, dois hábeis e entendidos cooperadores de origem social incerta (Vlassov admitia sempre no trabalho quaisquer cooperadores de antes da Revolução: eles dominavam magnificamente as questões e procuravam ser diligentes; os proletários que lhe propunham nada sabiam fazer e, o que era mais importante, nada queriam fazer). De todas as maneiras, a N. K. V. D. estava disposta ainda a arranjar as coisas pelas boas com a cooperativa! O substituto da N. K. V. D. do distrito, So-rokin, foi pessoalmente propor a Vlassov que oferecesse à N. K. V. D. («depois contabilizas isso de qualquer forma») setecentos rublos de tecidos («trapos»), e para Vlassov isso significava dois meses

de salário. Ele não guardava para si ilegalmente nem uma migalha. «Não dás, depois lamentarás.» Vlassov expulsou-o dali: «Como se atreve propor-me a mim, comunista, uma coisa dessas!» No dia seguinte Krilov apresentou-se na cooperativa, já como representante do Comité Distrital do Partido (toda esta mascarada e todos estes negócios são, a alma do ano 37!), e ordenou que se reunisse o Partido com a seguinte ordem do dia: «A actividade sabotadora de Smirnov e de Univer na cooperativa de consumo; relator: o camarada Vlassov.» Aqui, cada truque é uma pérola! De momento não se acusa Vlassov! Mas bastava que ele dissesse duas palavras sobre a actividade sabotadora do antigo secretário do Partido, na sua esfera de competência, e a N. K. V. u- interrompê-lo-ia: «Onde estava você} Porque é que não veio, em devido tempo, comunicar-nos?» Em tal situação havia muitos que se desorientavam e se enterravam. Mas não Vlassov. Ele respondeu imediatamente: «Eu ao tarei o relatório! Que o faça Krilov, pois foi ele que o prendeu e que es-a a tratar do caso Smirnov-Univer!» Krilov negou-se: «Eu não estou a par

do assunto.» Vlassov: «Pois se nem você está a par do assunto, é porque eles estão presos sem fundamento!» E a reunião pura e simplesmente não se realizou. Mas seria frequente as pessoas atreverem-se a defender-se? (A situação no ano 37 não estará completa, e nós perderemos de vista homens ousados e de decisões enérgicas, se não mencionarmos o facto de que já tarde, nessa noite, irromperam no gabinete de Vlassov o contabilista principal das cooperativas do distrito e o seu substituto N., oferecendo-lhe dez mil rublos: «Vassili Gregorievitch! Fuja esta noite! Esta noite ainda! De outra forma está perdido!» Mas Vlassov considerava que não era digno de um comunista fugir.) Pela manhã, no jornal do distrito, apareceu uma severa nota sobre o trabalho na secção das cooperativas do distrito (é preciso dizer que, no ano 37, a imprensa andava sempre de mãos dadas com a N. K. V. D.), e pela tarde foi proposto a Vlassov que apresentasse um relatório do seu trabalho ao Comité Distrital do Partido (a cada passo depara-se-nos o mesmo tipo de métodos em toda a União!).

Isto sucedia em 1937, segundo ano da chamada Mikoyan prosperity*6 em Moscovo e noutras grandes cidades, e actualmente aparecem por vezes memórias

de jornalistas e escritores mostrando como já então começava a grande fartura. Tudo entrou na história e existe o risco de que fique nela para sempre. E, no entanto, em Novembro de 1936, dois anos depois de terem sido eliminadas as cadernetas de racionamento do pão, na região de Ivanovo (e outras) foi dada a instrução secreta de proibir o comércio de farinha. Naqueles anos muitas donas de casa, nas pequenas cidades e especialmente nas vilas e aldeias, coziam elas próprias o pão. A proibição da venda de farinha significava: não comam pão! No centro distrital de Kadii formavam-se longas e nunca vistas bichas para o pão (de resto assestou-se também um golpe nessas bichas: em Fevereiro de 1937, proibiu-se o fabrico de pão negro nos centros distritais, vendendo-se somente pão branco, mais caro). Na zona de Kadii não havia outra panificadora além da da sede do distrito, e das aldeias todos afluíam ali em busca de pão negro. Nos armazéns havia farinha, mas duas proibições se opunham à sua venda ao público!!! Entretanto, Vlassov encontrou solução e, apesar das astutas disposições do Estado, vendeu pão a todo o distrito durante esse ano: percorreu os Kolkhozes e em oito deles chegou a acordo no sentido de que nas isbas abandonadas pelos kulaks se criassem

panificadoras colectivas (ou seja, que para lá se levasse lenha e se pusessem as mulheres a trabalhar nos fornos russos caseiros - mas colectivamente, não individualmente). A secção distrital das cooperativas comprometia-se a abastecê-las de farinha. Como com o ovo de Colombo: a solução é simples, depois de ter sido encontrada! Sem construir panificadoras (não tinha recursos para isso), Vlassov pô-las a funcionar num só dia. Sem fazer comércio de farinha, ele, inin-

Em inglês no texto. (N. dos T.)

y

terruptamente, enviava farinha do armazém, e exigia mais do Comité Regional. Não vendendo pão negro no centro distrital, ele fornecia pão negro ao distrito. Sim, ele não transgredira a letra das instruções, mas violara o espírito das disposições: economizar farinha e deixar o povo morrer de fome. E assim, no distrito, tinham ponta por onde criticá-lo.

Depois dessa crítica ainda sobreviveu uma noite. Mas de dia foi preso. Como um pequeno galo de combate (era de baixa estatura e mantinha-se sempre um pouco arrogante, com a cabeça inclinada para trás),

tentou recusar-se a enjregar o cartão do Partido (na véspera, na reunião do Comité Distrital, não se tinha decidido a sua expulsão!), e o bilhete de deputado do Soviete local (ele havia sido eleito pelo povo e não havia qualquer decisão do Executivo do Soviete privando-o da imunidade!). Mas os milicianos não fizeram caso dessas formalidades, lançaram-se sobre ele e levaram-no pela força. Da secção distrital das cooperativas conduziram-no à N. K. V. D., pelas ruas de Kadii, de dia, e um dos jovens vendedores, um komsomol, viu-o da janela do Comité do Partido. Então, nem todas as pessoas tinham aprendido ainda (sobretudo nas aldeias, pela sua simplicidade) a não dizer o que pensavam. O vendedor exclamou: «Ah, canalhas! Levam o meu chefe!» Ali mesmo, sem sair da sala, foi excluído do Comité Distrital e do Komsomol, e arrastou-se pelo conhecido caminho até à cova.

Vlassov foi preso tarde, relativamente aos seus companheiros de processo. Este quase tinha sido instaurado sem ele e agora ia fazer-se o julgamento público. Levaram-no para a prisão central de Ivanovo, mas, como era o último, sobre ele quase não foi exercida qualquer pressão; fizeram-lhe apenas dois

interrogatórios e nenhuma testemunha veio depor. As pastas da investigação estavam repletas de comunicados da secção distrital das cooperativas e de recortes dos jornais do distrito. Vlassov era acusado de: 1) Ter provocado bichas no pão; 2) De não ter assegurado o sortimento de um mínimo de mercadorias (como se houvesse tais mercadorias e alguém as propusesse a Kadii); 3) De ter feito um stock excessivo de sal, quando este era obrigatoriamente uma reserva «em caso de mobilização» (dado que, segundo um velho costume da Rússia, numa guerra sempre se teme ficar sem sal).

Em fins de Setembro levaram os acusados a julgamento público, em Kadii. Este não era o caminho mais curto (que luxo, ao lado das comissões especiais e dos julgamentos à porta fechada!): de Ivanovo a Kinechma foram conduzidos num «vagão de Stolipine»47; e de Kinechma a Kadii, numa distância de cento e dez quilómetros, de automóvel. Havia mais de uma dezena de viaturas, que formavam uma fila fora do vulgar pela velha estrada deserta, provocando admiração nas aldeias, misto de terror e de pressentimento de guerra. Pela organização

irrepreensível e pelo efeito de intimidação Ministro do Interior de antes da Revolução. (N. dos T.)

mde todo o processo respondia Klinguin (chefe da secção especial e regional da N. K. V. D., encarregado das organizações contra-revolucionárias). A guarda era composta por quarenta homens da reserva da milícia montada, e todos os dias, entre 24 e 27 de Setembro, os conduziam pelas ruas de Kadii, com os sabres desembainhados e as pistolas em riste, ao edifício da N. K. V. D. distrital, num clube ainda não acabado de construir. Depois, no regresso, faziam-nos passar pela aldeia onde ainda há pouco constituíam o governo local. As janelas do clube já tinham sido postas, mas o cenário ainda não estava pronto, não havia luz eléctrica (como, de resto, não existia, de modo geral, em Kadii), e à noite o tribunal reunia--se à luz de querosene. Traziam um público escolhido dos Kolkhozes.

Toda a aldeia de Kadii ia assistir. Havia gente não apenas sentada nas cadeiras e nas janelas, mas de pé, enchendo os corredores, de forma que cabiam lá

setecentas pessoas de uma vez (na Rússia, de todos os modos, gostam desses espectáculos). O bancos da frente eram permanentemente reservados aos comunistas, para que o tribunal tivesse sempre o desejado apoio.

A constituição especial do tribunal englobava o vice-presidente do tribunal regional, Chubin, e os assessores Bitch e Zaoziorov. O procurador regional Karassik, diplomado pela Universidade de Dorpat, dirigia a acusação (embora todos os acusados tivessem recusado defesa, foi-lhes imposto o advogado oficioso para justificar a presença do acusador público). O requisitório da acusação, solene, ameaçador e longo, resumia-se a que no distrito de Kadii actuava um grupo clandestino da direita bukharinista, criado em Ivanovo (veja-se, haverá prisões por lá), que se impunha como objectivo derrubar o poder soviético na vila, por meio da sabotagem económica (não teriam podido encontrar os direitistas um lugar mais ignorado para dar início ao seu projecto!).

O procurador fez um requerimento: embora Stavrov tivesse morrido na cadeia, devia ser tomado aqui em conta, considerando-se como prestadas perante o

tribumal, as declarações feitas por ele antes da sua morte (era nestes depoimentos de Stavrov que se baseavam todas as acusações!). O tribunal manifestou a sua concordância: ter em consideração as declarações do defunto como se ele estivesse vivo (com a vantagem, entretanto, de que já nenhum dos réus podia impugná-lo).

Mas a ignorância da população de Kadii não captava tais subtilezas científicas, esperando o que sucederia mais adiante. Faz-se de novo a leitura do depoimento do morto durante a investigação. Começa o interrogatório dos réus e - que confusão! - TODOS eles SE RETRACTAM das comissões feitas durante as averiguações!

Não se sabe como se teria procedido neste caso na Sala de Outubro da Casa dos Sindicatos48, mas aqui foi decidido, sem vergonha alguma, continuar

A célebre Sala das Colunas, de Moscovo. (N. dos T.)

O juiz censura-os: como é que puderam, na instrução, fazer outras declarações? Univer,

debilitado, disse com voz quase inaudível: «Como comunista, não posso relatar num julgamento público os métodos de interrogatório da N.K.V.D.» (Eis um modelo dos processos dos bukharinistas. É isto que os paralisa: o que eles mais procuram é que o povo não pense mal do Partido. Os seus juízes há muito que deixaram de ter essa preocupação.)

No intervalo, Kliuguin percorre as celas dos acusados. Diz a Vlassov: «Ouviste como se curvaram Smirnov e Univer, canalha? Tu também deves reconhecer-te culpado, e contar toda a verdade!» - «Só a verdade!», concorda ainda de bom grado o vigoroso Vlassov. «A verdade é que vocês em nada se diferenciam dos fascistas alemães!» Kliuguin enfurece-se: «Escuta, canalha, hás-de pagá-lo com sangue![49]» A partir deste momento, Vlassov passa, no processo, do segundo ao primeiro plano, como inspirador ideológico do grupo.

É neste momento que a multidão que enche os corredores começa a compreender as coisas mais claramente quando o tribunal é obrigado a falar sobre as bichas do pão, sobre aquilo que a cada um toca mais de perto (antes vendia-se pão sem conta, enquanto hoje não há bichas). Perguntam ao réu

Smirnov: «Você sabia da existência de bichas para o pão, no distrito?» - «Sim, claro, elas estendiam-se desde a padaria até ao próprio edifício do Comité Distrital do Partido.» - «E que medidas tomaram?» Não obstante as torturas, Smirnov conservava a voz sonora e a calma segurança que lhe era dada pela sua inocência. Este homem espadaúdo, de cabelo castanho-claro, de rosto simples, não mostra pressa, e a sala ouve cada palavra sua: «Visto que todos os apelos feitos às organizações regionais não deram resultado, incumbi Vlassov de enviar um relatório ao camarada Staline.».- «E porque é que vocês não o fizeram? (Eles não sabem ainda porquê!... Deixaram-no escapar!)» - «Escrevemo-lo e eu mandei-o por estafeta especial directamente ao Comité Central, sem passar pelo Comité Regional. Guardou-se uma cópia nos arquivos do Comité Distrital.»

A sala nem respira. O tribunal alarma-se. Não é necessário perguntar mais, mas há ainda alguém que pergunta: - E qual foi o resultado?

Esta pergunta está nos lábios de todos: «E qual foi o resultado?» Smirnov não soluça, não se lamenta acerca do ideal morto (é isso o que falta nos processos

de Moscovo!). Ele responde com voz sonora e tranquila:

- Nenhum. Não houve resposta.

Na sua voz cansada lia-se: era o que eu esperava, na realidade.

Não faltará muito para que o seu próprio sangue seja'derramado! No meio da ma-a segurança do Estado em que caiu Yejov, foi apanhado Kliuguin, e no campo ele foi morto à machadada pelo bufo Gubaidulin.

NÃO HOUVE RESPOSTA! Do nosso Pai e do nosso Mestre não houve resposta! O julgamento público atingira o seu ponto culminante! Já tinha sido mostrado às massas as negras entranhas do antropófago! O julgamento já podia terminar! Mas não, não lhes chega para isso nem o tacto nem a inteligência, e eles durante mais três dias não deixam de insistir no mesmo.

O procurador esgana-se:

- Duplicidade! E isso o que fazem! Com uma mão sabotam e com a outra escrevem a Staline! E ainda esperavam resposta dele?! Que responda agora o réu Vlassov! Como é que chegou a inventar uma sabotagem tão monstruosa: pôr termo à venda de farinha? Deixar de cozer pão de centeio na capital do distrito?

O franganote Vlassov não espera que o mandem levantar. Ele mesmo se apressa a dar um salto e a gritar estridentemente na sala:

- Estou completamente de acordo em responder por isso perante o tribunal, se deixar o seu lugar de acusador, senhor procurador Karassik, e se se sentar aqui ao meu lado!

' Não se entende nada. Barulho, gritos. Chamem-noà ordem, que é isto?... Tendo tomado a palavra de assalto, Vlassov explica agora com toda a satisfação:

- Chegaram instruções do Praesidium do Executivo do Soviete Regional proibindo vender farinha e fazer pão. O procurador Karassik é membro permanente do Praesidium. Se isto é uma sabotagem económica, porque é que ele não impôs o seu veto, como

procurador, a tal decisão? Isso não significa que começou a sabotar antes de mim?

O procurador afundou-se, o golpe tinha sido rápido e certeiro. O juiz não encontra nada que dizer. E pronuncia entre dentes:

- Se for preciso, processar-se-á (?) também o procurador. Mas hoje é você que estamos a julgar.

(Há duas verdades - uma para cada categoria!)

- Assim, eu exijo que o tirem da cátedra de procurador! - repisa o turbulento e incontível Vlassov.

Suspensão da audiência...

Bom, que significado educativo tem para as massas este julgamento? Mas eles insistem. Depois do interrogatório dos réus, começam os depoimentos das testemunhas. O contabilista N...

- Que conhece acerca da actividade sabotadora de Vlassov?

- Nada.

- Como pode ser isso?

- Eu estava na sala das testemunhas e não ouvi o que se dizia.

- Não tem necessidade de escutar! Através das suas mãos passavam muitos documentos, você não podia deixar de saber.

- Os documentos estavam todos em ordem.

- Aqui tem. Um montão de jornais do distrito. Mesmo aí se fala da

actividade sabotadora de Vlassov. E você não sabe nada?

- Então pergunte àqueles que escreveram esses artigos! A gerente da padaria.

- Diga, o poder soviético tem muito cereal?

(Ora, ora! Que responder?... Quem é que está disposto a dizer: eu não o contei?)

- Tem muito...

- Então porque é que havia aqui tantas bichas?

- Não sei...

- De quem depende isso?

- Não sei...

- Como não sabe? Quem era o seu chefe?

- Vassili Gregorievitch.

- Ao diabo Vassili Gregorievitch! O réu Vlassov! Isso significa que dependia dele.

A testemunha cala-se.

O presidente dita ao secretário: «Resposta: em consequência da actividade sabotadora de Vlassov formavam-se bichas para o pão, não obstante as enorme reservas de cereal do poder soviético.»

Dominando o seu próprio receio, o procurador pronunciou um longo discurso. O advogado, no fundamental, defendeu-se a si próprio, sublinhando que os interesses da pátria lhe são tão queridos a ele como a qualquer honrado cidadão.

Smirnov, na sua última intervenção, não solicitou nada e de nada se arrependeu. Pelo que se pode estabelecer agora, era um homem firme, demasiado sincero para continuar a sustentar a cabeça sobre os ombros para lá de 1937.

Quando Saburov pediu que lhe conservassem a vida - «não para mim, para os meus filhinhos» -, Vlassov, zangado, puxou-lhe pelo casaco: «Idiota!»

Ele próprio, Vlassov, não deixou passar a última ocasião para mostrar o seu atrevimento:

- Não vos considero como um tribunal, mas sim como actores representando uma opereta no tribunal, de acordo com papéis escritos de antemão. Sois os executores de uma provocação da N. K. V. D. Diga eu o que disser, de todas as maneiras vão-me condenar ao fuzilamento. Só tenho fé em que chegará o tempo em que vós estareis no nosso lugar!...50

Desde as sete da tarde até à uma hora da madrugada que o tribunal esteve a elaborar a sentença, e na sala do clube as lâmpadas de querosene roram ardendo, enquanto os réus se mantinham sentados sob a ameaça dos sabres, e o público zumbia sem abandonar a sala.

1 ao prolongada como a redacção da sentença foi a sua leitura, sobre-

falar verdade, nisto ele enganou-se.

366

carregada de todas as alucinantes acções, ligações e intenções sabotadoras. Smirnov, Univer, Saburov e Vlassov foram condenados ao fuzilamento, outros dois réus a dez anos e um a oito. Além disso, as conclusões do tribunal conduziram ainda à descoberta, em Kadii, de outra organização de sabotadores da economia, pertencentes ao Komsomol (que não tardaram a ser presos: recordam-se do jovem vendedor?); o centro clandestino das organizações era em Ivanovo, que, por sua vez, naturalmente, estava subordinado a Moscovo (o abismo ia-se abrindo sob os pés de Bukharine).

Depois das palavras rituais «ao fuzilamento!», o juiz fez uma pausa para os aplausos, mas na sala havia uma tensão tão sombria que se ouviam os suspiros e o choro das pessoas estranhas, os gritos e os desmaios dos familiares, e mesmo nos dois primeiros bancos onde estavam sentados os membros do Partido não ressoaram aplausos, o que já era completamente indecoroso. «Oh!, meu Deus, que é que vocês fazem?!», gritavam ao tribunal vozes vindas da sala. Desesperadamente a esposa de Univer irrompeu em pranto, e na penumbra da sala houve

um movimento na multidão. Vlassov gritou para os bancos da frente:

- Mas porque é que vocês, canalhas, não aplaudem? E dizem-se comunistas!

O dirigente político do destacamento da guarda correu para ele e apon-tou-lhe o revólver à cara. Vlassov esforçou-se por lho tirar. Um miliciano acorreu e afastou o seu chefe político, que tinha cometido um erro. O chefe da escolta ordenou: «Às armas!» E trinta carabinas das milícias de segurança, bem como as pistolas dos enquavedistas locais, foram apontadas contra a multidão (pois parecia que esta ia lançar-se para arrebatar os condenados).

A sala estava iluminada só por umas quantas lâmpadas de querosene, e a meia escuridão aumentava a confusão geral e o medo. A multidão, convencida completamente, não pelo julgamento judicial mas pelas carabinas apontadas contra ela, esmagando-se no pânico, buscava uma saída, não só pelas portas, como também pelas janelas. Rangeram as tábuas, tilintaram os vidros. Quase esmagada, desmaiada, ficou caída debaixo das cadeiras, até de manhã, a esposa de Univer.

E não houve aplausos...51

51 Uma pequena nota consagrada à menina Zoia Vlassova, de oito anos. Ela amava o pai extremosamente. Não pôde voltar a estudar na escola (zombavam dela dizendo: «O teu pai é um sabotador!» Ela brigava com as outras: «O meu papá é bom!»). Depois do julgamento, viveu só um ano (até então jamais estivera doente). Nesse ano, NEM UMA SÓ VEZ SE RIU, andando sempre cabisbaixa, e as velhas auguravam: «Ela olha para a terra, depressa morrerá.» E morreu de meningite, gritando antes de morrer constantemente: «Onde está o meu papá? Tragam o meu papá!» Quando calculamos os milhões de homens que pereceram nos campos, esquecemo-nos de multiplicá-los por dois ou por três...

Os condenados não só não podiam ser fuzilados imediatamente, como também deviam ser guardados custasse o que custasse, porque já não tinham nada a perder e, para executá-los, era preciso conduzi-los ao centro regional.

A primeira tarefa era a de escoltá-los pelas ruas, à noite, até à N. K. V. D., e procedeu-se assim: cada condenado era acompanhado por cinco guardas. Um levava a lanterna. Outro ia adiante com a pistola no ar. Dois agarravam o condenado com um braço, enquanto, com a mão livre, seguravam a pistola. E o último ia atrás apontando a pistola para o condenado pelas costas.

O resto da milícia estava postada a intervalos regulares para evitar qualquer ataque da multidão.

Hoje, qualquer pessoa sensata estará de acordo em que, se se continuasse assim, com julgamentos públicos, a N. K. V. D. nunca teria cumprido a sua grandiosa tarefa.

Aí está por que os processos políticos públicos, no nosso país, não criaram raízes.

XI À MEDIDA MÁXIMA

A pena de morte na Rússia tem uma história com altos e baixos. No Código de Aleksandr Mikhailoyitch o castigo máximo era previsto em cinquenta casos; no regulamento militar de Pedro I havia duzentos artigos

que o previam. Mas Isabel, não tendo abolido a pena capital, não recorreu, no entanto, uma só vez a ela: dizem que ao subir ao trono fez a promessa de não executar ninguém — e em vinte anos de reinado não houve qualquer execução. Mesmo durante a Guerra dos Sete Anos, ela passou sem essa pena. Trata-se de um exemplo surpreendente para os meados do século XVIII, meio século antes da matança dos jacobinos. É certo que nós somos muito desenvoltos na ridicularização de todo o nosso passado; não reconhecemos nunca um acto nem uma boa intenção. Assim pode também denegrir-se inteiramente Isabel: ela substituiu a execução pelos golpes de azorrague, o corte do nariz, a marca do ferrete (para os ladrões) e a deportação perpétua para a Sibéria. Mas diremos em defesa da imperatriz: como podia ela voltar-se mais bruscamente contra as ideias daquela sociedade? Talvez que o condenado à morte, nos nossos dias, para que não se apague o Sol definitivamente para ele, escolhesse voluntariamente todo esse complexo de castigos que nós, por razões humanitárias, não lhe propomos.

E talvez que no decurso deste livro o leitor se incline no sentido de que vinte, e mesmo dez anos, nos

nossos campos são mais penosos do que os castigos do tempo da imperatriz Isabel.

Segundo a nossa actual terminologia1, Isabel tinha sobre isso uma visão humanista universal, e Catarina II, um ponto de vista de classe (e portanto mais justo). Não executar absolutamente ninguém dava-lhe, a ela, uma sensação inquietante de angústia: a de ficar sem defesa. E para se proteger a si, ao trono e ao regime, isto é, nos casos políticos (Mirovitch, o motim da peste, Pugatchov), ela reconheceu que a execução era, de todo em todo, conveniente. Mas para os delinquentes, para os presos comuns, porque não considerar a execução abolida?

sob o czar Pavel, a abolição da pena de morte foi confirmada. (E houve

Alusão à fórmula da condenação à pena capital: «Condenado à medida máxima de segurança social...., (N. dos T.)

muitas guerras, mas nos regimentos não havia tribunais militares.) E durante todo o longo reinado de Alexandre I foi introduzida a pena de morte unicamente para os delitos militares cometidos em

campanha (em 1812). (Aqui poderão dizer-nos: e os açoites até à morte? Também há que dizer: havia, é claro, assassínios secretos, podia levar-se uma pessoa até à morte, inclusive por meio de reuniões sindicais! Mas, de todas as maneiras, entregar a vida - a Deus - através de uma votação dos juízes foi coisa que meio século depois de Pugatchov, e até aos dezembristas, não voltou a acontecer no nosso país, nem sequer por crimes de Estado.)

O sangue dos cinco dezembristas fez farejar as narinas do nosso Estado. Desde então, a execução por crimes de Estado não foi abolida, nem esquecida, nem mesmo pela Revolução de Fevereiro, sendo confirmada pelos Códigos de 1845 e de 1904, alargando-se ainda aos crimes de guerra e aos previstos pelas leis penais marítimas.

E durante este tempo quantas pessoas foram executadas na Rússia? Indicámos já (no capítulo oitavo) os cálculos referentes aos leaders do período de 1905 a 1907. Acrescentámos-lhes os dados comprovados pelo perito russo em direito penal N. S. Tagantsiev2. Até 1905, a pena de morte na Rússia era uma medida de excepção. Ao longo de trinta anos, de 1876 a 1905 (época dos revolucionários de «A Vontade

do Povo», dos actos terroristas, e não das intenções manifestadas na cozinha comum de um apartamento soviético; época das greves de massas e dos distúrbios dos camponeses; época durante a qual se criaram e fortaleceram todos os partidos da futura Revolução), foram executadas perto de quinhentas pessoas, ou seja, cerca de dezassete por ano, em todo o país. (Isto englobando as execuções por crimes comuns!)3 Durante os anos da primeira revolução e do seu esmagamento, o número de execuções elevou-se, fustigando a imaginação dos Russos, fazendo cair lágrimas a Tolstoi e criando indignação em Korolenko e em muitos outros: de 1905 a 1908 foram executadas cerca de duas mil e duzentas pessoas (quarenta e cinco por mês!). Foi uma epidemia de execuções, como escreve Tagantsiev. (Aqui ela interrompeu-se.)

O Governo provisório, no seu advento, suprimiu a pena de morte em geral. Em Julho de 1917 restabeleceu-a para o exército em operações e nas províncias da frente de luta, para delitos militares, assassínios, violações, banditismo e pilhagem (que nessas zonas então abundavam). Esta foi uma das medidas mais impopulares, que levou à queda do

Governo provisório. A palavra de ordem dos bolcheviques para a mudança de regime era: «Abaixo a pena de morte, restabelecida por Kerenski!»

Conservou-se o relato de uma discussão que ocorreu no Smolni, na

2 N. S. Tagantsiev, A Pena de Morte. Spec. Biblio, 1913.

3 Em Schlisselburg, de 1884 a 1906, foram executadas... treze pessoas. Número horroroso para... a Suíça!

própria noite de 25 para 26 de Outubro: um dos primeiros decretos não devia ser a abolição da pena de morte para sempre? E Lenine, com razão, ridicularizou nessa altura a utopia dos seus camaradas, pois ele já sabia que, sem a pena de morte, nada se avançaria a caminho da nova sociedade. Entretanto, ao formar um Governo de coligação com os socialistas revolucionários de esquerda, as suas erróneas concepções foram postas de lado, e a partir de 28 de Outubro de 1917 a pena de morte foi abolida. Nada de bom, está claro, podia sair dessa «bondosa» medida. (E como a aboliram?

Em começos de 1918, Trotski ordenou que se processasse Aleksei Chastni, recém-promovido a almirante, por se ter recusado a meter a pique a esquadra do Báltico. O presidente do Supremo'Tribunal Revolucionário, Kark-lin, num russo defeituoso pronunciou à pressa a sentença: «Fuzilá-lo num prazo de vinte e quatro horas.» Na sala do tribunal, houve uma agitação: a pena de morte fora abolida! O procurador Krilenko esclareceu: «Porque se inquietam? Foi a execução que foi abolida. Não vamos executar Chastni — vamos fuzilá-lo.» E fuzilaram-no.)

A julgar pelos documentos oficiais, a pena de morte foi restabelecida, em todos os seus direitos, a partir de Junho de 1918 - não propriamente «restabelecida», mas instituída para inaugurar nova era de execuções. Se considerarmos que Latsis4 não diminui os números, carecendo apenas de informações completas, e que os tribunais revolucionários fizeram pelo menos um trabalho judicial equivalente ao extrajudicial da Tcheka, chegaremos à conclusão de que em vinte províncias da Rússia Central, num período de dezasseis meses (de Junho de 1918 a Outubro de 1919), foram fuziladas mais de dezasseis

mil pessoas, ou seja, MAIS DE MIL POR MÊS5. (A propósito, foram fuzilados então o presidente do primeiro Soviete de deputados operários russos de Petersburgo (1905), Khrustaliev-Nossar, e o artista que fez o desenho do lendário uniforme do soldado vermelho para toda a guerra civil.)

De resto, pode até acontecer que não sejam estes fuzilamentos isolados (com sentenças prévias ou não, e que mais tarde se elevaram a milhares) os que mais gravemente embriagaram e arrepiaram a Rússia nesta era de execuções, começada em 1918.

Mais horrorosa nos parece ainda a moda de ambas as partes beligerantes, e mais tarde dos vencedores, do afundamento de barcaças com centenas de pessoas, sem serem contadas nem recenseadas, e até nem inscritas nas listas. (Tal foi o caso da morte de oficiais da marinha no golfo da Finlândia, no mar Branco, no mar Cáspio e no mar Negro, e ainda dos reféns

4 No opúsculo já citado Dois Anos de Luta..., 1920, pág. 75.

Ja que entramos em comparações, vejamos mais outra: nos oitenta anos do auge da Inquisição (1420-1498) foram, em toda a Espanha, condenadas à

fogueira dez mil pessoas, s o e, cerca de dez pessoas por mês.

de 1920, no lago Baical.) Isto não faz parte da nossa história estritamente judicial - mas é a história dos nossos costumes, de onde procede tudo o que virá. Em todos os séculos, a partir do primeiro Riurik, terá havido acaso uma época de tantas crueldades e de tantos assassínios como depois de Outubro, durante a guerra civil?

Teríamos deixado passar um dente característico da engrenagem se não disséssemos que a pena de morte foi suprimida... em Janeiro de 1920, sim! Algum investigador poderá ficar até perplexo diante desta confiante e indefesa ditadura, que se privou da espada punitiva, quando Denikin ainda estava no Kuban, Wrangel na Crimeiá, e a cavalaria polaca aparelhava os cavalos para a campanha. Mas, em primeiro lugar, esse decreto era deveras razoável: não se estendia aos tribunais militares (mas unicamente aos julgamentos sumários da Tcheka e aos tribunais revolucionários da retaguarda). Em segundo lugar, ele

foi precedido de uma limpeza das prisões (vastos fuzilamentos de presos, que podiam ser abrangidos «pelo decreto»). E em terceiro lugar, o que é mais consolador, a sua vigência limitar-se-ia a um período extremamente curto - quatro meses (enquanto as prisões não se encheram de novo). Por decreto de 28 de Maio de 1920, foi devolvido à Tcheka o direito de continuar a fuzilar.

A Revolução apressa-se a mudar o nome às coisas, para que cada objecto seja encarado como novo. Assim, «a pena de morte» passou a ser denominada medida máxima e não «pena», e no Código Penal de 1924 explicam-nos que a medida máxima foi estabelecida PROVISORIAMENTE, até à sua completa abolição pelo Comité Executivo Central.

E, efectivamente, em 1927, começaram a suprimi-la: deixaram-na unicamente para os delitos contra o Estado e o exército (o artigo 58 e o correspondente do Código Militar) e ainda, é verdade, para o banditismo (mas já sabemos como é ampla a interpretação política do «banditismo», naqueles anos e mesmo hoje: desde o basmatcb - nacionalista da Ásia Central - até ao guerrilheiro dos bosques da Lituânia, qualquer nacionalista armado, em discordância com o Governo

central, é um «bandido». Como prescindir deste artigo? E um amotinado de um campo de concentração, bem como de um tumulto na cidade, também é um «bandido»). Entretanto, foi suprimido o fuzilamento, na altura do décimo aniversário da Revolução de Outubro, para os crimes previstos nos artigos que dependem dos particulares.

Mas, por ocasião do décimo quinto aniversário, a lei do «sete e do oito» acrescentou-se à pena de morte como uma importantíssima lei para o socialismo em marcha, que prometia a cada súbdito uma bala por cada migalha roubada ao Estado.

Como sempre, lançou-se mão em grande escala dessa lei, sobretudo nos primeiros tempos, em 1932-33, e fuzilava-se então com especial zelo. Nessa época pacífica (ainda em vida de Kirov...), só na prisão das Cruzes de Leninegrado, em Dezembro de 1932, aguardavam SIMULTANEAMENTE a sua sorte DUZENTOS E SESSENTA E CINCO CONDENADOS

À MORTE6 - número que, durante um ano, só nessa prisão, deveria ultrapassar um milhar.

E que criminosos eram estes? Donde tinham saído tantos conspiradores e agitadores? Estavam ali, por exemplo, seis kolkhozianos dos arredores de Tsarskoie-Selo, os quais eram acusados do seguinte: depois das ceifas do Kolkhoz (feitas com as suas próprias mãos!), eles passaram de novo a crivo os campos e recolheram as espigas que tinham ficado entre os torrões para dar às suas vacas. ESTES SEIS MUJIQUES NÃO FORAM PERDOADOS PELO COMITÉ CENTRAL EXECUTIVO E A SENTENÇA FOI CUMPRIDA!

Que facínora género Saltitchikha, que abominável e repugnante senhor de servos poderia MATAR seis mujiques por umas desgraçadas espigas?... Se fossem somente espancados com um cajado, tê-lo-íamos sabido, e nas escolas amaldiçoaríamos os seus nomes.7 Mas agora isto passou despercebido e sem problemas. E há que conservar a esperança de que algum dia os documentos confirmem o relato de uma testemunha viva. Mesmo que Staline nunca mais tivesse mandado matar ninguém, só por estes seis mujiques de Tsarskoie-Selo eu já o consideraria digno de ser esquartejado em quatro! E ainda se atrevem a grunhir-nos (de Pequim, de Tirana, de Tbilissi e das

florestas dos arrabaldes de Moscovo): «Como se atreveram a desmascará--lo? Como se atreveram a perturbar a sua grande sombra?... Staline pertence ao movimento comunista mundial!» Mas, em meu parecer, pertence só ao Código Penal. «Os povos de todo o mundo recordam-no com simpatia ...», mas não aqueles sobre os quais ele ia montado e a quem chicoteava.

Mas voltemos à escrita impassível, objectiva. Naturalmente que o Conselho Central Executivo teria «suprimido completamente», sem falta, a pena máxima, uma vez que o havia prometido - mas a desgraça foi que, em 1936, o Pai e Mestre suprimiu completamente o próprio Conselho Central Executivo. E o Soviete Supremo tinha já um ar mais próximo do dos tempos de Anna Ioannovna.8 Aqui já a «pena máxima» se tornou uma medida de castigo e não uma qualquer medida de «segurança», incompreensível, us fuzilamentos de 1937-38 até já para um ouvido staliniano desbordavam o limite da «segurança».

Sobre esses fuzilamentos qual será o especialista jurídico ou o historiador da delinquência que nos apresentará uma estatística autêntica? Onde estão os arquivos secretos, onde possamos penetrar e ler as

cifras? Não existem. E não existirão? Por isso, só nos atrevemos a repetir os números

6 Testemunho de B., que distribuía a comida nas celas dos condenados à morte. O que se ignora na escola é que Saltitchikha, por um veredicto (de classe) do tribunal, esteve presa onze anos nos subterrâneos da prisão do Mosteiro de Ivanovo, em Moscovo, por atrocidades cometidas. (Prugavin, Prisões dos Mosteiros. Editorial Porédnik, pág. 39.) Del eterencia à imperatriz que liquidou, em 1730, o «conselho» (Soviete) constituído

os "obres do Império Russo em 1726. (N. dos T.)

mais recentemente ouvidos, que em 1939-40 circulavam pelas abóbadas da prisão de Butirki e provinham dos funcionários, altos e médios, do aparelho de Yejov, que tinham caído em desgraça não havia muito e que passaram por essas celas (eles estavam bem colocados para o saber). Diziam os de Yejov quenesses dois anos tinham sido fuzilados em toda a União MEIO MILHÃO de «políticos» e quatrocentos e oitenta mil comuns (artigo 59-3:

fuzilados com o «apoio de Iagoda»; assim foi ceifado o «nobre e antigo meio da gatunagem»).

Até que grau serão inverosímeis estas cifras? Considerando que os fuzilamentos foram realizados não durante dois' anos, mas sim em ano e meio, obtemos (para o artigo 58) a média por mês de vinte e oito mil fuzilados. Isto em toda a União. Mas quantos lugares havia de fuzilamento? Será muito modesto considerar que existia apenas uma centena e meia. (Eram mais, naturalmente. Só em Pskov tinham sido adaptadas muitas igrejas e antigas celas de eremitas para locais de torturas e fuzilamentos da N.K.V.D. Ainda em 1953 nessas igrejas não era permitida a entrada de turistas: «depósito de arquivos»; belos «arquivos», em que não haviam limpo as teias de aranha em dez anos! Antes dos trabalhos de restauração, foram daí levados montes de ossos em camiões.) Pode calcular-se que num lugar, e num só dia, levavam ao fuzilamento seis pessoas. Acaso isto é algo de fantástico? Isto está até subestimado! (Segundo outras fontes, até 1 de Janeiro de 1939, tinham-se fuzilado um milhão e setecentas mil pessoas.)

Durante os anos da grande guerra patriótica, por causas diversas, a aplicação da pena de morte ora se ampliava (por exemplo, com a militarização das linhas férreas), ora se enriquecia de novas formas (desde Abril de 1943 com o ucasse sobre o enforcamento).

Todos estes acontecimentos retardaram um pouco a prometida abolição absoluta e definitiva da pena de morte. No entanto, a paciência e a abnegação do nosso povo tinham-na merecido: em Maio de 1947, Locif Vissarionovitch, ao estrear diante do espelho, o peitilho engomado com requinte, ditou ao Praesidium do Soviete Supremo a abolição da pena de morte em tempos de paz (substituindo-a por uma nova pena de vinte e cinco anos em campos de concentração: um bom pretexto para introduzir um quarto de século).

Mas o nosso povo é desagradecido, criminoso e incapaz de apreciar a magnanimidade. Assim, tendo choramingado e choramingado por passar dois anos e meio sem pena de morte, os dirigentes, em 12 de Janeiro de 1950, publicaram um ucasse em sentido oposto: «Em razão das petições precedentes das repúblicas nacionais (a Ucrânia?...), dos sindicatos (que agradáveis são esses sindicatos, sabem sempre o que faz falta), das organizações camponesas (isto foi

ditado a dormir, pois todas as organizações camponesas tinham sido destruídas pelo Misericordioso no ano da grande viragem), bem como dos intelectuais (isto sim, é inteiramente verosímil)..-, decidiu-se voltar a instaurar a pena de morte para os traidores à pátria, os

espiões e os que realizem actividades de sapa e de sabotagem», que já se tinham amontoado nas prisões. (Mas esqueceram-se de retirar a pena de um quarto de século, e ela ficou.)

Quando começaram a restituir-nios o nosso conhecido corta-cabeças, este difundiu-se sem esforços: em 1954, por homicídio premeditado; em Maio de 1961, por delapidação de bens do Estado, por falsificação de moeda, por terrorismo nos lugares de reclusão (isto é, pela morte de denunciantes e por ameaças à administração dos campos); em Julho de 1961, por infracção ao regulamento das operações com divisas; em Fevereiro de 1962, por atentado contra as vidas dos agentes da milícia e dos seus

auxiliares (um sopapo, por exemplo), bem como por violação; e, imediatamente a seguir, por corrupção.

Mas tudo isso a título provisório, até à abolição completa. E ainda hoje' está escrito assim9.

No fim de contas, o período mais longo em que nos mantivemos sem execuções foi o da czarina Isabel Petrovna.

Na nossa cega e confortável existência apresentam-nos os condenados à morte como personalidades isoladas, vítimas da fatalidade. Instintivamente, estamos convencidos de que nós mesmos nunca poderíamos cair numa cela de condenado à morte, porque para isso seria necessária, senão uma culpa grave, em todo o caso, uma vida de excepção. Temos de dar muitas voltas ao miolo para imaginarmos que às celas dos condenados à morte foram parar inúmeras pessoas insignificantes, pelos actos mais simples e que - cada uma segundo a sorte que teve — , na maior parte dos casos, não obtiveram clemência, mas sim a atalaia (é o nome que os presos dão «à medida máxima»: eles não suportam palavras elevadas e denominam tudo dà forma mais grosseira e curta possível).

A um agrónomo da secção distrital agrária foi aplicada a pena de morte por um erro na análise dos cereais do Kolkhoz (talvez que a análise não tenha agradado aos chefes)! Aí está 1937! O presidente de uma oficina de artesanato (que produzia carros de linha!), Melhnikov, foi condenado à morte porque na sua loja se declarou um incêndio devido a uma faísca! Ainda 1937. (É verdade que a pena foi comutada em dez anos.)

Na Prisão das Cruzes, em 1932, aguardavam a morte: Feldman, por ter sido encontrado com divisas; Faiteleievitch, estudante do Conservatório, Pela venda de fitas de aço para aparos. O comércio tradicional, ganha-pão passatempo dos judeus, também passou a merecer a pena de morte!

aera caso para nos espantarmos que Guerachka, rapaz de uma aldeia

e lvar>ovo, fosse condenado à pena de morte? O dia de S. Miguel, na Primavera, festejou-o na aldeia vizinha, bebeu bem e bateu com uma barra - no traseiro de um miliciano, não! -, mas sim no do cavalo do miliciano!

(É verdade que, depois, raivoso contra a milícia, arrancou o fio do telefone do Soviete da aldeia e gritou: «Morte aos diabos!» ...)

O nosso destino de ir parar à cela dos condenados não se decide por aquilo que fizemos ou não fizemos — decide-se pelas voltas da grande roda, pelas poderosas circunstâncias exteriores. Por exemplo, Leninegrado encontra-se bloqueada. Que deve pensar, o seu dirigente supremo, camarada Jdanov, se nos processos da Segurança do Estado de Leninegrado, nesses meses duros, não está prevista nenhuma pena de morte? Que os órgãos não actuam, não é assim? Deve haver, por revelar, importantes conspirações clandestinas dirigidas pelos alemães do exterior, não é verdade? Porque é que sob Staline, em 1919, essas conspirações foram descobertas e sob Jdanov, em 1942, elas não vêm à luz? Dito e feito: descobrem-se várias conspirações ramificadas! Enquanto você dorme no seu quarto gelado de Leninegrado, uma garra negra desce sobre si. E aqui nada depende de você mesmo. Acontece que um certo general Ignatovski tem uma janela que dá para o rio Nieva e tirou um lenço branco para se assoar: é um sinal!

Além disso, Ignatovski, que é engenheiro, gosta de falar com os marinheiros sobre questões técnicas. Há que cortar o mal pela raiz! Ignatovski é preso. Chegou o momento de ajustar contas! Ele é obrigado a dar o nome dos quarenta membros da sua organização. Dá-os. Se você é arrumador do Teatro Aleksandra, as possibilidades de ser citado não são grandes, mas se é professor de um Instituto Tecnológico, então está na lista (outra vez esta maldita inteligência!). Nada depende de si. E por figurar nessa lista todos são fuzilados.

E fuzilam-nos efectivamente a todos. Só resta entre os vivos Konstantin Ivanovitch Strakhovitch, conhecido especialista russo de hidrodinâmica: o Alto Comando da Segurança do Estado está descontente, porque a lista é pequena e se fuzilam poucos. E Strakhovitch é designado como o elemento central, adequado para a descoberta de uma nova organização. E convocado pelo capitão Altschuller: «Então você, de propósito, confessou tudo rapidamente, decidindo ir para o outro mundo, a fim de ocultar o governo clandestino? Qual era o seu papel na organização?» Assim, continuando na cela dos condenados à morte, Strakhovitch é apanhado num novo círculo de

interrogatórios! Ele propõe que o considerem como ministro da Instrução (deseja acabar quanto antes!), mas para Altschuller isso é pouco. A investigação prossegue e entretanto é fuzilado o grupo de Ignatovski. Num dos interrogatórios o ódio apodera-se de Strakhovitch: ele não só não deseja viver, como está cansado de ser um condenado à morte, e sobretudo a mentira já lhe repugna. E numa acareação com um certo funcionário importante, ele grita, batendo na mesa: «São vocês que vão ser todos fuzilados! Não vou mentir mais. Retracto-me de todas as minhas declarações!» E esta explosão ajuda-o! Não só o deixam de interrogar, mas, durante longo tempo, esquecem-no na cela dos condenados.

Pelos vistos, num clima de submissão geral, uma explosão de desespero

é sempre benéfica.

Tantos e quantos fuzilados! A princípio, milhares. Depois, centenas de milhares. Fazemos contas de dividir, de multiplicar, e suspiramos, amaldiçoamos. E, contudo, trata-se de simples números. Eles

chocam o espírito. Depois, esquecem-se. Mas se, um dia, as famílias dos fuzilados mandassem imprimir numa editora as fotografias de todos os mortos e se se publicasse um álbum com essas fotografias, em vários tomos, ao perscrutar num último olhar os seus olhos extintos, que riqueza humana não extrairíamos para a vida que nos resta! Uma tal leitura, quase sem texto, depositar-se-ia nos nossos corações como uma estratificação eterna.

Em casa de um conhecido meu, antigo preso político, há o costume seguinte: em 5 de Março, no dia da morte do Assassino Principal, colocam-se sobre a mesa as fotografias dos fuzilados e mortos no campo de concentração: algumas dezenas, as que se conseguiram. E durante todo o dia reina no apartamento um ambiente solene, meio de igreja, meio de museu. Executa-se música fúnebre, vêm os amigos, olham as fotografias, guardam silêncio, escutam, falam a meia-voz e saem sem se despedir.

Se se fizesse assim em toda a parte... Guardaríamos nem que fosse uma pequena cicatriz dessas mortes.

A fim de que, de todas as maneiras, NÃO TIVESSEM MORRIDO EM VÃO!...

Eu também tenho umas quantas fotografias ocasionais. Olhem ao menos para estas:

Victor Petrovski - fuzilado em Moscovo, em 1918. Aleksandr Chtrobinder, estudante - fuzilado em Petrogrado, em 1918. Vassili Ivanovitch Anitchkov - fuzilado na Lubianka, em 1927. Aleksandr Andreievitch Svietchin, professor do Estado-Maior-General - fuzilado em 1935.

Mikhail Aleksandrovitch Reformatski, agrónomo - fuzilado em Oriol, em 1938.

Elisabete Evguenievna Anitchova - fuzilada num campo de trabalho no Ienissei, em 1942.

Como acontece tudo isto} Como é que as pessoas esperam a morte? O que e que sentem? O que é que pensam? A que conclusões chegam? E donde as tiram} E o que é que recordam nos últimos minutos da sua vida? E como é que... isto... eles... isto?

t natural esta ânsia doentia das pessoas de levantar o véu (ainda que, naturalmente, nunca nenhum de NÓS o consiga). É claro, também, que os que sobreviveram nada nos podem dizer sobre esse último momento, dado que foram indultados.

O que para além se passa só o conhecem os verdugos. Mas os verdugos

ao talarão. (O célebre Tio Liocba, da Prisão das Cruzes, que atava as mãos atrás das costas, punha as algemas e tapava a boca àqueles que, ao

em conduzidos à morte pelos corredores nocturnos, gritavam «adeus

irmãos!», porque havia ele de vos contar tudo? Por certo que ainda hoje se passeia por Leninegrado, bem vestido. Se o encontrarem numa das cervejarias das ilhas 10 ou no futebol, perguntem-lhe!)

Entretanto, o verdugo não conhece tudo até ao fim. Sob o ruído ensurdecedor que acompanha a escolta das execuções, não se ouve o disparo da bala, e ele está condenado torpemente a não compreender o que se passou. Não fica a saber tudo bem até ao fim] Só o sabem os mortos - isto é, ninguém.

Ah, é verdade, há o artista: esse, embora de forma obscura, confusa, algo pressente, até a própria bala, até a própria mordaça.

É através dos indultados e dos artistas que temos um quadro aproximado da cela da morte. Sabemos, por exemplo, que durante a noite eles não dormem, mas esperam. Só pela manhã se tranquilizam.

Narokov (Martchenko), no romance Falsas Grandezas11, onde é dominado pela preocupação de escrever como Dostoievski, de tocar e de comover mais ainda do que Dostoievski, descreve, no entanto, muito bem a cela do condenado à morte e a própria cena do fuzilamento, na minha opinião. Não é possível comprová-lo, mas em certa medida acredita-se.

Os pressentimentos de artistas mais antigos, por exemplo Lionid Andreiev, transportam-nos inevitavelmente aos tempos de Krilo12. Mas que escritor fantástico poderia imaginar, por exemplo, as celas da morte de 1937? Ele não deixaria de desfibrar a trama psicológica: a maneira de esperar, de escutar. Quem poderia, no entanto, prever e descrever-nos estas sensações inesperadas dos condenados à morte?:

1. Eles sofrem de frio. Têm de dormir num chão de cimento, debaixo da janela, sob uma temperatura de

três graus negativos (Strakhovitch). É de morrer enregelado antes do fuzilamento!

2. Eles sofrem de falta de espaço e de calor asfixiante. Numa cela só para um, metem sete (é raro HAVER menos), dez, quinze ou mesmo VINTE E OITO condenados à morte (Strakhovitch, Leninegrado, 1942). E assim, esmagados, são mantidos semanas e MESES! De forma que já não é um pesadelo falar dos sete enforcados!13 Os homens já não pensam na execução, não temem o fuzilamento, imaginam só em como estender as pernas, em como dar uma volta, em como absorver o ar!

Em 1937, quando nas várias prisões de Ivanovo (prisões interiores, um, dois e KPS) se encontravam presas ao mesmo tempo quarenta mil pessoas, embora estivessem calculadas apenas para três ou quatro mil, só na prisão

10 Ilhas situadas no estuário do Neva, onde fica o parque de Leninegrado. (N. dos T.)

11 Edições Tchekhov.

'- Fabulista russo. (N. dos T.)

11 Alusão a narrativa de Leonid Andreiev História dos Sete Enforcados. (N. dos T.)

dois tinham sido amontoados presos com processo não formado, condenados ao campo de trabalho, condenados à morte, condenados à morte indultados e ainda ladrões. E todos eles estiveram DURANTE VÁRIOS DIAS, numa grande cela, DE PÉ, APOIADOS UNS CONTRA OS OUTROS, com tal estreiteza que não se podia levantar nem baixar os braços, e aqueles que eram apertados contra as tarimbas podiam fracturar os joelhos. Isto passava-se no Inverno, mas, para não asfixiarem, os reclusos quebraram as vidraças das janelas. (Foi nesta cela que, em 1918, aguardou a morte, já depois de condenado, todo de branco como um hussardo, o membro do Partido Operário Social-Democrata Russo, Alalikin, que abandonou o Partido Bolchevique em 1917, depois das teses de Abril.)14

3. Os condenados à morte sofrem de fome. Depois da sentença a espera é tão longa que a sua principal sensação passa a ser não a do medo do fuzilamento,

mas a da tortura da fome: onde encontrar de comer? Aleksandr Babitch, em 1941, na cadeia de Krasnoiarsk, passou na sua cela de morte setenta e cinco dias! Já se tinha resignado completamente e aguardava o fuzilamento como o único e possível fim da sua vida desfeita; Mas acabara por inchar devido à fome - e foi então que lhe comutaram a pena em dez anos de prisão, tendo iniciado em tal estado a sua vida pelos campos de trabalho. Mas qual é o record de permanência na cela da morte? Quem o conhece? Vcievolov Petrovitch Golitsin parece ser o campeão (!). Passou lá cento e quarenta dias (em 1938). Mas acaso será este o record?... Uma glória da nossa ciência, o académico N. I. Vassilov, estava à espera do fuzilamento vários meses, senão UM ANO INTEIRO; depois, na sua qualidade de condenado à morte, foi evacuado para a prisão de Saratov, onde permaneceu numa cela subterrânea, sem janelas; e quando, no Verão de 1942, foi indultado e o transferiram para a cela comum, não podia andar: à hora do passeio era preciso levá-lo em braços.

4. Os condenados à morte sofrem por falta de assistência médica. Okh-nmenk, durante a sua longa permanência na cela da morte (em 1938), adoeceu

gravemente. Não o levaram ao hospital e a médica não apareceu durante largo tempo. Quando finalmente chegou, não entrou na cela, mas através da porta com rede, sem o examinar nem nada lhe perguntar, esten-deu-lhe uns pós. Strakhovitch sofria de hidropsia nas pernas, o que explicou ao guarda, e mandaram-lhe... um estomatologista.

Quando o médico intervém, deverá ele curar o condenado à morte, ou

se)a, prolongar-lhe o tempo de espera, ou o seu humanismo consistirá em

insistir no fuzilamento quanto antes? Ainda outra cena de que Strakhovitch

01 testemunha: o médico entra e, ao falar com o guarda de plantão, aponta

com o dedo para um condenado à morte: «Mas é já um defunto!... Um

eses defendidas por Lenine em 17 de Abril de 1917: recusa de combater na guerra, o Governo provisório, passagem do Poder aos Sovietes. (N. dos T.)

380

defunto!... Um defunto!...» (Assim ele queria chamar a atenção para as distrofias dos condenados, insistindo em que não se pode deixar morrer assim lentamente as pessoas, sendo já mais que tempo de fuzilá-los!)

E porque é que, na realidade, os retinham assim tanto tempo? Não teriam carrascos em número suficiente? É necessário tomar em conta o facto de que muitos apresentavam uma petição de indulgência, ou até lhes pediam que o fizessem, e quando eles, obstinando-se, não queriam entrar em mais compromissos, assinavam mesmo em seu nome. E a marcha do papel através da máquina não podia levar menos do que meses.

Eis, provavelmente, o que sucedia: a interferência de dois departamentos diferentes. O departamento encarregado das investigações e dos processos (como nos asseveraram alguns membros do Colégio Militar tratava-se de um só) esforçava-se por detectar os casos mais ameaçadores e tenebrosos, não podendo deixar de aplicar aos delinquentes um castigo exemplar -o fuzilamento. Mas quando a sentença de fuzilamento era pronunciada e transcrita no processo

judicial, esses espantalhos chamados réus já não lhes interessavam: como, na verdade, não havia qualquer sedição, nada na vida do Estado mudaria pelo facto de os condenados ficarem com vida ou serem mortos. E assim eles passavam completamente a depender do departamento prisional. Este, ligado ao GULAG, olhava já os presos do ponto de vista económico: os seus cálculos eram não os de fuzilar o maior número possível, mas sim os de enviar mais força de trabalho para o Arquipélago.

Tal foi a atitude de Sokolov, chefe da prisão interna da Casa Grande, em relação a Strakhovitch, o qual, no fim de contas, aborrecendo-se na cela dos condenados à morte, pediu papel e lápis para fazer exercícios científicos. Primeiro escreveu um estudo sobre «A Intervenção dos Líquidos e dos Sólidos em Movimento», e sobre «Cálculo de Balística, Molas e Amortecedores»; depois outro acerca de «Os Fundamentos da Teoria de Estabilidade». Foi então que o transferiram para uma cela isolada, dita «científica», melhorando-lhe a comida. E começaram a chegar até ele encomendas da frente de Leninegrado, para a qual elaborou um estudo acerca do «Volume de Fogo na Defesa Antiaérea». Por fim Jdanov comutou-

lhe a pena de morte em quinze anos (mas a correspondência com a Terra Grande seguia muito devagar, e chegou mais depressa de Moscovo a indulgência ordinária, a qual foi mais generosa que a de Jdanov: ao todo dez anos).15

Quanto a A. N. P., professor de Matemática, retido na cela dos condenados à morte, o investigador Krujkov (sim, sim, é esse, o ladrão) decidiu explorá-lo com fins pessoais: o caso era que Krujkov estudava por correspondência! Assim, fazia sair A. P. da CELA DA MORTE e dava-lhe, para

'" Todos os cadernos que Strakhovitch escreveu na prisão estão hoje intactos. Mas a sua «carreira científica» atrás das grades estava ainda no começo. Ele teria ainda de dirigir um dos primeiros projectos de turborreactores na U.R.S.S.

ele resolver, os seus exercícios sobre a teoria das funções na corrente alterna complexa (sendo provável que não se tratasse apenas dos seus pontos!). Que compreendeu, efectivamente, a literatura mundial acerca dos sofrimentos perante a morte?...

Enfim (este relato é de Tdi.), a cela da morte pode ser utilizada como elemento de investigação, como método de coacção sobre o acusado. Dois presos que não reconheceram as suas culpas (Krasnoiorsk) foram de repente convocados ao «tribunal», «sentenciados» à morte e transferidos para a respectiva cela (Tch. especifica bem que se tratava da «encenação de um julgamento». Mas, dado que qualquer processo é uma encenação, com que .palavra designar este pseudoprocesso? Uma cena dentro de outra cena, um espectáculo dentro de outro espectáculo). Deixaram-nos a respirar até se intoxicarem neste ambiente de morte. Depois puseram-lhes lá um bufo, também como «condenado à morte». E eles, de repente, passaram a arrepender-se de terem sido tão obstinados durante a investigação e pediram ao guarda que comunicasse ao investigador que estavam dispostos a confessar tudo. Deram-lhes a assinar as declarações, e depois levaram-nos da cela já de dia - isto é, não para o fuzilamento.

Mas os verdadeiros condenados à morte, que serviram de cobaia para o jogo de investigação, que deviam eles sentir perante esses que assim «se

arrependiam» e eram indultados? Trata-se de aspectos secundários da encenação.

Dizem que Konstantin Rokossovski16, futuro marechal, foi, em 1939, levado duas vezes a um bosque, para um aparente fuzilamento nocturno, tendo-lhe sido apontadas as armas e, depois, baixadas, após o que o conduziram de novo à prisão. Isto é também uma medida máxima, aplicada como método de investigação. E isso não .teve importância, ele safou-se, ficou vivo e são, e nem se ofendeu.

O homem deixa-se matar quase sempre resignadamente. Porque é que a pena de morte o hipnotiza tanto? Raramente os indultados se recordam de que na sua cela de morte alguém haja resistido. Mas houve também casos desses. Na Prisão das Cruzes, de Leninegrado, em 1932, os condenados a morte tiraram o revólver ao guarda e dispararam. Depois disso foi adoptada a técnica seguinte: depois de bem observarem pelo postigo aquele que precisavam de levar, lançavam-se na cela, subitamente, cinco guardas desarmados, para agarrar um só homem. Na cela dos condenados à morte avia oito ou dez presos, mas cada um deles tinha enviado um recurso a alinin e esperava ser

perdoado. Por isso: «Morre tu hoje que amanhã serei eu.» Todos se afastavam e se punham a olhar com indiferença como avam o condenado, como ele pedia socorro e lhe tapavam a boca com

'kossovski morreu em 1968. (N. dos T.)

uma pequena bola de criança. (Olhando uma bola dessas, acaso se adivinham todas as possibilidades da sua utilização?... Que bom tema para um conferencista falar sobre o método dialéctico!)

Esperança! O que é que mais te fortalece ou debilita? Se em cada cela os condenados à morte, todos unidos, estrangulassem os carrascos, quando «les chegam, não cessariam mais seguramente as execuções do que com os apelos ao Comité Executivo de toda a União? Já à beira da sepultura, porque não oferecer resistência?

Mas acaso no momento da detenção não estava já tudo predestinado? Entretanto, todos os presos, de joelhos, como se tivessem as pernas cortadas, se arrastam pelo caminho da esperança.

Vassili Grigorievitch Vlassov conta que na noite seguinte ao veredicto, quando o levavam através das ruas escuras de Kadii, com quatro pistolas apontadas aos seus quatro costados, toda a sua preocupação era a de que não lhes ocorresse disparar agora, provocadoramente, a pretexto de uma tentativa de fuga. Ainda não acreditava na sentença! Ainda tinha esperanças de escapar com vida...

Foi então encafuado no posto da milícia. Puseram-no estendido sobre a mesa do escritório, sendo vigiado por turnos de dois ou três milicianos, à luz de uma lâmpada de querosene. Eles diziam entre si: «Fartei-me de escutar durante quatro dias, e não consegui compreender porque é que os condenaram.» - «Isso não são coisas que precisemos de entender!»

Vlassov foi aí mantido cinco dias: esperavam a confirmação da sentença para fuzilar os condenados ali mesmo, em Kadii: era muito difícil escoltá-los até outro destino.

Alguém enviou em nome deles um telegrama pedindo o indulto: «Não me considero culpado, peço que me poupem a vida.» Não houve resposta. Entrementes as mãos tremiam de tal forma a Vlassov que não era

capaz de levar a colher à boca, e bebia a sopa directamente do prato. Kliuguin visitava-o para zombar dele. (Logo a seguir ao caso de Kadii estava iminente a sua transferência de Ivanovo para Moscovo. Nesse ano, essas estrelas cor de sangue que brilhavam no céu de GULAG tinham bruscos amanheceres e entardeceres. Aproximava-se o momento de os lançar, também a eles, na mesma fossa, mas isso não o sabiam eles.)

Não chegava a confirmação nem o indulto, e tiveram de levar os quatro condenados para Kinechma. Transportaram-nos em quatro camiões de tonelada e meia, indo em cada um deles um condenado guardado por sete milicianos.

Em Kinechma, nos subterrâneos do mosteiro (a arquitectura monacal, libertada da ideologia monástica, prestou-nos muitos serviços!), agregaram-lhes outros condenados à morte, e conduziram-nos num vagão celular

até Ivanovo.

Numa gare de mercadorias de Ivanovo separam três dentre eles: Sabu-rov Vlassov e outro de um grupo diferente: os restantes marcharam imediatamente para o fuzilamento, a fim de não sobrecarregarem mais as prisões. Foi aí que Vlassov se despediu de Smirnov.

Os três que escaparam foram deixados sob a fria humidade de Outubro no pátio da cadeia número um, onde os mantiveram durante quatro horas, enquanto retiravam, conduziam e revistavam outros que iam em levas. Não havia propriamente provas de que não os fuzilassem naquele dia. Estas quatro horas tinham, todavia, de passá-las sentados no chão, mergulhados nos seus pensamentos. Houve um momento em que Saburov julgou que os iam levar para o fuzilamento (mas conduziam-nos para a cela). Não gritou, mas agarrou-se tão fortemente à mão do vizinho, que este uivou de dor. Os guardas levaram Saburov de arrastão, empurrando-o com as baionetas. Nessa prisão havia quatro celas de condenados à morte. No próprio corredor estavam presas mulheres com crianças, além de doentes! As celas tinham duas portas: uma de madeira, com um postigo, e outra de ferro, com grades. Cada uma

possuía duas fechaduras (as chaves estavam em poder do guarda e do chefe do pavilhão, para que não pudessem abrir as portas separadamente, um sem o outro). A cela quarenta e três fazia paredes meias com o gabinete do juiz de instrução, e pela noite, quando os condenados à morte esperavam o fuzilamento, os gritos dos torturados rasgavam-lhes os ouvidos.

Vlassov foi parar à cela sessenta e um. Era para um só preso: tinha cinco metros de comprimento e pouco mais de um de largura. Duas camas de ferro estavam fixas ao chão por uma grossa barra. Em cada cama havia dois condenados à morte. Catorze outros estavam deitados no chão de cimento, transversalmente. A espera da morte, tinham reservado para cada um menos de uma archina17 quadrada! É sabido que há muito tempo que mesmo um morto tem direito archinas de terra - e a Tchekhov isso ainda lhe parecia pouco...

Vlassov perguntou se o iriam fuzilar depressa. «Nós viemos para aqui ha muito tempo, e ainda estamos vivos...»

t começou a tal espera - como já é conhecida: durante a noite ninguém

rme, no mais completo abatimento, aguardando que venham levá-los

morrer, escutando cada sussurro no corredor (com essa prolongada espera decai também a capacidade de a pessoa opor resistência!...). São

archina: medida equivalente a setenta e um centímetros. (N. dos T. j

especialmente inquietantes aquelas noites que se seguem aos dias que chegou o indulto para alguém: este irrompe em gritos de alegria, mas na cela adensa-se o terror, pois isso é sinal de que, juntamente com o indulto, chegou também do alto da montanha a recusa para alguns deles, e de que pela noite fora virão buscar alguém ...

Às vezes, a meio da noite, as fechaduras rangem e os corações gelam--se: será para mim? Não, não é para mim! E o guarda abre a porta de madeira para dizer qualquer coisa absurda: «Recolham as coisas que estão no parapeito da janela!» Esse simples acto de abrir a porta pode ter tirado a todos os catorze um

ano de vida; bastará talvez repetir uma meia centena de vezes essa operação para já não ser necessário gastar uma bala! Mas como todos lhe ficaram agradecidos por ter terminado tudo bem: «Vamos já guardá-las, cidadão chefe!»

Depois de irem à latrina, pela manhã, já libertos do temor, adormeciam. Mais tarde, o guarda trazia o recipiente da sopa e dava os bons-dias! Conforme o regulamento, a segunda porta, a das grades de ferro, devia abrir-se somente na presença do guarda de plantão da cadeia. Mas, como é sabido, as pessoas são mais preguiçosas do que os regulamentos e as instruções — e o carcereiro entrava na cela, pela manhã, sem o guarda de plantão, e de um modo perfeitamente humano, ou melhor, sobre-humano, lançava a saudação: «Bons dias!»

Haveria alguém na Terra que fosse mais sensível a esses bons-dias do que eles? Reconfortados pelo calor dessa voz e desse líquido viscoso, dormiam agora até ao meio-dia. (Só pela manhã é que eles comiam! Depois de acordados, durante o dia, muitos deles eram incapazes de engolir fosse o que fosse. Alguns recebiam pacotes de casa, pois podia acontecer que a família nada soubesse acerca da condenação à morte.

Os pacotes passavam a ser de todos na cela, mas para ali ficavam até apodrecerem, com a exalação da humidade.)

De dia havia ainda uma ligeira animação na cela. Vinha o chefe do pavilhão, ou o sombrio Tarakanov ou o bem disposto Makarov, oferecendo papel para escrever petições, perguntando se queriam algo, quem é que tinha dinheiro para encomendar tabaco à cantina. Estas propostas pareciam ou demasiado estranhas ou extraordinariamente humanas: era como se os não tomassem por condenados à morte.

Com os fundos das caixas de fósforos, os condenados faziam pedras de dominó e jogavam. Vlassov falava a alguns deles sobre as cooperativas, o que nele sempre ganha um tom cómico.18 Yakov Petrovitch Kolpakov, presidente do Comité Executivo do Soviete de Sudcha, bolchevique desde a Primavera de 1917, na frente, permanecia sentado dezenas de dias sem mudar de posição, com a cabeça entre as mãos, os cotovelos fincados sobre Os seus relatos sobre as cooperativas são magníficos e dignos de menção à parte.

os joelhos, olhando sempre para o mesmo ponto da parede. (Como devia parecer-lhe agora alegre e ligeira a Primavera de 1917!...) A loquacidade de Vlassov irritava-o: «Como podes ser assim?» — «E tu, estás a preparar-te para o paraíso?», sorria-se Vlassov, que, com a rapidez da conversação, ganhava uma pronúncia especial, com o som do «ó» muito marcado19. «Eu só me impus uma coisa. Vou dizer ao carrasco: "És só tu, e não os juízes, nem o procurador, que és o culpado da minha morte. E vive com esta ideia, canalha!" Se não existissem pessoas como ele, carrascos voluntários, não havia sentenças de morte. Que me mate, este canalha!»

Kolpakov foi fuzilado. Foi fuzilado Konstantin Serguievitch Arkadiev, antigo director da secção agrária do distrito de Aleksandrovsk (região de Vladimir). A despedida dele foi particularmente dolorosa. Pela noite ouviram-se os passos dos seis homens da guarda que vinham buscá-lo. Bruscamente, exigiram pressa, mas ele, doce, educado, durante algum tempo deu voltas e voltas ao boné entre as mãos, retardando o momento da saída, da saída do meio dos últimos homens terrestres. E

quando pronunciou o último «adeus», quase não tinha voz.

Nos primeiros instantes, ao indicarem a vítima, os restantes ficaram aliviados («não sou eu!»), mas agora, depois de o terem levado, é duvidoso que se sintam melhor do que ele. Em todo o dia seguinte ficarão condenados a permanecer calados e a não comer.

Quanto a Guerachka, que pôs a saque o Soviete da aldeia, comia e dormia muito; à maneira camponesa, ele acostumou-se mesmo àquilo. Parecia que não podia acreditar que o fuzilariam. (E a ele não o fuzilaram: comutaram-lhe a pena em dez anos.) Alguns ficaram grisalhos à vista dos seus companheiros de cela em três a quatro dias.

Quando se fica à espera da morte durante um período tão prolongado, os cabelos crescem, sendo-se obrigado a cortá-los e a tomar banho. A vida do cárcere vai rodando na ignorância dos veredictos.

Alguns perdiam a coerência do discurso e a compreensão, mas, de todas as. maneiras, ali iam aguardando também o seu destino. Aqueles que haviam perdido o juízo na cela dos condenados à morte eram fuzilados, mesmo sendo loucos.

Chegavam bastantes indultos. Precisamente naquele Outono de 1937,

pela primeira vez depois da Revolução, tinham já sido previstas sentenças

e quinze e vinte anos, e elas anularam muitos fuzilamentos. Comutavam também as penas em dez anos. E até as comutavam em cinco. No país das

aravilhas tudo pode acontecer: ontem de noite eras merecedor da execução i hoje de manhã és digno de uma sentença infantil. És um delinquente ligeiro, no campo poderás ter a possibilidade de não ser escoltado.

'renúncia do Norte da Rússia. (N. dos T.)

V. N. Khomenko estava na sua cela. Era um homem do Cuban, de sessenta anos de idade, antigo capitão de cossacos, «a alma da cela», se numa cela de condenados pode haver alma: pilheriava, sorria debaixo do bigode, não mostrava amargura. Depois da guerra contra o Japão, fora declarado incapaz para o serviço militar e aperfeiçoara-se na criação de

cavalos. Servira na administração local da sua província e, nos anos 30, era «inspector para o fornecimento de cavalos ao Exército Vermelho operário-camponês», na secção agrária da região de Ivanovo. Isto é, estava encarregado de velar por que o Exército Vermelho tivesse os melhores cavalos. Foi preso e condenado à morte por haver aconselhado a castrar os garanhões aos três anos, «com intenção de sabotagem», minando a capacidade combativa do Exército Vermelho. Khomenko interpôs recurso. Ao cabo de cinquenta e cinco dias, o chefe do corpo comunicou-lhe que não tinha dirigido o recurso à devida instância. Ali mesmo, apoiado na parede, com um lápis pertencente ao chefe do corpo, riscou o nome da instituição e no seu lugar escreveu outra, como se se tratasse de um maço de cigarros. Com esta defeituosa correcção, a queixa demorou outros sessenta dias a chegar. E assim Khomenko ficou à espera da morte durante quatro meses. (E pôde esperá-la ainda mais um ano, pois nós esperámo-la anos inteiros!...) E veio a completa reabilitação*. (Entretanto, Vorochilov tinha decidido castrar antes dos três anos.) Hoje cortam-te a cabeça dos ombros, amanhã terás toda a isba em festa.

Eram muitos os indultados, os que alimentavam esperanças. Mas Vlas-sov, confrontando o seu caso com outros, e analisando, sobretudo, o seu comportamento no processo, achava que sobre ele se tinham acumulado coisas mais graves. Havia que fuzilar alguém. Metade dos condenados, pelo menos. Ele estava persuadido de que seria fuzilado. Só queria, em face disso, manter a cabeça erguida. A ousadia própria do seu carácter emergia de novo, e dispôs-se a ser atrevido até ao fim.

A ocasião deparou-se-lhe. Passando revista à prisão, não se sabia pára quê (o mais certo seria para experimentar sensações), Ivanovo Tchinguli, chefe de. investigação da Segurança do Estado, ordenou que abrissem a porta da sua cela e postou-se no umbral. No meio da conversa, perguntou: «Quem há aqui que pertença ao processo de Kadii?»

Vestia uma camisa de seda de manga curta, das que estavam então na moda e pareciam feitas por mulheres. Ele mesmo, ou a camisa, expeliam um perfume adocicado, que chegava até à cela.

Vlassov, com agilidade, saltou da cama e pôs-se a dar gritos estridentes: «Quem é este oficial colonial?! Sai

daqui, assassino!!!» De cima, escarrou com toda a força no rosto de Tchinguli.

E acertou-lhe!

O outro limpou-se e retrocedeu. E que ele não tinha o direito de entrar nesta cela senão acompanhado de seis guardas... E mesmo assim...

Um pato com juízo não deve comportar-se desse modo. E se, precisa-

nente agora, o teu processo estiver nas mãos deste Tchinguli e depender dele o visto para o indulto? Pois não deve ter sido em vão que perguntou: «Quem há aqui que pertença ao processo de Kadii?» Fora seguramente por isso que viera.

Mas há um limite, quando já repugna ser um pato com juízo. Quando a cabeça do pato é iluminada pela compreensão geral de que todos os patos estão condenados a ser reduzidos a carne e a pele, a vantagem pode consistir unicamente em ganhar tempo, mas não a vida. Quando se quer gritar: «Maldito sejas, fuzila-nos quanto antes!»

Depois de quarenta e um dias à espera do fuzilamento, era este precisamente o sentimento de exasperação que se ia apoderando, cada vez mais, de Vlassov. Na cadeia de Ivanovo convidaram-no duas vezes a requerer a graça e ele negou-se.

Mas no quadragésimo segundo dia chamaram-no ao box e anunciaram-lhe que o Praesidium do Soviete Supremo lhe comutava a pena máxima em vinte anos de prisão em campos correccionais de trabalho, com os subsequentes cinco anos de privação de direitos.

O pálido Vlassov sorriu-se e até teve a presença de espírito para dizer: «É estranho. Condenaram-me por não ter confiança na vitória do socialismo num só país. Mas acaso Kalinin acredita nela, se pensa que dentro de vinte anos serão ainda necessários campos de trabalho?...»

Isso parecia ainda longe - dentro de vinte anos.

Estranhamente, continuavam a ser necessários, trinta anos depois...

XII

TIURZAK A RECLUSÃO PRESIDIÁRIA

AH, a boa palavra russa ostrog (presídio), como ela é forte, bem constituída! Parece ter a mesma fortaleza destes muros, de que não podes sair. E tudo está concentrado nesses seis fonemas: o rigor (ostrogost), o arpão (ostroga) e os picos (ostrota) — os picos do ouriço, quando roçam como agulhas no focinho, quando a tormenta fustiga a fronha' gelada e espicaça os olhos. As estacas aguçadas da zona fronteiriça ao campo, e de novo o arame farpado. A prudência (os-torojnosts) vem agregar-se-lhe ao flanco. E porque não o corno (rog)f Sim, o corno sobressai, marra, apontado directamente contra nós!

Se deitarmos uma olhadela a todas as práticas presidiárias, aos seus usos e costumes, digamos, aos últimos noventa anos desta instituição, ver--se-á que não é só um corno, mas sim dois: os populistas tiveram direito a uma extremidade, lá onde ele marra mais, onde é insuportável apanhá-lo no tórax, penetrando até ao osso; depois, gradualmente, ele foi-se tornando cada vez mais redondo, mais liso, descendo até à raiz, passando a não parecer ser já quase um corno, mas sim uma superfície peluda (isto nos começos do século XX). Depois de 1917, depressa se lhe apalparam as primeiras protuberâncias da

segunda raiz. Apesar da dor do rebentar, apesar do «não há direito», essas protuberâncias passaram de novo a elevar-se, a estreitar-se, a ser mais severas, a endurecer - e no ano 38 enterraram a sua ponta no homem em plena carótida, um pouco mais abaixo do pescoço: eis o corno tíurzak.' E como um sino de alarme nocturno e longínquo, Pos-se a dar uma badalada por ano: TON-n-n! ...2

Se seguirmos esta parábola, segundo os presos de Shlisselburg3, ao

começo é tudo terrível: o preso tem um número e ninguém o pode chamar

pelo seu apelido; os guardas, como se tivessem sido ensinados na Lubiana, nao dizem uma só palavra. Se pronuncias... «nós», respondem-te: «Fale somente de si!» O silêncio é sepulcral. A cela está permanentemente na

' Reclusão presidiária.

Abreviatura de «presídio com regime especial-. 1 Trabalho Selado, de Vera Figner.

penumbra, os vidros são opacos, o solo asfaltado, o postigo abre-se apenas quarenta minutos por dia. Dão de comer sopa de couve sem carne e papas de cereal. Na biblioteca não emprestam livros científicos. Dois anos inteiros em que não vês uma única pessoa. Só ao fim de três anos te tão algumas folhas de papel numeradas.4

Mas, a pouco e pouco, o espaço aumenta e vai-se tornando mais doce: eis que aparece pão branco e chá com açúcar; se tens dinheiro, podes comprar o que quiseres; fumar não é proibido; foram postos novos vidros transparentes e o postigo está sempre aberto; pintaram as paredes de cor mais clara; e tens direito de receber livros por assinatura de uma biblioteca de S. Petersburgo; entre as portas há gradeamentos de ferro, é possível conversar e até fazer palestras de um lado para o outro. Já as mãos dos presos começam a reclamar: dêem-nos ainda um pouco mais de terra! E dois palmos da prisão são lavrados, para criar plantas. Já havia quatrocentos e cinquenta tipos de flores e de hortaliças! Vêem-se aparecer colecções científicas, uma oficina de carpintaria, uma forja: ganhamos dinheiro, compramos livros, inclusive livros políticos russos5 e revistas estrangeiras. E

trocamos correspondência com os familiares. O passeio? Todo o dia, se se quiser.

Vera Figner recorda: «Já não era o director que gritava, éramos nós que lhe gritávamos.» E em 1902, tendo-se ele negado a enviar a sua queixa, ela arrancou-lbe os galôesl As consequências foram as seguintes: veio um investigador militar e desculpou-se diante de Vera Figner pela ignorância do director!

Como se verificou este deslize, este relaxamento? Vera Figner explica-o em parte pelo humanismo de alguns comandantes, e pelo facto de que «os guardas se familiarizavam com os presos», se habituavam. Em boa parte, isso foi resultado da firmeza dos presos, da sua dignidade e da maneira como souberam comportar-se. De todas as maneiras, eu penso: o ar dos tempos, a frescura húmida que precede a tormentosa nuvem, a brisa de liberdade que já se estendia pela sociedade, foi o elemento decisivo! Sem ela teria sido impossível estudar às segundas-feiras o manual de história do Partido com os guardas, fortalecendo simultaneamente a disciplina e a subordinação. E em lugar do «trabalho selado», Vera Nikolaievna teria recebido «nove gramas» de chumbo, numa cave, por ter arrancado os galões.

O abalo e o afrouxamento do sistema prisional czarista não aconteceram por si sós, mas sim porque toda a sociedade, fazendo causa comum com os revolucionários, o sacudia e ridicularizava como podia. O czarismo

4 Segundo cálculos de M. Novorusski, de 1884 e 1906 houve três suicídios e cinco casos de loucura em Shlisselburg.

5 P. A. Kracikov (o mesmo que condenara à morte o metropolita Veniamin) leu O Capital na Fortaleza de Pedro e Paulo (só lá esteve um ano, e libertaram-no).

á tinha perdido a cabeça, não nos tiroteios de rua, em Fevereiro, mas algumas décadas antes: quando a juventude das famílias acomodadas passou a considerar o facto de passar pela prisão como uma honra, e os oficiais do exército (mesmo os da Guarda) consideravam uma vergonha apertar a mão a um guarda. E quanto mais se debilitava o sistema prisional, mais clara se revelava a ética invencível dos presos políticos, e os membros dos partidos

revolucionários sentiam com mais nitidez a sua força e a força das próprias leis - não as do Estado.

E assim se abateu sobre a Rússia o ano 17 e sobre os seus ombros se lançou o ano 18. Porque é que passamos imediatamente ao ano 18? A matéria da nossa análise não nos permite determo-nos no ano 17: a partir de Fevereiro, todas as cadeias políticas, tanto as preventivas como as de investigação, assim como os presídios, ficaram vazios. E é surpreendente como é que sobreviveram os guardas dos presídios, durante esse ano. Naturalmente, converteram as hortas em campos de batatas. (A partir de 1918, a sua situação aliviou-se, e em Chpalernaia, em 1928, já serviam o novo regime, como se nada se tivesse passado.)

Desde o último mês de 1917 que se tornou claro que não se podia passar sem presídios, e que para alguns não havia lugar senão atrás das grades (ver capítulo segundo). Isso porque, pura e simplesmente, não tinham lugar na nova sociedade. Acabou-se assim de tactear a superfície entre os cornos, começando a apalpar-se o segundo.

Compreende-se que tenham imediatamente declarado que os horrores das cadeias czaristas nunca mais se repetiriam; que não podia haver nenhuma correcção coercitiva, nenhum silêncio nas prisões, nenhuma cela de isolamento, nenhum passeio separado com formas diversas de fila indiana, nenhuma cela fechada! 6 Vamos, queridos convidados, reúnam-se, falem quanto queiram, queixem-se uns aos outros dos bolcheviques. A atenção das novas autoridades voltava-se para as forças de combate da guarda fronteiriça e para a recepção da herança penitenciária legada pelo czarismo (era precisamente essa máquina do Estado que não era conveniente desmantelar nem construir de novo). Felizmente, descobriu-se que a guerra civil não tinha ocasionado a destruição das principais cadeias e presídios. Havia apenas que evitar estas palavras antigas e emporcalhadas. Agora chamavam-lhes isolamentos políticos. Esta expressão indicava que os membros dos antigos partidos revolucionários eram considerados como inimigos políticos e indigitava não o carácter punitivo das grades, mas sim a necessidade de isolar (pelos vistos, temporariamente) esses revolucionários passados de moda, na marcha empreendida pela nova sociedade. Com .tudo isto, as abóbadas das velhas cadeias

centrais receberam os socialistas •"evolucionários, os democratas constitucionais e os anarquistas (as da prisão de Suzdal parece que já durante a guerra civil).

Todos aqui regressaram com a consciência dos seus direitos de presos, com a antiga e comprovada tradição de os defender. Tinham direito, por lei: a uma ração especial para os políticos, arrancada ao czar e confirmada pela Revolução (inclusive meio maço de cigarros por dia); a compras no mercado (leite e queijo); a passeios livres de várias horas por dia; a que os vigilantes os tratassem por «você» (e eles próprios não se levantavam diante dos representantes da administração prisional); à reunião de marido e mulher na mesma cela; a jornais, revistas, livros, material para escrever e objectos de uso pessoal, incluindo aparelhos de barbear e tesouras na cela; a enviar e a receber correspondência três vezes por mês; a visitas uma vez por mês, claro está; a ter as janelas abertas (então ainda não havia a noção das «mordaças»); à circulação intercelas sem

impedimento; a pátios para passearem, com verdura e lilases; à livre escolha dos companheiros de passeio; à possibilidade de lançar uma bolsa com mensagens de um pátio para outro; à transferência das mulheres grávidas7 dois meses antes do parto, da prisão para uma residência fixa.

Mas isto só para presos políticos. Entretanto, os políticos dos anos 20 recordavam-se ainda perfeitamente de um direito mais elevado: o da auto--administraçâo dos presos políticos, que lhes dava a sensação de fazerem na prisão parte de um todo, de serem um elo da comunidade. A auto--administração (eleição livre de delegados que representassem os interesses de todos os presos face à administração) fazia diminuir a pressão da cadeia sobre cada pessoa, pois suportavam-na com os ombros todos juntos, reforçando cada protesto com a fusão das suas vozes em uníssono.

E eles dispuseram-se a defender tudo isso! E as autoridades prisionais dispuseram-se a tirar-lhes tudo isso! Começou assim uma luta surda, em que não explodiam projécteis de artilharia, mas só de vez em quando soavam disparos de espingarda, fazendo um barulho de vidros partidos que não se ouvia para

lá de meia versta. Tratava-se de uma luta surda pelos restos da liberdade, pelos restos do direito de ter uma opinião. Uma luta surda de quase vinte anos, embora sobre ela não tivessem sido publicados volumes com ilustrações. E todas as mutações, toda a lista das suas vitórias e das suas derrotas, são-nos hoje quase inacessíveis, porque no Arquipélago não há escrita e a memória oral interrompe-se com a morte das pessoas. Só chegampor vezes até nós salpicos casuais dessa luta, iluminados pela claridade lunar, que não é a melhor nem a mais clara. Desde então até agora não nos faltaram motivos de espanto. Conhecemos as lutas de tanques, conhecemos as explosões atómicas. Que significa, pois, para nós o facto de as celas estarem fechadas a cadeado e de os presos, exercendo o seu direito de entrarem em contacto, comunicarem abertamente por meio de pancadas nas paredes, gritando de uma janela para outra, baixando, com o auxílio

7 Desde 1918, que não tinham vergonha de prender as socialistas revolucionárias grávidas.

de um fio, uma mensagem de um andar para outro, e insistirem em que pelo menos os delegados das facções partidárias possam percorrer livremente as celas? Que luta é essa para nós, se, quando o chefe da Lubianka entra na cela da anarquista Anna G. (1926) ou da socialista revolucionária Katia Olitskaía (1931), estas se recusam a pôr-se de pé à sua chegada? (E este selvagem inventa logo um castigo: privá-las do seu direito... de ir fazer as suas necessidades fora da cela.) Que luta é essa, se duas jovens, Chura e Vera (1925), protestando contra a ordem dada na Lubianka de conversar a meia voz, pois se trata de uma repressão da personalidade, cantam em voz alta na cela (no fim de contas uma canção sobre os lilases e a Primavera), o que leva o chefe da prisão, o lituano Duques, a arrastá-las pelos cabelos pelo corredor até à latrina? Ou se (em 1924), num vagão stolipiano de Leninegrado, os estudantes entoam canções revolucionárias, e a escolta os priva de água, enquanto eles gritam: «Nem uma escolta czarista teria feito isso!» E a escolta espanca-os! Ou se o socialista revolucionário Kozlov, no campo de trânsito de Kemi, chama em voz alta «verdugos» aos guardas e é arrastado por terra como um saco, e espancado?

Nós habituámo-nos, na verdade, a entender por valentia unicamente o valor militar (bom, ou o dos que fazem voos cósmicos), o daquele que faz tilintar medalhas. Esquecemo-nos de outra espécie de valentia — a cívica. Ora é dela, dela, dela apenas, que está necessitada a nossa sociedade! E é essa que não existe entre nós...

Em 1923, na cadeia de Viatka, o socialista revolucionário Strujinski e alguns camaradas (quantos eram?, como se chamavam?, contra que é que protestavam?) barricaram-se na cela, regaram os colchões com querosene e imolaram-se pelo fogo. Exactamente como nas tradições do presídio de Shlisselburg, para não remontar mais longe. Mas que barulho se fez então! Como se comoveu toda a sociedade russa! Mas agora nem Viatka, nem Moscovo, nem a história, tiveram conhecimento disso. Entretanto, a carne humana também crepitou no fogo!

A primeira ideia de Solovki foi a de encontar um bom lugar, onde durante meio ano houvesse ligação com o mundo exterior. Daí não se poderão ouvir os teus gritos e, se assim o desejas, podes implorar a teu prazer pelo fogo. Em 1923, foram transferidos para

aqui os presos socialistas de Pertominsk (península de Onega) e dividiram-nos por três mosteiros solitários.

Eis o mosteiro de Savatievsk: dois pavilhões da antiga hospedaria para peregrinos, com uma parte do lago a penetrar na zonas. Nos primeiros meses tudo parece correr bem: observa-se o regime dos presos políticos, alguns familiares chegam a fazer visitas, e os três delegados dos três partidos levam a cabo conversações com a administração prisional. A zona do

Superfície do campo de concentração. (N. dos T.)

mosteiro é uma zona de liberdade: no interior dela os presos podem falar, pensar e mover-se sem obstáculos...

Mas já então, na aurora do Arquipélago, se espalham, pelas ainda não chamadas latrinas, graves e insistentes rumores: vai ser liquidado o regime dos presos políticos... o regime dos presos políticos vai ser liquidado...

E, efectivamente, aproveitando a oportunidade da interrupção da navegação e de ligação com o mundo exterior, em meados de Dezembro, o chefe do campo de Solovetsk, Eichmans,9 anunciou: «Sim, foram recebidas novas instruções sobre o regime do campo. Não se retira tudo, naturalmente, ah, não! Reduz-se a correspondência, uma ou outra coisa mais, mas o que é mais sensível, por hoje, é que a partir de 20 de Dezembro de 1923 se proíbe a saída a qualquer hora dos pavilhões, sendo esta permitida apenas durante o dia até às seis da tarde.»

As diversas fracções decidem protestar: apresentam-se voluntários dos socialistas revolucionários e dos anarquistas, decididos a sair no primeiro dia da proibição, passeando precisamente depois das seis da tarde. Mas o chefe do mosteiro de Savatievsk, Nogtiov, ardia tanto no desejo de pegar numa espingarda que, antes mesmo das seis horas da tarde (talvez os relógios não andassem certos e não existia ainda o controle pela rádio), uma escolta com espingardas penetrou na zona e abriu fogo sobre os que passeavam legitimamente. Três descargas. Seis mortos e três feridos graves.

No dia seguinte, chegou Eichmans: tudo foi um triste mal-entendido. Nogtiov será destituído (isto é, transferido e promovido). Funeral dos abatidos. O coro canta na espessura de Solovetsk:

«Sois as vítimas da luta fatal...»10

(Não é acaso permitida, por uma última vez, esta melodia, em memória dos que acabam de cair?) Colocou-se uma pedra sobre a sua sepultura, sendo nela gravados os nomes dos mortos.11

Não se pode dizer que a imprensa tenha ocultado este acontecimento. No Pravda foi inserta uma notícia local em caracteres minúsculos, noticiando que os presos atacaram a escolta, tendo morrido seis pessoas. Um jornal honesto, Rote Fane, descreveu o motim de Solovetsk.12

9 Que semelhança com Eichman, não é?!...

10 Canto, revolucionário, conhecido pelo título de Marcha Fúnebre, que servia, no século XIX, de acompanhamento aos funerais das vítimas da repressão czarista. (N. dos T.)

11 Em 1925, viraram a pedra e enterraram a inscrição. Se alguém visitar Solovetsk, que procure e observe!

12 Entre os socialistas revolucionários de Savatievsk encontrava-se Yuri Podbelski. Ele reuniu os documentos médicos sobre os fuzilamentos de Solovetsk, a fim de publicá-los algum dia. Mas, ao fim de um ano, numa rusga no campo de trânsito de Sverdlovsk, descobriram--nos no fundo falso de uma mala e limparam o esconderijo. A História russa tem topadas assim ...

Mas foi mantido o regime! E em todo um ano ninguém falou da mudança.

É verdade que durante o ano de 1924, e no final deste, voltaram a correr rumores insistentes de que em Dezembro se preparavam para introduzir o novo regime. O dragão já tinha fome e queria novas vítimas.

Os socialistas dos três mosteiros de Savatievsk, Troitski e Muksalmsk, ainda dispersos por diversas

ilhas, souberam chegar a um acordo clandestinamente e, no mesmo dia, as três fracções dos mosteiros entregaram um ultimato a Moscovo e à administração de Solovetsk: ou evacuavam todos os prisioneiros antes da interrupção da navegação, ou permitiam a continuação do antigo regime prisional. O prazo do ultimato era de duas semanas; caso não fosse aceite, pôr-se-iam em greve da fome.

Tal unidade obrigava a escutá-los. Um ultimato assim não entra por um ouvido e sai pelo outro. Um dia antes da expiração do prazo, Eichmans foi a cada mosteiro, declarando: Moscovo recusou. E no dia marcado, em todos os três mosteiros (que já tinham perdido a ligação), iniciou-se a greve da fome (não ingeriram qualquer alimento, nem sólido nem líquido). Em Savatievsk faziam greve cerca de duzentas pessoas. Os doentes foram dispensados da greve. Um médico dos próprios presos passava todos os dias a ver os grevistas. Uma greve de fome colectiva é sempre mais difícil de manter do que a individual: ela nivela-se pelos débeis e não pelos mais fortes. A greve da fome só tem sentido quando há uma decisão sem falhas, de maneira que cada um conheça pessoalmente os restantes e tenha confiança

neles. Entre diversas fracções políticas, entre centenas de homens, são inevitáveis as divergências e o sofrimento moral pelos outros. Ao fim de quinze dias, no mosteiro de Savatievsk teve de fazer-se uma votação (levavam a urna pelas habitações): devia-se prosseguir ou pôr termo à greve da fome? '

Mas Moscovo e Eichmans esperavam. Estavam bem comidos e os jornais da capital não diziam uma palavra sequer sobre essa greve, não tendo havido manifestações de estudantes na Catedral da Kazan. O segredo tinha já imprimido firmemente forma à nossa história.

Os mosteiros cessaram a greve. Não a ganharam, mas tão-pouco a perderam: durante o Inverno foi mantido o mesmo regime, só se acrescentando o corte de lenha no bosque para o consumo', mas isso era lógico. Na Primavera de 1925 passara-se o contrário: tinham triunfado na greve da fome e os presos dos três mosteiros foram retirados de Solovki! Para o continente! Já não haveria mais noites polares, nem isolamentos de meio ano! Mas era muito rude (para aquele tempo) a escolta que os conduzia, e as rações para o transporte parcas. Depressa os enganaram perfidamente: sob ° pretexto de que era mais cómodo,

para os delegados, passaram-nos para o vagão do «quartel-general», junto da intendência, e deixaram-nos sem direcção: em Viatka desengataram o vagão dos delegados e desviaram-no para o isolamento de Tobolsk. Só assim se tornou claro que a greve da fome da Primavera passada havia sido perdida: tinham desviado fortes e influentes

delegados para reforçar o regime dos restantes. Iagoda e Katanian dirigiram pessoalmente a instalação dos antigos presos de Solovki no edifício do isolamento de Verkhne-Ural, já pronto, o qual foi desta forma «inaugurado» na Primavera de 1925 (sob a direcção de Dupper), indo tornar-se um importante espantalho por muitos decénios.

Aos antigos presos de Solovki, uma vez chegados ao novo destino, tiraram-lhes logo o direito de passear livremente. As celas foram fechadas a cadeado. De todos os modos conseguiram eleger delegados, mas eles não tinham direito de visitar as celas. Foi proibida a troca de dinheiro, de objectos e de livros nas celas, como anteriormente. Se eles faziam sinais

através das janelas, então o guarda disparava do posto de vigia sobre as celas. Como resposta, os presos faziam obstrução: quebravam vidraças, estragavam o material prisional. (Mas nas'nossas prisões pensa-se muito antes de partir as vidraças, pois quando chega o Inverno não as consertam e não há de que surpreender-se. Entretanto, no tempo do czarismo, o vidraceiro corria imediatamente a colocar as vidraças.) A luta continuava, mas com desespero e em condições desvantajosas.

Em 1928 (segundo o relato de Piotr Petrovitch Rubin), por um motivo qualquer, desencadeou-se uma nova greve da fome geral, no isolamento de Verkhne-Ural. Mas agora já não havia o antigo ambiente, de rigorosa solenidade, de encorajamentos, nem um médico dos presos. Certo dia, os carcereiros irromperam nas celas, em número elevado, começando a espancar as pessoas debilitadas com paus e botas. Com esta pancadaria acabou a greve da fome.

A fé ingénua na eficácia das greves da fome veio-nos da experiência e da literatura do passado. A greve da fome é uma arma puramente moral, pressupondo que os carcereiros não perderam ainda todos os

escrúpulos. Ou que eles temam a opinião pública. Só assim ela é eficiente.

Os carcereiros eram ainda imberbes: se o preso fazia greve da fome, eles inquietavam-se, andavam chorosos e preocupavam-se com a sua saúde, levando-os ao hospital. Há múltiplos exemplos disso: mas não é a eles que consagramos o nosso capítulo. É estranho dizê-lo, mas a Valentinov foi suficiente fazer a greve" da fome durante doze dias, conseguindo com isso não só um regime de privilégios, mas A COMPLETA LIBERDADE e a suspensão do processo (partindo para a Suiça a fim de reunir-se a Lenine). Mesmo no presídio central de Oriol os presos que faziam greve da fome triunfavam invariavelmente. Eles conseguiram uma suavização do regime carcerário em 1912; e em 1913 ainda outros privilégios mais, inclusive o de um passeio comum de todos os presidiários; pelos vistos, eram tão pouco molestados pela vigilância, que conseguiram enviar para fora do presídio uma mensagem «ao povo russo» (e ela emanava dos presidiários da central!) que foi PUBLICADA (os olhos saltam-nos das órbitas, quem de nós é que está louco?), em 1914, no primeiro número do Boletim dos Presídios e

da Deportação13 (e a ideia do boletim o que não vale? Porque é que não experimentamos nós publicar uma assim?). Em 1914, cinco dias de greve da fome, é verdade que sem água, bastaram a Dzerjinski e a quatro camaradas seus para conseguirem ver satisfeitos todas as suas numerosas reivindicações sobre as condições de vida.14

Naqueles anos, além da tortura provocada pela fome, a greve não implicava quaisquer outros perigos ou dificuldades para o preso. Ele não podia ser espancado por causa da greve, nem ser julgado pela segunda vez, nem ser agravada a sua condenação, nem ser fuzilado, nem ser enviado por levas. (Tudo isto veio a conhecer-se depois.)

Durante a revolução de 1905 e nos anos posteriores à mesma, os presos sentiam-se tão donos da prisão, que já não se preocupavam com a declaração de greves da fome, mas unicamente com a destruição do inventário prisional, fazendo obstruções. Ou, se chegavam a pensar em greves, para os cativos ela era absurda. Assim, na cidade de Nikolaiev, em 1906,

cento e noventa e sete presos da cadeia local puseram-se em «greve», de acordo, é claro, com o exterior. Por motivo da greve, no exterior publicaram-se manifestos e passaram a realizar-se diariamente comícios junto da prisão. Esses comícios (em que os presos, por sua vez, participavam através das janelas sem mordaças) obrigaram a administração a aceitar as reivindicações dos grevistas. Entretanto, uns da rua e os outros das grades das janelas, entoavam canções revolucionárias (sem o mínimo obstáculo! E era o ano da reacção contra-revolucionária). Isto durante oito dias! No nono dia, todas as reivindicações dos presos foram satisfeitas! Acontecimentos semelhantes verificaram-se então em Odessa, em Kherson e em Elisabetegrado. Eis como se conseguia, então, facilmente a vitória!

Seria interessante comparar as greves da fome sob o Governo provisório, mas aqueles vários bolcheviques que, desde Julho até ao caso Kornilov permaneceram presos (Kameniev, Trotsky e, pouco depois, Raskonikov), pelos vistos não encontraram motivos para fazer a greve da fome.

Nos anos 20, o animoso quadro das greves da fome ensombrece (isto é, depende do ponto de vista...). Este

meio de luta, amplamente conhecido, e que na aparência tão gloriosamente se tinha justificado, foi tomado à sua conta não só por reconhecidos «políticos», mas também por aqueles que nao eram reconhecidos como tais - os contra-revolucionários. Artigo 58: ° a a gente era abrangida, mesmo a casual. Entretanto, essas flechas, anteriormente tão pontiagudas, embotaram-se ou foram interceptadas em voo por alguma mã-de-ferro. É verdade que ainda são recebidas declarações

1 as de greves da fome, e por agora ainda não se vê nelas algo subversivo.

13 p

|4 ^"fmett, História das Prisões Czaristas, Moscovo, 1963, tomo 5, capítulo 8. Ali mesmo.

Mas vão sendo elaborados novos regulamentos, muito desagradáveis: todo aquele que faz greve da fome deve ser isolado numa cela especial e solitária (em Butirki é na torre de Putatchov). A greve não deverá ser conhecida nem no exterior nem tão-pouco nas celas

vizinhas, e nem sequer na cela em que o grevista se encontrava até esse dia: esta constitui também uma sociedade, e é preciso desligá-lo dela. A medida fundamenta-se no facto de que a administração deve estar certa de que a greve da fome é cumprida honestamente e de que o resto da cela não dá de comer ao grevista. (E como se comprovava isso antes? Segundo a «palavra de honra»?...)

Nesses anos, por meio da greve da fome, podia conseguir-se, pelo menos, a satisfação de exigências pessoais.

A partir dos anos 30 opera-se uma nova reviravolta no pensamento do Estado a respeito das greves da fome. Vejamos: essas greves da fome, debilitadas, isoladas, meio asfixiadas, para que necessita delas o Estado? O ideal não será imaginar que os presos não têm vontade própria, nem decisão, que a administração pensa e decide por eles? Talvez sejam esses os únicos presos que possam existir na nova sociedade. E eis que a partir dos anos 30 se deixa de admitir a legalidade das declarações de greves da fome. «*A greve da fome como meio de luta, não existe mais!», eis o que declararam a Ekaterina Olitskaia e a muitos outros. O Poder eliminou as vossas greves da

fome! Basta. Mas Olitskaia não obedeceu e começou a greve. Deixaram-na passar fome na sua cela solitária durante quinze dias. Depois conduziram-na ao hospital e, como tentação, puseram diante dela leite com torradas. No entanto, ela manteve-se firme e ao décimo nono dia triunfou: obteve um prolongamento do tempo de passeio, jornais e pacotes da Cruz Vermelha Política (aí está o que era preciso sofrer para receber esses pacotes legais!). Mas, em geral, tratava-se de uma vitória insignificante e paga muito caro. Olitskaia lembra-se de mais greves da fome absurdas, feitas por outros presos: para conseguir a entrega de pacotes ou a troca de um companheiro de passeio, faziam-se greves que iam até vinte dias. Valia isso a pena? Na verdade, nas prisões de novo tipo não restabeleciam as forças perdidas. Kolosskov, membro de uma seita religiosa, fez uma greve da fome e ao vigésimo quinto dia morreu. Poderá, acaso, permitir-se em princípio a greve da fome numa prisão de novo tipo? Os novos carcereiros, nas condições de segredo e de isolamento, foram dotados de poderosos meios contra a greve da fome:

1. A paciência da administração. (Já vimos suficientemente até onde podia chegar,pelos exemplos anteriores.)

2. O engano, devido também ao isolamento. Quando o mais pequeno passo é divulgado pelos correspondentes dos jornais, não se consegue enganar muito. Mas, entre nós, o que é que impede de utilizar o engano? Em 1933, na prisão de Khabarovsk, S. A. Tchebotariov fez greve da fome durante dezassete dias, exigindo que comunicassem à família onde se encon-

trava (tinham acabado de chegar dos Caminhos de Ferro da China Oriental e, de repente, ele «desapareceu», preocupando-se com o que a mulher pudesse pensar). Ao fim de dezassete dias foram vê-lo o vice-chefe provincial da G.P.U. de Khabarovsk ocidental e o procurador do tribunal de Khabarovsk (pelos postos de que se trata vê-se que as greves da fome não eram assim muito frequentes) e mostraram-lhe o recibo de um telegrama (vê, já comunicámos à tua esposa!). Assim o convenceram a comer sopa.

Mas o recibo era falso! Porque é que, então, esses altos funcionários se inquietaram? Não era pela vida de Tchebotariov. Ao que parece, na primeira metade dos anos 30 havia ainda certa responsabilidade pessoal perante uma greve da fome prolongada.)

3. A alimentação artificial forçada. Esse método foi transplantado, indubitavelmente, de um jardim zoológico e só pode existir num regime fechado. Em 1937, a alimentação artificial já estava, evidentemente, em plena marcha. Por exemplo, na greve da fome do grupo de socialistas na cadeia central de Yaroslavl, foi aplicada a todos, ao fim de quinze dias, a alimentação artificial.

Num acto destes há muito de violação - sim, é isso precisamente que existe: quatro possantes mujiques lançam-se sobre um ser debilitado a fim de privá-lo de uma só interdição, e privá-lo dela uma vez, suceda o que suceder depois com ele — isso já não tem importância. Aqui a violação consiste na quebra da vontade: não será como tu queres, mas como eu quero, deita-te e submete-te. Abrem-lhe os lábios com uma lâmina, descerrando-lhe os dentes, e vão alargando a fissura, metendo por ela um tubo de borracha: «Engole!» E se não engole metem-no mais

para dentro até que o líquido alimentício cai directamente no esófago. Depois, ainda dão massagens ao estômago, para que o preso não recorra aos vómitos. Qual é a sensação assim experimentada? A de profanação moral, acompanhada de doçura na boca e de uma jubilosa absorção no estômago, com um prazer voluptuoso.

A ciência não estagna e foram elaborados outros métodos de alimentação: com clisteres, através do ânus, e com gotas introduzidas pelo nariz.

4. Novos pontos de vista sobre a greve da fome: estas greves são uma continuação da actividade contra-revolucionária na cadeia e devem ser castigadas com uma nova condenação.

Este aspecto prometia criar um novo ramo na prática da «prisão de novo tipo», mas quedou-se na esfera das ameaças. E não foi o sentido de nurnor, naturalmente, que o travou, mas talvez unicamente a preguiça: para quê tudo isto, quando há paciência? Paciência: uma vez mais a paciência do saciado perante o faminto.

Aproximadamente por meados de 1937 chegou uma nova orientação:

adnistração da cadeia, daí em diante, não se responsabiliza pela mortedurante a greve de fome! Assim desaparecia a última responsabilidade pes-

Tch K°S carcereiros'- (Agora o procurador da região já não iria ver

otanov!...) Mais ainda: para que o investigador não se inquietasse

propôs-se que os dias de greve da fome não fossem contados no prazo do processado, isto é, que não só se considerasse que não existiu greve da fome, mas que o preso durante esses dias fosse tido como se estivesse em liberdade! Que a única consequência da greve da fome fosse a extenuação do preso!

Isto significa pura e simplesmente: quereis morrer? Morrei!!!

Arnold Rappoport teve a desgraça de pôr-se em greve da fome na cadeia interna de Arcângel, precisamente quando chegou essa orientação. Aguentou uma greve da fome especialmente difícil, e aparentemente muito mais significativa (era «seca»),durante treze dias, num

calabouço isolado (comparem-na com a de cinco dias, do mesmo tipo, mantida por Dzerjins-ki, que além disso não estava no segredo e obteve uma vitória completa). E nesses treze dias passados num calabouço isolado, para onde o transferiram, apenas a enfermeira, por vezes, lhe deitava uma olhadela, não tendo sido visto pelo médico, nem pelo pessoal da administração, mesmo que fosse para interessar-se pelas razões da sua greve da fome. Nem lhe perguntaram quais elas eram... A única atenção que a vigilância lhe dispensou foi revistar cuidadosamente o calabouço, confiscar-lhe o tabaco, que tinha escondido no colchão, e alguns fósforos. Ora Rappoport queria conseguir que cessassem as práticas humilhantes do investigador. Ele preparou-se cientificamente para a greve: pouco antes tinha recebido pacotes, mas comeu somente os rosquilhos de pão branco e manteiga, e na semana precedente deixou de comer o pão negro. Passou tanta fome que as palmas das mãos se tornaram transparentes. Hoje ele recorda-se de ter uma sensação de grande leveza e de clareza de pensamentos. A bondosa e sorridente vigilante Marucia entrou em certa ocasião no calabouço e sussurrou-lhe: «Termine a greve da fome, ela não resolverá nada e assim morrerá! Devia ter

feito isso uma semana antes...» Ele seguiu o seu conselho, e suspendeu a greve da fome sem nada ter conseguido. Entretanto, deram-lhe vinho tinto quente e um bolo, depois do que os guardas o levaram em braços para a cela comum. Ao fim de alguns dias, começaram novamente os interrogatórios. (Com tudo isso, a greve da fome não foi totalmente em vão: o investigador compreendeu que Rappoport tinha suficiente força de vontade e estava disposto a morrer, e os interrogatórios tornaram-se mais suaves. «Pareces um lobo!», disse-lhe o investigador. «Sim, um lobo», confirmou Rappoport, «e nunca serei um cachorrinho para vocês».)

Depois disso, Rappoport fez ainda uma greve da fome no campo de trânsito de Kotlas, mas que decorreu com aspectos cómicos. Ele declarou que exigia uma nova investigação e que se recusava a ser transferido. Ao terceiro dia foram vê-lo: «Prepare-se para a mudança!» - «Não têm direito de transferir-me! Estou em greve da fome.» Então, quatro valentões pegaram nele, levaram-no em braços e lançaram-no ao banho. Depois do banho, também em braços, conduziram-no ao posto da guarda. Nada mais a fazer. Rappoport

levantou-se e seguiu a coluna de prisioneiros, pois atrás já

vinham os cães e as baionetas.

E eis como a «prisão de novo tipo» venceu as greves da fome burguesas.

Mesmo aos mais firmes não lhes restava outro caminho de resistência contra a máquina carcerária senão o suicídio. Mas o suicídio será acaso uma luta? Não é antes uma submissão? A socialista revolucionária E. Olits-kaia considera que a greve da fome como método de luta foi muito desprestigiada pelos trotsquistas e pelos comunistas que se lhes seguiram nas prisões: declaravam-na e suspendiam-na com demasiada facilidade. Segundo ela diz, inclusive I. N. Smirnov, o seu chefe, que se tinha posto em greve da fome, quatro dias antes do processo de Moscovo, cedeu rapidamente e interrompeu a greve. Diz-se que até 1936 os trotsquistas, por princípio, renunciavam a qualquer greve da fome contra o poder soviético, nunca tendo

apoiado os socialistas revolucionários e os sociais-democratas.15

Que a história julgue até que ponto é justa ou não esta censura. Entretanto, ninguém pagou tão caro as" greves da fome como os trotsquistas (na III parte voltaremos às suas greves da fome e às greves nos campos).

A leviandade na declaração e suspensão das greves da fome são provavelmente características de naturezas impulsivas, prontas na exteriorização dos sentimentos. Não obstante, também existiam naturezas desse género entre os velhos revolucionários russos e, outrora, na Itália e na França - e contudo, em lugar algum, nem na antiga Rússia, nem na Itália e na França se conseguiu acabar com as greves da fome como na União Soviética. As greves da fome deste segundo quarto de século exigiram, por certo, tantas vítimas humanas e firmeza de espírito como as do primeiro quarto. Entretanto, não deixou de haver no país uma opinião pública, e foi por isso que se reforçou a «prisão de novo tipo» e que, em lugar das vitórias facilmente alcançadas, os presos sofriam pesadas derrotas.

Passaram décadas - e o tempo fez a sua obra. A greve da fome - o primeiro e o mais natural direito do preso - tornou-se estranha e incompreensível para o próprio preso. Todos os dias passou a haver menos seguidores delas. E começou a ser encarada pelos carcereiros como uma estupidez ou uma infracção grave.

Quando, em 1960, Guenadi Smelov, um preso comum, se pôs em gre-Ve da fome prolongada, na cadeia de Leninegrado, o procurador foi à sua cela (talvez estivesse a fazer uma inspecção geral) e perguntou: «Para que é Mue se tortura?» E Smelov respondeu-lhe: «A verdade é para mim mais

15 F cjaj , m compensação, exigiam sempre o apoio dos socialistas revolucionários e dos sociais-democratas. Na transferència de Karaganda para Kolima, em 1936, eles chamaram a KalinreS C provocac'ores>' àqueles que recusaram assinar um telegrama de protesto, dirigido a Kalinin, contra o envio da Vanguarda da Revolução (isto é, eles mesmos) para Kolima. (Re-ue Makotinski).

importante do que a vida!»Esta frase surpreendeu tanto o procurador pela sua incoerência que no dia seguinte Smelov foi levado ao hospital especial (isto é, ao manicómio) para reclusos. A médica comunicou-lhe: «Suspeita--se que você sofre de esquizofrenia.»

Pelas espirais do corno, já na sua parte mais fina, erguiam-se as antigas cadeias centrais, actualmente prisões de isolamento especial. Começava a esmagar-se o último ponto débil, o que restava ainda de ar e luz. E a greve da fome dos cada vez mais raros e fatigados socialistas, na prisão de isolamento disciplinar de Yaroslavl, em começos do ano 37, foi uma das derradeiras e desesperadas tentativas.

Em geral, eles exigiam, como dantes, a eleição de um delegado e a convivência livre entre as celas. Exigiam, mas é pouco provável que eles próprios esperassem consegui-lo.

Quinze dias de greve da fome, ao fim dos quais eram alimentados com um tubo de borracha, permitiram-lhes, aparentemente, salvaguardar parte do antigo regime prisional: uma hora de passeio, receber o

jornal da região, dispor de cadernos para apontamentos. E verdade que conseguiram obter isso, mas imediatamente lhes foram retirados os seus objectos pessoais e lhes foi imposto o uniforme de presos de presídio especial. Pouco tempo depois reduziram-lhes o passeio a meia hora, e mais tarde a quinze minutos.

Era sempre a mesma gente que passava periodicamente pelas prisões e deportações, segundo as regras da Grande Paciência. Alguns havia já dez anos, outros quinze, que não conheciam uma vida humana normal, mas apenas a má comida prisional e as greves da fome. Ainda não tinham morrido todos os que estavam acostumados, antes da Revolução, a vencer os carcereiros. Todavia, o tempo agia então a seu favor, na luta contra um inimigo debilitado. Mas agora a aliança do tempo com os seus inimigos reforçava-se. Entre eles havia também jovens (a nós parece-nos isso agora estranho) que se consideravam a si próprios como socialistas revolucionários, democratas constitucionais ou anarquistas, já mesmo depois de esses partidos terem sido esmagados, de terem deixado de existir, nada mais restando aos seus novos aderentes do que os cárceres.

No âmbito da luta prisional dos socialistas, que de ano para ano se tornava cada vez mais sem esperança, a solidão impregnava até ao vácuo. As coisas não se passavam assim durante o czarismo: logo que se abriram as portas das cadeias, os presos eram acolhidos com flores. Agora eles abriam os jornais e viam como os inundavam de insultos, e até de imundícies (pois os socialistas apareciam precisamente a Staline como os maiores

inimigos do seu socialismo), enquanto o povo se calava. O que é que autorizava a pensar que ele simpatizava com aqueles por que tinha votado, não havia muito tempo, para a Assembleia Constituinte? Os jornais deixaram de insultá-los, mas isso por considerarem-nos inofensivos, insignificantes, e mesmo inexistentes. Os que estavam em liberdade recordavam-nos já no pretérito e no pretérito mais que perfeito. Quanto à juventude, nem podia pensar sequer que em algum lugar houvesse socialistas revolucionários e mencheviques vivos. E no percurso pelas deportações de Tchimquent e de Tcherdin, pelas

cadeias de isolamento político de Verkhne-Ural e de Vladi-mir, como não vacilar nos sombrios calabouços de isolamento, já com mordaças, sobre se o seu programa e os seus chefes teriam falhado, cometendo erros de táctica e de actuação? Todas as suas acções começavam a parecer-lhes uma ininterrompida impotência. E a vida consagrada apenas aos sofrimentos, um equívoco fatal.

O seu solitário combate prisional era, na essência, um combate por todos nós, os futuros presos (embora eles mesmos não pudessem pensar assim, nem compreender isto), pelas condições em que nós depois íamos ser encarcerados. Se eles tivessem vencido, é possível que nada do que sucedeu depois se tivesse passado connosco, sendo o objecto deste livro nas suas sete partes.

Mas eles foram derrotados, sem nada terem conseguido para si nem para nós.

A sombra da solidão estendeu-se sobre eles, em parte também porque, durante os primeiros anos da Revolução, ao aceitarem, naturalmente, por parte da G. P. U. o merecido título de políticos, se puseram tacitamente de acordo com a mesma G. P. U. em que

todos os que estavam à sua «direita»16, a começar pelos democratas constitucionais, não eram políticos, mas sim contra-revolucionários, gente do contra, o esterco da História. E os que sofriam pela fé de Cristo receberam igualmente a acusação de serem do contra. E quem não conhecia nem a «direita» nem a «esquerda» (e no futuro seríamos nós - todos nós!) tornava-se do contra. Assim, em parte voluntariamente, em parte involuntariamente, isolando-se e olhando-se de sos-'aio, eles consagraram o futuro artigo 58, em cujo fosso acabariam por cair.

Os objectos e as acções mudam decididamente de aspecto conforme o angulo de que se observem. Neste capítulo descrevemos a situação prisional dos socialistas do seu ponto de vista - e ela fica iluminada por um raio tagico. Mas esses que eram do contra, ao lado dos quais os políticos em olovki passavam desdenhosamente, esses que eram do contra, que recordação guardam dos políticos? «Eram repulsivos: desdenhavam todos os

Não gosto destas denominações de «esquerda» e «direita»: são arbitrárias, permutáveis e não dão conta do essência.

outros, afastavam-se com o seu grupinho, exigiam não só as rações, como privilégios especiais. E disputavam constantemente entre si.» Como não sentir o que nisto havia de verdade? Essas infrutíferas, intermináveis disputas eram já ridículas. E essa exigência de rações suplementares, quando à sua volta havia uma multidão de famintos e miseráveis? Nos anos do poder soviético o honroso título de político acabou por tornar-se um dom envenenado. E surge ainda esta interrogação: porque é que os socialistas, que tão despreocupadamente fugiam sob o czarismo, se amoldaram tão bem às prisões soviéticas? Onde estão as suas fugas} De um modo geral, havia bastantes fugas - mas quem se recorda, entre elas, da de um socialista?

E aqueles presos que estavam mais à esquerda dos socialistas - os trots-quistas e comunistas - esses, por sua vez, olhavam de soslaio para os socialistas

também como sendo do contra, fechando o fosso da solidão num anel.

Os trotsquistas e os comunistas, uns e outros, apresentando a sua tendência como mais pura e mais elevada do que as restantes, menosprezavam e odiavam até os socialistas (como se odiavam entre si mutuamente), os mesmos que partilhavam com eles a cadeia e com quem passeavam juntos nos pátios. E. Olitskaia recorda que no campo de trânsito na baía de Vani-no, em 1937, quando os socialistas da zona masculina e feminina se chamavam através da divisória, buscando os seus e comunicando notícias, as comunistas Liza Kotik e Maria Krutikova ficavam indignadas, porque com essa atitude irresponsável dos socialistas podiam cair, sobre todos, castigos administrativos. E comentavam: «Todas as nossas desgraças provêm destes vis socialistas (explicação profunda e dialéctica!) Deviam ser estrangulados!» E se aquelas duas raparigas, em 1925, cantavam na Lubianka a canção do lilás, era porque uma delas era socialista revolucionária e a outra oposicionista, não tendo um canto político comum. A falar verdade, a oposicionista não deveria ter-se unido à socialista revolucionária num protesto.

Se, nas prisões czaristas, frequentemente os partidos se uniam para uma luta comum na prisão (recordemos a fuga da cadeia central de Sebas-topol), nas prisões soviéticas cada corrente defendia a pureza da sua bandeira, não se unindo às outras. Os trotsquistas lutavam separados dos socialistas e dos comunistas, e os comunistas, em geral, não lutavam, pois como é possível lutar contra o seu próprio poder e as suas próprias cadeias?

Por isso, sucedia que os comunistas, nos presídios de isolamento político, bem como nas prisões, fossem vexados em prioridade e mais severamente do que os outros. A comunista Nadiejda Surovtseva, na cadeia central de Yaroslavl, em 1928, saía para o passeio em fila indiana, sem direito a conversar, enquanto os socialistas ainda faziam barulho nos seus grupos. A ela já não lhe permitiam cuidar das flores no pátio - as flores tinham ficado dos antigos presos, dos que lutavam pelos seus direitos. Já então ela foi privada da leitura de jornais (em troca, a secção política da G.P.U. permitia-lhe ter na cela as obras completas de Marx, Engels, Lenine e Hegel).

A visita da mãe foi-lhe concedida quase na escuridão, e a velhota, abatida, orreu pouco depois (que podia pensar de um regime que mantinha assim a sua filha?).

Esta diferença, ao longo dos anos, quanto à conduta prisional, teve profunda repercussão, mais adiante, quanto à diferença das sentenças: nos anos 37-38, os socialistas continuavam na prisão e apanhavam os seus dez anos. Mas, como regra, não eram obrigados a autodelação: eles não ocultavam as suas opiniões pessoais, suficientes para a condenação! Contudo, um comunista nunca tem opiniões pessoais... Como condená-lo, então, se não se lhe extorquirem falsas confissões?

Ainda que o enorme Arquipélago já se tivesse estendido, as cadeias não Questionavam. A velha tradição dos presídios não perdia a sua solícita continuidade. Tudo quanto de novo e de inestimável o Arquipélago trazia à-educação das massas, ainda não tinha atingido a plenitude. Para isso, havia que acrescentar-lhe os presídios especiais e as prisões comuns.

Não era qualquer um que podia ser engolido pela Grande Máquina e misturar-se com os indígenas do Arquipélago. Os estrangeiros conhecidos, as pessoas demasiado destacadas e os presos secretos, como os da Segurança do Estado que tinham sido degredados, de modo algum podiam ser mostrados abertamente nos campos: o barulho que podiam causar não justificaria a divulgação e o consequente prejuízo moral e político17. Do mesmo modo, os socialistas, dado o seu combate constante pelos seus direitos, não podiam ser misturados com a massa, e foi precisamente a coberto dos seus privilégios e direitos que foram mantidos e asfixiados isoladamente. Muito mais tarde, nos anos 50, como soubemos, os presídios especiais eram necessários para o isolamento dos rebeldes dos campos de trabalho. Nos últimos anos de vida, desiludido pela «correcção» dos caids, Staline ordenou que se impusesse a alguns deles a reclusão presidiária e não os campos. Enfim, tiveram de ser mantidos gratuitamente pelo Estado os presos que, pela a debilidade, teriam morrido imediatamente no campo, esquivando-se sim ao cumprimento da pena. Ou ainda aqueles que de forma alguma se , ,am adaptar ao trabalho indígena - como o cego Kopeikin, um velho de setenta anos, que

estava permanentemente no mercado de Inrevts (no Volga). As suas canções e ditos acarretaram-lhe dez anos por agitação

De cor azul-celeste pantanosa... Ah, a bela palavra!

contra-revolucionária, mas houve que substituir o campo por reclusão prisional.

De acordo com as circunstâncias, era mantida, renovava-se, fortalecia-se ou aperfeiçoava-se a antiga herança presidiária da dinastia dos Romanov. Algumas cadeias centrais, como a de Yaroslavl, estavam montadas tão cómoda e solidamente (as portas chapeadas de ferro, em cada cela uma mesa, um tripé, uma cama, sempre fixos) que exigiam apenas a instalação de mordaças nas janelas e a redução dos pátios de passeio até às dimensões de uma cela (em 1937 foram cortadas todas as árvores nas cadeias e asfaltadas as hortas e as superfícies relvadas). Outras cadeias, como a de Suzdal, exigiam

uma remodelação do mosteiro, mas a verdade é que a reclusão do corpo num convento e a transformação deste, por lei, em prisão, constituem actos fisicamente análogos, razão pela qual os edifícios se adaptavam sempre facilmente. Foi também adaptado a prisão um dos pavilhões de Sukhanovka, pois havia que compensar a perda de edifícios como a Fortaleza de Pedro e Paulo e a Shlisselburg, dedicados aos turistas. A cadeia central de Vladimir foi ampliada, juntando-se-lhe umgrande pavilhão novo no tempo de Iejov, que passou a ser muito utilizado e absorveu muitos presos durante essas décadas. Já mencionámos como funcionava a cadeia central de Tobolsk. A partir de 1925, foi inaugurada, para utilização permanente e abundante, a cadeia de Verkhne-Ural. (Todas estas prisões de isolamento político continuam a existir para desgraça nossa, funcionam no momento em que estas linhas são escritas.) Do poema de Tvardovski Mais além da Lonjura pode deduzir-se que no tempo de Staline não estava desabitado o presídio central de Aleksandrovsk. Temos menos informações sobre o de Oriol: é de recear que tenha sido muito danificado durante a guerra patriótica. Mas nas vizinhanças, ele

tem um anexo perfeitamente equipado: a prisão de Dmitrovsk.

Nos anos 20, nos isolamentos políticos (os presos denominam esses isolamentos presídios secretos para políticos), a alimentação era decente: às refeições havia sempre carne, preparavam hortaliças frescas e na cantina podia comprar-se leite. As coisas pioraram bruscamente nos anos de 1931-33, mas então as condições tão-pouco eram melhores para a população. Nesse tempo, o escorbuto e as tonturas devido à fome não eram um fenómeno raro entre os presos políticos. Mais tarde a alimentação melhorou, mas já não era a mesma de antes. Em 1947, no Presídio Especial de Vladimir, I. Korneiev sentia permanentemente fome: quatrocentos e cinquenta gramas de pão, dois torrões de açúcar, duas refeições quentes não abundantes nem nutritivas e somente água fervida à vontade (dir-nos-ão ainda que não se trata de um ano característico, pois no exterior também havia fome. Em compensação, nesse ano permitiram magnanimamente o envio ilimitado de pacotes aos presos). A luz nas celas sempre foi racionada nos anos 30 e nos anos 40: as mordaças e o vidro embaciado fixo criavam na cela uma

penumbra permanente (a escuridão é um factor importante

para o abatimento do espírito!). E por cima da mordaça ainda era estendida frequentemente uma rede, que no Inverno se cobria de neve e tapava o último acesso à luz. A leitura passava a significar cansaço e deterioração da vista. Na Prisão Especial de Vladimir esta insuficiência de luz era compensada durante a noite: até de madrugada havia uma intensa luz eléctrica, que impedia de dormir. E na prisão de Dmitrov, segundo N. A. Koziriev, em 1938, a luz diurna e nocturna era a de uma candeia numa prateleira, que queimava os restos do oxigénio do ar: no ano de 1939 apareceram as • lâmpadas eléctricas de incandescência vermelha média. O ar era também racionado, os postigos estavam fechados a cadeado e abriam-se unicamente a intervalos, para ir à latrina, conforme recordam também os antigos prisioneiros das cadeias de Dmitrov e de Yaroslavl. (E. Guinzburg: o pão cobria-se de manhã para a noite de bolor, as paredes enchiam-se de verde-te.) Mas em Vladimir, no

ano de 48, o ar não era limitado, o postigo estava permanentemente aberto. O passeio, em diversas prisões e durante vários anos, oscilava entre quinze e quarenta e cinco minutos. Já não havia qualquer contacto com a terra, como em Shlisselburg ou em Solovki; tudo o que crescia tinha sido arrancado, esmagado, coberto de cimento e asfalto. Durante o passeio proibiam até que se erguesse a cabeça para o céu. «Olhar só para os pés!», recordam Koziriev e Adamov (prisão de Kazan). As visitas da família foram proibidas em 1937 e não foram restabelecidas. Duas vezes por mês permitiam que se enviasse cartas aos familiares mais próximos. Quanto a receber cartas deles, isso foi permitido quase todos os anos (mas na prisão de Kazan, depois de as terem lido, tinham de devolvê-las à vigilância). Havia também um pequeno quiosque para fazer compras até ao limite do dinheiro recebido. Um aspecto muito importante do regime carcerário era a mobília. Adamov descreve expressivamente, depois de serem retiradas as camas embutidas na parede e as mesas e cadeiras pregadas ao solo, a alegria que foi ver e apalpar na cela (Suzdal) uma simples cama de madeira com um saco de feno a servir de colchão e uma singela mesa também de madeira. Na Prisão Especial de Vladimir, I. Korneiev

experimentou dois regimes diferentes: não permitiam ter na cela objectos pessoais I. 7"^8) uma pessoa podia deitar-se de dia e o guarda exercia pouca vigilância pelo postigo; noutro, a cela ficava fechada com dois cadeados uma chave estava em poder do vigilante e a outra nas mãos do Kial de plantão, sendo proibido deitar-se de dia e falar em voz alta (na de azan só se podia cochichar!); os objectos pessoais eram retirados e trazia-se uma farda às riscas; só permitiam que se escrevesse duas vezes por ano e apenas nos dias subitamente designados pelo chefe da prisão (se se deixasse passar esse dia já não se podia escrever), utilizando uma folhinha duas vezes menor que um postal; eram frequentes as buscas violentas e de sos A 1St°' C°m ° desalojamento completo e fazendo depois despir os presos. A comunicação entre as celas era de tal modo reprimida que depois de

Pessoa ir à latrina os vigilantes entravam com uma lâmpada portátil e

iluminavam todos os cantos. Se apareciam inscrições na parede, toda a cela era posta no calabouço de

castigo. Os calabouços eram o flagelo das prisões especiais. Podia-se ser enviado para lá por tossir («cubra a cabeça com a manta, e então já pode tossir!»); por andar pela cela (Koziriev: isso era considerado «turbulência»); por fazer barulho com o calçado (na prisão de Kazan tinham dado às mulheres botas masculinas número quarenta e quatro). Por outro lado, Guinzburg deduz justamente que a passagem pelo calabouço era determinada não pelos actos realizados mas por um gráfico: todos tinham, por turnos, de passar por ali e de saber o que isso era. E nas disposições havia ainda este ponto de grande amplitude: «Em caso de indisciplina no calabouço, o chefe da prisão tem o direito de prolongar o período de permanência nele até vinte dias.» E que «indisciplina» era essa?... Eis o que ocorreu com Koziriev (a descrição dos calabouços e de muitos aspectos do regime apresentam tantas coincidências, que se nota o selo de um regime único). Por andar pela cela castigaram-no com cinco dias de calabouço. No Outono, este não era aquecido. Fazia muito frio. Deixavam-nos em roupa interior e descalços. O soalho era de terra batida com poeira (às vezes era de barro ou lama, e na prisão de Kazan coberto de água). Koziriev tinha um mocho

(Guinzburg não tinha). Pensou imediatamente que ia morrer, que ia congelar. Mas gradualmente emergiu nele um misterioso calor interior, e isso salvou-o. Aprendeu a dormir sentado no mocho; três vezes por dia davam-lhe uma caneca de água fervida quente, com o que parecia ficar embriagado. Na ração de trezentos gramas de pão, um dos guardas introduziu-lhe um torrão de açúcar, o que não era permitido. Era através da entrega do racionamento e de uma frincha de luz que penetrava pelo labirinto da entrada que Koziriev contava o tempo. Ao fim do quinto dia não o tiraram dali. Com o ouvido atento, ele escutou um murmúrio no corredor, falando de seis dias, ou de um sexto dia. Nisso consistia a provocação: esperavam que ele dissesse que os cinco dias tinham passado, que já era tempo de o tirarem dali, para prolongarem por indisciplina a estada no calabouço. Mas ele, submissamente calado, esperou um dia mais, e então deliberaram como se nada tivesse sucedido. (Talvez que o chefe da prisão os experimentasse todos, um por um, aplicando o calabouço a todos aqueles que ainda não se haviam submetido.) Depois do calabouço, a cela comum parecia um palácio, embora Koziriev ficasse surdo por meio ano e começassem a surgir-lhe abcessos na garganta. O companheiro da

cela de Koziriev, devido aos frequentes períodos de calabouço, acabou por enlouquecer, e durante mais de um ano permaneceram juntos. (Nadiejda Surovtseva recorda muitos casos de loucura nos presídios de isolamento político, não menos de que aqueles que Novorusski relatou nos anais de Shlisselburg.

Não lhe parece agora, leitor, que nós, gradualmente, alcançámos o ponto mais alto do segundo corno - talvez mais alto do que o primeiro e mais agudo?

Mas as opiniões divergem. Os velhos reclusos dos campos são unânimes em reconhecer que a Prisão Especial de Vladimir, nos anos 50, era uma vilegiatura. É a opinião de Vladimir Borissovitch Zeldovitch, enviado para lá da estação de Abes, e de Anna Petrovna Skripnikova, que foi lá parar em 1956, vinda dos campos de Kemerovo. Skripnikova ficou surpreendida com a possibilidade do envio regular de petições em cada dez dias (ela pôs--se a escrever... à O. N. U.), com a magnífica biblioteca, incluindo livros em línguas estrangeiras: levava-se para a cela um

catálogo completo e podia fazer-se uma requisição para o ano inteiro.

Mas eis outro exemplo da flexibilidade da nossa lei: condenaram milhares de mulheres (esposas) à reclusão prisional. De repente, resolveram comutar o cumprimento da pena na prisão por um campo (em Kolima, o ouro estava por lavar!). E mudaram as sentenças. Sem julgamento.

Existirão ainda estes casos de detenção? Ou tratar-se-ia somente de um vestíbulo de entrada para o campo?

E era só aqui que devia começar este capítulo. Ele devia analisar essa irradiação de luz que emana com o tempo, como a auréola de um santo, da alma de um preso solitário. Arrancado à agitação quotidiana de forma tão absoluta que até a contagem lenta dos minutos lhe permite uma comunicação íntima com o universo, o preso solitário deve purificar-se de tudo o que de imperfeito o torturou na sua vida anterior è que o impedia de ascender à aiafaneidade. Como os dedos se estendem com dignidade para tocar e esfarelar os torrões de terra da horta (mas só há.... asfalto!...). Como a sua cabeça se ergue

espontaneamente para o céu eterno (mas ele é... proibido!...). Que enternecida sensação lhe traz a avezinha que salta no parapeito

a janela (mas, do outro lado, há a mordaça, a rede e o postigo fechado a cadeado...). Que claros pensamentos e, às vezes, que conclusões ele anota

O papel que lhe entregaram (mas com a condição de o comprar no quios e, tendo depois de preenchê-lo e de entregá-lo para sempre à administração prisional...).

, Mas algo tolhe as nossas objecções rabujentas. Desarticula-se e rui o

o do nosso capítulo. Já não sabemos se na «prisão de novo tipo», no

' 10 especial (e qual é ele?), a alma humana se purifica ou perece definitivamente!

Se todas as manhãs a primeira coisa que vês são os olhos do teu companheiro de cela que enlouqueceu, como é que encontrarás a salvação tu mesmo, no dia que começa? Nikolai Aleksandrovitch Koziriev, cuja brilhante carreira de astrónomo foi interrompida pela detenção, conseguiu

410

salvar-se unicamente através dos seus pensamentos sobre a eternidade e o infinito; sobre a ordem universal e o Espírito Supremo que a anima; sobre as estrelas e a sua composição interior; sobre a natureza e a marcha do tempo.

E assim passou a abrir-se para ele uma nova esfera da física. Só com isso ele conseguiu sobreviver na prisão de Dmitrov. Mas os seus cálculos apoiavam-se nos números esquecidos. Mais além era-lhe impossível ir: faltavam-lhe muitas cifras. Como buscá-las nessa cela solitária, com uma candeia nocturna, onde não entrava uma avezinha sequer? E o cientista interrogava: «Senhor! Fiz quanto pude. Mas ajuda-me! Ajuda-me a prosseguir.»

Nesse tempo tinha direito a um livro em cada dez dias (estava só na cela). Na mal sortida biblioteca prisional havia várias edições do Concerto Vermelho, de Demian Bedni, que circulavam repetidamente pelas celas. Meia hora depois da sua súplica, vieram substituir-lhe o livro, e como sempre não lhe perguntaram nada, meteram-lhe um livro nas mãos: Curso de Astrofísica! Donde teria chegado? Não podia

imaginar que existisse na biblioteca! Pressentindo a breve duração desse encontro Koziriev lançou-se sobre ele e pôs-se a meter tudo na memória, tudo aquilo de que necessitava e que lhe poderia vir a fazer falta depois. Tinham decorrido dois dias e ainda poderia ter o livro em seu poder mais oito dias, mas subitamente houve uma inspecção do director. Com perspicácia, este observou imediatamente: «Mas você é astrónomo de profissão?» - «Sim.» - «Tirem-lhe esse livro!» Mas essa visita sobrenatural abriu-lhe o caminho para o seu trabalho, que continuou no campo de Norilsk. Pois bem, metamos agora ombros ao capítulo sobre a resistência dos espíritos contra as grades.

Mas, o que se passa?... Insolentemente, o guarda está a dar a volta à chave. O tenebroso chefe do pavilhão aparece com uma longa lista: «Apelido? Patronímico? Ano de nascimento? Porque artigo está condenado? Qual a sentença? Fim da sentença?... Prepare-se com as coisas Rápido!» Bem, irmãos, é a transferência!... Para destino incerto! Deus nos abençoe! Ficaremos vivos?...

Mas fiquem certos: se sobrevivermos - terminaremos o relato noutra ocasião. Na quarta parte. Se sobrevivermos...

Segunda Parte

O MOVIMENTO PERPÉTUO

As rodas também não param, As rodas. Giram e dançam as mós, Giram.

WlLHKLM MULI.F.R

(1794-1827)

I

OS NAVIOS DO ARQUIPÉLAGO

DESDE o estreito de Béringue e quase até ao do Bósforo que ficam dispersas as milhentas ilhas do embruxado Arquipélago. São invisíveis, mas existem, e é de modo invisível que, de uma ilha a outra, é necessário constantemente transportar os invisíveis forçados, que têm corpo, peso e volume. Mas com que transportá-los? E por onde?

Há para isso grandes portos: as prisões de trânsito; e portos mais pequenos: os campos de trânsito. Há para isso navios de aço secretos: os «vagões de reclusos». Nos ancoradouros, em vez de chalupas e de canoas, são recebidos por engenhosos carrinhos herméticos, também de aço. Os «vagões de reclusos» viajam de acordo com um horário. E, em caso de necessidade, enviam-se também de porto em porto, pelas diagonais do Arquipélago, caravanas inteiras de composições ferroviárias com vagões vermelhos de mercadorias.

Trata-se de todo um sistema bem ordenado! Foi criado por alguns homens, durante décadas - e sem pressas. Foi criado por pessoas bem alimentadas, equipadas e com uniforme. Nos dias ímpares, às dezassete horas, o comboio de Kinechma recebe na Estação do Norte de Moscovo as levas das carrinhas das prisões de Butirki, de Presnaia e de Taganka. Nos aias pares, às seis da manhã, o comboio de Ivanovo deve encontrar-se na estaçao para receber e guardar aqueles que são transferidos para Nierekh-*a, Bejentsk e Bologoe.

tudo isto decorre ao vosso lado, rente a vós todos, mas invisível aos

vossos olhos (é possível fechá-los). Nas grandes estações a carga e descarga

os porcos realiza-se longe da gare dos passageiros e só os guardas, os aguros, ou os condutores os vêem. Nas estações mais pequenas escolhe-se

3 um entre dois depósitos de mercadorias, onde carrinhas entram em marcha a trás até aos degraus do vagão de reclusos. Os presos não têm

Po de deitar uma olhadela para a estação, nem de olhar para vós ao

longo das composições ferroviárias-, apenas podendo enxergar os degraus

(às vezes o degrau inferior dá-lhes pela cintura, não tendo sequer força para subir), e a escolta, que formara um estreito corredor da carrinha ao vagão, vocifera, brama: «Rápido! Rápido!... Andem! Andem!...», ou então ameaça com as baionetas.

Quanto a vós, que vos apressais pela gare, com crianças, malas e trouxas, faltava-vos tempo para ver:

porque é que foi engatado à composição ferroviária um vagão mais para bagagem? Nele não há nada escrito e é muito parecido com os de mercadorias, tendo igualmente grades e sendo escuro por dentro. Apenas se dá conta de que ali vão soldados, defensores da pátria, e que nas paragens dois deles andam, a assobiar, de um lado e de outro, olhando de soslaio para debaixo do vagão.

O comboio pôs-se em marcha e centenas de destinos comprimidos, de corações torturados, correm, por esses mesmos carris sinuosos, atrás desse mesmo fumo, junto a esses mesmos campos, postes e medas, alguns segundos antes de vós mesmos. Mas atrás das vossas vidraças, vós nada sereis: no ar ficam ainda menos vestígios desta amargura que emerge do que aqueles que restam após a passagem dos dedos sobre a água. E no ambiente de vós bem conhecido e sempre igual do comboio, com roupa de cama e com o chá servido em copos, podereis acaso fazer ideia desse tenebroso e abafado terror que, à distância de três segundos, atravessou esse mesmo espaço euclidiano? Estais descontentes só pelo' simples facto de que nesse mesmo compartimento viajam quatro pessoas e estais apertados, mas poderíeis acreditar

acaso que nesta linha, nesse vagão que acaba de passar adiante de vós seguem catorze pessoas? E se forem vinte e cinco? E se forem trinta?... Vagão-recl. — que abreviatura abominável! Como o são, em geral, todas as abreviaturas feitas pelos verdugos. Isso significa que se trata de um vagão para reclusos. Mas em lado algum, à excepção dos papéis dos carcereiros, se aplicaria essa palavra. Os presos acostumaram-se a chamar-lhe «vagão de Stolipine» ou, simplesmente, stolipine.

A medida que os transportes por caminho de ferro foram introduzidos na nossa pátria, mudaram as formas das levas dos presos. Ainda nos anos 90 do século XIX, as levas para a Sibéria eram feitas a pé ou a cavalo. Lenine, em 1896, foi deportado para a Sibéria numa carruagem vulgar de terceira classe (com gente livre) e queixou-se aos ferroviários de que ia insuportavelmente apertado. O quadro, bem conhecido, de Yarochenko A Vida Está por Toda a Parte, mostra-nos já uma ingénua readaptação de uma carruagem de passageiros de quarta classe para o transporte de presos: tudo ficou como era, os presos viajam como toda a gente, apenas colocaram grades nas janelas de ambos os lados. Estas carruagens

circularam ainda muito tempo pelas vias férreas russas: alguns lembram-se de como marchavam nas levas de 1927. Só que seguiam separados os homens e as mulheres. Por outro lado, o socialista revolucionário Truchine recorda-se de que já durante o czarismo se utilizava o «vagão de Stolipine», embora so nos tempos de Krilov seguissem seis pessoas num compartimento.

Provavelmente este tipo de vagão foi posto pela primeira vez em circulação durante o regime de Stolipine, isto é, em 1911, e de acordo com a exacerbação revolucionária dominante os democratas constitucionais baptizaram-no com esse nome. Entretanto, só a partir dos anos 20 ele esteve em voga, tendo encontrado uma utilização generalizada exclusiva nos anos 30 quando tudo na nossa vida passou a ser uniforme. Seria, pois, mais justo chamar-lhe, não stolipine, mas staline. Não nos percamos porém com palavras.

O «vagão de Stolipine» era uma carruagem vulgar, com a simples particularidade de que, dos nove

compartimentos, cinco eram destinados aos presos (aqui, como em todo o Arquipélago, metade ficava reservada para os serviços!). Estes cinco compartimentos ficavam separados do corredor não por um tabique contínuo, mas por uma grade que os deixava a descoberto para observação. Essa grade era de barras oblíquas, cruzadas, como nos pequenos jardins das estações. Erguem-se a toda a altura da carruagem, pelo que não havia desvão para a bagagem. As janelas do lado do corredor eram as habituais, mas também com barras oblíquas no exterior. No compartimento dos presos não havia janelas, apenas uma pequena ranhura, sem visão, igualmente com grades ao nível do segundo beliche (privado assim de janelas, mais se diria um vagão de mercadorias). A porta do compartimento era corrediça: uma divisória de ferro, também com grades.

Tudo isto, visto do corredor, fazia lembrar um parque de feras: atrás de uma grade de ferro, no solo e nos beliches, encolhem-se certos seres miseráveis, parecidos com o homem, pedindo lastimosamente, com o olhar, de beber e de comer. Nas jaulas, contudo, nunca amontoam assim os animais.

Segundo cálculos feitos por engenheiros em liberdade, no compartimento de um stolipine cabem seis presos sentados em baixo, três deitados na tarimba do meio (a qual se estende ao longo do compartimento, formando uma só cama e deixando um só espaço para poder subir e descer) e dois deitados na prateleira de cima, destinada à bagagem. Suponhamos que alem destes onze se metem lá mais onze (os últimos, para se poder fechar a Porta, são empurrados pelos guardas a pontapé). Teremos então a lotação esgotada e normal do compartimento dos reclusos. Dois deles contorcem-rse' meios dobrados no porta-bagagem de cima; cinco deitam-se na tarima do beliche do meio (e estes são os mais felizes, pelo que tais lugares são disputados em combate; havendo presos comuns, são precisamente estes Mue ai são colocados); na parte inferior ficam treze pessoas, das quais cinco sentadas em cada tarimba e três no meio, entre as pernas dos outros. As coisas vão onde calhar, por baixo, por cima ou misturadas com as pessoas. as^m' Com as pernas oprimidas, encolhidas, viajam dias e dias. Não, isto não é feio de propósito para torturar especialmente os homens! O condenado é um soldado trabalhador do socialismo, para quê

atormentá-lo? Ele tem de ser utilizado na construção. Mas, concordem, ele

não vai fazer uma visita à família, e não deve ficar instalado de forma que os que estão em liberdade o invejem. Temos dificuldades com os transportes: ele chegará ao destino, descansem, não morrerá.

A partir dos anos 50, quando foram ajustados os horários, os presos não eram obrigados a fazer viagens longas: dia e meio, a dois dias, quando muito. Durante e depois da guerra era pior: de Petropavlovsk (no Casa-questão) até Karaganda, os stolipine podiam levar sete dias (e havia vinte e cinco pessoas no compartimento); de Karaganda e Sverdlovsk ozfo dias (e no compartimento havia vinte e seis). Mesmo de Kuibichiev a Tchalia-binsk, em Agosto de 1945, Suzi foi num stolipine uma série de dias, e no compartimento havia TRINTA E CINCO pessoas, amontoadas em cima umas das outras, debatendo-se e lutando1. No Outono de 1946, N. V. Timofeiev-Ressovski foi de Petropavlovsk a Moscovo num compartimento onde iam TRINTA E SEIS HOMENS!

Esteve vários dias PENDURADO no compartimento no meio dos outros, sem que os pés tocassem no solo. Às tantas, os homens começaram a morrer e tiraram-nos debaixo dos pés dos presos (é verdade que não imediatamente, mas só ao segundo dia). Só dessa maneira começaram a ficar menos apertados. A viagem inteira até Moscovo durou três semanas.2

Trinta e seis - será esse, por acaso, o limite? Não possuímos testemunhos de que tenha havido trinta e sete, mas, atendo-nos ao único método científico e à nossa educação na luta contra os «limites», devemos responder: não, não e não! Não há limites! Talvez eles existam algures, mas não entre nós! Enquanto houver alguns decímetros cúbicos de ar por ocupar, ainda que seja debaixo dos bancos, entre os ombros, as pernas ou as cabeças, o compartimento está apto a receber presos suplementares! Convencionalmente, pode admitir-se como fibra limite a dos cadáveres que couberem no volume total do compartimento, empilhados metodicamente.

V. A. Korneieva partiu de Moscovo num compartimento onde havia trinta mulheres — a maioria delas velhinhas decrépitas, deportadas por serem crentes (à chegada, TODAS essas mulheres, à

excepção de duas, foram hospitalizadas imediatamente). Não houve casos mortais porque entre elas havia jovens cultas e atractivas, presas por «terem correspondência com estrangeiros». Essas jovens começaram a envergonhar a escolta: «Como e que não têm vergonha de as conduzir assim? Elas podiam ser vossas mães!» Certamente, não foram tanto os argumentos morais, mas sim o aspecto

' Isto para satisfação daqueles que se espantam e censuram: porque é que não lutavam?

: Já em Moscovo, segundo as mesmas leis do país dos milagres, Timofeiev-RessovsK foi transportado por oficiais em braços até ao automóvel: ele ia contribuir para o avanço da ciência!

atractivo das jovens que encontrou eco na escolta - e algumas velhas foram transferidas... para o compartimento de castigo. Nos stolipine esse compartimento não constitui um castigo, antes uma felicidade. Dos cinco compartimentos para os presos, só quatro são utilizados como celas habituais, sendo o quinto dividido em duas metades, estreitos meios

compartimentos com dois beliches, como os que são habitualmente reservados aos condutores. Essas celas de castigo são utilizadas para isolamento; o facto de viajarem ali três ou quatro significa comodidade e espaço.

Não, não é que se faça de propósito para torturar os presos pela sede, mas em todos esses dias passados no vagão, no meio de desfalecimento e aperto, dá-se-lhes de comer, em vez de alimentos cozidos, apenas arenque salgado, ou peixe seco (foi o que se passou ao longo de TODOS os anos 30 e 50, no Inverno e no Verão, na Sibéria e na Ucrânia, e nem sendo preciso pormenorizar exemplos). Não se trata de tortura pela sede, mas, enfim, digam-me como alimentar estes farrapos durante a viagem? Comida quente no vagão? Não têm direito a ela (num dos compartimentos, é certo, há uma cozinha, mas é só para a escolta). Não se lhes pode dar cereais secos, nem bacalhau fresco. Conservas de carne? Podem fazer-lhes mal. Arenque salgado e um pedaço de pão - não há coisa mais bem pensada, que mais querem?

Toma tu o teu arenque, e estás com sorte, alegra-te! Se és sensato, não o comas, aguenta, esconde-o no bolso, comê-lo-ás no campo de trânsito, onde haja

água. É pior ainda quando dão peixe miudinho do Azov, húmido, com sal grosso, que se estraga no bolso. Agarra-o com o forro do casaco de algodão, com o lenço ou com a palma da mão, e come-o. Esse peixinho é lançado em cima de qualquer casaco, mas o peixe seco é deitado pela escolta no chão, sendo dividido nos beliches, em cima das pernas3.

Uma vez que te deram peixe, não te negarão o pão e talvez recebas ainda um poucochinho de açúcar. O pior é quando chega a escolta e declara: «Hoje não damos de comer, não nos entregaram nada para vocês.» E, na realidade, talvez não tenham dado nada: em qualquer secção de contabilidade prisional não puseram os números no devido lugar. Ou pode ser que hajam entregue algo, mas que a própria escolta tenha falta de senhas de racionamento (eles não andam também demasiado fartos) e decidisse ficar com o pãozinho. Dar só meio arenque torna-se suspeito.

3 P. F. Yakubovitch (No Mundo dos Condenados, Moscovo, 1964, tomo 1) escreve, acerca dos anos 90 do século passado, que no tempo terrível das levas para a Sibéria davam Para alimentação dez kopecs diários por pessoa, quando o preço da broa de pão de

trigo - seria de três quilos? - era de cinco kopecs e a jarra de leite - de dois litros? - custava três. «Os Presos viviam na prosperidade», escreve ele. Mas na província de Irkutsk os preços eram mais

caros- Uma libra de carne valia dez kopecs «e os presos viviam simplesmente na miséria».

^3 libra de carne por pessoa e por dia, corresponderá isso a meio arenque?

E, naturalmente, não é para atormentar o preso se depois do arenque não se lhe dá água fervida (o que nunca acontece), nem água simples. É preciso compreender: o pessoal da escolta é limitado. Uns montam a guarda no corredor, fazem plantão entre as carruagens e nas estações põem-se a inspeccionar debaixo dos vagões, pelo tejadilho, vendo se não foi feito algum orifício em qualquer parte. Outros limpam as armas e é preciso também ocuparem-se da instrução política e do regulamento militar. Quanto ao terceiro turno, esse dorme, o horário é de oito horas segundo a lei, e a guerra já acabou. Depois há que trazer água de longe, em baldes, e é ultrajante

transportá-la: porque é que um combatente soviético deve acarretar água, como um asno, para os inimigos do povo? Por vezes, para separar os presos e fazer uma mudança de linha, levam o «vagão de Stolipine» até meio dia de distância da estação (para longe dos olhos estranhos) e não se acarreta água nem para a cozinha do soldado vermelho. Há, é certo, uma saída: tirar água do tênder da locomotiva, uma água amarela, turva, com óleo de lubrificação. Os zeks bebem gostosamente dessa água. Que importa, eles na penumbra do compartimento não vêem muito bem, não têm janelas, nem lâmpadas, nem luz do corredor. Para mais, essa água leva muito mais tempo a distribuir, os presos não têm púcaros, aos que os possuíam tiraram-lhos, ou seja, têm de beber pelas duas canecas do regulamento, e enquanto eles se saciam há que ficar à espera ao lado, tirando e dando água. (E eis o que se lembraram ainda de inventar: primeiro há que dar de beber aos sadios, depois aos tuberculosos e, finalmente, aos sifilíticos! Como se na cela seguinte as coisas não começassem de novo: primeiro aos sadios, etc.)

Mas a escolta suportaria tudo isto, acarretaria a água e daria de beber, se estes porcos, depois de se terem

fartado de água, não pedissem para ir à latrina. Mas é assim: se não se lhes dá água um dia, não pedem para ir à latrina; se se lhes dá de beber nem que seja só uma vez, tem-se de levá-los lá; e se, por compaixão, se lhes dá duas vezes de beber, há que levá-los duas vezes. De todas as maneiras, o melhor é não lhes dar de beber!

Não é porque isso lhes custe, ou porque queiram poupar a latrina -mas apenas porque se trata de uma operação de responsabilidade, e até de combate: é preciso ocupar, em tal missão, um cabo e dois soldados. Colocam-se duas sentinelas, uma perto da porta da latrina e outra no corredor, no lado oposto (para que não se escapem por ali, o cabo tem de abrir e fechar a porta corrediça do compartimento, primeiro deixando passar o que volta e depois permitindo a saída do seguinte. O regulamento manda que não se deixem sair um por um, para que não se precipitem e comece um motim. E sucede que esse homem que foi à latrina retém trinta presos no seu compartimento e cento e vinte em todo o vagão, além do grupo da escolta! Assim, o cabo e os soldados espicaçam-no no caminho: «Rápido! Rápido! Depressa! Depressa!», e ele

apressa-se e tropeça, como se na latrina roubasse um ponto ao Estado. (Em 1949, no «vagão de Stolipine» de

Moscovo-Kuibichiev, o alemão Shultz, coxo de uma perna, que já compreendia as frases russas de incitamento, saltava sobre um pé ao ir à latrina ao voltar, o guarda da escolta ria-se e exigia que ele saltasse mais rapidamente. Uma das vezes, um dos guardas empurrou-o em frente da latrina e Shultz caiu. Zangado, o da escolta começou a agredi-lo e, não conseguindo levantar-se debaixo da pancada, Shultz arrastou-se para a suja latrina. Os guardas riam-se.)4

Para que, durante os curtos instantes passados na latrina, o preso não possa evadir-se, e também para que ele volte depressa, a porta da latrina não é fechada, e, observando todo o processo desde a plataforma, o da escolta estimula: «Rápido, rápido!... Já chega!» Às .vezes desde o começo logo a ordem salta: «Só águas menores!» E então da plataforma não te deixam fazer nada mais. As mãos, naturalmente, não se lavam: a água do depósito não chega para isso,

nem há tempo. Se o preso mexe na torneira, a escolta vocifera da plataforma: «O quê, não toques nisso, avança!» (Se algum tem sabão e toalha no saco, não o tira por vergonha. É demasiado, é a última moda.) A retrete é porquíssima. Mais rápido! E levando a sujidade líquida agarrada às botas, o preso entra no compartimento, sobe por cima das mãos e dos pés de um qualquer, e depois essas botas sujas pendem do terceiro beliche, a gotejar sobre o segundo.

Quando as mulheres vão fazer as suas necessidades, o regulamento da escolta e o senso comum exigem também que não se feche a porta, mas nem todos os guardas insistem nisso, e alguns permitem: «Bom», dizem, «feche». (Depois são ainda as mulheres que têm de limpar as retretes e de novo há que postar-se junto delas, para que não fujam.)

Levar os cento e vinte à retrete, mesmo a um ritmo tão rápido, leva mais de duas horas - isto é, mais do que um quarto de turno de três soldados da escolta! E, de qualquer maneira, os presos não ficarão satisfeitos! De qualquer maneira, haverá sempre algum velho com areia nos rins que, ao cabo de meia hora, se lamenta de novo e pede para ir à retrete. Naturalmente, não o deixam ir, e ele faz tudo em cima

de si mesmo. Mais trabalho para o cabo: obrigá-lo a que apanhe aquilo com as mãos e o deite fora.

Pois quê: tenham menos necessidades! O que significa menos água e menos comida. Assim não se queixarão de diarreia, nem empestarão o ar, porque, enfim, não se pode respirar no vagão!

Menos água! Mas há que distribuir o arenque regularmente. Não dar água e uma medida sensata, não dar arenque seria uma falta de serviço. ninguém, ninguém se impôs como objectivo torturar-nos! Os actos da escolta são completamente razoáveis! Mas, como os antigos cristãos, estão metidos em jaulas, e nas nossas línguas feridas deitam-nos sal. sem dúvida, o que se designa por «culto da personalidade de Staline...»

Os guardas não têm tão-pouco qualquer objectivo (excepto às vezes), ao misturar os presos do artigo 58 com a gatunagem e os presos comuns. Acontece simplesmente que há um excesso de presos, poucos vagões e compartimentos, e que o tempo é contado. Quando irão ocupar-se deles? Um dos quatro

compartimentos é reservado às mulheres e, nos três restantes, caso seja necessário seleccioná-los, então fazem-no segundo as estações de destino, de modo a ser mais cómoda a descarga.

Mas acaso crucificaram Cristo entre dois ladrões, porque Pilatos o quis humilhar? Acontece que era o dia de crucificar, que havia um só Gólgota e que o tempo de que se dispunha era pouco. POR ISSO FOI POSTO ENTRE OS MALFEITORES.

Tremo só de pensar o que eu teria tido de sofrer se me encontrasse na situação de um preso vulgar... A escolta e os oficiais das levas trataram--nos, aos meus companheiros e a mim, com obsequiosa cortesia... Como preso político fui levado ao presídio com relativo conforto: durante as etapas utilizei um compartimento à parte dos presos comuns, dispunha de uma carroça, e nela levava uma bagagem de mais de uma arroba.

... No último parágrafo, eu não utilizei aspas, para que o leitor possa compenetrar-se melhor. Na verdade, as aspas constituem sempre ou uma forma de ironia ou de distanciação. Mas sem as aspas o parágrafo soa com um tom um tanto estranho, não é?

Foi P. F. Yakubovitch, aí pelos anos 90 do século passado, que o escreveu. O livro foi reeditado agora para mostrar o que foi aquela tenebrosa época. Sabemos também que os políticos tinham nas barcaças uma habitação especial, ficando na coberta com uma zona à parte para passear. (Na Ressurreição, de Tolstoi, o duque Nekhliudov, que era um estranho, podia visitar os políticos para conversar.) E foi só porque na lista dos presos, em frente ao apelido Yakubovitch, tinha sido omitida a mágica palavra político (escreve ele), que em Ust-Kara ele foi «recebido pelo inspector do presídio... como um preso comum - de forma ordinária, arrogante, insolente». De resto, felizmente, o mal-entendido desfez-se.

Que época inverosímil essa em que misturar os políticos com os comuns parecia quase um delito! Estes últimos eram conduzidos à estação em formação vergonhosa, marchando na calçada. Os políticos podiam ir de carroça. (Olminski, 1899.) Não comiam como os outros do caldeirão comum, dava-se-lhes dinheiro para as refeições, que lhes eram levadas de uma casa de pasto. O bolchevique Olminski nem queria a comida do hospital, parecia-

lhe ordinária.5 O chefe do pavilhão de Butirki pediu desculpa, pelo facto de o guarda ter tratado Olminski por «tu», pois raramente havia lá políticos e o vigilante não sabia...

5 Era por tudo isto que a ralé (a massa dos comuns) chamava aos revolucionários profissionais os «nobres ranhosos» (P.F. Yakubovitch).

em Butirki raramente havia políticos!... Que sonho será este? Onde estavam então eles? Muito menos podia havê-los na Lubianka e Lefortovo, que ainda não existiam!...

Radichiev foi levado algemado durante a transferência e, por fazer um tempo muito frio, puseram-lhe em cima «uma abjecta peliça de carneiro», nue tiraram ao guarda. Entretanto, Catarina ordenou imediatamente que lhe tirassem as grilhetas e que lhe arranjassem tudo o que era necessário para a viagem. Mas a Anna Skripnikova, em Novembro de 1927, enviaram--na de Butirki, por etapas, até Solovki com um chapéu de palha e um vestido de Verão (pois tinha sido presa no Verão e desde então a sua casa estava selada,

ninguém lhe permitindo tirar de lá o seu vestuário de Inverno). Diferenciar os políticos dos comuns significa respeitá-los como opositores iguais, significa reconhecer que as pessoas podem ter pontos de vista próprios. Assim, o preso político tem a sensação da sua liberdade política! Mas desde o momento em que todos somos do contra e que os socialistas não conseguiram manter-se como políticos, só pode provocar presentemente risos aos presos e perplexidade aos guardas o facto de se protestar, porque nós, os políticos, somos misturados com os comuns. «Aqui, entre nós, todos são comuns», respondiam sinceramente os guardas.

Esta mistura, este primeiro encontro, verdadeiro golpe fulminante, ocorre na carrinha ou no stolipine.. Até aí, por mais que nos tenham vexado, torturado e atormentado nos interrogatórios, tudo provinha dos bonés--azuis, que não se confundiam com a humanidade, vendo nós neles apenas um serviço vergonhoso. Mas, em compensação, os companheiros de cela, embora fossem diferentes de nós pela sua experiência e pelo desenvolvimento cultural, embora com eles discutíssemos e embora entre eles houvesse bufos, pertenciam todos a essa humanidade habitual,

pecadora, quotidiana, no meio da qual tinha decorrido toda á nossa vida.

Ao ser-se empurrado para o compartimento de stolipine espera-se encontrar lá dentro companheiros de infortúnio. Todos os inimigos e opressores ficam do outro lado das grades, não é deste que a gente os espera. E de repente; ao levantar a cabeça para o espaço que dá passagem até ao beliche do meio, deparam-se-nos três ou quatro - não, não são rostos, não são ocmhos de macaco, os macacos ainda se assemelham em algo ao homem!, as sim máscaras repugnantes e cruéis, com expressão de avidez e mofa. a uma fixa-nos como a aranha suspensa sobre a mosca. A sua teia são as grades, e nós caímos nela! Eles torcem a boca como a preparar-se j a morder-nos de lado e, ao conversar, silvam, deleitando-se mais com isso do que com as vogais e as consoantes da língua. A sua linguagem pró-soviética pela desinência dos verbos e dos substantivos recorda a língua russa e uma algaraviada. Pois estes estranhos gorilóides estão, quase sempre, em camisola interior, ois no sopline o ar é sufocante. Os seus pescoços cheios de veias roxas,

os ombros salientes, os seus escuros peitos tatuados, nunca sofreram

com a extenuação carcerária. Quem são eles? Donde vêm? Subitamente, do pescoço de um deles pende uma cruz! Sim, uma cruzinha de alumínio, atada a um cordelinho. Admiramo-nos e sentimo-nos um pouco aliviados: entre eles há crentes, isso é comovedor! Assim, nada de temível pode acontecer. Mas, precisamente, esse «crente», acto contínuo, lança-se em blasfémias contra a cruz e a fé (blasfémias parcialmente ditas em russo) e mete--nos dois dedos como cornos directamente sobre os olhos, não ameaçando, mas começando imediatamente a apertar. Neste gesto, «tiro-te os olhos, animal», está toda a filosofia da sua fé! Se eles são capazes de esmagar os teus olhos como uma lesma, que é que eles respeitarão em nós, ou diante de nós? A cruzinha balanceia-se e nós olhamos com os olhos ainda não esmagados para esta mascarada selvagem, perdendo a noção da realidade: quem de entre nós enlouqueceu? Quem enlouquecerá ainda? 1

Num instante, todos os hábitos de convivência humana em que se tinha vivido estalam e quebram-se. Em toda a nossa vida passada - especialmente antes da detenção, mas até mesmo depois, e em parte durante o interrogatório -, falávamos aos outros homens com palavras e eles respondiam--nos também com palavras. Estas produziam um efeito, era possível convencer, rejeitar, pôr-se de acordo. Recordam-se diversos tipos de relações sociais - a petição, a ordem, o agradecimento -, mas tudo quanto aqui vem encontrar-se, situa-se fora dessas palavras e dessas relações. Como mensageiro do chefe, eis que desce alguém, mais frequentemente um magricelas novinho, cujo desembaraço e insolência se tornam três vezes mais repulsivas, e este diabrete desata o nosso saco e mete a mão nos nossos bolsos, não para fazer uma busca mas como se fossem os seus! Desde este minuto já nada nos pertence, nem nós próprios, passando a ser uns manequins providos de objectos supérfluos e que nos podem tirar. Nem a este pequeno e raivoso rufia, nem aos carões de cima se lhes pode explicar nada com palavras, nem negar, nem proibir, nem pedir! Eles não são gente, isso torna-se claro para nós num ápice. Pode-se, somente, arriar-se-lhes para cima! Sem esperar, sem perder

tempo sequer a mexer a língua. Arriar-lhes para cima, a esse criançola, ou àquelas feras grandes de cima.

Mas, de baixo para cima, como chegar a esses três? E ao criançola, embora seja um fuinha repugnante, parece também que não se pode bater. Empurrá-lo mansamente? Impossível, porque ele próprio te morde o nariz. Ou então os de cima partem-te, num abrir e fechar de olhos, a cabeça (e eles têm navalhas, só que não vão sacar delas, e sujar-se contigo).

Olhas para os vizinhos, para os camaradas - há que oferecer resistência, ou que fazer um protesto! —, mas todos os teus camaradas, todo o teu cinquenta e oito, foram já saqueados um por um, antes da tua chegada, e estão sentados submissamente, encolhidos a olhar. Ainda se compreenderia se olhassem de lado ou fixamente, mas fazem-no com um ar tão habitual que se diria não se tratar de uma violência, de uma pilhagem, mas sim de um fenómeno natural, como o crescer da erva ou o cair da chuva.

E isto sucede porque se deixou passar o momento, senhores camaradas e irmãos! Para reagir, havia que

tê-lo feito quando Strujinski se imolou na cela de Viatka, e ainda antes disso, quando vos classificaram «do contra».

Ora, tu deixaste que te tirassem o sobretudo, que o teu casaco tosse apalpado e arrancada com um pedaço de tecido a nota de vinte rublos que latinhas cozido, que o teu saco fosse despejado e revistado, que tudo o que a tua sentimental esposa juntou para ti depois da sentença, para a tua longa viagem, ficasse perdido, sendo-te devolvido apenas o saco com a escova de

dentes...

É verdade que nem todos se submeteram assim, nos anos 30 e 40, mas apenas noventa e nove por cento!6 Como pôde suceder isto? Homens! Oficiais! Soldados! Combatentes da frente!

Para se bater audazmente, um homem necessita de estar preparado para este combate, de aguardá-lo, de compreender o seu objectivo. Aqui, faltavam todas as condições: não tendo qualquer conhecimento prévio do meio da gatunagem, ninguém esperava este combate e, o que é mais importante, não compreendia em absoluto a sua necessidade, imaginando

erradamente que os seus inimigos eram apenas os bonés-azuis. É necessária toda uma educação para compreender que os peitos tatuados são os traseiros dos bonés-azuis, para ter a revelação do que os galões não te dizem em voz alta: «Morre tu hoje, que eu morrerei amanhã!» O preso novato quer considerar-se a si mesmo como político, ou seja: ele é a favor do povo e o Estado é contra eles. Mas eis que, inesperadamente, é atacado por seres imundos, de uma agilidade diabólica, e todas as categorias se misturam, a clareza é convertida em estilhaços. (E não será de um momento para o outro que o preso compreenderá que esses seres malignos agem de acordo com os carcereiros.)

Para lutar audazmente, um homem necessita de se sentir defendido à sua retaguarda, de ter apoio dos lados e terra debaixo dos pés. Todas estas condições faltam no caso do cinquenta e oito. Tendo sido triturado pela maquina de picar carne dos interrogatórios políticos, o homem tem o corpo destruído: passou fome, não dormiu, gelou nas masmorras, ficou caído no chão depois de espancado. Mas se fosse só o corpo! Ele tem a alma alquebrada. Fizeram-no compreender e demonstraram-lhe que os

seus pontos de vista, o seu comportamento e as suas relações com os homens; tudo isto é errado, porque conduziu ao seu esmagamento. Essa bolinha que foi lançada pela secção de máquinas do tribunal para as levas ficou reduzida à ânsia de viver sem qualquer compreensão. Destruir completamente e isolar

Contaram-me alguns casos em que três homens solidários (jovens e fortes) resistiram aos ladrôes mas não para defenderem os direitos em geral dos que à sua volta eram roubados, e defenderem a si mesmos: neutralidade armada.

completamente - tal é o objectivo dos interrogatórios para os do artigo 58. Os condenados devem compreender que a sua maior culpa, quando estavam em liberdade, residiu na tentativa de comunicarem ou de se unirem de qualquer forma uns com os outros, fora do controle do organizador do Partido, dos sindicatos e da administração. Na prisão isso leva até ao horror de qualquer tipo de acção colectiva: fazer uma e a mesma queixa a duas vozes ou colocar no

mesmo papel duas assinaturas. Desacostumados há já muito tempo do que seja solidariedade, os pseudopolíticos não estão preparados sequer para se defenderem contra a gatunagem. Assim a ninguém lhe vem à cabeça arranjar, para o vagão ou para o campo de trânsito, uma navalha ou um castão de bengala. Em primeiro lugar: para quê? Contra quem? Em segundo lugar: se tu o utilizas, apenas farás agravar o sinistro artigo 58, podem voltar a julgar-te e condenar-te ao fuzilamento. Em terceiro lugar: mesmo antes, no momento da busca, poderão condenar-te, a ti, por uma navalha, diferentemente do que fazem a um gatuno: nas mãos deste, uma navalha é uma travessura, faz parte da tradição, é um sinal de inconsciência, mas, nas tuas mãos, trata-se de terrorismo.

Enfim, a maior parte dos presos pelo artigo 58 são pessoas pacíficas (e frequentemente velhos e doentes), que toda a vida se serviram das palavras, e não dos punhos, não estando preparadas para enfrentar hoje o que não enfrentaram antes.

Os gatunos, quanto a eles, não passaram por tais torturas. Foram interrogados quando muito duas vezes, tiveram um julgamento suave, uma sentença

leve, e até mesmo essa sentença leve não a cumprirão, serão libertados antes: ou os amnistiam ou fogem7. Ninguém privou os gatunos das encomendas legais e, durante a instrução, recebem abundantes pacotes dos camaradas de roubo que ficaram em liberdade. Não emagreceram, não os debilitaram nem um só dia, e pelo caminho alimentam-se à custa dos fraiers8. Os artigos que punem o roubo e o banditismo não só não deprimem o gatuno, mas enchem-no de orgulho - e neste orgulho ele é apoiado por todos os chefes com galões e com debruns azuis: «Não tem importância, ainda bem que és um bandido e um criminoso, que não és um traidor da pátria. És dos nossos, hás-de corrigir-te.» Nos artigos sobre o roubo não existe o ponto onze, referente à organização. Esta organização não será proibida aos gatunos. E porque o havia de ser? Não contribui ela para educar o sentido do colectivismo, tão necessário ao homem da nossa sociedade? E a apreensão de armas que lhes fazem é um jogo, não sendo penaliza-

7 V. I. Ivanov.(que acaba de sair de Ukhta) foi nove vezes condenado pelo artigo 162 (roubo) e cinco vezes

pelo 82 (fuga), apanhando ao todo trinta e sete anos de reclusão - mas «cumpriu-os» em cinco-seis anos.

8 Fraier: aquele que não é ladrão, ou seja, que não é um «Homem» (com letra maiúscula). Ou, mais simplesmente: o resto da humanidade que não rouba.

dos por isso. Respeita-se a sua lei («com eles não pode ser de outra maneira»). Um novo assassínio na cela, longe de agravar a pena do criminoso, só o cobre de louros.

Tudo isto data de há muito. Nos trabalhos do século passado sobre o lutnpenproletariat condenava-se apenas os seus excessos, o seu estado de ânimo instável. Quanto a Staliné, mostrou sempre inclinação para os gatunos - quem é que roubava os bancos em seu nome?9 Já em 1901, na prisão, ele foi acusado pelos seus companheiros de Partido de utilizar delinquentes comuns contra opositores políticos. A partir dos anos 20, surgiu o termo complacente de: socialmente próximos. De um tal ponto de vista se faz arauto igualmente Makarenko: ESSES podem ser corrigidos. (Segundo Makarenko10, a origem dos delitos é unicamente a «contra-revolução

clandestina». Incorrigíveis são os outros: os engenheiros, os sacerdotes, os socialistas revolucionários, os mencheviques.)

Porque não roubar, se não há ninguém que reprima? Três ou quatro gatunos insolentes e unidos podem dominar várias dezenas de assustados e abatidos pseudopolíticos.

Com a aprovação dos chefes, na base da teoria da vanguarda.

Mas se não resistem com os punhos, porque é que as vítimas não se queixam? Os ruídos ouvem-se do corredor e o soldado da escolta passeia lentamente atrás das grades.

Sim, eis a questão. O mínimo som e o mínimo queixume são audíveis e o soldado da escolta passeia-se no corredor durante todo esse tempo — porque não intervém então? A um metro de distância, na penumbra de uma caverna, saqueiam um homem - porque é que o soldado da segurança do Estado não vem em sua ajuda?

Pelas mesmas razões. Também a ele lhe inculcaram tal procedimento.

Mais ainda: depois de muitos anos de favores, a própria escolta incli-na-se para os ladrões. O homem da escolta CONVERTEU-SE ELE MESMO NUM LADRÃO.

A partir de meados dos anos 30 e até meados dos anos 40, nessa década de actividade desenfreada da gatunagem e da mais covarde opressão dos políticos, ninguém se recorda de um caso em que a escolta pusesse termo ao saque dos políticos nas celas, nos vagões ou nas «carrinhas». Mas relatam-■se inúmeros casos de como a escolta recebia objectos roubados dos lapões, levando-lhes, em troca disso, vodca, comida (melhor do que a do racionamento) e tabaco. Estes exemplos tornaram-se já antológicos.

Referência às «expropriações» em que Staline se tinha notabilizado na luta clandestina antes da Revolução. (N. dos T.) Bandeiras sobre as Torres.

na, -

10

É que o sargento da escolta quase nada tem de seu: as armas, a manta enrolada, a marmita e a ração de soldado. Seria cruel exigir-lhe que escoltasse inimigos do povo vestidos com um sobretudo de peles caro, com botas de box-calf, ou com trouxas de objectos citadinos, e que se conformasse com essa desigualdade. Privá-los dessa riqueza acaso não é também uma forma de luta de classes? E que outras normas há ainda?

Nos anos de 1945-46, quando afluíam presos de toda a Europa, vestidos com roupa europeia nunca vista, ou trazendo-a nos seus sacos, os oficiais da escolta tão-pouco se continham. O mesmo tipo de serviço que evitara que fossem para a frente de luta, impedia-os agora de recolher troféus de guerra. Acaso era isso justo?

Assim, não era casualmente, nem por falta de tempo, nem por carência de espaço, mas sim para seu próprio proveito, que a escolta misturava, em cada stolipine, os políticos com os gatunos. E estes entravam no jogo: os objectos eram tirados aos castores11 e passavam para as malas da escolta.

Mas que fazer, se esses castores já foram carregados nos vagões e o comboio deve partir, sem que os ladrões apareçam? Hoje eles fazem falta e não há ladrões a embarcar em nenhuma estação. Passaram-se vários casos desses.

Em 1947 levavam de Moscovo para a cadeia central de Vladimir um grupo de estrangeiros que possuíam objectos de valor. Isto tinha sido detectado através da primeira revista de malas. Então, a escolta, sistematicamente, começou ela mesma a recolher objectos. Para não deixar passar nada, despia-se completamente o preso, fazia-se sentar no solo do vagão, perto da latrina, e, ao mesmo tempo, passava-se revista e confiscavam-se os objectos. Mas a escolta não teve em conta que eles não eram conduzidos a um campo e sim a uma prisão séria. Quando lá chegaram, I. A. Korneiev fez uma queixa por escrito explicando tudo. A escolta foi encontrada e revistada. Parte dos objectos ainda foram recuperados e devolvidos aos seus donos, e o que não foi devolvido foi reembolsado. Diz-se que os elementos da escolta foram condenados de dez a quinze anos. O caso não se pode comprovar, mas por roubo não deviam estar presos muito tempo.

Entretanto, trata-se de um caso excepcional, e se o chefe da escolta moderasse a tempo a sua cobiça, teria compreendido que era melhor não enredar-se nele. Mas eis um caso simples, que tudo leva a crer não ter sido o único. No stolipine de Moscovo-Novossibirsk, em Agosto de 1945 (numa leva de que fez parte A. Suzi), não havia, também, ladrões. O caminho era longo, os stolipine, naquela época, arrastavam-se lentamente. Sem pressas, no momento oportuno, o chefe da escolta anunciou uma busca. Os presos deviam apresentar-se um por um no corredor com os objectos. Os que foram chamados eram despidos, segundo as regras prisionais, mas não

11 Castores: eram os zeks ricos.

era esse objectivo oculto na busca, pois os revistados regressavam aos compartimentos superlotados, e qualquer canivete ou coisa proibida podia fazer-se passar de mão em mão. O objectivo da busca era examinar todos os objectos pessoais, bem como os que havia nos sacos. Junto dos sacos, sem se aborrecer durante a prolongada busca, estava, com

um aspecto altivo e inabordável, o chefe da escolta, acompanhado por um oficial, e o seu ajudante, um sargento. A pecaminosa cobiça podia exteriorizar-se, mas o oficial encobria-a com uma fingida indiferença. Era a situação do velho libidinoso que deita olho sobre as mocinhas, mas se envergonha dos estranhos, não sabendo como dirigir-se-lhes. Que falta lhe faziam uns quantos ladrões! Mas na leva não iam ladrões.

Não havia ladrões, havia porém homens que tinham estado em contacto com o respectivo ambiente carcerário e se deixaram contagiar, pois o exemplo dos ladrões é instrutivo e provoca a imitação: ele indica um caminho fácil para viver na prisão. Num dos compartimentos seguiam dois oficiais recentemente degredados: Sanin (da marinha) e Merejkov. Ambos seguiam em conformidade com o artigo 58, mas estavam já a organizar a vida. Sanin, apoiado por Merejkov, armou-se em responsável do compartimento, e através de um soldado pediu para ser recebido pelo chefe da escolta do comboio (ele tinha compreendido essa atitude altiva e adivinhado a sua necessidade de um intermediário). Era um caso sem precedentes, mas Sanin foi chamado e a

conversação efectuou-se algures. Seguindo o exemplo de Sanin, alguém de outro compartimento pediu também para ser recebido. E também esse o foi.

Pela manhã não deram as quinhentas e cinquenta gramas de pão habituais do racionamento nas transferências, mas sim duzentos e cinquenta.

Distribuiu-se o racionamento e começou um murmúrio secreto de descontentamento. Murmúrio, nada mais: temendo «as acções colectivas» os políticos não actuaram. Houve só um que perguntou em voz alta ao distribuidor:

- Cidadão-chefe! Quanto pesa esta ração?

- O que compete - foi-lhe respondido.

- Exijo o que lhe falta, de contrário não aceito! - anunciou em voz alta o temerário.

Todo o vagão ficou calado. Muitos não tinham começado a comer a "raÇão, esperando que lhes pesassem também a deles. Nisto chegou, aureolado de inocência, o oficial. Todos se calaram, e quanto mais silenciosos mais ressaltavam, inevitavelmente, as suas palavras:

- Quem se pronunciou contra o poder soviético?

os corações deixaram de palpitar. (Dir-se-á que se trata de um método

Seral, e que fora da prisão também qualquer chefe se identifica com o poder soviético. Atreva-se quem quiser a discutir com ele. Mas para os que es- aterrorizados, para os que acabam de ser condenados por actividades

anti-soviéticas, isso e muito terrível.)

- Quem iniciou o MOTIM pela ração? - insistia o oficial.

- Cidadão tenente, eu só queria... - justificava-se já o recalcitrante, culpado de tudo.

- Ah!, és tu, canalha? És tu que não gostas do poder soviético? (Para quê protestar? Para quê discutir? Acaso não é mais fácil comer

esta pequena ração e aguentar, calar-se?... Mas agora tudo se complicou...)

- ... Animal fedorento! Contra-revolucionário! Devia pendurar-te, e tu ainda queres que te pese a ração?! A ti, patife, o poder soviético dá-te de comer e de

beber, e ainda não estás satisfeito? Sabes o que vais apanhar por isso?...

Ordem à escolta: «Levem-no!» Soa o cadeado. «Sai, mãos atrás das costas!» E levam o desgraçado.

- Quem está ainda descontente? Quem quer que lhe pesem ainda a ração?

(Como se fosse possível provar fosse o que fosse! Como se fosse possível apresentar queixa em algum sítio de que havia duzentos e cinquenta gramas e te acreditassem, pondo em causa a afirmação do tenente de que havia exactamente quinhentos e cinquenta.)

Ao cão espancado basta mostrar-lhe o chicote. Todos os demais se mostraram satisfeitos, e desta forma foi sancionado o racionamento de castigo TODOS OS DIAS, durante o longo percurso. Passaram também a não dar açúcar: a escolta ficava com ele.

(Passava-se isto no Verão das duas grandes vitórias, sobre a Alemanha e sobre o Japão, vitórias que a história da nossa pátria celebrará, e que os nossos netos e bisnetos estudarão.)

Passaram fome um dia, passaram fome dois dias, e depois alguns tornaram-se mais razoáveis. Sanin disse no seu compartimento: «Vejam, rapazes, assim estamos perdidos. Se alguém tem objectos de valor, eu farei a troca e trarei algo para comer.» Com enorme segurança ele escolheu umas coisas e rejeitou outras (nem todos estavam de acordo em entregar as coisas, mas ninguém tão-pouco os obrigava!). Depois, pediu para sair juntamente com Merejkov. Estranhamente, a escolta deixou-os sair. Foram com os objectos para o lado do compartimento da escolta e regressaram com pães já partidos e com tabaco. Eram os mesmos pães, de sete quilos, que no dia anterior não tinham distribuído no compartimento. Somente que agora não eram destinados a todos por igual, mas unicamente àqueles que haviam dado objectos.

E isto era mais que justo: pois todos haviam declarado que estavam satisfeitos com a ração diminuída. E justamente porque todas as coisas têm valor, há que pagar por elas. Olhando à distância, a justiça confirmava-se: esses objectos eram demasiado valiosos para o campo e estavam condenados, de qualquer maneira, a serem recolhidos ou roubados.

Quanto ao tabaco, era o da escolta. Os soldados repartiam o seu pró-

orio tabaco com os presos, mas isto também era justo, porque eles comiam igualmente o pão dos presos e o seu açúcar, que era demasiado bom para oS inimigos. E, finalmente, era perfeitamente justo que Sanin e Merejkov, nue não tinham dado quaisquer objectos, recebessem mais do que os donos dos mesmos, porque sem eles nada disto se teria podido organizar.

E assim permaneceram apertados na penumbra, uns mastigando a côdea do pão que correspondia ao seu vizinho, e os outros olhando para eles. A escolta não deixava fumar os presos individualmente, mas apenas cada duas horas e colectivamente, e todo o vagão se enchia de fumo, como se estivesse a arder. Aqueles que de início sentiram pena de perder os objectos, agora arrependiam-se de os terem recusado a Sanin, e pediram-lhe que levasse também os deles, mas Sanin respondeu: «Depois.»

Esta operação não decorreria tão bem até ao fim, se não tivesse sido a lentidão dos transportes e dos comboios stolipinianos nos anos do pós--guerra, em que os desengatavam e os retinham nas estações. De resto, é verdade que se não fosse no pós-guerra tão-pouco se haveriam encontrado objectos e se teria corrido atrás deles. A viagem até Kuibichiev durou uma semana e durante ela deram duzentos e cinquenta gramas de pão diariamente (aliás uma ração dupla da do bloqueio), peixe seco e água. O pão restante devia ser resgatado através dos objectos. Bem depressa a oferta superou a procura e a escolta já recebia coisas com pouca vontade, escolhendo.

Em Kuibichiev, levaram-nos ao campo de trânsito, tomaram banho e cada grupo foi de novo conduzido ao mesmo vagão. Foram recebidos por uma nova escolta, mas, pelos vistos, tinham-lhe explicado como arrebanhar os objectos, e recomeçou essa mesma história de cada um comprar o seu próprio racionamento até Novossibirsk. (É fácil imaginar que esta experiência contagiosa fosse assimilada, difundindo-se entre as várias escoltas.)

Em Novossibirsk, quando desembarcaram, chegou um novo oficial e perguntou: «Há queixas sobre a

escolta?» Todos ficaram confusos e ninguém respondeu.

O primeiro chefe da escolta tinha calculado bem. É isso, a Rússia!...

Os passageiros dos stolipine distinguem-se ainda dos restantes passageiros pelo facto de não saberem o destino do comboio nem em que estação devem desembarcar: eles não-têm bilhete e nos vagões não está fixado o itenerário. As vezes, em Moscovo, embarcam tão longe da gare que nem sequer os moscovitas sabem em qual das oito estações se encontram. Durante gumas horas, os presos permanecem amontoados entre o mau cheiro, perando a locomotiva de manobras. Ei-la que chega e conduz o vagão de usos até uma composição já formada. Se é Verão os altifalantes da esta-

ção anunciam: «Moscovo-Ufa: partida na terceira linha... Na primeira plataforma continua o embarque para o comboio Moscovo-Tachquent...» Isso significa que se trata da estação de Kazan, e os conhecedores de geografia do Arquipélago e dos seus caminhos

explicam aos seus camaradas: Vorkut e Petchora ficam postos de lado, senão teríamos partido pela linha de Yaroslavl; não vamos para os campos de Kirov e de Gorki.12 Para a Bie-lorrússia, Ucrânia ou o Cáucaso nunca se parte de Moscovo: já não têm lá lugar para os deles. Mas escutemos. Partiu o comboio de Ufa e o nossa não se mexeu. Saiu o de Tachquent e continuamos parados. «Para a partida do comboio Moscovo-Novossibirsk faltam... Pede-se às pessoas que acompanhem os passageiros... Os bilhetes dos viajantes...» ... Partimos. É o nosso! Que quer isto dizer? Por enquanto, nada. Pode ser o curso médio do Volga ou o Sul da região do Ural. Pode ser o Casaquestão, com as suas minas de cobre de Djezazgan. Pode ser também o Taichet, com a fábrica de impregnação de travessas (diz-se que o creosote penetra na pele, nos ossos e que os seus vapores saturam os pulmões, e isso é morte certa). Toda a Sibéria nos pode caber em sorte, até Sovietskaia Gavan. Ou Kolima. Ou ainda Norilsk. Se é no Inverno, o vagão está hermeticamente fechado e não se ouvem os altifalantes. Se a escolta é fiel ao regulamento, não se ouvirão conversas dela sobre o itinerário, nem por lapso. Assim, pomo-nos em marcha. Dormimos com os corpos entrelaçados, sob o trepidar das rodas, não

sabendo que bosques ou estepes se verão amanhã através da janela. Da janela que há no corredor. Do beliche do meio, olhando, por entre as grades, o corredor, os vidros e ainda outras grades, podem ainda distinguir-se vagamente as estações do caminho e um pedacinho do espaço que corre junto ao comboio em marcha. Se as vidraças das janelas não estão recobertas pelo gelo, às vezes pode ler-se o nome da estação - uma qualquer Avciunino ou Un-dol. Onde ficam essas estações?... Ninguém no compartimento sabe. Às vezes, pelo Sol, pode descobrir-se se nos levam para o Norte ou para o Oriente. Pode acontecer que numa certa estação Tufanovo nos metam no compartimento um preso comum acabado de agarrar, que nos diz estar a ser conduzido a Danilov, ao tribunal, temendo que lhe dêem dois anitos. Assim se fica informado de que durante a noite se vai passar por Yaroslavl, ou seja, que o primeiro lugar de trânsito no caminho é Vologda. Há sempre obrigatoriamente, no compartimento, entendidos que se deleitam macabramente com o célebre estribilho: «A escolta de Vologda não gosta de brincadeiras.»

12 Assim o joio mistura-se com o trigo na colheita da glória. Mas será, por acaso, joio? Se não há campos de concentração Puschkine, Gogol, Tolstoi, há, em compensação, campos Gorki, e que ninhada! Por outro lado há as minas de ouro «Máximo Gorki», com trabalhadores presidiários (a quarenta quilómetros de Elguen)! Sim, Aleksei Maximitch recorda-se: «Vosso camarada em palavra e coração...»; «Se o inimigo não se entrega...» Basta uma palavra infeliz e eis-te projectado fora da literatura...

Mas, conhecendo a direcção, é ainda como se não se soubesse nada: campos e campos de trânsito estão ainda por diante, formando nós no vosso fiozinho, e qualquer deles pode fazer-vos bifurcar. Não vos atraem de modo algum, nem Ukhta, nem Intanem, nem Vorkut, mas imaginais que a construção quintésima primeira é mais suave, quando se trata da linha férrea através da tundra, pelo Norte da Sibéria? Só ela vale por todas as outras.

, Cinco anos depois da guerra, quando as torrentes de presos tinham entrado de qualquer maneira nos seus leitos (ou foi talvez a Segurança do Estado que

ampliou os seus efectivos?), no Ministério puseram em ordem milhões de pilhas de processos (judiciais) e cada condenado passou a ser acompanhado por um sobrescrito selado, contendo o seu processo penitenciário, numa ranhura do qual estava escrito para a escolta o itinerário (não é útil que eles conheçam mais que o itinerário, pois o conteúdo do processo pode incitar à corrupção). Então, se estiver deitado no beliche do meio, se o sargento se detiver precisamente perto de si, e se souber ler de pernas para o ar, pode ser que consiga descobrir que levam alguém para Kniaj-Pogost e que o levam a si para Kargopolh-Lag.

Bem, isso não faz senão aumentar as inquietações! Que é isso de Kargopolh-Lag? Quem ouviu falar desse campo?... Quais são os trabalhos gerais13} (Há trabalhos gerais mortais, e há-os mais leves.) Será um daqueles campos de que só se sai para morrer?

E como foi, como foi que, com a pressa de partir, não pôde entrar em contacto com a família e ela ainda considera que se encontra no campo de Stolinogorkk, perto de Tuia? Se for muito nervoso e tiver engenho, talvez consiga resolver esse problema: encontrará alguém com uma ponta de lápis - um centímetro

basta - e outra pessoa com um papel amarrotado. Tomando cuidado para não ser notado pela escolta (é proibido deitar-se com os pés para o corredor, devendo virar-se a cabeça para a porta), contorcendo-se e dando voltas, entre os balanços do comboio, é possível escrever aos familiares, informando-os de que, inesperadamente, o transferiram do antigo lugar, e de que agora, do novo destino, seria possível que só pudesse ter uma carta por ano, devendo preparar-se para isso. A carta, dobrada em forma de triângulo, é preciso levá-la para a retrete e lançá-la à ventura: Pode ser que o levem lá justamente ao aproximar-se de uma estação ou ao arastarem-se dela. Se a escolta se distrai na plataforma, então calque rapidamente o pedal para que se abra o orifício e, encobrindo-a com o corpo, lance a missiva. Molhar-se-á, sujar-se-á, mas talvez deslize e caia entre os carris. Ou talvez o ar debaixo das rodas a faça dar voltas, a envolva no torvelinho e passe sob as rodas, por entre elas, descendo pela pendente da via férrea.. Pode ser que esteja assim à chuva e à neve, até que desapareça. Mas

iamam-se «trabalhos gerais» os trabalhos compulsivos de um campo. (N. dos T.)

pode também ser que a mão de uma pessoa a levante. Se essa pessoa não for fiel à ideologia, arranjará a direcção, reescreverá as letras, ou meterá o papel noutro sobrescrito, e quem sabe se chegará ao destino? Sim, por vezes essas cartas chegam, pagas pelo destinatário, sujas, deslavadas, amarrotadas, com uma legível bátega de amargura...

* *

Mas melhor seria que deixassem de ser o mais depressa possível um fraier, um ridículo novato, preso e vítima. Há noventa e cinco por cento de possibilidades de a sua carta não chegar ao destino. Mas, chegando, não levará alegria a casa. É um alento demasiado curto, de horas e dias, quando acaba de dar entrada no país da epopela. A chegada e o regresso estão aqui separados por décadas por um quarto de século. JAMAIS VOLTARÁ ao mundo anterior! Quanto mais depressa se desacostumar da sua família, e a sua família de você, tanto melhor. E tanto mais fácil.

Há que possuir o mínimo de objectos para não sofrer por causa deles! É melhor não ter mala, para que a escolta não a destroce à entrada do vagão (quando no compartimento há vinte e cinco pessoas, que outra solução para resolver o problema do espaço?). E não traga botas novas, sapatos à moda, nem fato de lã: no stolipine, na carrinha ou no campo de trânsito, de todas as maneiras, roubam-lhos, tiram-lhos, confiscam-nos ou trocam-nos. Entregue tudo sem combate — a humilhação empeçonhar-lhe-á a alma. Se o esbulham e luta pelo que é seu, ficará com a boca a sangrar. Repugnam-lhe esses rostos insolentes, esses modos zombeteiros, essa escória bípede, mas se tiver algo de próprio, e temer por isso, não perderá assim a rara possibilidade de observar e de compreender? Você pensa que os flibusteiros, os piratas, os grandes capitães pintados por Kipling e Gumiliov não eram gatunos do mesmo género? Pois eram exactamente deste quilate.... Porque é que os atraentes quadros românticos se nos tornam repulsivos aqui?

Compreenda-os também a eles. A prisão é a sua casa paterna. Por muito que o Poder os acarinhe, lhes suavize a pena, os amnistie, a fatalidade intrínseca

condu-los de novo e inevitavelmente aqui.... Não são acaso eles que dão o tom à legislação do Arquipélago? (Houve tempo, entre nós, em que mesmo em liberdade o direito à propriedade era posto em causa; mais tarde, os mesmos que o proscreviam ganharam o gosto de possuir.) Porque é que se deve suportar então isso na prisão? Embasbacaste-te, não comeste a tempo o teu toucinho, não repartiste com os amigos o açúcar e o tabaco, e agora os gatunos remexerão o teu saco, para corrigir o teu erro moral. Dando-te, a ti, em troca das tuas elegantes botas, uns velhíssimos sapatos, e uma peça de roupa toda manchada, em troca da tua camisola de lã. Eles não guardam essas coisas para si por longo tempo: as tuas botas serão um pretexto para ganhá-las e perdê-las uma série de vezes, às cartas, e a tua

camisola de lã vão trocá-la no dia seguinte por um litro de vodca e um pedaço de linguiça. Ao cabo de um dia, eles já não terão nada como tu. o segundo princípio da termodinâmica: os níveis devem igualar-se, igualar-se...

Não possuam! Não possuam nada! - foi o que nos ensinaram Buda e Cristo, os estóicos e os cínicos. Porque é que nós, avarentos, não escutamos esta simples prédica? Porque é que não compreendemos que, com os bens, perdemos a nossa alma?

Deixa, eventualmente, que o arenque aqueça no teu bolso até ao campo de trânsito, para não teres de pedir água. Mas se te derem açúcar e pão de só uma vez, para dois dias, come tudo de uma assentada. Então ninguém to roubará. E já não tens preocupações. Já estás livre como um pássaro do

céu!

Possui só o que possas levar sempre contigo: conhecimento de línguas, países e gentes. Que a tua memória seja a tua mochila. Recorda! Recorda! Só estas sementes amargas podem, talvez um dia, começar a crescer.

Olha, há pessoas a tua volta. Talvez que venhas a recordar uma delas durante a tua vida, e mordas os cotovelos por não a ter ouvido. Fala menos, escuta mais. De uma a outra ilha do Arquipélago estendem-se os delicados fios de vidas humanas. Eles entrelaçam-se, afloram-se e cruzam-se por uma noite,

na penumbra de um destes trepidantes vagões, e depois de novo se separam eternamente - mas inclina o ouvido para o seu murmúrio baixinho e também para o monocórdico trepidar do vagão. Tudo isto é ruído do fuso da vida que gira.

Que estranhas histórias não ouvirás aqui, de que tanto hás-de rir!

Reparemos neste inquieto francês perto das grades. Porque é que ele se move todo o tempo? De que é que se surpreende? O que é que até agora não compreendeu? Tem de explicar-se-lhe! E, ao mesmo tempo, que perguntar-se-lhe: como veio parar aqui? Encòntrou-se uma pessoa que fala francês, e passámos a saber que Max Santer é soldado. Inquieto e curioso, gozava a liberdade na sua douce France. Diziam-lhe com bons modos que nao desse voltas, mas ele andava sempre a vaguear pelos arredores do centro de trânsito para os russos repatriados. Então, os russos convidaram-no Para beber e, a partir de certo momento, já não se recorda de mais nada. Recobrou os sentidos no avião, ao pôr os pés no soalho. Viu-se com um blusão e umas calças de soldado vermelho, calcado pelas botas da escolta. Agora, tinham-lhe anunciado dez anos de campo de

concentração, mas, naturalmente, tratava-se de uma brincadeira de mau gosto, tudo se esclarecera... Oh, sim, esclarecer-se-á, meu caro, espera por isso!14 (Bom, casos estes, nos anos de 1945-46, não surpreendem.)

. esperava-o ainda outra condenação a vinte "e cinco anos no campo, em Ozer-Lae. * se libertado em 1957.

A personagem desta história era franco-russo, mas o desta outra é russo-francês. Ou antes, talvez puramente russo, porque quem haverá, a não ,.' ser um russo, que cometa tantos erros no caminho da vida? Na Rússia, em todos os tempos, apareceram pessoas que, como o Menchickov do quadro de Surikov, não cabiam na isba de Beriozovo15. Eis Ivan Kovertchenko. É fraco e de estatura mediana, mas de qualquer maneira não cabe no quadro. Porque o valentão tinha sangue na guelra. Mas o diabo juntou-lhe um pouco de aguardente. Ele relata, entre risos e com gosto, o seu caso. Relatos destes são um tesouro, têm de ser ouvidos. É verdade que leva bastante tempo a adivinhar porque é que o prenderam, porque

é que é um preso político. Mas não é necessário fazer de «político» um emblema de festival. Pouco importa o rastilho com que o apanharam.

Como todos sabem, eram os alemães que se preparavam furtivamente para a guerra química, e não nós. Foi por isso que, ao retroceder no Kuban, foi muito agradável que, por culpa de certos desajeitados, tivéssemos deixado num aeródromo pilhas de bombas químicas, e que, baseando-se nisso, os alemães tivessem podido organizar um escândalo internacional. Então, deram ao primeiro-tenente Kovertchenko, natural de Krasnodar, vinte páraquedistas e lançaram-nos na retaguarda dos alemães para enterrarem todas essas bombas altamente prejudiciais. Os leitores já adivinharam, começam a bocejar: posteriormente, ele foi preso e agora é traidor à Pátria. Pois bem, nada disso! Kovertchenko cumpriu magnificamente a missão. Com os seus vinte homens, sem perdas, cruzou de regresso a fronteira e foi proposto para o título de «herói» da União Soviética.

A proposta começa a correr pelos canais respectivos, demora um mês ou dois. E se tu não cabes dentro da pele desse herói? O título de «herói» é conferido aos

bons rapazes, que se notabilizam na preparação militar e política. Mas se a sede te abraça, se desejas beber e não há quê? Sim, se és um herói de toda a União, porque é que eles, vis e sovinas, se recusam a dar-te um litro mais de vodca? E Ivan Kovertchenko montou a cavalo e, sem saber nada acerca de Calígula, subiu até ao segundo andar do comando militar de certa cidade e disse ao comandante: «Faz-me um pedido de vodca!» (Ele pensou que assim teria um aspecto mais imponente, mais aparência de herói, e que seria mais difícil uma recusa.) Prenderam-no por isto? Não, foi simplesmente transformado de «herói» em «bandeira vermelha».

Kovertchenko tinha grande necessidade de beber, e nem sempre existia vodca, pelo que se via obrigado a aguçar a imaginação. Na Polónia havia impedido os alemães de dinamitarem uma ponte e ficara com o sentimento de que essa ponte era sua. Assim, até à chegada do nosso comando militar, impôs aos polacos o pagamento da portagem: sem mim, eles já não a teriam

15 Menchickov foi lugar-tenente de Pedro I. Depois da morte deste, foi deportado para Beriozovo, na Sibéria.

Há um quadro do pintor Surikov, alusivo a essa personagem.

infectos! Recebeu essa taxa durante todo o dia (para o vodca), e depois aborreceu-se. Não podendo estar todo o tempo ali, o capitão Kovert-chenko propôs aos polacos dos arredores uma solução equitativa: que lhe comprassem a ponte. (Foi por isso que foi preso? Não.) Ele não pedia muito mas os polacos opunham resistência, não se reuniam para se quotizarem. O capitão abandonou então a ponte: ao diabo com vocês, passem de graça!

Em 1949, ele estava em Polotsk como chefe do estado-maior de um regimento de pára-quedistas. O major Kovertchenko não gostava nada da secção política da divisão, porque insistia demasiado na educação política. Uma vez solicitou um atestado com o curriculum para ingressar na Academia Militar, mas, quando lho entregaram, olhou para o papel e colocou-o sobre a mesa: «Com este curriculum não devo ir para a Academia, mas para as guerrilhas de Bender!» (Terá sido então por isso? Por isso ter-lhe--iam podido muito bem aplicar uns dez anos, mas

escapou.) A isto veio juntar-se o facto de ter dado licença ilegalmente a um soldado. E ele próprio, em estado de embriaguez, tinha conduzido um camião e dado cabo dele. E foi castigado com dez... dias de CALABOUÇO. Não obstante, foi guardado pelos seus próprios soldados, que o estimavam sem reservas e o deixavam ir passear à aldeia. E teria aguentado muito bem esses dias, mas a secção política começou a ameaçá-lo com o tribunal militar! Esta ameaça chocou e ofendeu Kovertchenko. Pois quê? Quando há que enterrar as bombas, anda, voa, Ivan! E por uma porcaria de um camião de tonelada e meia destruído mandavam-no para a prisão? Durante a noite fugiu pela janela e dirigiu-se para o rio Dvina, onde sabia que havia uma lancha a motor de um conhecido, e partiu nela.

Sucede que não era um borrachola de memória curta: agora queria vingar-se por tudo o que lhe tinha feito a secção política. Abandonou a lancha na Lituânia e dirigiu-se aos habitantes, pedindo: «Meus irmãos, levem-me aos guerrilheiros! Aceitem-me que não terão de se lamentar, vamos-lhes ajustar as contas!» Mas os lituanos pensaram que era um agente secreto.

Ivan tinha escondido uma'letra de crédito. Tirou uma passagem para o Kuban, mas entretanto embriagou-se fortemente no vagão-restaurante e foi Parar a Moscovo: ao sair da estação, olhou de esguelha para a cidade e ordenou ao motorista de um táxi: «Leva-me à embaixada!» - «A qual?» -«Vai para o diabo, a qualquer.» E o motorista levou-o. «Esta qual é?» - «É a francesa.» - «De acordo.»

I pode ser que os pensamentos se lhe embrulhassem e que as intenções sobre a embaixada fossem inicialmente umas e depois passassem a ser outras, mas a sua destreza e a sua força não se tinham debilitado. Não sobrestou o miliciano que estava à entrada. Calmamente, deu a volta à ruela e vou por cima de um muro liso da altura de dois homens. No pátio da embaixada as coisas foram já mais fáceis: ninguém o descobriu, nem o reteve

e ele penetrou no interior, passou de um compartimento a outro e viu uma mesa posta. Havia imensas coisas sobre a mesa, mas o que mais o surpreendeu foram umas peras, de que tinha muitas

saudades. Encheu as algibeiras do casaco e das calças. Nisto entrou gente para cear. «Eh, franceses!», foi Kovertchenko o primeiro a insistir. Veio-lhe à cabeça que, nos últimos cem anos, a França nada tinha feito de bom. «Porque é que não fazem a revolução? Porque é que guardam há tanto tempo De Gaulle no Poder? E somos nós que temos de fornecer-vos trigo do Kuban! Isso não está bem!» — «Quem é o senhor? De onde vem?» Os franceses surpreenderam-se. Imediatamente, adoptando o tom adequado, Kovertchenko encontrou a resposta: «Major da Segurança do Estado.» Os franceses alarmaram-se: «Mas, de qualquer maneira, o senhor não pode entrar violentamente, que vem fazer?» - «Aborrecê-los...», respondeu Kovertchenko, sem rodeios, espontaneamente. E fanfarreou ainda um pouco diante deles, mas observou que da divisão contígua já informavam alguém pelo telefone da sua presença ali. E teve a sensatez de iniciar a retirada, enquanto as peras lhe caíam das algibeiras! E um riso ultrajante perseguiu-o...

Entretanto, encontrou forças não só para sair da embaixada, mas para seguir mais além. Na manhã seguinte acordou na estação de Kiev (não se dispunha

a partir para a Ucrânia Ocidental?) e bem depressa aí foi preso.

Durante o interrogatório foi espancado pelo próprio Abakumov. As cicatrizes nas costas incharam-lhe até à espessura de uma mão. O ministro torturou-o, como se compreende, não pelas peras, nem tão-pouco pela justa censura feita aos franceses, mas porque queria saber quando e por quem fora ele recrutado. E, como se compreende, condenaram-no a vinte e cinco anos.

Havia muitas histórias destas a contar, mas, como qualquer outro vagão, o stolipine, de noite, ficava mergulhado em silêncio. De noite não haveria peixe, nem água, nem licença para ir à latrina.

Só se ouvia, como em qualquer outro vagão, o ruído das rodas, que em nada perturbava o silêncio. E se, então, a escolta se ausentava do corredor do terceiro compartimento dos homens, era possível falar em voz baixa com o quarto compartimento das mulheres.

A conversa com as mulheres, na prisão, era algo de muito especial. Havia nela uma grande nobreza, mesmo discutindo-se acerca dos artigos e das sentenças.

Uma das conversas durou toda a noite, e eis em que circunstâncias. Estávamos em Julho de 1950. No compartimento feminino não havia outras mulheres, mas apenas uma rapariga, filha de um médico de Moscovo, condenada pelo artigo 58-10. Nos compartimentos masculinos começou a sentir-se barulho: a escolta estava a meter todos os zeks dos três compartimentos em dois (o número dos que se amontoavam em cada um nem é necessário

calculá-lo). E introduziram ali um certo delinquente que não se parecia nada com um preso. Antes de mais, não lhe tinham rapado a cabeça e a sua cabeleira era loura e ondulada. Autênticos caracóis guarneciam provocadoramente a sua grande cabeça de boa casta. Era jovem, de boa aparência e vestia uma farda do exército inglês. Conduziram-no pelo corredor com ar de respeito (a própria escolta ficou intimidada com as instruções escritas no sobrescrito sobre o seu caso). Ora a moça conseguiu observar tudo isso. Ele não a viu (como se lamentou depois!).

Pelo barulho e o remexer dos objectos, ela compreendeu que tinham deixado aquele compartimento especialmente livre para ele - ao lado do dela. Estava claro que não devia contactar com ninguém. Maior razão ainda para ela desejar falar-lhe. De um compartimento a outro, nos stolipine, não é possível as pessoas verem-se, mas quando há silêncio podem ouvir-se. De noite, já tarde, quando tudo começou a acalmar-se, a rapariga sentou-se na ponta do seu banco, mesmo diante da grade, e chamou-o baixinho (talvez tenha primeiro cantarolado em surdina. Por tudo isso arriscava-se a que a escolta a castigasse, mas já tinham todos ido deitar-se e não havia ninguém no corredor). O desconhecido ouviu e, instruído por ela, sentou--se também. Estavam agora de costas um para o outro, apoiados na mesma tábua de três centímetros, e falavam através da-grade, em voz baixa, como se contornassem a divisória que os separava. As suas cabeças e os seus lábios ficavam tão perto que era como se se beijassem, mas não podiam tocar um no outro, nem sequer ver-se.

Erik Arvid Andersen já falava um russo razoável, embora com muitos erros, mas no fim de contas conseguia transmitir o pensamento. Ele relatou à

moça a sua admirável história (nós ainda a havemos de ouvir no campo de trânsito), e ela contou-lhe a sua história singela de estudante moscovita, condenada pelo 58-10. Arvid sentiu-se cativado. E pôs-se a fazer-lhe perguntas sobre a juventude soviética, sobre a vida soviética, ficando a conhecer assim coisas completamente diferentes das que sabia antes através da leitura dos jornais ocidentais das esquerdas e da sua vida oficial aqui.

Falaram toda a noite - e nesta noite tudo coincidiu para Arvid: esse estranho vagão de presos num país estranho; o ritmo nocturno da trepidação do comboio, que sempre encontra eco no nosso coração, e a voz melodiosa, o sussurro e a respiração da rapariga junto ao seu ouvido - mesmo junto ao seu ouvido, dele, que não a podia sequer ver! (E já há ano e meio que não escutava uma voz feminina.)

Ao lado desta jovem invisível (e decerto, por coincidência, naturalmente bela) começou pela primeira vez a ver a Rússia com olhos de ver, enquanto a voz da Rússia toda a noite lhe contava a verdade. É essa a melhor forma de conhecer um país pela primeira vez... (Pela manhã deveria ainda

aperceber, através da janela, os seus escuros telhados de palha, sob o triste sussurro do oculto cicerone.)

Sim, tudo isto é a Rússia: os presos sobre os carris que se abstêm de

fazer queixas; a rapariga por detrás da tábua do compartimento do stolipine; a escolta que foi dormir; as peras caindo das algibeiras; as bombas enterradas; e o cavalo que sobe até ao primeiro andar.

«Guardas! Guardas!», gritavam jubilosamente os presos. Eles alegravam-se por serem, daí em diante, conduzidos por guardas, e não pela escolta.

Esqueci-me de novo de pôr aspas. Isto é relatado pelo próprio Korolen-ko16. Nós, na realidade, não temos qualquer predilecção pelos bonés-azuis. Se algo nos dá satisfação é ver aparecer alguém diferente no meio do ritmo pendular do stolipine.

Para um passageiro habitual é difícil SUBIR para o comboio numa pequena estação intermédia. Mas descer já não. Basta arremessar a bagagem e saltar. O mesmo não sucede com os presos. Se a guarda da

prisão local, ou a milícia, não vai buscá-los, ou se se atrasam dois minutos, o comboio parte! E o pecador detido é levado até ao campo de trânsito seguinte. E será uma sorte se lá te derem de comer! Senão, até ao fim de percurso do stolipine serás metido num vagão vazio durante dezoito horas e depois trazido de volta com um novo carregamento. E talvez que ainda desta vez não vão buscar-te, ficando de novo num beco sem saída, sem que durante todo esse tempo TE DÊEM NADA DE COMER! Na verdade, a tua ração foi inscrita até que te fossem buscar, e a secção de contabilidade não é culpada de que a prisão se descuidasse, pois já eras considerado como fazendo parte de Tulun. A escolta não é obrigada a manter-te com o seu racionamento. E pode acontecer que te passeiem SEIS VEZES: de Irkutsk a Krasnoiarsk, de Krasnoiarsk a Irkutsk e de Irkutsk a Krasnoiarsk, de tal modo que quando descobres na gare de Tulun um boné-azul te apetece lançares-te nos seus braços: «Obrigado amigo, que me tiraste de dificuldades!»

Em dois dias de stolipine cansas-te, perdes o alento e molestas-te tanto que diante de uma grande cidade tu mesmo não sabes que preferir: se sofreres de uma vez por todas e pores-te em marcha quanto antes, ou

deixarem--te desentorpecer um pouco no campo de trânsito.

Mas eis que a escolta se alvoroça. Saem com os capotes fazendo ressoar as culatras. Isso significa que vão descarregar todo o vagão.

A princípio, a escolta forma um círculo junto aos degraus dos vagãos e, mal tu desces, tropeçando, precipitando-te, os da escolta, em coro e ensurdecedoramente, gritam-te de todos os lados (estão amestrados para isso): «Sentado! Sentado! Sentado!» Isto produz muito efeito, quando são vánas gargantas e não te deixam levantar os olhos. É como se estivesses sob a explosão

16 História do Meu Contemporâneo, Moscovo, 1955, tomo VII, pág. 166.

de projécteis, e involuntariamente encolhes-te, apressas-te (para onde?), apertas-te contra a terra e sentas-te junto de todos aqueles que saíram antes do vagão.

«Sentado!», é uma ordem de comando muito clara. Mas se és um preso novato não a podes ainda

compreender. Foi em Ivanovo, nas vias de resguardo, que recebi pela primeira vez essa ordem de comando, abraçado a uma mala (se esta não foi feita no campo, no exterior, parte-se-lhe sempre a asa no momento crítico). Eu corri, coloquei-a no solo longitudinalmente, e, sem me aperceber de como estavam os que me precediam, sentei-me nela. Com um dólman de oficial que ainda não estava muito sujo, de pontas compridas, eu não podia sentar-me directamente sobre as travessas, sobre a areia cheia de mazute! O chefe da escolta, um tipo muito corado, um bondoso rosto russo, veio correndo (eu não tive tempo de compreender porquê nem para quê?) e pelos vistos queria por força pontapear-me com a sua santa bota nas maldkas costas. Mas algo o conteve e (não tenho pena da sua lustrosa biqueira) deu um pontapé na mala partindo a tampa. «Senta--te!», explicou. E só então me apercebi de que me elevava como uma torre entre os zeks que me circundavam, e sem sequer ter tempo de perguntar: «E como sentar-me?» compreendi logo tudo. Sacrificando o meu dólman, sentei-me ao lado dos restantes, como se sentam os cães, junto do portão, ou os gatos, junto da porta.

(Esta mala eu conservei-a, e hoje, quando a vejo, passo os dedos pelo orifício aberto. Ela não pode cicatrizar, como cicatriza o corpo, o coração. As coisas têm mais memória que nós.)

Essa forma de sentar é também premeditada. Se a gente fica com o traseiro apoiado sobre o solo, de modo que os joelhos se elevem diante de nós, o centro de gravidade desloca-se para trás, e é mais difícil erguer-se, sendo impossível saltar subitamente. Além disso, fazem-nos sentar apertados uns contra os outros para que nos estorvemos mais. Se todos à uma quiséssemos lançar-nos sobre a escolta, quando nos começássemos a mexer espinSardear-nos-iam a todos.

Nessa posição esperamos as carrinhas (estas levam-nos em grupos, pois

"ao e possível transportar-nos de uma só vez), ou então fazem-nos ir a pé.

rocuram amontoar-nos em lugares ocultos, para que as pessoas livres nos vejam o menos possível, mas, às vezes, os zeks são expostos, por falta de

cuidado, numa gare ou numa plataforma (assim aconteceu em Kuibichiev).

a uma maneira de pormos à prova os que estão em liberdade. Nós olhámos Para eles de pleno direito, com olhos honrados. Mas eles, como olhavam eles para nós? Com ódio? A consciência não lhes permitia (só os Ermilov acredtavam que se as pessoas estão presas é porque há «um moti-

d0s ^om simpatia? Com compaixão? Isso levaria a que tomassem nota

eus nomes, e aplicar-lhes uma condenação seria coisa simples. E os

0s cidadãos livres e altivos («Leiam, invejem-me, eu sou um cidadão da

União Soviética»)17 baixam as suas cabeças culpadas e procuram não nos ver, como se se tratasse de um lugar vazio. As velhas são mais corajosas: já não podem ser corrompidas, acreditam em Deus, e partem um pedaço do seu escasso pão, atirando-no-lo. Os que já estiveram num campo, os comuns, naturalmente também não têm medo. Eles sabem que «quem lá não esteve, um dia estará, e o que já lá

esteve não o esquecerá». Por isso nos olham e nos lançam um maço de cigarros, para que numa condenação futura lhos lancem também a eles. O pão das velhinhas de mãos débeis não costuma alcançar-nos, caindo no chão, e o maço de cigarros dá voltas no ar, aterrando ao pé da multidão. Então a escolta faz ressoar as culatras das espingardas, contra as velhas, contra a bondade, contra o pão: «Eh lá! Põe-te a andar, velhota!»

E o pão sagrado, partido, lá fica entre a poeira, até nos levarem.

Em geral, esses minutos sentados no solo da estação são os nossos melhores instantes. Recordo-me de que em Omsk nos sentaram sobre as travessas, entre duas longas composições de mercadorias. Não vinha nada por esta via (evidentemente tinham enviado um soldado por cada lado, a prevenir: «Por aqui não se pode passar!» E a nossa gente em liberdade está educada para subordinar-se ao homem do dólman). Anoitecia. Era em Agosto. Os gravetos oleosos da estação, ainda não arrefecidos depois do sol diurno, aqueciam-nos os assentos. Não víamos a estação, mas ela ficava muito perto, atrás dos comboios. De lá chegava o som de uma radiola, a música de discos

que se misturava ao zumbido da multidão. E, não se sabe porquê, não nos parecia humilhante estarmos ali sentados e amontoados sobre a terra suja, num rincão qualquer; não tínhamos a sensação de sermos objecto de escárnio ao ouvirmos as danças de uma juventude estranha, que nós nunca dançaríamos; não nos custava imaginar que alguém esperasse outra pessoa na gare ou se despedisse dela com flores. Foram vinte minutos de quase liberdade: a noite escurecia e apareciam as primeiras estrelas, os primeiros semáforos vermelhos e verdes nas vias, enquanto a música ressoava. A vida prosseguia sem nós, e não recebíamos isso como uma ofensa.

Ama esses minutos, e ser-te-á mais fácil a prisão. Senão, rebentarás de raiva.

Se é perigoso fazer marchar os zeks até à carrinha, quando se passa por entre caminhos e homens estranhos, há também uma boa ordem de comando, prevista no regulamento da escolta: «Dêem as mãos!» Não há nisso nada de humilhante: dêem as mãos! Velhos e rapazes, moças e velhas, são e enfermos. Se uma das tuas mãos está ocupada com quaisquer objectos, agarram-te nessa mão e tu tens de dar a outra. Agora vocês apertam-se uns contra os outros

duas vezes mais do que numa formação habitual, e de repente todos começam a sentir-se mais pesados, a ficar coxos, desequilibrados, devido ao carregamento incómodo das coisas, balançando-se com in-

17 Maiakovski: Versos sobre o Passaporte Soviético.

segurança. Pobres seres sujos, cinzentos, entorpecidos, tropeçando como cegos, com uma aparente ternura uns pelos outros! Uma caricatura da humanidade!

E talvez não haja sequer nenhuma carrinha, talvez o chefe da escolta seja um cobarde. Se ele não tem medo de conseguir conduzir-vos, tereis de arrastar-vos assim por toda a cidade, até à prisão, carregando, oscilando à deriva, ferindo-vos nas trouxas.

Há também outra ordem de comando, que é já uma caricatura dos gansos: «Agarrem-se pelos

calcanhares!» Isto significa que aqueles que têm as mãos livres devem agarrar com cada uma delas as suas próprias pernas, pelos tornozelos. E agora «em marcha!» (Experimente, leitor, deixe o livro e tente andar assim pela casa. Então? Qual é a velocidade? Que é que vê à sua volta? E com respeito a uma fuga? Imaginando o espectáculo de fora, faz uma ideia do que serão três ou quatro dezenas desses gansos?) (Kiev, 1940.)

Na rua, talvez não seja necessariamente o mês de Agosto - pode ser Dezembro de 1946 -, e conduzem-vos sem carrinha debaixo de quarenta graus negativos para o campo de trânsito de Petropavlovsk. como se compreenderá facilmente, nas últimas horas antes de chegar à cidade, a escolta do stolipine não se-deu ao trabalho de vos levar a fazer as vossas necessidades, para não se sujar. Debilitados pelos interrogatórios, tolhidos pelo frio rigoroso, quase não podeis conter-vos, especialmente as mulheres. Pois quê? Até os cavalos é necessário detê-los para se desincharem, até os cães precisam de apartar-se para levantar a perna junto de um taipal. Mas vós, pessoas humanas, podeis fazer isso mesmo a andar, de quem haveis de sentir vergonha na vossa pátria? No campo

de trânsito secais-vos... Vera Kor-neieva agachou-se para atar as botas, atrasou-se um passo - e um dos da escolta açulou-lhe logo um cão-lobo alemão, que a mordeu nas nádegas através de toda a sua roupa de Inverno. Não se atrasem! Um usbeque caiu e espancaram-no com as coronhas e a pontapé.

Não há nenhuma desgraça nisto e a cena não será fotografada pelo Daily Express. O chefe da escolta, até ao último dia da sua velhice, nunca será julgado por quem quer que seja.

* * *

As carrinhas são uma herança da história. A carruagem prisional, descrita por Balzac, em que é que se diferencia de uma carrinha? Só por se arrastar mais lentamente e não ser tão superlotada.

E verdade que nos anos 20 levavam ainda os presos a pé, em colunas, Pela cidade, inclusive através de Leninegrado, de tal modo que nos cruza-

mentos faziam paralisar o trânsito. («Já vos fartásteis de roubar?», censuravam-nos dos passeios. Ainda ninguém conhecia o grande projecto das canalizações...) i** Mas, sensível aos mais pequenos progressos técnicos, o Arquipélago

não demorou em adoptar a gralha negra, ou mais carinhosamente - a graIhinha. Mesmo quando as nossas ruas ainda eram empedradas apareceram já as primeiras gralhas, juntamente com os primeiros camiões. Possuíam, por enquanto, molas grosseiras e trepidavam fortemente, mas os presos não eram de cristal. Em troca, a embalagem era boa, já então, em 1927: nem uma greta, nem uma lâmpada eléctrica no interior, não havia uma falha sequer por onde respirar, nem olhar. E enchiam já como caixas as carrinhas, com presos de pé, até não caberem mais. Não que o fizessem assim de propósito, mas é que as viaturas não chegavam.

Durante muitos anos esses furgões cinzentos de aço tinham francamente um ar de carros funerários. Mas, depois da guerra, nas nossas capitais aperceberam-se, e passaram a pintar o exterior com tons alegres, escrevendo por cima: «Pão» (os presos eram o pão das construções), «Carne» (seria mais exacto escrever:

«Ossos») ou mesmo «Bebam champanhe soviético!» No interior, as gralhas podem ser simplesmente compostas de uma caixa blindada para viagens sem importância. Podem ter também um banco circular ao longo das paredes. Em geral, isto não constitui nenhuma comodidade, antes é pior ainda: metem tanta gente lá dentro quanta cabe de pé, mas vão uns sobre outros como malas, como fardos. As gralhas podem ter na parte detrás uma box - um estreito armário de aço para uma pessoa só. Mas podem ser inteiramente compostas de boxes: do lado direito e esquerdo há armariozinhos para cada preso, que são fechados como celas, ficando o corredor para o guarda.

Esta complexa instalação de favos de abelha é impossível de imaginar, quando se olha para a rapariga pintada na carrossaria, a sorrir com o cálice: «Beba champanhe soviético!»

Empurram-no sempre para as gralhas com os gritos da escolta, irrompendo de todos os lados: «Para a frente! Para a frente! Mais depressa!»

Para que não se tenha nunca tempo de olhar e de pensar numa fuga, acossam-nos para a entrada no

meio de tropeções, fazendo-nos empancar com o saco na ponta estreita e bater com a cabeça no marco da porta. E ala, marcha!

Naturalmente, é raro passar-se muito tempo na gralha - apenas uns vinte a trinta minutos. Mas durante esse tempo é-se sacudido de tal modo que os ossos ficam quebrados e os costados comprimidos, tendo de do-brar-se a cabeça se se é alto, o que faz recordar, talvez, com saudade, o acolhedor stolipine.

E as gralhinhas representam também uma nova feira, que proporciona encontros, dos quais os mais vivos são, evidentemente, os dos gatunos. Pode acontecer que não se tenha estado com eles num compartimento,

pode suceder que no campo de trânsito não os metessem na mesma cela, mas aqui fica-se entregue a eles.

Às vezes, o aperto é tal que nem os próprios bandidos têm ocasião de meter as gadanhas no saco. As suas mãos e as suas pernas ficam embaraçadas entre os

corpos dos seus vizinhos e entre as bagagens, como se estivessem debaixo de uma canga, e só os saltos nas covas, ao sacudi-los a todos, ao arrancar-lhes as entranhas, permitem mudar a posição das mãos e das pernas.

Outras vezes, quando se vai um pouco mais à larga, os ladrões, em meia hora, conseguem arranjar maneira de verificar o conteúdo de todos os sacos, guardando para si as melhores bugigangas. A simples sensatez e a cobardia impedem-nos de medir forças com eles (e começamos a perder pouco a pouco as partículas da nossa alma imortal, supondo sempre que os inimigos e dificuldades principais estão ainda por diante e que é necessário poupar-se para eles). Mas também pode suceder que, se levantardes a mão, vos metam uma faca entre as costelas. (Não haverá investigação, e se esta chegar a realizar-se em nada ameaça os gatunos: apenas serão retidos no campo de trânsito, não irão para um campo longínquo. Concorde-se que, numa luta entre os socialmente próximos e os socialmente alheios, o Estado não pode estar do lado destes últimos.)

O coronel reformado Lunin, alto funcionário da Associação contra Ataques Aéreos e Químicos (defesa

civil) relatava numa cela da cadeia de Butirki, em 1946, como, em 8 de Março, numa carrinha moscovita, na sua presença e no espaço de tempo decorrido desde o tribunal da cidade à prisão de Taganka, os gatunos violaram uma rapariga, um após outro (perante a passividade silenciosa dos outros ocupantes da viatura). Essa rapariga, na manhã desse mesmo dia, vestindo a sua melhor roupa, tinha ido livremente ao tribunal comum (era julgada por haver abandonado o trabalho sem licença, acusação infame do seu chefe, como vingança por ela se recusar a viver com ele). Meia hora antes a rapariga fora condenada a cinco anos, segundo o ucasse. Meteram-na nessa carrinha, e eis que em pleno dia, algures durante o trajecto da Sadovoikoltso («Bebam champanhe soviético!»), a converteram numa prostituta dos campos de concentração. Quem rói o verdadeiro responsável? Os gatunos? Os carcereiros? Ou o chefe dela? A delicadeza da gatunagem! Roubaram ali mesmo a pobre rapariga: tiraram-lhe os seus melhores sapatos, com os quais ela pensava causar o assombro do tribunal, e a blusa, que foi entregue à escolta, tendo esta mandado parar a carrinha para ir comprar vodca, que foi por eles

distribuídos E assim os gatunos beberam à custa da moça.

Quando chegaram à prisão de Taganka, a moça desatou a chorar, fazendo queixa. O oficial escutou-a, bocejou e disse:

Xi. O Estado não pode conceder a cada preso um transporte à parte. Nao temos meios para isso.

3 as carrinhas são um «lugar estreito» do Arquipélago. Se nos stolipine

444

ARQUIPÉLAGO DE GULAG

não há possibilidade de separar os políticos dos comuns, nelas não há possibilidades de separar os homens das mulheres. Como é que os gatunos não haviam de gozar «plenamente a vida», entre duas cadeias?

Se não fossem os gatunos, haveria que agradecer às carrinhas estes breves encontros com as mulheres! Onde vê-las na vida prisional, onde ouvi--las e roçar-se por elas, senão aqui?

Certa vez, em 1950, levavam-nos de Butirki à estação. íamos muito folgados: éramos catorze pessoas numa carrinha com bancos. Sentámo-nos todos e, subitamente, embarcou por último, uma mulher. Ela sentou-se mesmo junto da porta traseira, timidamente: com quatorze homens numa caixa escura, não havia qualquer defesa. Mas em poucas palavras ficou claro que estávamos em família: éramos todos do artigo 58.

Ela apresentou-se: Repina, esposa de um coronel. Fora presa depois da detenção do marido. E, de repente, um militar silencioso, tão jovem e magro que só podia ser tomado por um tenente, perguntou-lhe: «Diga-me: você não esteve presa com Antonina I.?» - «Como? Você é o seu marido? Olieg?» - «Sim» - «O tenente-coronel I.?, da Academia Frunze?» — «Sim!»

Este «sim» parecia sair de um peito oprimido, como se o medo de SABER fosse maior do que a alegria. Ele sentou-se junto dela. Através das duas pequenas grades das portas detrás, as foscas manchas crepusculares desse dia de Verão perpassavam pelo rosto da mulher e do tenente-coronel. «Eu estive com ela quatro meses na mesma cela, durante a investigação.» -«Onde está ela agora?» - «Durante todo

este tempo ela só vivia com a sua recordação. Sofria de temor não por ela, mas por si. Primeiro, com receio de que o prendessem. Depois, tentando que a sua condenação fosse o mais leve possível.» - «Mas que é feito dela agora?» - «Ela considerava-se culpada da sua detenção. E sofria tanto!» - «Onde está ela agora?!» - «Não se assuste.» Repina pôs-lhe a mão sobre o peito como se fosse alguém da família. «Ela não suportou essa tensão. Vieram buscá-la. Ela transtornou--se... Um pouco... Você compreende?...»

E a carrinha, envolta em chapas de aço, lá ia pacificamente, por entre as seis filas de carros, detendo-se diante dos semáforos, fazendo sinal ao dar a volta.

Eu acabava de travar conhecimento com este Olieg I., em Butirki. Enviaram-nos à box da estação e trouxeram-nos as coisas da consigna. Chamaram-nos ao mesmo tempo, a ele e a mim. Atrás da porta aberta do corredor, a vigilante, de bata cinzenta, remexia na sua mala, atirando para o chão com os galões dourados de tenente-coronel, que se tinham conservado não se sabe como, e inadvertidamente pôs o pé sobre as suas grandes estrelas.

E pisava-as com as botas como se se tratasse da cena de um filme.

Eu fiz sinal para ele: «Olhe para aquilo, camarada tenente-coronel!»

E agora a notícia sobre a esposa.

Ele teve de sofrer tudo isso no espaço de uma hora.

II

OS PORTOS DO ARQUIPÉLAGO

ESTENDA sobre uma mesa de grandes- dimensões um amplo mapa da nossa pátria. Trace uns grossos pontos negros sobre todas as cidades de província, sobre todos os entroncamentos ferroviários, sobre todos os locais onde as linhas terminam e onde começam os rios, onde os rios desviam o seu curso e começam os carreiros a pé. Que se passa? O mapa fica repleto de moscas contagiosas? Não: está-se precisamente perante o mapa grandioso dos portos do Arquipélago.

É verdade que não são aqueles portos fantásticos para onde nos atraía Aleksandr Grin, onde se bebe rum nas tabernas e se cortejam belas mulheres. E não haverá tão-pouco aqui um tépido mar azul (a

água para o banho limita-se a um litro por pessoa e para que a lavagem seja mais cómoda dei-tam-se quatro litros para quatro pessoas num alguidar, e vamos a andar depressa!) Mas tudo o resto que faz o romantismo dos portos - a sujidade, as injúrias, os insectos, a balbúrdia, o ambiente poliglota e as brigas, tudo isso existe aqui em abundância.

Raro é o zek que não esteve em três a cinco campos de trânsito. Muitos podem guardar memória de uma dezena, mas os filhos do GULAG contam-nos sem dificuldade até meia centena. E só se confunde nessa sua memória aquilo em que todos se parecem: a escolta analfabeta; o inutilmente chamado segundo processo; a longa espera à torreira do Sol, ou sob a gélida chuva de Outono; a revista prolongada de corpo despido; o corte de cabelo, com um aparelho sujo; as salas de banho, frias e escorregadiças; as fedorentas latrinas; o bafio dós corredores estreitos, sem ar; as celas quase sempre escuras e húmidas; o calor da carne humana ao vosso lado, no chão ou nos beliches; as mesas-de-cabeceira feitas de pontas de tábuas pregadas; ° Pao molhado, quase líquido; a sopa que parece cozinhada com forragem. , Quem tem uma memória exacta e é capaz de matizar as

recordações, iterenciando-as umas das outras, não necessita agora de viajar ao longo País: toda a geografia se resume para ele nas viagens pelos campos de ansito. Novossibirsk? Conheço bem. Estive lá: umas barracas muito sóli-

das, feitas de toros grossos. Irkutsk? Foi aí que taparam várias vezes as janelas com tijolos. Vê-se ainda como elas eram no tempo do czar, distinguindo-se cada tipo de construção e os buracos que deixaram para entrar a aragem. Vologda? Sim, é um edifício antigo, com torres. As retretes ficam uma por cima da outra, os tectos de madeira estão podres, pingando dos superiores para os inferiores. Usman? Pois sim! Um cárcere fedorento e piolhoso, uma construção antiga com abóbadas. E junta-se aí tanta gente que quando as pessoas começam a sair para se reintegrarem nas levas não se acredita que todos ali coubessem. A bicha ocupa meia cidade.

Não ofenda os conhecedores, não lhes diga que esteve em cidades sem prisões de trânsito. Eles demonstram-lhe com rigor que essas cidades não"

existem, e terão razão. Salsk? Os que estão de passagem são aí guardados nas celas de prisão preventiva, junto àqueles que estão submetidos a uma investigação. E em cada capital de distrito há uma prisão de trânsito? Em Sol-Ilietsk, lá temos uma. E em Ribinsk? Que outros nomes dar à cadeia dois, no velho mosteiro? Oh! Um mosteiro tranquilo, com os pátios empedrados, desertos, com as antigas lajes cobertas de musgo e com selhas de madeira limpinhas na sala de banho. Em Tchita? É a cadeia um. Em Nauchki? Lá não há uma prisão, mas sim um campo de trânsito, o que é a mesma coisa. Em Torjok? Na montanha há também uma, noutro mosteiro. Tem de compreender, amigo, que não pode haver uma cidade sem uma prisão de trânsito. Na verdade, os tribunais trabalham em toda a parte. E como conduzir os prisioneiros ao campo? Pelo ar?

Naturalmente, nenhuma prisão de trânsito é igual a outra. Mas qual é melhor, e qual pior - é impossível dizê-lo. Quando se juntam três ou quatro zeks, cada um obrigatoriamente elogia a «sua».

Vejamos, Ivanovo não é uma prisão de trânsito assim tão célebre. Mas pergunte-se a quem lá esteve no Inverno de 1937-38. A prisão NÃO ERA AQUECIDA e

não se gelava lá, ao contrário: nos beliches superiores os presos deitavam-se despidos. Tinham-se quebrado as vidraças das janelas para não se asfixiar. Na cela vinte e um em vez das vinte pessoas previstas meteram-se TREZENTAS E VINTE E TRÊS! Por sob as tarimbas inferiores havia água e puseram-se tábuas por cima, deitando-se os presos nas tábuas. Das vidraças partidas soprava para aí um ar gélido. Numa palavra, debaixo das tarimbas era noite polar: não havia luz e toda a claridade era ofuscada pelos que jaziam nos beliches e pelos que se mantinham de pé entre essess beliches. Não havia passagem para ir ao balde da latrina, sendo necessário fazer uma escalada pela borda dos beliches. A comida não era distribuída segundo o número de presos, individualmente, mas sim por dezenas; se um dos que fazia parte dessa dezena morria, os outros colocavam-no debaixo das tarimbas e lá o mantinham até que cheirasse mal. Entrementes recebiam a sua ração de comida. E tudo isto seria ainda possível de suportar, mas os guardas excitavam-se como se tivessem sido regados com aguarrás, transferindo os presos sem cessar. Mal uma pessoa tinha

acabado de instalar-se já lhe gritavam: «De pé! Mudar para outra cela!» E novamente era preciso conseguir lugar. Porquê essa superlotação? Durante três meses não haviam levado a gente ao banho.

Os piolhos proliferaram e, devido a isso, apareceram chagas nas pernas, tendo-se declarado o tifo. Por causa do tifo foi imposta uma quarentena e por espaço de meses não houve transferências.

- Foi assim, rapazes! E não porque se tratasse de Ivanovo, mas sim por ser naquele ano. Em 1937-38 não eram só os zeks, mas também as pedras das prisões de trânsito que gemiam. A prisão de Irkutsk não era sequer uma prisão de trânsito especial, mas, em 1938, nem os médicos se atreviam a deitar uma olhadela às celas. Limitavam-se a passar pelos corredores e o guarda gritava à porta: «Aqueles que estão sem sentidos que saiam!»

- Em 1937, rapazes, toda essa gente se arrastava através da Sibéria em direcção de Kolima e tropeçava no mar de Okhota e em Vladivostoque. Os navios só conseguiam transportar até Kolima trinta mil presos por mês, e de Moscovo continuavam a enviá-los, sem

levar isso em consideração. Bom, juntaram-se cem mil, compreendem?

- E quem os contou?

- Aqueles que acharam necessário contá-los.

- Se se trata da prisão de trânsito de Vladivostoque, lá, em Fevereiro de 1937, havia nada menos de quarenta mil.

- Sim, durante meses eles atolaram-se ali. Os percevejos corriam pelos beliches como uma praga de gafanhotos! Quanto à água, davam-nos meio copo por dia: ela faltava e não havia quem a fosse buscar! Havia uma zona inteira de coreanos: todos pereceram de disenteria, todos! Da nossa zona cada manhã retiravam cem homens. Para construir uma morgue, engatavam zeks aos carros e assim acarretavam pedra. Hoje carregas tu, amanhã levar-te-ão a ti para lá. E no Outono declarou-se também o tifo. Fizemos como noutros sítios: não entregávamos os mortos enquanto não cheiravam mal. Recebíamos a ração deles. Não havia medicamentos. Penetrávamos na zona: dêem-nos remédios! E das torres de atalaia atiraram uma descarga. Mais tarde reuniram todos os que estavam afectados pelo tifo numa barraca

isolada. Não conseguiram levá-los para lá a tempo, mas uma vez lá eram poucos os que saíam. Em cada barraca os beliches eram de dois andares. Quando, no segundo andar, os doentes atacados pela febre não podiam descer para satisfazer as suas necessidades, faziam-nas sobre os de

baixo. Havia ali mil e quinhentos doentes e os enfermeiros eram verdadeiros gatunos. Aos mortos, eles arrancavam os dentes de ouro. Mas não se nsaiavam para fazer o mesmo aos vivos.

Porque é que insistem vocês tanto no ano 37, sempre no 37? No ano

' na baía de Vanin, na quinta zona, gostariam de estar lá? Trinta e cinco

t ," k durante vários meses! Ainda dessa vez não conseguiam enviá-los

aos para Kolima. E todas as noites, não se sabe para quê, faziam-nos

ar Qe barraca para barraca, de zona para zona. Como os fascistas: com

448

apitos e gritaria! «Saiam, à excepção do último!» E todos se lançavam correr! Para buscar o pão mandavam uma centena — a correr! Para buscar sopa - de novo a correr! Não havia louça! A sopa tinha de ser apanhada como se se quisesse, com as abas do casaco, na palma da mão! A água traziam-nas em cisternas, e não havia onde despejá-la. Assim que abriam torneira quem punha a boca é que bebia. Começaram a brigar junto da cisterna, e das torres de atalaia abriram fogo! Exactamente como os fascistas Depois, chegou o major-general Derevíanko, chefe do Usvite1. Perante a multidão, um aviador dirigiu-se ao general e rasgou o casaco que vestia: «Tenho sete condecorações, ganhas em combate! Quem lhe deu o direito de abrir fogo sobre a zona?» Derevianko respondeu: «Disparámos e continuaremos a disparar, enquanto vocês não aprenderem a comportar-se.»2

- Não, rapazes, não são esses os verdadeiros campos de trânsito..Um campo de trânsito é o de Kirov! Tomemos um ano anódino, por exemplo o de 47. Em Kirov, dois guardas metiam a gente nas celas, empurrando-a com as botas, e só assim conseguiam fechar a porta. No terceiro piso dos beliches, em

Setembro (e Viatka não fica situada no mar Negro), todos se punham completamente nus devido ao calor - e permaneciam sentados, por não haver lugar para se deitarem. Uma fileira do lado da cabeceira, a outra do lado dos pés. E no corredor sentavam-se por terra duas fileiras. Entre elas, outros mantinham-se de pé e depois revezavam-se. As trouxas seguravam-nas nos braços ou sobre os joelhos: não havia outro lugar onde pô-las. Apenas os gatunos estavam nos seus lugares legítimos, nos beliches do segundo piso, junto da janela, deitados desafogadamente. Havia tantos percevejos que mordiam mesmo de dia, descendo directamente em voo picado do tecto. E havia que suportar tudo durante uma semana e até um mês.

Gostaria também de intervir e de falar sobre a Krasnaia Pressnia, em Agosto de 19453, no Verão da Vitória, mas sinto pudor: aqui, pela noite, podíamos de algum modo estender as pernas e os percevejos actuavam de forma mais moderada. Mas toda a noite, debaixo da luz intensa das lâmpadas, nus e suados pelo calor, as moscas nos picavam. Isto não entra em conta e tem-se vergonha de jactanciar-se. A cada movimento que fazíamos derretíamo-nos em suor e depois de comer jorrávamos simplesmente água.

Numa cela algo maior do que um quarto médio de habitação estavam metidos

1 Administração dps Campos Correccionais de Trabalho do Nordeste, ou seja, dos ue Kolima.

2 Tribunal dos Crimes de Guerra, de Bertrand Russel! Que fazem vocês? Não recolhem provas?! Ou não são adequadas?

1 Este ponto de trânsito, com um glorioso nome revolucionário, poucos moscovitas o conhecem, não existindo excursões para lá. Quais excursões, se ainda FUNCIONA! Mas es pertinho, é fácil de visitar, não é preciso viajar! Tomando em Novokhorochevo a linha férria de circunvalação, é um passo.

Aos cem homens, prensados, não havendo lugar no chão onde pôr os pés. E as duas pequenas janelas, estavam tapadas com mordaças, recobertas de chapas de metal isto nolado sul, pelo que não só impediam o movimento do ar, como também aqueciam com o sol e espalhavam o calor na cela.

Dado que todos os centros de trânsito são um verdadeiro caos, também nualquer referência a seu respeito o tem de ser. E é certamente também o aue se passa neste capítulo: não se sabe por onde começar a falar deles. Quanto mais gente lá se acumula, tanto mais caótica a situação é. Ela torna-se insuportável para os homens, desvantajosa para o GULAG e, no entanto, as pessoas para ali ficam durante meses. Assim, os centros de trânsito convertem-se numa verdadeira fábrica: as rações de pão são transportadas aos montes, em grandes padiolas, do género das que são utilizadas para carregar tijolo. E a sopa fumegante é levada em barricas, com capacidade para seis baldes, suspensas aos ombros por meio de uma barra.

Mais tenso e menos dissimulado era o centro de trânsito de Kotlas. Mais tenso porque era o ponto de partida para todo o Nordeste russo europeu. Menos dissimulado porque ficava na profundidade do Arquipélago, não tendo motivo para esconder os vestígios. Tratava-se simplesmente de um sector de terra dividido por taipais em jaulas fechadas. Embora tivesse ficado cheio de mujiques, quando os desterraram nos anos 30 (como se calcula, não

tinham tecto, mas agora já não há ninguém que o possa contar), no ano 38 eles estavam muito longe de lá caber todos, naquelas frágeis barracas de um andar, feitas de restos de troncos e cobertas de... lona impermeabilizada. Sob a neve húmida do Outono, e na época dos nevões, as pessoas viviam simplesmente deitadas por terra e debaixo do céu. É verdade que não as deixavam entorpecer na imobilidade, contando-as todo o tempo e animando-as com controles (por vezes de vinte mil pessoas a_o mesmo tempo) ou com inesperadas buscas nocturnas. Posteriormente, nessas jaulas, instalaram-se tendas de campanha e noutras ergueram-se barracas de madeira com a altura de dois andares. Entretanto, para embaratecer a construção, não se pôs qualquer cobertura entre os andares, fazendo-se volumosos beliches da altura de seis andares, com escadas verticais dos lados, pelas quais era preciso subir como os marinheiros (construção, como se ve, mais apropriada para um navio do que para um porto). No Inverno de 1944-45, quando todos possuíam um tecto, havia apenas sete mil e quinhentas pessoas, das quais morriam diariamente cinquenta. As macas que as transportavam à morgue não tinham mãos a medir. Pode objectar-se que esta situação é

completamente suportável, pressupondo uma mortalidade superior a um por cento diária, e que, em tal situação, uma pessoa pode viver até cinco meses. Sim, mas a ceifa principal, constituída pelo trabalho no arripo, não havia ainda começado. (Esta perda de dois terços de um por cento ao dia constitui uma perda de peso que não seria admissível em qualquer armazém de hortaliças.)

quanto mais se penetra no Arquipélago, mais se fica impressionado

pela passagem dos portos de betão aos cais de estacaria.

Karabas, centro de trânsito perto de Karaganda, tornou-se um nome comum. Nuns quantos anos, passaram por lá meio milhão de pessoas (Yuri Karbe, que aí esteve em 1942, foi já registado com o número quatrocentos e trinta e três mil). O centro compunha-se de barracas baixas de barro e de terra batida. A distracção diária consistia em os presos trazerem para o exterior os seus objectos, enquanto os artistas caiavam o chão e até desenhavam nele tapetes. Mas,

pela noite, os zeks, deitavam-se e, com os seus corpos, estragavam e a cal e os tapetes4.

Kniaj-Pogost, centro de trânsito situado a sessenta e três graus de latitude norte, era formado de choças instaladas sobre um pântano! A armação de estacas era envolvida por uma tenda de campanha rasgada, de lona impermeável, que não chegava ao chão. No interior da choça havia duas tarimbas, também de estacas (com os nós mal cortados), separadas por uma passagem de madeira, que durante o dia deixava filtrar um barro líquido escorregadio e que de noite gelava. Em diversos lugares da zona, as passagens faziam-se sobre frágeis varas movediças, e as pessoas, com movimentos cambaleantes, devido à sua debilidade, caíam ali e aqui na água e na lama. No ano de 1938, em Kniaj-Pogost, foi servida sempre comida igual: espessas papas de cereal esmagado, com espinhas de peixe^ Isto era cómodo, porque não havia no campo tigelas, nem copos ou colheres, e muito menos para os presos. Faziam-nos aproximar, aos grupos de dez, do caldeirão e com um colherão deitavam-lhes as papas nas abas da roupa ou no boné.

Mas no centro de trânsito de Vogvozdino, situado a alguns quilómetros de Ust-Vima, onde se concentravam simultaneamente cinco mil pessoas (quem conhecia Vogvozdino até ler estas linhas? Quantos centros de trânsito desconhecidos haverá ainda? Será preciso multiplicá-los por cinco mil!), no centro de Vogvozdino, dizíamos, faziam as papas muito líquidas e não havia tão-pouco tigelas. No entanto, saíram-se de dificuldades (o que é que a nossa imaginação não poderá vencer!) deitando a sopa em lavabos, para dez pessoas, deixando a cada um a liberdade de sorvê-la o mais rapidamente que podia5.

É certo que em Vogvozdino não havia pessoa alguma que lá se demorasse mais de um ano. (Um ano era suficiente, quando todos os campos se recusavam a aceitá-la.)

4 Dentro todos os centros de trânsito, Karabas era o mais digno de ficar como museu, mas, infelizmente, já não existe: no seu lugar há uma fábrica de elementos de cimento armado.

^ Galina Serebriakova! Boris Diakov! Aldan Semionov! Nunca sorvestes juntos com dez outros a comida num

lavabo? Compreende-se que em tais momentos vós não vos rebaixásseis a fazer as vossas «necessidades animais» como Ivan Denissovitch! Aos empurrões diante do lavabo com a sopa, pensareis apenas no vosso Partido bem-amado?

A fantasia dos literatos é pobre perante a vida indígena do Arquipélago. Quando querem escrever sobre as prisões, as coisas mais degradantes que criticam é sempre o balde que serve de latrina nas celas. O balde--latrina! Ele tornou-se, na literatura, o símbolo da prisão, o símbolo da humilhação, do fedor. Que leviandade! Acaso o balde da latrina constitui um mal para o preso? Pelo contrário, é a mais caritativa das invenções dos carcereiros. Todo o horror começa no preciso momento em que esse balde da cela deixa de existir.

No ano 37, em algumas cadeias da Sibéria NÃO HAVIA BALDES--LATRINAS. Eles eram em número insuficiente! Não tinham fabricado com antecipação baldes que chegassem. A indústria siberiana não satisfazia a ampla procura. E aconteceu que nos

armazéns não havia baldes para as novas celas. Nas celas antigas, «5 baldes que existiam eram tão pequenos e primitivos que agora, sensatamente, foi preciso retirá-los. Dadas as novas vagas de presos, eles já não prestavam para nada. Assim, se a prisão de Minussinsk tinha sido construída há muito para quinhentas pessoas (Vladi-mir Ilitch não a chegou a conhecer, pois achou o caminho de exílio em liberdade), agora metiam lá dez mil, o que significa que cada balde da latrina deveria ter aumentado vinte vezes de tamanho! Mas não tinha...

As nossas canetas russas escrevem a traços largos. Temos sofrido enormemente e disso quase nada foi escrito. Mas para os autores ocidentais, com a sua preocupação de examinar à lupa as células do organismo, agitando a ampola farmacêutica sob a luz dos projectores, isto é uma verdadeira epopela, que permitirá acrescentar dez tomos à Procura do Tempo Perdido, descrevendo o pânico do espírito humano quando numa cela há uma superlotação vinte vezes superior à prevista, e não há baldes, só sendo permitido ir à latrina uma vez por dia! Naturalmente que muitas formas de solução são deles desconhecidas. Eles não encontrariam saída

urinando num capuz de lona impermeável. E não compreenderiam sequer o conselho do vizinho para urinar dentro da bota! E, no^entanto, trata-se de um conselho cheio de sabedoria e de grande experiência, que não implica, de modo algum, que se estrague a bota, nem se rebaixe esta ao nível de um balde. Isso exige simplesmente que se descalce a bota, que se ponha a parte de cima para baixo, que se volte do avesso o cano e que se dobre este para fora. Assim se forma a desejada cavidade, formando canal arredondado! Mas, em compensação, com quantas sinuosidades psicológicas enriqueceriam os autores ocidentais a sua literatura (sem risco algum de repetir as banalidades dos célebres mestres), se conhecessem, mais que não fosse, o regulamento da prisão de Minussinsk: para receber a comida entregava-se uma tigela para quatro, tendo-se direito a uma caneca de água potável por dia e por pessoa (havia canecas). Mas eis que um dos quatro acabava de utilizar a tigela comum para aliviar a pressão da bexiga e antes da comida se negava a entregar a sua reserva de água para lavar essa tigela. Que conflito! Que choque entre quatro caracteres! Que nuances! (Não gracejo. É

assim mesmo que se põe a descoberto o fundo de uma pessoa. Só que as canetas russas não têm tempo de escrever isto e os olhos russos nunca têm ocasião de lê-lo. Não gracejo, porque só os médicos poderão dizer como os meses passados numa cela dessas arruínam um homem para toda a vida, mesmo que não o tenham fuzilado no tempo de Iejov e o hajam reabilitado no tempo de Kruchtchev.)

E nós que pensávamos descansar e desentorpecer as pernas ao chegar ao porto! Prensados e contorcidos durante alguns dias, no compartimento do stolipine, como sonhávamos com o centro de trânsito! Lá nos estenderíamos e poderíamos pôr-nos de pé. Lá beberíamos água à vontade e mesmo água fervida quente. Lá não nos obrigariam a comprar à escolta o nosso racionamento, pagando com objectos nossos. Lá nos alimentariam com refeições quentes. E, finalmente, lá nos levariam ao banho, tomaríamos um duche de água tépida e deixar-nos-iam coçar o corpo. Quando na carrinha nos faziam bambolear, atirando-nos de um lado para outro, e quando nos gritavam:

«Dêem as mãos! Agarrem-se pelos tornozelos!», nós animava-mo-nos: não importa, não importa!, depressa chegaremos ao centro de trânsito, e uma vez lá...

Mas se alguns desses nossos sonhos se concretizarem, de qualquer maneira acabarão por ser ensombrados por algo.

Que nos espera no banho? Nunca o sabemos. De repente, põem-se a cortar o cabelo à escovinha às mulheres (Krasnaia Pressnia, Novembro de 1950). Ou põem-nos a nós numa coluna de homens nus, mandando-nos rapar a cabeça só por mulheres. No banho de vapor de Vologda, a corpulenta tia Motia grita: «Ponham-se em fila, meninos!» E abre o vapor dos tubos a toda a coluna. Mas o centro de trânsito de Irkutsk tem outra doutrina: está mais de acordo com a natureza que todo o pessoal de serviço no banho seja masculino e que as mulheres sejam desinfectadas nas pernas por um homem. Ou, então, no centro de trânsito de Novossibirsk, no Inverno, durante o banho, das torneiras sai apenas água fria; os presos decidem-se a protestar junto da administração; vem um capitão, que se digna pôr as mãos debaixo da torneira: «Eu afirmo que esta água

está quente, entendido?» A gente cansa-se de dizer que há banhos completamente sem água; que, expostos ao vapor, os objectos se queimam; que depois do banho nos obrigam a andar descalços e despidos pela neve com as nossas coisas (prisão de contra-espionagem da Segunda Frente da Bielorrússia, em Brodnit-sa, 1945).

Desde os primeiros passos no centro de trânsito poderás observar que não são os vigilantes, nem os graduados que têm poder sobre ti, pois se atêm a uma certa lei escrita. Aqui estás sob o domínio dos «emboscados» do centro de trânsito. É o próprio banheiro, de cenho carregado, que vem esperar-vos à estação: «Bom, podem ir banhar-se, senhores fascistas!» É o chefe de equipa de trabalho, com uma pequena chapa de madeira, que

perscruta com os olhos a nossa coluna e exige pressa. E aquele de cabelo rapado, com um ar de educador, que bate com um jornal dobrado na perna e ao mesmo tempo olha de soslaio para os nossos sacos. E ainda outros «emboscados» do campo de trânsito,

desconhecidos para nós, cujos olhos incidem como raios x sobre as nossas malas. Como são todos parecidos entre si! Onde é que já os vísteis a todos, durante o curto caminho das levas? Não tão limpinhos, mas com essas mesmas fuças de animais, com sorrisos implacáveis?

Ba-a-ah! Ainda e sempre, 05 gatunos! Os nossos GATUNOS REGENERADOS, cantados por Utiossov6. Os Jenka Jogol, Serioga Zvier e Din-ka Kichkenia, já não atrás das grades, mas lavados e vestidos como pessoas de confiança do Estado. Com ares muito importantes (mas falsos), eles cuidam da disciplina — da nossa. Se observarmos atentamente esses rostos, fazendo apelo à imaginação, podemos ter ideia de que eles descendem da nossa raiz russa, que noutros tempos foram moços de aldeia, e que os seus pais se chamaram Klima, Prokhor, Guri, sendo a sua conformação idêntica à nossa: têm duas narinas, um círculo irisado em cada olho, uma língua rosada para tragar os alimentos e pronunciar certos sons russos, embora fazendo combinações completamente novas de palavras.

Qualquer chefe de um centro de trânsito se apercebe imediatamente disto: se arranjar, entre os presos,

quem faça todos os trabalhos, é possível incluir nas listas de pessoal do campo os nomes de familiares seus, que estão longe, em casa, e ficar com os respectivos salários, ou, então, dividi-los por todos os oficiais da prisão. Os socialmente próximos lá estão para executar tudo: basta assobiar, e têm-se quantos voluntários se quiser para realizar este trabalho. Eles ficam no campo de trânsito, não são enviados para as minas, para a taiga. Capatazes, escreventes, contabilistas, educadores, banheiros, barbeiros, chefes de armazém, cozinheiros, lava-pratos, lavadores, remendões de roupa, todos eles estão perpetuamente no centro de trânsito, recebem o racionamento prisional e figuram' como ocupantes das celas. Para melhorar as suas rações, eles não têm necessidade de chefes, tiram-nas do caldeiro comum ou aos zeks ricos em trânsito. Todos estes «emboscados» dos centros de trânsito consideram, não sem razão, que em nenhum outro campo estarão melhor. Nós chegamos até eles ainda não de todo espoliados e eles abusam de nós com satisfação. São eles que nos revistam em vez dos vigilantes e que, antes disso, propõem que lhes entreguemos o dinheiro para o guardarem, registando-o com ar sério numa certa lista - não vendo nós mais essa lista nem

o dinheiro! «Nós entregámos dinheiro!» - «A quem?», pergunta com espanto o oficial que chega. «Pois, a

Leonid Utiossov, antigo gatuno do porto de Odessa, que se tornou o cantor mais Popular de música ligeira, a partir dos anos 30. Condecorado pelo Governo soviético.

(N. dos T.)

um dos daqui!» - «Mas a quem, exactamente?» Os «emboscados», esses, nada viram... «Para que lho deram a eles?» - «Nós pensávamos...» - «o peru também pensava! Há que pensar menos!» E é tudo. Eles propõem que deixemos as nossas coisas na ante-sala de banho: «Ninguém as levará! Quem necessita delas?» Nós lá as deixamos, pois não as podemos levar para o banho. Quando voltamos, as camisolas já lá não estão, nem as luvas forradas de pele. «E como era a camisola?» — «Cinzenta...» - «E natural que a tenham mandado lavar!» Eles também nos tiram as coisas por meios honrados: em troca de nos guardarem a mala no depósito; de nos porém numa cela sem gatunos; de nos expedirem numa próxima

leva ou de nos enviarem o mais tarde possível. Em suma, só não nos saqueiam abertamente.

«Não são propriamente gatunos!», explicam-nos os entendidos que há entre nós. «São rafeiros que vieram prestar serviço. São os inimigos dos ladrões honrados.»

Estes estão presos nas celas, mas nos nossos cérebros de patinhos isso penetra com dificuldade. Todos têm os mesmos modos, as mesmas tatuagens. Talvez uns sejam inimigos dos outros, mas de nós é que eles não são amigos...

Entretanto, já nos instalaram no pátio, debaixo das janelas das celas. Há mordaças nas janelas, a gente não os pode ver, mas de lá, com voz rouca e com boas intenções eles aconselham-nos: «Tiozinhos! Aqui há a regra seguinte: na busca é costume confiscar tudo o que se pode derramar, tal como o chá e o tabaco. Quem tiver coisas dessas que as atire para aqui, para as nossas janelas, depois nós as devolveremos.» Que sabemos nós acerca disso? Somos patos. Talvez seja verdade, tirarem-nos o chá e o tabaco. Lemos na grande literatura muitas páginas acerca da solidariedade universal entre os presos. Um preso não

enganar outro preso! E eles dirigem-se a nós de forma simpática: «Tiozinhos!» Nós lançamos-lhes os saquinhos com o tabaco. Como ladrões de gema, lá pescam os saquinhos e riem-se de nós. «Eh!, fascistas simplórios!»

Eis as palavras de ordem que nos aguardam nos centros de trânsito, embora não estejam penduradas nas paredes: «Aqui não busques a verdade! Tudo o que possuis tens de entregá-lo!» «Tens de entregá-lo!», é o que repetem o guarda, a escolta e os gatunos. Estás esmagado, abatido com a tua intransponível condenação, e pensas como tomar alento, mas à tua volta todos pensam no melhor modo de te saquear. Tudo está preparado para criar vexames ao já desanimado e abandonado preso político. «Tudo tem de ser entregue...» O guarda do campo de trânsito Gorki abana a cabeça com ar de fatalismo e Hans Bernestein entrega-lhe, com alívio, o seu dólman de oficial. Não de graça, mas por duas cabeças de cebola. Para quê queixar-se dos gatunos se se verifica que todos os vigilantes de Krasnaia Pressnia calçam botas de pele de bezerro que ninguém lhes forneceu? Tudo isso foi limpo pelos gatunos nas celas e depois trocado com os guardas.

Para que queixar-se dos gatunos, se o monitor da secção cultural educacional da administração do campo é um gatuno e escreve o curriculum dos políticos do campo de trânsito de Kemerovo? Reclamar justiça contra os gatunos no centro de trânsito de Rostov, se desde há muito é esse o seu feudo?

Diz-se que em 1942, no centro de trânsito de Gorki, os oficiais presos (Gavrilov, o técnico militar Chebetin e outros) se insurgiram, espancaram os ladrões e os obrigaram a baixar cabeça. Mas isto é algo de lendário. Metê-los na ordem dentro de uma cela? Seria por muito tempo? E para onde estavam a olhar os bonés-azuis, quando os estranhos espancavam os socialmente próximos? Quando se ouve contar que no centro de trânsito de Ko-tlas, nos anos 40, os delinquentes comuns arrancaram o dinheiro das mãos dos políticos, que faziam bicha na cantina, e estes começaram a espancá--los, de tal maneira que a guarda teve de intervir em defesa dos gatunos, com

metralhadoras, então já não há dúvida alguma de que a verdade vem à tona!

Oh, famílias insensatas! A correrem de um lado para o outro a pedir dinheiro emprestado (porque em casa não há dinheiro) para mandar-te alguns objectos e alimentos (o último óbolo da viúva), mas é uma dádiva empeçonhada, porque de um ser faminto mas livre transformaram-te num ser inquieto e cobarde, privando-te da incipiente lucidez e dessa firmeza ponderada que são as duas coisas mais preciosas antes da queda no precipício. Oh, sábia parábola do camelo e do buraco da agulha! Ao reino celestial do espírito liberto não te deixam ascender com esses bens. E outros que vieram contigo na carrinha traziam esses mesmos sacos. «Bando de canalhas», vociferavam já, durante o transporte, os gatunos. Eles eram dois e nós meia centena, e por enquanto não nos tocavam. Mas agora estamos retidos já há dois dias na estação da Krasnaia Pressnia, no chão sujo, com as pernas encolhidas pelo aperto e, não obstante, nenhum de nós observa o que se passa à sua volta, todos procuram entregar as malas no depósito. Embora seja um direito nosso, os chefes de equipa

cedem apenas porque a prisão é moscovita, e nós não perdemos ainda o ar de moscovitas.

Que alívio! As coisas foram entregues. (Isso significa que seremos obrigados a dá-las não neste centro de trânsito, mas noutro mais adiante.) Só as trouxas com os nossos pobres alimentos se balanceiam ainda nas nossas mãos. Puseram demasiados castores juntos. Começam a baralhar-nos, distribuindo-nos por diversas celas. Põe-me com o Valentim, o mesmo que comigo assinou há dias a condenação pela O. S. O. e que enternecidamente se propunha começar uma nova vida no campo. Empurram-nos para uma determinada cela. Não se encontra ainda cheia até ao tecto: o corredor está livre e debaixo das tarimbas há muito espaço. Segundo a disposição clássica, os beliches do segundo andar são ocupados por gatunos: os mais antigos ficam junto das janelas; os mais novos, mais distanciados. Nos do meio, está a massa cinzenta e neutra. Ninguém nos ataca. Inexperientes,

sem olhar em torno, sem calcular, arrastamo-nos pelo solo asfaltado, debaixo das tarimbas, pois ali

estaremos mais cómodos. As tarimbas são baixas e os homens robustos, para entrar lá, têm de deitar-se no chão, rastejando. Conseguiram-no. Aqui estaremos estendidos e, calmamente, conversaremos. Mas não! Na baixa penumbra, com um sussurro silencioso, de gatas, como grandes ratazanas, arrastam-se de todos os lados, com cautela, os menores: são ainda garotos, alguns mesmo de doze anos, mas o código admite-os também, eles já passaram pelo tribunal, por roubo, e continuam agora aqui a aprendizagem, juntos com ladrões. Lançaram-nos contra nós! Eles rastejam, pela calada, de todos os lados, em direcção a nós, e uma dezena de mãos vão-nos tirando e arrancando o que temos debaixo dos nossos corpos.

E tudo isto em silêncio, apenas com guinchinhos de maldade. Estamos metidos numa armadilha: não podemos nem levantar-nos, nem mexer-nos. Um minuto depois de nos terem arrancado a saca com toucinho, açúcar e pão, haviam-se já sumido, e nós sempre deitados. Abandonámos sem combate os alimentos e agora podíamos ao menos permanecer na cama, mas é já impossível. Mexendo comicamente as pernas, pomo-nos de gatas, com o traseiro contra as tarimbas.

Sou, por acaso, cobarde? Parece-me que não. Eu meti-me directamente debaixo do bombardeio, na estepe aberta. Decidi ir por uma vereda, sabendo que estava minada com bombas antitanques. Fiquei completamente imperturbável ao retirar a bateria do cerco, e ainda regressei para retirar um carro avariado. Porque não agarro agora num destes homens-ratazanas e lhe esfrego o focinho rosado no asfalto negro? É pequeno? Bem, não há senão que atirar-se aos adultos. Não... Será que na frente nos fortalece uma certa consciência suplementar (talvez completamente falsa) da unidade do nosso exército? Do nosso serviço? Do nosso dever? Aqui nada disso nos é dado, não há regulamento, e tem de se descobrir tudo tacteando.

Ponho-me de pé, e volto-me para o mais velho, para o «alcaide». Nos beliches do segundo andar, ao lado da janela, todos os alimentos furtados lá estão diante dele: os garotos-ratazanas não levaram nada à boca, pois são disciplinados. Essa parte da cabeça que nos seres bípedes se chama habitualmente cara, neste «alcaide» foi esculpida pela natureza com repulsão e desamor, ou talvez que a sua vida de rapina a tornasse assim: uma tromba descaída, uma frente

estreita, uma cicatriz antiga e coroas recentes de aço nos dentes da frente. Os seus olhos pequenos, da medida justa para verem sempre os objectos conhecidos, sem se surpreenderem com as belezas do mundo, olham para mim como o javali fixa o veado, sabendo que me pode atirar sempre ao chão.

Ele espera. E que faço eu? Dou um salto para alcançar esse focinho com o punho, ainda que seja uma só vez, caindo torpemente no chão no corredor? Ah, não...

Serei acaso um miserável? Até ao presente, parece-me que não. Mas aí

Está parece-me ultrajante, depois de roubado e humilhado, rastejar outra vez para debaixo da tarimba. E, indignado, digo ao «alcaide» que, uma vez que me furtou os alimentos, podia ao menos dar-nos lugar nos beliches. Bem, para alguém da cidade, para um oficial, não será isso uma reivindicação natural?) ,

Pois quê? O «alcaide» concorda. E que dessa forma eu reconheço ter dado o toucinho, reconheço o seu poder supremo; e revelo uma identidade com os seus pontos de vista. Ele também teria desalojado os mais débeis. E ordena aos dois indivíduos de cor neutra que saiam dos beliches debaixo, ao lado da janela, e nos cedam o lugar. Eles, submissamente, saem. Deitamo-nos nos melhores sítios. Durante algum tempo sofremos ainda pelas nossas perdas (os gatunos não se sentem muito atraídos pelas minhas calças de montar, não é farda que lhes convenha, mas um dos ladrões já começa a apalpar as calças de lã de Valentim, gosta delas). E só pela noite chega até nós o sussurro de reprovação dos vizinhos: como podemos pedir protecção aos gatunos e desalojar dois dos nossos para debaixo dos beliches? E só nesse instante a noção da minha baixeza me penetra e me invade o rubor (durante muitos anos corarei de vergonha ao recordá--lo). Os presos cinzentos de debaixo dos beliches, esses são irmãos meus, segundo o,artigo 58-1-b, são prisioneiros. Não há muito já que eu jurava interessar-me pelo destino deles? E agora empurro-os para debaixo dos beliches! É verdade que eles não nos defenderam contra os gatunos, mas porque é que eles devem bater-se pelo nosso toucinho, se nós próprios

não nos batemos? Os cruéis combates durante o cativeiro dissuadiram-nos frequentemente de agir com nobreza. De todas as formas, eles não me fizeram mal a mim, e eu fiz-lho a eles.

Assim temos de bater, de bater com os costados e com os focinhos, para nos tornarmos pessoas, com os anos... Para nos tornarmos pessoas...

Mas se o centro de trânsito debulha e descasca o novato, é-lhe, apesar de tudo, necessário, necessário! Constitui uma passagem gradual para o campo. O coração humano não poderia resistir a uma passagem brusca. A sua consciência não poderia rapidamente orientar-se no meio dessas trevas, "á que habituar-se pouco a pouco.

Além disso, o centro de trânsito dá a impressão ainda de se estar em "ligação com a família. É daqui que se escreve a primeira carta legal: às vezes, comunicando que não se foi fuzilado; outras vezes, informando a direcçao da leva. São estas as primeiras palavras, sempre raras, que pode enviar aos seus um homem que foi trabalhado pelo interrogatório. Em casa, ainda se lembram dele, como era dantes, mas ele é que já não voltará a ser o

mesmo. E isso revela-se bruscamente, como um relâmpago), ao rabiscar Uma.linha irregular. Irregular porque, ainda que a carta do centro de trânsito

se)é permitida, e no pátio esteja suspensa uma caixa do correio, não se

pode conseguir papel, nem lápis e muito menos com que o aparar. Entretanto, sempre se encontra o invólucro de um maço de cigarros ou de um pacote de açúcar, e com umas indecifráveis garatujas consegue-se escrever umas linhas, sobre que assentam depois a harmonia ou a desarmonia da família.

As mulheres imprudentes, às vezes, devido a uma dessas cartas, vão a toda a pressa tentar ver o marido, que ainda está no centro de trânsito, embora nunca lhes concedam uma visita, e só podem chegar a tempo de carregá-lo com mais coisas. Uma dessas mulheres, a meu ver, poderia servir de símbolo, por um momento, a todas as esposas, a quem ela mesma indicaria o lugar.

Isto sucedeu no centro.de trânsito de Kuibichiev, em 1950. O centro estava situado numa depressão (donde, no entanto, se divisava a entrada de Jiguli, no Volga), e logo a seguir a ela, fechando-lhe o horizonte, estendia--se, a oriente, uma alta e prolongada colina verdejante. Esta colina ficava do outro lado da zona, a maior altura, e nós, de baixo, não víamos como, no exterior, se podia chegar até lá. Raramente aparecia por ali alguém, às vezes pastavam umas cabras, corriam umas crianças. E eis que num dia de Verão nevoento, no ponto mais alto, apareceu uma mulher com ar citadino. Pondo a mão como viseira, ela começou a examinar a nossa zona, desde cima. Nesse momento passeavam em diferentes pátios presos de três celas muito povoadas, e entre essas três densas centenas de formigas anónimas ela queria distinguir o seu marido, perdido nesse abismo! Teria ela a esperança de que o seu coração lho designasse? Por certo que lhe tinham recusado a entrevista e que ela subira até esse monte. Notaram-na em todos os pátios, todos a viram. Na depressão não fazia vento, mas lá em cima soprava bastante. O vento agitava e revolteava o seu longo vestido, o casaco e os cabelos, mostrando todo o amor e inquietação que nela havia.

Eu penso que a estátua de uma mulher assim, precisamente ali, na colina sobre o centro de trânsito, face à entrada de Jiguli, tal como ela, poderia, mais que não fosse, explicar algo aos nossos netos...7

Não se sabe porquê, durante longo tempo não a expulsaram dali. Talvez a guarda tenha tido preguiça de subir. Mais tarde subiu um soldado até lá, pôs-se a gritar e a esbracejar, e expulsou-a.

7 Mais tarde ou mais cedo há-de reflectir-se nos monumentos esta história secreta, quase perdida, do nosso Arquipélago! Por exemplo, perante mim descortina-se este: algures, em Kolima, nas alturas, um gigantesco Staline, de tamanho igual àquele com que sonhava ver-se a si mesmo, com uns bigodes de vários metros, com um sorriso de comandante de campo de concentração, com uma mão a puxar as rédeas e a outra a agitar um chicote, açoitando a atrelagem, e, nesta, centenas de pessoas, de cinco em cinco, a puxar a carga. Na região de Tchukotia, perto do estreito de Béringue também ficaria bem. (Quando isto já estava escrito, li o livro Alto Relevo na Rocha. Isso significa que há algo a tirar desta ideia!... Diz-se também que na montanha Mogutova, em Jiguli, sobre o Volga, a um quilómetro do campo de concentração,

havia um enorme Staline, pintado a óleo na rocha, para que se visse dos barcos.)

O centro de trânsito dá ainda aos presos vastos horizontes e amplitude A visão. Como é costume dizer-se, mesmo com a barriga vazia vive-se na alegria- No meio do movimento turbulento que aqui reina, a mudança de dezenas e centenas de pessoas, no meio da sinceridade dos relatos e das conversas (no campo não se fala assim, pois se teme, por toda a parte, cair nos tentáculos dos informadores), tu instruis-te, adquires ideias lúcidas e começas a compreender melhor o que se passa contigo, com o povo e até com o mundo. Qualquer tipo excêntrico, na cela, te revela coisas que tu nunca lerias.

De repente, metem na cela algo de prodigioso: um militar jovem, alto, com perfil romano, não rapado, de cabelos louros frisados, envergando uma farda inglesa. Dir-se-ia um oficial acabado de desembarcar, vindo directamente das costas da Normandia. Entra todo altivo, como se esperasse que diante dele todos se perfilassem. Acontece, simplesmente, que não

esperava ir encontrar-se entre amigos: há dois anos que fora preso, mas ainda não estivera em nenhuma cela, e até para aqui, para este centro de trânsito, tinha sido trazido secretamente, num compartimento separado de um stolipine. Mas eis que, imprevistamente, por negligência ou de propósito, o metem na nossa cavalariça comum. Ele percorre a cela, vê um alemão com a farda de oficial da Wehrmacht, mete-se com ele em alemão e já discutem os dois encarniçadamente, dispostos, segundo parece, a usar armas, se as tivessem. Depois da guerra, haviam já decorrido cinco anos, e a nós tinham-nos explicado que no Ocidente a guerra se fazia só para guardar as aparências. Assim, parecia-nos estranho verificar esta raiva mútua entre eles: durante todo o tempo em que o alemão esteve entre nós, russos, não chocamos com ele, mas antes nos dava vontade de rir.

Ninguém teria acreditado no relato de Erik Arvid Andersen, se não fosse a sua cabeça poupada à escovinha, que «ra o prodígio de todo o GULAG; se ele não tivesse porte estranho; se não fosse a sua fluência a falar inglês, alemão e sueco. Segundo dizia, era filho de um sueco não milionário, mas

multimilionário (bom, vamos admitir que exagerava), e pela linha materna sobrinho do general inglês Robertson, comandante da zona de ocupação inglesa na Alemanha. Cidadão sueco, durante a guerra servira como voluntário no exército inglês, tendo desembarcado na Normandia. Depois da guerra passou a ser um oficial sueco. No entanto, as inquietações sociais e o desejo de socialismo eram mais fortes nele do que o apego 30 capital do pai. Seguia com profunda simpatia o socialismo soviético e tinha-se convencido in loco do seu florescimento, quando chegou a Moscovo, fazendo parte da delegação militar sueca, e aqui lhes ofereceram banquetes, os levaram a casas de campo particulares, não lhes tendo dificultado em nada o contacto com simples cidadãos soviéticos, comunistas, artistas, que não pareciam exercer qualquer trabalho e que gostosamente passavam o tempo com eles, mesmo em privado. E, convencido definitivamente

do triunfo do nosso regime, Erik, ao regressar ao Ocidente, fez declarações à imprensa, defendendo e

elogiando o socialismo soviético. Dessa forma excedeu as medidas e perdeu-se. Precisamente naqueles anos (1947-48), procurava-se por toda a parte encontrar jovens ocidentais avançados, dispostos a renegar publicamente o Ocidente (parecia que bastava aliciar dois deles para que o Ocidente estremecesse e se desmoronasse). Devido a um . artigo publicado nos jornais, Erik foi considerado um dos que convinha que fizessem parte desse número. Estando então de serviço em Berlim Ocidental, ele deixara a mulher na Suécia. Erik, por uma fraqueza masculina perdoável, visitava uma alemãzinha solteira em Berlim Oriental. Uma noite, deitaram-lhe o laço (não será baseado nisso o ditado: «Foi ver a comadre, e meteu-se entre as grades»? Mas isto é já antigo, e ele não é o primeiro). Conduziram-no a Moscovo, onde Gromiko, que noutros tempos tinha comido em casa de seus pai, em Estocolmo, e conhecia o filho, agora em hospitalidade recíproca, propôs ao jovem que renegasse publicamente o capitalismo, todo o capitalismo, e o próprio pai, prometendo-lhe uma confortável vida de capitalista entre nós, até ao fim dos seus dias. Mas, ainda que Erik materialmente não perdesse nada, com surpresa de Gromiko, ele indignou-se e dirigiu-lhe palavras ofensivas. Não

acreditando na sua firmeza, fecharam-no numa casa de campo perto de Moscovo, alimentando-o como um príncipe de contos de fadas (por vezes, ele era vítima de uma «terrível repressão»: não tomavam conta da ementa para o dia seguinte e, em lugar do desejado frango, inesperadamente levavam-lhe uma costeleta). Fornccceranvlhe as obras de Marx, Engels, Lenine e Staline e esperaram um ano para que ele se reeducasse. Surpreendentemente, tal não aconteceu. Então puseram-no na companhia de um ex-tenente-general, que já tinha passado dois anos em Norilsk. O cálculo era, provavelmente, que o ex--tenente-general faria dobrar a cabeça de Erik, perante os horrores dos campos. Mas ele cumpriu mal essa tarefa ou não a quis cumprir. Os dez meses de permanência conjunta só serviram para Erik aprender um russo estropiado, guardando toda a sua repugnância em face dos bonés-azuis. No Verão de 1950 convidaram Erik, uma vez mais, para uma entrevista com Vichinski, e ele de novo se negou (o que estava absolutamente fora da regra, segundo a qual a existência determina a consciência!). Então, o próprio Abakumov leu a Erik a condenação a vinte anos de reclusão prisional (porquê?). Eles próprios já lamentavam ter-se metido com esse filho de uma família rica, mas não era

possível deixá-lo voltar para o Ocidente. E foi assim que o conduziram num compartimento à parte, onde escutou através da parede o relato da estudante moscovita, vendo, ao amanhecer, através da janela, a Rússia de Riazan, com tectos de palha apodrecida.

Esses dois anos convenceram-no da razão do Ocidente. Ele acreditava cegamente nos países ocidentais, não queria reconhecer as suas fraquezas, considerava indestrutíveis os seus exércitos e impecáveis os seus políticos. Não acreditava no nosso relato de que durante o tempo da sua reclusão

Staline se atrevera a decidir o cerco de Berlim e que se tinha saído completamente bem. O pescoço de leitosa brancura e as faces algo tostadas de Erik acendiam-se de indignação quando nós ridicularizávamos Churchill- ou Roosevelt. Ele estava igualmente certo de que o Ocidente não consentiria na sua detenção; que agora, através de informações emanadas do centro de trânsito de Kuibichiev, a contra-espionagem viria a saber que Erik não se afogara no rio Spree, mas estava preso na União

Soviética, e seria resgatado ou trocado. (Com esta fé na particularidade do seu destino, entre os destinos dos outros presos, ele fazia recordar os nossos bem-intencionados ortodoxos. Apesar das nossas fogosas discussões, ele convidou-me a mim e ao meu amigo para o visitarmos em Estocolmo, quando a ocasião se proporcionasse «A nós, todos nos conhecem», dizia ele, com riso fatigado. «É o meu pai que mantém praticamente o palácio do rei da Suécia».) Mas enquanto o filho do multimilionário não tinha com que limpar-se, eu ofereci--lhe uma toalha rota que tinha. E depressa foi incorporado numa leva.8

E o vaivém continua! Trazem-nos, levam-nos, um por um e aos molhos, enviam-nos sabe-se lá para onde, em levas. Tudo tem um ar tão sério e tão inteligentemente planeado que não se pode acreditar que nisso existia tanto absurdo.

Em 1949, são criados os campos especiais e, por uma decisão superior, uma massa de mulheres é transferida dos campos do Norte europeu e da região do Volga, passando pelo centro de trânsito de Sverdlovsk, para a Sibéria, para Tachquent e Oziorlag. Mas desde 1950 que alguém considerou conveniente voltar a concentrar as mulheres não em

Oziorlag, mas em Dubrovlag e em Temnik, na República da Mordóvia. E eis que essas mesmas mulheres, experimentando todas as comodidades das viagens de GULAG, se arrastam, através do mesmo centro de trânsito de Sverdlovsk, para o Ocidente. Em 1951, são criados novos campos especiais na região

8 Até hoje, tenho perguntado a suecos que ocasionalmente tenho conhecido ou a pessoas que visitam a Suécia: como encontrar essa família? Ouviram falar dessa pessoa desaparecida? Como resposta, só tive sorrisos: Andersen, na Suécia, é o mesmo que Ivanov na Rússia, esse multimilionário não existe. E só agora, ao cabo de vinte e dois anos, relendo este livro Pela última vez, me apercebi: é claro que o PROIBIRAM de dizer o seu verdadeiro nome e apelido! Ele tinha sido prevenido, naturalmente por Abakumov, de que nesse caso o ANIQUILAVA! F. lá foi através dos centros de trânsito como um Ivanov sueco. E só ia deixando os Pormenores acessórios da sua biografia, que não lhe haviam sido proibidos, na memória das Pessoas que casualmente encontrava, como vestígios da sua vida destruída. Mais exactamente> ele ainda tinha esperanças de salvá-la humanamente, como milhões de patos que figuram

neste livro: de momento estava preso, mas mais tarde o Ocidente indignado libertá-lo-ia. Ele "ao compreendia a fortaleza do Oriente. E não compreendia que uma testemunha que tinha Qado provas de TAL firmeza - inconcebível para o frágil Ocidente - não seria jamais libcrta-"a- E, no entanto, talvez ainda hoje esteja vivo. (Nota de 1972.)

de Kemerovo (Kamichlag). É lá que se necessita de trabalho feminino! È as infelizes mulheres vão dar agora aos campos de Kemerovo, passando por este maldito centro de trânsito de Sverdlovsk. Chegará o tempo da libertação. Mas não para todas. E as mulheres que continuam a cumprir a pena, no meio do abrandamento geral do período de Kruchtchev, são levadas de novo da Sibéria, através do centro de trânsito de Sverdlovsk, para a Mor-dóvia: é mais seguro reuni-las a todas.

Bom, a nossa economia é fechada, as ilhas do Arquipélago pertencem--nos e as distâncias para o homem russo não são assim tão extensas.

Sucedia o mesmo com alguns zeks, os pobrezinhos. Chendrik, rapaz alegre e grandalhão, de rosto simples, era como soe dizer-se um trabalhador honesto de um dos campos de concentração de Kuibichiev e não pressentia que a desgraça ia abater-se sobre si. Mas ela sobreveio. Chegou ao campo uma ordem urgente, e não de um qualquer, mas do próprio ministro do Interior! (Donde é que o ministro podia conhecer a existência de Chendrik?). Havia que fazer chegar imediatamente Chendrik a Moscovo, à prisão dezoito. Apanharam-no, levaram-no ao centro de trânsito de Kuibichiev, e daqui, sem o reter, conduziram-no a Moscovo, não para uma qualquer prisão dezoito, mas sim para a muito conhecida Krasnaia Pressnia. (O próprio Chendrik nada sabia acerca da existência de uma qualquer prisão dezoito, e nada lhe haviam comunicado.) Mas a sua infelicidade não dormia: não tinham ainda decorrido dois dias, quando o arrancaram de novo para as levas, conduzindo-o desta vez ao campo de Petchora. A natureza passava a ser cada vez mais pobre e sombria através da janela. O rapaz atemorizou-se: ele sabia que era uma disposição do ministro e que, se o conduziam assim rapidamente para o Norte, isso significava que o ministro tinha documentos terríveis

sobre Chendrik. Além de todas as canseiras do caminho, ainda roubaram a Chendrik o racionamento de pão de três dias para o caminho, chegando a Petchora a cambalear. Petchora recebeu-o sem brandura: faminto, com a roupa em desordem, mandaram-no trabalhar para a neve. Em dois dias não tivera tempo nem de enxaguar a camisa, nem de encher o colchão de ramos de abetos, quando o mandaram entregar tudo quanto pertencia ao campo, e de novo pegaram nele e o conduziram mais para além, até Vorkut. Tudo isso indicava que o ministro decidira apodrecer Chendrik, mas a verdade é que não era só ele, mas toda uma leva. Em Vorkut esteve mais um mês sem lhe tocarem. Participava nos trabalhos gerais, não se tendo restabelecido ainda das transferências, mas começava a resignar-se com o seu destino, que era viver no círculo polar. Um dia chamaram-no subitamente da mina, obrigaram-no a ir ao campo entregar tudo quanto tinha, e uma hora depois levavam-no para o Sul. Isto cheira-va-lhe já a um ajuste de contas pessoal! Conduziram-no a Moscovo, à cadeia dezoito. Mantiveram-no numa cela durante um mês. Depois, foi chamado por um certo coronel, que lhe perguntou: «Mas onde é que você se

tinha perdido? Você é realmente técnico de construção de maquinaria?»

Chendrik disse que sim. Então levaram-no... para as ilhas do Paraíso! (Sim, também há ilhas desse género, no Arquipélago!)

Este ir e vir de pessoas, estes destinos e estes relatos embelezam os centros de trânsito. E os velhos reclusos dos campos advertem: deita-te e deixa-te ficar quieto! Aqui ficas com o racionamento garantido[9], assim não cansas a corcunda. E quando não estiveres muito apertado podes dormir o tempo que quiseres. Estende-te e deixa-te ficar quieto desde uma ração de sopa a outra. Não estás recolhido, mas estás tranquilo. Só quem já viu os campos comuns compreende que o centro de trânsito é uma casa de repouso, uma felicidade no meio do nosso caminho. E isso tem ainda outra vantagem: quando se dorme de dia, a condenação corre mais depressa. É o dia que é preciso passar, pois a noite não se vê.

É certo que é o trabalho que faz o homem e que só o trabalho corrige o delinquente, acontecendo por vezes que há trabalhos auxiliares a executar ou que os

chefes das prisões de trânsito, engajando operários para aumentar as finanças por outros meios, enviam também a sua mão-de-obra trabalhar para o centro de trânsito.

No mesmo centro de trânsito de Kotlas, antes da guerra, esse trabalho não era nada mais ligeiro do que o do campo. Durante um dia de Inverno, seis a sete presos debilitados, atados com correias a trenós que normalmente são puxados por tractores, deviam arrastá-los durante DOZE quilómetros pelo rio Dvina, até ao delta do Vitchegda.

Enterravam-se na neve, caíam e os trenós atolavam-se. Parece não ser possível imaginar tarefa mais esfalfante! No entanto, não era ainda um trabalho, mas sim um desentorpecimento. Lá, no delta do Vitchegda, era preciso carregar nos trenós DEZ metros cúbicos de lenha, com a mesma gente e a mesma atrelagem (já morreu Repin e, para os novos pintores, isto já não é um quadro, mas uma reprodução grosseira da natureza),10 e arrastar os trenós até ao seu centro de trânsito! Assim, podes falar à vontade no teu campo! Nós morreremos antes! (O chefe de brigada destes trabalhos era Kopupaeiev, e os cavalos eram o engenheiro electricista Dmitriev, o

tenente-coronel da Intendência Beliaiev, e o nosso já conhecido Vassili Vlassov, sendo, no entanto, agora impossível reuni-los todos.)

O centro de trânsito de Arzamas, no tempo de guerra, alimentava os seus reclusos com folhas de beterraba. Em troca, o trabalho era exigido em princípio de base. Havia oficinas de costura e de fabricação de calçado de couro e de feltro (os ácidos de preparação da lã, para o feltro, eram elaborados em água escaldante).

9 Racionamento garantido pelo GULAG, quando não havia trabalho.

10 Repin, pintor russo, autor do famoso quadro Os Barqueiros do Volga. (N: dos T.)

No Verão de 1945, na cadeia de Krasnaia Pressnia, a fim de sairmos das celas asfixiantes, sem ventilação, íamos para o trabalho voluntariamente: isso dava-nos o direito de estarmos todo o dia a respirar ar livre; dava--nos o direito de nos podermos sentar sem pressas e sem impedimento numa retrete silenciosa, de madeira (meios de estímulo que são

frequentemente negligenciados!), sob o escaldante sol de Agosto (decorriam os dias de Potsdam e de Hiroxima), no meio do pacífico zumbido de uma abelha solitária; e, finalmente, o direito de recebermos, à noite, mais cem gramas de pão. Conduziam-nos ao cais do rio Moscóvia, onde descarregávamos toros. Devíamos fazê-los rolar de uma das pilhas e amontoá-los noutras. Despendíamos muito mais força do que a recompensa que recebíamos, contudo lá íamos satisfeitos.

Tenho frequentemente de corar de vergonha ao recordar os meus anos de juventude (e foi nos campos que eles decorreram!). Mas aquilo que mais amarga é o que mais nos ensina. Sucedeu que os galões de oficial, dois anos ao todo, estremeceram e baloiçaram sobre os meus ombros, sacudindo o venenoso pó dourado que se acumula no vazio, entre as costelas. Nesse mesmo cais fluvial havia também um pequeno campo de trabalho, cercado de.uma zona com torres de vigia. Nós éramos de fora, trabalhadores temporários, e não havia conversas nem rumores que nos pudessem indicar que nos deixariam naquele campo a cumprir a pena. Mas quando nos formaram pela primeira vez e o responsável pelo trabalho

passou por diante de nós, ao longo da formatura, para escolher, pelo aspecto, os chefes de brigada temporários, o meu insignificante coração, sob a camisola de lã, ardia de desejo: a mim!, a mim!, nomeia-me a mim!

Não me nomearam. Para que é que eu desejava isso? Só teria cometido erros mais vergonhosos.

Oh!, como é difícil perder o gosto do poder!... É preciso compreender isto.

Houve um tempo em que Krasnaia Pressnia quase se tornou a capital do GULAG, no sentido em que não era possível evitá-la, qualquer que fosse o lugar para onde se tivesse de ir, tal como sucede com Moscovo. Do mesmo modo que, na nossa União, é mais cómodo ir de Tachquent a Sotchi e de Tchernigov a Minsk através de Moscovo, assim também os presos, fosse qual fosse o lugar donde vinham, eram conduzidos através da Pressnia. Foi nessa época que aí fui parar. Pressnki não podia suportar mais essa superlotação. Construíram um pavilhão suplementar. Só as composições ferroviárias para gado com os condenados por contra-espionagem passavam ao

longo de Moscovo pela linha circular, ao lado da Pressnia, saudando-a, talvez, com os seus apitos.

Mas ao chegar a Moscovo, para fazer a transferência, dão-nos, de algum modo, um bilhete, com a esperança de cedo ou tarde seguirmos o nosso rumo. Em Pressnia, no fim da guerra e depois dela, não só os novatos,

mas também as mais altas instâncias e mesmo os chefes de GULAG, ninguém podia prever para onde iria cada um. As regras prisionais ainda não tinham cristalizado, como nos anos cinquenta. Não havia qualquer indicação escrita quanto aos itinerários, nem quanto ao ponto de destino, e apenas talvez notas de serviço: «Vigilância rigorosa!», «Utilizá-los só nos trabalhos gerais!» As pastas dos ASSUNTOS prisionais estavam todas rasgadas, atadas aqui e ali com um barbante desfiado ou com um sucedâneo de papel, sendo entregues pelos sargentos da escolta num gabinete da prisão, uma barraca de madeira isolada, e lançadas para prateleiras de tábuas, sobre mesas, debaixo das mesas e de cadeiras ou

simplesmente no chão do corredor (à semelhança dos seus «protótipos», que estavam deitados nas celas, jazendo desatadas, espalhadas e misturadas. Uma, duas, três dependências ficavam obstruídas com esses casos misturados. As secretárias da administração prisional, mulheres livres, gordas e preguiçosas, com vestidos sarapintados, transpiravam de calor, abanavam-se e namoriscavam com os oficiais da prisão e da escolta. Nenhuma delas queria nem tinha forças para remexer naquele caos. Mas era necessário dar saída às composições vermelhas, à razão de uma p'or semana. E todos os dias, em camiões, se expediam centenas de pessoas para campos próximos. Juntamente com cada zck, era necessário a sua pasta. Quem se ocupava deste trabalho obscuro? Quem seleccionava os casos e escolhia as levas?

Essa tarefa era confiada a vários chefes de equipa, ora gatunos, ora fúrtacores", escolhidos entre os «emboscados» do centro de trânsito. Eles andavam à vontade pelos corredores da prisão, entravam livremente no edifício da administração e deles dependia pegar na tua pasta e pôr-te numa leva MÁ ou fechar os olhos por muito tempo e procurar meter-

te numa BOA. (Quanto ao facto de haver campos inteiramente funestos, nisso os novatos não se enganavam, mas quanto a existirem alguns bons, isso era puro engano. «Bons» poderiam ser não os campos, mas certos destinos nesses campos. Isso, porém, arranja-se chegando lá.) Que todo o futuro dos presos dependesse de outro preso, com o qual era necessário aproveitar uma ocasião para arranjar-se (mesmo que fosse através do banheiro), a quem era necessário talvez untar as mãos (mesmo que fosse através do chefe do armazém), isso era pior do que se a vida se jogasse aos dados. Esta sorte secreta e eventualmente falhada - em troca de um casaco de couro ir parar a Naltchik em vez de Norilsk; em troca de um quilo de toucinho ir para Serebriani-Bor em vez de Taichet (e podia também suceder que se perdesse em vão o casaco de couro ou o quilo de toucinho) - era coisa que só

" Furta-cores eram os que confinavam, pelo seu espírito, com o mundo do roubo, procurando adoptá-lo, mas que ainda não tinham sido integrados na lei dos ladrões.

466

remordia e agitava as almas fatigadas. Talvez que desse modo alguém conseguisse êxitos, talvez que desse modo alguém se arranjasse, mais os mais felizes eram aqueles que nada tinham para dar ou que se mantinham à margem dessa balbúrdia.

A resignação em face do destino, a renúncia a toda a veleidade de organização da sua vida, o reconhecimento de que não se podia prever nem o melhor nem o pior, de que o mais fácil era dar um passo em falso de que ele mesmo se havia de arrepender - tudo isso libertava o preso de uma parte das suas algemas, tornando-o mais tranquilo e até mais sublime.

Assim, os presos jaziam encostados uns aos outros nas celas, e os seus destinos empilhavam-se em irremovíveis montões nas dependências da administração da prisão, enquanto Os chefes de equipa tiravam as pastas donde era mais fácil chegarem-lhes. Assim alguns zeks tinham de passar dois e três meses nesta maldita Pressnia; em compensação, outros saíam de lá com uma velocidade de meteoritos. Devido a essa precipitação, pressa e

desordem das pastas, acontecia haver às vezes em Pressnia (e noutros centros de trânsito) troca de sentenças. Para os do cinquenta e oito não havia qualquer risco, dado que o seu tempo de condenação, para usar a expressão de Gorki, era Tempo com letra maiúscula, pois as suas penas, de tão severas, pareciam que nunca chegavam ao fim. Mas para os ladrões, para os criminosos, tinha sentido trocar o seu «tempo» com o de qualquer simplório. E eles próprios ou os seus colaboradores escolhiam um desses tansos, saudando-o discretamente, e ele, desconhecendo que quem tem uma pena curta nada deve revelar a seu respeito no centro de trânsito, dizia, com ingenuidade, que se chamava, digamos, Vassili Parfienitch Evrachin, que nascera no ano de 1913, em Semidub, onde vivia, sendo a sua pena de um ano, segundo o artigo 109, por negligência. Posteriormente, Evrachin dormia, ou talvez não dormisse, mas havia dentro da cela um tal rumor, e diante do postigo entreaberto um tal aperto, que não era possível chegar até lá e escutar, quando no estreito corredor, por detrás dele, liam a toda a pressa a lista dos apelidos que faziam parte da leva. Depois gritavam alguns nomes das portas para as celas, mas não o de Evrachin, porque Jogo que haviam

mencionado o respectivo apelido no corredor, o obsequioso gatuno (eles sabem ser obsequiosos quando é necessário) tinha adiantado o focinho respectivo, e logo, em voz baixa: «Vassili Parfienitch, do ano de 1913, da aldeia de Semidub, artigo 109, um ano», apressando-se a ir buscar as suas coisas. O autêntico Evrachin, quanto a ele, bocejava, estendia-se na tarimba e esperava pacientemente que o chamassem, amanhã, ou dentro de uma semana, ou dentro de um mês, e depois lá se atrevia a ir incomodar o chefe do pavilhão, perguntando porque não o incluíam numa leva. (Entretanto um tal Zviaga era chamado todos os dias por todas as celas.) E quando, ao cabo de um mês ou de meio ano, encontravam tempo de os submeter todos, um por um, a uma convocação CASO POR CASO, aparece uma pasta a mais: a de Zviaga, reincidente, por duplo crime e pilhagem de uma

loja, condenado a dez anos, enquanto um tímido preso se apresenta como Evrachin, mas na fotografia não se distingue nada - o que Significa que é Zviaga,

sendo necessário metê-lo num acampamento militar de Ivdel-Lag, pois de outra maneira deve reconhecer-se que houve engano no centro de trânsito. (E o outro Evrachin, o que enviaram na leva, não se pode saber agora onde está, pois não se fez qualquer lista. Mas ele, condenado a um ano, foi enviado numa missão de trabalho para a agricultura, sem escolta, contando três dias por um, tendo fugido - pelo menos, há muito que já está em casa, ou, o que é mais certo, outra vez na cadeia com uma nova condenação.) Havia também alguns excêntricos que VENDIAM a sua pequena sentença por um ou dois quilos de toucinho. Consideravam que, depois, se havia de aclarar tudo e se restabeleceria a sua identidade. O que em parte era exacto.12

Nos anos em que as pastas dos presos não tinham indicação do destino, os centros de trânsito converteram-se em mercados de escravos. Os compradores passaram a ser hóspedes bem-vindos, e esta palavra ouvia-se com crescente frequência nos corredores e nas celas, sem qualquer ironia. Como em qualquer indústria, no GULAG não se podia esperar que a administração fizesse dotações, sendo necessário mandar bufos e puxa-línguas: os

indígenas morriam em massa nas ilhas; ainda que não valessem um rublo, entravam na conta e havia que preocupar-se em levá-los, para cumprir o plano. Os compradores deviam ser pessoas sagazes, com bons olhos, para ver bem o que levavam e não deixar que incluíssem na mercadoria arrivistas e inválidos. Eram maus compradores os que escolhiam uma leva em função das pastas. Os mais escrupulosos exigiam que soltassem diante deles a mercadoria viva e nua. Sim, eles diziam sem um sorriso: a mercadoria. » Que género de mercadoria trouxeram?», perguntava o comprador na estação de Butirki, vendo e examinando, segundo todas as regras, Ira Kali-na, rapariga de dezassete anos.

Se a natureza humana evolui, não é com muito mais rapidez do que o aspecto geológico da Terra. E esse sentimento de curiosidade, deleite e prazer que há vinte e cinco séculos dominava os esclavagistas no mercado de escravos, dominava também, naturalmente, os funcionários do GULAG, na prisão de Usman, em 1947, quando duas dezenas de homens com a farda do Ministério de Segurança do Estado se sentaram por detrás de algumas mesas, cobertas com lençóis (isso para dar ao acto maior

dignidade, de outra forma seria incómodo), e todas as mulheres presas tiveram de despir-se na box vizinha, e passar nuas e descalças diante deles, dar a volta,

12 Além do mais, como escreve P. Yakubovitch, o tráfico dos «mendrugos» existia já no século passado. É um velho truque prisional.

parar e responder às perguntas. «Baixe os braços!», indicavam eles àquelas que adoptavam as atitudes de protecção das estátuas antigas (pois os oficiais deviam escolher conscienciosamente as suas concubinas, para si e para os que os cercavam).

Eram assim, nestas suas várias manifestações, que a sombra penosa da luta futura no campo vinha ofuscar no preso novato as ingénuas alegrias espirituais da prisão de trânsito.

Um dia, meteram na nossa cela de Pressnia um chefe de equipa especial, e ele dormiu ao meu lado durante duas noites. O ser objecto de trata7 mento especial significava que na Administração Central tinham escrito uma nota que o seguia de campo em campo, e

onde se dizia que ele era técnico de construção e só nessas condições podia ser utilizado em cada novo lugar. O chefe de equipa especial viaja num stolipine normal, instala-se em celas comuns na prisão de trânsito, mas a sua alma não estremece: ele está defendido pela nota e não o mandam cortar árvores num bosque.

Uma expressão cruel e decidida, tal era a marca mais visível no rosto deste recluso, que já tinha cumprido grande parte da pena a que fora condenado. (Eu não sabia ainda que esta expressão era o estigma nacional dos ilhéus do GULAG. As pessoas com expressão suave e condescendente morrem rapidamente nas ilhas.) Ele observava as nossas primeiras discussões com um sorriso igual ao que se tem para os cachorros de duas .semanas.

O que é que nos esperava no campo? Compadeccndo-se de nós, ele ensinava:

- Desde os primeiros passos no campo cada um procurará enganar--vos e roubar-vos. Não se fiem em ninguém, excepção para vós mesmos! Olhem em volta e vejam se alguém se dispõe a morder-vos. Há oito anos atrás, quando cheguei ao Kargopo-Lag, era tão

ingénuo como vocês. Descarregaram-nos da composição e a escolta preparava-se para conduzir-nos: eram dez quilómetros até ao campo, por um caminho coberto de neve profunda e movediça. Chegaram três trenós. Um homem corpulento, que não

.foi impedido pela escolta, comunicou: «Irmãos, ponham aí as coisas, nós levá-las-emos!» E nós lembrámo-nos: tínhamos lido algures que as coisas dos presos eram levadas em carroças. Não era assim tão inumano, o campo. Eles eram solícitos. Lá colocámos as coisas. Os trenós partiram. Foi tudo. Nunca mais os vimos. Nem sequer as embalagens vazias.

- Mas como pode ser isso? Não há uma lei?

- Não façam perguntas idiotas. Há uma lei. A lei da selva. Mas justiça nunca houve no GULAG, nem haverá. Este caso de Kargopo-Lag é simplesmente um símbolo de GULAG. Depois acostumar-vos-eis: no campo ninguém faz nada em vão, ninguém faz nada por bondade. É necessário pagar por tudo. Se alguém propõe alguma coisa desinteressadamente, é preciso saber se se trata de alguma partida, de alguma

provocação. Mas o mais importante é evitar os trabalhos gerais! Evitai-os desde o primeiro dia! Se no primeiro dia cairdes nos trabalhos gerais, estais perdidos para sempre.

— Trabalhos gerais?

- Os trabalhos gerais são os trabalhos essenciais, os que estão na base da vida num campo. Neles participam oitenta por cento dos presos. E todos eles perecem. Todos. E trazem outros em sua substituição, ainda para os trabalhos gerais. Aí despendeis as últimas forças. E estareis sempre famintos. E sempre molhados. E sem botas. E roubados no peso. E roubados na medida. E nas piores barracas. Sem qualquer tratamento. No campo, os únicos que VIVEM são aqueles que NÃO participam nos trabalhos gerais. Esforçai-vos, custe o que custar, por não participar nos trabalhos gerais! Desde o primeiro dia.

A qualquer preço!

A qualquer preço?

Em Krasnaia Pressnia eu assimilei e aceitei estes conselhos, em nada exagerados, do impiedoso chefe de equipa especial, esquecendo-me apenas de lhe perguntar: «E qual a medida desse preço? Onde está o limite desse preço?»

Ill

CARAVANAS DE ESCRAVOS

É esgotante andar num stolipine; é insuportável viajar numa carri-|_j nha; depressa atormenta, igualmente, o centro de trânsito. O melhor seria evitar tudo isso e seguir rapidamente para o campo, nos vagões vermelhos.

Os interesses do Estado e os interesses do indivíduo coincidem, como sempre, também aqui. É também vantajoso para o Estado enviar os presos para o campo por um itinerário directo, sem sobrecarregar as ruas da cidade, os transportes rodoviários e o pessoal dos centros de trânsito. Há muito que isto foi compreendido e assimilado perfeitamente no GULAG: caravanas de sarampelos (vagões vermelhos para gado), caravanas de batelões e, lá onde não há carris

nem água, caravanas de peões (não se permite que os reclusos utilizem cavalos nem camelos).

As composições ferroviárias vermelhas* são sempre vantajosas onde os tribunais funcionam rapidamente ou onde os campos de trânsito estão abarrotados. Pode enviar-se, conjuntamente, uma grande massa de presos. Assim foram expedidos milhões de camponeses nos anos 1929-31. Assim foi deportado Leninegrado para fora de Leninegrado. Assim se povoou, nos anos trinta, Kolima: todos os dias, Moscovo, capital da nossa pátria, vomitava uma dessas composições em direcção à Sovietskaia-Gavan ou ao porto de Vani. E cada capital regional enviava também composições vermelhas, embora não diariamente. Desse modo, em 1941, a República dos Alemães do Volga foi expulsa para o Casaquestão e, desde então, todas as restantes nacionalidades tiveram igual sorte. Em 1945, foi em composições semelhantes que conduziram as filhas e os filhos pródigos da Rússia, a partir da Alemanha, da Checoslováquia, da Áustria, enfim, todos os que, desde as fronteiras ocidentais, foram, por si sós, para lá. Em 1949, foi assim que reagruparam em campos especiais os abrangidos pelo artigo 58.

Os stolipine circulam em conformidade com um vulgar quadro de trá-

fego ferroviário, as composições vermelhas em conformidade com uma ordem especial assinada por um importante general do GULAG. Os stolipi-nc não podem desembocar num lugar vazio, no seu término há sempre uma estação, uma localidade, ainda que seja insignificante, e uma cela de prisão preventiva, sob um tecto. Mas a composição vermelha pode ir parar a um sítio deserto: lá onde chega, junto a ela, eleva-se, do mar, da estepe, ou da taiga, uma nova ilha do Arquipélago.

Não ,é qualquer vagão vermelho que pode transportar imediatamente reclusos. Primeiro, deve ser preparado para isso.

Não no sentido que o leitor possa pensar: que seria necessário varrê-lo ou limpá-lo do carvão ou da cal que nele tenham sido transportados antes das pessoas, o que nem sempre é feito. E tão-pouco no sentido de que, se estamos no Inverno é preciso calafetá-lo e dotá-lo de uma estufa. (Quando foi

assente o troço da via férrea de Kniaj-Pogost a Roptchi, ainda não ligado à rede geral, começaram rapidamente a transportar reclusos através deles, em vagões onde não havia estufas nem tarimbas. No Inverno, os zeks jaziam sobre terra gelada e tão-pouco recebiam comida quente, porque o comboio conseguia percorrer o troço sempre em menos de um dia. Quem poderá admitir que seja possível alguém estar ali estendido e sobreviver essas dezoito-vinte horas? Mas sobrevive!) A preparação é esta: devem ser verificadas a integridade e a solidez do chão, das paredes e do tecto dos vagões; devem ser postas redes seguras nos seus pequenos postigos: deve abrir-se no pavimento um buraco para despejos e reforçá-lo especialmente, em volta, com um forro de latão bem pregado; devem distribuir-se pela composição, de modo regular e em quantidade suficiente, plataformas (nelas colocam-se os postos da escolta, com metralhadoras) e, havendo poucas plataformas, devem construir-se e montar-se escadinhas para subir ao tecto; devem escolher-se os lugares para instalar os projectores e deve assegurar-se o abastecimento de electricidade sem falhas; devem preparar-se martelinhos de madeira de cabo comprido; deve engatar-se um vagão do estado-maior e, se não houver, arranjar bem um vagão de

mercadorias com aquecimento para o chefe da guarda, para os delegados da polícia e os da escolta; devem instalar-se cozinhas para a escolta e para os reclusos. Só depois se pode escrever nos vagões, com giz, obliquamente: «maquinaria especial» ou «género deteriorável»! (No Sétimo Vagão, E. Guizburg descreveu muito bem o transporte nos vagões vermelhos, dispensando-nos agora, em grande parte, de mais pormenores.)

Uma vez terminada a preparação da composição, vem a complexa e autêntica operação marcial de embarque dos presos nos vagões. Nela há duas preocupações importantes e obrigatórias:

- Realizar o embarque a ocultas do povo;

- Aterrorizar os presos.

Ocultar o embaque aos habitantes é necessário porque na composição enfiam de uma só vez cerca de mil pessoas (vinte e cinco vagões, pelo me-

nos; não é como um pequeno grupo que se mete num stolipine, caso que se pode passar à vista de toda a

gente). Naturalmente as pessoas sabem que todos os dias e a todas as horas são efectuadas detenções, mas ninguém deve horrorizar-se com a sua visão no CONJUNTO. Em Oriol, em 1938, era impossível ocultar que na cidade não havia nenhuma casa que não tivesse alguém preso, além de que as carroças dos camponeses, com mulheres chorosas, engarrafavam a praça diante da prisão de Oriol, como no quadro de Surikov que mostra a execução dos strieltsi1. (Não haverá ninguém que nos desenhe isso alguma vez! Não o esperemos: não está na moda, não está na moda...) Mas o que é necessário é evitar mostrar ao nosso povo soviético que, num dia, enchem uma composição ferroviária (em Oriol, nesse ano, enchiam). E a juventude não deve ver isso: a juventude é o nosso futuro. Por isso, só de noite, todas as noites, cada noite, e, assim, durante vários meses, se conduzia, a pé, da prisão à estação, uma lúgubre coluna de homens (as «ramóhas» andavam ocupadas em novas detenções). É certo que as mulheres têm pressentimentos, acabando, de alguma maneira, por saber, e pelas noites convergiam de toda a cidade para a estação, onde espreitavam a composição na via de recolha e corriam ao longo dos vagões, tropeçando nas travesáas ou nos carris e

gritando diante de cada vagão: «Fulano de tal e Fulano de tal não estão aqui?», e passavam ao seguinte e deste novamente a outro: «Fulano de tal não está aqui?» Subitamente, do vagão selado ressoava uma resposta. «Eu! Estou aqui!» Ou então: «Procure! Ele está noutro vagão!» Ou: «Mulheres! Escutem! A minha mulher vive aqui ao lado, perto da estação, corram lá-e digam-lhe!»

Estas cenas, indignas dos nossos dias, só revelam uma inábil organização do embarque no comboio. Verificados os erros, certa noite, a composição é rodeada por uma matilha de cães-pastores que ladram e uivam.

Em Moscovo, tanto da antiga prisão transitória da Sretinka (hoje já nem os presos se recordam dela) como da Krasnaia Pressnia, só se fazem embarques, nos vagões vermelhos, de noite — isto é uma regra equivalente a lei.

Entretanto, sem necessitar do brilho do astro diurno, a escolta utiliza os sóis nocturnos, os projectores. São cómodos, pois podem concentrar-se no ponto em que são precisos: no lugar onde os presos, atarantados, sentados no chão a monte, esperam a voz de

comando: «Os cinco seguintes, de pé! Para o vagão, a correr.» (Sempre a correr! Para que não possam voltar--se, reflectir, para que se apressem como se fossem acossados pelos cães e só tenham cuidado em não cair: no caminho irregular por onde correm; na escada por onde sobem.) Os feixes luminosos hostis dos fantásticos projectores iluminam o chão: eles são parte importante da cena teatral de intimidação

' Corpo permanente de soldados dos czares, nos séculos XVI-XVII, que foi dissolvido por Pedro I, o Grande, após uma insurreição.

dos presos, paralelamente às ameaças violentas, às coronhadas aos que se atrasam, às vozes de comando de: «Senta-te no chão!» (Por vezes, como nessa mesma praça da estação de Oriol. «Ajoelha-te!», e, como novos peregrinos, o milhar põe-se de joelhos). Em simultâneo com essa corrida para o vagão, completamente desnecessária mas muito importante para atemorizar, e com o furioso ladrar dos cães, são apontados os canos (das espingardas ou metralhadoras, conforme a época). Objectivo

essencial: deve ser desfeita, aniquilada, a força de vontade do preso, para que os seus pensamentos não o levem a pensar numa fuga, para que durante muito tempo não compreenda a «vantagem» da sua nova situação: passagem de uma cadeia de pedra para um vagão de tábuas delgadas.

Mas para embarcar de noite, com tanto rigor, mil homens em vagões é necessário começar desde a véspera, e até de manhã, a retirá-los das celas e a prepará-los para a transferência, escoltá-los durante todo o dia, recebê--los vagarosa e severamente na prisão e mantê-los depois, muitas horas, já não nas celas mas no pátio, no chão, para que não se misturem com os outros da cadeia. Assim, a transferência nocturna para o vagão é para os presos apenas o termo «consolador» de todo um longo e extenuante dia.

Além das habituais chamadas por lista, das verificações, do corte do cabelo, da desinfecção e do banho, a parte fundamental da preparação é a revista pessoal geral. A revista não é feita na cadeia, mas pela escolta que toma conta dos presos. Compete a esta, segundo as instruções sobre os transportes em vagões vermelhos e as suas próprias considerações

em matéria de operações de combate, proceder a essa revista de modo a não deixar aos presos nada que possa auxiliá-los numa evasão: apreender tudo que seja contundente ou cortante, qualquer tipo de pó (dentífricos, açúcar, sal, tabaco, chá) com que possam cegar a escolta, qualquer espécie de corda, fio de embalagem, cinto, etc, porque tudo isso pode ser utilizado numa fuga (portanto, também as correias, o que leva a cortar todas as que seguram a prótese de um coxo, obrigando o mutilado a pôr a sua perna sobre o ombro e a saltar apoiado nos companheiros). Todas as demais coisas - objectos de valor e malas - devem, de acordo com as instruções, ser recolhidas num vagão-depósito especial, para ser devolvidas aos donos no final do transporte.

Mas é débil e pouco impressivo o poder dumas instruções moscovitas sobre uma escolta de Vologda ou de Kuibichiev, e notório, ao invés, o poder da escolta sobre os presos. É por isso que se tem também em vista, na operação de embarque, confiscar «com toda a justiça» os objectos de valor aos inimigos do povo para benefício dos seus filhos.

«Sentá-los no chão!», «ajoelhar!», «despir tudo!» - nestas ordens prescritas no regulamento da escolta

contém-se um poder radical, impossibilitando qualquer discussão. De facto, uma pessoa despida perde toda a vontade, não pode enfrentar com naturalidade e falar de igual para igual a uma pessoa vestida. Começa a revista (Kuibichiev, Verão de 1949). Os

homens, despidos, avançam, levando nas mãos objectos e roupa; à sua volta, numerosos soldados armados e vigilantes. O ambiente é tal que, em vez de uma transferência, mais parece irem ser fuzilados na praça pública ou metidos na câmara de gás; nessas condições, uma pessoa deixa de preocupar-se com os seus objectos. A escolta em tudo faz gala de uma propositada brutalidade, brusquidão e grosseria, não pronunciando uma só palavra com voz simplesmente humana, pois o único objectivo é aterrorizar e amachucar. As malas, abertas e despejadas (os objectos caem no chão), são atiradas para um monte. As cigarreiras, carteiras e outros insignificantes «objectos de valor» do preso são apreendidos e jogados, sem anotação do dono, para uma barrica (e o

simples facto de se tratar não de um cofre, um baú, um caixote, mas exactamente de uma barrica, Deus sabe porquê, acabrunha particularmente os homens despidos, que vêem ser inútil protestar). Os presos, nus, só têm tempo de apanhar do chão os seus trapos revistados e fazer uma trouxa com a sua manta. «E as minhas botas de feltro?» -«Podes entregá-las, deita-as para aqui, assina a relação!» (não te dão qualquer recibo, tu assinas o que lançaste no montão!) E quando, já ao anoitecer sai do pátio da cadeia o último camião de presos, estes vêem os elementos da escolta lançarem-se a pilhar do montão as melhores malas de couro e a escolher na barrica as melhores cigarreiras. De seguida, é a vez de os vigilantes saquearem o espólio e depois a dos «emboscados» do campo de trânsito.

Eis o que foram obrigados a suportar durante todo o dia até entrarem no vagão de gado! Aqui, ao menos, tiveram a «consolação» de entrar e se poderem deixar cair nas tábuas não aplainadas das tarimbas. Mas que alívio que é este vagão «aquecido»! O preso é novamente apertado pelas tenazes do frio e da fome, da sede e do terror, dos gatunos e da escolta.

Se no vagão há gatunos (e com certeza, náo são colocados em vagões separados nas composições vermelhas), eles ocupam tradicionalmente os melhores lugares nos beliches de cima, ao pé da janela. Isso no Verão. Mas, adivinhemos, quais são os seus melhores lugares no Inverno? Pois, em volta do fogão, está claro, em círculo cerrado à volta dele. Como recorda o ex--ladrão Minaiev2, para todo o percurso, com frio atroz, de Voroniej a Ko-tlas (são vários dias), forneceram ao seu vagão, em 1949, apenas três baldes de carvão! De um golpe, os gatunos não só ocuparam os lugares em volta do fogão, não apenas tiraram aos políticos todos os artigos de agasalho, vestindo-se com eles, como ainda se atreveram a extorquir-lhes de dentro das botas os trapos que lhes serviam de peúgas, para os enrolarem nos seus pés. Morre tu hoje, eu amanhã! Com a comida ainda era pior - as rações

2 Da carta que me dirigiu. Literaturnaia Gazeta, de 29 de Novembro de 1962.

para todo o vagão eram recebidas pelos gatunos, que ficavam com o melhor para si ou aquilo de que tinham necessidade. Lochilin recorda os três dias que demorou a sua transferência de Moscovo para Periebor, em 1937. Durante três dias consideraram que não valia a pena fazer comida quente e deram apenas rações frias. Os ladrões ficavam com o açúcar todo para si, consentindo em repartir o pão e o arenque salgado: o que quer dizer que não tinham fome. Quando a ração inclui alguma coisa quente e os ladrões estão na sucção, eles dividem a sopa (no transporte de três semanas, de Kicheniov para Petchora, em 1945). Além do mais, os gatunos não se coíbem do vulgar roubo durante o percurso: tendo visto que um estoniano tinha dentes de ouro, deitaram-no ao chão e arrancaram-lhe os dentes com a tenaz do lume.

Os zeks consideram como vantagem das composições vermelhas a comida quente: nas estações ermas (mais uma vez o povo não vê), as composições param e distribuem nos vagões a sopa e as papas de cereal. Mas também esta comida quente é dada de maneira chocante. Às vezes (como naquela composição de Kicheniov) deitam a sopa no mesmo balde em que

entregaram o carvão. E não há com que lavá-lo! — porque a água potável é racionada na composição, inclusivamente é maior a falta dela que de sopa. Assim, ao tomar-se a sopa, engolem-se também resíduos de carvão. Outras vezes, ao trazerem a sopa e as papas de cereal ao vagão, dão um número insuficiente de tigelas, não quarenta mas vinte e cinco, e ordenam: «Mais depressa, mais depressa! Temos ainda de dar de comer aos outros vagões e não apenas a vocês!» Assim, como comer? Como dividir? Distribuir igualmente pelas tigelas não é possível, tendo de se fazer a repartição a olho e por baixo para não se correr o risco de deitar de mais. (Os primeiros gritam: «Tu, mexe, mexe!», os últimos mantêm-se calados: assim pode ser que no fundo fique a pasta mais espessa.) Os primeiros comem, os últimos esperam - que acabem depressa, estão famintos, a sopa arrefece no balde e do exterior reclamam pressa: «Então, já acabaram? Depressa?» Depois, relativamente aos últimos, que não seja de mais, que não seja de menos, que não seja mais espesso, nem mais líquido que o dado aos primeiros. Agora trata-se de avaliar o resto e de o deitar, mesmo que não dê para dois, numa única tigela. Durante todo este

tempo, não é tanto o que quarenta pessoas comem, quanto o que vigiam e sofrem com a divisão.

Nenhum aquecimento, nenhuma defesa contra os gatunos, nada para • comer, nada para beber e nem sequer deixam dormir. De dia, os elementos da escolta vêem bem toda a composição e o caminho percorrido. Ninguém se pode atirar do comboio nem deitar nos carris e, de noite, a vigilância não permite veleidades. Com os pequenos martelos de madeira de cabo comprido (modelo universal em GULAG), durante a noite, em cada paragem, batem surdamente em cada tábua do vagão: acaso não se prepararam já para a serrar? E nalgumas paragens abrem completamente a porta do vagão. Luz das lanternas ou facho dos projectores: «Verificação!» Isto quer dizer:

salta, põe-te em pé e prepara-te para correr, juntamente com os outros para onde indicarem, para a esquerda ou para a direita. Acabaram de saltar para dentro alguns soldados da escolta com os martelinhos (outros, com armas automáticas e mostrando os

dentes, formam um semicírculo no exterior) e indicaram: esquerda! Isto significa que os da esquerda ficam no seu lugar, os da direita correm rapidamente para lá, como pedrinhas de um jogo infantil, ficando uns por cima dos outros, onde caíram. Aos que não são rápidos, àqueles que se descuidam, dão-lhes com os martelos nas costas e no dorso, para os espevitar! Eis que as botas dos soldados da escolta já pisam o vosso mísero leito, remexem os vossos trapos, alumiam e batem com os martelos para ver se alguma tábua está fendida. Não. Então a escolta coloca-se no meio e começa a contagem, mandando os detidos passar da esquerda para a direita: «Primeiro!... Segundo!... Terceiro!...» Bastaria, para contar os presos, mover apenas o dedo, mas não haveria intimidação e é mais ostensivo, mais infalível, mais notório e mais rápido acompanhar a contagem com esse martelo, batendo nas costas, ombros, cabeças, onde calhar. Contaram quarenta, agora há que remexer de novo, alumiar e bater no lado esquerdo. Acabou, foram-se, o vagão foi fechado. Podem dormir até à paragem seguinte. (Não se pode dizer que os cuidados da escolta sejam completamente inúteis, pois dos vagões vermelhos podem fugir os ágeis. Eis que bateram numa tábua

que já tinham começado a fender. Ou então, subitamente, pela manhã, durante a distribuição da sopa, aparecem: entre as caras sem barbear, algumas estão barbeadas. E com armas automáticas cercam o vagão: «Entreguem as navalhas!» Estas são as pequenas frivolidades dos gatunos e seus afins: «aborreceram-se» de não estar barbeados e agora têm de entregar as navalhas.)

O comboio vermelho diferencia-se dos de longo curso sem transbordo pelo facto de que quem nele embarca não sabe se desembarcará. -Quando em Solikams descarregaram o comboio das cadeias de Leninegrado (em 1942) todo o chão ficou coberto de cadáveres, só alguns poucos chegaram vivos. Nos invernos de 1944-45 e de 45^46, ao bairro de Jeliezodorojni (Kniaj-Pogost), como em todos os outros importantes entroncamentos do Norte, os comboios de presos dos territórios, ora das regiões do Báltico, ora da Polónia, ora da Alemanha, chegavam com um ou dois vagãos de cadáveres. O que quer dizer que no trajecto tinham o cuidado de transferir os cadáveres dos vagões de vivos para os vagòes-morgues. Nem sempre assim sucedia. Na estação de Sukhobesvodnaia (Unj-Lag), muitas vezes só ao abrir a porta do vagão, à chegada,

se sabia quem estava vivo e quem estava morto: não saiu, significa que morreu.

É terrível e há risco de morte na viagem de Inverno, já que a escolta, com as preocupações da vigilância, não tem possibilidade de acarretar carvão para vinte e cinco estufas. Mas fazer a viagem em tempo de canícula, não é melhor: dos quatro postigos, dois estão hermeticamente fechados, o tecto do vagão escalda e, por regra, a escolta não está disposta a estafar-se

a levar água para duas mil pessoas para não deixar um stolipine sem água. Por isso, os presos consideram os meses de Abril a Setembro os melhores para as transferências. Mas se a viagem demorar três meses (Leninegrado--Vladivostoque, em 1935), ultrapassará o período da melhor estação. E se se prevê que demore tanto tempo, então pensa-se na educação política dos soldados da escolta e na assistência espiritual às almas dos presos: nesses comboios, em vagão privado, viaja o compadre, isto é, o chefe policial. Ele preparou-se antecipadamente

para a viagem, já na prisão, e a distribuição das pessoas pelos vagões não é feita de qualquer maneira, mas segundo uma lista por ele visada. Ele confirma os responsáveis designados para cada um dos vagões, onde é incluído um bufo por si preparado. Nas paragens prolongadas ele arranja um pretexto para os chamar ao seu vagão, e pergunta-lhes de que falam no vagão que lhe foi atribuído. Para ele será vergonhoso terminar o trajecto sem resultados, e no caminho inventa e ordena uma nova investigação, pelo que, até ao lugar de destino, urde uma nova sentença para alguns presos.

Maldito seja esse comboio vermelho para gado com o seu percurso directo e sem transbordo! Quem viajou nele jamais o esquecerá. Que cheguemos ao campo quanto antes! Que cheguemos quanto antes!

O homem é esperança e impaciência. Como se no campo de concentração houvesse um chefe policial mais humano ou os bufos não fossem tão desaforados, o que é bem o contrário! Como se à nossa chegada não nos recebessem com as mesmas ameaças e não nos deitassem ao chão com os mesmos cães: «Sentem-se!» (se já no vagão se introduz a neve, na terra a sua camada é ainda mais grossa).

Como se, ao mandarem-nos descer, já tivéssemos chegado ao nosso destino e não nos conduzissem em vagões de plataformas descobertas, por uma linha de via reduzida. E como transportar pessoas em plataformas descobertas? Como viajar? Quantos problemas para a escolta! Eis como: ordenam que nos encolhamos, que nos deitemos uns sobre os outros, e tapam-nos com uma lona impermeável, como aos marinheiros do Potemkine para o fuzilamento. E ainda temos de agradecer a impermeabilizada lona! Olieniov e os seus camaradas tiveram de estar, no mês de Outubro, no Norte, um dia inteiro, em plataformas descobertas (já os tinham embarcado sem haverem enviado a locomotiva. Começou a chover, depois a nevar e os trapos gelavam no corpo dos zeks). O minúsculo comboio, durante a sua marcha, irá deitá-los fora, pois as extremidades da plataforma começam a ranger e a quebrar-se, e com os solavancos alguns cairão e ficarão debaixo das rodas. Agora uma adivinha: numa viagem por via reduzida de cem quilómetros, a partir de Dudinka, sob um frio polar e em plataformas descobertas - onde se instalaram os gatunos? Resposta: no meio de cada plataforma, para o gado os aquecer por todos os lados e não caírem à linha. Justamente. Ainda uma

pergunta: o que é que vêem os zeks no término desta via reduzida (1939)? Haverá lá edifícios? Não, nem um só. E grutas? Sim, mas já estão ocupadas, não são para eles.

Portanto, é preciso cavá-las? Não, como hão-de cavá-las no Inverno polar, com a terra gelada? Em vez disso, eles vão extrair metal. E viver? Que viver?... Ah!, viver... Viver - em tendas.

Mas ter-se-á sempre de continuar a viagem numa linha reduzida?... Não, naturalmente. Eis um desembarque no posto de destino: a estação de Ertsovo, em Fevereiro de 1938. Os vagões foram abertos de noite. Ao longo do comboio foram acesas fogueiras, à luz das quais se faz o desembarque sob a neve, a contagem, a formação e a recontagem. Trinta e dois graus negativos. É a transferência a partir do Donbass, foram presos todos no Verão, e por isso andam com sapatos e sandálias. Tentam aquecer-se na fogueira, mas escorraçam-nos: as fogueiras não são para isso, são para alumiar. Logo ao fim dos primeiros minutos, ficam sem acção nos dedos. A

neve entrou-lhes no calçado de Verão e nem se derrete. Não se condoem; é dada a ordem: «Sentido! formar!... direita... esquerda... Marchar!» Ao ouvirem essa habitual voz de comando, vivendo esse momento emocionante, os cães, presos por correntes, põem-se a uivar. Os soldados da escolta iniciam a marcha com os seus casacos de peles e os condenados com as suas vestes de Verão, seguem por caminho sem trilho e com neve profunda, rumo a um lugar algures na lúgubre taiga. À sua frente, nem sequer uma faísca de luz. Resplandecia a aurora boreal - a nossa primeira e certamente a nossa última... Os abetos rangem com o gelo. Os homens descalços seguem pela sua senda de neve com os tornozelos insensíveis.

Eis também a chegada a Petchora, em Janeiro de 1945. («As nossas tropas conquistaram Varsóvia!... Os nossos combatentes isolaram a Prússia Oriental!») Um campo nevado deserto. Atirados para fora dos vagões, obrigaram-nos a sentar-se na neve em grupos de seis, contaram-nos devagar, enganaram-se e voltaram a contar. Fizeram-nos levantar e conduziram-nos seis quilómetros por terras virgens nevadas. Transferidos também do Sul (Moldávia), todos tinham também calçado de couro. Os cães-

lobos seguiam muito perto deles e com as patas empurravam pelas costas os zeks da última fila, que recebiam o bafo dos cães na nuca (nesta fila iam dois sacerdotes, um velho, de cabeça grisalha, o padre Fiodor Florida, outro jovem em que este se apoiava, o padre Victor Chipovalnikov). Admirem a utilização dos cães! Não, admirem antes o autodomínio dos cães! - pois que vontade sentem de morder!

Finalmente chegaram. O banho de recepção do campo: despiram-se numa casinha e, nus, atravessaram a correr o pátio deserto, para se lavarem noutra casinha. Mas agora já se pode suportar tudo: já passámos o tormento principal. Agora, JÁ CHEGAMOS! Escureceu. E, de repente, sabe-se: ' no campo não há lugar e o campo não está preparado para nos receber. Depois do banho formam os homens novamente, procedem à recontagem com os cães a toda a volta, e, arrastando de novo as suas coisas, eles voltam a andar os mesmos seis quilómetros, mas agora já em plena noite, caminhando sobre a neve, em sentido inverso, para o comboio. Com as portas

480

dos vagões abertas durante todo este tempo, as estufas arrefeceram e neles não ficou nenhum do anterior mísero calor, tendo-se queimado no final da viagem todo o carvão sem haver onde ir buscar mais. Assim passaram a noite, tolhidos de frio; pela manhã deram-lhes peixe seco (se há quem queira beber, que mastigue neve) e conduziram-nos novamente pelo mesmo caminho.

E este ainda foi um caso FELIZ! - pois o campo existe e, se não recebe hoje, receberá amanhã. Mas, em geral, é uma particularidade dos comboios vermelhos chegarem a um deserto e o fim da sua viagem converte-se, não raramente, no dia da inauguração de um novo campo, se bem que, à luz da aurora boreal, eles podem pura e simplesmente deixar os homens na taiga e pendurar num abeto uma tabuleta: «Primeiro O. L. P.».3 Durante uma semana, eles mastigam ali peixe seco e misturam farinha com neve.

Mas se o campo foi criado duas semanas antes que seja, é já um conforto, pois têm comida quente, mas, não havendo tigelas, a sopa e as papas de cereal são deitadas em lavabos, seis sentam-se em círculo (tão-

pouco há mesas e cadeiras), dois apoiam com a mão esquerda o lavabo e comem com a direita, alternadamente. Uma repetição? Não, isso foi em Periebor, em 1937, relato de Lochilin. Não sou eu que me repito, é o GULAG.

... De seguida, dão chefes de brigada (velhos reclusos) aos novatos, os quais rapidamente ensinam a viver, a sair de dificuldades, a enganar. A partir da manhã do dia seguinte vão para o trabalho, porque o relógio da Época anda e não espera. Não confundir com a prisão czarista de trabalhos forçados de Akutai, onde havia três dias de descanso para os recém--chegados.4

Floresce gradualmente a economia do Arquipélago, estendem-se novos ramais ferroviários e já se chega de comboio a muitos lugares onde ainda recentemente o acesso só era possível por via fluvial. Mas os indígenas ainda vivos relatam como navegavam pelo rio Ijma em verdadeiras barcaças do tempo dos antigos russos, cem pessoas numa só, e que eles próprios remavam. Como pelos rios Ukhta, Ussa e Petchora chegavam ao seu campo em batéis. E conduziam os zeks a Vorkut em barcaças: numa grande até Adzvá, onde se situava o ponto de passagem Vorkut-Lag, e dali divaguemos até ao delta

do rio e está a dois passos, durante dez dias, numa de pequeno calado, toda ela mexendo de tanto piolho, permitindo a escolta que fosse um de cada vez à coberta sacudir os parasitas para a agua. As transferências em barca tão-pouco eram feitas numa única etapa, tinham

' Gente de Campo Independente.

4 P. Yakubovitch, que também lá esteve.

interrupções, ora para receber novas cargas, ora para descargas, envolvendo também percursos a pé.

Estes lugares tinham centros de trânsito próprios, feitos de estacas compridas, de barracas de campanha - Ust-Ussa, Pomozdino, Chelia-Yur. Lá vigoravam os regulamentos especiais de Chelia-Yur, as regras especiais da escolta e, naturalmente, as penas especiais dos zeks. Mas não conseguiremos descrever este exotismo, pelo que o melhor é não começar.

No Dvena setentrional, no Obi e no Jenissei, sabem quando começaram a transportar presos em barcaças

no período do esmagamento dos kulaks. Estes rios fluíam directamente para o Norte e as barcaças eram barrigudas, de muita capacidade - e só assim foi possível realizar a tarefa de lançar toda essa massa cinzenta e viva da Rússia no Norte sem vida. Atiravam as pessoas para o fundo das barcaças, onde ficavam deitadas umas por cima das outras, mexendo-se como caranguejos num cesto. Lá,em cima, nos bordos das barcaças, de pé como sobre rochas, estavam as sentinelas. Umas vezes essa massa seguia destapada, noutras era coberta com uma enorme lona impermeável, para que não a vissem ou para melhor a guardarem, não da chuva, naturalmente. O transporte em tal barca não era verdadeiramente uma transferência, mas a morte a breve prazo. Além disso, quase não os alimentavam e, uma vez abandonados na tundra, deixavam mesmo de os alimentar. Deixavam-nos a sós com a natureza.

As transferências em barcaças pelo Dvina do Norte (e pelo Vitchegda) não terminaram em 1940, e foi assim que A. Y. Olieniov foi transportado. Os presos permaneceram apertados, uns contra os outros, DE Pé - e não apenas um dia só. Urinavam em frascos de vidro, que passavam de uns para os outros, e

despejavam-nos pela vigia; para todas as demais necessidades, funcionavam as calças.

Os transportes de presos em barcaças pelo Jenissei organizaram-se metodicamente e foram praticados durante décadas. Nas suas margens, em Krasnoiarsk, nos anos 30, foram construídos telheiros sob os quais, nas frias primaveras da Sibéria, tiritavam de frio os presos que esperavam um ou dois dias pelo transporte5. As barcaças de transporte do Jenissei têm um porão escuro, permanentemente preparado, de três pisos. Apenas uma luz difusa penetra através do vão da escotilha de saída. A escolta vive numa casita da coberta. Sentinelas vigiam as saídas dos porões e a superfície da água, não vá alguém atirar-se da barcaça ao rio. A guarda nunca desce ao porão, por maiores que sejam os gemidos e gritos de socorro que de lá venham. E nunca deixa sair os presos para um passeio. Nas transferências dos anos 37-38 e 44-45 (e supomos que nos anos intermédios) não era prestada qualquer assistência médica aos dos porões. Os presos estão estendidos nos «pisos», uns ao lado dos outros em duas filas: numa, com a

5 V. I. Lenine, em 1897, embarcou no S. Nikohi, no porto de passagem como homem livre.

cabeça contra o casco e, na outra, aos pés da primeira fila. Nos pisos, a passagem para os baldes da latrina só era possível por cima das pessoas. Nem sempre permitem tirar os baldes a tempo (imagine-se o transporte do recipiente com as imundícies por uma íngreme escada acima!), e se ficam demasiado cheios o líquido derrama-se pelo solo da galeria e escorre para as galerias inferiores. E as pessoas estão deitadas. Dão de comer e fazem a distribuição da sopa em baldes levados por auxiliares, também presos, e ali, em trevas eternas (talvez hoje haja luz eléctrica), à «luz de morcegos», repartem a comida. Uma etapa assim, até Dudinka, dura às vezes um mês completo. (Hoje, certamente, podem fazê-la numa semana). Por causa dos bancos de areia e outros escolhos fluviais, a viagem muitas vezes prolongava-se, os alimentos eram insuficientes, e então, durante vários dias, não davam alimento algum (e ninguém, naturalmente, compensava depois a fome dos transportados).

O leitor perspicaz já pode agora, sem ajuda do autor, acrescentar: contudo, os gatunos ocupam os beliches superiores e o mais próximo possível da abertura do ar, da. luz. Têm acesso à distribuição do pão todas as vezes que dele necessitam, e se a etapa decorre com dificuldades não sentem pejo em utilizar uma santa muleta (para se apropriarem do pão dos porões). Os ladrões matam o tempo, durante a longa viagem, jogando às cartas: eles próprios as fazem6, e para as apostas do jogo espoliam os não ladrões, revistando literalmente todos aqueles que se encontram num ou noutro sector da barcaça. Os objectos furtados eram postos em jogo, perdidos, rejogados e de novo perdidos, até irem parar à posse da escolta. Sim, o leitor já adivinhou tudo: a escolta é o anzol dos gatunos, os objectos roubados são para ela, que os vende no cais, levando-lhes, em troca, comida.

E a resistência? Há, mas muito raramente. Eis um caso de que guardo memória. Em 1950, numa barcaça semelhante e analogamente preparada, que apenas era maior e de navegação marítima, na etapa de Vladivosto-que-Sacalina, sete rapazes desarmados, abrangidos pelo artigo 58, ofereceram resistência aos gatunos (dos que prestavam serviços auxiliares à

administração das prisões), os quais eram cerca de oitenta (e como sempre com navalhas). Esses gatunos já tinham revistado todos os presos, ainda mesmo no campo de trânsito de Vladivostoque, e, conhecendo todos os esconderijos, fizeram-no meticulosamente, não pior que os carcereiros; mas, já se sabe, nunca em busca alguma se encontra TUDO. Sabendo isto, uma vez no porão, anunciaram ardilosamente: «Quem tiver dinheiro pode comprar tabaco.» Micha Gratchov tirou três rublos que trazia escondidos no jaquetão de abafo. O gatuno Volodka Tatarin gritou-lhe: «Tu, porco imundo, como é isso, que não pagas tributos}» E atirou-se a ele para lhe tirar o dinheiro

6 Isto é pormenorizadamente narrado por V. Chalamov em Crónicas sobre o Mundo do Crime.

Mas o sargento do exército Pavel... (não nos lembramos do nome) empurrou Volodka Tatarin e este tentou espetar-lhe os dedos nos olhos; Pavel atirou-o ao chão. Saltaram imediatamente vinte ou trinta gatunos, e ao lado de Gratchov e de Pavel colocaram-se Volodia Chpakov, ex-capitão do

exército, Serioja Potapo, Volodia Reunov, Volodia Tretiukhin, também ex-sargento do exército, e Vacia Kravtsov. E então? Tudo acabou com uns quantos murros de parte a parte. Manifestou-se a velha e conhecida cobardia dos gatunos (sempre disfarçada pela sua aparente energia e desenvoltura), ou foi por causa da proximidade do sentinela (isto passou-se perto de uma vigia)? Ou tinham de reservar energias para a viagem, a fim de cumprirem outra tarefa social mais importante? - pretendia-se, nessa viagem, chegar a tempo de arrebatar a prisão de trânsito de Aleksandrovsk (exactamente a que nos foi descrita por Tchekhov), antes da chegada dos «ladrões honrados», pois os centros de construção de Sacalina, como se compreenderá, não eram para construir. De facto eles recuaram, limitando-se a ameaçar: «Em terra faremos lixo de vocês!» (A ameaça não se consumou e não fizeram lixo dos rapazes. Na prisão de trânsito de Aleksandrovsk, uma desilusão especava os gatunos: ela já havia sido arrebatada pelos «ladrões honrados».)

Nos vapores que vão a Kolima tudo é organizado à semelhança do que se faz em relação às barcaças, mas em maiores proporções. E ainda agora, por

estranho que pareça, estão vivos alguns dos presos que foram para lá transferidos aquando da célebre missão do quebra-gelos Krassin, na Primavera de 1938, em barcos frágeis e antigos - o Djurma, o Kulu, o Nievos-troi, e o Dnieprostroi, aos quais o Krassin abria caminho por entre os gelos primaveris. Também estavam equipados com três andares nos seus sujos e frios porões, e tinham ainda, em cada andar, beliches de dois pisos feitos com varas. Não estavam todos às escuras: em alguns sítios havia lamparinas e lanternas. Podia-se ir passear à coberta por compartimentos. Cada vapor levava três a quatro mil pessoas. A viagem demorava mais de uma semana e, entretanto, o pão adquirido em Vladivostoque enchia-se de bolor, ao mesmo tempo que a ração da etapa diminuía de seiscentos para quatrocentos gramas. Alimentavam os presos com peixe, e quanto à água potável - bem, bem, de nada serve alegrar-se com as desditas alheias — havia dificuldades temporárias com a água. Em comparação com os transportes fluviais, assinalam-se ainda as tempestades, os enjoos, as pessoas que, extenuadas, vomitavam, ficando sem forças para se porem de pé, enquanto todo o soalho se cobria de uma camada nauseabunda.

Durante a viagem desenrolou-se um episódio político. Os barcos deviam passar pelo estreito de La Pérouse - perto das ilhas japonesas. Eis que desapareceram as metralhadoras das torres dos barcos, os soldados da escolta vestiram-se à paisana, as aberturas dos porões foram fechadas e foi proibido subir à coberta. Segundo os documentos dos barcos, emitidos à partida de Vladivostoque, estes levavam, meu Deus, não presos, mas mão-

-de-obra engajada para trabalhar em Kolima. Uma multidão de pequenos barcos e lanchas japonesas dava voltas em redor dos vapores, sem nada suspeitar. (Doutra vez, em 1939, com o Djurma, sucedeu o seguinte caso: os gatunos, fugidos dos porões, lograram entrar na despensa, saquearam--na e depois deitaram-lhe fogo. Isto passou-se precisamente junto à costa do Japão. Saía fumo do Djurma, os japoneses ofereceram a sua ajuda, mas o capitão recusou e NEM SEQUER ABRIU AS VIGIAS! Uma vez longe dos japoneses, lançaram pela borda fora os cadáveres dos que haviam morrido asfixiados

com o fumo, e os alimentos queimados, meio deteriorados, foram entregues nos campos para as rações dos presos.)7

Defronte de Magadan, a caravana encalhou no gelo e de nada valeu a ajuda do Krassin (era demasiado cedo para a navegação, mas havia pressa em levar mão-de-obra.) Em dois de Maio, descarregaram os presos no gelo, sem acostar. Os recém-chegados tiveram uma visão pouco alegre do Magadan de então: algumas elevações de origem vulcânica desertas, sem árvores, sem arbustos, sem pássaros, apenas com algumas casinhas de madeira e o edifício de um piso de Dal-Stroi (Construção do Extremo Oriente). Continuando a brincar à reeducação, ou seja, fazendo crer que não haviam trazido ossos para pavimentar as jazidas de Kolima, mas sim cidadãos soviéticos temporariamente deslocados, mas que regressariam um dia à vida activa, os homens da Construção do Extremo Oriente receberam-nos com uma orquestra. Esta tocava marchas e valsas, enquanto os homens, esgotados e meio-mortos, se arrastavam pelo gelo em fila sombria, carregando os seus objectos moscovitas (este transporte, quase apenas de políticos, não tinha encontrado gatunos) e

levando aos ombros outros meio-vivos - atacados de reumatismo ou coxos (a estes também haviam aplicado sentenças no campo).

Mas eu verifico que já me começo a repetir, que é aborrecido escrever e será aborrecido ler, pois o leitor já sabe antecipadamente tudo o que se vai passar: agora levam-nos em camiões para locais que ficam a centenas de quilómetros, e depois ainda os obrigarão a andar a pé dezenas de quilómetros. Aí vão abrir novos campos e entregar-se imediatamente ao trabalho, apenas comendo peixe seco e farinha, acompanhados com neve e dormindo em barracas de campanha.

É assim. Entretanto, nos primeiros dias, serão instalados aqui, em Magadan, em barracas de campanha polares; a comissão irá vê-los, isto é, examiná-los nus e determinar, segundo o estado do seu traseiro, a sua aptidão

7 Desde então, passaram décadas, mas em todos os mares do globo, quantos casos houve em que não se transportavam zeks, mas cidadãos soviéticos, vítimas de catástrofes, relativamente aos quais se recusou uma ajuda exterior, sempre por causa do segredo e do

orgulho nacional! É preferível que as baleias nos comam do que aceitar uma mão estendida! O SEGREDO é bem o nosso cancro.

para o trabalho (e todos eles serão dados como aptos). Naturalmente também os mandarão ao banho e na sala, antes deste, obrigá-los-ão a deixar a capa de couro, os jaquetões à Romanov, as camisolas de lã, os fatos de casimira, as botas de feltro, as botas de couro (pois não tinham chegado mujiques ignorantes, mas dirigentes do Partido, redactores de jornais, directores de trusts e de fábricas, funcionários de comités regionais do Partido e professores de economia política, que já nos anos trinta se distinguiam pelas coisas boas que usavam). «E quem vai guardar isto?», põem em dúvida os novatos. «Quem é que necessita das vossas coisas?», respondem, em tom ofendido, os funcionários. «Entrem, banhem-se tranquilamente.» E eles entram. Mas a saída é por outra porta, onde recebem calças pretas de algodão, blusões, casacos acolchoados de campo, sem algibeiras, botas de pele de porco. (Oh!,

isto não é pormenor insignificante! Isto é o adeus a toda a sua vida anterior, aos títulos, aos postos e à honra!) «Mas onde estão as nossas coisas?!», exclamam eles. «As vossas coisas ficam aqui!», replica um chefe qualquer. «No campo não haverá nada vosso! No nosso campo, temos o comunismo! Marcha, adiante!»

Mas se há «comunismo», que podem eles objectar? Se a ele dedicaram as suas vidas...

Há também transferências em carroças camponesas, ou pura e simplesmente a pé. Recorde-se que na Ressurreição, de Tolstoi, num dia de sol, a escolta conduziu os detidos da prisão à estação. Em Minussinsk, também

no ano de 194....., durante um ano inteiro, não lhes foi sequer permitido

passear, pelo que chegaram a perder o hábito de andar, de respirar o ar da rua, de olhar para a luz e para as coisas; e fizeram-nos seguir, a pé, em fileiras, VINTE E VINCO quilómetros, até Abakan. Uns dez presos morreram pelo caminho. Nenhum grande romance, nem sequer um capítulo^ se escreverá sobre isto: foram tantos os que acabaram no

cemitério que não é possível chorar uma lágrima por todos.

A condução dos presos a pé, é avó do seu transporte por caminho de ferro, nos stolipine e nos sarampelos. Nos tempos que correm, verifica-se cada vez menos, e tão-somente onde ainda não é possível o transporte mecânico. Era desse modo que, da cidade cercada de Leninegrado, levavam os condenados para determinado sector do lago Ladoga, até aos sarampelos (as mulheres seguiam com os prisioneiros alemães e os nossos homens eram separados delas à força das baionetas para não lhes tirarem o pão. Àqueles que caíam, imediatamente os descalçavam e lançavam para um camião -estivessem vivos ou mortos). Também do mesmo modo, nos anos 30, enviavam, da prisão de trânsito de Kotlas, diariamente, cem homens, a pé até UstVima (cerca de trezentos quilómetros) e às vezes até Tchibio (mais de quinhentos). Em 1938, fizeram também seguir desse modo um contingente de mulheres. Nessas etapas percorriam vinte e cinco quilómetros por dia. A

escolta levava um ou dois cães, e as mulheres que se atrasavam eram obrigadas a apressar-se à coronhada. Quanto aos objectos das presas, como o ordeiro e as provisões, iam atrás, em carretas, o que fazia recordar as etapas clássicas do século passado. Serviam de albergue para os presos, ao longo das etapas, casas devastadas aquando da luta contra os kulaks, com as janelas rebentadas e as portas arrancadas. Os serviços da cadeia de trânsito de Kotlas forneciam as provisões para a etapa, considerando um tempo calculado teoricamente, como se todo o trajecto decorresse sem problemas e nunca demorasse um dia mais do que o tempo previsto (é o princípio geral de todos os serviços de contabilidade). Quando havia atrasos no caminho, as provisões ou eram racionadas (forneciam, mais espaçadamente, uma aguadilha de farinha de centeio sem sal), ou não davam absolutamente nada. Neste caso até havia recuo em relação à regra clássica.

Em 1940, na etapa de Olieniov, depois do desembarque do batel, fizeram ir os presos a pé pela taiga (de Kniaj-Pogost a Tchibio), sem darem qualquer alimento. Bebiam água dos pântanos e depressa foram atacados por disenteria. Caíam sem forças - e

os cães arrancavam a roupa aos desfalecidos. Em Ijma pescavam, servindo-se das calças, e comiam o peixe cru. (E, chegados a determinada clareira do bosque, comunicavam-lhes: aqui ides construir a linha férrea Kotlas-Vorkut!)

Noutros lugares do nosso Norte europeu, contingentes de presos foram levados a pé por novos itinerários, e os caminhos abertos por essas primeiras vagas de presos foram «alegremente» percorridos por vagões vermelhos, transportando vagas posteriores.

As etapas a pé têm a sua técnica, tendo sido adoptadas onde era necessário transportar presos com frequência e em elevado número. Quando, por um trilho da taiga, seguia um contingente de Kniaj-Pogost para Veslia-na e subitamente caía algum preso e não podia continuar o caminho - que lhe faziam? Pense sensatamente - o quê? Não se mandava esperar todaa caravana. E junto de cada um que caía ou se atrasava, não se ia deixar um guarda - guardas há poucos, presos há muitos. Em consequência... O guarda, depois de ficar um pouco com ele, juntava-se de novo à caravana, mas sozinho.

Durante muito tempo, foram constantes as etapas a pé de Karabass para Spassk. São ao todo trinta e cinco-quarenta quilómetros, mas têm de ser percorridos num só dia e por mil pessoas de uma vez, muitas delas debilitadas. Por isso prevê-se que muitas irão cair e atrasar-se; dada a falta de forças e a sua indiferença perante a morte, nem com a ameaça de um tiro andarão mais. A morte já hão lhes mete medo - mas o pau, o infatigável varapau, que lhes cai constantemente em cima? Bem, temem o pau e andam! Isto está confirmado, isto é assim. Eis, pois, a coluna de presos rodeada não apenas pelo habitual anel de armas automáticas, que seguem a cinquenta metros de distância, mas também por um anel interior de soldados desarmados, mas munidos de paus. Os que ficam para trás são espancados

(como, de resto, fora estabelecido pelo camarada Staline); batem-lhes, ba-tem-lhes, e os presos sem forças, mas continuam a andar! E muitos deles

- milagre! - chegam ao destino. Eles não sabem que se trata da prova do nau e que aqueles que, mesmo com

o pau a malhar-lhe as costas, se deixam cair e não andam, esses são apanhados pelas carroças que seguem atrás. Experiência de organização! (Podem perguntar: e porque não os metem todos de uma vez nas carroças?... Mas como consegui-las? E os cavalos? Pois nós temos é tractores. E quanto custa agora a cevada?...) Estas deslocações de presos eram muito frequentes nos anos de 1948-50.

Nos anos 20, as caminhadas a pé eram uma das formas principais de deslocação dos presos. Eu era ainda garoto, mas recordo-me perfeitamente como passavam pelas ruas de Rostov do Don, às claras. A este respeito, a famosa ordem « ... abre fogo sem aviso!», soava então de outra maneira e, também, devido a outra técnica: com efeito, a escolta, em regra, levava apenas sabres. A voz de comando era: «Um passo para o lado - a escolta puxa e acutila!» Isto soa forte — «puxa e acutila!» Assim, quem vem atrás pode já imaginar como lhe cortam a cabeça.

Mesmo em Fevereiro de 1936, na cidade de Nijni-Novgorod, nas transferências levavam a pé os velhos da região do Volga, de longas barbas e jaquetões de pano de fabrico caseiro, de laptis (sapatos de cascas de árvore) e grevas «A Rússia que desaparece» ... E, de

repente, cruzando-se no caminho, surgem três automóveis com o presidente do Comité Executivo da União Soviética, Kalinin. Mandaram parar a caravana. Kalinin passou, sem mostrar o menor interesse.

Feche os olhos, leitor. Ouve o ruído das rodas? São os stolipine em andamento. São os sarampelos em andamento. Em qualquer minuto do dia ou da noite. Em qualquer dia do ano. E o marulhar da água? São as barcaças de presos que se deslocam. E os motores das «ramonas» que roncam. Constantemente apelam, recolhem ou transferem alguém. E este rumor? São as células a abarrotar de presos dos centros de trânsito. E estes gritos?

- são brados dós espoliados, dos violentados, dos espancados.

Passámos em revista todos os meios de transporte e vê-se que todos eles são PIORES. Observamos as mais diversas prisões transitárias e não vimos nenhuma boa. E até a humana esperança de que aquilo que virá será melhor, de que no campo será melhor, mesmo essa esperança é ilusória.

No campo, será pior.

I

s

IV

DE ILHA EM ILHA

TAMBÉM se transportaram zeks em barcas solitárias, de uma ilha para a outra do Arquipélago. A isto chama-se caravana especial, É o meio de transporte menos constrangente, quase não se diferenciando da viagem em liberdade. Viajar assim é para poucos. Na minha vida de preso, tive essa sorte três vezes. A caravana especial é determinada por altas personalidades. Não a confundir com mandato especial, que também é prescrito por alguém das altas esferas. O beneficiário do mandato especial faz, geralmente, a viagem nas condições dos demais presos, embora consiga trechos de caminhos maravilhosos (o que é tanto mais impressionante). Hans Bernestein, por exemplo, incumbido de tarefas especiais de carácter económico-agrícola, dirige-se do Norte para o Baixo Volga. Levam-no, nas condições vexantes e humilhantes que já descrevemos, os cães ladram-lhe, cercam-no com baionetas e berram-lhe: «Um passo à direita, um passo à esquerda...»;

inesperadamente, mandam-no descer na pequena estação de Zanzevatka, onde é recebido por um tranquilo e solitário vigilante, sem qualquer arma. Este balbucia as seguintes palavras: «Bom, pernoitarás em minha casa, passeia entretanto, e amanhã levo-te ao campo.» E Hans passeia. Compreendem, porém, o que significa PASSEAR para um homem que tem uma sentença de dez anos a cumprir, que já várias vezes se despediu da vida e que ainda hoje de manhã estava num stolipine para amanhã estar no campo - agora ele caminha e observa como as galinhas esgaravatam no pequeno jardim da estação, como as mulheres que não venderam a manteiga e os melões se preparam para abalar. Ele caminha ao lado delas, três, quatro, cinco passos e ninguém lhe grita «alto!», com os seus dedos incrédulos mexe nas folhinhas das acácias e quase lhe vêm as lágrimas aos olhos.

Pois a escolta especial é uma tal maravilha do começo ao fim. Desta vez escapas às transferências comuns, não tens de pôr as mãos atrás das costas, nao te despem completamente, não te obrigam a sentar no chão e nem sequer te revistarão. O guarda comporta-

se amigavelmente e até te trata por «você». Por regra previne-te de que, se tentares fugir, disparará como é

habitual. As nossas pistolas estão carregadas, temo-las na algibeira. No entanto, viajemos com naturalidade, mantenha-se com aspecto normal, não dê a compreender que é um preso. (Observem, peço-vos encarecidamente, que aqui, também, como sempre, os interesses do indivíduo e os do Estado coincidem plenamente!)

A minha vida no campo mudou radicalmente no dia em que, com os dedos tolhidos (ficarão sem acção de agarrar na ferramenta), me apresentei na brigada de carpintaria e o chefe dos trabalhos me chamou à parte e, com inesperado respeito, disse-me: «Sabes, por disposição do ministro do Interior...»

Fiquei atónito. A secção partiu e os «emboscados» do campo rodearam-me. Uns diziam-me: «Vão ímpor-te uma nova pena», outros: «Vão pôr-te em liberdade.» Mas todos estavam de acordo em que havia interferência do ministro Kruglov. Eu também vacilava entre uma nova sentença e a libertação. Eu

esquecera completamente que tinha vindo há meio ano, ao nosso campo, um tipo que mandou preencher uns questionários de GULAG (depois da guerra tinham iniciado esse trabalho nos campos mais próximos, mas é pouco provável que o hajam concluído). Um parágrafo importante do questionário dizia respeito à «especialidade». Para se valorizarem, os zeks indicaram as especialidades mais cotadas em GULAG, tais como: «barbeiro», «alfaiate», «chefe de armazém», «padeiro». Mas eu fechei os olhos e escrevi: «Físico nuclear.» Eu nunca fui físico nuclear. Antes da guerra ouvira algo sobre o assunto na universidade, conhecia as denominações das partículas atómicas e os seus parâmetros, e decidi escrever isso. Estávamos em 1946, a bomba atómica era necessária a todo o custo. Mas eu próprio não dera qualquer importância a esse questionário, e tinha-o esquecido.

É lenda não confirmada, e da qual às vezes se ouve falar nos campos, que, algures neste mesmo Arquipélago, existem pequenas ilhas paradisíacas. Ninguém as viu, ninguém lá esteve, ou, se esteve, cala-se a esse respeito. Nessas ilhas, afirmam, correm rios de leite numa terra de promissão e o pior que dão de comer é creme de leite e ovos; lá - dizem - anda-se

muito limpinho, sempre quentinho, o trabalho é intelectual e ultra-secreto.

E eis que, quando já cumprira metade da minha sentença, fui a essas ilhas paradisíacas (na sua gíria os presos chamam-lhes cbarachki). A eles devo o estar vivo, pois nos campos não teria podido sobreviver a todo o período de condenação. A essas ilhas devo também ter podido escrever este ensaio, ainda que não previsse neste livro um lugar para elas (já existe um romance a propósito)1. Mas naquelas ilhas, de uma para a outra, da segunda para a terceira, eu fui conduzido por uma escolta especial: dois vigilantes e eu.

1 O Primeiro Círculo.

Se é verdade que as almas dos mortos voam às vezes sobre nós, nos vêem e lêem em nós os nossos mais pequenos impulsos, e nós não as vemos nem adivinhamos a sua presença, uma viagem destas, com escolta especial, é isso mesmo.

Mergulhas na vida livre e vais de encontro a outras pessoas na sala da estação. Lanças distraidamente a vista para avisos que, certamente, não podem, de

maneira alguma, referir-se a ti. Sentas-te no velho divã de passageiros, e ouves conversas estranhas e mesquinhas: sobre certo marido que espanca ou abandona a mulher; que a sogra não se dá com a nora, não se sabe porquê; que os vizinhos da residência colectiva consomem electricidade no corredor e não limpam os sapatos; que alguém cria a outro dificuldades no trabalho; que alguém lhe propôs um bom emprego, mas não se decide a ir - pois acaso é fácil mudar de casa? Escutas tudo isto e um arrepio de renúncia percorre todo o teu corpo, da espinha à cabeça: depara-se ante ti, claramente, a autêntica medida das coisas no universo, a medida de todas as fraquezas e paixões! Mas a estes pecadores não lhes é possível aperceberem-se. Na realidade, vivo, autenticamente vivo, estás só tu, desencarnado, pois todos estes, só por isso, a si próprios se consideram vivos.

Que enorme abismo entre nós! De nada vale gritar-lhes nem chorar por eles, nem dar-lhes um abanão: pois tu és um espírito, um fantasma, e eles são corpos materiais.

Mas como fazer-lhes compreender claramente? Em visões? Irmãos! Homens! Para que vos foi dada a

vida?! No silêncio e na escuridão da meia-noite, abrem-se as portas das celas da morte e pessoas com uma alma grande são conduzidas para o fuzilamento. Em todas as linhas férreas do país, neste momento, agora mesmo, há pessoas que, depois de comerem arenque seco, lambem com a língua amarga os lábios ressequidos; elas sonham com a felicidade de poder estender as pernas com tranquilidade, após terem feito as suas necessidades. Em Orotukan, apenas no Verão, e só até à profundidade de um metro, a terra deixa de estar gelada, então se enterrando os ossos daqueles que morreram no Inverno. E vocês, sob o azul céu, sob um sol quente, podiam dispor do vosso destino, ir beber água, erguerem-se, ir onde queiram sem escolta - que importância tem aqui não limpar os sapatos, que interessa aqui ver a sogra? O mais importante na vida, todos os enigmas dela, se quiserem, exponho-os já a vocês... Não corram atrás de fantasmas, atrás de alucinações, de bens e de títulos: isto consegue-se à força dos nervos ao longo de décadas e é confiscado numa noite. Vivei com supremacia sobre a vida, não vos assusteis com as desgraças e nao vos canseis da felicidade, pois, como quer que seja, nem o amargo dura um século, nem a doçura é plena. Já não será pouco se não ficardes

gelados e se as garras da sede e da fome não vos rasgarem as vísceras. Se não tendes a coluna vertebral fracturada, se as duas pernas se movem, se os dois braços se endireitarem, se ambos os olhos vêem, e os ouvidos ouvem, a quem tendes de invejar? Para quê? A inveja dos outros é o que mais nos corrói.

Esfreguem os olhos, lavem o coração, e dêem valor, antes de mais nada, aos que vos amam e estão convosco. Não os molestem, não os insultem e não se separem de qualquer deles por uma zanga: pois nunca ninguém sabe se essa pode ser a última atitude perante eles, e assim ficar-se lamentavelmente na sua memória!...

Mas os guardas afagam nas suas algibeiras a negra culatra das pistolas. E nós os três, amigos tranquilos e sóbrios, estamos sentados juntos.

Passo a mão pela testa, fecho os olhos, abro-os - outra vez este sonho: uma multidão que ninguém vigia. Tenho bem presente que ainda hoje passei a noite na cela e, por certo, amanhã estarei lá outra

vez. E aqui, certos revisores, com o furador, dirão: «O teu bilhete!» - «Tem-no aquele camarada.»

Os vagões estão repletos (mas repletos para os livres, debaixo dos assentos não há ninguém, e no chão e nos corredores não se vê ninguém sentado). Foi-me dito que me comportasse com naturalidade e eu comporto--me da maneira mais natural: vi no assento ao lado um lugar vazio, ao lado da janela, ali me sentei. Os guardas não estavam nesse assento mas no interior, donde me observam com bons olhos. Na estação de Periebor fica livre um lugar em frente de mim, mas antes que um da minha escolta possa ocupá-lo, senta-se nele um rapaz bochechudo, com uma curta peliça, um gorro de peles e uma mala de madeira simples mas forte. Reconheci esta mala: é fabricada no campo, made in Arquipélago.

«Fu-u-uf», sopra o rapaz. Há pouca luz, mas vejo que todo ele está vermelho do esforço feito ao subir para o comboio. Tira o cantil: «Bebes cerveja, camarada?» Eu sei que a minha escolta se inquieta no assento vizinho: eu não devo beber nada alcoólico, não se pode! Mas é necessário comportar-me de maneira natural. E digo despreocupadamente: «Sim, deita, por favor.» (Cerveja? Cerveja! Há três anos que não bebia

uma gota sequer! Amanhã, na cela, vou gabar-me: bebi cerveja!) O rapaz deita e eu bebo com todo o prazer. Já está escuro. No vagão não há luz eléctrica, é a desorganização do pós-guerra. Numa velha lanterna, fixada no biombo, arde um coto de vela que alumia os quatro assentos ao mesmo tempo: os dois da frente e dois de trás. Eu e o rapaz conversamos amistosamente, quase sem nos vermos. Por muito que se incline, o meu guarda nada consegue ouvir devido ao barulho das rodas do vagão. Tenho um postal na algibeira para mandar para casa. Explico ao meu bom interlocutor quem sou e peço-lhe que ele o deite ao correio. A julgar pela mala, também ele esteve preso. Mas ele antecipa-se: «Sabes, com dificuldade obtenho férias, há dois anos consecutivos que não me as dão, é um serviço de cães.» - «Que serviço!» - «Não sabes? Eu sou dos vigilantes azuis, chui, nunca viste nenhum?» Tfu!, que peste! Como não o adivinhei logo? Periebor é o centro do Volgo-Lag, e a mala obrigou .ele os presos a fazê-la de graça. Como se entreteceu a nossa vida: em dois assentos dois debruns-azuis já eram poucos! — embarcou um terceiro. Não estará algures escondido um quarto?

Não haverá em todos os assentos? Haverá algum de nós que não siga também sob escolta especial?...

O rapaz que vai comigo não deixa de queixar-se e de lamentar-se da sua sorte. Então, enigmático, indago: «E a quem tu guardas, a quem deram dez anos por nada, a esse a vida é mais fácil?» Ele calou-se imediatamente e assim esteve até de manhã: na semiescuridão, ele havia podido ver senão vagamente que o meu fato era meio militar - capote e casaco. Ele pensou simplesmente que eu era apenas um soldado, mas agora, só Deus sabe, não serei um agente da Segurança do Estado, à caça de fugitivos? Que faço eu neste vagão? E ele, diante de mim, criticou os campos.

O coto de vela derrete-se na lanterna, mas ainda arde. No terceiro beliche da bagagem um jovem com voz agradável fala sobre a guerra, a verdadeira, aquela que não se conta em livros; era separador, conta casos sucedidos, fiel à verdade. Que agradável ouvir, apesar de tudo, a verdade.

Também eu muito poderia contar... Até gostaria de contar!... Mas não, não quero. Os meus quatro anos

de guerra é como se tivessem sido roubados. Não quero acreditar que tenha sido possível, não quero recordar. Dois anos AQUI, dois anos no Arquipélago, apagaram para mim os caminhos do futuro, a camaradagem do futuro, eclipsaram tudo. Uma cunha desaloja a outra.

Eis como, depois de passar apenas algumas horas entre HOMENS LIVRES, sinto que os meus lábios estão mudos: nada tenho a fazer entre eles, sinto-me ligado a isto. Quero uma palavra livre! Quero voltar à minha pátria, a casa, ao meu Arquipélago!

Pela manhã ESQUEÇO o postal na prateleira superior do vagão: a condutora virá limpar o pó e levá-lo-á à caixa do correio, se for gente...

Saímos na estação Severnaia. Mais uma vez tenho guardas novatos, que não conhecem Moscovo. Vamos no eléctrico «B», decido eu por eles. No meio da praça, junto à paragem do eléctrico, há grande aglomeração, é hora de ir para o trabalho. O vigilante sobe e mostra ao condutor o cartão do Ministério do Interior. Na plataforma dianteira, como os vereadores do Soviete de Moscovo, vamos com ar importante todo o caminho e não tiramos bilhetes. Não deixam subir por

ali os velhos, nem os inválidos, que entram pelas traseiras!

Chegados a Nevoslobodskaia, descemos - e pela primeira vez vejo do exterior a cadeia de Butirki, embora seja a quarta vez que me levam ali e possa, sem dificuldade, indicar o seu plano interior. Que muro tão alto e tao negro ao longo de dois quarteirões! O coração dos moscovitas gela à vista das fauces de aço desses portões corrediços. Mas deixo sem pena os pavimentos moscovitas e, como se fosse para casa, vou por entre as torres abobadadas, sorrio no primeiro pátio, reparo nas conhecidas portas principais de madeira talhada e não me importaria nada que me mandassem agora ficar virado para a parede e me perguntassem: «Apelido? Nome? Ano de nascimento?...»

O meu apelido!... Sou o Peregrino Interplanetário! O meu corpo está dentro de uma camisa, mas a minha alma não está submetida a eles.

Eu sei: dentro de algumas horas submeterão o meu corpo a várias operações inevitáveis - a box, a revista,

a entrega de recibos, o preenchimento do questionário de entrada, a desinfecção, o banho - serei metido na cela com duas cúpulas, com um arco suspenso ao meio (todas as celas são iguais), com duas enormes janelas, uma longa mesa-armário, e encontrarei pessoas desconhecidas, mas necessariamente inteligentes, interessantes e amigas, que contarão coisas e com quem falarei toda a noite sem ter vontade de dormir.

E nas tigelas estará marcado (para que não as levem nas transferências): «Butiur» (sigla da prisão de Butirki). O sanatório de Butiur, como dizíamos aqui, a rir outra vez. É um sanatório pouco conhecido dos dignitários gordos que desejam emagrecer. Eles arrastam as suas barrigas até Kislovodsk, vão andando pelas sendas-itinerários, sentando-se, transpirando durante todo o mês para perder dois, três quilos. No sanatório de Butiur, que está ao lado, qualquer deles emagreceria meia arroba numa semana, sem quaisquer exercícios.

Isto está provado. Não há excepções.

Se há uma verdade de que nos convencemos na prisão, é a de que o mundo é pequeno,

verdadeiramente pequeno. É certo que o Arquipélago de GULAG se estende por todo o espaço da União Soviética, mas o número dos seus habitantes é muito menor. Quantos habitantes, exactamente, tem o Arquipélago, não nos é possível chegar a sabê-lo. É possível que nos campos, simultaneamente, nunca tenham chegado a estar mais de doze milhões2 (uns para debaixo da terra, a Máquina trazia outros). E não mais de metade eram políticos. Seis milhões é um pequeno país, como a Suécia ou a Grécia, onde muitos se conhecem pessoalmente. Nada de extraordinário, pois, que ao cair-se em qualquer cela de qualquer prisão de trânsito, ao escutar, ao falar, encontremos necessariamente, em alguns companheiros conhecidos, amigos comuns. (Que há de especial se D., que esteve isolado numa cela, durante um ano, na prisão de Sukhanovka, depois dos espancamentos aplicados no hospital de Riumin, entra numa cela de Lubianka, diz o seu nome e vai imediatamente ao seu encontro: «Ah! eu conheço-o!» - «Donde?», pergunta timidamente D. «Engana-se». - «De modo algum, você é aquele americano, Alexandre D., sobre quem a imprensa burguesa mentia, dizendo ter sido raptado, o que a Tass desmentiu. Eu estava em liberdade e li.»)

2 Segundo indicações dos sociais-democratas Nikolaievski e Dalin, chegaram a estar nos campos entre quinze e vinte milhões de presos.

Gosto do momento em que entra na cela um preso novo (não um novato - esse entra abatido, confuso, mas sim um zek que já está preso). Eu mesmo gosto de entrar numa nova cela (aliás, Deus quisesse que não entrasse mais) - um.sorriso despreocupado, um gesto amplo: «Saúde, irmãos!», saco para cima da tarimba. «Que novidades há desde o último ano em Butirki?»

Iniciámos as apresentações. Eis aqui Suvorov, um rapaz condenado pelo artigo 58. À primeira vista nada de especial, mas repare-se, repare-se: na prisão de trânsito de Krasnoiarsk esteve na cela juntamente com Makhotkin...

- Desculpe, não é o aviador polar?

- Sim, sim, o seu nome...

- ... foi dado a uma ilha do golfo de Taimir. Mas ele próprio está preso nos termos do artigo 58-10. Mas diga-me, deixam-no ir a Dudinka?

- Como sabe isso? Sim.

Magnífico. É mais um elo da biografia de Makhotkin, que me era completamente desconhecido. Nunca o encontrei e talvez nunca o encontre, mas a minha memória activa foi registando tudo o que sobre ele conheço: Makhotkin foi condenado a um decénio, mas não pode ser mudado o nome à ilha por estar anotada nos mapas do mundo inteiro (esta não é uma ilha de GULAG). Foi levado para uma charachka aeronáutica em Bolchino, onde um aviador estiola entre engenheiros, pois não o deixam voar. Dividiram a charachka em duas metades; Makhotkin ficou na metade de Tagan-rog, e parece que todas as relações entre ele e Suvorov estavam cortadas. Na outra metade, a de Ribinsk, disseram-me que o rapaz se tinha proposto voar até ao extremo norte. Agora sei que o autorizaram. Isto não terá muito interesse, mas eu recordo tudo. Dez dias depois encontro-me com um tal R. numa das cabinas de banhos da prisão de Butirki (essas lindíssimas cabinas existem em

Butirki, com torneiras e balde, para não ocupar a casa de banho grande).

Tão-pouco conheço este R., mas acontece que ele esteve meio ano no hospital de Butirki e agora vai para a charachka de Ribinsk. Dentro de três dias estará lá, num autêntico caixote fechado onde os zeks não têm qualquer ligação com o mundo exterior, e saber-se-á que Makhotkin se encontra em Dudinka, para onde me levaram a mim. Este é o telefone do preso: atenção, memória e encontros.

E quem é este homem simpático de óculos? Passeia pela cela e, com voz agradável de barítono, trauteia Schubert:

A mocidade de novo me oprime,

E longo é o caminho para a sepultura...

- Tsarapkin, Serguei Romanovitch.

- Desculpe, mas eu conheço-o bem. Biólogo? Dos que não se repatriaram? De Berlim?

- Como sabe?

- Mas como o mundo é pequeno! Em quarenta e seis, estive com Ni-kolai Vladimirovitch Timofeiev-Ressovski...

... Ah, que cela foi aquela! A mais brilhante, talvez, de toda a minha vida prisional!... Estávamos em Julho. Levaram-me do campo para Butirki por enigmática «disposição do ministro do Interior». Cheguei depois do almoço, mas era tal o abarrotamento na prisão que os trâmites para a recepção duraram onze horas, e só às três da madrugada, cansado de estar nas cabinas, me deixaram entrar na cela setenta e cinco. Iluminada por duas lâmpadas eléctricas intensas sob duas cúpulas, toda a cela dormia, uns junto aos outros, debaixo de calor sufocante: o ar quente de Julho não se filtrava pelas janelas, tapadas com mordaças. Zuniam as moscas sem sono e pousavam nos que dormiam, fazendo-os contrair. Alguns haviam coberto os olhos com lenços de assoar, para se protegerem da violência da luz. O balde da latrina exalava um cheiro intenso, pois a decomposição acelerava-se com aquele calor. Na cela, calculada para vinte e cinco pessoas, tinham metido não menos de oitenta. Estavam estendidos uns junto aos outros, ao longo das tarimbas da esquerda e da direita, em

tábuas suplementares colocadas através das coxias, e por todos os lados se viam pés, tendo a tradicional mesa-armário de Butirki sido empurrada para junto do balde da latrina. Aqui mesmo encontrei um pedacinho de chão livre e deitei-me. Os que se levantavam de noite para ir ao balde passavam por cima de mim.

A ordem de «em pé!», gritada através do postigo da porta, todos se mexeram: começaram a recolher as tábuas transversais, a empurrar a mesa para a janela. Aproximaram-se de mim para me interrogarem se eu era dos novatos ou se era antigo no campo. Sucede que nas celas se encontravam duas torrentes: a habitual, dos recém-condenados que eram enviados para os campos, e a torrente inversa, vinda dos campos, composta apenas por especialistas: físicos, químicos, matemáticos, engenheiros, construtores, torrente esta que era enviada para lugar desconhecido, talvez para certos institutos de pesquisas científicas. (Aqui tranquilizei-me, o ministro não ia aumentar-me a pena.) Aproximou-se de mim um homem idoso, espadaúdo (mas muito magro), com o nariz um pouco adunco, estilo abutre:

- Professor Timofeiev-Ressovski, presidente da associação técnico--científica da cela setenta e cinco. A nossa associação reúne-se todos os dias, depois da distribuição matinal da ração, perto da janela, do lado esquerdo. Poderia fazer-nos alguma comunicação científica? E qual?

Colhido de surpresa, eu estava de pé diante dele com o meu capote comprido e coçado e o gorro de Inverno (os que eram presos no Inverno

estavam condenados a andar também no Verão com roupa de Inverno). Os meus dedos ainda não se tinham endireitado desde manhã e estavam todos esfolados. Que comunicação científica podia eu fazer? Então recordei que, não há muito, no campo, tivera nas minhas mãos, durante duas noites, um livro que me haviam trazido da rua - o relatório oficial do ministro da Guerra dos Estados Unidos sobre a primeira bomba atómica. O livro fora lançado naquela Primavera. Ninguém o teria visto ainda na cela? Era uma pergunta inútil, por certo não. Assim, a sorte

sorria-me, obrigando-me a meter-me na física atómica, para a qual me inscrevera em GULAG.

Depois da distribuição da ração, reuniu-se junto da janela esquerda a associação de pesquisas científicas, uns dez homens, a quem fiz a minha comunicação, tendo sido admitido nela. Umas coisas esquecera-as, outras não as conseguira compreender. Nikolai Vladimirovitch, como eu já estava há um ano na prisão e nada podia saber sobre a bomba atómica, completava de vez em quando as lacunas da minha exposição. Uma caixa de fósforos vazia era a sua ardósia, nos dedos tinha ilegalmente um bocadinho de ponta de lapiseira. Em tudo isto pegava Nikolai Vladimirovitch, que, com segurança, desenhava e me interrompia com as suas ideias, como se fosse um físico do famoso grupo de Los Alamos.

Ele trabalhava, efectivamente, num dos primeiros ciclotrões europeus, mas para a irradiação das moscas drosófilas. Era biólogo, um dos maiores geneticistas contemporâneos. Ele já estava preso quando Jebrak, sem o saber (ou talvez, sabendo-o), teve a audácia de escrever para uma revista canadiana: «A biologia russa não se responsabiliza por Licenko, a biologia russa é Timofeiev-Ressovski

(durante a desorganização da biologia, em 1948, recordaram isto a Jebrak). Schriodinguer, no folheto O Que E a Vida, teve ocasião de citar duas vezes TimofeievRessovski, que estava preso há muito tempo.

Eis que ele estava agora diante de nós, brilhando pelos seus conhecimentos sobre todas as ciências possíveis. Ele possuía aquela envergadura que os cientistas das gerações posteriores não são capazes de ter (ou mudaram as possibilidades de adquirir?). Estava com tão poucas forças, em consequência da fome, que estes exercícios se lhe tornavam penosos. Pela linha materna ele descendia de nobres arruinados de Kaluga, das margens do rio Ressa, e pela linha paterna era descendente colateral de Stepan Razin, assim evidenciando todo o vigor próprio de cossaco, ampla ossatura, força na defesa firme contra o interrogatório e também contra a fome que o atormentava.

A sua história era a seguinte: em 1922, o cientista alemão Vogt, que criou em Moscovo o Instituto do Cérebro, solicitou o envio, para trabalho permanente, de dois estudantes dos mais competentes que haviam concluído os estudos. Foi assim que Timofeiev-

Ressovski e o seu amigo Tsarapkin foram enviados em missão especial, por tempo ilimitado. Sendo certo que eles não tinham orientação ideológica, faziam grandes progressos

no campo da ciência, e quando, em 1937 (!), lhes ordenaram o regresso à pátria, isto tornou-se para eles, por inércia, impossível: eles não podiam abandonar os seus trabalhos, nem a aparelhagem, nem os alunos. È talvez ainda não pudessem, porque agora, na pátria, era preciso publicamente cobrir de lodo todo o seu trabalho de quinze anos na Alemanha, e só isso lhes conferiria o direito de existir (e acaso lhes daria?). Assim tornaram-se refractários, continuando, não obstante, patriotas.

Em 1945, as tropas soviéticas entraram em Buch (subúrbio nordeste de Berlim); Timofeiev-Ressovski recebeu-os jubilosamente, com todo o Instituto: tudo havia sido resolvido pelo melhor, agora não era preciso separar-se do Instituto! Chegaram os representantes, andaram por ali e disseram: «Metam tudo em caixotes, levamo-los para Moscovo.» - «Isso

não é possível!», replicou Timofeiev-Ressovski, dando um passo a trás. «Tudo se perderá! Os aparelhos levaram anos a montar!» - «Hum, hum», admiraram-se os chefes. Pouco depois Timofeiev-Ressovski e Tsarapkin eram presos e conduzidos a Moscovo. Ingénuos, eles pensaram que sem eles não funcionaria o Instituto. Que não funcione, mas que triunfe a linha geral! Na Grande Lubianka demonstraram facilmente aos dois presos que eles eram traidores à pátria (eh!) e aplicaram dez anos de cadeia a cada um, e agora o presidente da associação técnico-científica da cela setenta e cinco sentia-se satisfeito por nunca ter cometido erros.

Nas celas de Butirki, os arcos que apoiam os beliches são muito baixos: a administração prisional nem sequer pensou que sobre eles dormiriam os presos. Por isso começas por lançar o capote ao vizinho, para que o estenda, e depois, no lugar da passagem, deitas-te no chão e arrastas-te até lá. Por ali se anda, o chão debaixo dos beliches é varrido talvez uma vez por mês, lavam-se as mãos somente à noite depois de ir à latrina e, mesmo assim, sem sabão - não se pode dizer que sintamos o corpo como um vaso de Deus. Mas eu era feliz! Nesse chão asfaltado, debaixo dos

beliches, rastejando como os cachorros, com o pó e as migalhas a cair nos olhos, eu era absolutamente feliz, sem quaisquer restrições. Dizia Epicuro, com justeza: «A ausência de diversidade pode sentir-se com prazer quando se sucede a amarguras diversas.» Após a estada no campo, que já parecia interminável ao fim de um dia de trabalho de dez horas, depois do frio e da chuva, com dores nas costas - oh!, que felicidade estar deitado dias inteiros e poder dormir, mesmo recebendo apenas seiscentos e cinquenta gramas de pão e comida quente duas vezes por dia, alimentos concentrados e carne de delfim. Numa palavra — o sanatório de Butirki.

Dormir! - isso é muito importante. Deita-te de barriga para baixo, tapa as costas e vamos dormir que se faz tarde! Durante o sono não despendes energias nem atormentas o coração — e a pena vai passando, vai passando! Quando a vida crepita e faísca, maldizemos a necessidade de dormir oito horas como inútil. Mas, quando nos encontramos desesperados, na desdita, é uma bênção podermos ter catorze horas de sono!

Nessa cela mantiveram-me dois meses, mas dormi o sono do ano anterior e o do ano seguinte; durante esse tempo gatinhei por debaixo dos beliches até à janela e, da mesma forma, voltei até perto do balde da latrina, subi aos beliches, fui destes até à arcada central da cela. Eu já então dormia pouco, sorvia o elixir da vida e deliciava-me. Pela manhã a associação técnico-científica, o jogo de xadrez depois, livros (itinerantes, três ou quatro para oitenta pessoas, fazia-se bicha para os apanhar), vinte minutos de passeio, era a coisa mais deliciosa! Não renunciávamos ao passeio mesmo que chovesse torrencialmente. Mas o principal eram as pessoas, as pessoas, as pessoas! Nikolai Andreievitch Semionov, um dos criadores do Dniepro-guess (central hidroeléctrica do rio Dnieper); o seu amigo de cativeiro, F. F. Karpov, engenheiro; o mordaz e engenhoso Victor Kogan, físico; o laureado do Conservatório, compositor Volodia Kelmpner; um lenhador e caçador dos bosques de Viatka, profundo como um lago da floresta; o pregador ortodoxo Evgueni Ivanovitch Divnitch, vindo da Europa. (Ele não se confinava à teologia, invectivava o marxismo, declarando que há muito na Europa ninguém levava a sério essa doutrina - e eu intercedia na defesa do

marxismo, pois não é verdade que sou marxista? Há um ano eu seguramente o bateria com citações e pejorativamente me teria rido dele! Mas este primeiro ano de detenção estratificou-se em mim - quando ocorreu isto? Não o notei — tantos acontecimentos, aspectos e significados novos que já não posso dizer: «Eles não existem! Isso é uma mentira da burguesia!» Agora devo reconhecer: «Sim, eles existem.» E, num ápice, debilita-se a cadeia dos meus argumentos e brincam autenticamente comigo, arrasando-me.)

De novo desfilam prisioneiros, prisioneiros, prisioneiros - a torrente da Europa não pára há um ano. E novamente os emigrados russos da Europa e da Manchúria. Buscamos novos conhecimentos junto dos emigrados, perguntando-lhes: «De que país é você? Conhece um assim assim, não conhece? Naturalmente conhece.» (Dessa forma vim a saber do fuzilamento do coronel Yassevitch.)

E o velho alemão, aquele alemão corpulento, agora magro e doente, ao qual, na Prússia Oriental (há duzentos anos?), obriguei a levar a minha mala. Oh!, como o mundo é pequeno!... Estava escrito que nos voltaríamos a encontrar! O velho sorriu-se para mim. Ele também me reconheceu e até parece estar

contente com o encontro. Perdoou-me. Condenaram-no a dez anos, mas resta-lhe muito menos de vida... E ainda outro alemão, muito alto, jovem, mas que, talvez por não conhecer o russo, nem uma só palavra, é tímido. Não reconheces nele, de imediato, um alemão: os gatunos tudo lhe arrancaram, em troca deram-lhe um casaco militar soviético desbotado. Ele é um ás famoso da aviação alemã. A sua primeira campanha foi a da guerra do Paraguai com a Bolívia, a segunda a da Espanha, a terceira a polaca, a quarta a da Inglaterra, a quinta a de Chipre, a sexta a da União Soviética. Enquanto era um ás, não podia deixar de abrir fogo contra mulheres

e crianças! É criminoso de guerra, dez anos e cinco de mordaça... E, naturalmente, há na cela um bem-intencionado (à maneira do procurador Kretov): «Prenderam-nos com justiça a todos, canalhas, contra-revolucionários! A história triturará os vossos ossos, servireis de adubo!»-«E tu, cachorro, também servirás para adubo!», gritam-lhe. «Não, o meu processo será revisto, fui condenado sem culpa!» A

cela ruge, ferve. Um professor de russo, grisalho, levanta-se do beliche, descalço e, como uma nova aparição de Cristo, estende os braços: «Filhos meus, re-conciliemo-nos!... Filhos meus!» E gritam-lhe a ele: «No bosque de Briansk estão os teus filhos! Já não somos filhos de ninguém! Somos apenas filhos de GULAG...»

Depois da ceia e da ida à latrina, chegou a noite às mordaças das janelas, acenderam-se as estafantes lâmpadas do tecto. O dia divide os presos, a noite aproxima-os. Pela noite não havia discussões, organizavam-se palestras ou concertos. E aqui brilhava, de novo, Timofeiev-Ressovski: ele dedicou noites inteiras à Itália, Dinamarca, Noruega, Suécia. Os emigrantes faziam relatos sobre os Balcãs e a França. Alguém pronunciou uma palestra sobre Corbusier, outro sobre os hábitos das abelhas, ainda outro sobre Gogol. Então fumavam sem cessar! O fumo enchia a cela, bailava como neblina e não saía pela janela devido à mordaça. Kostia Kiula, da minha idade, de rosto redondo, olhos azuis, mal conformado, mesmo cómico, encostava-se à mesa e lia os seus versos escritos na prisão. A sua voz estava embargada pela emoção. As poesias eram «O Primeiro Pacote»

(encomenda), «A Esposa», «Ao Filho». Quando na cela ouves declamar versos escritos na própria cadeia, não pensas se o autor se desviou do sistema tónico--silábico e se as linhas terminam com assonâncias ou se rimam. Estes versos são sangue do TEU coração, são lágrimas da TUA esposa. Na cela, choravam.3

A partir dessa cela, senti-me também atraído a escrever versos sobre a prisão. E ali declamei versos de Ecenin, quase proibido até à guerra. O jovem Bubnov, um dos prisioneiros, ao que parece estudante que não terminou o curso, olhava religiosamente para os declamadores e o seu rosto resplandecia. Ele não era especialista, ele não vinha do campo - ia para o campo. E o mais provável, dada a sua pureza e rectidão de carácter, para ali morrer - pessoas assim, ali, não vivem. E esses serões na cela setenta e cinco foram, para ele e para outros, um travão na queda para a morte, a imagem inesperada daquele mundo belo que existe e existirá, mas no que o seu destino infeliz não lhes permitiu viver um ano sequer, nem um ano jovem.

Depois de comermos, o vigilante leva-nos: «Recolher!» Tendo estudado

3 Não responde, Kostia Kiula. Temo que já não se encontre entre os vivos.

antes da guerra, simultaneamente em duas faculdades, vivendo do dinheiro ganho como explicador e tentando escrever, parece que nem então vivi dias tão intensos, tão explosivos e tão ocupados como na cela setenta e cinco naquele Verão...

- Desculpe - disse eu a Tsarapkin -, mas quanto a um certo Deul, um garoto de dezasseis anos, condenado a cinco anos de prisão por «agitação anti-soviética»...

- Como, também conhece isso?... Ele foi comigo numa etapa, para Karaganda...

- ... Eu soube que você foi colocado como ajudante de laboratório de análises médicas, mas que Nikolai Vladimirovitch esteve todo o tempo nos trabalhos gerais...

- Ele ficou muito debilitado. Levaram-no, meio morto, num stolipine, para a prisão de Butirki. Agora encontra-se no hospital, e na Quarta Secção

Especial4 dão-lhe manteiga e também vinho, mas é difícil dizer se conseguirá pôr-se de pé.

- A si chamaram-no da Quarta Secção Especial?

- Sim. Perguntaram se não consideramos possível, após seis meses em Karaganda, pôr em ordem o nosso Instituto na terra pátria.

- E você concordou imediatamente?

- Como não! Pois agora compreendemos os nossos erros. Além do mais, toda a aparelhagem, arrancada dos lugares e metida em caixotes, chegou sem nós.

- Que devoção à ciência por parte do Ministério do Interior! Peço-lhe que continue ainda um pouco com Schubert!

E Tsarapkin cantaroleia com tristeza, olhando para a janela (nos seus óculos reflectem-se as mordaças escuras e a parte superior das janelas):

Vom Abendrot zum Morgenlicbt ■'

War mancher Kopf zum Greise Wer Glaubt es? meiner ward es nicht Aufdieser ganzen Reise.

O sonho de Tolstoi tornou-se realidade: os presos não são obrigados a assistirem ao viciado serviço religioso.

As capelas das prisões estão fechadas. É verdade que foram conservados os seus edifícios, mas ampliados para servirem de prisões. Na capela de Butirki cabem, desse modo, mais duas mil pessoas, e por ela passam mais de cinquenta mil por ano, no caso de cada leva permanecer ali duas semanas.

Ao entrar em Butirki pela quarta ou quinta vez, quando me dirigia a

4 A Quarta Secção Especial do Ministério da Segurança do Estado ocupava-se da análise de problemas científicos, utilizando os presos.

toda a pressa e com segurança através do pátio, rodeado de-pavilhões prisionais, para a cela que me era destinada, adiantando-me mesmo ao vigilante (como o cavalo que, sem chicote e sem rédeas, vai trotando de regresso a casa, onde o espera a aveia), esquecia-me por vezes de deitar uma olhadela para a igreja quadrada convertida em octaedro. Ela eleva-se singularmente no meio do pátio quadrado. As suas mordaças não são nada funcionais, não sendo compostas de armadura com cristal, como na prisão

principal, mas de tábuas cinzentas apodrecidas, que indicavam o aspecto secundário do edifício. E uma espécie de cadeia interior do centro de trânsito de Butirki, para os recém-condenados.

Noutros tempos, em 1945, eu vivi essa experiência como um passo de grande importância. Depois da sentença proferida pela Secção Especial de Deliberações, conduziram-nos à igreja! (Era o momento preciso! Não teria sido mau rezar!) Levaram-nos a seguir ao segundo andar (onde tinham construído também um terceiro piso), e do vestíbulo octogonal meteram--nos em diversas celas. A mim colocaram-me na parte sudeste.

Era uma ampla cela quadrada, onde estavam, naquela altura, duzentas pessoas. Dormiam, como em todas as outras celas, por cima dos beliches (que aqui eram de um piso), por debaixo deles, ou simplesmente nas coxias sobre as lajes. Não só as mordaças eram de segunda categoria, como tudo parecia feito não para os filhos mas sim para os enteados de Butirki: nesse formigueiro não emprestavam livros, nem xadrez nem jogos de damas, e as tigelas de alumínio, bem como as colheres de madeira gretadas pelas pancadas, eram também

recolhidas no intervalo entre as refeições, pois temiam que as roubassem no meio da balbúrdia que precedia a formação das levas. Tinham receio de dar canecas aos enteados, pelo que se lavavam as tigelas depois da sopa e se sorvia nelas a beberagem que dava pelo nome de chá. A ausência de louça na cela era um golpe para os que tinham a sorte ou a desgraça de receber pacotes da família (e nos últimos dias, antes da grande leva, os familiares, com os seus escassos meios, procuravam sempre enviar-lhes alguma coisa.) Ora, eles não tinham conhecimento do que eram as prisões e na recepção nunca podiam receber um bom conselho. Por isso, não enviavam recipientes de plástico, os únicos que eram permitidos aos presos, mas sim de vidro ou de metal. Na manjedoira da cela, todos os doces, o mel, o leite condensado eram despejados e raspados impiedosamente do recipiente em que os presos os guardavam, mas na cela da igreja os presos não tinham outra coisa que não fosse as palmas das mãos, a boca, o lenço de assoar, ou as abas do vestuário. Para o GULAG isso era completamente normal. Mas para o centro de Moscovo? E no meio de tudo isso «rápido, rápido!» - o vigilante acicatava, como se estivesse atrasado para o comboio (incitando os presos à pressa, porque ele

mesmo pensava ainda lamber os recipientes recolhidos). Nas celas da igreja tudo era provisório, não dando sequer a ilusão de estabilidade que havia nas celas dos que estavam sujeitos a interrogatórios, e esperavam o julgamento. Como carne picada

, semifabricados para GULAG, mantinham aqui os prisioneiros os dias necessários para que na cadeia de Krasnaia Pressnia libertassem ainda um pouco de espaço para eles. O único privilégio que os presos tinham era o de irem eles mesmos buscar sopa três vezes por dia, não havia papas de cereal,.mas sopa três vezes por dia, o que era bom, pois era mais frequente e pesava mais no estômago. Concederam este privilégio porque na igreja não havia elevadores, como no resto da prisão, e os guardas não queriam cansar-se. Era preciso acarretar de longe pesados caldeiros, através do pátio, e depois por uma íngreme escada, o que era muito difícil. Havia poucas forças e era com gosto que os presos saíam uma vez mais por dia para o pátio verdejante, a ouvir o gorjeio dos pássaros.

As celas da igreja tinham o seu ar próprio: este agitava-se já um pouco com as correntes de ar dos futuros centros de trânsito, com os ventos dos campos polares. Nas celas da igreja existia o ritual de acostumar-se à ideia de que a sentença havia sido ditada, e não a brincar, e que por cruel que fosse este novo período da vida era preciso compreendê-lo e aceitá-lo. O que se conseguia dificilmente.

E aqui não havia aquela estrutura estável que existe nas celas de investigação e que lhes dá uma espécie de ar familiar. Aqui, de dia e de noite, continuamente, traziam e levavam pessoas isoladas às dezenas, o que fazia com que a todo o tempo se mudasse de lugar, no chão e nos beliches, raramente se podendo estar mais de dois dias deitado junto ao mesmo vizinho. Ao encontrar uma pessoa interessante era necessário fazer-lhe perguntas sem tardar, pois de outra maneira perdia-se a ocasião para toda a vida.

Foi assim que deixei passar o serralheiro de automóveis Medvediev. Tendo começado a falar com ele, lembrei-me de que o seu apelido tinha sido pronunciado pelo «imperador» Mikhail. Sim, ele era seu companheiro de processo, um dos primeiros a ler o seu «Manifesto ao Povo Russo» e não o denunciara.

Deram a Medvediev, vergonhosamente, imperdoavelmente, uma pena leve (apenas três anos!), aplicando-lhe o artigo 58, segundo o qual cinco anos se podiam considerar uma sentença infantil. Pelos vistos, consideraram o imperador louco e perdoaram aos restantes, tendo em conta considerações de classe. Quando eu me disponha a saber como é que Medvediev explicava tudo isso, levaram-no «com as coisas». Por certas circunstâncias, podia imaginar-se que o levaram para o libertarem. Assim se confirmariam os primeiros boatos sobre a amnistia staliniana, que tinham chegado naquele Verão até nós, isto é, sobre a amnistia para ninguém, sobre a amnistia depois da qual, inclusive, nem sequer debaixo dos beliches sobrava agora irrais espaço.

Atiraram com o meu vizinho para as levas: era um velho do schutsbund (a todos os scbutsbund, que asfixiavam na conservadora Áustria, mimosearam-nos aqui, na pátria do proletariado mundial, em 1937, com dez anos nas ilhas do Arquipélago, onde encontraram o seu fim). E aproximou-se de mim um homenzinho moreno, de cabelos pretos

504

com graxa e olhos de mulher, negros como cerejas, mas com um enorme nariz que lhe desfeava todo o rosto, até à caricatura. Estivemos dois dias deitados um ao lado do outro, calados, e no segundo ele encontrou um motivo para me perguntar: «Quem imagina que sou?» Falava num russo fluente e correcto, mas com sotaque. Eu vacilei: parecia haver nele algo de caucasiano e de arménio. Ele sorriu-se: «Eu fazia-me passar facilmente por georgiano. A mim chamavam-me Jacha. Todos se riam de mim. Era eu que recebia as quotas dos sindicatos.» Olhei para ele. Era efectivamente uma figura cómica: atarracado, de rosto desproporcionado, com um sorriso sem maldade. Mas, de repente, ficou tenso, os seus traços aguçaram-se, os seus olhos reconcentraram-se e era como se me anavalhasse com os movimentos de um sabre negro:

- Mas eu sou um espião do quartel-general romeno! O tenente Vladi-mirescu!

Estremeci. Aquilo soava-me a dinamite. Depois de ter conhecido duas centenas de pseudoespiões, estava

longe de supor vir a encontrar um verdadeiro e pensava até que nem existissem.

Segundo o que contava, procedia de uma família aristocrática. Desde a idade dos três anos que estava destinado ao quartel-general, e depois dos seis foi entregue a uma secção de informação, para ser educado. Ao atingir a maioridade escolheu a União Soviética como campo da sua actividade, considerando que era aqui que existia a mais inexorável contra--espionagem do mundo, sendo especialmente difícil trabalhar, dado que todos suspeitam uns dos outros. Agora chegava à conclusão de que não trabalhara mal aqui. Tinha estado uns quantos anos antes da guerra em Nikolaiev e parecia ter assegurado aos combatentes romenos a conquista dos estaleiros intactos. Depois esteve na fábrica de tractores de Estalinegra-do e, posteriormente, nã empresa de construção de maquinaria de Uralmach. Um dia entrou no gabinete do chefe de uma grande secção, para receber o dinheiro da quotização sindical, fechando a porta atrás de si. Então, o chefe disse-lhe (e ao contar isto o sorriso de idiota desapareceu do seu rosto, assumindo de novo aquela expressão cortante de sabre): «Ponomariov! (O seu

nome era diferente na Uralmach.) Temos estado a segui-lo desde Estalinegrado. Você abandonou lá o seu posto (que era algo importante na fábrica de tractores, e colocou-se aqui sob nome suposto. Escolha: ou ser fuzilado pelos seus, ou trabalhar connosco.» Ponomariov escolheu a segunda hipótese, o que parece muito próprio de um carrasco em progresso. O tenente foi quem os dirigiu enquanto não foi posto sob o comando de um residente alemão em Moscovo, que o mandou trabalhar para Podolsk, SEGUNDO A SUA ESPECIALIDADE. Como Vladimirescu explicava, os espiões sabotadores recebem uma preparação diversificada, mas cada um tem a sua especialidade ESTRITA. No caso de Vladimirescu, ela era o corte interior da amarra principal do pára-quedas. Em Podolsk, diante do depósito dos pára-quedas, o tenente foi recebido pelo chefe da guarda (quem era

ele? De que espécie de pessoa se tratava?), que o mandou passar oito horas durante a noite no depósito. Colocando uma escadinha junto à pilha de

pá-ra-quedas, sem alterar a posição destes, Vladimirescu, separando o traçado do cabo principal, cortava com uma tesoura especial quatro quintos da sua grossura, deixando que um quinto se quebrasse no espaço. Vladimirescu estudara e preparara-se durante muitos anos para essa noite apenas. Agora, trabalhando febrilmente, em oito horas tinha estragado, ao que parecia, dois mil pára-quedas (a uma média de quinze segundos por pára-quedas!). «Eu destrui uma divisão soviética de pára-quedistas!», e os seus olhos fulguravam maldosamente como cerejas.

Preso durante oito meses, negou-se a prestar declarações, permanecendo na box incomunicável de Butirki sem proferir uma palavra. «Não o torturaram?» - «Não», respondeu com um gesto peremptório, como se não admitisse tal possibilidade para um súbdito não soviético. (Bate nos teus para que os estranhos não tenham medo!... Mas um espião é uma reserva de ouro, ele talvez tenha de ser trocado um dia.) Um dia mostraram-lhe um jornal: a Roménia capitulou, preste-nos declarações. Ele continuou calado: os jornais podiam ter sido falsificados. Deram-lhe a ler a ordem do quartel-general romeno: segundo

as condições do armistício, o quartel-general ordenava a todos os seus espiões que se entregassem. Ele continuou calado (a ordem podia ser falsa). Finalmente foi acareado com o seu chefe imediato do quartel-general, e este ordenou-lhe que confessasse tudo e se considerasse desmobilizado. Então, Vladimirescu, imperturbável, fez declarações, e agora, no lento decorrer do dia, na cela, contou-me alguma coisa também a mim... Nem sequer o julgaram! Não lhe aplicaram sentença alguma! (Ele não era de casa! «Pertenço aos quadros, até à morte, e serei preservado.»)

- Mas você abre-se diante de mim - disse-lhe eu. - Olhando para o seu rosto, posso recordá-lo. Imagine que algum dia nos encontramos na rua...

- Se estiver certo de que você não me reconhece, ficará com vida. Se me reconhecer, mato-o ou obrigo-o a trabalhar para nós.

Ele não queria, de modo algum, estragar as suas relações com o vizinho do beliche. Disse isto em tom simples, plenamente convicto. Fiquei ciente de que não lhe custaria nada matar alguém a tiro ou à punhalada.

Em todos estes longos anos de reclusão nunca mais encontrei um herói deste tipo. Em onze anos de prisões, campos e centros de trânsito, foi o único encontro dessa espécie, e outros nem casos desses conheceram. As nossas histórias aos quadradinhos, com grandes tiragens, burlam a nossa juventude, quando lhe dizem que os órgãos só caçam homens assim.

Bastava passar os olhos por esta cela da igreja para se compreender que era essa mesma juventude que era apanhada em primeiro lugar. A guerra chegara ao fim e era possível darem-se ao luxo de prender todos quantos tinham sido marcados: já não seria preciso servirem-se deles como soldados. Diziam que nos anos 44-45 pela Pequena Lubianka (região) se haviam passado para o «Partido Democrático». Segundo os rumores que corriam,

este compunha-se de meia centena de rapazes, tinha estatutos e cartões de identidade. O mais velho, estudante do último ano do ensino secundário de uma escola moscovita, era o «secretário-geral».

Apareciam também estudantes nas prisões de Moscovo, no fim da guerra. Encontrei lá alguns. Ao que parece, eu não era velho, mas eles eram mais novos...

Como tudo isso aconteceu, inadvertida, furtivamente! Enquanto nós, eu e o meu companheiro de processo, a minha geração, combatíamos quatro anos na frente, cresceu aqui uma geração nova! Há acaso muito tempo que nós pisávamos os oleados corredores universitários, considerando-nos os mais jovens e mais inteligentes do país e do mundo?! E, de repente, pelas lajes da celas prisionais, aproximam-se de nós, pálidos e altivos, estes moços, e nós aprendemos surpreendentemente que os mais jovens e os mais inteligentes, já não somos nós, mas eles! Não me senti ofendido por isso, tinha mesmo gosto em ceder-lhes o lugar. Eu conhecia a sua paixão de discutir com todos, de tudo conhecer. Era para mim compreensível o seu orgulho de terem escolhido o lugar devido e de não se arrependerem. Nos formigueiros pode ver-se o movimento de uma auréola prisional em torno dos simpáticos rostos, enfatuados e inteligentes.

Um mês antes disto, noutra cela de Butirki, que, era meio hospital, mal eu acabava de entrar, não tinha

ainda uma ideia da minha situação, veio ao meu encontro com ar de querer conversa e mesmo discutir, parecendo até solicitá-lo, um jovem pálido e macilento, com um rosto fino de judeu, agasalhado, apesar de estarmos no Verão, com um capote de soldado usado e furado por balas: ele tinha calafrios. Chamavam-lhe Boris Gammerov. Começou a fazer-me perguntas e a conversa recaiu sobre as nossas biografias, por um lado, e sobre política, por outro. Não sei porquê ele citou umas das orações do então já falecido presidente Roosevelt, que fora publicada nos nossos jornais, e eu comentei-a como se fosse para mim mesmo, evidentemente:

- Bom, isso naturalmente é uma falsa beatice.

E, de repente, as sobrancelhas aloiradas do jovem estremeceram, os seus pálidos lábios pareceram pôr-se em guarda, e como se fosse erguer-se perguntou:

- Porquê? Porque é que não admite que um estadista possa crer sinceramente em Deus?

Foi apenas isto o que proferiu! Mas de que lado vinha o ataque? Ouvir estas palavras da boca de alguém que tinha nascido em 1923?... Eu podia responder-lhe com frases muito confiantes, mas na prisão a

minha segurança já tinha vacilado, sobretudo porque vive em nós, independentemente das nossas convicções, um certo sentimento puro, e ele tornou claro para mim que eu não falara segundo as minhas convicções, antes mas tinham inculcado do exterior. Não sei o que lhe respondi. Apenas lhe perguntei:

- Mas você crê em Deus?

- Naturalmente - respondeu, com tranquilidade.

Naturalmente? Naturalmente... Sim, sim. A juventude komsomolizada começa a desintegrar-se por toda a parte. E o Comissariado do Povo para a Segurança do Estado foi dos primeiros a notar isso.

Apesar da sua juventude, Boris Gammerov não só lutara como sargento antitanquista e participara no «adeus à Pátria!», nos anos 45, como também sofreu um ferimento nos pulmões, que até então não havia cicatrizado, e devido a isso declarou-se-lhe um processo de tuberculose. Tendo tido baixa do exército por invalidez ingressou na Faculdade de Biologia da Universidade de Moscovo e ali se entrelaçaram dois

fios da sua trama: um da tropa e outro da vida estudantil de antes da guerra, não completamente estúpida, nem morta. Passou a fazer parte de um círculo de pensamento e reflexão sobre o futuro (embora ninguém os tivesse incumbido disso), mas o olho atento dos órgãos filou três deles, deitando-lhes a mão. O pai de Gammerov, ou morreu em consequência dos espancamentos na prisão ou foi fuzilado em 1937, e o filho enveredava pelo mesmo caminho. Nos interrogatórios ele leu com ênfase ao juiz de instrução algumas das suas poesias (sinto muita pena de não me recordar de nenhuma delas, e de não poder encontrá-las, pois tê-las-ia inserido aqui).

Durante alguns meses o meu caminho cruzou-se com os três do mesmo processo: numa das celas de Butirki encontrei Viatcheslav D. Há sempre desses quando prendem jovens: ele era o «duro» do seu círculo, mas des-moronou-se rapidamente nos interrogatórios. A sentença que lhe aplicaram foi menor do que a de todos os outros (cinco anos) e parece que imaginava em segredo que o seu papá influente acorreria em sua ajuda.

Depois, na igreja de Butirki, caí sobre Guorgui Ingal, o mais velho dentre eles. Apesar da sua juventude, era já candidato a sócio da União dos Escritores. Possuidor de uma ágil caneta, escrevia por fragmentos, todos em contrastes, e se se submetesse politicamente ter-se-iam aberto diante dele os caminhos realistas e vazios da literatura. Estava quase a concluir um romance sobre Debussy. Mas os primeiros êxitos não o castraram, e nos funerais do seu mestre, Yuri Tinianov, pronunciou um discurso em que disse que o haviam perseguido e dessa maneira garantiu uma sentença de oito anos de prisão.

Também aí conheci Gammerov. Esperando ser transferido para a cadeia de Krasnaia Pressnia, tive ocasião de me entrechocar com as suas opiniões comuns. Este choque foi duro para mim. Naquele tempo eu atinha-me muito àquela compreensão do mundo que não é capaz de reconhecer um novo facto, nem de avaliar uma nova opinião, antes de lhe ter encontrado uma etiqueta da reserva já preparada: isto é, que se tratava de uma duplicidade pequeno-burguesa, ou de um niilismo belicoso de intelectualidade decadente. Não me lembro de que

Gammerov ou Ingal tenham atacado Marx diante de mim, mas recordo-me de que atacaram Leon Tolstoi. E de que ponto de vista! Tolstoi repudiava o ensino bíblico? Mas, para as ciências mais modernas, não há contradições na Bíblia, nem sequer nas suas primeiras

linhas, sobre a criação do mundo. Ele repudiava o Estado? Mas sem ele seria o caos! Ele preconizava a união do trabalho intelectual e físico no homem? Mas isto é uma nivelação insensata das capacidades! E finalmente, como poderemos ver através das arbitrariedades de Staline, a personalidade na história pode ser omnipotente, mas Tolstoi fazia pilhéria sobre issoP

Os rapazes levaram-me os seus. poemas e exigiram em troca os meus, mas eu não escrevia versos. Eles liam muito, sobretudo Pasternak, a quem enalteciam. Eu lera em certa ocasião Minha Irmã, Vida e não gostei, achei tudo amaneirado, muito distante dos simples caminhos humanos. Mas eles deram-me a

conhecer o último discurso de Schmidt no tribunal, e isso afectou-me, tão adequado era para nós:

Durante trinta anos teci Meu amor a terra amada, E a vossa indulgência Não a espero nem a desejo!

Gammerov e Ingal estavam animados da mesma força, luminosamente: não necessitamos da vossa indulgência! Não nos incomodamos com a detenção, antes nos orgulhamos dela! (Mas quem é capaz verdadeiramente de não se incomodar?) A jovem esposa de Ingal renegou-o poucos meses depois, abandonando-o. Gammerov, devido às suas experiências revolucionárias, não tinha ainda nenhuma moça íntima. Não é aqui, acaso, nas celas da prisão, que se encontra a grande verdade? A cela é estreita, mas não é acaso mais estreita ainda a liberdade} Não é acaso o nosso povo, atormentado, enganado, quem está deitado junto de nós, sob os beliches, e nas coxias?

Não me levantar com toda a pátria Para mim teria sido mais difícil, E hoje não deploro O caminho percorrido.

A juventude encerrada nas celas prisionais, devido aos processos políticos, não é nunca a juventude

média do país, mas sempre a que se lhe adianta. Naqueles anos, toda a massa da juventude ainda estava apenas perante a iminência de «corromper-se», de decepcionar-se, de tornar-se indiferente,

" Nos anos anteriores à minha reclusão prisional, e durante ela, considerei também que Staline tinha imprimido uma orientação fatal ao desenvolvimento do estado soviético. Mas eis que Staline morreu docemente, e terá mudado muito o curso do navio? O selo próprio, pessoal, que imprimiu aos acontecimentos é uma triste torpeza, bem como o despotismo e a]actânia. Mas no resto ele seguia exactamente, passo a passo, pelo caminho já assinalado.

de amar a dolce vita, e depois talvez de recomeçar uma amarga ascensão dessa confortável fundura até um novo cume, dentro de vinte anos. Mas os moços presos em 1945 pelo artigo 58-10 transpuseram esse futuro abismo de indiferença de um só passo, e a sua cabeça erguida tombou sob o machado.

Na igreja de Butirki, já condenados, truncados e eliminados, os estudantes moscovitas compuseram uma canção que entoavam antes do crepúsculo, com as suas vozes ainda débeis:

Três vezes por dia vamos buscar sopa, Encurtamos as noites com canções, E com uma agulha prisional de contrabando, Cosemos uma trouxa para o caminho.

Agora já não nos preocupamos: Assinámos para partir quanto antes! Mas quando? Ainda aqui regressaremos Dos longínquos campos siberianos?...

Meu Deus, será possível que tenhamos deixado passar tudo isto? Enquanto andávamos pela lama das bases de operações, enquanto nos agachávamos nas covas dos obuses e apontávamos os binóculos por entre os arbustos, outra juventude crescia e punha-se a caminho! E não foi para lá que se dirigiu? Não é verdade que nós nunca deveríamos ter ido para lá? Não fomos educados nesse espírito.

A nossa geração, depostas as armas, regressará da frente, fazendo tilintar as medalhas e relatando com orgulho os feitos de combate, mas os nossos irmãos mais novos não deixarão de dizer, murmurando: «Ah! São vocês, seus patetas!...»

ÍNDICE